

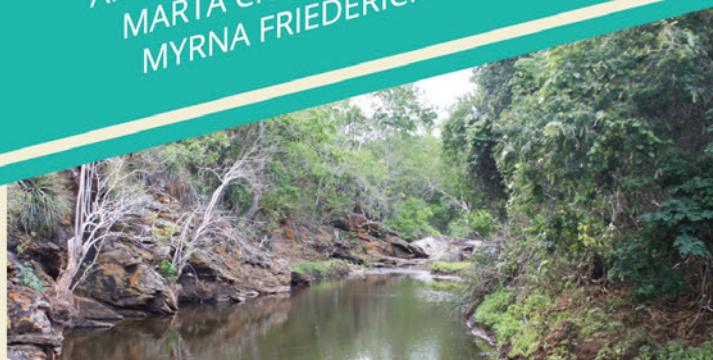


FLORA DE SERGIPE

VOLUME 2



ORGANIZADORES:
ANA PAULA DO NASCIMENTO PRATA
MARTA CRISTINA VIEIRA FARIAS
MYRNA FRIEDERICHS LANDIM



FICHA CATALOGRÁFICA

Flora de Sergipe
F632f Ana Paula do Nascimento Prata, Marta Cristina Vieira Farias, Myrna Friederichs Landim (Organizadores). Volume 2. Aracaju: Editora Criação, 2015.
300p. il. color., 21 cm.
ISBN 978-85-8413-050-4

1. Botânica 2. Flora de Sergipe

I. Título II. Ana Paula do Nascimento Prata III. Assunto

CDU 582(813.7)

Catálogo Claudia Stocker – CRB5-1202

CONSELHO EDITORIAL

Fábio Alves dos Santos

José Eduardo Franco

Luiz Eduardo Oliveira Menezes

Luiz Carlos da Silveira Fontes

Jorge Carvalho do Nascimento

José Afonso do Nascimento

José Rodorval Ramalho

Justino Alves Lima

Martin Hadsell do Nascimento



CRÉDITOS:

Organizadores

Ana Paula do Nascimento Prata
Marta Cristina Vieira Farias
Myrna Friederichs Landim

Editoração:

Viviane da Silveira Oliveira
Ana Paula do Nascimento Prata
Marta Cristina Vieira Farias
Myrna Friederichs Landim

Projeto Gráfico

Rodrigo Sotero
rsotero2@gmail.com

Diagramação

Adilma Menezes
adilmamenezes@gmail.com

Fotos:

Schefflera morototoni (Aubl.) Maguire
Pedro Fiaschi
Melocactus sergipensis N.P. Taylor & M.V. Meiado
Marcos Meiado
Dichorisandra hexandra (Aubl.) C.B. Clarke
Gilmara Freire
Drosera sessilifolia A. St.-Hil.
Maria Ana Farinaccio
Blechnum serrulatum Rich.
Augusto Santiago
Encholirium spectabile Mart.
Acervo do Herbário ASE

Fotos de Paisagens:

Área de Caatinga em Nossa Senhora da Glória
Acervo do Herbário ASE
Área de Mata Atlântica em Itaporanga d'Ajuda
José Paulo Santana

Ilustradores:

Bruno Garcia Simões Favaretto
brunogsfavaretto@gmail.com
Laura Montserrat Silva
laurewing@hotmail.com
Marina Clasen Baumann
marinaclasen@hotmail.com
Regina Maria Alcântara de Carvalho
reginahcarvalho@hotmail.com



HOMENAGEM



Os Coordenadores da Flora de Sergipe têm a honra e imensa satisfação de homenagear Eládio dos Santos, técnico do Herbário ASE há mais de três décadas e grande conhecedor da diversidade florística de nosso Estado. Agradecemos por ele compartilhar conosco o seu profundo conhecimento sobre as plantas.

ELÁDIO

*Nosso Eládio não veio da Grécia
Onde seu nome tem origem.
Veio da Ilha: e que ilha!
Das Flores.*

*Desde menino
Acostumou-se a observar e apreciar atentamente
As formas, os detalhes, os cheiros
Das plantas de sua ilha.*

*E estes observar e apreciar atentos,
Ao longo dos tempos
Ficaram tão eficientes e bons
Que se transformaram em verdadeiros dons.*

*Em cada lugar que vai,
Acompanhado ou acompanhando técnicos e professores,
Eládio conhece, reconhece, identifica
As diversas plantas e flores.
Através de seus dons que surgiram sem estudos acadêmicos
E que deslumbram os mestres e doutores.*

Helio Farias



AGRADECIMENTOS

Os organizadores da Flora de Sergipe agradecem:

À Universidade Federal de Sergipe, pelo apoio administrativo, logístico e financeiro para a manutenção e ampliação do acervo do Herbário ASE;

Ao CNPq, pelo apoio financeiro ao Projeto Flora de Sergipe (processos 472483/2011-0 e 552679/2011-9) e aos subprojetos a este relacionados, sem os quais a disseminação do conhecimento sobre a Flora do Estado não teria sido tão dinâmica e eficaz;

À Universidade Federal de Sergipe (COPEs), ao CNPq e ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro, pela concessão de bolsas de Iniciação Científica (IC) e de Desenvolvimento Tecnológico e Industrial (DTI) para estagiários do Laboratório de Sistemática Vegetal e Herbário ASE;

Aos gestores da Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos de Sergipe, em especial ao ex-Secretário Genival Nunes e a Valdineide Santana pelo esforço na criação e gestão das unidades de conservação estaduais, bem como aos gestores do Monumento Natural Grotta do Angico, do Refúgio da Vida Silvestre Mata do Junco e da Área de Proteção Ambiental do Litoral Sul;

Ao INCT, Herbário Virtual das plantas e Fungos, pelo suporte inicial com a informatização do Herbário ASE e apoio para os dois primeiros volumes desta série botânica;

Ao Sistema Florestal Brasileiro, mais especificamente aos gestores do Projeto IFN-SE: Joberto Veloso de Freitas, Guilherme Luiz Augusto Gomide, Claudia Maria Mello Rosa, Gustavo Stancioli Campos de Pinho e Eric Oliveira Carvalho, pela valiosa contribuição com a implementação do projeto em Sergipe e pela oportunidade de conhecer material botânico de áreas até então pouco coletadas no Estado;

Ao PPEC, Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação/UFS pelo auxílio, concessão de bolsas para alunos de mestrado e, dessa forma, viabilização de pesquisas com a Flora de Sergipe;

A Rafaela Campostrini Forzza por seu importante papel na proposição de ações para a consolidação de herbários brasileiros e o consequente conhecimento da diversidade florística;

A Marccus Alves e Maria do Carmo Amaral, pela troca de experiências, parceria e valiosa contribuição durante o volume inicial desta série;

Aos autores e revisores de monografias, por aceitarem o convite para desvelar a diversidade botânica deste Estado;



Aos curadores dos herbários visitados e contatados para permutas e doações durante o período de execução do projeto;

Aos coletores que participaram das expedições científicas para a obtenção dos espécimes descritos neste volume;

A Eládio dos Santos, técnico do Herbário ASE, por sua inestimável colaboração nas expedições de coleta, na montagem das amostras e na dedicação à manutenção da qualidade do acervo ASE;

Aos proprietários de terras que abrigam remanescentes de vegetação nativa importantes para a conservação da biodiversidade florística de Sergipe e nos permitiram o acesso a eles e, dessa forma, contribuíram com o aumento do conhecimento botânico sobre nossa flora;

Aos estagiários, bolsistas, consultores e voluntários que auxiliaram no crescimento do Herbário ASE: Adeline Brito Sales, Adriana Stacy Teixeira Brito, Alan Germano Matos, Ana Cecília da Cruz Silva, Ana Cláudia Alencar da Silva Santos, Anderson de Carvalho Silva, Andrea Borges de Menezes, Bárbara Conceição Santos Lima, Bruna Daniela da Silva, Carolina Oliveira do Vale, Christopher Anderson Santos Souza, Cleice Kelly Sobrinho Santos, Crislaine Costa Calazans, Daniel Silva Melo, Daniele Almeida Campos, Denis Wilson Gomes Ramiro, Diogo Gallo de Oliveira, Eduardo Vinícius da Silva Oliveira, Elaine Cristine do Amarante Matos, Erivânia Virtuoso Rodrigues Ferreira, Francineide Bezerra Gonçalves, Gabrielle Moreno, Gilda Maria do Amarante Matos, Gilmara da Silva Freire, Giselle Gomes Conceição, Ítalo dos Santos Alves, Itallo Romany Nunes, Ivan Cardoso Lemos Júnior, Jaqueline dos Santos, Jéssica Regina Souza, José Augusto de Santana Júnior, José Antunes Reis da Fonseca, José Elvino do Nascimento Júnior, José Paulo Santana Santos, Larissa Michelle Santos Melo, Larissa da Paixão Rocha, Leuciane Andrade Gomes, Lívia Sabrina Santos Porto, Luiz Aquino Silva Santos, Luiz Ricardo Oliveira Santos, Maiane Cássia de Castro Vasconcelos, Maiza Fernanda dos Santos Germano, Márcia Luciana Carregosa, Maria Antônia Figueiredo, Mário Sérgio Secundo Souza, Marla Ibrahim Uebe de Oliveira, Mayara Prata Mendonça, Pricila Barbosa dos Santos, Priscila Cruz Melo, Rainan Matos Deda, Raquel Santos de Andrade, Ray Santos Andrade, Rosineide Nascimento da Silva, Rubiana dos Passos Custódio, Simone Alves Damasceno, Suzana Maria dos Santos Costa, Tainan Amorim Santana, Taiguã Correa Pereira, Tamires Carregosa da Silva, Thalita Rocha da Silva, Wedmi Cordeiro Silva e Wedna de Jesus Machado.

Aos colegas botânicos ou de áreas afins que tanto colaboraram e apoiaram o projeto Flora de Sergipe e a nossa equipe: Everardo Sampaio, Adauto de Souza Ribeiro, Sidney Feitosa Gouveia, Leandro de Sousa Souto, Robério Ferreira e Aline da Costa Mota.

Ao comitê gestor do ASE, pelas várias reuniões e ações em prol da capacitação e crescimento da equipe.

A todos, muito obrigado!



AUTORES PARTICIPANTES DA FLORA DE SERGIPE, VOLUME 2 (2015)

Aline Melo, M.Sc. - Universidade Federal de Pernambuco
Ana Odete Santos Vieira, Dra. - Universidade Estadual de Londrina
Ana Paula do Nascimento Prata, Dra. - Universidade Federal de Sergipe
Anderson Alves-Araújo, Dr. - Universidade Federal do Espírito Santo
Andre Marcio Araujo Amorim, Dr. - Universidade Estadual de Santa Cruz
Andrea Borges de Menezes, Biól. - Universidade Federal de Sergipe
Augusto César Pessôa Santiago, Dr. - Universidade Federal de Pernambuco
Augusto Francener, M.Sc. - Instituto de Botânica
Ayslan Trindade Lima, Graduando - Universidade Federal de Sergipe
Bárbara Conceição Santos Lima, Biól. - Universidade Federal de Sergipe
Camila Bruna de Araújo, Graduanda - Universidade Federal de Alagoas
Christopher Anderson Santos Souza, Biól. - Universidade Federal de Sergipe
Cíntia Erbert, Dra. - Universidade de São Paulo
Cleiton Pessoa, M.Sc. - Herbário do Centro de Pesquisas do Cacau - CEPEC
Daniela Cristina Zappi, Dra. - Royal Botanic Gardens, Kew
Daniela Sampaio, Dra. - Universidade Estadual Paulista
Danilo José Lima de Sousa, Doutorando - Universidade Estadual de Feira de Santana
Débora Maria Cavalcanti Ferreira, Mestranda - Universidade Federal de Pernambuco
Deise Josely Pereira Gonçalves, Doutoranda - The University of Texas at Austin
Diego Sotero de Barros Pinangé, Dr. - Universidade Federal de Pernambuco
Gardene Maria de Sousa, Dra. - Universidade Federal do Piauí
Gilmara da Silva Freire, Graduanda - Universidade Federal de Sergipe
Gustavo Hiroaki Shimizu, Doutorando - Universidade Estadual de Campinas
Iva Carneiro Leão Barros, Dra. - Universidade Federal de Pernambuco
Jenifer de Carvalho Lopes, Doutoranda - Universidade de São Paulo
Joana Paula Bispo Nascimento, Mestranda - Universidade Federal de Sergipe
Leonardo de Melo Versieux, Dr. - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Letícia Ribes de Lima, Dra. - Universidade Federal de Alagoas
Lidyanne Yuriko Saleme Aona, Dra. - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Marcos Vinicius Meiado, Dr. - Universidade Federal de Sergipe
Márcia Maria de Souza, Dra. - Universidade Federal de Pernambuco
Marccus Alves, Dr. - Universidade Federal de Pernambuco



Maria Ana Farinaccio, Dra. - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Marianne Firmino de Oliveira, Graduanda - Universidade Federal de Pernambuco
Maria das Graças Lapa Wanderley, Dra. - Instituto de Botânica
Maria de Fátima Freitas, Dra. - Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro
Maria do Carmo Estanislau do Amaral, Dra. - Universidade Estadual de Campinas
Marta Cristina Vieira Farias, Dra. - Universidade Federal de Sergipe
Milton Groppo, Dr. - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Myrna Friederichs Landim, Dra. Universidade Federal de Sergipe
Pedro Fiaschi, Dr. - Universidade Federal de Santa Catarina
Rafael Batista Louzada, Dr. - Universidade Federal de Pernambuco
Rafael Felipe de Almeida, Doutorando - Universidade Estadual de Feira de Santana
Rainan Matos Déda, Mestranda - Universidade Federal de Sergipe
Renato de Mello-Silva, Dr. - Universidade de São Paulo
Rodrigo César Gonçalves-Oliveira, Doutorando - Universidade Federal de Pernambuco
Sidney Feitosa Gouveia, Dr. - Universidade Federal de Sergipe
Taiguã Corrêa Pereira, Mestrando - Universidade Federal de Sergipe
Tamires Carregosa, M.Sc. - Universidade Estadual de Campinas
Valdeci Fontes de Sousa, Mestrando - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Vinícius Antonio de Oliveira Dittrich, Dr. - Universidade Federal de Juiz de Fora



ÍNDICE DE FAMÍLIAS E AUTORES

ACHARIACEAE

Milton Groppo
Cíntia Erbert

ANNONACEAE

Renato de Mello-Silva (Coord.)
Jenifer de Carvalho Lopes

AQUIFOLIACEAE

Milton Groppo

ARALIACEAE

Pedro Fiaschi

BEGONIACEAE

Rainan Matos Déda
Bernarda de Souza Gregório
Ana Paula do Nascimento Prata

BLECHNACEAE

Augusto César Pessôa Santiago
Iva Carneiro Leão Barros
Vinícius Antonio de Oliveira Dittrich

BROMELIACEAE

Gardene Maria de Sousa (Coord.)
Maria das Graças Lapa Wanderley (Coord.)
Débora Maria Cavalcanti Ferreira
Diego Sotero de Barros Pinangé
Leonardo de Melo Versieux
Márcia Maria de Souza
Marianne Firmino de Oliveira
Rafael Batista Louzada
Rainan Matos Déda
Rodrigo César Gonçalves-Oliveira
Valdeci Fontes de Sousa

CACTACEAE

Marcos Vinicius Meiado
Lidyanne Yuriko Saleme Aona
Joana Paula Bispo Nascimento
Ayslan Trindade Lima
Daniela Cristina Zappi

CELASTRACEAE

Milton Groppo
Cíntia Erbert

CLETHRACEAE

Milton Groppo

COMMELINACEAE

Lidyanne Yuriko Saleme Aona (Coord.)
Maria do Carmo E. do Amaral
Gilmara da Silva Freire
Ana Paula do Nascimento Prata

DROSERACEAE

Tamires Carregosa
Andrea Borges de Menezes
Maria Ana Farinaccio

ELAEOCARPACEAE

Daniela Sampaio

GLEICHENIACEAE

Augusto César Pessôa Santiago

HALORAGACEAE

Lidyanne Yuriko Saleme Aona

HYDROCHARITACEAE

Lidyanne Yuriko Saleme Aona



MALPIGHIACEAE I - STYGMAPHYLLON

Andre Marcio Araujo Amorim (Coord.)

Augusto Francener

Cleiton Pessoa

Bárbara Conceição Santos Lima

Rafael Felipe de Almeida

Ana Paula do Nascimento Prata

ONAGRACEAE

Camila Bruna de Araújo

Letícia Ribes de Lima

Ana Odete Santos Vieira

PIPERACEAE

Aline Melo

Marccus Alves

POLYGALACEAE

Débora Maria Cavalcanti Ferreira

Marccus Alves

PONTEDERIACEAE

Danilo José Lima de Sousa

Lidyanne Yuriko Saleme Aona

Maria do Carmo E. do Amaral

PRIMULACEAE

Maria de Fátima Freitas

RUTACEAE

Milton Groppo

Cíntia Erbert

SAPOTACEAE

Anderson Alves-Araújo

VOCHYSIACEAE

Gustavo Hiroaki Shimizu

Deise Josely Pereira Gonçalves



LISTA DE REVISORES

Adriana Quintella Lobão
Alessandro Rapini
Aline Costa da Mota
Andrea Karla Almeida dos Santos
Anna Flora Novaes Pereira
Anderson Machado
Andrea Ferreira da Costa
Aparecida Donizete de Faria
Augusto Francener
Carla Teixeira de Lima
Carla Poleselli Bruniera
Cecília Oliveira de Azevedo
Christian Silva
Claudenir Simões Caires
Claudio Nicoletti de Fraga
Cleiton Pessoa
Danilo José Lima de Souza
Efigênia de Melo
Eliane de Lima Jacques
Élide Pereira dos Santos
Jair Eustáquio Quintino de Faria Junior
Janaína Gomes da Silva
Jomar Gomes Jardim
João Vicente Coffani Nunes
José Iranildo Miranda de Melo
Lamarck do Nascimento Galdino da Rocha
Letícia Ribes de Lima
Lidyanne Yuriko Saleme Aona
Marccus Alves
Marcos Alberto Nadruz Coelho
Marcelo Freire Moro
Marcelo Oliveira Teles de Menezes
Marco Octávio Pellegrini
Maria do Carmo Estanislau do Amaral
Marianna Rodrigues Santos
Marla Ibrahim Uehbe de Oliveira
Micheline Carvalho Silva
Milton Groppo
Paulo Minatel Gonella
Pedro Fiaschi
Sandra Gomes da Silva
Sergio Romero da Silva Xavier
Teonildes Sacramento Nunes



SUMÁRIO

- Apresentação Pág. 14
- Presentation Pág. 16
- Prefácio..... Pág. 19
- Distribuição espacial da diversidade florística de Sergipe: síntese do conhecimento atual..... Pág. 21
- Achariaceae Pág. 33
- Annonaceae Pág. 36
- Aquifoliaceae..... Pág. 55
- Araliaceae..... Pág. 60
- Begoniaceae..... Pág. 67
- Blechnaceae..... Pág. 72
- Bromeliaceae..... Pág. 77
- Cactaceae..... Pág. 115
- Celastraceae..... Pág. 143
- Clethraceae..... Pág. 151
- Commelinaceae..... Pág. 154
- Droseraceae Pág. 178
- Elaeocarpaceae..... Pág. 182
- Gleicheniaceae..... Pág. 184
- Haloragaceae..... Pág. 186
- Hydrocharitaceae..... Pág. 188
- Malpighiaceae I – Stygmaphyllon Pág. 191
- Onagraceae..... Pág. 203
- Piperaceae..... Pág. 212
- Polygalaceae..... Pág. 224
- Pontederiaceae..... Pág. 243
- Primulaceae..... Pág. 254
- Rutaceae..... Pág. 258
- Sapotaceae..... Pág. 274
- Vochysiaceae..... Pág. 291
- Índice Remissivo de Nomes Científicos..... Pág. 295
- Índice Remissivo de Nomes Vernaculares..... Pág. 298



APRESENTAÇÃO

Fornecemos aqui, em um breve espaço de tempo, o segundo volume da série de monografias Flora de Sergipe (FloSe). São informações inéditas sobre uma flora até então pouco conhecida e que aos poucos vem sendo apresentada para a comunidade científica e demais interessados destacando sempre as novidades, atualizações e, principalmente, quebrando paradigmas referentes à expectativa sobre a diversidade florística e a conservação de remanescentes florestais sergipanos. Nesta obra estão contidas informações sobre 271 táxons, distribuídos em 81 gêneros, pertencentes a 25 famílias botânicas, sendo 23 de Angiospermas e duas famílias de Samambaias.

Desde a publicação do primeiro volume da série, o acervo do Herbário ASE obteve um acréscimo de 4.300 exemplares (correspondendo a 13%) predominantemente composto de espécimes provenientes de áreas de Mata Atlântica e Caatinga. A coleção atingiu a marca de 35.000 amostras, cujas informações estão integralmente disponíveis na base de dados online SpeciesLink, o que contribui para a ampla disseminação da informação científica.

Com os dados levantados no primeiro volume e análises posteriores, oito novas espécies para a ciência foram descobertas e publicadas: quatro espécies de *Myrtaceae* (*Eugenia tephrogyna* Sobral & Proença, *Myrcia landimiana* Proença & M. Ibrahim, *Myrcia ovina* Proença & Landim e *Myrcia spathulifolia* Proença), uma de *Marantaceae* (*Goepertia effusa* Saka & Lombardi), uma de *Malpighiaceae* (*Mcvaughia sergipana* Amorim & R. F. Almeida), uma de *Cactaceae* (*Melocactus sergipensis* N. P. Taylor & M. V. Meiado) e uma de *Erythroxylaceae* (*Erythroxylum nordestinum* Costa-Lima, Loiola & M. Alves).

Neste novo volume que temos a satisfação de apresentar, são citadas 37 novas ocorrências para o estado de Sergipe, 12 para a região Nordeste, três para a Mata Atlântica e duas para a Caatinga. Além disso, destaca-se a presença de cinco espécies incluídas em Listas de Plantas Ameaçadas de Extinção: *Melocactus sergipensis* N.P. Taylor & M.V. Meiado (*Cactaceae*), criticamente ameaçada, *Manilkara maxima* T.D. Penn. (*Sapotaceae*) e *Pouteria macahensis* T.D. Penn. (*Sapotaceae*), em perigo de extinção, *Pouteria nordestinensis* Alves Araújo & M. Alves (*Sapotaceae*) e *Melocactus violaceus* Pfeiff (*Cactaceae*), vulnerável. Damos especial destaque para a espécie *Melocactus sergipensis*, descoberta e descrita durante a preparação da família *Cactaceae* para este volume, e já enquadrada na categoria criticamente ameaçada de extinção, devido à identificação de apenas uma população com poucos indivíduos localizados em áreas com risco de perda da vegetação (área agrícola).

Além das oito novas espécies acima citadas, podemos destacar pelo menos mais quatro espécies em fase de descrição pelos autores das famílias *Boraginaceae*, *Bromeliaceae*, *Rutaceae* e *Simaroubaceae*, além de outras espécies que ainda estão em análise, o que ressalta a importância de iniciativas como esta.

Estes resultados são frutos do trabalho colaborativo entre professores, pesquisadores e estudantes (incluindo doutorandos, mestrandos e graduandos) de diversas instituições de ensino e pesquisa, não só de Sergipe, mas também de diversos estados brasileiros e mesmo do exterior, contribuindo para a diminuição das lacunas de conhecimento a respeito de nossa biodiversidade. Este segundo volume da Flora de Sergipe contou com o apoio de parcerias diversas e financiamento do CNPq, os quais devem ter aqui o seu papel para o sucesso dessa empreitada reconhecido. O esforço fundamental da equipe local do herbário ASE para o efetivo gerenciamento, processamento e comunicação com os autores das monografias deve ser, também, registrado.

Face aos positivos resultados obtidos até o momento, temos a satisfação de informar que já foram iniciadas as atividades relativas à consecução do terceiro volume da FloSe, o qual deverá incluir as famílias Bignoniaceae, Boraginaceae, Euphorbiaceae, Fabaceae, Malpighiaceae, Ochnaceae, Poaceae, Polygonaceae, Picramniaceae, Rubiaceae, Simaroubaceae, além de espécies de Samambaias e Licófitas, dentre outras.

Por fim, no primeiro volume desta série, a flora do estado de Sergipe foi apresentada para os botânicos. Neste segundo volume, a descoberta de novas espécies para a ciência e novas ocorrências para o estado e a região Nordeste foram destacadas e algumas lacunas de conhecimento sobre a distribuição de nossa diversidade foram evidenciadas. Apresentamos nesta série botânica um panorama dinâmico da Flora do estado de Sergipe, até então pouco divulgado. Convidamos todos os interessados a conhecer, contribuir e participar dessa iniciativa.

Comissão organizadora

PRESENTATION

We are providing, after a short interval, the second volume of the series of monographs of the Flora of Sergipe (FloSe). These are new data about a flora which, until now, has been poorly known. Little by little, this information is being revealed and presented to the scientific public and other interested parties, emphasizing new species, updates, and breaking the paradigms about the diversity of the flora and the conservation of forest remnants in Sergipe. This volume treats 271 taxa grouped in 81 genera and 25 families, of which 23 are Angiosperms and two are Ferns.

Since the publication of the first volume of this series, the herbarium collection of ASE has increased in size by 4300 specimens (ca. 13%) to today's total of 35,000, predominantly comprised of specimens from the Atlantic Forest and the Caatinga. The information from these specimens are all online and available through the SpeciesLink database, thus increasing the availability of this scientific information.

With the information found in the first volume and subsequent studies, eight species new to science have been discovered and published: four species of Myrtaceae (*Eugenia tephrogyna* Sobral & Proença, *Myrcia landimiana* Proença & M. Ibrahim, *Myrcia ovina* Proença & Landim e *Myrcia spathulifolia* Proença), one of Marantaceae (*Goeppertia effusa* Saka & Lombardi), one of Malpighiaceae (*Mcvaughia sergipana* Amorim & R. F. Almeida), one of Cactaceae (*Melocactus sergipensis* N. P. Taylor & M. V. Meiado), and one of Erythroxylaceae (*Erythroxylum nordestinum* Costa-Lima, Loiola & M. Alves). Besides the eight species above, there are at least four more being described as new by the authors of the family treatments: one each for the families Boraginaceae, Bromeliaceae, Rutaceae and Simaroubaceae.

In this new volume, we have the satisfaction of presenting 37 new occurrences for the state of Sergipe, 12 for the Northeast, three for the Atlantic Forest, and two for the Caatinga. In addition, five species are found in the List of Plants in Danger of Extinction: *Melocactus violaceus* Pfeiff. (Cactaceae) - VU (vulnerable), *Melocactus sergipensis* N.P. Taylor & M.V. Meiado (Cactaceae) - CR (critically endangered), *Manilkara maxima* T.D. Penn. (Sapotaceae), - EN (endangered), *Pouteria macahensis* T.D. Penn. (Sapotaceae), - EN (endangered), and *Pouteria nordestinensis* Alves-Araújo e M. Alves (Sapotaceae) - VU (vulnerable). We wish to highlight *Melocactus sergipensis* which was discovered and described during the preparation of the treatment of the Family Cactaceae for this volume – it has been designated as critically endangered because it is known from a single population of only a few plants in an area at risk of being cleared.

These results contribute to lessening the knowledge gaps about our biodiversity and are the fruits of collaborative research of professors, researchers and students (PhD and Master's students as well as undergraduates) from diverse institutions of teaching and research found not only in Sergipe, but in the rest of Brazil and elsewhere.

This second volume of the Flora of Sergipe relied on the support of various partners as well as the financial support of CNPq, and who deserve recognition in helping with the success of this project. The help of the local team of the ASE herbarium was fundamental for the effective management of the project, processing of texts, and communication with authors. With the positive results we have achieved so far, we are pleased to inform everyone that work on the third volume of FloSe has started and is scheduled to include the families Bignoniaceae, Boraginaceae, Euphorbiaceae, Fabaceae, Malpighiaceae, Ochnaceae, Poaceae, Polygonaceae, Picramniaceae, Rubiaceae, Simaroubaceae, Ferns and Lycophytes, among others.

Finally, in the first volume, the state of Sergipe was revealed to the scientific community. In this second volume, we show more, including species new to science, new occurrences, and areas lacking information. In this botanical series, we present a dynamic panorama of the state's flora which, until now, has been poorly known – we invite you all to learn, contribute, and participate.

English version - William W. Thomas

PREFÁCIO

A identificação dos vegetais a partir do seu enquadramento nas regras botânicas não passa simplesmente por uma análise sistemática, por um enquadramento às regras taxonômicas, existe algo intangível nessa atitude.

A sensibilidade de quem aprecia as bordas e as nervuras de uma folha, ou a simples deiscência de um fruto, é a mesma de um artista que nas primeiras pinceladas parece apenas nodoar uma tela branca com riscos aparentemente desconexos e arredios.

Reconhecer na imensidão de prefixos e sufixos latinos os ‘nomes e sobrenomes’ dos vegetais é trazer-lhes de volta a vida, ao reconhecimento, e conseqüentemente possibilitar entendimento da sua verdadeira importância dentro do ambiente natural.

O segundo volume desse belíssimo trabalho é, portanto, de importância vital para o segmento científico como também para todos aqueles que indiretamente estão envolvidos com a botânica. Uma construção que permite compreender a base de indicadores botânicos na premissa da conservação e do desenvolvimento sustentável, na prática é a nossa “flora sergipensis” sendo construída com os recursos públicos e a dedicação de pessoas que se envolvem de todas as formas na realização de um projeto.

Do litoral ao sertão vamos reconhecendo nossas matrizes, as peculiaridades de nossos biomas e contribuindo para construção da nossa identidade. Fico muito orgulhoso em prefaciar esse belíssimo documento e testemunhar o esforço de todos os professores, funcionários e curadores do herbário da Universidade Federal de Sergipe, em especial da professora Ana Paula do Nascimento Prata. Em todas as bibliotecas do Brasil, e além fronteiras, esse trabalho traduzirá essa dedicação em forma de contribuição científica e de indicadores de sustentabilidade e preservação ambiental.

Parabéns a todos, e bom proveito para aqueles que tiverem a felicidade de folhear essas páginas.

Professor M.Sc. Genival Nunes



DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DA DIVERSIDADE FLORÍSTICA DE SERGIPE: SÍNTESE DO CONHECIMENTO ATUAL

Sidney Feitosa Gouveia¹
Ana Paula do Nascimento Prata²
Myrna Friederichs Landim³
Marta Cristina Vieira Farias²
Christopher Anderson Santos Souza⁴
Taiguã Corrêa Pereira⁵

Uma das características mais notáveis e importantes da natureza é a maneira heterogênea com que os organismos se distribuem no espaço geográfico. O número de espécies pode variar, por exemplo, com o tamanho da área amostrada, com o clima, com a produtividade ambiental, com a heterogeneidade física do ambiente, com o nível de distúrbios, com o tempo de colonização de uma área, entre muitos outros fatores (ROSENZWEIG, 1995). De fato, o reconhecimento dessa heterogeneidade na distribuição dos organismos está na origem da própria ciência ecológica, permeando as primeiras teorias sobre a organização espacial dos organismos e suas inter-relações (e.g. FORSTER, 1778; VON HUMBOLDT, 1808). As distintas formas com que os organismos vivos se distribuem e como eles variam e se arranjam ao longo do espaço geográfico podem ser genericamente definidas como padrões espaciais da biodiversidade.

Estes padrões descrevem não apenas como o número de espécies varia de um lugar para outro, mas compreendem variações em diferentes níveis de organização e escalas. Incluem desde o nível genético até as grandes províncias biogeográficas, envolvendo escalas espaciais desde a local, em que atuam processos como dinâmica populacional e uso de microhabitat, até a escala global, sob a influência de processos também em larga escala, como tectônica de placas, mudanças históricas do clima e distribuição atual do clima global (RICKLEFS; SCHLUTER, 1993). Consequentemente, compreender esses padrões é essencial para investigar, prevenir e mitigar as ameaças sobre os ecossistemas em um

¹Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Ecologia. Cidade Universitária Professor José Aloísio de Campos, Jardim Rosa Elze. 49100-000, São Cristóvão, Sergipe. sidfgouveia@gmail.com

²Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Biologia, Laboratório de Sistemática Vegetal, Herbário ASE. Cidade Universitária Professor José Aloísio de Campos, Jardim Rosa Elze. 49100-000, São Cristóvão, Sergipe. aprata@yahoo.com.br; marta.ase@gmail.com

³Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Biologia, Laboratório de Ecologia Vegetal. Cidade Universitária Professor José Aloísio de Campos, Jardim Rosa Elze. 49100-000, São Cristóvão, Sergipe. m_landim@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Biologia, Herbário ASE. Cidade Universitária Professor José Aloísio de Campos, Jardim Rosa Elze. 49100-000, São Cristóvão, Sergipe. souza.christopher@gmail.com

⁵Universidade Federal de Sergipe, Pós-Graduação em Ecologia e Conservação, Cidade Universitária Professor José Aloísio de Campos, Jardim Rosa Elze. 49100-000, São Cristóvão, Sergipe. taiguacp@gmail.com

mundo em constantes mudanças e seus efeitos sobre nossa sobrevivência (RIDDLE *et al.*, 2011). Afinal, a influência de estressores ambientais, como mudanças climáticas, perda e fragmentação de habitat, sobre-exploração de recursos naturais e invasões biológicas sobre os ecossistemas também não é espacialmente homogênea. Portanto, devido à própria heterogeneidade dos padrões espaciais da biodiversidade, quaisquer objetivos de compreender ou de propor medidas de conservação dos recursos naturais demandam informações sobre a distribuição das espécies e ecossistemas alvos, bem como dos padrões espaciais em que essas entidades estão arranjas (GASTON; BLACKBURN, 2003).

Além dos padrões espaciais mais bem conhecidos, como a relação espécie-área ou os gradientes de diversidade associados ao clima, outros são também importantes, sobretudo no que diz respeito à tarefa de conhecer e descrever as biotas regionais. Por exemplo, a distribuição de frequência de ocorrência de espécies da maioria dos grupos biológicos revela uma predominância de espécies raras em relação às comuns, ou seja, a maioria das espécies que encontramos possui distribuição geograficamente restrita (BUZAS *et al.*, 1982). Esse padrão sugere que, na medida em que se aumentam os esforços de amostragem em um mesmo local ou em novas localidades, deve-se observar continuamente um incremento na riqueza de espécies, resultado do registro de cada vez mais espécies com ocorrência mais local. As implicações desse padrão para o planejamento e adoção de medidas de conservação são evidentes. Juntamente com as espécies historicamente sobre-exploradas, as espécies mais raras são particularmente suscetíveis à extinção e, portanto, demandam atenção especial nas estratégias de conservação de espécies.

Um enorme desafio ao planejamento para conservação, contudo, são as lacunas na disponibilidade de informação sobre a biodiversidade. Vastas áreas são muito pouco conhecidas (ou mesmo totalmente desconhecidas) quanto à biodiversidade local, sobretudo nas regiões tropicais (PRANCE *et al.*, 2000). Estima-se que a proporção de espécies vegetais ainda não descobertas no Brasil situa-se entre 9% e 49% (PIMM *et al.*, 2010). A região Nordeste tem, segundo estes autores, o maior número estimado de espécies desconhecidas pela ciência. Isso reforça a necessidade de se intensificar os esforços no sentido de caracterizar a composição da fauna e flora com investimentos em áreas cuja biodiversidade tem sido historicamente sub-amostrada, usualmente devido à carência de investimentos em recursos humanos e materiais para a prospecção dessa diversidade.

Dois tipos principais de lacuna de informação são particularmente críticos para o planejamento e execução de ações de conservação. O primeiro diz respeito à discrepância entre o número de espécies descritas e o número de espécies existentes, ou seja, o número de espécies ainda desconhecidas pela ciência em uma região. Essa lacuna é conhecida como *déficit Linneano* – em homenagem a Carolus Linnaeus (1707-1778), criador do sistema de classificação taxonômica que ainda utilizamos. Outra lacuna de conhecimento se refere ao conhecimento incompleto da distribuição geográfica das espécies, ou seja, a falta de registros de ocorrência de espécies onde elas de fato ocorrem, o qual é conhecido como

déficit Wallaceano – em referência ao naturalista Alfred R. Wallace (1823-1913), coautor da teoria evolutiva pela seleção natural e considerado um dos fundadores da biogeografia moderna (LOMOLINO *et al.*, 2010). A causa principal dos déficits Linneano e Wallaceano é a deficiência de amostragem das biotas locais. Suas consequências para o planejamento de medidas de conservação são evidentes. Ora, se não conhecemos as espécies de uma região ou onde elas se distribuem, não temos como justificar eficazmente qualquer prática de conservação, tampouco convencer o público da importância da biodiversidade ou da gravidade do problema que a aflige (MARGULES; PRESSEY, 2000). Por outro lado, áreas bem amostradas tendem a apresentar, em média, maiores valores de diversidade. Consequentemente, estas áreas tendem a ser favorecidas como alvos prioritários de conservação, embora este fato possa estar mais relacionado à falta de conhecimento sobre a biota de outras áreas, que podem eventualmente ser mais relevantes em termos de biodiversidade. Além disso, na medida em que as diversas pressões antrópicas seguem afetando os ecossistemas naturais, espécies continuarão sendo perdidas antes mesmo de serem conhecidas quanto à sua identidade ou sua distribuição geográfica.

À frente da enorme tarefa de compensar os déficits Linneano e Wallaceano estão, sobretudo, coleções biológicas, como os herbários. Sobretudo nos últimos 20 anos, as aplicações científicas de informações sobre espécies contidas em coleções biológicas têm se estendido muito além da documentação da identidade, morfologia e autoecologia das espécies representadas, tendo adquirido um papel central no entendimento da evolução, organização espacial e conservação da biodiversidade (KRISHTALKA; HUMPHREY, 2000). Neste sentido, o fortalecimento dos herbários e outras coleções biológicas, incluindo a melhoria do poder colaborativo entre as próprias coleções e a comunidade científica em geral, bem como a divulgação e disseminação das informações através de plataformas de grande alcance (sobretudo a Internet) tornaram-se prioridades para subsidiar essas aplicações.

De fato, essa tem sido a proposta da equipe do Herbário da Universidade Federal de Sergipe – ASE. Fundado em 1975 e principal referência como depositário da biodiversidade de plantas do Estado, o ASE contava com aproximadamente 9.000 espécimes depositados até 2006, enquanto hoje abriga mais de 35.000 exemplares registrados. Destes, mais de 95% estão informatizados e disponíveis através do *speciesLink* (<http://www.splink.org.br>). Apesar de ser o menor Estado da federação, Sergipe apresenta três zonas climáticas, com presença de formações vegetais características das regiões úmidas, como as várias tipologias da Floresta Atlântica (floresta estacional, manguezal e restingas), e de regiões áridas, abrangendo a Caatinga e associações rupestres (FARIAS, 2013). Historicamente, entretanto, o Estado recebeu pouca atenção com relação aos estudos sobre a sua diversidade florística, situação que somente recentemente vem sendo alterada. Dados do *speciesLink* (<http://www.splink.cria.org.br>) mostram que os primeiros registros de coletas parecem datar do final da década de 1940, efetuadas por G. C. Pereira Pinto, em localidades esparsas do Estado, incluindo desde a região litorânea (no município de Japaratuba, em 1949) até o semiárido (em Nossa Senhora da Glória). Destaca-se, neste

período inicial de exploração da diversidade da flora de Sergipe, o trabalho realizado pelo eminente botânico paraibano Dárdano de Andrade-Lima, por quase três décadas, entre 1956 e 1981, principalmente na região da Serra de Itabaiana.

Estudos florísticos mais sistemáticos, no entanto, foram inicialmente restritos aos ambientes de restingas (FONSECA, 1979) e Caatinga (SOUZA, 1983; FONSECA, 1991) de Sergipe. Atualmente, todos os ecossistemas sergipanos apresentam levantamentos florísticos, embora estes ainda estejam distribuídos de modo incompleto pelo território do Estado (Figura 1), o que dificulta uma caracterização mais ampla da diversidade de sua flora e de padrões de distribuição e status de conservação. Os resultados desses estudos, no entanto, mostram uma grande diversidade florística, apesar do avançado grau de degradação de grande parte do Estado.

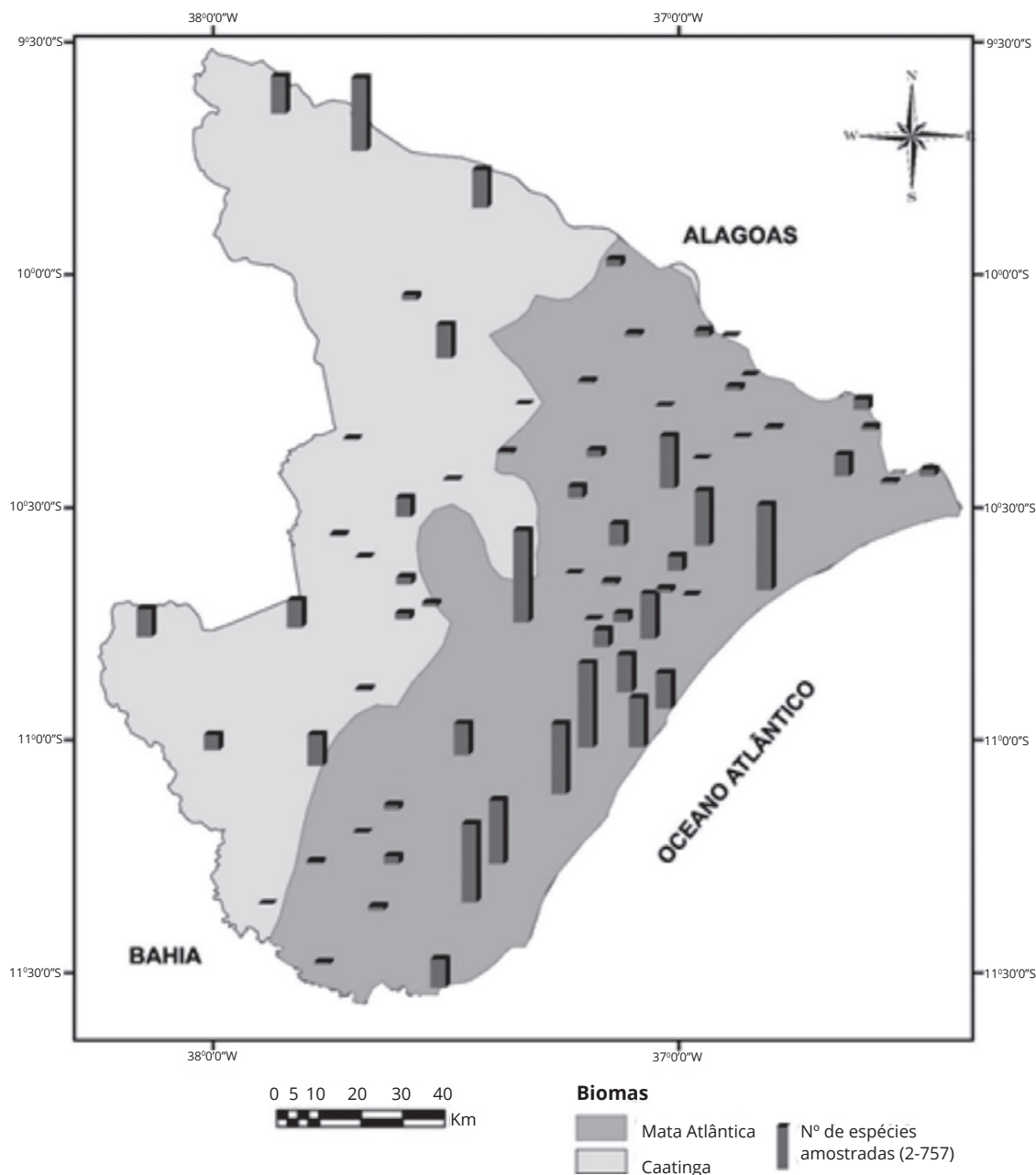


Figura 1. Distribuição do espacial da riqueza florística entre os municípios de Sergipe.

Fonte: ASE, 2015.

O maior número de estudos locais sobre a flora sergipana concentra-se na região do domínio da Mata Atlântica, muito embora poucos tenham sido ainda os estudos de fato publicados sobre este bioma (LANDIM; SIQUEIRA, 2001a,b; VICENTE *et al.*, 2005; MENDES *et al.*, 2010; DANTAS *et al.*, 2010; SOUZA-ALVES *et al.*, 2014; LANDIM *et al.*, 2015). Ainda na zona costeira, levantamentos botânicos têm sido também realizados em áreas de restinga, embora mais concentrados na região norte do estado (e.g. SANTOS; SOUZA, 2010; SANTOS *et al.*, 2011). Uma compilação recente da flora das restingas sergipanas (OLIVEIRA *et al.*, 2014) indica a ocorrência de 831 espécies, 439 gêneros e 124 famílias.

Na Caatinga, por sua vez, nota-se um esforço cada vez maior para a realização de inventários florísticos e demais estudos botânicos, sobretudo nos municípios de Canindé de São Francisco e Poço Redondo (FERRAZ *et al.*, 2013; SILVA *et al.*, 2013a; SILVA *et al.*, 2013b; SILVA *et al.*, 2013c; MACHADO *et al.*, 2012), Poço Verde (FERREIRA *et al.*, 2013) e Porto da Folha (OLIVEIRA, 2013a; OLIVEIRA, 2013b). Destaca-se que apenas um destes trabalhos foi realizado com espécies herbáceas (OLIVEIRA, 2013a), o qual destaca algumas espécies endêmicas deste bioma (GIULIETTI *et al.*, 2002) com ocorrência na área estudada: *Neoglaziovia variegata* (Arruda) Mez., *Herissantia crispa* (L.) Briz., *Wissadula contracta* (Link.) R.E.Fries e *Angelonia biflora* Benth, evidenciando a necessidade de mais análises, tanto em outras áreas do bioma no Estado quanto abordando a composição e estrutura de seu componente herbáceo.

Apesar desse incremento recente no conhecimento sobre a flora sergipana, a avaliação do padrão espacial de diversidade florística ilustra bem o compromisso entre o esforço realizado e o desafio futuro. Por um lado, revela-se o resultado da iniciativa de coletas e sistematização da diversidade de plantas de Sergipe nos últimos anos, tendo abrangido praticamente todos os municípios em todas as microrregiões do Estado. Apenas no primeiro volume da Flora de Sergipe (PRATA *et al.*, 2013), 38 famílias e mais de 500 espécies foram analisadas e as informações divulgadas para a comunidade científica. Além disso, de acordo com a análise do banco de dados do ASE, já foram confirmadas mais de 1.500 espécies apenas para a Caatinga sergipana, o que indica que a diversidade botânica de Sergipe está muito subestimada nos bancos de dados nacionais, que apontam a ocorrência de apenas 1.662 espécies para todo o Estado (Lista de Espécies da Flora do Brasil, 2015). Nesse sentido, nota-se a necessidade de realização de estudos em regiões pouco visitadas ou com esforço de coleta menos intensivo. Dentre as principais dificuldades em superar essas lacunas estão, contudo, a limitação ao acesso a várias localidades, a escassez de taxonomistas em Sergipe e a forte degradação das áreas de vegetação nativa no Estado.

Uma vez intensificados os esforços de coleta, ou seja, de reduzir os déficits Linneano e Wallaceano, cresce a documentação de espécies raras, endêmicas, novas ocorrências e atualizações nomenclaturais, como as realizadas para Araceae (NASCIMENTO Jr., 2009), Cyperaceae (COSTA *et al.*, 2012), Orchidaceae (MONTEIRO *et al.*, 2012), além de atualizações sobre 37 famílias (PRATA *et al.*, 2013). Dados atuais, por exemplo, apontam para a ocorrência de 74 espécies endêmicas da Caatinga em Sergipe (PRATA *et al.*,

dados não publicados). Verificou-se também a ocorrência de duas espécies incluídas em listas de espécies da flora ameaçadas de extinção, pertencentes à categoria vulnerável (*Myracrodruon urundeuva* Allemão e *Schinopsis brasiliensis* Engl.) (SILVA *et al.*, 2013a). As espécies foram registradas em localidades com maior esforço de coletas, o que sugere que novos esforços de amostragem tendem a aumentar o número de espécies raras ou ameaçadas, ou mesmo identificar novas áreas de ocorrências destas.

De fato, como esperado, observa-se em Sergipe uma predominância de espécies raras em relação às espécies mais comuns (Figura 2). Das 3.145 espécies avaliadas aqui, que correspondem a cerca de 75% das 3.562 espécies de plantas de Sergipe registradas no Herbário da Universidade Federal de Sergipe (ASE, 2015), apenas 252 espécies foram observadas em 10 ou mais localidades. Por outro lado, 2.056 espécies (65%) encontram-se em apenas uma ou duas localidades, podendo ser consideradas raras entre as amostras realizadas. Esse padrão evidencia o potencial de Sergipe em contribuir com o aumento do conhecimento da biodiversidade regional, e ainda o papel do ASE em reconhecer e registrar permanentemente essas espécies para as futuras gerações. Considere-se aqui, entretanto, que esse padrão, de dominância por poucas espécies, deve ser influenciado pelas lacunas de conhecimento descritas anteriormente. Isso sugere que, por um lado, muitas das espécies tidas como raras atualmente podem vir a ser registradas em localidades pouco ou não amostradas, na medida em que se intensifiquem os esforços de coleta. Por outro lado, o perfil de distribuição observado sugere que outras espécies ainda mais raras deverão ser também registradas, com a intensificação dos estudos. Além disso, novas espécies vêm sendo descobertas e descritas, incluindo táxons das famílias Erythroxylaceae (COSTA-LIMA *et al.*, 2013), Marantaceae (SAKA; LOMBARDI, 2014) e Myrtaceae (PROENÇA *et al.*, 2014).

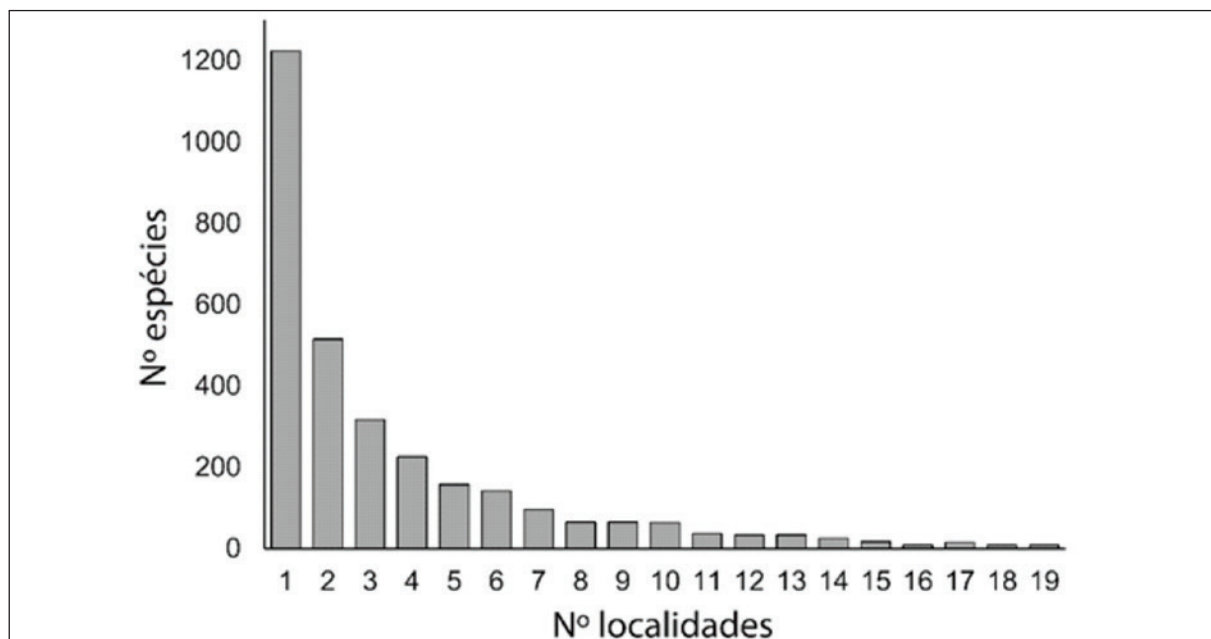


Figura 2. Frequência de ocorrências de espécies de plantas em Sergipe.
Fonte: ASE, 2015.

Na contramão do avanço do conhecimento da biodiversidade local, entretanto, existe ainda uma pressão elevada sobre os remanescentes de Sergipe, em todos os ecossistemas. Na zona costeira, por exemplo, a maior densidade populacional e sua crescente ocupação territorial pela especulação imobiliária tem causado uma série de impactos ambientais sobre esses ecossistemas, mesmo dentro de unidades de conservação (SANTANA; LANDIM, 2014). No domínio da Mata Atlântica, o histórico de ocupação da terra associado, principalmente, à atividade canavieira, pastagens e outras culturas mais recentes, determinou uma redução e fragmentação contundente da vegetação, restando algo em torno de 6,0% da cobertura original (Fundação SOS Mata Atlântica/INPE, 2013). A Caatinga tem sido igualmente afetada, sobretudo por séculos de conversão da vegetação nativa em pastagens e práticas agrícolas inadequadas. Como resultado, resta pouca cobertura vegetal nativa em Sergipe (Figura 3). Essa condição ameaça a viabilidade das populações de inúmeras espécies, sobretudo aquelas mais sensíveis à perturbação e aquelas com baixa frequência de ocorrência (GASTON; BLACKBURN, 2003). Diante do conhecimento incompleto sobre a composição da flora de Sergipe e sobre sua distribuição, é difícil mensurar a magnitude das perdas já ocorridas e das futuras, caso a conversão de paisagens naturais prossiga. É neste contexto que se torna cada vez mais urgente a ampliação do conhecimento da diversidade de plantas vasculares de Sergipe e a manutenção e recuperação dos recursos naturais existentes.

Estamos diante de uma importante e desafiadora crise de biodiversidade, a qual exige nosso poder de identificação, prevenção e mitigação dos seus efeitos (DIRZO *et al.*, 2014). Dentre as tarefas críticas nesse empreendimento está o conhecimento detalhado e ao mesmo tempo abrangente sobre os componentes dos ecossistemas afetados. Para minimizar as lacunas de conhecimento botânico de Sergipe, vários pesquisadores especialistas em diversas famílias estão envolvidos desde a publicação do primeiro volume da *Flora de Sergipe*. Esse empenho na tarefa de conhecer a biodiversidade, em particular a florística, através da sistematização e ampla divulgação desse conhecimento para a sociedade é parte fundamental na sua proteção; e essa motivação orienta não somente este capítulo, ou mesmo este livro, mas a própria existência do Herbário da Universidade Federal de Sergipe (ASE).

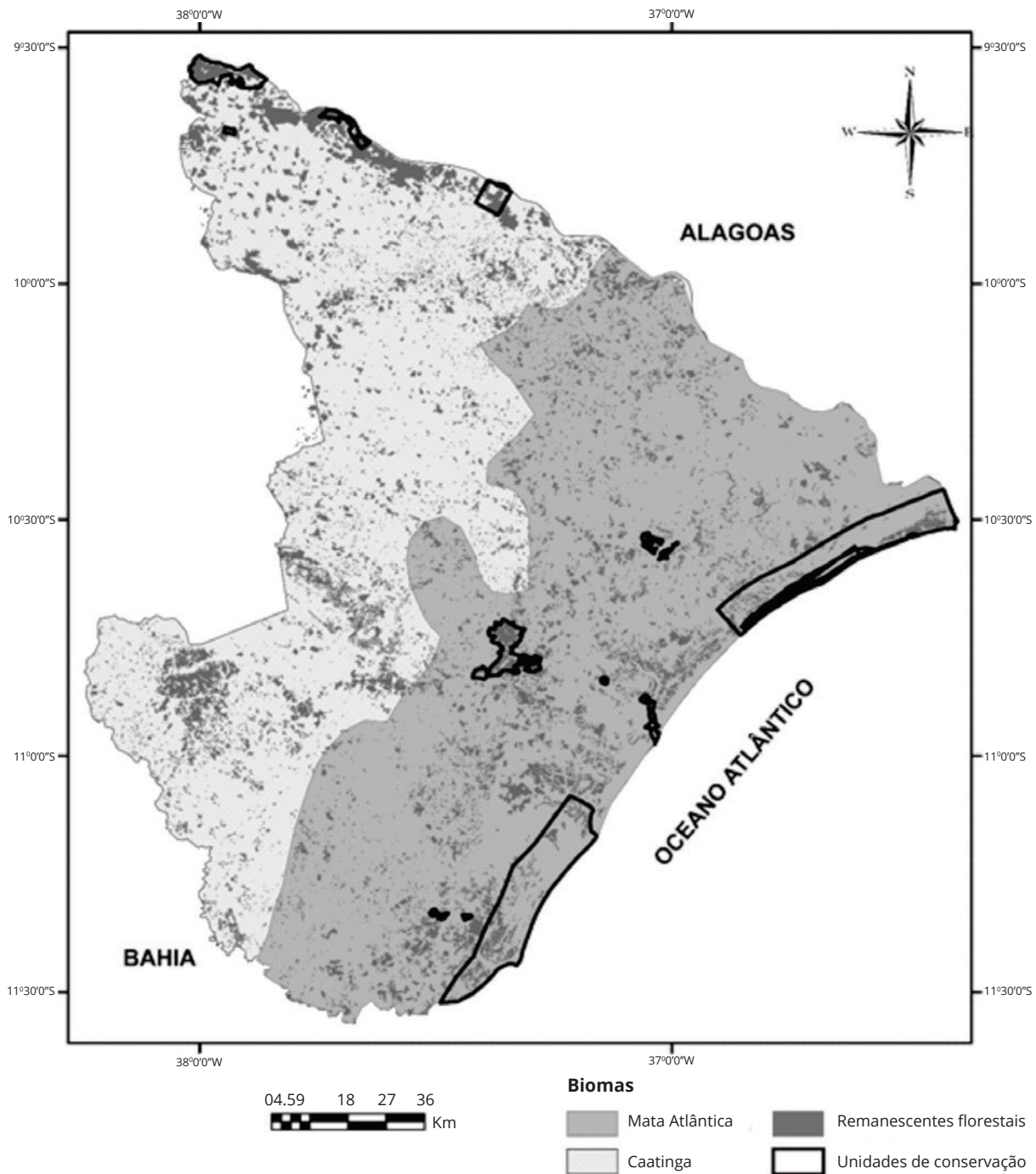


Figura 3. Distribuição espacial de remanescentes de vegetação nativa e unidades de conservação de Sergipe. Fonte: Diagnóstico Florestal de Sergipe (SERGIPE, 2014).

Referências Bibliográficas

- ASE. Herbário da Universidade Federal de Sergipe. Disponível em: <<http://www.splink.org.br>> (Acesso em: 20 Jul 2015).
- BUZAS, M.A.; KOCH, C.F.; CULVER, S.J.; SOHL, N.F. On the distribution of species occurrence. **Paleobiology**, v.8, n. 2, p. 143-150. 1982.
- COSTA-LIMA, J.L.; LOIOLA, M.I.B.; CORDEIRO, L.S.; ALVES, M. Erythroxylaceae. In: PRATA, A.P.N.; AMARAL, M.C.E.; FARIAS, M.C.V.; ALVES, M.V. (eds.). **Flora de Sergipe** v. 1, p. 233-247. 2013.
- COSTA, S.M.; PRATA, A.P.N.; ALVES, M. *Kyllinga* (Cyperaceae) no estado de Sergipe. **Rodriguésia**, v. 63, p. 1-8. 2012.
- DANTAS, T.V.P.; NASCIMENTO-JÚNIOR, J.E.; RIBEIRO, A.S.; PRATA, A.P.N. Florística e estrutura da vegetação arbustivo-arbórea das Areias Brancas do Parque Nacional Serra de Itabaiana/Sergipe, Brasil. **Revista Brasileira de Botânica**, v. 33, p. 575-588. 2010.
- DIRZO, R.; YOUNG, H.S.; GALETTI, M.; CEBALLOS, G.; ISAAC, N.J.B.; COLLEN, B. Defaunation in the Anthropocene. **Science**, v.345, n. 6195, p. 401-406. 2014.
- FARIAS, M.C.V. Apresentando Sergipe. In: PRATA, A.P.N.; AMARAL, M.C.E.; FARIAS, M.C.V.; ALVES, M.V. (Ed.). **Flora de Sergipe**. Vol. 1. Aracaju: Gráfica e Editora Triunfo. p. 19-34. 2013.
- FERRAZ, R.C.; MELLO, A.A.; FERREIRA, R.A.; PRATA, A.P.N. Levantamento Fitossociológico em área de Caatinga no Monumento Natural Grota do Angico, Sergipe, Brasil. **Revista Caatinga** (UFERSA) v. 26, p. 89-98. 2013.
- FERREIRA, E.V.R.; PRATA, A.P.N.; MELLO, A.A. Floristic List from a Caatinga Remnant in Poço Verde, Sergipe, Brazil. **CheckList** (São Paulo), v. 9, p. 1354-1360. 2013
- FONSECA, M.R. **Vegetação e Flora dos Tabuleiros Arenosos de Pirambu - Sergipe**. Dissertação (Mestrado em Botânica). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco. 1979.
- FONSECA, M.R. **Análise da Vegetação Arbustivo-Arbórea da Caatinga Hiperxerófila do Noroeste do Estado de Sergipe**. Tese. (Doutorado em Biologia Vegetal). Campinas: Universidade Estadual de Campinas. 1991.
- FORSTER, J.R. **Observations made during a voyage round the world, on physical geography, natural history, and ethic philosophy**. London: G. Robinson. 1778.
- FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA/INPE. **Atlas dos remanescentes florestais da Mata Atlântica**. Período 2011-2012. Relatório Técnico. São Paulo: Fundação SOS Mata Atlântica/ Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. 2013.
- GASTON, K.J.; BLACKBURN, T.M. Macroecology and conservation biology. p. 345-367. In: BLACKBURN, T.M.; GASTON, K.J. (Ed.) **Macroecology: Concepts and Consequences**. Cambridge: Cambridge University Press. 2003.
- KRISHTALKA, L.; HUMPHREY, S. Can natural history museums capture the future? **Bioscience** v.50, n.7, p. 611-617. 2000.
- LANDIM, M.F.; SALES, A.B.; MATOS, I.S.; PROENÇA, C.E.B. Floristic characterization of an Atlantic Rainforest remnant in Southern Sergipe: Crasto Forest. **Biota Neotropica**, v.15, n. 1, p. 1-16. 2015.
- LANDIM M.F.; SIQUEIRA E.R. Caracterização florística e ecológica da Mata Atlântica de Sergipe. In: SIQUEIRA E.R.; RIBEIRO F.E. (Org.). **Mata Atlântica de Sergipe**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros. p. 9-50. 2001a.
- LANDIM, M.F.; SIQUEIRA, E.R. Perspectivas de conservação dos remanescentes de Mata Atlântica de Sergipe. In: SIQUEIRA E.R.; RIBEIRO F.E. (Org.), **Mata Atlântica de Sergipe**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros. p. 127-132. 2001b.
- LISTA DE ESPÉCIES DA FLORA DO BRASIL. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br>> (Acesso em: 03 Jul. 2015).
- LOMOLINO, M.V.; RIDDLE, B.R.; WHITTAKER, R.J.; BROWN, J.H. **Biogeography**. 4ed. Sunderland, MA: Sinauer Associates. 2010.

MACHADO, W.J.; PRATA, A.P.N.; MELLO, A.A. Floristic composition in areas of Caatinga and Brejo de Altitude in Sergipe state, Brazil. **Check List** (São Paulo. Online), v. 8, p. 1089-1101. 2012.

MARGULES, C.; PRESSEY, R.L. Systematic conservation planning. **Nature**, v. 405, p. 243-253. 2000.

MENDES, K.; GOMES, P.R.; ALVES, M. Floristic Inventory of a zone of ecological tension in the Atlantic Forest of Northeastern Brazil. **Rodriguesia**, v. 61, p. 669-676. 2010.

MONTEIRO, S.H.N.; SILVA, T.C.; SANTOS, L.A.; NASCIMENTO-JUNIOR, J.E.; PRATA, A.P.N. Survey of Orchidaceae from the State of Sergipe, Brazil. **Biota Neotropica** v. 12, p. 167-174. 2012.

NASCIMENTO-JUNIOR, J.E.; PRATA, A.P.N. Plantae, Liliopsida, Arales, Araceae, *Dracontioides desciscens*, *Lemna aequinoctialis* and *Montrichardia linifera*: distribution extension and first records for state of Sergipe, Brazil. **CheckList** (UNESP), v. 5, p. 195-199. 2009.

OLIVEIRA, D.G.; PRATA, A.P.N.; FERREIRA, R.A. Herbáceas da Caatinga: composição florística, fitossociologia e estratégias de sobrevivência em uma comunidade vegetal. **Agrária** (Recife), v. 8, p. 623-633. 2013a.

OLIVEIRA, D.G.; SOUTO, L.S.; PRATA, A.P.; FERREIRA, R.A. Does edge effect influence plant community structure in a Tropical Dry Forest? **Revista Árvore**, v. 37, p. 311-320. 2013b.

OLIVEIRA, E.V.S.; LIMA, J.F.; SILVA, T.C.; LANDIM, M.F. Checklist of the flora of the Restingas state of Sergipe, Northeast Brazil. **Check List**, v.10, n.3, p. 529-549. 2014.

PIMM, S.L.; JENKINS, C.N.; JOPPA, L.N.; ROBERTS, D.L.; RUSSELL, G.J. How many endangered species remain to be discovered in Brazil? **Natureza & Conservação**, v.8, n.1, p. 71-77. 2010.

PRANCE, G.T.; BEENTJE, H.; DRANSFIELD, J.; JOHNS, R. The tropical flora remains undercollected. **Annals of the Missouri Botanical Garden**, v.87, p. 67-71. 2000.

PRATA, A.P.N.; AMARAL, M.C.E.; FARIAS, M.C.V.; ALVES, M. **Flora de Sergipe**. Aracaju: Gráfica e Editora Triunfo, 2013. 592p.

PROENÇA, C.E.B.; OLIVEIRA, M.I.U.; SOBRAL, M.; LANDIM, M.F. Novelties in Myrtaceae: preparing for a Flora of Sergipe. **Phytotaxa**, v. 173, p. 217-225. 2014.

RICKLEFS, R.E.; SCHLUTER, D. **Species diversity in ecological communities: historical and geographical perspectives**. Chicago: University of Chicago Press .1993.

RIDDLE, B.R.; LADLE, R.J.; LOURIE, S.A.; WHITTAKER, R.J. Basic biogeography: estimating biodiversity and mapping nature. In: LADLE, R.J.; WHITTAKER, R.J. (Eds). **Conservation Biogeography**. Oxford: Wiley-Blackwell. p. 47-92. 2011.

ROSENZWEIG, M.L. **Species diversity in space and time**. Cambridge: Cambridge University Press.1995. 436p.

SAKA, M.N.; LOMBARDI, J.A. A new species of *Goepertia* (Marantaceae) from the northeast Brazil and an identification key for species from the state of Sergipe. **Phytotaxa** v.170, n.1, p. 46-048. 2014.

SANTANA, T.C.P. LANDIM, M.F.. Restingas de Sergipe: contribuição ao conhecimento da sua composição florística e análise sobre o status de conservação atual. In: LANDIM, M.F.; GUIMARÃES, C.R.P. **Ecologia: uso potencial e conservação de ecossistemas costeiros sergipanos**. São Cristóvão: EDUFS, p. 103-128. 2014.

SANTOS S.S.C.; SOUZA, R.M. Dinâmica da paisagem e distribuição fitogeográfica de espécies psamófitas em dunas costeiras - Barra dos Coqueiros, Sergipe. **Geoambiente**, n. 14. 2010.

SANTOS, S.S.C.; REIS, V.S.; ANGELO FURLAN, S.; MELO e SOUZA, R. Biodiversidade e potencial fitoindicador da vegetação de dunas costeiras da Barra dos Coqueiros, Sergipe, Brasil. **Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais**, v. 2, n. 1, p. 5-20. 2011.

SILVA, A.C.C.; PRATA, A.P.N.; MELLO, A.A. Flowering plants of the Grota do Angico Natural Monument, Caatinga of Sergipe, Brazil. **CheckList**, v. 9, p. 733-739. 2013a.

SILVA, A.C.C.; PRATA, A.P.N.; MELLO, A.A.; SANTOS, A.C.A.S. Síndromes de dispersão de Angiospermas em uma Unidade de Conservação na Caatinga, SE, Brasil. **Hoehnea**, v. 40, p. 601-609. 2013b.

SILVA, A.C.C.; PRATA, A.P.N.; SOUTO, L.S.; MELLO, A.A. Aspectos de ecologia de paisagem e ameaças a biodiversidade em uma Unidade de Conservação na Caatinga, em Sergipe. **Revista Árvore**, v. 37, p. 479-490. 2013c.

SOUZA, G.V. **Estrutura da vegetação da Caatinga hipoxerófila do Estado de Sergipe**. Dissertação (Mestrado em Botânica). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco. 1983.

SOUZA-ALVES, J.P.; BARBOSA, M.R.V.; FERRARI, S.F.; THOMAS, W.W. Diversity of trees and lianas in two sites in the coastal Atlantic Forest of Sergipe, northeastern Brazil. **CheckList**, v.10, n. 4, p. 709-717. 2014.

VICENTE, A.; RIBEIRO, A.S.; DOS SANTOS, E.A.; FRANCO, C.P. Levantamento botânico. In: CARVALHO, C.M. & VILAR, J.C. (Coord.). **Parque Nacional Serra de Itabaiana – Levantamento da Biota**. São Cristóvão: UFS; Aracaju: Ibama. 2005.

VON HUMBOLDT, A. **Ansichten der Natur mit wissenschaftlichen Erläuterungen**. Tübingen, Germany: J.G. Cotta, 1808.



ACHARIACEAE

Milton Groppo¹
Cíntia Erbert¹

Árvores ou arbustos, com ou sem estípulas (*Chiangiodendron*), ou ainda ervas (grupos extratropicais), escandentes ou não. Folhas simples, alternas, algumas vezes agrupadas no ápice dos ramos (*Carpotroche*), nervação pinada, às vezes com numerosas nervuras secundárias paralelas (*Kuhlmanniodendron apterocarpum*), margem inteira, serreada ou denteada, tricomas simples ou escamiformes, pecíolo frequentemente espessado na base e no ápice. Inflorescências axilares, subterminais ou caulifloras, em fascículos, racemos ou panículas ou apresentando flores solitárias. Flores bissexuais ou unissexuais, em plantas andromonóicas, monóicas, dióicas ou androdioóicas; sépalas (2-)3(5 em *Chiangiodendron*); pétalas 5 (*Chiangiodendron*) ou 6-12(-15) ou 3-4 e conatas (Acharieae), frequentemente dispostas em duas séries, raramente com uma escama adaxial ou apêndice; disco ausente; estames 5 a muitos (até ca. 50), filetes glabros ou pubérulos, anteras lineares ou sagitadas (*Chiangiodendron*), deiscência longitudinal ou poricida; ovário súpero, unilocular, placentação parietal, estigmas 1-8(-10). Fruto baga ou cápsula, às vezes tardiamente deiscente, pericarpo espesso ou fino, liso, tuberculado, equinado ou com alas verticais. Sementes 1 a numerosas, ariladas.

Família com ca. 30 gêneros e ca. 145 espécies distribuídas nas regiões tropicais da América, África, Ásia e Oceania (Chase *et al.* 2002). A diversidade nos neotrópicos é menor, com apenas cinco gêneros, quatro deles registrados no Brasil, com 18 espécies, sendo a maioria delas amazônicas. Em Sergipe foi encontrada apenas uma espécie, *Carpotroche brasiliensis* (Raddi) A. Gray.

A delimitação de Achariaceae, táxon restrito ao sul da África, foi expandida para englobar plantas da família Flacourtiaceae que possuíam compostos secundários como glicosídeos cianogênicos. Para maiores informações sobre a delimitação de Achariaceae, confrontar Chase *et al.* (2002) e Groppo *et al.* (2010) para a distribuição de glicosídeos cianogênicos.

A descrição da família foi baseada em Woodson *et al.* (1968), Sleumer (1980), Chase *et al.* (2002), Alford (2009), Fiaschi & Groppo (2008) e Groppo *et al.* (2013).

¹Universidade de São Paulo, Departamento de Biologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Av. Bandeirantes, 3900. CEP 14040-901, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. groppo@ffclrp.usp.br

1. *Carpotroche brasiliensis* (Raddi) A. Gray, U.S. expl. Exped. Atlas Phan. 1: 72. 1854.

Fig. 1 A-B.

Árvores, ramos tomentosos no ápice, lenticelados. Folhas pecioladas, concentradas no ápice dos ramos, lâmina cartácea, glabrescente (pubérula quando jovem), 12-20,5 x 4-7cm, elíptica a oboval, ápice agudo, acuminado ou obtuso, margem denteada, base aguda; nervação broquidódroma; pecíolo 1-1,5 cm compr. Inflorescências axilares, em fascículos 3-floros ou apresentando flores solitárias, pedicelo seríceo-tomentoso; flores com 3 sépalas, oboval-elípticas, ca. 1,3 cm compr., pétalas 9(-11), c. 9x 4-5 mm, oboval-elípticas, alvas, pubérulas na face abaxial e na base; estames ca. 50, 6-7 mm compr., anteras lineares, 5-6 mm compr., ovário ovoide a subgloboso, verticalmente plicado-ondulado, tomentoso; estigmas 5-7, pubescentes. Fruto cápsula elipsoide a subglobosa, 12-15 x 12-13 cm, epicarpo com 10-12 alas verticais onduladas e papiráceas, ca. 1,2 cm compr.; pericarpo e endocarpo fibroso, ca. 3 cm larg. Sementes numerosas, obovoides ou romboides, estriadas, 1,3-1,7 cm compr., envoltas em polpa copiosa e amarelada.

Comentários: *Carpotroche brasiliensis* ocorre no Brasil, nos estados de Sergipe (primeira referência), Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Acre, associada à Floresta Ombrófila nos domínios da Amazônia, Cerrado e da Mata Atlântica (Marquete *et al.* 2014). Em Sergipe foi encontrada na Floresta Ombrófila no domínio da Mata Atlântica. Coletada com flores em setembro e janeiro e frutos em abril. Segundo Sleumer (1980), o óleo das sementes de *Carpotroche brasiliensis* era utilizado no tratamento de hanseníase (ver histórico deste uso em Oliveira *et al.* 2009). A espécie é conhecida como sapucainha em outros estados do Brasil (ver Oliveira *et al.* 2009).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Indiaroba, VI/2009, fl., C. Gomes s.n. (ASE 28716); Santa Luzia do Itanhy, R.M. Deda *et al.* 96 (ASE, SPFR).

Referências Bibliográficas

Alford, M.H. 2009. Neotropical Achariaceae. In: Milliken, W., Klitgård, B. & Baracat, A. (2009 onwards), **Neotropikey - Interactive key and information resources for flowering plants of the Neotropics**. Royal Botanic Gardens, Kew. <<http://www.kew.org/science/tropamerica/neotropikey/families/Achariaceae.htm>>. (Acessado em: 06 de Agosto de 2014).

Chase, M.W.; Zmarzty, S.; Lledó, M.D.; Wurdack, K.J.; Swensen, S.M. & Fay, M.F. 2002. When in doubt, put it in Flacourtiaceae: a molecular phylogenetic analysis based on plastid *rbcL* DNA sequences. **Kew Bulletin** **57**: 141-181.

Fiaschi, P. & Groppo, M. 2008. *Kuhlmanniodendron* Fiaschi & Groppo, a new eastern Brazilian genus of Achariaceae *sensu lato* segregated from *Carpotroche* Endl. (formerly included in Flacourtiaceae). **Botanical Journal of the Linnean Society** **157**: 103-109.

Groppo, M.; Favaretto, B.S.G.; Silva, C.I.; Jardim, J. & Fiaschi, P. 2013. A new species of *Kuhlmanniodendron* (Lindackeriaceae, Achariaceae) from eastern Brazil and the systematic position of the genus in Achariaceae. **Systematic Botany** **38**: 162-171.

Groppo, M.; Fiaschi, P.; Salatino, M.L.F.; Ceccantini, G.C.T.; Santos, F.A.R.; Verola, C.F. & Antonelli, A. 2010. Placement of *Kuhlmanniodendron* Fiaschi & Groppo in Lindackeriaceae (Achariaceae, Malpighiales) confirmed by analyses of *rbcL* sequences, with notes on pollen morphology and wood anatomy. **Plant Systematics and Evolution** **286**: 27-37.

Oliveira, A.S., Lima, J.A., Rezende, C.M. & Pinto, A.C. 2009. Ácidos ciclopentênicos do óleo da sapucainha (*Carpotroche brasiliensis* Endl., Flacourtiaceae): o primeiro antileprótico usado no Brasil. **Química Nova** 32(1): 139-145.

Sleumer, H. O. 1980. Flacourtiaceae. **The New York Botanical Garden, Bronx. Flora Neotropica** 22: 1-500.

Woodson, R. E., Schery, R.W. & Robyns, A. 1968. Flora of Panama. Family 128. Flacourtiaceae. **Annals of the Missouri Botanical Garden** 55(2): 93-144.

Lista de Exsicatas

Deda, R.M. 96 (1); **Gomes, C.** s.n. ASE 28716 (1).

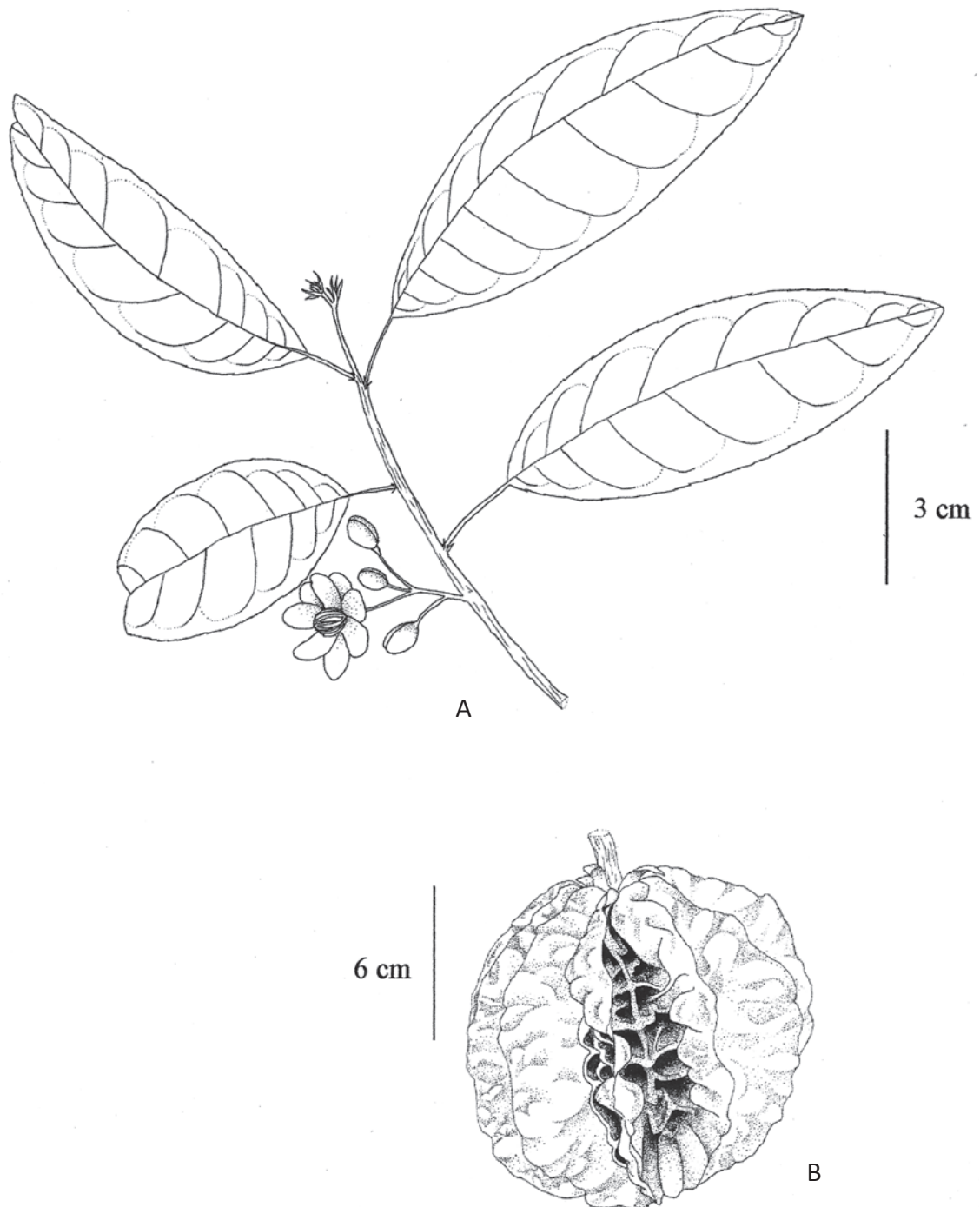


Figura 1. A-B. *Carpotroche brasiliensis* (Raddi) A. Gray. A. Ramo florífero (C. Gomes s.n. ASE 28716); B. Fruto (R.M. Deda et al. 96 SPFR).

ANNONACEAE

Jenifer de Carvalho Lopes¹
Renato de Mello-Silva¹

Árvores, arbustos, raramente subarbustos ou lianas; tricomas simples, estrelados ou escamiformes. Folhas simples, alternas e dísticas, raramente espiraladas, margem inteira, nervação eucamptódroma, craspedódroma ou broquidódroma, sem estípulas. Flor bissexual, raramente unissexual, actinomorfa; sépalas (2-)3(-4), valvares ou imbricadas, livres ou conatas na base; pétalas (3-)6(-12), geralmente bisseriadas, valvares ou imbricadas, livres ou conatas na base; estames numerosos, raramente 3-12, de disposição espiralada, estaminódios ausentes, raramente presentes; carpelos numerosos, raramente 1-6, livres ou conatos, óvulos 1 a numerosos, basal ou lateral. Fruto com carpídios livres, parcialmente ou totalmente concrecidos em sincarpo carnoso ou lenhoso, indeiscentes, raramente deiscentes. Semente arilada ou não, endosperma ruminado.

Annonaceae é uma família pantropical com cerca de 108 gêneros e 2.400 espécies (Chatrou *et al.* 2012). Na região neotropical há 34 gêneros (Maas *et al.* 2011, Couvreur *et al.* 2012). No Brasil ocorrem 29 gêneros e 387 espécies, a maioria distribuída na Amazônia e na Mata Atlântica (Maas *et al.* 2014). No estado de Sergipe ocorrem quatro gêneros e 13 espécies, sendo um gênero e sete espécies novas ocorrências para o Estado (Maas *et al.* 2014). O gênero *Annona* possui o maior número de espécies, oito, seguido de *Duguetia* e *Xylopia*, com duas espécies cada e *Guatteria*, com uma espécie. A descrição da família é baseada em Kessler (1993) e Chatrou *et al.* (2004); as descrições dos gêneros, baseadas nas espécies e na literatura citada, e as descrições das espécies e a chave de identificação são baseadas no material citado.

Chave para identificação dos gêneros de **Annonaceae** de Sergipe

1. Tricomas escamiformes. Carpídios concrecidos em sincarpo lígneo-carnoso
.....**2. Duguetia**
- 1'. Tricomas simples. Carpídios livres ou concrecidos em sincarpo carnoso 2
2. Inflorescência subaxilar, supra-axilar, terminal ou opositifólia. Carpídios concrecidos ou livres e, então, obovoides**1. Annona**
- 2'. Inflorescência axilar. Carpídios livres, elipsoides ou falciformes 3

¹Universidade de São Paulo, Instituto de Biociências, Departamento de Botânica, Rua do Matão 277, 05508-090, São Paulo, SP, Brasil. mellosil@usp.br

Agradecimentos: J.C. Lopes é bolsista de doutorado da FAPESP e R. Mello-Silva é bolsista de produtividade do CNPq. Os autores agradecem ao CNPq pelo auxílio financeiro, a Ana Paula Prata e Marta Cristina Vieira Farias pelo apoio no estudo da coleção de Annonaceae do herbário ASE, a Heimo Rainer pela discussão sobre a identidade de *Annona saffordiana* e aos revisores anônimos pelas sugestões no manuscrito. As ilustrações foram elaboradas por Laura Montserrat Silva.

3. Pedicelo e pedúnculo com articulação acima da base. Flor imatura com pétalas patentes. Carpídio elipsoide e estipitado, com uma só semente sem arilo **3. *Guatteria***
- 3'. Pedicelo e pedúnculo com articulação basal ou não evidente. Flor imatura com pétalas eretas. Carpídio falciforme e estipitado ou elipsoide e subséssil, geralmente com mais de uma semente com arilo bilobado **4. *Xylopia***

1. *Annona* L.

Árvores ou arbustos; tricomas simples, estrelados ou furcados. Inflorescência supra-axilar, opositifólia, subaxilar ou terminal; uni- a multiflora; pedicelo com articulação basal. Flor bissexual, raramente unissexual; sépalas valvares, livres ou conatas; pétalas externas valvares, ou livres ou conatas na base ou completamente conatas formando estrutura em forma de pás do hélice na parte dorsal, pétalas internas valvares, raramente imbricadas, rudimentares ou não; estames numerosos, estaminódios raramente presentes; carpelos numerosos, livres ou conatos, óvulo 1, basal. Carpídios concrecidos em sincarpo carnoso, raramente carpídios livres e indeiscentes ou parcialmente concrecidos. Sementes numerosas, não ariladas ou com arilo rudimentar.

Annona é o segundo maior gênero de Annonaceae, com 200 espécies de distribuição pantropical. No Brasil ocorrem 81 espécies (Maas *et al.* 2014). *Annona* inclui as espécies antes classificadas em *Rollinia* e que são exclusivamente neotropicais (Rainer 2007). Em Sergipe ocorrem oito espécies nativas de *Annona*, sendo *A. emarginata*, *A. leptopetala*, *A. montana*, *A. saffordiana* e *A. vepretorum* aqui reportadas pela primeira vez (Maas *et al.* 2014). Três, *A. emarginata*, *A. leptopetala* e *A. pickelii*, eram antes classificadas como *Rollinia* (Rainer 2007). A maioria das espécies que ocorrem em Sergipe é de Mata Atlântica. *A. leptopetala* e *A. vepretorum* são as únicas que ocorrem na Caatinga. A pinha ou fruta-do-conde, *A. squamosa* L., e a graviola, *A. muricata* L., são espécies exóticas cultivadas no estado. A descrição do gênero foi baseada em Fries (1931), Maas *et al.* (1992) e van Heusden (1992).

Chave para identificação das espécies de ***Annona*** de Sergipe

1. Pétalas externas conatas formando estrutura como pás do hélice 2
2. Flor vermelha. Carpídios livres **1.3. *A. leptopetala***
- 2'. Flor creme a amarelada. Carpídios concrecidos 3
3. Ramo glabro ou esparsamente coberto por tricomas amarelados. Folha cartácea. Inflorescência opositifólia. Fruto globoso, aréolas lisas **1.1. *A. emarginata***
- 3'. Ramo densamente coberto por tricomas ferrugíneos. Folha subcoriácea. Inflorescência subaxilar. Fruto obovoide, aréolas pulvinadas **1.5. *A. pickelii***
- 1'. Pétalas externas livres, orbiculadas a suborbiculadas ou ovadas 4
4. Folha coriácea. Flor alva a esverdeada, sépalas conatas, pétalas ovadas **1.7. *A. salzmannii***
- 4'. Folha cartácea a subcoriácea. Flor creme ou amarelada com base vinácea, sépalas livres, pétalas suborbiculadas a orbiculadas 5

5. Arbusto escandente. Face abaxial da folha densamente coberta por tricomas dourados. Fruto densamente coberto por tricomas ferrugíneos, aréolas delimitadas e pulvinadas **1.6. *A. saffordiana***
- 5'. Árvore ou arbusto não escandente. Face abaxial da folha glabra a glabrescente. Fruto glabro, aréolas delimitadas e curto-apiculadas ou não delimitadas e lisas 6
6. Folha com ápice obtuso. Flor amarelada com base vinácea. Aréolas do fruto não delimitadas e lisas **1.8. *A. vepretorum***
- 6'. Folha com ápice agudo a acuminado. Flor totalmente creme. Aréolas do fruto delimitadas e curto-apiculadas 7
7. Folha cartácea, elíptica a estreitamente oblonga, ápice agudo. Inflorescência subaxilar. Pétalas externas ca. 1,5 cm compr., orbiculadas e glabrescentes na face abaxial. Semente elipsoide-aplanadas, principalmente nas margens **1.2. *A. glabra***
- 7'. Folha subcoriácea, oblanceolada a estreitamente obovada ou oblonga, ápice acuminado. Pétalas externas ca. 3 cm compr., ovadas e densamente cobertas por tricomas na face abaxial. Inflorescência terminal, opositifólia ou supra-axilar. Semente obovoide **1.4. *A. montana***

1.1. *Annona emarginata* (Schltdl.) H.Rainer, Ann. Naturhist. Mus. Wien, Ser. B, Bot. Zool. 108: 194. 2007.

Árvore ou arbusto 1-6 m alt.; ramos, pecíolos, gemas e pedicelos glabros ou esparsamente cobertos por tricomas adpressos, retos e amarelados, base dos ramos jovens densamente coberta de tricomas eretos, retos e ferrugíneos. Folhas cartáceas, glabras na face adaxial e glabras a esparsamente cobertas por tricomas adpressos, retos e amarelados na face abaxial; pecíolo 6-15 mm compr.; lâmina 5-9 x 3-4,5 cm, elíptica, ápice obtuso a agudo, base aguda, perfilo semelhante às folhas do ápice do ramo; nervação broquidódroma, nervura primária plana na face adaxial e proeminente na abaxial, nervuras secundárias planas na face adaxial e proeminentes na abaxial, nervuras terciárias reticuladas e planas em ambas as faces, nervuras secundárias formando ângulo de 60-70° com a primária, domácias ausentes. Inflorescência 1-flora, opositifólia; brácteas 2-3. Flores amareladas, pedicelo 1,5-2,5 cm compr.; sépalas glabras, ca. 2 x 3 mm, amplamente triangulares; pétalas externas em forma de pás do hélice, 7-9 x 6-8 x 1 mm, orbiculadas; pétalas internas livres, ca. 2,8 x 3 mm, triangulares, base truncada; estames numerosos, ca. 0,9 mm compr.; carpelos numerosos, ca. 0,9 mm compr. Fruto sincarpo carnoso, globoso, glabro, 2-2,5 x 2,5 cm, aréolas levemente delimitadas e lisas. Sementes ca. 5,5 x 4 mm, obovoides com ápice assimétrico, castanho-claras.

Comentários: *Annona emarginata* ocorre no Paraguai, Uruguai, Argentina e, no Brasil, do Rio Grande do Sul a Sergipe, Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais (Maas *et al.* 1992, Maas *et al.* 2014). Em Sergipe foi coletada apenas uma vez no município de Riachão do Dantas. *Annona emarginata*, assim como *A. vepretorum*, possui os frutos com aréolas lisas, o que as diferem das demais espécies de *Annona* deste Estado, que possuem frutos com aréolas pulvinadas, apiculadas ou curto-apiculadas. As duas

espécies podem ser diferenciadas pelas pétalas externas livres e frutos com ca. 6 x 3 cm em *A. vepretorum* e pétalas externas conatas em forma de pás do hélice e frutos 2-2,5 x 2,5 cm em *A. emarginata*. Em Sergipe foi coletada com frutos em abril. Ilustrações de *A. emarginata* podem ser encontradas em Maas *et al.* (1992).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Riachão do Dantas, IV/1986, fr., G. Viana 1391 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Mato Grosso do Sul:** Bonito, X/2003, fl., G. Hatschbach 76040 (MBM, SPF); Corumbá, IX/2001, fr., U.M. Rezende s.n. (SPF 184784).

1.2. *Annona glabra* L., Sp. Pl. 1: 537. 1753.

Nome popular: araticum-cagão (*Galvão ASE 25002*), araticum-do-brejo (*Landim 442*).

Fig. 1 A-B.

Árvore ou arbusto 1-14 m alt.; ramos, pecíolos, gemas e pedicelos glabros. Folhas cartáceas, glabras na face adaxial e glabras a glabrescentes na face abaxial; pecíolo 13-20 mm compr.; lâmina 8-19 x 3,5-8 cm, elíptica a estreitamente oblonga, ápice agudo, base obtusa a arredondada, perfilo ca. 3,3 x 2,5 mm, amplamente elíptico; nervação broquidódroma, nervura primária impressa na face adaxial e proeminente na abaxial, nervuras secundárias planas na face adaxial e proeminentes na abaxial, nervuras terciárias reticuladas e proeminentes em ambas as faces, nervuras secundárias formando ângulo de 60-75° com a primária, domácias ausentes. Inflorescência 1-flora, subaxilar; bráctea 1. Flores creme, pedicelo 1,5-2,5 cm compr.; sépalas glabras, ca. 3 x 5 mm, amplamente triangulares; pétalas externas e internas glabras na face adaxial e glabrescentes na face abaxial, pétalas externas ca. 17 x 17 mm, orbiculadas, pétalas internas ca. 16 x 9 mm, estreitamente ovadas; estames numerosos, ca. 1,5 mm compr.; carpelos numerosos, ca. 2,5 mm compr. Fruto sincarpo carnoso, obovoide, glabro, 5-7 x 5 cm, aréolas delimitadas e curto-apiculadas. Sementes ca. 16 x 10 mm, elipsoide-aplanadas, principalmente nas margens, castanho-claras.

Comentários: *Annona glabra* ocorre dos Estados Unidos da América até Santa Catarina (Fries 1931, Maas *et al.* 2014) e é subespontânea na costa atlântica da África (Côrrea 1926). Vegeta em locais alagados próximo à costa, como manguezais, florestas de várzea e restingas (Mello-Silva 1993), mas ocorre também no interior de Minas Gerais, a 280 km da costa (Lopes & Mello-Silva 2014). Em Sergipe o ponto mais interiorano de ocorrência da espécie é Macambira, a cerca de 80 km da costa. *Annona glabra* é semelhante a *A. montana* no formato e tamanho dos frutos, mas diferem pelas folhas que são subcoriáceas, oblanceoladas a estreitamente obovadas ou oblongas com ápice acuminado em *A. montana* e cartáceas, elípticas a estreitamente oblongas com ápice agudo em *A. glabra* e pelas pétalas externas com cerca de 3 cm de comprimento, ovadas e densamente cobertas por tricomas na parte externa em *A. montana* e com cerca de 1,5 cm de comprimento, orbiculadas e glabrescentes na parte externa em *A. glabra*. Floresce de outubro a novembro e frutifica principalmente entre janeiro e junho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Brejo Grande, XI/2000, fr., *L. Galvão* s.n. (ASE 25002, SPF); Macambira, I/2007, fr., *S.M. Costa et al.* 136 (ASE, SPF); Pacatuba, II/2013, fr., *E.V.S. Oliveira* 176 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, XI/2012, fr., *R.M. Deda* 201 (ASE, JPB, RB).

Material adicional examinado: **BRASIL. Alagoas:** Maragogi, XI/1982, fr., *R.P. Lyra-Lemos* 788 (MAC, SPF); **Espírito Santo:** Linhares, XI/1983, fl., *D.A. Folli* 471 (CVRD, SPF); **Pernambuco:** Ipojuca, XI/1977, fl., *D. Andrade-Lima* 83 (IPA, SPF).

1.3. *Annona leptopetala* (R.E.Fr.) H.Rainer, Ann. Naturhist. Mus. Wien, Ser. B, Bot. Zool. 108: 196. 2007.

Nome popular: araticum (*Fonseca ASE 2866*).

Fig. 1 C.

Arbusto, raramente árvore, 2-3 m alt.; râmulos, pecíolos, gemas e pedicelos ou glabrescentes ou densamente cobertos por tricomas simples, eretos, sinuosos e amarelados. Folhas cartáceas, ou glabras ou esparsa a densamente cobertas por tricomas eretos, sinuosos e amarelados; pecíolo 4-8 mm compr.; lâmina 3-5,5 x 1-3 cm, estreitamente elíptica a elíptica ou estreitamente ovada, ápice retuso a obtuso, base arredondada, perfilo ca. 12 x 8 mm, amplamente elíptico; nervação broquidódroma, nervura primária impressa a proeminente na face adaxial e proeminente na abaxial, nervuras secundárias e terciárias proeminentes a planas na face adaxial e proeminentes na abaxial, nervuras terciárias reticuladas em ambas as faces, nervuras secundárias formando ângulo de 50-65° com a primária, domácias ausentes. Inflorescência 1-flora, supra-axilar a terminal; bráctea 1. Flores vermelhas, pedicelo 1-1,2 cm compr.; flores densamente cobertas por tricomas retos, adpressos a eretos e ferrugíneos; sépalas 1,5-2 x 2,5-3,5 mm, amplamente ovadas com ápice arredondado a mucronado; pétalas externas em forma de pás do hélice, 7-14 x 6-9 x 0,5-1 mm, suborbiculadas a estreitamente obovadas; pétalas internas livres, ca. 2,5 x 2,4 mm, triangulares, base truncada; estames numerosos, ca. 1,4 mm compr.; carpelos numerosos, ca. 0,8 mm compr. Fruto com carpídios livres, carpídios obovóides, subsésseis, glabros, 8-11 x 5-9 mm. Sementes ca. 9 x 5 mm, obovóides, castanhas.

Comentários: *Annona leptopetala* é endêmica da Caatinga do Brasil e ocorre desde o Piauí até Minas Gerais (Maas *et al.* 1992, Maas *et al.* 2014). Em Sergipe, foi encontrada próximo à divisa com Alagoas e Bahia. Na Bahia é frequente. Em Sergipe, *A. leptopetala* é a única espécie com flores vermelhas e carpídios livres. Floresce de outubro a março e frutifica principalmente de fevereiro a abril.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, XI/1982, fr., *M.R. Fonseca* s.n. (ASE 2866).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Caetité, II/1997, fr., *M.L. Guedes* PCD 5274 (ALCB, SPF); Tremedal, XII/1988, fl., *R.M. Harley* 27872 (SPF); **Pernambuco:** Triunfo, III/1970, fl., *D. Andrade-Lima* 70-5790 (IPA, SPF).

1.4. *Annona montana* Macfad., Fl. Jamaica 1: 7. 1837.

Nome popular: araticum-do-brejo (*Gomes 1058*), araticunzinho (*Gomes 965*).

Fig. 1 D-F.

Árvore ou arbusto 2-7 m alt.; ramos, pecíolos, gemas e pedicelos glabros. Folhas subcoriáceas, glabras em ambas as faces; pecíolo 8-18 mm compr.; lâmina 12-22 x 5-10 cm, oblanceolada a estreitamente obovada ou oblonga, ápice acuminado, base cuneada, aguda a obtusa, perfilo semelhante às folhas do ápice do ramo; nervação broquidódroma, nervura primária impressa na face adaxial e proeminente na abaxial, nervuras secundárias planas na face adaxial e levemente proeminentes na abaxial, nervuras terciárias reticuladas e planas em ambas as faces, pouco visíveis, nervuras secundárias formando ângulo de 60-75° com a primária, domácias presentes. Inflorescência 1-2-flora, terminal, opositifólia ou supra-axilar; bráctea 1. Flores creme, pedicelo ca. 2,5 cm compr.; sépalas glabras, ca. 2 x 6,5 mm, amplamente triangulares, densamente cobertas por tricomas adpressos, sinuosos e amarelados na face abaxial e glabras na face adaxial; pétalas externas densamente cobertas por tricomas retos, adpressos e ferrugíneos na face abaxial, pétalas internas e face adaxial das pétalas externas densamente cobertas por tricomas sinuosos e amarelados, pétalas externas 28-37 x 20-23 mm, ovadas, pétalas internas 23-30 x 22 mm, amplamente obovadas com a base estreita e o ápice côncavo; estames numerosos, 4-5 mm compr.; carpelos numerosos, ca. 3,5 mm compr. Fruto sincarpo carnososo, obovoide, glabro, ca. 7 x 7 cm, aréolas delimitadas e curto-apiculadas. Sementes ca. 11 x 4 mm, obovoides, alaranjadas.

Comentários: *Annona montana* ocorre em Cuba, Jamaica, Haiti, Porto Rico e Guadalupe e, na América do Sul, na Venezuela, Suriname (Fries 1931) e em praticamente todo o Brasil, com limite sul no Paraná, em matas (Maas *et al.* 2014). *Annona montana* é similar a *A. muricata*, a graviola, no formato das folhas e flores e é confundida com ela muitas vezes. No entanto, o fruto de *A. montana* é frequentemente menor e com menos polpa do que o fruto da graviola e possui geralmente sabor insípido. Floresce de dezembro a abril e frutifica de dezembro a janeiro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, IV/2013, fl., *L.A. Gomes et al. 1058* (ASE); Nossa Senhora do Socorro, XII/2012, fr., *T.R. Silva 118* (ASE); Siriri, XII/2012, fl., fr., *L.A. Gomes et al. 965* (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Goiás:** Goiás, XII/2007, fl., *A. Nogueira et al. 57* (SPF); Montes Claros de Goiás, XI/2007, fl., *A. Silva et al. 6440* (IBGE, SPF); **Mato Grosso do Sul:** Corumbá, XI/2001, fl., *G.A. Damasceno Júnior et al. 3029* (COR, SPF); **Minas Gerais:** Januária, XI/1997, fl., fr., *J.A. Lombardi 2118* (BHCB, SPF).

1.5. *Annona pickelii* (Diels) H.Rainer, Ann. Naturhist. Mus. Wien, Ser. B, Bot. Zool. 108: 197. 2007.

Nome popular: araticum (*Costa 2*), araticum-de-cobra (*Viana 1610*), araticum-mirim (*Cruz 61*).

Fig. 1 G.

Árvore 3-9 m alt.; ramos, pecíolos, gemas e pedicelos densamente cobertos por tricomas simples, eretos, retos e ferrugíneos. Folhas subcoriáceas, glabras a glabrescentes na face adaxial e esparsa a densamente cobertas por tricomas adpressos a eretos, retos e ferrugíneos na face abaxial; pecíolo 5-19 mm compr.; lâmina 7,5-19 x 3-8 cm, oblonga a elíptica ou estreitamente obovada, ápice agudo, acuminado a obtuso, base aguda a obtusa, perfilo 1,5-3 x 1,5-3, suborbiculado a amplamente ovado; nervação broquidódroma, nervura primária impressa na face adaxial e proeminente na abaxial, nervuras secundárias e terciárias planas na face adaxial e proeminentes na abaxial, nervuras terciárias reticuladas, nervuras secundárias formando ângulo de 60-80° com a primária, domácias ausentes. Inflorescência subaxilar ou formando ripídios, 1-4-flora; brácteas 2 por flor, 4 por ramo da inflorescência. Flores creme a amareladas, pedicelo 1,5-3 cm compr.; flores densamente cobertas por tricomas eretos a adpressos e ferrugíneos; sépalas 3-3,5 x 3,5-4 mm, amplamente ovadas com ápice acuminado; pétalas externas em forma de pás do hélice, 4-6,5 x 4-6 x 1-2 mm, elípticas a orbiculadas; pétalas internas conatas às externas, ca. 5,5 x 5 mm, ápice triangular; estames numerosos, ca. 1,5 mm compr.; carpelos numerosos, ca. 1,7 mm compr. Fruto sincarpo carnosos, obovoide, glabro a esparsamente coberto por tricomas adpressos, retos e ferrugíneos, ca. 2 x 2 cm, aréolas não delimitadas e pulvinadas. Sementes ca. 8 x 5 mm, obovoide com ápice assimétrico, castanho-avermelhadas.

Comentários: *Annona pickelii* é endêmica da floresta de restinga da Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe (Maas *et al.* 1992, Maas *et al.* 2014). É semelhante a *A. leptopetala* e *A. emarginata* pelas pétalas externas conatas como pás do hélice, característica que delimitava as espécies do antigo gênero *Rollinia*. Difere de *A. emarginata* por esta apresentar ramos glabros ou esparsamente cobertos por tricomas amarelados, folhas cartáceas, inflorescência opositifólia e fruto globoso com aréolas lisas, enquanto que *A. pickelii* tem ramos densamente cobertos por tricomas ferrugíneos, folhas subcoriáceas, inflorescência subaxilar e fruto obovoide com aréolas pulvinadas. Difere de *A. leptopetala* por esta apresentar flor vermelha e carpídios livres, enquanto que *A. pickelii* tem flor creme a amarelada e frutos em sincarpo carnosos. Floresce de janeiro a julho e frutifica de setembro a junho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Indiaroba, VII/2007, fl., C. Gomes & E. Santos 96 (ASE, SPF); Salgado, IX/1986, fl., G. Viana 1610 (ASE); Santa Luiza do Itanhhy, I/1993, fl., J.R. Pirani & J.A. Kalunki 2653 (SPF); São Cristóvão, VI/2006, fl., L.V. Ribeiro & E. Santos 108 (ASE, SPF).

1.6. *Annona saffordiana* R.E.Fr., Acta Horti Berg. 10(2): 272. 1931.

Nome popular: araticum-de-cipó (Gomes 583).

Fig. 1 H-I.

Arbusto escandente; pecíolos e gemas densamente cobertos por tricomas eretos, sinuosos e ferrugíneos. Folhas cartáceas, densamente cobertas por tricomas eretos,

sinuosos e dourados em toda a face abaxial e na adaxial principalmente na nervura primária; pecíolo 0,7-1,3 mm compr.; lâmina 5-10,5 x 2,5-4 cm, elíptica a estreitamente elíptica, ápice agudo, base obtusa, perfilo semelhante às folhas do ápice do ramo; nervação broquidódroma, nervura primária impressa na face adaxial e proeminente na abaxial, nervuras secundárias proeminentes em ambas as faces, nervuras terciárias levemente reticuladas em ambas as faces, nervuras secundárias formando ângulo de 60-80° com a primária, domácias presentes. Inflorescência 1-2-flora, supra-axilar ou opositifólia; bráctea 1. Botão floral creme, densamente coberto por tricomas adpressos, sinuosos e dourados, pedicelo ca. 1 cm compr. Flores creme, pedicelo 1-1,5 cm compr.; flor densamente coberta por tricomas sinuosos, adpresso e ferrugíneos; sépalas 2-3 x 5 mm, amplamente ovadas; pétalas ovado-arredondadas, as externas 8-12 mm compr., as internas ca. 6 x 6 mm; estames numerosos, ca. 1 mm compr.; carpelos numerosos, ca. 1 mm compr. Fruto sincarpo carnoso, obovoide, densamente coberto por tricomas eretos a adpressos, retos e ferrugíneos, 2,5-3 x 2,5 cm, aréolas delimitadas e pulvinadas. Sementes ca. 5,5 x 2,2 mm, elipsoide-aplanadas, castanho-claras.

Comentários: *Annona saffordiana* ocorre na Paraíba, Bahia, Alagoas, Sergipe e Minas Gerais (Fries 1931, Pontes *et al.* 2004). Há poucas coleções desta espécie, a maioria apenas com botões florais. Assim, a descrição das flores baseou-se na descrição de Fries (1931). *Annona saffordiana* pode ser confundida com *A. pickelli* pelas partes vegetativas cobertas por tricomas ferrugíneos. No entanto, *A. pickelli* tem pétalas externas conatas e em forma de pás do hélice e fruto glabro a esparsamente coberto por tricomas, com aréolas não delimitadas e pulvinadas enquanto que *A. saffordiana* tem pétalas externas livres e ovado-arredondadas e fruto densamente coberto por tricomas, com aréolas delimitadas e pulvinadas. *Annona saffordiana* é a única *Annona* de Sergipe com hábito arbustivo-escandente. Floresce de agosto a setembro e frutifica de abril a setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Santa Luzia do Itanhy, IV/2011, fr., L.A. Gomes *et al.* 141 (ASE, SPF).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Esplanada, VI/1996, fl., M.C. Ferreira & T. Jost 1000 (HRB, SPF).

1.7. *Annona salzmännii* A.DC. Mém. Soc. Phys. Genève 5: 197. 1832.

Nome popular: araticum (*Matos 141, Sales 158, Viana 1312*), araticum-da-mata (*Gomes 83*). Fig. 2 A.

Árvore 2-8 m alt.; ramos e pecíolos esparsamente cobertos por tricomas simples, adpressos, retos e castanhos, gemas densamente cobertas por tricomas ferrugíneos. Folhas coriáceas, glabras na face adaxial e glabras a glabrescentes na face abaxial; pecíolo 4-10 mm compr.; lâmina 6-15 x 3,5-7 cm, oblonga a estreitamente obovada, raramente suborbiculada, ápice emarginado a obtuso, base aguda a obtusa; nervação broquidódroma, nervura primária impressa na face adaxial e proeminente na abaxial, nervuras secundárias e terciárias planas

em ambas as faces, nervuras secundárias formando ângulo de 55-75° com a primária, domácias presentes. Inflorescência 1-2-flora, opositifolia ou subaxilar; bráctea 1. Flores alvas a esverdeadas, pedicelo 1-2,7 cm compr.; sépalas conatas, glabras na face adaxial e esparsamente cobertas com tricomas adpressos e retos na face abaxial; pétalas externas 25-35 x 12-25 mm, ovadas, na face abaxial densamente coberta por tricomas adpressos, retos e dourados, na face adaxial densamente coberta por tricomas eretos e sinuosos, base glabra; pétalas internas 17-25 x 10-17 mm, estreitamente obovadas, densamente cobertas por tricomas adpressos e sinuosos na face abaxial e densamente cobertas por tricomas adpressos e retos na face adaxial; estames numerosos, ca. 5 mm compr.; carpelos numerosos, ca. 4 mm compr. Fruto sincarpo carnoso, globoso a obovoide, glabrescente, ápulos densamente cobertos por tricomas adpressos e retos, 4-7 x 4-8 cm, aréolas delimitadas e apiculadas. Sementes ca. 2 x 1 cm, obovoide-achatadas, negras.

Comentários: *Annona salzmannii* ocorre em matas de restinga da Paraíba ao Espírito Santo (Maas *et al.* 2014). É distinta das demais espécies de *Annona* de Sergipe pelas folhas coriáceas e flores alvas a esverdeadas, com sépalas conatas e pétalas ovadas. Floresce de novembro a julho e frutifica de maio a julho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Estância, XI/2012, fl., D.A. Campos *et al.* 216 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, I/2009, fl., I.S. Matos *et al.* 141 (ASE); Lagarto, VI/1982, fl., N.M. Almeida 68 (ASE); Salgado, XI/1986, fl., G. Viana 1213 (ASE, SPF); Santa Luzia do Itanhhy, VI/2011, fr., L.A. Gomes & E. Santos 83 (ASE, SPF); São Cristóvão, VIII/2004, fl., M. Landim *et al.* 1567 (ASE); Umbaúba, XI/2011, fl., L.A.S. Santos *et al.* 671 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Paraíba:** Pitimbu, 2VII/2001, fl., fr., A.Q. Lobão *et al.* 637 (SPF).

1.8. *Annona vepretorum* Mart., Fl. bras. 13(1): 16. 1841.

Nome popular: araticum (Fonseca ASE 4284), araticunzeiro (Machado 95).

Fig. 2 B.

Árvore 3,5-5 m alt.; ramos, pecíolos e pedicelos esparsamente cobertos por tricomas retos, adpressos e ferrugíneos. Folhas cartáceas, glabras a glabrescentes na face adaxial e glabras na abaxial; pecíolo 4-9 mm compr.; lâmina 3-8 x 2-5,5 cm, elíptica, amplamente elíptica, suborbiculada, estreitamente obovada a amplamente ovada, ápice obtuso, base arredondada a obtusa, raramente cordada, perfilo semelhante às folhas do ápice do ramo; nervação broquidódroma, nervura primária impressa na face adaxial e proeminente na abaxial, nervuras secundárias proeminentes em ambas as faces, nervuras terciárias reticuladas e levemente proeminentes em ambas as faces, nervuras secundárias formando ângulo de 60-70° com a primária, domácias ausentes. Inflorescência 1-2-flora, terminal ou nos ramos sem folhas; brácteas 3. Flores amareladas com base vinácea, pedicelo ca. 1 cm compr.; sépalas glabras, 3-4 x 4-5 mm, amplamente triangulares; pétalas glabras, pétalas externas ca. 25 x 21 mm, suborbiculadas e côncavas, pétalas internas 22 x 16-20

mm, amplamente obovadas e côncavas; estames numerosos, 3-4 mm compr.; carpelos numerosos, ca. 2 mm compr. Fruto sincarpo carnosos, obovoide, glabro, ca. 6 x 3 cm, aréolas não delimitadas e lisas. Sementes ca. 17 x 13 mm, elipsoides, castanho-claras.

Comentários: *Annona vepretorum* é endêmica da Caatinga da Bahia e Sergipe (Maas *et al.* 2014). É distinta das demais espécies de *Annona* de Sergipe pelas flores amareladas com base vinácea, diferente das flores creme, alvas, esverdeadas ou totalmente vermelhas das outras espécies de *Annona* do Estado. Floresce de novembro a maio e frutifica de maio a fevereiro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, XI/1981, fr., *E.M. Carneiro 216* (ASE, SPF); Poço Redondo, IV/2010, fr., *E.V. Costa 7* (ASE, SPF).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Mucugê, XI/1996, fl., *H.P. Bautista et al. PCD 4541* (ALCB, SPF); Rio do Antônio, II/1991, fr., *N.P. Taylor et al. 1522* (SPF).

2. *Duguetia* A.St.-Hil.

Árvores ou arbustos; tricomas estrelados ou escamiformes. Inflorescência supra-axilar, opositifolia ou subaxilar, raramente terminal, cauliflora ou cauliflora partindo da base do caule; uni- a multiflora; pedicelo com articulação basal. Flor bissexual; sépalas valvares, livres ou conatas; pétalas imbricadas, raramente valvares, livres; estames numerosos, estaminódios ausentes; carpelos numerosos, livres, óvulo 1, basal. Carpídios livres e indeiscentes ou parcial ou completamente concrecidos em sincarpo lígneo-carnoso. Sementes numerosas, com arilo rudimentar.

Duguetia possui cerca de 90 espécies na região neotropical e quatro na costa atlântica da África. No Brasil ocorrem 66 espécies (Maas *et al.* 2003, 2014), duas delas em Sergipe. *Duguetia* pode ser reconhecida pelos tricomas escamiformes ou estrelados cobrindo as flores, frutos e partes vegetativas da planta. Os sincarpes de *Duguetia* e *Annona* são semelhantes, mas em *Duguetia* são lígneo-carnosos e, em *Annona*, carnosos. A descrição do gênero foi baseada em Maas *et al.* (2003).

Chave para identificação das espécies de *Duguetia* de Sergipe

1. Pétalas externas ovadas, 28-33 mm compr. Fruto *in sicco* verde, com colar basal de carpídios estéreis; carpídios férteis ca. 200 **2.1. *D. gardneriana***
- 1'. Pétalas externas amplamente obovadas, 13-16 mm compr. Fruto *in sicco* castanho, sem colar basal de carpídios estéreis; carpídios férteis 40-50 **2.2. *D. moricandiana***

2.1. *Duguetia gardneriana* Mart., Fl. bras. 13(1): 22. 1841.

Nome popular: araticum (*Carneiro 674*), araticum-taia (*Viana 929*), jaquinha (*Prata 3428*).
Fig. 2 C-D.

Árvore, raramente arbusto 3-7 m alt.; ramos, pecíolos e pedicelos densamente cobertos por tricomas escamiformes e amarelados. Folhas subcoriáceas, glabras na face adaxial e densamente cobertas por tricomas escamiformes na abaxial; pecíolo 3-9 mm compr.; lâmina 5,5-12 x 2,5-6 cm, estreitamente elíptica a elíptica, ápice obtuso, agudo ou acuminado, base obtusa ou aguda, perfilo semelhante às folhas do ápice do ramo; nervação broquidódroma, nervura primária impressa na face adaxial e proeminente na abaxial, nervuras secundárias levemente proeminentes a planas na face adaxial e levemente proeminentes na abaxial, nervuras terciárias reticuladas e levemente proeminentes em ambas as faces, nervuras secundárias formando ângulo de 70-80° com a primária, domácias ausentes. Inflorescência opositifólia, 1-flora; bráctea 1. Flores creme-amareladas a esverdeadas, pedicelo ca. 1 cm compr.; sépalas esparsas a densamente cobertas por tricomas escamiformes na face abaxial e estrelados na face adaxial, ca. 22 x 15 mm, amplamente elípticas; pétalas densamente cobertas por tricomas estrelados na face abaxial e glabras na face adaxial, pétalas externas 28-33 x 25 mm, ovadas, pétalas internas ca. 30 x 20 mm, amplamente elípticas e côncavas no ápice; estames numerosos, ca. 3,5 mm compr.; carpelos numerosos, ca. 4 mm compr. Fruto globoso, *in sicco* verde, densamente cobertos por tricomas escamiforme-estrelados, ca. 5,5 x 5 cm, carpídios completamente conatos, colar basal de carpídios estéreis presente, carpídios férteis ca. 200, aréolas piramidais. Sementes 7-10 x 3-6 mm, obovoides, castanho-escuras.

Comentários: *Duguetia gardneriana* é endêmica do Brasil e ocorre em Pernambuco, Sergipe e Bahia, na restinga ou em floresta costeira (Maas *et al.* 2003). É semelhante a *D. moricandiana* no formato das folhas e pela presença de tricomas estrelados e escamiformes. Podem ser diferenciadas pelas pétalas maiores, de 28 a 33 mm de comprimento, e pelos frutos, com cerca de 200 carpídios férteis e colar basal de carpídios estéreis em *D. gardneriana*, em contraste com as pétalas de 13 a 16 mm de comprimento e frutos com 40 a 50 carpídios férteis, sem colar basal, em *D. moricandiana*. Floresce de outubro a junho e frutifica de abril a setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Estância, VI/1996, fl., L.A. Mattos *et al.* 2996 (ASE, CEPEC); Ilha das Flores, IX/1981, fl., G. Viana 161 (ASE); Itabaiana, VII/2012, fl., L.A. Gomes & E. Santos 560 (ASE, SPF); Itaporanga d'Ajuda, III/2007, fl., J.F. Melo *et al.* 58 (ASE); Nossa Senhora do Socorro, X/2012, fr., J.P.S. Santos 11 (ASE); Pirambu, IV/1984, fl., fr., G. Viana 929 (ASE); Lagarto, X/2008. fl., C.S. Santos 355 (ASE); Rosário do Catete, VIII/2012, fr., A.P. Prata 3428 (ASE, SPF); Salgado, VI/1982, fl., G. Viana 487 (ASE, SPF); São Cristóvão, IX/1981, fr., fl., E.M. Carneiro 70 (ASE).

2.2. *Duguetia moricandiana* Mart. Fl. bras, 13(1): 22. 1841.

Nome popular: jaquinha (Cruz 50).

Fig. 2 E.

Árvore ou arbusto 1,5-7 m alt.; ramos, pecíolos e pedicelos esparsa a densamente cobertos por tricomas escamiformes e amarelados. Folhas subcoriáceas, glabras na face adaxial e

esparsamente cobertas por tricomas escamiformes na abaxial; pecíolo 3-8 mm compr.; lâmina 4,5-20 x 2,5-10 cm, elíptica, ápice obtuso, agudo a acuminado, base obtusa a aguda, perfilo semelhante às folhas do ápice do ramo; nervação broquidódroma, nervura primária impressa na face adaxial e proeminente na abaxial, nervuras secundárias levemente proeminentes em ambas as faces, nervuras terciárias levemente reticuladas, nervuras secundárias formando ângulo de 70-80° com a primária, domácias ausentes. Inflorescência opositifólia ou terminal, 1-flora; bráctea 1. Flores creme-amareladas, pedicelo ca. 2 cm compr.; sépalas densamente cobertas por tricomas escamiformes amarelados na face abaxial e simples, sinuoso, ereto e amarelado na face adaxial, 10-13 x 8-10 mm, amplamente ovadas; pétalas internas e externas subiguais, densamente cobertas por tricomas escamiformes alvo-amarelados na face abaxial e densamente cobertas por tricomas estrelados na face adaxial, 13-16 x 7-10 mm, amplamente obovadas; estames numerosos, 1,1-1,3 mm compr. carpelos numerosos, ca. 3 mm compr. Fruto globoso, *in sicco* castanho, densamente coberto por tricomas simples, eretos, retos e dourados a castanhos, ca. 4 x 4 cm, carpídios conatos no fruto imaturo e livres no maduro, colar basal de carpídio estéreis ausente, carpídios férteis 40-50, aréolas apiculadas. Sementes ca. 13 x 7 mm, elipsoides, castanho-avermelhadas.

Comentários: *Duguetia moricandiana* é endêmica das restingas da Bahia e Sergipe (Maas *et al.* 2003). Em Sergipe é notável pelos frutos de indumento castanho ou dourado. As folhas exibem grande plasticidade, podendo variar de 4 a 20 centímetros de comprimento. Floresce principalmente de setembro a março e frutifica de março a junho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Ilha das Flores, VI/1984, fr., M.C. Santana 249 (ASE); Japarutuba, II/2011, fl., M.A. Farinaccio *et al.* 814 (ASE); Pirambu, I/2011, fl., fr., M. Landim 1598 (ASE); Santo Amaro das Brotas, III/1991, fr., C. Farney & I.C. Silva 2696 (ASE, RB).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Salvador, I/1979, fl., J.P. Sousa s.n. (ALCB 15413, SPF).

3. *Guatteria* Ruiz & Pav.

Árvores ou arbustos, raramente lianas; tricomas simples. Inflorescência axilar, terminal ou cauliflora; uni- a multiflora; pedicelo com articulação suprabasal. Flor bissexual; sépalas valvares, raramente imbricadas, livres ou conatas; pétalas valvares ou imbricadas, livres, raramente conatas; estames numerosos, estaminódios ausentes; carpelos numerosos, livres, óvulo 1, basal. Carpídios livres, geralmente estipitados, indeiscentes, geralmente elipsoides. Semente 1 por carpídio, não arilada.

Guatteria é o maior gênero de Annonaceae, com cerca de 211 espécies de distribuição neotropical (Maas *et al.* 2011). No Brasil ocorrem 88 espécies (Maas *et al.* 2014) e apenas uma em Sergipe, aqui apresentada pela primeira vez (Lobão *et al.* 2012, Maas *et al.* 2014). *Guatteria* inclui as espécies antes classificadas nos gêneros *Heteropetalum*, *Guateriella* e *Guatteriopsis* (Erkens & Maas 2008). As espécies de *Guatteria* podem ser

reconhecidas pelos pedicelos e pedúnculos com articulação acima da base e flor com pétalas patentes, quando imatura. A descrição do gênero foi baseada em Fries (1939) e van Heusden (1992).

3.1. *Guatteria pogonopus* Mart., Fl. bras. 13(1): 34. 1841.

Nome popular: jaquinha (*Costa 15*), pindaíba-preta (*Santos 3*).

Fig. 2 F.

Árvore ou arbusto 4-8 m alt.; ramos, pecíolos e gemas glabros a glabrescentes. Folhas subcoriáceas, glabras na face adaxial, glabrescentes a esparsamente cobertas por tricomas simples adpressos e retos na face abaxial; pecíolos 8-11 mm compr.; lâmina (13,5-)16-27 x 6-10 cm, oblonga, ápice acuminado a agudo, base obtusa; nervação broquidódroma, nervura primária impressa na face adaxial e proeminente na abaxial, nervuras secundárias e terciárias planas na face adaxial e proeminente na abaxial, nervuras secundárias formando ângulo de 70-75° com a primária, domácias ausentes. Inflorescência 1-2-flora, axilar; brácteas 3-4 ou caducas. Flores creme, com pedicelo 1,7-2,7 cm compr.; sépalas 5-6 x 5-7 mm, amplamente ovadas e reflexas, esparsamente cobertas por tricomas adpressos e retos na face abaxial e com tricomas adpressos e sinuosos na face adaxial; pétalas 15-27 x 5-11 mm, oblongas a estreitamente obovadas, margens revolutas, pétalas densamente cobertas por tricomas adpressos e retos na face abaxial e sinuosos na face adaxial; estames numerosos, ca. 1,7 mm compr.; carpelos numerosos, 1,5-2 mm compr. Carpídios elipsoides, 11-16, ca. 10 x 7 mm, estipe ca. 14 mm compr. Sementes ca. 10 x 6 mm, castanhas.

Comentários: *Guatteria pogonopus* é endêmica de matas do Ceará ao Espírito Santo e Minas Gerais (Lobão *et al.* 2012). Pode ser diferenciada das demais espécies de Annonaceae de Sergipe pelas folhas com até 27 cm de comprimento e pelas flores que, quando imaturas, têm pétalas patentes, deixando expostos androceu e gineceu. Ao amadurecer, as pétalas internas tornam-se eretas (Gottsberger 2012). Floresce de novembro a março e frutifica de março a junho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, XI/2011, fl., *D.A. Campos 1* (ASE); Ilha das Flores, IV/1974, fl., *M.R. Fonseca s.n.* (ASE 7); Itabaiana, I/1996, fl., *M. Landim 1288* (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Camacã, III/2005, fr., *P. Fiaschi et al. 2896* (CEPEC, SPF).

4. *Xylopia* L.

Árvores, raramente arbustos; tricomas simples. Inflorescência axilar; uni- a multiflora; pedicelo com articulação basal. Flor bissexual; sépalas valvares, conatas na base; pétalas valvares, livres; estames poucos a numerosos, estaminódios presentes; carpelos 2 a numerosos, livres, óvulos 1-8, laterais ou basais. Carpídios livres, estipitados, deiscentes, falcados, clavados ou elipsoides. Sementes 1-16 por carpídio, ariladas.

Comentários: *Xylopia* possui de 100 a 160 espécies de distribuição pantropical (Kessler 1993). No Brasil ocorrem 32 espécies (Maas *et al.* 2014), duas delas em Sergipe, onde *X. frutescens* é reportada pela primeira vez (Maas *et al.* 2014). *Xylopia* pode ser reconhecida pelos carpídios livres e deiscentes, sendo esta última característica pouco comum entre as Annonaceae. Em Sergipe, as *Xylopia* são as únicas Annonaceae que têm geralmente mais de uma semente por carpídio. Além disso, as sementes têm arilo bilobado. A descrição do gênero foi baseada em Fries (1930) e Dias (1988).

Chave de identificação para as espécies de *Xylopia* de Sergipe

1. Folha lanceolada. Flor 2-4, pedicelo 1-2 mm compr., pétala externa linear com base levemente alargada e côncava. Carpídio elipsoide e liso **4.1. *X. frutescens***
1'. Folha estreitamente elíptica a elíptica ou estreitamente oblonga. Flor 1, raramente 2, pedicelo 5-12 mm compr., pétala externa lanceolada. Carpídio falciforme e toruloso
..... **4.2. *X. laevigata***

4.1. *Xylopia frutescens* Aubl., Hist. pl. Guiane 1: 602, tab. 242. 1775.

Nome popular: Paraíba (*Vicente 90*), pindaíba (*Amaral 1*).

Fig. 2 G.

Árvore ou arbusto 2-15 m alt.; râmulos, pecíolos e gemas densamente cobertos por tricomas simples, adpressos, retos e dourados a alvos. Folhas cartáceas, glabras na face adaxial, densamente cobertas por tricomas adpressos e retos na face abaxial; pecíolos 3-4 mm compr.; lâmina 4-6 x 1-1,5 cm, lanceolada, ápice acuminado, base aguda; nervação broquidódroma, nervura primária impressa na face adaxial e proeminente na abaxial, nervuras secundárias e terciárias planas a indistintas em ambas as faces, nervuras secundárias formando ângulo de 55-75° com a primária, domácias ausentes. Inflorescência axilar, 2-4-flora; brácteas 3. Flores creme-esbranquiçadas, com pedicelo 1-2 mm compr.; sépalas ca. 2,5 x 3 mm, conatas na base, amplamente ovada com ápice agudo, densamente cobertas por tricomas adpressos, retos e alvos na face abaxial, glabras na face adaxial; pétalas lineares, base levemente alargada e côncava, pétalas externas 9-12 x 2-3 mm, densamente cobertas por tricomas adpressos e retos na face abaxial, glabras na face adaxial, pétalas internas 8-10 x 1 mm, esparsamente cobertas por tricomas adpressos e sinuosos na face abaxial e glabras na face adaxial; estames numerosos, ca. 1 mm compr.; carpelos 4-5, ca. 3 mm compr. Carpídios elipsoides e lisos, subsésseis, glabrescentes, 12-13 x 7-10 mm. Sementes 1-2 por carpídio, 6-7 x 4-5 mm, castanho-escuras, arilo alvo e bilobado.

Comentários: *Xylopia frutescens* ocorre em matas e cerrados, em Honduras, Panamá, Colômbia, Venezuela, Suriname, Guiana Francesa (Fries 1930) e em praticamente todo o Brasil, com limite de distribuição sul no Paraná (Maas *et al.* 2014). Há controvérsia sobre sua delimitação e a da espécie mais próxima, *X. sericea* A.St.-Hil. Os caracteres de distinção baseiam-se no indumento e na forma dos carpídios (Dias 1988), mas são

muito variáveis (Mello-Silva *et al.* 2012). Em Sergipe, *X. frutescens* ocorre em mata e é a única espécie de Annonaceae do estado com as pétalas lineares. Floresce e frutifica entre setembro e janeiro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, IX/1995, fr., *M. Landim et al.* 698 (ASE, SPF); Capela, XI/2011, fr., *L.A. Gomes et al.* 202 (ASE, SPF); Itabaiana, XI/1997, fl., *A. Vicente* 90 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, X/2007, fr., *A.B. Sales et al.* 56 (ASE, SPF); Santa Luzia do Itanhhy, I/2012, fl., *L.A. Gomes et al.* 308 (ASE, SPF).

4.2. *Xylopiia laevigata* (Mart.) R.E.Fr., Kongl. Svenska Vetensk. Acad. Handl. 34(5): 37. fig. 1. tab. 6. 1900.

Nome popular: araticum (*Viana* 640), araticum-opé (*Barreto ASE* 348), coração-de-negro (*Landim* 943), coração-de-josé (*Araujo* 33), meiú (*Viana* 1822), pindaíba (*Viana* 1200).

Fig. 2 H.

Árvore ou arbusto 2-10,5 m alt.; râmulos glabros, pecíolos, gemas e pedicelos ou glabros ou esparsamente cobertos por tricomas simples, retos e adpressos. Folhas subcoriáceas, glabras na face adaxial, e glabras a glabrescentes na face abaxial; pecíolos 5-7 mm compr.; lâmina 5-12 x 2-5 cm, estreitamente elíptica a elíptica ou estreitamente oblonga, ápice acuminado a agudo, base aguda; nervação broquidódroma, nervura primária impressa na face adaxial e proeminente na abaxial, nervuras secundárias e terciárias planas a indistintas em ambas as faces, nervuras secundárias formando ângulo de 75-85° com a primária, domácias ausentes. Inflorescência 1(-2)-flora, axilar; brácteas 1-3 ou caducas. Flores creme-amareladas, com pedicelo 5-12 mm compr.; sépalas 2,5-3 x 3-4 mm, conatas até a metade do comprimento, ápice arredondado, esparsa a densamente cobertas por tricomas adpressos, retos e amarelados na face abaxial e glabras na face adaxial; pétalas internas e externas densamente cobertas por tricomas adpressos e retos na face abaxial e densamente cobertas por tricomas adpressos e sinuosos na face adaxial, pétalas externas 8-15 x 4-7 mm, lanceoladas com ápice agudo, pétalas internas 7-12 x 3-5 mm, estreitamente elípticas com ápice acuminado; estames numerosos, 1-1,5 mm compr.; carpelos numerosos, ca. 3 mm compr. Carpídios falciformes e torulosos, glabrescentes, 15-25 x 5-7 mm, estipe ca. 10 mm compr. Sementes 1-5 por carpídio, ca. 7 x 4 mm, castanho-escuras, arilo alvo e bilobado.

Comentários: *Xylopiia laevigata* ocorre do Ceará ao Rio de Janeiro e Minas Gerais (*Maas et al.* 2014). No Nordeste ocorre na restinga mas na Bahia, ocorre em mata de galeria e, no Rio de Janeiro, em mata (*Dias* 1988). *Xylopiia laevigata* pode ser distinta de *X. frutescens* por esta última apresentar folhas lanceoladas, pétalas externas lineares com base alargada e carpídios elipsoides e lisos enquanto que *X. laevigata* possui folhas estreitamente elípticas a elípticas ou estreitamente oblongas, pétalas externas lanceoladas e carpídios falciformes e torulosos. *Xylopiia laevigata* é encontrada com flores e frutos de agosto a junho, principalmente de setembro e janeiro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, XI/2008, fr., S.M. Costa 530 (ASE); Areia Branca, VIII/2012, fl., E.V. Costa & E. Santos 25 (ASE, SPF); Barra dos Coqueiros, IX/1995, fl., M. Landim et al. 568 (ASE, SPF); Brejo Grande, VI/2012, fl., D.G. Oliveira et al. 387 (ASE); Estância, XI/2010, fl., C.S. Santos 422 (ASE, SPF); Ilha das Flores, VIII/1974, fl., M.R. Fonseca s.n. (ASE 28); Indiaroba, IX/2012, fr., M.C.V. Farias et al. 250 (ASE, SPF); Itabaiana, VII/2012, fr., L.A. Gomes 561 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, XI/2007, fr., T. Araujo 33 (ASE, SPF); Japarutuba, I/1992, fr., C. Farney et al. 3029 (ASE, RB); Neopólis, VII/1975, fr., A.C.C. Barreto s.n. (ASE 348); Pacatuba, VI/2012, fr., D.G. Oliveira et al. 400 (ASE); Pirambu, IX/1994, fr., M. Landim 737 (ASE, SPF); Salgado, IX/1982, fl., G. Viana 640 (ASE, SPF); Santa Luzia do Itanhy, VI/1996, st., G. Landim 943 (ASE); Santo Amaro das Brotas, XI/1991, fr., C. Farney & J.E. Santos 2842 (ASE, RB); São Cristóvão, XI/1985, fl., G. Viana 1822 (ASE, SPF).

Referências Bibliográficas

- Chatrou, L.W.; Rainer, H. & Maas, P.J.M. 2004. Annonaceae. In: Smith, N., Mori, S.A., Henderson, A., Stevenson, D.W. & Heald, S.V (eds.), **Flowering plants of the Neotropics**. Princeton University Press, The New York Botanical Garden, Princeton, New York, p. 18-20.
- Chatrou, L.W.; Pirie, M.D.; Erkens, R.H.J.; Couvreur, T.L.P.; Neubig, K.M.J.; Abbott, R.; Mols, J.B.; Maas, J.W.; Saunders, R.M.K. & Chase, M.W. 2012. A new subfamilial and tribal classification of the pantropical flowering plant family Annonaceae informed by molecular phylogenetics. **Botanical Journal of the Linnean Society** **169**(1): 5-40.
- Corrêa, M.P. 1926. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, Vol. 1.
- Couvreur, T.L.P.; Maas, P.J.M.; Meinke, S.; Johnson, D.M. & Kessler, P.J.A. 2012. Keys to the genera of Annonaceae. **Botanical Journal of the Linnean Society** **169**(1): 74-83.
- Dias, M.C. 1988. **Estudos taxonômicos do gênero *Xylopia* L. (Annonaceae) no Brasil extra-amazônico**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Erkens, R.H.J. & Maas, P.J.M. 2008. The Guatteria group disentangled: sinking *Guatteriopsis*, *Guatteriella*, and *Heteropetalum* into *Guatteria*. **Rodriguésia** **59**(2): 401-406.
- Fries, R.E. 1930. Revision der Arten einiger Annonaceen-Gattungen II. **Acta Horti Bergiani** **10**(1): 1-128.
- Fries, R.E. 1931. Revision der Arten einiger Annonaceen-Gattungen II. **Acta Horti Bergiani** **10**(2): 129-341.
- Fries, R.E. 1939. Revision der Arten einiger Annonaceen-Gattungen V. **Acta Horti Bergiani** **12**(3): 289-577.
- Gottsberger, G. 2012. How diverse are Annonaceae with regard to pollination? **Botanical Journal of the Linnean Society** **169**(1): 245-261.
- Kessler, P.J.A. 1993 Annonaceae. In: Kubitzki, K.; Rohwer, J.G. & Bittrich, V. (eds.). **The families and genera of vascular plants. II**. Flowering plants. Dicotyledons. Magnoliid, Hamamelid and Caryophyllid families. Springer Verlag, Berlin, p. 93-129.
- Lobão, A.Q.; Mello-Silva, R. & Forzza, R.C. 2012. *Guatteria* (Annonaceae) da Floresta Atlântica. **Rodriguésia** **63**(4): 1039-1064.
- Lopes, J.C. & Mello-Silva, R. 2014. Annonaceae da Reserva Natural Vale, Linhares, Espírito Santo. **Rodriguésia** **65**(3): 599-635.
- Maas, P.J.M.; Westra, L.Y. Th. et al. 1992. *Rollinia*. **Flora Neotropica Monograph** **57**: 1-188.

Maas, P.J.M.; Westra, L.Y.Th. & Chatrou, L.W. 2003. *Duguetia*. **Flora Neotropica Monograph 88**: 1-274.

Maas, P.J.M.; Westra, L.Y.Th.; Rainer, H.; Lobão, A.Q. & Erkens, R.H.J. 2011. An updated index to genera, species, and infraspecific taxa of Neotropical Annonaceae. **Nordic Journal of Botany 29**(3): 257-356.

Maas, P.J.M.; Rainer, H. & Lobão, A.Q. 2014. Annonaceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2014. <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB117268>>. (Acesso em 11/02/2014).

Mello-Silva, R. 1993. Annonaceae. In: Mello, M.M.R.F.; Barros, F.; Chiea, S.A.C.; Wanderley, M.G.L.; Jung-Mendaçoli, S.L. & Kirizawa, M. (org.). **Flora Fanerogâmica da Ilha do Cardoso**. Instituto de Botânica, São Paulo, Vol. 3, p. 43-51.

Mello-Silva, R.; Lopes, J.C. & Pirani, J.R. 2012. Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais: Annonaceae. **Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo 30**(1): 37-56.

Pontes, A.F.; Barbosa, M.R.V. & Maas, P.J.M. 2004. Flora Paraibana: Annonaceae Juss. **Acta Botanica Brasilica 18**(2): 281-293.

Rainer, H. 2007. Monographic studies in the genus *Annona* L. (Annonaceae): Inclusion of the genus *Rollinia* A.St.-Hil. **Annalen des Naturhistorischen Museums in Wien: Serie B: für Botanik und Zoologie 108**: 191-205.

van Heusden, E.C.H. 1992. Flowers of Annonaceae: morphology, classification, and evolution. **Blumea 7** (Supplement): 1-218.

Lista de Exsicatas

Almeida, N.M. 68 (1.7); **Amaral, C.** 1 (4.1); **Andrade-Lima, D.** 83 (1.2), 70-5790 (1.3); **Araujo, T.** 33 (4.2); **Barreto, A.C.C.** s.n. ASE 348 (4.2); **Barros, F.** 2468 (3.1); **Bautista, H.P.** PCD 4541 (1.8); **Calazans, C.** 53 (2.2); **Campos, D.A.** 1 (3.1), 216 (1.7); **Carneiro, E.M.** 216 (1.8), 70 (2.1), 674 (2.1), 741 (2.2); **Carvalho, A.M.** 4327 (1.5); **Costa, E.V.** 2 (1.5), 5 (1.5), 6 (1.7), 7 (1.8), 12 (1.7), 13 (1.8), 15 (3.1), 25 (4.2); **Costa, S.M.** 136 (1.2), 530 (4.2); **Cruz, A.** 50 (2.2), 61 (1.5), 85 (1.7); **Damasceno Júnior, G.A.** 3029 (1.4); **Deda, R.M.** 201 (1.2); **Farias, M.C.V.** 250 (4.2); **Farinaccio, M.A.** 814 (2.2); **Farney, C.** 2696 (2.2), 2842 (4.2), 3029 (4.2); **Ferreira, M.C.** 1000 (1.6); **Fiaschi, P.** 2896 (3.1); **Figueiredo, M.A.** 25 (3.1); **Folli, D.A.** 471 (1.2); **Fonseca, M.R.** s.n. ASE 7 (3.1), s.n. ASE 28 (4.2), s.n. ASE 486 (2.2), s.n. ASE 656 (2.2), s.n. ASE 2866 (1.3), s.n. ASE 4284 (1.8); **Galvão, L.** s.n. ASE 25002 (1.2); **Gomes, L.A.** 83 (1.7), 105 (1.5), 141 (1.6), 174 (1.6), 202 (4.1), 248 (1.2), 308 (4.1), 408 (1.4), 560 (2.1), 561 (4.2), 583 (1.6), 716 (1.6), 965 (1.4), 1058 (1.4); **Gomes, C.** 96 (1.5); **Guedes, M.L.** PCD 5274 (1.3); **Harley, R.M.** 27872 (1.3); **Hatschbach, G.** 76040 (1.1); **Landim, M.** 442 (1.2), 568 (4.2), 698 (4.1), 737 (4.2), 940 (1.5), 943 (4.2), 1288 (3.1), 1567 (1.7), 1598 (2.2); **Lobão, A.Q.** 637 (1.7); **Lombardi, J.A.** 2118 (1.4); **Lyra-Lemos, R.P.** 788 (1.2); **Machado, W.J.** 95 (1.8); **Matos, I.S.** 141 (1.7); **Mattos, L.A.** 2996 (2.1); **Melo, J.F.** 58 (2.1); **Menezes, L.R.A.** 2 (1.8); **Nascimento-Junior, J.E.** 297 (1.8); **Nogueira, A.** 57 (1.4); **Oliveira, D.G.** 387 (4.2), 400 (4.2); **Oliveira, E.V.S.** 176 (1.2); **Pirani, J.R.** 2653 (1.5); **Prata, A.P.** 2906 (4.1), 3428 (2.1); **Rezende, U.M.** s.n. SPF 184784 (1.1); **Ribeiro, L.V.** 101 (1.7), 108 (1.5), 112 (1.7); **Sales, A.B.** 56 (4.1), 158 (1.7); **Santana, M.C.** 249 (2.2); **Santos, C.S.** 355 (2.1), 422 (4.2); **Santos, J.P.S.** 11 (2.1); **Santos, L.A.S.** 521 (1.2), 671 (1.7), 674 (1.4); **Santos, M.L.** 3 (3.1), 18 (3.1); **Santos, V.** 46 (2.2); **Silva, A.** 6440 (1.4); **Silva, T.R.** 118 (1.4); **Sousa, J.P.** ALCB 15413 (2.2); **Souza, C.A.S.** 88 (4.1); **Taylor, N.P.** 1522 (1.8); **Viana, G.** 161 (2.1), 487 (2.1), 529 (3.1), 640 (4.2), 876 (3.1), 929 (2.1), 1200 (4.2), 1213 (1.7), 1391 (1.1), 1610 (1.5), 1658 (3.1), 1822 (4.2); **Vicente, A.** 78 (4.1), 90 (4.1).

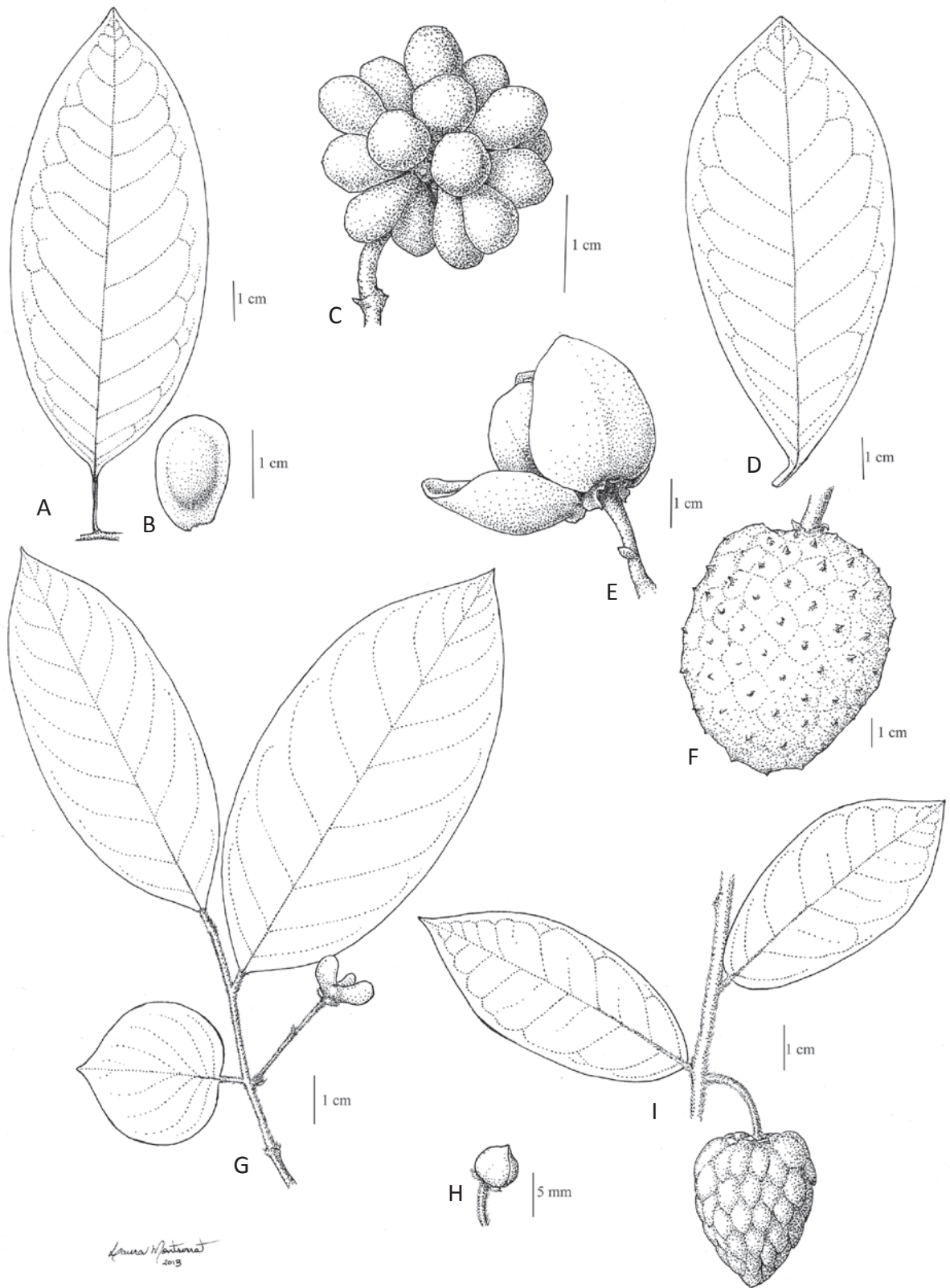


Figura 1. A-B. *Annona glabra* L. A. Folha. B. Semente (Costa 136, SPF). C. *Annona leptopetala* (R.E.Fr.) H. Rainer, Fruto (Guedes PCD 5274, SPF). D-F. *Annona montana* Macfad. D. Folha. E. Flor. F. Fruto (Damasceno Jr. 3029, SPF; Lombardi 2118, SPF). G. *Annona pickelii* (Diels) H. Rainer, Ramo com flor (Pirani 2653, SPF). H-I. *Annona saffordiana* R.E.Fr. H. Botão floral. I. Ramo com fruto (Gomes 583, ASE).

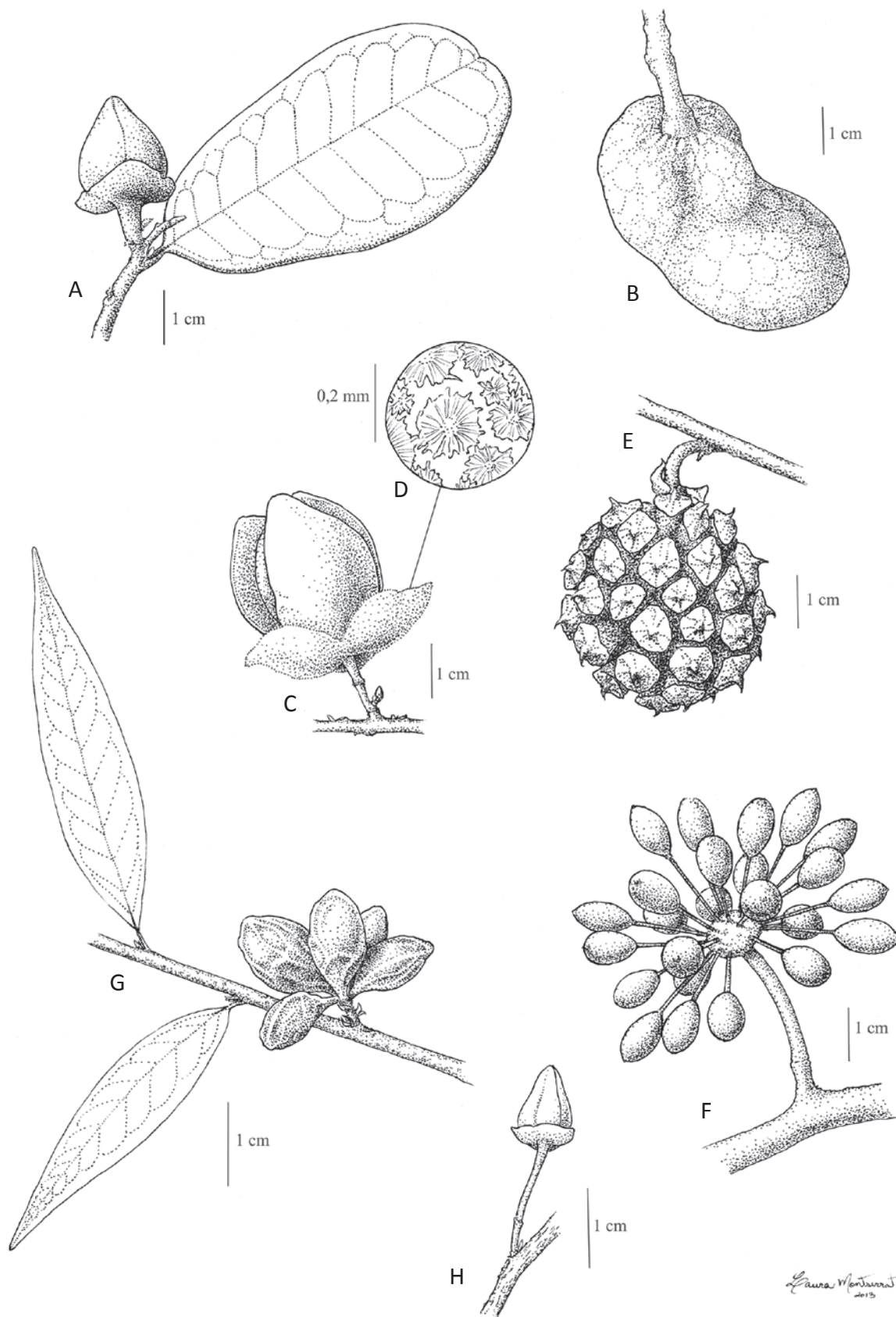


Figura 2. A. *Annona salzmannii* A.DC., Ramo com flor (Matos 141, ASE). B. *Annona vepretorum* Mart., Fruto (Costa 7, SPF). C-D. *Duguetia gardneriana* Mart. C. Flor. D. Detalhe do indumento da pétala externa (Viana 487, ASE). E. *Duguetia moricandiana* Mart., Fruto (Farney 2696, ASE). F. *Guatteria pogonopus* Mart., Fruto (Fiaschi 2896, SPF). G. *Xylopia frutescens* Aubl., Ramo com fruto (Landim 698, SPF). H. *Xylopia laevigata* (Mart.) R.E.Fr., Botão floral (Landim 568, SPF).

Árvores, arbustos ou subarbustos, eretos, raro prostrados (*Ilex prostrata*), dioicos. Folhas alternas, simples, geralmente estipuladas, margem não raro crenada, crenulada, serreada ou denticulada; nervação broquidódroma ou semi-craspedódroma. Inflorescências axilares ou extra-axilares, fascículos, dicásios, tirsos, racemos ou outros tipos, dimorfismo sexual comum. Flores unissexuadas por aborto, diclamídeas, heteroclamídeas, 4-6-meras, actinomorfas, gamossépalas, pétalas alvas, unidas na base, alternas aos lobos do cálice; flores estaminadas com pistilódio, androceu isostêmone, estames livres, alternipétalos, adnatos à base das pétalas; flores pistiladas com estaminódios, ovário globoso até cônico, súpero, sincárpico, carpelos 4-6, lóculos 4-6, óvulos 1 por lóculo, pendentes, placentação axial, estigma (sub)séssil, persistente no fruto. Fruto drupa, globosa a cônica, sulcada, rugosa ou lisa; sementes 4-6, envolvidas pelo endocarpo coriáceo, formando pirenos.

Família com apenas um gênero, *Ilex*, com mais de 500 espécies (Groppo 2007), ca. 300 na América Tropical (Loizeau & Spichiger 2004), em áreas tropicais e temperadas de todo o mundo – este número inclui as espécies de *Nemopanthus*, incluídas em *Ilex* após estudos de Powell *et al.* (2000). No Brasil ocorrem 63 espécies (Groppo 2014), em diferentes tipos de vegetação. Em Sergipe são encontradas duas espécies, ambas com folhas de margem crenada, as duas constituindo as primeiras referências para o estado.

A descrição da família foi baseada em Reissek (1861), Loesener (1901), Edwin & Reitz (1967) Andrews (1985), Giberti (1994), Groppo (2003; 2009) e Groppo & Pirani (2002; 2003; 2005).

Chave para identificação das espécies de *Ilex* de Sergipe

1. Inflorescências em diplotirsoides ou diplotirsos bracteosos alongados (eixo principal 4,5-6cm compr.), os estaminados com inflorescências parciais em dicásios 3-floros, os pistilados com inflorescências parciais em dicásios geralmente reduzidos a 1 flor, simulando “fascículos de racemos”; plantas associadas a margens de cursos d’água ou áreas banhadas **1. *I. affinis***
- 1'. Inflorescências variáveis, geralmente em tirsos bracteosos contraídos ou curtos (eixo 0,1-2cm compr. cm), os pistilados com inflorescências parciais em dicásios 3-floros (simulando “fascículos de dicásios”), os estaminados com inflorescências parciais em dicásios geralmente reduzidos a uma flor (simulando fascículos ou racemos curtos nas inflorescências) **2. *I. dumosa***

¹Universidade de São Paulo, Departamento de Biologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Av. Bandeirantes, 3900. CEP 14040-901, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. groppo@ffclrp.usp.br

1. *Ilex affinis* Gardner, Hooker's Icon Pl. 5, tab. 465. 1842.

Fig. 1 A-B.

Árvore 7m; ramos pubérulos, eretos. Folhas pecioladas, patentes; lâmina coriácea, eglandulosa ou com glândulas punctiformes escuras esparsas na face abaxial (mais evidentes no material herborizado), 6,5-9x2,9-3,5cm, glabra a levemente pubescente sobre a nervura principal da face abaxial, oboval a oblanceolada, ápice agudo, obtuso ou emarginado, margem crenada, crenas terminando em apículo enegrecido, base aguda; pecíolo glabro ou com tricomas longos, esbranquiçados, (3-)8-13mm compr. Inflorescências em diplotirsoídes ou diplotirsos bracteosos alongados (eixo principal 4,5-6cm compr.), os estaminados com inflorescências parciais em dicásios 3-floros, os pistilados com inflorescências parciais em dicásios geralmente reduzidos a 1 flor, simulando "fascículos de racemos". Flores 4(5-6)-meras, ca. 4mm diâm.; lobos do cálice arredondados; pétalas obovais, c. 1,5 mm compr.; pedicelo 1-2mm compr. Drupa globosa, lisa, 3-4mm diâm., vinácea a enegrecida; pirenos (2-3)4(-6).

Comentários: *Ilex affinis* ocorre em Sergipe (primeira referência), Bahia, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Distrito Federal, Minas Gerais e no interior de São Paulo até o norte do Paraná (Groppo 2014), nos domínios da Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica. Ocorre também no Paraguai (Giberti 1994; Groppo & Pirani 2005). A espécie é coletada em matas de galeria, brejos de buritis e matas semi-decíduas, ocasionalmente em áreas dominadas por cerrado, ou ainda campos rupestres (Groppo & Pirani 2005), mas quase sempre associada a margens de cursos d'água ou áreas brejosas. Em Sergipe foi coletada uma única vez, no Parque Nacional Serra de Itabaiana, em margem de rio em área de campo rupestre. Flores em dezembro. As características dos frutos foram descritas com base em espécimes coletados em outros estados.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, XII/2010, fl. est., M.A. Farinaccio et al. 759 (ASE, SPFR).

Material adicional examinado: **BRASIL. Minas Gerais:** Jaboticatubas, V/1991, fl pist., R. Simão-Bianchini & S. Bianchini CFSC12722 (NY, SP, SPF); Santana do Riacho, I/1987, fl. J.R. Stehmann 927 (BHCB); III/1991, fr. J.R. Pirani et al. CFSC12011 (CTES, K, MBM, SPF).

2. *Ilex dumosa* Reissek, in Mart., Fl. bras. 11(1): 64. 1861.

Fig. 1 C-D.

Arbustos ou árvores até 8m alt., ramos glabros ou pubescentes, eretos. Folhas pecioladas, patentes; lâmina coriácea, com glândulas punctiformes escuras abundantes na face abaxial (mais evidentes no material herborizado), 4,5-7,5x2,5-3,4cm, glabra ou pubérula na base e face abaxial, elíptica ou oboval, ápice agudo ou obtuso, margem crenada no 1/3(-2/3) distal, crenas terminando em apículo enegrecido, base atenuada ou aguda; pecíolo glabro ou pubescente, 4-8(-10)mm compr. Inflorescências variáveis, geralmente em

tirsos bracteosos contraídos ou curtos (eixo principal 0,1-2cm compr.) com ápice proliferante ou não, os estaminados com inflorescências parciais em dicásios 3-floros (simulando “fascículos de dicásios” nas inflorescências contraídas com ápice não proliferante ou dicásios na base de ramos jovens em inflorescências com ápice proliferante), os pistilados com inflorescências parciais em dicásios geralmente reduzidos a uma flor (simulando fascículos ou racemos curtos nas inflorescências com ápice não proliferante ou flores solitárias na base de ramos jovens em inflorescências com ápice proliferante). Flores 4-meras, 3-4mm diâm.; lobos do cálice arredondados; pétalas obovais, c. 1,5 mm compr.; pedicelo 2-3mm compr. Drupa globosa, lisa, 3-4mm diâm., enegrecida; pirenos (2-3)4.

Comentários: Espécie distribuída em Sergipe (primeira referência), Bahia, Mato Grosso, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, e nos estados da Região Sul (Groppo 2014), além de oeste do Paraguai (Giberti 1994), nos mais variados ambientes: restingas, campos, campos rupestres, matas ciliares, topos de morros, bordas ou interiores de matas, nesse caso desenvolvendo-se sob a forma de árvore alta. Em Sergipe foi coletada no Serra de Itabaiana (município de Itabaiana), em área de campos rupestres, com flores em janeiro e dezembro e frutos em janeiro. As características das flores foram descritas com base em espécimes coletados em outros estados.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, I/1983, fr., *E.M. Carneiro* 474 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Minas Gerais:** Jaboticatubas, XII/1973, fl. est., *J. Semir & D.A. Lima* CFSC4873 (SP); Santana do Riacho, XI/1984, fl. pist., fr., *H. Longhi-Wagner et al.* CFCR6023 (SPF).

Referências Bibliográficas

Andrews, S. 1985. A checklist of Aquifoliaceae of Bahia. **Rodriguésia** 37(63): 34-44.

Edwin, G. & Reitz, R. 1967. Aquifoliáceas. In: R. Reitz (ed.) **Flora Ilustrada Catarinense**. Herbário Barbosa Rodrigues. Itajaí.

Giberti, G.C. 1994. Aquifoliaceae. In: R. Spichiger & L. Ramella (eds.) **Flora del Paraguay** 24. Missouri Botanical Garden/Conservatoire et Jardin Botaniques de la Ville de Genève.

Groppo, M. 2003. Aquifoliaceae. In: T.B. Cavalcanti & A.E. Ramos (orgs.) **Flora do Distrito Federal**, Brasília, Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, V.3, p 51-62.

Groppo, M. 2007. A new species of *Ilex* (Aquifoliaceae) from Espinhaço Range. **Botanical Journal of the Linnean Society** 155: 153-156.

Groppo, M. 2009. Neotropical Aquifoliaceae. In: W. Milliken, B. Klitgård & A. Baracat (2009 onwards), **Neotropikey - Interactive key and information resources for flowering plants of the Neotropics**. <<http://www.kew.org/science/tropamerica/neotropikey/families/Aquifoliaceae.htm>> (Acessado em: 05 Agosto 2014).

Groppo, M. 2014. Aquifoliaceae In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB50>> (Acessado em: 03 Agosto 2014).

Groppo, M. & Pirani, J.R. 2002. Aquifoliaceae. In: M.G.L. Wanderley, G.J. Shepherd, A.M. Giulietti (coords.). **Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo**. São Paulo, Fapesp/HUCITEC, Vol. 2. p31-37.

Groppo, M. & Pirani, J.R. 2003. Flora de Grão-Mogol, Minas Gerais: Aquifoliaceae. **Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo** 21: 97-98.

Groppo, M. & Pirani, J.R. 2005. Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais: Aquifoliaceae. **Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo** 23: 257-265.

Loesener, T. 1901. Monographia Aquifoliacearum. **Nova Acta Academiae Caesareae Leopoldino-Carolinae Germanicae Naturae Curiosorum (Halle)** 78: 1-567.

Loizeau, P.-A. & Spichiger, R. 2004. Aquifoliaceae. In: N. Smith, S.A. Mori, A. Henderson, D.W. Stevenson & S.V. Heald (eds.) **Flowering Plants of the Neotropics**. Princeton University Press, Princeton and Oxford, p. 26-27.

Powell, M., Savolainen, V., Cuénoud, P., Manen J.-F. & Andrews, S. 2000. The mountain holly (*Nemophantus mucronatus*) revised with molecular data. **Kew Bulletin** 55: 341-347.

Reissek, S. 1861. Illicineae. In: C.P.F. Martius & A.W. Eichler (eds.) **Flora brasiliensis**. Monachii, Typographia Regia Monachii, Vol.11, pars 1, p. 37-80.

Lista de Exsicatas

Araújo, D. 1964 (2); **Carneiro, E.M.** 474 (2); **Carvalho, A.C.** s.n (ASE 215); **Farinaccio, M.A.** 759 (1); **Longhi-Wagner, H.** CFCR6023 (2); **Pirani, J.R.** CFSC12011 (1); **Semir, J.** CFSC4873 (2); **Simão-Bianchini, R.** CFSC12722 (1); **Stehmann, J.R.** 927 (1); **Viana, G.** 253 (2).

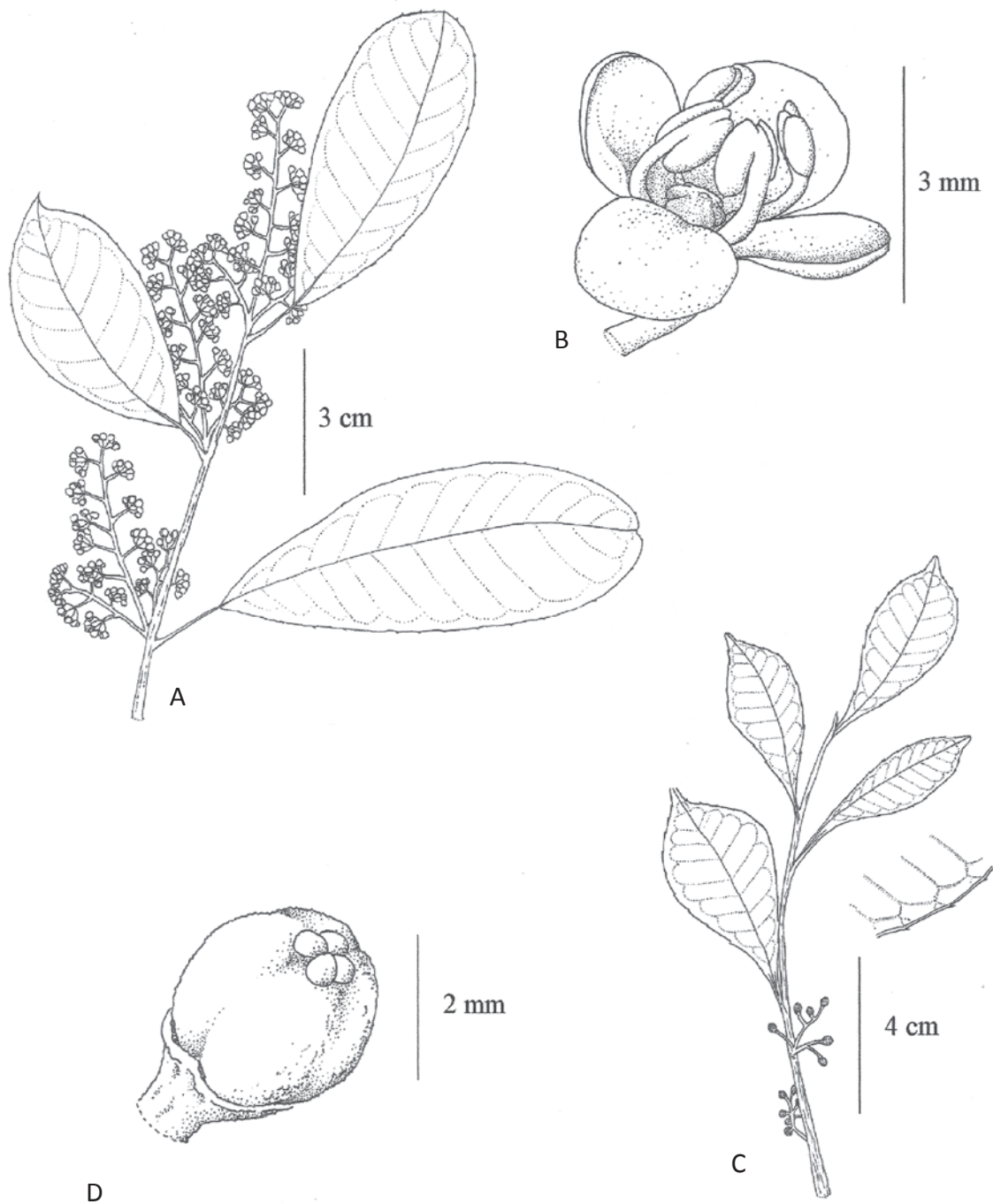


Figura 1. A-B. *Ilex affinis* Gardner. A. Ramo com flores; B. Flor estaminada (M.A. Farinaccio 759, SPFR). C-D. *Ilex dumosa* Reissek. C. Ramo com frutos, com detalhe da margem foliar; D. Fruto (E.M. Carneiro 474, ASE).

ARALIACEAE

Pedro Fiaschi¹

Ervas estoloníferas, arbustos ou árvores, às vezes hemiepifíticos, glabros ou indumentados. Folhas alternas espiraladas, simples, palmatilobadas, composto-pinadas ou composto-digitadas, pecioladas, geralmente com estípula intrapeciolar adnata ao pecíolo. Inflorescência terminal, pseudolateral ou opositifólia, simples ou composta, com flores geralmente agrupadas em umbelas ou capítulos. Flores geralmente bissexuadas, actinomorfas, diclamídeas, epíginas, geralmente 5-meras; hipanto cupuliforme, lacínias do cálice pouco evidentes, reduzidas a pequenos dentes; pétalas geralmente 5, livres entre si, valvares ou ligeiramente imbricadas, caducas; androceu isostêmone, estames alternos às pétalas, anteras rimosas; disco anular intraestaminal, epigínico; ovário geralmente ínfero, carpelos 2-10(-muitos), lóculos tantos quanto os carpelos, óvulos solitários, apical-axilares, pêndulos, anátropos, unitegumentados, crassinucelados a tenuinucelados, estiletos livres ou conatos em coluna confluyente com o disco. Fruto drupa, raro baga; embrião pequeno, endosperma copioso, uniforme ou diversamente ruminado.

Araliaceae possui ca. 50 gêneros e 1.650 espécies distribuídas em regiões tropicais e subtropicais, especialmente em áreas montanhosas das Américas Central e do Sul, Sudeste da Ásia e nas Ilhas do Pacífico (Frodin 2004, Frodin & Govaerts 2003, publ. 2004). Dos cinco gêneros e 91 espécies da família que ocorrem no Brasil (Fiaschi 2014), apenas dois gêneros e quatro espécies foram encontrados no estado de Sergipe: *Hydrocotyle* L., com *Hydrocotyle bonariensis* Lam. e *Hydrocotyle leucocephala* Cham. & Schltdl. e *Schefflera* J.R. Forst. & G. Forst, com *Schefflera macrocarpa* (Cham. & Schltdl.) Frodin e *Schefflera morototoni* (Aubl.) Maguire, Steyermark & Frodin. Apesar de tradicionalmente tratado como parte de Apiaceae, *Hydrocotyle* pertence às Araliaceae devido a inúmeras evidências morfológicas e moleculares (e.g., Plunkett *et al.* 1997, Chandler & Plunkett 2004). A ocorrência de *Dendropanax cuneatus* (DC.) Decne. & Planch. é provável em Sergipe, pois ocorre na Mata Atlântica do Rio Grande do Sul até a Bahia (Fiaschi 2014); entretanto, a espécie ainda não foi coletada no Estado.

Chave para identificação dos gêneros de **Araliaceae** de Sergipe

1. Ervas estoloníferas; folhas simples, peltadas (pecíolo inserido no meio da lâmina) ou com base profundamente lobada **1. *Hydrocotyle***
- 1'. Árvores; folhas composto-digitadas, folíolos com base arredondada, truncada ou ligeiramente cordada **2. *Schefflera***

¹Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Botânica, Centro de Ciências Biológicas, Campus Universitário, Trindade. CEP: 88040-900, Florianópolis, SC, Brasil. pedrofiaschi@gmail.com

1. *Hydrocotyle* L.

Ervas perenes, glabras ou pubescentes; caule estolonífero, rasteiro ou subterrâneo. Folhas alternas, simples, peltadas ou não, actinódromas, margem inteira, angulada ou lobada; estípulas 2, laminares, glabras. Inflorescência umbela simples ou prolífera, às vezes espiga, opositifólia, pedúnculo curto ou longo; pedicelos delgados, com involúcro de brácteas na base. Flores alvas, esverdeadas, amareladas ou purpúreas; cálice rudimentar ou com lobos diminutos; pétalas triangulares, ovais ou lanceoladas, horizontais ou reflexas. Frutos glabros ou pubescentes, achatados lateralmente, orbiculares, reniformes ou elípticos, com costas pronunciadas ou ausentes.

Chave para identificação das espécies de *Hydrocotyle* de Sergipe

1. Folhas peltadas; inflorescência umbela prolífera, ramos terminais com flores em verticilos múltiplos **1.1. *Hydrocotyle bonariensis***
1'. Folhas com pecíolo inserido na base; inflorescência umbela simples
..... **1.2. *Hydrocotyle leucocephala***

1.1. *Hydrocotyle bonariensis* Lam., Encycl. 3(1): 153. 1789.

Fig. 1. A-C.

Ervas estoloníferas, ca. 40 cm alt.; caule glabro. Folhas com pecíolo até ca. 29 cm compr., glabro, inserido no meio da lâmina (folhas peltadas); lâmina ca. 4,2 × 4,7 cm, suborbicular, glabra, margem crenulada. Inflorescência lateral, maior que a folha adjacente, ca. 36,5 cm compr.; pedúnculo ca. 29,5 cm compr., terminado em verticilo de flores, do qual partem 3 ramos com flores em 4-5 verticilos acessórios, acropetamente cada vez mais próximos. Flores com bractéolas ca. 1,5 × 0,7 mm, ovadas; pedicelo até ca. 1,5 mm compr.; cálice rudimentar, pétalas ca. 0,9 × 0,7 mm, largamente ovadas, glabras; estames com filete ca. 0,5 mm compr., antera ca. 0,3 × 0,3 mm, circular; disco plano, bastante saliente; estiletos 2, ca. 0,7 mm compr., ligeiramente divergentes, glabros; ovário ca. 0,8 × 1 mm. Frutos 2-2,5 × 3-3,5 mm, com 2 costas laterais salientes, glabros, superfície com canais resiníferos amarelados; estiletos 2, persistentes, menores que a metade do fruto, estigma capitado.

Comentários: *Hydrocotyle bonariensis* é muito comum ao longo do litoral brasileiro (do Ceará ao Rio Grande do Sul), onde ocorre predominantemente sobre restingas e dunas em praias arenosas (Corrêa & Pirani 2005). Coletada no estado de Sergipe com frutos em janeiro, agosto e outubro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, I/2012, fr., *E.V.S. Oliveira 1* (ASE, FLOR); Pirambu, VIII/2012, fr., *E.V.S. Oliveira & E.S. Ferreira 87* (ASE); São Cristóvão, VIII/1983, fr., *E. Gomes 285* (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Santa Catarina:** Florianópolis, Praia do Jurerê, X/1964, fl., fr., *R.M. Klein et al. 5942* (FLOR).

1.2. *Hydrocotyle leucocephala* Cham. & Schltndl., Linnaea 1(3): 264. 1826.

Fig. 1. D-F.

Ervas estoloníferas, ca. 20 cm alt.; caule glabro. Folhas com pecíolo 2,5-14 cm compr., pubescente no ápice, glabro na base, inserido na base da lâmina (folhas paleáceas); lâmina 1,6-2,7 × 3,9-5,7 cm, reniforme, esparsamente pubescente na face adaxial, glabrescente na abaxial, margem crenulada. Inflorescência opositifólia, maior que a folha adjacente, ca. 6,5 cm compr.; pedúnculo 6-6,5 cm compr., terminado em umbela simples. Flores com bractéolas ca. 0,9 × 0,3 mm, lanceoladas; pedicelo 0,7-1 mm compr.; cálice indistinto, pétalas ca. 1 × 0,6 mm, elípticas, glabras; estames com filete 1,2-1,3 mm compr., antera ca. 0,3 × 0,3 mm, circular, ápice retuso; disco plano, saliente; estiletos 2, ca. 0,7 mm compr., ligeiramente divergentes, glabros; ovário ca. 0,8 × 1 mm. Frutos 1-1,2 × 1,3-1,4 mm, com 2 costas laterais salientes, glabros, superfície sem canais resiníferos; estiletos 2, persistentes, maiores que a metade do fruto, estigma capitado.

Comentários: *Hydrocotyle leucocephala* possui distribuição ampla no Brasil extra-amazônico, principalmente ao longo da Mata Atlântica do Ceará ao Rio Grande do Sul. Em Sergipe, a espécie foi coletada em capoeiras, com flores em abril, agosto e setembro, e frutos de agosto a outubro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Arauá, IX/1982, fl., *E. Gomes 127* (ASE); Areia Branca, IX/2011, *A.C.A.S. Santos et al. 85* (ASE); Lagarto, X/2009, *L.A.S. Santos et al. 32* (ASE); Laranjeiras, IX/2012, fl., fr., *L.A. Gomes et al. 786* (ASE, FLOR); Santa Luzia do Itanhy, VIII/2012, fl., fr., *L.A. Gomes et al. 578* (ASE, FLOR).

Material adicional examinado: **BRASIL. Santa Catarina:** Florianópolis, Campus da UFSC, 16/IX/2009, fl., fr., *G. Hassemmer 105* (FLOR).

2. *Schefflera* J.R.Forst. & G.Forst.

Árvores, arvoretas ou arbustos, glabros ou pubescentes. Folhas alternas, composto-digitadas, raro simples ou unifolioladas, penínervias, margem inteira ou ligeiramente lobada; estípulas formando lígula adnata ao pecíolo. Inflorescência terminal ou pseudolateral, muito ou pouco ramificada, unidades terminais geralmente umbelas, capítulos ou espigas; pedicelos bracteados na base. Flores esverdeadas, alvas, ou amareladas; cálice rudimentar ou com lobos diminutos; pétalas triangulares, ovais ou lanceoladas, eretas, horizontais ou reflexas; estames inflexos no botão; ovário geralmente 2-5-locular, estiletos livres ou unidos. Drupas geralmente glabrescentes, elipsoides ou obloides, às vezes achatadas lateralmente quando secas, estiletos persistentes, divergentes.

Chave para identificação das espécies de *Schefflera* de Sergipe

1. Foliólos com o ápice arredondado a emarginado, face abaxial ocráceo-vilosa
..... **2.1. *Schefflera macrocarpa***

1'. Folíolos com o ápice mucronado a longo-acuminado, face abaxial castanho a cinéreo-seríceo **2.2. *Schefflera morototoni***

2.1. *Schefflera macrocarpa* (Cham. & Schltld.) Frodin in Dubs, Prodrômus Florae Matogrossensis: 25. 1998.

Fig. 1. G-H.

Árvores 4-7 m alt. Folhas composto-digitadas, pecíolo ca. 12,5 cm compr., seríceo; folíolos 5-8(-10), o mediano maior que os demais; lâmina (do folíolo mediano) 8,5-13,2 × 5,8-7,6 cm, elíptica a ligeiramente obovada, base subcordada, margem inteira, lisa, ápice arredondado a emarginado, glabro na face adaxial, exceto junto a base da nervura principal, ocráceo-viloso na abaxial. Inflorescência terminal, passando a lateral, menor que as folhas adjacentes, 16,5-18 cm compr.; pedúnculo ca. 1 cm compr., 2 ramos principais 12,5-14,5 cm compr., ramos secundários até ca. 4,5 cm compr. Umbelas 8-11-floras. Flores com brácteas ca. 1 mm compr., triangulares; pedicelo 0,5-4 mm compr.; cálice indistinto, pétalas 3-3,3 × 1,8-2,2 mm, ovado-triangulares, glabrescentes na face abaxial; estames com filete ca. 0,8 mm compr., antera ca. 2 × 1,4 mm, ovada, mucronada; disco côncavo, incluso no hipanto; estiletos 2(-3), ca. 2 mm compr., eretos, glabros; ovário ca. 1,5 × 1,7 mm. Frutos 5-6 × 8,5-9,5 mm, sem costas laterais salientes, glabrescentes, superfície sem canais resiníferos; estiletos persistentes, menores que a metade do fruto, estigmas na face adaxial dos estiletos.

Comentários: *Schefflera macrocarpa* possui distribuição geográfica ampla no Cerrado, nos estados da Bahia, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, São Paulo, Sergipe e no Distrito Federal (Fiaschi & Pirani 2007). Em Sergipe, a espécie foi coletada em cerrados litorâneos, com flores de abril a julho e frutos em abril, setembro e outubro. Difere de *S. morototoni* pelas folhas com 5-8(-10) (vs. 10-11) folíolos, com o ápice arredondado a emarginado (vs. mucronado a longo-acuminado) e o indumento ocráceo-viloso (vs. castanho a cinéreo-seríceo) na face abaxial.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, XII/2007, st., J.E. Nascimento-Júnior 264 (ASE); Estância, VI/1976, fl., M. Ataíde et al. s.n. (ASE 370); Itabaiana, IV/1982, fl., fr., E.M. Carneiro 364 (ASE, FLOR); Lagarto, III/2007, st., Aderaldo et al. s.n. (ASE 10482); Santa Luzia do Itanhy, VI/1976, fl., A.C.C. Barreto s.n. (ASE 371).

2.2. *Schefflera morototoni* (Aubl.) Maguire, Steyermark & Frodin, Mem. New York Bot. Gard. 38: 51. 1984.

Nome popular: morototó, pé-de-galinha.

Fig. 1. I-K.

Árvores 6-10 m alt. Folhas composto-digitadas, pecíolo 14-36,5 cm compr., seríceo a glabrescente; folíolos 10-11, o mediano maior que os demais; lâmina (do folíolo mediano) 11-15,5 × 4-7,7 cm, elíptica a ligeiramente obovada, base truncada, margem

inteira, ondulada, ápice mucronado a longo-acuminado, glabro na face adaxial, castanho a cinéreo-seríceo na abaxial. Inflorescência terminal, passando a lateral, menor que as folhas adjacentes, 16,5-18 cm compr.; pedúnculo ca. 2,5 cm compr., 5 ramos principais 19,5-21,5 cm compr., ramos secundários 1,5-7,5 cm compr. Umbelas 10-40-floras. Flores com brácteas ca. 1 mm compr., triangulares; pedicelo 2-6 mm compr.; cálice denticulado, pétalas 2,3-2,5 x 0,9-1 mm, ovado-triangulares a lanceoladas, seríceas na face abaxial; estames com filete ca. 0,5 mm compr., antera ca. 1,7 x 0,8 mm, ovada, longo-acuminada; disco côncavo, incluso no hipanto; estiletos 2(-3), ca. 1,7 mm compr., eretos, com longos tricomas malpighiáceos, ovário ca. 2 x 2,4 mm. Frutos ca. 5-6 x 8,5-9,5 mm, sem costas laterais salientes, glabrescentes, superfície sem canais resiníferos; estiletos persistentes, menores que a metade do fruto, estigmas na face adaxial dos estiletos.

Comentários: *Schefflera morototoni* é uma espécie amplamente distribuída na Região Neotropical (Fiaschi & Pirani 2008). No estado de Sergipe foi coletada na Mata Atlântica, com flores de agosto a outubro, e frutos em janeiro e abril. Caracteriza-se por possuir inflorescências geralmente terminais (passando a pseudolaterais na frutificação), folíolos com lâmina castanha a cinéreo-seríceo na face abaxial e flores com tricomas esparsos nos estiletos.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, XI/2009, st., J.S. Lima 132 (ASE); Capela, IV/2013, fr., L.A. Gomes et al. 1035 (ASE, FLOR); Itabaiana, IX/1998, st., A. Vicente 164 (ASE, FLOR); Malhador, VIII/2000, fl., G. Viana 59 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, IX/1995, fl., M. Landim 564 (ASE, FLOR); São Cristóvão, I/2011, fr., M.J. Magalhães s.n. (ASE 27714).

Referências Bibliográficas

- Chandler, G.T. & Plunkett, G.M. 2004. Evolution in Apiales: nuclear and chloroplast markers together in (almost) perfect harmony. **Botanical Journal of the Linnean Society** **144**: 123-147.
- Corrêa, I.P. & Pirani, J.P. 2005. Apiaceae. In: M.G.L. Wanderley, G.J. Shepherd, T.S. Melhem & A.M. Giuliatti (Eds.) **Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo**. São Paulo, FAPESP. Vol. 4, p. 11-34.
- Fiaschi, P. Araliaceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB52>> (Acesso em: 14 Fevereiro 2014).
- Fiaschi, P. & Pirani, J.R. 2007. Estudo taxonômico do gênero *Schefflera* J.R.Forst. & G.Forst. (Araliaceae) na região Sudeste do Brasil. **Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo** **25**: 95-142.
- Fiaschi, P. & Pirani, J.R. 2008. Padrões de distribuição geográfica das espécies de *Schefflera* J.R.Forst. & G.Forst. (Araliaceae) do Brasil extra-amazônico. **Revista Brasileira de Botânica** **31**: 633-644.
- Frodin, D.G. 2004. Araliaceae. In: N. Smith, S.A. Mori, A. Henderson, D.W. Stevenson & S.V. Heald (Eds.). **Flowering plants of the Neotropics**. Princeton, Princeton University Press, p. 28-31.
- Frodin, D.G. & Govaerts, R. 2003 (publ. 2004). **World checklist and bibliography of Araliaceae**. Kew, The Royal Botanic Gardens, 444p.
- Plunkett, G.M., Soltis, D.E. & Soltis, P.S. 1997. Clarification of the relationship between Apiaceae and Araliaceae based on *matK* and *rbcl* sequence data. **American Journal of Botany** **84**: 565-580.

Lista de Exsicatas

Aderaldo s.n. ASE 10482 (2.1); **Ataíde, M.** s.n. ASE 370 (2.1); **Barreto, A.C.C.** s.n. ASE 371 (2.1); **Carneiro, E.M.** 364 (2.1); **Córdula, E.** 157 (2.1); **Deda, R.M.** 153 (1.2); **Gomes, E.** 127 (1.2), 285 (1.1); **Gomes, L.A.** 578 (1.2), 786 (1.2), 1035 (2.2); **Hassemer, G.** 105 (1.2); **Klein, R.M.** 5942 (1.1); **Landim, M.** 564 (2.2); **Lima, J.S.** 132 (2.2); **Magalhães, M.J.** s.n. ASE 27714 (2.2); **Menezes, I.R.N.** 224 (1.1); **Nascimento-Júnior, J.E.** 264 (2.1); **Nascimento, M.** 11 (2.1); **Oliveira, E.V.S.** 1 (1.1), 87 (1.1); **Sant'Ana, S.C.** 387 (2.2); **Santos, A.C.A.S.** 85 (1.2); **Santos, L.A.S.** 32 (1.2); **Viana, G.** 59 (2.2), 1179 (2.1), 1265 (2.1); **Vicente, A.** 164 (2.2).

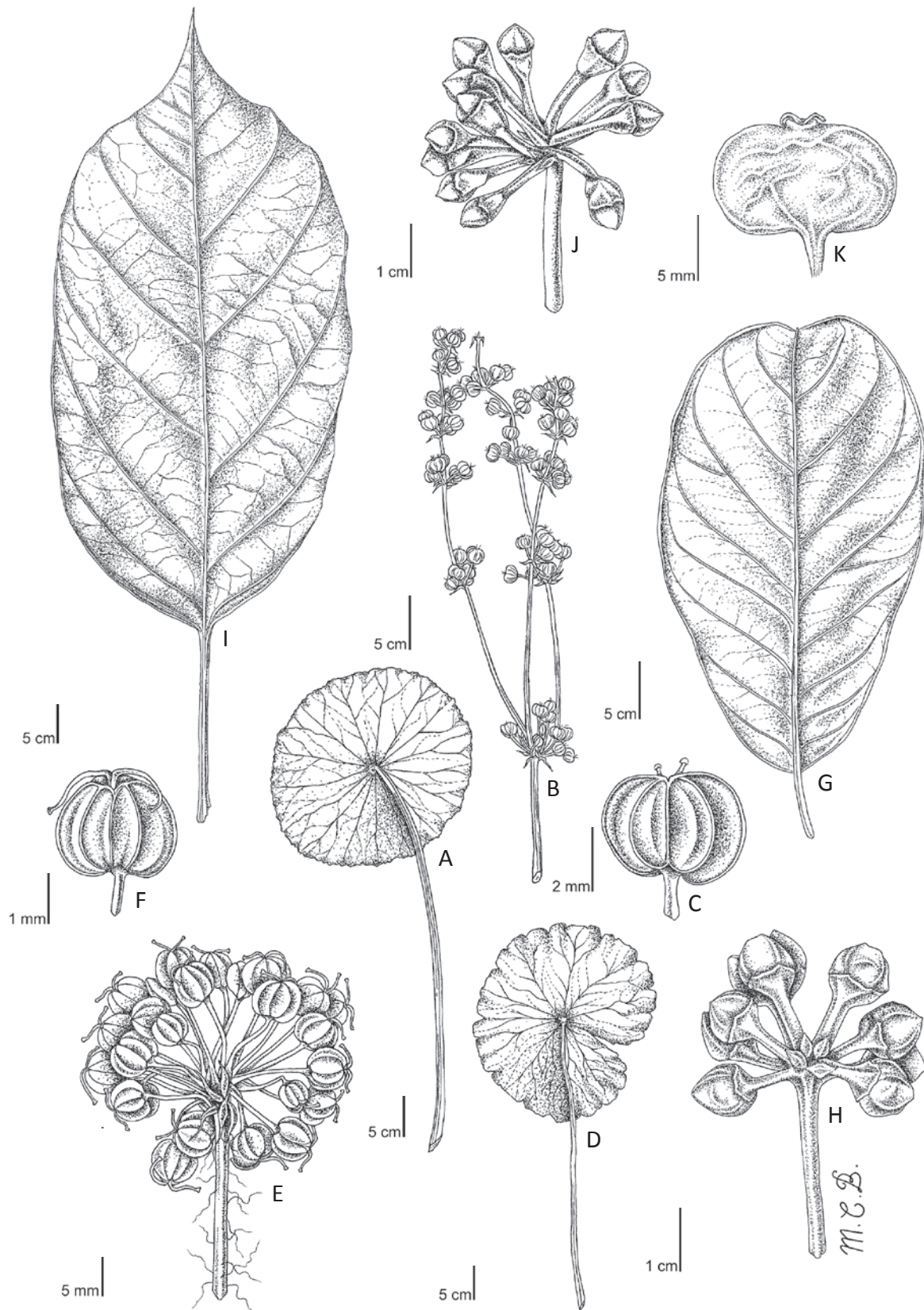


Figura 1. A-C. *Hydrocotyle bonariensis* Lam. A. Folha, face abaxial; B. Detalhe da infrutescência; C. Fruto, vista lateral (E.V.S. Oliveira 1, ASE). D-F. *Hydrocotyle leucocephala* Cham. & Schltldl. D. Folha, face abaxial; E. Infrutescência; F. Fruto, vista lateral (L.A. Gomes 786, ASE). G-H. *Schefflera macrocarpa* (Cham. & Schltldl.) Frodin. G. Foliólo mediano, face abaxial (A.C.C. Barreto s.n. ASE 371); H. Umbela, vista lateral (E.M. Carneiro 364, ASE). I-K. *Schefflera morototoni* (Aubl.) Maguire, Steyermark & Frodin. I. Foliólo mediano, face abaxial; J. Umbela, vista lateral (M. Landim 564, FLOR); K. Fruto, vista lateral. (L.A. Gomes 1035, ASE).

BEGONIACEAE

Rainan Matos Déda¹
Bernarda de Souza Gregório²
Ana Paula do Nascimento Prata¹

1. *Begonia* L.

Subarbustos, ramos glabriúsculos a pubescentes. Caule carnoso, ereto, com nós bem marcados. Estípulas triangulares ou ovadas, persistentes ou caducas. Folhas simples, alternas, inteiras ou lobadas, assimétricas, basifixas, margens geralmente serradas; venação actinódroma, craspedódroma ou eucamptódroma. Inflorescências cimosas, axilares, pauci a multifloras. Flores diclinas, tépalas petaloides, livres, alvas ou róseas; flores estaminadas com 2 ou 4 tépalas, actinomorfas; estames 26-60, amarelos, filetes livres, anteras rimosas; flores pistiladas com 5 tépalas, zigomorfas; estiletos 3, bipartidos; ovário ínfero, 3-locular, 3-alado, placentação axilar, placentas inteiras ou bipartidas. Fruto cápsulas loculicida, 3-alado, alas desiguais. Sementes diminutas, oblongas.

Begoniaceae possui ca. 1.500 espécies incluídas em dois gêneros: *Hillebrandia* Oliv., monotípico representado pela espécie *Hillebrandia sandwicensis* Oliv., endêmica do arquipélago do Havaí, e *Begonia* L., com distribuição pantropical. A maior diversidade da família é encontrada na região Neotropical e na Ásia, principalmente em formações florestais (Neale *et al.*, 2006). O Brasil está representado por 213 espécies, sendo 186 endêmicas (Jacques, 2014). Ocorrem em todas as fitofisionomias, com exceção dos manguezais (Jacques & Mamede, 2005), e o centro de diversidade encontra-se na Mata Atlântica (Jacques & Mamede, 2004). Em Sergipe, foram registradas três espécies encontradas frequentemente no interior de matas e em afloramentos rochosos, com preferência por lugares sombreados e úmidos. A forma da lâmina foliar é muito variável, tendo sido determinante na identificação e delimitação das espécies.

Chave para identificação das espécies de *Begonia* de Sergipe

1. Folhas com lâmina irregularmente lobada; flores estaminadas com as duas tépalas externas obovadas **1.1. *B. reniformis***
- 1'. Folhas com lâmina inteira; flores estaminadas com as duas tépalas externas transversalmente elípticas ou ovadas 2

¹Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Biologia, Laboratório de Sistemática Vegetal, Cidade Universitária Professor José Aloísio de Campos, Jardim Rosa Elze, CEP: 49100-000, São Cristóvão, Sergipe. rainandeda@hotmail.com; aprata@yahoo.com.br

²Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Botânica, Av. Transnordestina, s/n, Novo Horizonte, 44036-900, Feira de Santana, Bahia. bernardasogreg@hotmail.com

2. Ramos glabriúsculos a glabros; flores estaminadas com 4 tépalas, sendo as duas externas transversalmente elípticas **1.2. *B. saxicola***
 2'. Ramos pubescentes; flores estaminadas com 2 tépalas, sendo estas ovadas
 **1.3. *B. ulmifolia***

1.1. *Begonia reniformis* Dryand., Trans. Linn. Soc. London 1: 161; pl. 14, fig. 1-2. 1791.

Begonia vitifolia Schott in Sprengel, Syst. Veg. 4(2): 407. 1827;

Begonia longipes Hook., Bot. Mag. 57: pl. 3001. 1830.

Nome popular: cansaço-de-mocó

Subarbustos, 0,7-1,6 m alt., ramos pubescentes, tricomas simples. Caule ereto; entrenós 1,4-5 cm compr. Estípulas 1-2,5 cm compr., ovadas, caducas. Folhas com pecíolo 2,3-8 cm compr.; lâmina 5-19,5 x 11,7-14,3 cm, irregularmente lobada, transversalmente elíptica, ápice acuminado, base cordada, margem serreada, glândulas ausentes no ápice dos dentes; nervação actinódroma; 6-7 nervuras na base. Cimeiras 16-44,5 cm compr.; pedúnculo 9,5-25,5 cm compr., pubescente; brácteas de primeira ordem 1-3,4 mm compr., triangulares, opostas, caducas a persistentes. Flores estaminadas com pedicelo 4,9-8,6 mm compr.; tépalas 4, alvas, desiguais, as externas 4,7-6 x 4,5-5,5 mm, obovadas, pilosas na face abaxial; as internas 4-5 x 1,5-2 mm, elípticas, glabras; estames 26-31. Flores pistiladas com pedicelo 8-16 mm compr.; tépalas 5, 6-6,2 x 1,7-2,9 mm, elípticas, glabras, alvas; estiletos 2-2,2 mm compr., unidos na base, persistentes no fruto; ovário com placentas inteiras. Cápsulas 0,6-1,1 x 1-1,8 cm, alas desiguais. Sementes oblongas.

Comentários: *Begonia reniformis* ocorre no Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Goiás, Distrito Federal, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo (Smith *et al.*, 1986), em Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Jacques, 2014). No estado de Sergipe foi registrada crescendo em afloramentos rochosos do domínio da Caatinga. Esta espécie pode ser facilmente reconhecida pelas lâminas foliares irregularmente lobadas, transversalmente elípticas, e pelas flores estaminadas com tépalas externas obovadas. Floração e frutificação de agosto a novembro. Ilustração em Jacques (1999).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Frei Paulo, IX/1981, fl. fr., *G. Viana 144* (ASE); Itabaiana, IX/1998, fl., *A. Vicente 172* (ASE); Poço Redondo, IX/2009, fl., *W.J. Machado & J.B. Jesus 9* (ASE); Tobias Barreto, IX/2010, fr., *F.C. Nogueira-Júnior 11* (ASE).

1.2. *Begonia saxicola* A.DC., Ann. Sci. Nat., Bot., sér. 4, 11: 144. 1859.

Begonia pilderifolia C.DC. ex Huber, Bull. Herb. Boissier sér. 2, 1: 315. 1901;

Begonia heloisana Brade, Rodriguésia 9 (18): 32, tab. 5. 1945;

Begonia eglerti Brade, Arch. Jard. Bot. Rio de Janeiro 15: 38, tab. 6, fig. 12-20. 1957.

Fig: 1 A-C.

Subarbustos, 0,5-1 m alt., ramos glabriúsculos a glabros, tricomas glandulares curtos. Caule ereto; entrenós 10,5-14,3 cm compr. Estípulas 0,6-1 cm compr., triangulares, persistentes.

Folhas com pecíolo 1,1-2,9 cm compr.; lâmina 5,4-9,5 x 1,5-3,3 cm, inteira, elíptica, ápice agudo a acuminado, base aguda a assimétrica, margem serreada, glândulas presentes no ápice dos dentes; nervação eucamptódroma. Cimeiras 12-19,5 cm compr.; pedúnculo 8,8-12,7 cm compr., glabriúsculo; brácteas de primeira ordem 2-3,5 mm compr., lanceoladas, opostas, persistentes. Flores estaminadas com pedicelo 5-9 mm compr.; tépalas 4, alvas, desiguais, as externas 7-11,2 x 5-6,9 mm, transversalmente elípticas, glabriúsculas na face abaxial; as internas 3,2-3,5 x 1,7-2,1 mm, elípticas, glabras; estames 37. Flores pistiladas com pedicelo 7-9 mm compr.; tépalas 5, sendo duas maiores, 2-4 x 1,2-4 mm, elípticas a largamente ovadas, glabriúsculas na face abaxial, róseas; estiletos 1-2 mm compr., unidos na base, persistentes no fruto; ovário com placentas bipartidas. Cápsulas 1,2-1,3 x 1,2-1,6 cm, alas desiguais. Sementes oblongas.

Comentários: Endêmica do Brasil ocorre nos estados do Acre, Pará, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia, em Caatinga e Floresta Amazônica (Jacques, 2014), e trata-se de uma nova ocorrência para Sergipe. Em Sergipe foi registrada no domínio da Caatinga. Assemelha-se a *B. ulmifolia* pelo tipo de hábito, ramos angulosos e aspecto geral das folhas. Entretanto, *B. saxicola* é facilmente distinta daquela por apresentar indumento glabriúsculo a glabro (vs. pubescente); flores estaminadas com 4 tépalas (vs. 2); e flores pistiladas glabriúsculas na face abaxial (vs. pilosas). Foi encontrada com flores em agosto e setembro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, IX/1989, fl., Wellington & Adailton 4 (ASE); Poço Verde, VIII/2010, fl., E.V.R. Ferreira 152 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Feira de Santana, IX/1980, fl., fr., L.R. Noblick 2017 (HUEFS).

1.3. *Begonia ulmifolia* Willd., Sp. Pl. 4(1): 418. 1805.

Begonia dasycarpa A.DC., Ann. Sci. Nat., Bot., sér. 4, 11: 127. 1859;

Begonia jairii Brade, Arch. Jard. Bot. Rio de Janeiro 10: 135, tab. 5. 1950.

Fig: 1 D-H.

Subarbustos, 0,4-1 m alt., ramos pubescentes, tricomas simples. Caule ereto; entrenós 1,7-9 cm compr. Estípulas 0,6-1,3 cm compr., triangulares, persistentes. Folhas com pecíolo 0,6-1,2(-3,5) cm compr.; lâmina 3-13,5 x 1,4-3,9 cm, inteira, elíptica a elíptico-oblancheolada, ápice acuminado, base assimétrica, margem duplicado-serreada, glândulas presentes no ápice dos dentes; nervação craspedódroma. Cimeiras (3,5-)8,5-13,5 cm compr.; pedúnculo (2,4-)6,5-9 cm compr., pubescente; brácteas de primeira ordem 5,1-8,2 mm compr., estreitamente triangulares, opostas, persistentes. Flores estaminadas com pedicelo 3-6 mm compr.; tépalas 2, alvas, iguais, 6-7,1 x 5,2-7,3 mm, ovadas, pilosas na face abaxial; estames 60. Flores pistiladas com pedicelo 8-12 mm compr.; tépalas 5, sendo duas menores, 3,5-5 x 1,5-3,5 mm, ovadas, pilosas na face abaxial, alvas; estiletos 2-4,2 mm compr., unidos na base, persistentes no fruto; ovário com placentas bipartidas. Cápsulas 0,6-1,2 x 1,3-2 cm, alas desiguais. Sementes oblongas.

Comentários: No Brasil, esta espécie é encontrada nos estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro em Caatinga e Mata Atlântica (Jacques, 2014). Em Sergipe, foi coletada em bordas de mata. *Begonia ulmifolia* é caracterizada por ramos pubescentes; lâminas foliares com margens duplicado serreadas; flores estaminadas com 2 tépalas ovadas; e flores pistiladas pilosas na face abaxial. Floresce de agosto a novembro e frutifica de setembro a novembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Riachão do Dantas, XI/2012, fl. fr., R.M. Déda 191 (ASE); São Cristóvão, VIII/1986, fl., G. Viana 1636 (ASE).

Referências Bibliográficas

Jacques, E.L. 1999. Begoniaceae. Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais: Begoniaceae. **Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo** 18(1): 33-37.

Jacques, E.L. 2014. Begoniaceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB5562>> (Acessado em: 07 Julho 2014).

Jacques, E.L. & Mamede, M.C.H. 2004. Novelties in *Begonia* (Begoniaceae) from the coastal forests of Brazil. **Brittonia** 56(1): 75-81.

Jacques, E.L. & Mamede, M.C.H. 2005. Notas nomenclaturais em *Begonia* L. (Begoniaceae). **Revista Brasileira de Botânica** 28(3): 579-588.

Neale, S.; Goodall-Copespeak, W. & Kidner, C. 2006. The evolution of diversity in *Begonia*. In: J.A. Teixeira da Silva (ed.) **Floriculture, Ornamental and Plant Biotechnology: advances and topical issues**. Global Science Books, London, p. 606-611.

Smith, L.B.; Wasshausen, D.C.; Golding, J. & Karegeannes, C.E. 1986. Begoniaceae: Part. I: Illustrated Key. Part II: Annotated Species List. **Smithsonian Contributions to Botany** 60: 1-584.

Lista de Exsicatas

Almeida, M.N. 88 (1.3); **Costa S.M.C.** 642 (1.1); **Déda, R.M.** 191 (1.3); **Ferreira, E.V.R.** 152 (1.2); **Freire, G.S.** 130 (1.3); **Machado, W.J. & Jesus, J.B.** 9 (1.1), 655 (1.1), 740 (1.1), 780 (1.1); **Matos, G.M.A.** 319 (1.3); **Menezes, A.B.** 14 (1.3); **Noblick, L.R.** 2017 (1.2); **Nogueira-Júnior, F.C.** 11 (1.1); **Prata, A.P.** 1319 (1.1), 1321 (1.1); **Silva, A.C.** 66 (1.1); **Souza, C.L.** 4 (1.3); **Viana, G.** 144 (1.1), 1636 (1.3), 1661 (1.3), 2032 (1.3); **Vicente A.** 172 (1.1), 187 (1.1); **Wellington & Adailton** 4 (1.2).

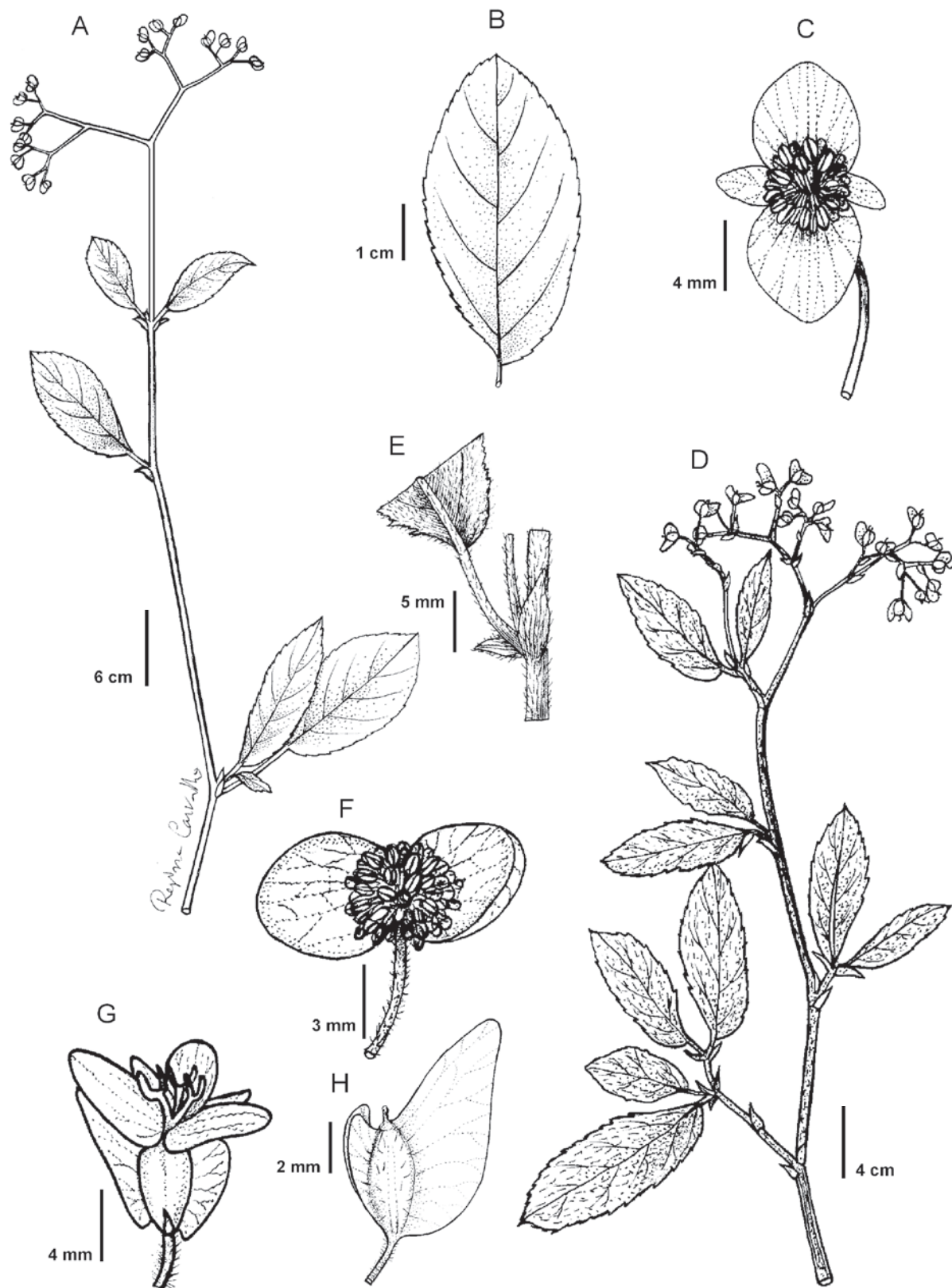


Figura 1. A-C. *Begonia saxicola* A.DC. A. Ramo florido; B. Folha; C. Flor estaminada (E.V.R. Ferreira 152, ASE). D-H. *Begonia ulmifolia* Willd. D. Ramo florido; E. Detalhe do indumento do pecíolo e das estípulas (G. Viana 1661, ASE); F. Flor estaminada (R.M. Déda 191, ASE); G. Flor pistilada; H. Cápsula (G. Viana 1661, ASE).

BLECHNACEAE

Augusto César Pessôa Santiago¹
Iva Carneiro Leão Barros²
Vinícius Antonio de Oliveira Dittrich³

Ervas terrícolas, rupícolas, hemiepífitas ou trepadeiras. Caule curto ou longo-reptante, trepador ou ereto, por vezes arborescente, escamoso. Folhas monomorfas, subdimorfas ou dimorfas, vermelhas quando jovens. Pecíolo contínuo com o caule, com 3 ou mais feixes vasculares. Lâminas foliares simples e inteiras a bipinadas. Raque sulcada adaxialmente, revestida por escamas ou não, raramente com tricomas ou glândulas. Pinas inteiras a serreadas, às vezes auriculadas, contínuas ou articuladas com a raque, adnatas à raque ou não, sésseis ou pecioluladas. Venação livre ou raro parcialmente anastomosante, sem nervuras livres incluídas nas aréolas, com nervuras coletoras em *Salpichlaena*. Soros abaxiais, lineares, adjacentes e paralelos à costa, cóstula ou à nervura mediana, sem paráfises. Indúcio linear, introrso. Esporângio com pedicelo de três fileiras de células, anel interrompido pelo pedicelo. Esporos monoletes, aclorofilados ou clorofilados (em *Blechnum nudum* (Labill.) Luer).

A família Blechnaceae possui distribuição cosmopolita, apresentando cerca de 250 espécies, distribuídas em nove gêneros, sendo *Blechnum* L. o mais rico, com aproximadamente 200 espécies, principalmente encontradas no Hemisfério Sul (Moran 1995; Mickel & Smith 2004; Smith 2010). No Brasil, a família está representada pelos gêneros *Blechnum*, com 29 espécies e *Salpichlaena* J. Sm., com duas espécies (Dittrich & Salino 2014). Os representantes de Blechnaceae do Brasil são facilmente reconhecidos pelos soros lineares alongados, em ambos os lados da costa, cóstula ou nervura mediana, com indúcio introrso (Dittrich *et al.* 2007). Em Sergipe foram registradas três espécies pertencentes ao gênero *Blechnum*, normalmente encontradas em áreas de Floresta Atlântica no Nordeste (obs. pessoal), sendo *B. serrulatum* Rich. também registrada em áreas do semiárido brasileiro (Xavier *et al.* 2012).

1. *Blechnum* L., Sp. Pl. 1077. 1753.

Ervas terrícolas, rupícolas ou hemiepífitas. Caule curto ou longo-reptante, decumbente ou ereto, ou escandente, por vezes arborescente, escamoso. Folhas monomorfas, subdimorfas ou dimorfas, crescimento determinado, vermelhas quando jovens. Pecíolo contínuo com o caule, com 3 ou mais feixes vasculares. Lâminas foliares inteiras a bipinadas,

¹Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, Núcleo de Biologia, 55608-680, Vitória de Santo Antão, PE, Brasil. augustosantiago@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Biológicas, Departamento de Botânica, 50670-901, Recife, PE, Brasil. ivaclb@gmail.com

³Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Biológicas, 36036-900, Juiz de Fora, MG, Brasil. vinarc@gmail.com

geralmente pinatissectas ou pinadas. Pinas inteiras a serreadas, nunca lobadas, contínuas ou articuladas à raque, sésseis ou pecioluladas. Venação livre ou parcialmente anastomosantes. Soros abaxiais, lineares, adjacentes e paralelos à costa, cóstula ou nervura mediana, sem paráfises. Indúcio linear, introrso. Esporângio com pedicelo de três fileiras de células, anel interrompido pelo pedicelo.

Chave para identificação das espécies de *Blechnum* de Sergipe

- 1 Folhas totalmente pinadas, pinas articuladas à raque **1.3. *B. serrulatum***
1' Folhas pinatissectas (ao menos na maior parte), pinas contínuas com a raque2
2 Pinas com margens serreadas, caule arborescente **1.1. *B. brasiliense***
2' Pinas com margens finamente denticuladas (aparentemente inteiras), caule ereto, não arborescente **1.2. *B. occidentale***

1.1. *Blechnum brasiliense* Desv., Ges. Naturf. Freunde Berlin Mag. Neuesten Entdeck. Gesammten Naturk. 5: 330. 1811.

Fig. 1 A.

Ervas terrícolas. Caule ereto, formando cáudice, com escamas nigrescentes, lineares. Folhas monomorfas. Pecíolo 0,2-31 cm compr. x 3-9 mm diâm., com escamas na base semelhantes às do caule, porém menores. Lâmina foliar 87,8-136,2 x 9,7-32 cm, pinada na base, pinatissecta na maior parte, elíptica a oblanceolada, base gradualmente reduzida, ápice pinatífido, cartácea. Raque glabra ou com escamas lineares, menores que a do caule, nigrescentes ou castanhas. Pinas 29-52 pares, 7-23,5 x 0,5-2,2 cm, ascendentes, totalmente adnatas à raque, lineares a triangulares ou ovais (basais), margem serreada, ápice acuminado a obtuso (basais). Venação livre, as nervuras indivisas a 1-bifurcadas, espessadas no ápice, terminando na margem.

Comentários: *Blechnum brasiliense* possui ampla distribuição geográfica na América do Sul e também ocorre na América Central (Guatemala) (Moran 1995). É uma espécie comum no Brasil, ocorrendo em todas as regiões, mas ainda não havia sido citada para Sergipe. Cresce geralmente em áreas de borda de mata, em trilhas, áreas antropizadas, beira de rio e por vezes em interior de mata em local sombreado, muitas vezes sendo associadas a locais encharcados (obs. pessoal). No estado de Sergipe foi coletada em área de Mata Atlântica, no interior da floresta, em margem de riacho com solo arenoso. *Blechnum brasiliense* se distingue das demais espécies monomorfas do gênero por apresentar hábito arborescente com folhas relativamente grandes, lâminas com base atenuada, pinas ascendentes com margem serreada e escamas do caule nigrescentes (Moran 1995).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, III/2011 L.A. Gomes et al. 95 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Pernambuco:** Bonito, IV/2001, F.C.L. Silva & E.A. Simabukuro 06 (UFP); Caruaru, XII/1986, I.C.L. Barros et al. s.n. (UFP 7296); Jaqueira, XI/2001,

M.S. Lopes & M.R. Pietrobom 657 (UFP); *Maraial, III/1994, A.M. Miranda et al. 1456* (UFP); *São Vicente Férrer, I/1999, L. Lima s.n.* (UFP 28343); *Timbaúba I/2001, M.R. Pietrobom 4777* (UFP).

1.2. *Blechnum occidentale* L., Sp. Pl. 1077. 1753.

Fig. 1 B.

Ervas terrícolas ou rupícolas. Caule ereto a decumbente, com escamas bicolores, linear-lanceoladas a estreitamente triangulares. Folhas monomorfas. Pecíolo 7-13 cm compr. x 1-1,5 mm diâm, com escamas, principalmente na base, concolores e estreitamente triangulares. Lâmina foliar 13-20 x 5,2-7,0 cm., pinada na base tornando-se pinatissecta em direção ao ápice, oval-lanceolada, lanceolada ou oval a deltóide, truncada na base, cartácea a subcoriácea, glabra ou com raros tricomas hialinos. Raque glabra ou com tricomas septados. Pinas 13-26 pares, 2-4 x 0,7-1,0 cm, reflexas ou patentes (as basais), patentes ou ascendentes (as medianas), ascendentes (as apicais), sésseis (as basais), parcialmente adnatas (as medianas) ou totalmente adnatas (as apicais), falcadas, o ápice agudo, cuneado ou mucronado, de margem aparentemente inteira (finamente denticulada), as basais livres e menores que as superiores, auriculadas acroscopicamente. Venação livre, nervuras indivisas a 1-4 bifurcadas, espessadas no ápice, terminando antes da margem.

Comentários: *Blechnum occidentale* ocorre desde os Estados Unidos até o norte da Argentina (Moran 1995; Dittrich *et al.* 2007). Também é amplamente distribuída no Brasil, ocorrendo em todas as regiões, porém ainda não havia sido citada para Sergipe. Ocorre nos mais diversos habitats, desde ambientes de borda de mata, como estradas, trilhas a ambiente no interior da floresta (Santiago *et al.* 2004). No Estado, a espécie foi coletada apenas no PARNA Serra de Itabaiana em área de mata. Esta espécie pode ser distinguida por apresentar ápice pinatífido, gradualmente reduzido, fronde lanceolada a deltóide e pinas proximais pouco ou não reduzidas e não adnatas.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, II/2010, *L.A.S Santos et al. 77* (ASE).

1.3. *Blechnum serrulatum* Rich., Actes Soc. Hist. Nat. Paris 1: 114. 1792.

Fig. 1 C-E.

Ervas terrícolas. Caule longo-reptante, subterrâneo, com escamas bicolores, atrocostadas, lanceoladas. Folhas monomorfas. Pecíolo 4,5-49 cm compr. x 2-4 mm diâm., glabro ou com escamas na base, semelhantes a do caule. Lâmina foliar 12-44 x 4-12 cm, pinada, oblonga a lanceolada, pina apical subconforme, menor que as laterais, truncada na base, cartácea a coriácea. Raque glabra ou com pequenas escamas, Pinas 14-25 pares, 2,5-7,5 x 0,9-1,5 cm, sésseis ou curto-pecioladas, articuladas à raque, oblongas a oblongo-lineares, margem serreada, ápice agudo-acuminado, com escamas concolores, oval-acuminadas na face abaxial da costa, menores que as do caule. Venação livre, nervuras indivisas a 1-3-bifurcadas, não espessadas no ápice, terminando na margem.

Comentários: *Blechnum serrulatum* é amplamente distribuída na região Neotropical, incluindo o sul dos Estados Unidos (Dittrich *et al.* 2007). No Brasil ocorre em todas as regiões, mas não havia sido citada para o estado de Sergipe, porém apresenta coletas desde as décadas de 70 e 80 registradas no ASE e no UFP. Ocorre com frequência em locais abertos na margem das florestas em áreas com intensa incidência solar, em margens de trilhas ou áreas antropizadas, normalmente associada a solos encharcados, sendo menos frequente em áreas florestadas (Santiago & Barros 2003; Santiago *et al.* 2004). Na área de estudo, foi registrada em áreas de Floresta Atlântica na borda da mata ou em clareiras e em áreas abertas com vegetação típica de Restinga ou mata ciliar, ocorrendo com frequência em solos arenosos com áreas periodicamente inundadas. Quando ocorre em ambientes onde recebe diretamente a incidência da luz solar, pode apresentar lâminas mais rígidas e também menores, em relação aos indivíduos que estão mais próximos à mata ou no interior destas (Santiago *et al.* 2014). Esta espécie pode ser distinguida pelas pinas articuladas à raque, característica exclusiva dentre as ocorrentes no Novo Mundo, pelo caule longo-reptante, subterrâneo e pelas pinas com margens serreadas (Moran 1995; Dittrich *et al.* 2007).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VII/2014, A. Santiago 1318 (ASE); Barra dos Coqueiros, XII/2011, J.E. Nascimento-Júnior *et al.* 1123 (ASE); Estância, XI/2012, D.A. Campos *et al.* 198 (ASE); Pirambu, IX/1978, M.R. Fonseca s.n. (ASE 00657); Santa Luzia do Itanh, A.P. Prata *et al.* 2270 (ASE); Santo Amaro das Brotas, XII/2008, J.E. Nascimento-Júnior & T.V.P. Dantas 517 (ASE); São Cristovão, III/2010, L.A.S. Santos *et al.* 123 (ASE).

Referências Bibliográficas

- Dittrich, V.A.O. & Salino, A. 2014. *Blechnaceae*. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB90784>> (Acesso em 04 Agosto 2014).
- Dittrich, V.A.O.; Heringer, G. & Salino, A. 2007. *Blechnaceae*. In: T.B. Cavalcanti & A.E. Ramos (org.). **Flora do Distrito Federal, Brasil**. Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, Brasília, 1ª ed., V.6, p. 91-108.
- Mickel, J.T. & Smith, A.R. 2004. **The Pteridophytes of Mexico**. *Memoirs of the New York Botanical Garden* 88: 1-1055.
- Moran, R.C. 1995. *Blechnaceae*. In: R.C. Moran & R. Riba (eds.). *Psilotaceae a Salviniaceae*. In: G. Davidse, M. Souza & S. Knapp (eds.). **Flora Mesoamericana** Universidad Nacional Autónoma de México, Ciudad de México, V.1, p. 325-333.
- Santiago, A.C.P. & Barros, I.C.L. 2003. Pteridoflora do Refúgio Ecológico Charles Darwin (Igarassu, Pernambuco, Brasil). **Acta Botanica Brasilica** 17(4): 597-604.
- Santiago, A.C.P.; Barros, I.C.L. & Sylvestre, L.S. 2004. Pteridófitas ocorrentes em três fragmentos florestais de um brejo de altitude (Bonito, Pernambuco, Brasil). **Acta Botanica Brasilica** 18(4): 781-792.
- Santiago, A.C.P.; Barros, I.C.L. & Dittrich, A.V.O. 2014. Samambaias e licófitas do estado de Pernambuco, Brasil: *Blechnaceae*. **Rodriguésia** 65(4): 861-869.
- Smith, A.R. 2010. Appendix A (Classification system of fern and lycophytes). In: K. Mehltrater, L.R. Walker & J.M. Sharp (eds.). **Fern ecology**. Cambridge University Press, New York, p. 379-385.
- Xavier, S.R.S.; Barros, I.C.L. & Santiago, A.C.P. 2012. Ferns and lycophytes in Brazil's semi-arid region. **Rodriguésia** 63(2): 483-488.

Lista de Exsicatas

Barros, I.C.L. s.n. UFP 7296 (1.1); **Campos, D.A.** 198 (1.3); **Costa, S.M.** 300 (1.3), 373 (1.3); **Fonseca, M.R.** s.n. ASE 00657 (1.3), s.n. ASE 00735 (1.3); **Gomes, L.A.** 95 (1.1), 1017 (1.3); **Lopes, M.S.** 657 (1.1); **Miranda, A.M.** 1456 (1.1); **Nascimento-Júnior, J.E.** 79 (1.3), 517 (1.3), 1123 (1.3); **Lima, L.** s.n. UFP 28343 (1.1); **Pietrobon, M.R.** 4777 (1.1); **Prata, A.P.** 2270 (1.3); **Santiago, A.** 1318 (1.3); **Santos, L.A.S** 77 (1.2), 123 (1.3); **Silva, F.C.L.** 06 (1.1); **Silva, G.N.** 28 (1.3); **Viana, G.** 1813 (1.3).

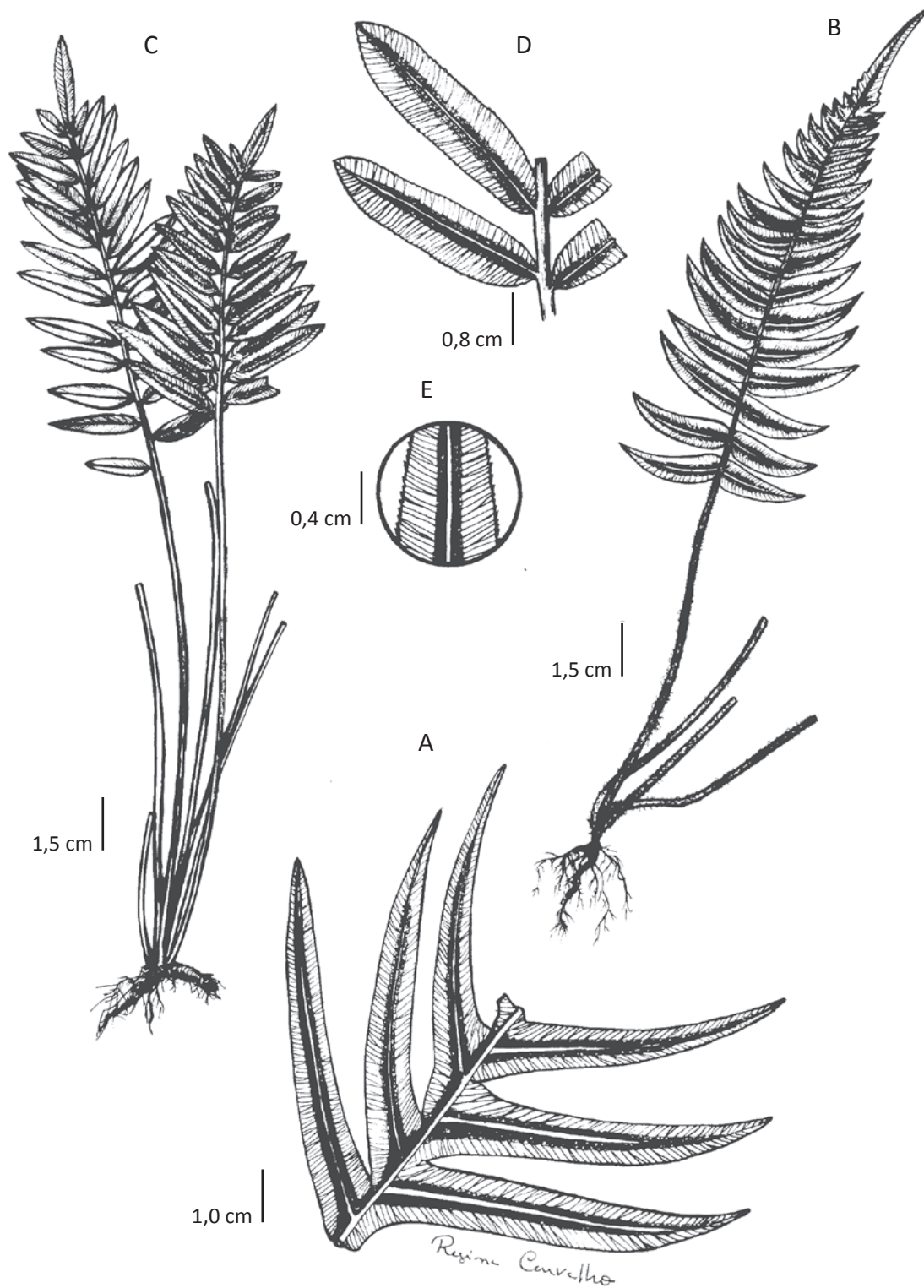


Figura 1. A. *Blechnum brasiliense* Desv. A. Detalhe da fronde fértil (L.A. Gomes et al. 95, ASE). B. *Blechnum occidentale* L.. B. Hábito (L.A.S Santos et al. 77, ASE). C-E. *Blechnum serrulatum* Rich. C. Hábito. D. Detalhe da fronde fértil. E. Detalhe da pina fértil (A.P. Prata et al.2270, ASE).

BROMELIACEAE

Coordenadora(s):
Gardene Maria de Sousa¹
Maria das Graças Lapa Wanderley²

Ervas perenes, terrícolas, epífitas ou rupícolas; caule em geral curto e encoberto pelas bainhas foliares; propagação frequente por rizomas basais, estolão algumas vezes presente; raízes raramente ausentes (*Tillandsia usneoides* L.). Folhas alternas, em geral rosuladas e espiraladas, polísticas ou dísticas, formando ou não reservatório de água e detritos orgânicos (cisterna ou tanque), revestidas por escamas absorventes; bainha pouco a muito alargada, margem em geral inteira; lâmina coriácea, carnosa até membranácea, algumas vezes variegada, ápice agudo, atenuado, mucronado ou pungente, margem inteira, serrilhada a fortemente espinescente. Escapo desde muito desenvolvido a muito curto, mais raramente ausente, portando brácteas em geral vistosas, coloridas, foliáceas, algumas vezes caducas, muito mais curtas até ultrapassando os entrenós, revestidas por escamas ou glabras, margem inteira, serrilhada a espinescente. Inflorescência lateral ou terminal, em geral vistosa pela presença de brácteas coloridas, racemosa, poucas a muitas flores, densa a laxamente dispostas, simples a composta, desde pouco a amplamente ramificada. Brácteas florais geralmente vistosas, às vezes inconspícuas ou até ausentes. Flores pediceladas ou sésseis, dísticas a polísticas, actinomorfas ou levemente zigomorfas, bissexuais ou raramente funcionalmente unissexuais, trímeras, diclamídeas e heteroclamídeas; sépalas livres ou conatas, simétricas até fortemente assimétricas pela presença de expansões aliformes unilaterais; pétalas livres ou conatas, geralmente vistosas, de variadas cores e tons; 2 apêndices petalinos na face interna da pétala presentes ou ausentes, algumas vezes com 2 calosidades ao longo dos filetes internos; androceu com 6 estames dispostos em dois ciclos, exsertos ou inclusos na corola, livres entre si, soldados e/ou formando anel pétalo-estamínico; filetes delicados ou carnosos, eretos ou recurvos, retos ou plicados, os internos algumas vezes adnatos à base das pétalas, raramente os externos adnatos à base das sépalas; anteras introrsas, em geral dorsifixas, raramente basifixas, 4-esporangiadas, lineares, lanceoladas, oblongas ou sagitiformes, deiscência rimosa; grãos de pólen em geral dispostos em mônades ou mais raramente em tétrades, padrão de abertura polínica muito variável (monocolpados, inaperturados, 2-porados a pantoporados), exina lisa ou ornamentada; gineceu sincárpico, ovário súpero, semi-ífero a ífero, 3-carpelar, 3-locular, nectários septais em geral presentes, presença ou não de hipanto, tubo epígino presente ou ausente; óvulos anátropos, numerosos, caudados ou não, placentação axilar; estilete terminal, longo a curto, delicado a espesso, cilíndrico a

¹Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Natureza, Departamento de Biologia, Campos Universitário Ministro Petrônio Portela, Bairro Ininga. CEP: 64049-550, Teresina-PI. gardene@ufpi.edu.br

²Instituto de Botânica (IBt), Núcleo de Pesquisa - Curadoria do Herbário SP, Caixa Postal 68041, CEP: 04045-972, São Paulo-SP. gracaw@me.com

3-lobado, desde mais curto até mais longo que o androceu, estigmas 3, em geral espiral-conduplicados, com 3 lobos expandidos ou mais raramente lobos pouco desenvolvidos, eretos ou cupulados, linhas estigmáticas papilosas marginais geralmente presentes. Fruto baga, algumas vezes bem desenvolvido (*Bromelia*), ou cápsula, em geral septicida; no gênero *Ananas* (abacaxi) presença de fruto composto desenvolvido; sementes em geral numerosas, embrião pequeno, cilíndrico, situado lateralmente, abundante endosperma amiláceo, achatadas até globosas, providas ou não de apêndices aliformes ou plumosos (Smith & Downs 1979, Wanderley & Martins 2007).

Bromeliaceae Juss. Compreende 3.140 espécies, distribuídas em 58 gêneros distribuídos em 8 subfamílias: Brocchioideae, Lindmanioideae, Tillandsioideae, Hechtioideae, Navioideae, Pitcairnioideae, Puyoideae e Bromelioideae (Givnish *et al.*, 2011). É a maior família de angiospermas quase exclusivamente neotropical, com distribuição desde o sul da América do Norte, passando pela América Central até a Patagônia (Argentina) na América do Sul. Apenas uma espécie de *Pitcairnia* é referida para o continente africano. O bioma Mata Atlântica, na costa leste do Brasil, é conhecido como um centro de diversificação da família, com predomínio de representantes de Bromelioideae. Outro centro de diversidade é o Escudo das Guianas, onde predominam outras três subfamílias, Brocchioideae e Navioideae, consideradas como basais, e Lindmanioideae. Puyoideae é típica da cordilheira dos Andes, ocorrendo em vegetação aberta. Tillandsioideae está bem representada nas florestas úmidas, sendo esta a de maior amplitude de distribuição da família (Smith, 1934; Smith & Downs, 1974; Givnish *et al.*, 2011). Segundo dados recentes, na Flora do Brasil a família está representada por 44 gêneros e, aproximadamente, 1.324 espécies (Forzza *et al.*, 2014).

Com base nas coletas realizadas para a elaboração da monografia de Bromeliaceae no projeto "Flora de Sergipe" verificou-se a ocorrência de 34 espécies e 14 gêneros, distribuídos da seguinte forma: Bromelioideae: *Aechmea* (8 espécies), *Ananas* (1), *Billbergia* (1), *Bromelia* (1), *Cryptanthus* (2), *Hohenbergia* (4), *Neoglaziovia* (1) e *Orthophytum* (1); Pitcairnioideae: *Dyckia* (1) e *Encholirium* (1) e Tillandsioideae: *Catopsis* (1), *Racinaea* (1), *Tillandsia* (10) e *Vriesea* (2).

São registradas até o momento quatro novas ocorrências de Bromeliaceae para o estado de Sergipe (*Aechmea marauensis* Leme, *Dyckia dissitiflora* Schult., *Hohenbergia* sp. nov. e *Tillandsia polystachia* (L.) L.

Chave para identificação das Subfamílias de **Bromeliaceae** de Sergipe

1. Ovário geralmente ínfero. Fruto baga; sementes sem apêndices. Folhas com lâmina foliar serreada a serrilhada. Plantas epífitas, terrícolas ou rupícolas..... **BROMELIOIDAE**
- 1'. Ovário em geral súpero, semi-ínfero a ínfero. Fruto cápsula; sementes com apêndices. Folhas com lâmina fortemente serreada a lisa. Plantas epífitas, terrícolas ou rupícolas.... 2
2. Ovário em geral ínfero. Sementes com apêndices inteiros, aliformes. Plantas em geral terrícolas. **PITCAIRNIOIDAE**
- 2'. Ovário em geral súpero, mais raramente semi-ínfero a ínfero. Sementes com apêndices plumosos. Plantas na grande maioria epífitas..... **TILLANDSIOIDAE**

1. SUBFAMÍLIA BROMELIOIDEAE

A subfamília Bromelioideae caracteriza-se por possuir plantas herbáceas, epífitas, terrestres ou rupícolas, com folhas em roseta ou distribuídas ao longo do caule, muitas vezes formando tanque. Apresenta lâmina foliar serrilhada a serreada, com acúleos inconspícuos a bem desenvolvidos; ovário predominantemente ínfero, ou quase; fruto baga, sementes sem apêndices (Smith, 1934; Smith & Downs, 1979; Wanderley & Martins 2007). A subfamília destaca-se das demais por apresentar grande variação na morfologia polínica, especialmente em relação ao tipo e número de aberturas e ornamentação da exina, sendo considerada euripolínica (Wanderley & Melhem, 1991).

No estado de Sergipe, Bromelioideae está representada pelos gêneros *Aechmea* (7 sp.), *Ananas* (1 sp.), *Billbergia* (2 sp.), *Bromelia* (1 sp.) *Cryptanthus* (2 sp.), *Hohenbergia* (3 sp.), *Neoglaziovia* (1 sp.), *Orthophytum* (1 sp.).

Chave para identificação dos gêneros de **Bromelioideae** de Sergipe

1. Infrutescência geralmente com uma coroa de brácteas no ápice; plantas sempre terrestres **2. Ananas**
1. Fruto simples, sem coroa de brácteas; plantas epífitas, rupícolas ou terrícolas..... 2
2. Pétalas alvas; folhas patentes ou recurvas, sem formar tanque..... 3
3. Inflorescência séssil; sépalas conadas na base; pétalas sem apêndices petalíneos **5. Cryptanthus**
- 3'. Inflorescência escaposa; sépalas livres; pétalas com apêndices petalíneos presentes **8. Orthophytum**
- 2'. Pétalas violáceas, lilases, roxas, amarelas ou esverdeadas; folhas em geral eretas ou recurvas, roseta formando ou não tanque 4
4. Folhas poucas (ca. 10); lâmina com margem revoluta, com faixas transversais alvas **7. Neoglaziovia**
- 4'. Folhas numerosas (mais de 10), exceto em *Billbergia morelii*; lâmina com margem não revoluta, sem faixas transversais alvas..... 5
5. Flores pediceladas; estames com filetes concrecidos com a base das pétalas carnosas formando um tubo; lâminas foliares centrais avermelhadas; apêndices petalíneos ausentes..... **4. Bromelia**
- 5'. Flores sésseis ou subsésseis; filetes não formando tubo; lâminas foliares centrais verdes, sem distinção das externas; apêndices petalíneos presentes 6
6. Roseta tubular; Inflorescência simples ou com poucos ramos 7
7. Inflorescência pêndula; flores vistosas, ca. 6 cm..... **3. Billbergia**
- 7'. Inflorescência ereta; flores pouco vistosas, menores que 6 cm **1. Aechmea** (*A. nudicaulis*, *A. bromeliifolia* e *A. multiflora*)
- 6'. Roseta infundibuliforme (tubular em *Hohenbergia salzmanii*); inflorescência ramificada, com ramos de até terceira ordem..... 8
8. Flores violáceas a lilases **6. Hohenbergia**
- 8' Flores amarelas **1. Aechmea**

1. *Aechmea* Ruiz & Pavon, Fl. Peruv. Prodr. 47. 1793. nom. cons.

Gardene Maria de Sousa¹
Maria das Graças Lapa Wanderley²

Erva epífita, terrícola ou rupícola. Roseta infundibuliforme ou tubular. Folhas coriáceas, lepidotas; bainha em geral alargada; lâmina com margem serrada. Escapo desenvolvido, ultrapassando ou não a roseta foliar, ereto ou levemente curvo; brácteas espiraladas, as basais imbricadas. Inflorescência simples a composta, laxa, congesta estrobiliforme; flores sésseis, em geral vistosas; brácteas florais vistosas a inconspícuas, livres; sépalas conadas, assimétricas, mucronadas; pétalas livres, amarelas, esverdeadas ou brancas com apêndices petalíneos ou calosidades ao longo dos filetes internos; estames inclusos; filetes livres ou os internos adnatos às pétalas; ovário ínfero, tubo epígino presente ou não. Fruto baga. Sementes sem apêndices.

Aechmea é o maior e um dos mais complexos gêneros de Bromelioideae. O gênero reúne atualmente cerca de 283 espécies agrupadas em oito subgêneros (Smith & Downs, 1979; Butcher & Gouda, 2014; Forzza *et al.*, 2014). Ocorrem como epífitas, terrícolas ou rupícolas. *Aechmea* é restrito ao Novo mundo, com grande concentração de espécies no Brasil. Para a Flora do Brasil são registradas 181 espécies, com ocorrência em todas as regiões. Destas, 88 ocorrem no Nordeste (Forzza *et al.*, 2014). Em Sergipe foram registradas sete espécies.

Chave para identificação das espécies de *Aechmea* de Sergipe

1. Inflorescência em espiga simples, estrobiliforme, flores laxas ou congestas..... 2
2. Flores laxas, amarelas, raque exposta..... **1.6. *A. nudicaulis***
- 2'. Flores congestas, amarelas ou esverdeadas, raque totalmente encoberta..... 3
3. Inflorescência lepidota. Bráctea floral espatulada, margem serrada, ultrapassando o tamanho das sépalas. Pétalas esverdeadas..... **1.5. *A. multiflora***
- 3'. Inflorescência alvo-lanuginosa. Bráctea floral reniforme, margem inteira, mais curta que as sépalas. Pétalas amarelas **2.1. *A. bromeliifolia***
- 1'. Inflorescência composta. Flores laxas ou congestas..... 4
4. Ramificações da inflorescência com agrupamentos globosos de poucas flores, com flores congestas na extremidade do pedúnculo..... 5
5. Flores 3,5-4,2 cm compr.; apêndices petalíneos ligulados **1.1. *A. aquilega***
- 5'. Flores 2-2,5 cm compr.; apêndices petalíneos cupuliformes **1.3. *A. marauensis***
- 4'. Ramificações da inflorescência com flores laxas..... 6
6. Bráctea floral conduplicada, mucronada, envolvendo completamente o ovário. Pétalas amarelas **1.4. *A. mertensii***

¹Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Natureza, Departamento de Biologia, Campos Universitário Ministro Petrônio Portela, Bairro Ininga. CEP: 64049-550, Teresina-PI. gardene@ufpi.edu.br

²Instituto de Botânica (IBt), Núcleo de Pesquisa - Curadoria do Herbário SP, Caixa Postal 68041, CEP: 04045-972, São Paulo-SP. gracaw@me.com

6'. Bráctea floral inconspícua, longo-aristada, deixando visível quase todo o ovário. Pétalas alvo-esverdeadas **1.7. A. patentissima**

1.1. *Aechmea aquilega* (Salisb.) Griseb., Fl. Brit. W. I.: 592. 1864.

Epífita ou terrícola ca. 70-90 cm compr. Folhas 60-90 cm compr., verdes a verde-amareladas, revestidas em ambas as faces por escamas adpressas; bainha 18-21 x 7-9 cm, castanho escura, alargada; lâmina 70-1,20 x 2,5-6,0 cm, lanceolada, ápice mucronado, margem serreada. Escapo 30-60 cm compr., ereto, vermelho a verde alaranjado, lanuginoso; brácteas do escapo 6-10 x 2-3 cm, coriáceas, conduplicadas, pardo claras, foliáceas, ultrapassando os entrenós, ápice acuminado, margem inteira. Inflorescência 14-20 cm, composta, paniculada, congesta, ramos longo pedunculados com agrupamentos terminais globosos, formados de flores congestas, levemente tomentosa; brácteas primárias 3-10 x 1-2 cm, papiráceas, patentes, vermelhas, lanceoladas na grande maioria, em geral ultrapassando flores, margem inteira; brácteas secundárias 2-2,5 cm compr., papiráceas, alaranjadas, carenadas, ovais. Brácteas florais 2,5-3 cm compr., semelhante às brácteas secundárias ápice pungente, margem inteira, ultrapassando o ovário. Flores 3,5-4,2 cm compr., sésseis; sépalas 1,5-1,7 cm compr, amarelo-esverdeadas, assimétricas, levemente carenadas, ápice acuminado; pétalas 2-2,5cm compr., amareladas, liguladas, ápice agudo; apêndices petalíneos basais, ligulados, ápice levemente truncado; estames ca. 0,7 cm compr., livres, inclusos; anteras ca. 6 cm compr.; ovário trígono, ca.0,8 cm compr.; estigma ca. 2,5 cm compr., cilíndrico, espiralado, ultrapassando levemente a antera. Baga não observada.

Comentários: No Brasil, *Aechmea aquilega* apresenta-se distribuída nas regiões Norte, Nordeste e Sudeste do Brasil. Para o Nordeste há registros nos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Alagoas e Bahia (Sousa & Wanderley, 2000; Forzza *et al.*, 2014). Em Sergipe foi coletada em matas secas, Caatinga e restingas. Esta espécie pode apresentar mudanças de coloração de folha e da inflorescência, dependendo do ambiente onde se encontra. Em ambientes abertos as folhas são amareladas, enquanto que as plantas que vivem à sombra de mata as folhas são totalmente verdes. A inflorescência pode apresentar variação quanto a forma, desde capitada a cilíndrica, com flores, em geral, densamente dispostas. Popularmente é conhecida por gravatá, macambira e croatá amarelo. Ilustração em Sousa e Wanderley (2000).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, III/2009, *E.C.A Matos 218* (ASE); Barra dos Coqueiros, VIII/2011, *A.P. Prata 2743* (ASE); Canindé de São Francisco, VII/2006, *A.P. Prata 1215* (ASE); Divina Pastora, II/2011, *C.A.S. Souza 75* (ASE); Estância. VII/2011, *A.P. Prata et al. 2664* (ASE); Frei Paulo, IX/1981, *G. Viana, 147* (ASE); Gracho Cardoso, VI/2010, *D.S. Melo et al. 119* (ASE); Itabaiana, I/2007, *A.P. Prata et al. 1451* (ASE); Itaporanga d'Ajuda, XII/2008, *D.S. Melo & M.C.V. Farias 06* (ASE); Lagarto, II/2007, *A.P. Prata et al. 1479* (ASE); Macambira, III/2011, *R.M. Deda 42*; Pirambú, VII/2011, *D.M. Oliveira 112* (ASE); Poço Redondo, III/2009, *J.E. Nascimento-Júnior & W. Machado 579* (ASE); Poço Verde, I/2011, *E.V.R. Ferreira 227* (ASE);

Porto da Folha, I/2012, *D.G. Oliveira* 334 (ASE); Salgado, II/1974, *G. Viana* 870 (ASE); Santana do São Francisco, II/2010, *D.S. Melo & A.P. Prata* 63 (ASE); Santo Amaro das Brotas, II/2011, *J.E. Nascimento-Junior et al.* 1041 (ASE); São Cristovão, III/2010, *D.S. Melo et al.* 115 (ASE); São Domingos, *A.P. Prata et al.* 1196 (ASE); Simão Dias, III/2011, *T. Carregosa-Silva et al.* 188 (ASE); Tobias Barreto, VI/1980, *M.R. Fonseca s.n.* (ASE 00749).

1.2. *Aechmea bromeliifolia* (Rudge) Baker, Benth. & Hook. f., Gen. pl. 3: 664.1883.

Epífita, terrícola ou rupícola, 40–85 cm. Folhas ca. 36 cm compr., verdes a verde-amareladas, coriáceas, lepidotas; bainha 14,5 x 0,7 cm, oval; lâmina ca. 15,5 x 4,5 cm, linear-lanceolada, ápice acuminado a arredondado, mucronado, verde em ambas as faces, margem espinescente. Escapo ca. 38 cm compr., ereto, densamente alvo-lanuginoso; brácteas do escapo 10–15 cm. compr., oval-lanceoladas, ápice agudo, eretas ao longo de todo o escapo, vistosas, róseas, inteiras, alvo-lanuginosas. Inflorescência 4,5–8 cm compr., espiga, ereta, estrobiliforme, densamente alvo-lanuginosa, flores congestas; brácteas florais 0,4–0,9 cm, reniformes, ápice truncado a emarginado, cuspidado, mais curtas que as sépalas, margem inteira. Flores sésses, 1–1,6 cm compr.; sépalas assimétricas, 1–1,1 cm compr., ovais, conadas na base, ápice emarginado, margem inteira, encobertas quase completamente pela lanugem; pétalas 1,1–1,3 cm compr., eretas, ápice cuculado na antese, amarelas, apêndices petalíneos basais; ovário elipsóide. Fruto baga não visto.

Comentários: Espécie distribuída de Norte a Sul do Brasil. No Nordeste é encontrada em diversos ambientes, com registros para os estados da Bahia, Ceará, Maranhão e Paraíba (Forzza *et al.*, 2014). Apresenta morfologia bastante variável, especialmente em relação ao hábito, com grandes variações quanto ao tamanho da planta, que sofre influências dos diferentes ambientes em que se encontra. Morfologicamente a espécie é muito próxima a *Aechmea lamarchei* Mez, distinguindo-se dessa por apresentar inflorescência densamente alvo-lanuginosa, brácteas florais envolvendo todo o ovário. Para Sergipe, foi analisada apenas uma coleção. Ilustração em Faria *et al.* (2010) Santos e Wanderley (2012).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, IX/1981, *M.C. Santana s.n.* (ASE 01114).

Material adicional examinado: **BRASIL. Conceição do Mato dentro:** VIII/1979, fl., *M.G.L. Wanderley CFSC* 5688 (SP); VIII/1980, fl., *M.G.L. Wanderley et al.* 218 (SP).

1.3. *Aechmea marauensis* Leme, J. Bromeliad Soc., 36: 266, 1986.

Terrícola ca. 1,5m Alt. Folhas 56–75 cm compr.; bainha 10,5–25 x 8,5–14,5, castanho-vinácea, obovada; lâmina 29–80 x 3–17,5 cm, lanceolada, ápice mucronado, margem serrada. Escapo 84 cm compr., lanuginoso; brácteas do escapo 11–16 cm compr., semelhantes às folhas, mucronadas, margem inteira. Inflorescência 21–23 cm compr., composta, racemo de espiga, formando agrupamentos de poucas flores nas extremidades dos pedúnculos;

brácteas primárias 3- 12 x 0,5-1,5 compr., rosadas, ultrapassando o comprimento das flores, cartáceas, lanceoladas, mucronadas, margem inteira. Flores 2-2,5 cm compr., sésseis. Bráctea floral ca. 2,5 cm compr., assimétrica, carenada, apiculada, igualando as sépalas; sépalas 1,3-1,5 cm compr., assimétricas, carenadas, mucronadas; pétalas 2-2,3 cm compr., espatuladas, apiculada, amarelas, apêndices petalíneos na base das pétalas, cupuliformes.

Comentários: Espécie com distribuição restrita para a região Nordeste, com registros para os estados de Alagoas, Bahia e Pernambuco (Forzza et al., 2014), sendo esta a primeira referência para o estado de Sergipe. É facilmente reconhecida pela presença de brácteas primárias rosadas que ultrapassam as flores e pelos ramos com poucas flores.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, II/2010, D.S. Melo et al. 62 (ASE); I/2010, D.S. Melo et al. 56 (ASE); Itabaiana, P. Gomes et al. 792 (ASE); X/1974, M.R. Fonseca s.n. (ASE 00161; 00162); X/1995, J.M. Buta 05 (ASE); São Cristóvão, XI/1981, G. Viana 212 (ASE).

1.4. *Aechmea mertensii* (G. Mey.) Schult. & Schult.f., Roem. & Schult. Syst. Veg. 7(2):1272.1830.

Epífita ou terrícola, ca. 15-25 cm alt. Folhas 17-29 cm compr., poucas, ca. de 6-7 folhas por indivíduo; bainha 7-13 x 4,5-6 cm, levemente castanha, oval; lâmina 10-30 x 1,3-5,3 cm, lanceolada, ápice atenuado, margem serrada. Escapo 13,5-32 cm compr., vináceo, ereto, delicado, glabro; brácteas 2,2-3 cm. compr., vermelhas, membranáceas, elípticas, pungentes, margem serrada, geralmente mais curtas que os entrenós, as superiores ultrapassando os entrenós. Inflorescência 5-12 cm compr., racemo composto de espiga, laxa; brácteas primárias 3-5 cm compr., vermelhas, membranáceas, margem serrada, patentes, ovadas a elípticas; brácteas florais ca 3,5 cm compr, amarelo- esverdeadas, conduplicadas, envolvendo completamente o ovário, mucronadas, margem inteira. Flores 0,7-0,9 cm compr., sésseis; sépalas ca. 0,2 cm compr., amarelo- esverdeadas, fortemente assimétricas, um dos lobos distintamente maior, ápice mucronado; pétalas 0,5-0,7 cm compr., amarelas, liguladas; apêndices petalíneos calosos na base e livres na porção mediana da pétala, ápice franjado; estames com filete ca. 0,5 cm compr.; estigma ca. 0,7 cm compr., espiral-conduplicado; ovário ca. 0,2 cm, obovoide. Fruto baga, ca. 0,8 cm, globoso, na maturidade azulado a roxo.

Comentários: Espécie com distribuição para as regiões Norte, Nordeste e Sudeste. No Nordeste há registros para os estados de Alagoas, Bahia, Maranhão, Paraíba e Sergipe (Sousa & Wanderley, 2000; Forzza et al., 2014). Ocorre como epífita nas matas e em vegetação de restinga, geralmente formando densas touceiras. Apesar de possuir variação morfológica, como tamanho de folhas e inflorescência (observadas em plantas da região Norte) em decorrência as variações climáticas, é uma espécie de fácil reconhecimento. Há uma associação de formigas na base da roseta desta planta, devendo o coletor ter cuidado ao manuseá-la. Ilustração em Sousa & Wanderley (2000).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VI/2010, fl., *D.S. Melo et al.* 123 (ASE); Itabaiana, VI/2011, fl., *T. Carregosa-Silva et al.* 211 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, XI/2008, *I.S. Matos et al.* 91 (ASE); Pirambu, IV/1984, *G. Viana* 930 (ASE); Santa Luzia do Itanhy VI/95, *M. Landim*, 434 (ASE); Santo Amaro das Brotas, IV/1997, *M. Landim* 1178 (ASE); São Cristóvão, VI/2008, *J.E. Nascimento-Júnior et al.* 370 (ASE).

1.5. *Aechmea multiflora* L. B. Sm., Contr. Gray Herb. 117: 4, pl. 1. Fig. 1-3.1937.

Nome popular: ananá, gravatá.

Terrícola ou ocasionalmente epífita ca. 1,5 m alt. Folhas 1-2,8m compr.; bainha 35-40 x 16-19 cm, castanha, elíptica; lâmina 80-1,60 x 11-14 cm, verde a verde-amarelada, lanceolada, ápice pungente, margem serreada. Escapo 60-120 cm compr., esverdeado, ereto a pendente, robusto, alvo-lepidoto; brácteas do escapo 13-15 x 5-7 cm. compr., vermelhas na porção apical, verdes na porção basal, coriáceas, triangulares, pungentes, margem serreada. Inflorescência simples, 7-22 cm compr., estrobilácea, capituliforme, eixo floral alargado, alongado, cônico; brácteas florais 3-4,5 x 1,2-2,5, alvas na porção basal, vermelhas na porção apical, espatuladas, alvo-lepidotas, ápice cuspidado, patente a retroflexo, margem serreada na porção apical, ultrapassando o comprimento das sépalas. Flores 3-3,5 cm compr., sésseis; sépalas 1,5-1,7 cm compr., verde escuras, alvo lepidotas na porção externa, as laterais fortemente carenadas, ápice mucronado; pétalas 1,5-2 cm compr., verde-claras, ovais; apêndices petalíneos livres na base da pétala, cupuliformes, margem erosa; estames com filete 1-1,2 cm compr.; estilete e estigma 1,5-1,7 cm compr., espiral conduplicado; ovário 1-1,3 cm. Infrutescência ca. 23 cm compr., castanho avermelhada. Fruto baga, 3-5 cm, castanho escuro.

Comentários: Espécie restrita a região Nordeste, com ocorrência para os estados de Alagoas, Sergipe e Bahia (Sousa, 2004; Forzza *et al.*, 2014). *Aechmea multiflora* é facilmente reconhecida por apresentar inflorescência estrobiliforme com brácteas florais avermelhadas em contraste com o verde das folhas. Ocorre preferencialmente como terrícola na vegetação de restinga e na transição com a mata. Há também registros de plantas epífitas no interior de floresta de restinga. Ilustração em Sousa (2004).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, I/2010, *D.S. Melo* 55 (ASE); Estância, XI/1998, *A. Cruz et al.* 76 (ASE); Itabaiana, XI/07, *P. Gomes et al.* 634 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, I/2008, *S.M. Costa et al.* 286 (ASE); Pirambu, VI/1999, *G. Martinelli et al.* 15344 (RB, ASE); Santa Luzia do Itanhy, VI/2000, *G. Sousa et al.* 357 (SP, TEPB); Santo Amaro das Brotas, VI/2000, *G. Sousa et al.* 358 (CEPEC, SP); Tobias Barreto, XI/2010, *A.P. Prata et al.* 2180 (ASE).

1.6. *Aechmea nudicaulis* (L.) Griseb., Fl. Brit. W.I. 593. 1864.

Epífita ca. 62 cm alt. Roseta tubular. Folhas 52-58 cm compr., coriáceas, lepidotas; bainha 12-13 x 6-6,8, elíptica, vinácea, inteira; lâmina 15-28 x 2,5-6,7 cm, ligulada, ápice agudo, mucronado, verde, margem serreada. Escapo 44-46 cm compr., alvo-lanuginoso; brácteas do escapo 3,5-6,4 x 0,8-1,5, delicadas elípticas, ápice agudo, as basais não ultrapassam o entrenó, as superiores numerosas ultrapassando os entrenós, margem inteira, imbr-

caduas, glabras. Inflorescência 7,5-13 cm, espiga, flores laxas, raque totalmente exposta; brácteas florais 0,2-0,3 cm compr., triangulares, ápice acuminado, mais curtas que as sépalas, verdes, margem inteira, lepidotas. Flores sésseis, ovais; sépalas 0,6-0,7 cm, amarelas, margem inteira; pétalas ca. 1 cm, espatuladas, amarelas; apêndices petalíneos fimbriados; estames ca. 0,7 cm compr.; ovário 0,4-0,5 cm compr., subgloboso; estilete ca. 0,8 cm compr. Fruto 0,7-0,9 cm compr., baga ovóide.

Comentários: *Aechmea nudicaulis* distribui-se nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil. No Nordeste, há registros para os estados de Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco e Sergipe. Espécie facilmente identificada por apresentar brácteas do escapo vermelhas e pétalas completamente amarelas. Coletada com flores em janeiro. Ilustração em Santos & Wanderley (2012).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, I/1983, fl., *E.M. Carneiro 480* (ASE); Itabaiana, I/1998, *M. Landim 1393* (ASE).

1.7. *Aechmea patentissima* (Mart. ex Schult. & Schult. f.) Baker, J. Bot. 17:227.1879.

Epífita ca. 1,20m alt. Folhas ca. 23-1,80 cm compr., verdes a verdes-vináceas, coriáceas, liguladas, lepidotas; bainha 12-25 x 8,8-13 cm, castanha, oval; lâmina 30-1,63 x 4,8-6,5 cm, verde, lanceolada, ápice triangular, negro, pungente, margem serrada. Escapo ca. 31 cm compr., esverdeado, ereto a patente, lanuginoso; brácteas do escapo 10-15 cm. compr., papiráceas, de cor creme a vinácea, lanceoladas, longo acuminadas, margem inteira, geralmente ultrapassando os entrenós, as basais imbricadas com margem serrada. Inflorescência 24,5-48 cm compr., racemo composto de espiga, laxa, subpiramidal; brácteas primárias 4-7 cm compr., membranáceas, margem inteira, patentes, lanceoladas; brácteas florais 4-5 cm, verde, inconspícua, deixando visível quase todo o ovário, ovais, longo aristadas, lanuginosas, margem levemente serrada. Flores 1-1,3 cm compr., sésseis; sépalas ca. 0,3 cm compr., assimétricas, alvo-esverdeadas, ápice aristado; pétalas 6-7,5 cm compr., liguladas, alvas a alvo-esverdeadas; apêndices petalíneos calosos na base da pétala, ápice bifido; estames com filete ca. 0,5 cm compr.; estigma ca. 0,7 cm compr., espiral-conduplicado; ovário ca. 0,3 cm. Baga ca. 0,8 cm, vinácea.

Comentários: Espécie com distribuição para as regiões Nordeste e Sudeste do Brasil. No Nordeste, há registros para os estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe (Leme & Siqueira-Filho, 2006; Forzza *et al.*, 2014), onde ocorre como epífita ou terrestre em matas, vegetação de restinga e Caatinga. As flores apresentam aroma forte e adocicado.

Material selecionado. **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, IV/2008, *B.S. Amorim et al. 300* (ASE); Estância, IX/1981, *E.M. Carneiro 59* (ASE); Ilha das Flores, VIII/1974, *M.R. Fonseca s.n.* (ASE 00027); Japarutuba, III/1996, *M. Landim 1093* (ASE); Lagarto, III/2009, *D.S. Melo et al. 20* (ASE); Pirambu, VI/1999, *G. Martinelli & T. Barbará 15345* (RB, ASE); Poço Redondo, III/2009, *J.E. Nascimento-Júnior & W. Machado 577* (ASE); Poço Verde, III/2010, *E.V.R. Ferreira 40* (ASE).

2. *Ananas* Mill., Gard. Dict. Abr. ed. 4. 1754.

Gardene Maria de Sousa¹
Maria das Graças Lapa Wanderley²

Terrícolas; caule robusto. Roseta aberta, não formando tanque. Folhas fortemente coriáceas, lepidotas; bainha pouco desenvolvida; lâmina com ápice pungente, margem espinescente. Escapo desenvolvido, ultrapassando na grande maioria a roseta foliar, ereto, esparsamente alvo-lepidoto; brácteas do escapo foliáceas, lanceoladas, ápice pungente. Inflorescência simples, estrobiliforme, robusta, congesta, geralmente com uma coroa de brácteas estéreis, lepidotas em ambas as faces; hipanto carnoso formado pelo concrecimento da base das sépalas, pétalas, filetes e a parede do ovário, originando posteriormente o sincarpo característico do gênero. Brácteas florais conspícuas, eretas, vistosas, serrilhadas, alvo-lepidotas. Flores sésseis; sépalas livres acima do hipanto, margem inteira; estames inclusos; filetes internos adnatos à base das pétalas; ovário ínfero, com hipanto formando tubo. Frutos reunidos em infrutescência com coroa de brácteas.

O gênero é composto por oito espécies, distribuídas na América do Sul (Smith & Downs, 1979). No Brasil está representado por sete espécies de distribuição ampla, com exceção apenas para o estado do Acre (Forzza *et al.*, 2014). Para Sergipe foi registrado apenas *Ananas bracteatus* (Lindl.) Schult. & Schult.f.

2.1. *Ananas bracteatus* (Lindl.) Schult. & Schult.f., Syst. Veg., 7: 1286, 1830.

Terrícolas ca. 80 cm alt. Folhas 80-1,73 cm compr., eretas, patentes até recurvas, lepidotas; bainha 3,5 x 2-4 cm larg., margem serrilhada, verdes a verde- avermelhadas; lâmina 60-130 cm compr., esverdeada, linear-lanceolada, ápice atenuado, mucronado, margem aculeada, acúleos antrorsos. Escapo ca. 62 cm compr., verde a castanho esverdeado; brácteas do escapo 35-40 cm compr., esverdeadas, semelhante às folhas, linear-lanceoladas, ápice atenuado, pungente. Inflorescência 9-15 cm compr., simples, cilíndrica a ovoide; brácteas florais 2-6 cm compr., avermelhadas, triangulares, ápice mucronado, recurvo ou ereto, margem serrilhada na base, espinescente para o ápice. Flores ca. 2,5 cm compr.; sépalas 0,7-1 cm compr., assimétricas, ovais, ápice obtuso; pétalas 1-2,2 cm compr., roxas a lilases, espatuladas; apêndices petalíneos lacerados, calosidades ao longo dos filetes internos. Infrutescência 10-15 cm compr., cilíndrica a ovoide, alaranjada; coma apical presente.

Comentários: Espécie amplamente distribuída no Brasil, ocorrendo nas regiões Nordeste, Centro Oeste, Sudeste e Sul. No nordeste, apresenta registros para os estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Pernambuco e Sergipe (Forzza *et al.*, 2014), sendo facilmente reconhecida por

¹Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Natureza, Departamento de Biologia, Campos Universitário Ministro Petrônio Portela, Bairro Ininga. CEP: 64049-550, Teresina-PI. gardene@ufpi.edu.br

²Instituto de Botânica (IBt), Núcleo de Pesquisa - Curadoria do Herbário SP, Caixa Postal 68041, CEP: 04045-972, São Paulo-SP. gracaw@terra.com.br

apresentar flores com bráctea floral vermelha, pétalas roxas a lilás e uma inflorescência portando coma apical. Ilustração em Smith & Downs (1979).

Material selecionado. **BRASIL. Sergipe:** Capela, X/2008, fl., *D.S. Melo et al.* 02 (ASE).

3. *Billbergia* Thunb., Pl. Brasil.3:30.1821.

*Maria das Graças Lapa Wanderley*¹
*Gardene Maria de Sousa*²

Erva terrícola, rupícola ou epífita; caule curto. Folhas poucas a numerosas, em geral em roseta tubular ou mais raramente infundibuliforme, formando tanque, folhas eretas a pouco recurvas, lepidotas; bainha elíptica, geralmente desenvolvida; lâmina com margem aculeada, acúleos em geral pequenos. Inflorescência terminal, piramidal ou cilíndrica, racemosa, composta a simples; escapo ereto ou recurvo, portando brácteas geralmente coloridas, algumas vezes lepidotas; brácteas da inflorescência excedendo ou não os entrenós, vistosas na maioria das espécies; brácteas florais desenvolvidas a curtas, até escamiformes. Flores vistosas, sésseis a pediceladas, actinomorfas a levemente zigomorfas; sépalas livres ou conadas na base; pétalas livres, de diferentes cores e tons, apresentando dois apêndices petalíneos, algumas vezes calosidades laterais aos filetes; estames inclusos ou exsertos, filetes anti-pétalos adnatos às pétalas e os anti-sépalos livres; ovário ínfero, em geral formando um tubo epígino conspícuo. Fruto baga.

O gênero *Billbergia* apresenta 48 espécies no Brasil (Forzza *et al.* 2014). Está dividido em dois subgêneros: *Billbergia* e *Helicodea*, separados especialmente pela presença de pétalas espiraladas no subg. *Helicodea*, enquanto no subg. *Billbergia* as pétalas são levemente recurvas na antese. No Brasil ocorrem espécies dos dois subgêneros e a única espécie do gênero ocorrente em Sergipe pertence ao subgênero *Billbergia*. Os representantes do gênero no Brasil ocorrem com frequência na Floresta Atlântica, em geral são epífitas facultativas, podendo a mesma espécie se desenvolver normalmente no solo. Apresentam grande valor ornamental, tanto pela roseta, muitas vezes com folhas variegadas, como pela inflorescência com brácteas e flores em geral coloridas.

3.1. *Billbergia morelii* Brongn., Portef. Hort. 2:97. 1848.

Terrícola ou epífita; roseta tubular. Folhas 76 x 6,0 cm, poucas; bainha conspícuo, 11 x 10,5 cm, oval; lâmina ereta com ápice recurvo, verde a amarelada, linear-lanceolada, margem aculeada, acúleos esparsos, ápice apiculado. Inflorescência ca. 13 cm, pêndula,

¹Instituto de Botânica (IBt), Núcleo de Pesquisa - Curadoria do Herbário SP, Caixa Postal 68041, CEP: 04045-972, São Paulo-SP. gracaw@terra.com.br

²Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Natureza, Departamento de Biologia, Campos Universitário Ministro Petrônio Portela, Bairro Ininga. CEP: 64049-550, Teresina-PI. gardene@ufpi.edu.br

simples a composta, raque geniculada; escapo delicado, recurvo, vermelho, com escamas de aspecto farináceo; brácteas 9-11 x 1-1,2 cm, vistosas, vermelhas, ovais, excedendo os entrenós, imbricadas na base; brácteas primárias vistosas, semelhantes às do escapo, vermelhas, estreitas na base, alargada e ovaladas acima da base, apiculadas, recobrimdo quase completamente as flores. Brácteas florais desde muito longas, ultrapassando até menores que as flores. Flores ca. 6,0 cm, curto- pediceladas, vistosas; sépalas levemente assimétricas, oblongas, ápice arredondado, emarginado ou apiculado; pétalas ca. 5 cm, lineares, azul escuro em direção ao ápice, o restante esverdeado; estames levemente excluídos na antese, pouco mais curtos que as pétalas. Fruto não visto.

Comentários: *Billbergia morelii* é uma espécie típica da Mata Atlântica, ocorrendo no Nordeste e Sudeste do Brasil. Ilustração em Smith & Downs (1979).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, VI/1987, G. Viana 1756 (ASE).

4. *Bromelia* L., Sp. P1. 285. 1753.

Márcia Maria de Souza¹
Rafael Batista Louzada¹

Ervas terrícolas; caule robusto. Folhas em roseta, lepidotas; lâmina com margem serrada, acúleos em geral robustos, ápice pungente. Inflorescências terminal, escaposa ou séssil, frequentemente composta, multiflora, brácteas foliáceas. Brácteas florais em geral curtas. Flores em geral vistosas; sépalas livres a conadas; pétalas unidas com os filetes formando um tubo. Ovário ínfero; tubo epígino em geral conspícuo. Fruto carnoso, suculento; sementes poucas a muitas, achatadas, sem apêndice.

Bromelia possui 63 espécies, das quais 45 ocorrem no Brasil (Smith & Downs, 1979; Butcher & Gouda, 2014; Forzza *et al.*, 2014). Suas espécies são distribuídas em quase todos os estados do território brasileiro com exceção dos estados de Roraima, Acre e Rondônia (Forzza *et al.*, 2014).

4.1. *Bromelia laciniosa* Mart. ex. Schult & Schult. f., Syst. veg. 7(2): 1278. 1830.

Terrícolas, 50 cm alt. Folhas formando rosetas; bainha foliar 5–12,7 x 3–8 cm, as mais internas elípticas, inconspicuamente lanoso-lepidotas, as mais externas amplamente triangulares, densamente lanoso-lepidotas no ápice; lâminas foliares 54–94 x 1,8–2,5 cm, linear-triangulares, as mais externas verdes, as mais internas vermelhas na base e verdes em direção ao ápice, margem serrada, acúleos antrorsos a retrorsos, 3–5 mm compr., ápice pungente. Inflorescências 24,5–38,5 cm compr., compostas na base, simples no

¹Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Botânica. Av. Professor Moraes Rego, s/n., Cidade Universitária, CEP: 50670-901, Recife-PE.. marcia_souza.m@hotmail.com; rafael.louzada@ufpe.br

ápice, ramos com 2–5 flores; brácteas primárias 2–11 cm compr., coriáceas, triangulares ou estreitamente triangulares, margem serreada, ápice pungente. Brácteas florais 1–5 x 4–9 mm, coriáceas, triangulares, margem serreada, ápice pungente. Flores 17–25 mm compr. excluindo as pétalas, pediceladas; sépalas 11–15 x 7–8 mm, oval-triangulares, ápice subagudo; pétalas ca. 35 mm compr., púrpuras, elípticas, ápice obtuso; filetes ca. 8 mm compr; ovário 10–15 mm compr., cilíndricos. Frutos 3–4 x 1–1,5 cm, globosos a elípticos. Sementes lisas, marrom.

Comentários: Na região Nordeste são conhecidas 16 espécies, com o registro de apenas uma para o estado de Sergipe. *Bromelia laciniosa* ocorre na região Nordeste nos estados Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, onde é comumente encontrada no Domínio Fitogeográfico da Caatinga. Em Sergipe foi encontrada com frutos nos meses de janeiro a agosto e flores no mês de janeiro. Ilustração em Smith & Downs (1979).

Material selecionado. **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, V/2011, fr., A.C.C. Silva 321 (ASE); Capela, IV/2012, fr., L.A. Gomes et al. 443 (ASE); Nossa Senhora da Glória, VIII/2013, fr, L.P. Rocha et al. 55 (ASE); Poço Redondo, IV/2008, fr., D.S. Melo et al. 01 (ASE); Poço Verde, I/2011, fr., E.V.R. Ferreira 242 (ASE).

5. *Cryptanthus* Otto & Dietrich, Allg. Gartenzeit. 4: 297. 1836.

*Débora Maria Cavalcanti Ferreira*¹
*Rafael Batista Louzada*¹

Ervas terrícolas; longo caulescentes, caules eretos ou decumbentes. Folhas 8–24; lâmina linear-triangular, ápice agudo a acuminado, margem reta ou ondulada, serreadas. Inflorescência séssil; brácteas florais ovadas, ápice mucronado, agudo a cuspidado. Flores andromonóicas; pétalas alvas, espatuladas, ápice arredondado, concrecidas na base, margem inteira; sépalas verdes, concrecidas na base, lobos ovados, ápice mucronado. Filetes alvos, adnatos ao tubo da corola; anteras dorsifixas ou subdorsifixas. Ovário ínfero. Fruto baga.

Cryptanthus é um gênero endêmico do Brasil, ocorre nos Domínios Fitogeográficos da Floresta Atlântica, Caatinga e Cerrado (campo rupestre) desde o nível do mar até 2000 m de altitude (Ramírez-Morillo 1996). Apresenta 76 espécies, que estão distribuídas nas regiões Nordeste (Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia) e Sudeste (Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro) do Brasil (Forzza et al., 2014). Para o estado de Sergipe tem-se o registro de duas espécies do gênero.

¹Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Botânica, Av. Professor Moraes Rego, s/n., Cidade Universitária, CEP: 50670-901, Recife-PE. deboracavalcantif@hotmail.com; rafael.louzada@ufpe.br

Chave para identificação das espécies de *Cryptanthus* de Sergipe

1. Lâminas foliares 8-21 cm compr., margem inteira; anteras subbasifixas
..... **5.1. *C. bahianus***
1'. Lâminas foliares 22-54 cm compr., margem ondulada; anteras dorsifixas
..... **5.2. *C. sergipensis***

5.1. *Cryptanthus bahianus* L. B. Sm., Arq. Bot. Estado São Paulo, nov. ser. 1: 106, pl. 104, 1943.

Terrícola, caulescentes, caules 2,5-13,5 cm compr., eretos a decumbentes. Folhas ca. 15-28; lâmina 8-21 x 0,5-1,8 cm, ápice agudo, margem inteira. Inflorescência ca. 2,7-2,8 cm compr.; brácteas florais ca. 17 x 6 mm, ápice mucronado. Flores ca. 20-42 mm compr.; sépalas 12-16 x 3-4 mm, concrecidas na base por 2-10 mm compr.; pétalas 12-32 x 5-6 mm, concrecidas na base por 2-14 mm compr.; filetes ca. 4-22 mm compr., anteras 4-5 mm compr., subbasifixas. Ovário ca. 10-11 x 3-4 mm. Frutos e sementes não observados.

Comentários: Ocorre na região Nordeste do Brasil nos estados de Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia (Forzza *et al.*, 2014). Em Sergipe, é encontrada em áreas de Caatinga. É diferenciada de *Cryptanthus sergipensis* I. Ramírez, por apresentar lâminas foliares menores, margens das lâminas foliares lisas e anteras sub-basifixas. Floresce nos meses de maio e junho. Ilustração em Smith & Downs (1979).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Nossa Senhora da Glória, VI/2013, fl., A.P. Prata *et al.* 3631 (ASE); Poço Redondo, VI/2010, (fl.), W.J. Machado *et al.* 424 (ASE).

5.2. *Cryptanthus sergipensis* I. Ramírez, Harvard Pap. Bot. 3 (2): 219-221. 1998.

Terrícola, caules 4,5-25 cm compr., eretos. Folhas ca. 8-14; lâmina 22-54 x 1,7-3 cm, ápice agudo a acuminado, margem ondulada. Inflorescência ca. 1,4-3,8 cm compr.; brácteas florais ca. 16-19 x 6-8 mm, ápice agudo a cuspidado. Flores ca. 26-41 mm compr.; sépalas 10-15 x 2-4 mm, concrecidas na base por 5-9 mm; pétalas 6-30 x 2-4 mm, concrecidas na base por 2-4 mm compr.; filetes ca. 2-24 mm compr., anteras 0,4 cm compr., dorsifixas. Ovário 5-7 x 2 mm. Frutos e sementes não observados.

Comentários: Ocorre na região Nordeste nos estados de Sergipe e Bahia (Forzza *et al.*, 2014). Em Sergipe, é encontrada em Mata Atlântica, ocorrendo em Restinga em solos arenosos no interior de mata. É diferenciada de *Cryptanthus bahianus* por apresentar lâminas foliares maiores, margens das lâminas foliares onduladas e anteras subbasifixas. Floresce nos meses de abril, junho, julho e outubro. Ilustração em Ramírez-Morillo (1998).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, VII/1976, fl., M.R. Fonseca *s.n.* (ASE 00373); Riachão do Dantas, IV/1986, fl., G. Viana 1410 (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, VI/2012, fl., L.A. Gomes *et al.* 528 (ASE).

6. *Hohenbergia* Schult. & Schult.f., J.J.Roemer & J.A.Schultes, Syst. Veg. 7(2): 1251 (1830).

Rodrigo César Gonçalves-Oliveira¹
Maria das Graças Lapa Wanderley²

Ervas terrestres, rupícolas ou epífitas; caule curto. Folhas polísticas, eretas ou reflexas, formando tanque, lepidotas; bainha elíptica, geralmente desenvolvida; lâmina com margem aculeada. Inflorescência terminal, piramidal ou cilíndrica, racemosa, em geral composta, ramos curtos a longos, patentes ou eretos, de até quarta ordem, formados de espigas pauci a multifloras, espigas estrobiliformes, globosas ou cilíndricas; escapo ereto ou recurvo, portando brácteas geralmente paleáceas, mucronadas, às vezes pungentes; brácteas da inflorescência excedendo ou não os ramos; brácteas florais convexas, triangulares ou ovais, mucronadas, mucronuladas ou múticas. Flores sésseis; sépalas assimétricas, livres ou conadas na base; pétalas livres, violáceas a azuladas, em algumas espécies amareladas ou alvas, apresentando dois apêndices petalíneos; estames inclusos ou levemente exsertos, filetes antipétalos adnatos às pétalas e os antissépalos livres; ovário ínfero, algumas vezes formando um tubo epígino inconspícuo. Óvulos caudados no subg. *Hohenbergia* e obtusos no subg. *Whitmackiopsis*. Fruto baga.

Hohenbergia é um dos gêneros mais derivados do ponto de vista filogenético dentro das Bromelioideae. Apresenta dois subgêneros com uma disjunção entre a região do Caribe e o Escudo leste brasileiro, sendo uma única espécie ocorrente nos dois domínios, *H. stellata* Schult. & Schult. f. Os dois subgêneros são distinguíveis por características como óvulos caudados no subg. *Hohenbergia* (único com representantes brasileiros), contra os óvulos obtusos vistos no subg. *Whitmackiopsis*. (Smith & Downs, 1979). O gênero compreende cerca de 66 espécies aceitas, das quais 54 ocorrem no Brasil, sendo 53 exclusivamente brasileira e 49 endêmicas da região Nordeste, com maior concentração das espécies no estado da Bahia (Forzza *et al.*, 2014; Goaverts *et al.*, 2014). Em Sergipe, quatro espécies são reconhecidas, entretanto uma delas é inédita para a ciência, identificada durante a elaboração dessa monografia. A espécie não foi incluída no presente tratamento por estar em fase de estudo com base em dados morfológicos e moleculares visando à sua melhor delimitação.

Chave para identificação das espécies de ***Hohenbergia*** de Sergipe.

1. Escapo lanuginoso; espigas cilíndricas a subcilíndricas; sépalas mucronadas ou mucronuladas 2
2. Brácteas florais largo-ovais, mucronuladas; sépalas mucronuladas; plantas menores que 150 cm de altura **6.2. *H. ridleyi***

¹Universidade Federal de Pernambuco, Laboratório de Genética e Biotecnologia Vegetal. Av. Professor Moraes Rego, s/n., Cidade Universitária. CEP: 50670-901, Recife-PE. rod.biogen@gmail.com

²Instituto de Botânica (IBt), Núcleo de Pesquisa - Curadoria do Herbário SP, Caixa Postal 68041, CEP: 04045-972, São Paulo-SP. gracaw@terra.com.br

2'. Brácteas florais oval-triangulares, mucronadas; sépalas mucronuladas, múcron maior que 0,07 cm; plantas até 120 cm de altura **6.1. *H. catingae***
1'. Escapo glabro; espigas subglobosas a cilíndricas; sépalas múticas **6.3. *H. salzmanii***

6.1. *Hohenbergia catingae* Ule., Bot. Jahrb. Syst. 42: 195 (1908).

Terrícola ou rupícola, ca. 100 - 150 cm alt., roseta tubular a infundibuliforme. Folhas coriáceas, ca. 60 cm – 120 cm, lepidotas, pungente; bainha 25 – 30 x 7 - 10 cm, conspícua, marrom em ambas as faces; lâmina 50 - 60 x 4 - 7 cm, ereta, verde a pálido-amarelada, linear-lanceolada, margem aculeada, acúleos enegrecidos, retrorsos, com ca. 0,2 – 0,6 cm, mais densos na base. Inflorescência com ramificações de terceira ordem, subcilíndrica ou piramidal, ramos longo-pedicelados; espigas sésseis a subsésseis (pedicelo 0,5mm), elipsoides, ovoides a cilíndricas; escapo vermelho a rosa intenso, ereto, lanuginoso; brácteas ca. 8 – 18 cm compr, imbricadas, paleáceas, excedendo os entrenós, nervadas, acumiadas, uncinadas. Brácteas da inflorescência 0,5 - 10 cm compr., paleáceas, semelhantes às do escapo, triangular-lanceoladas, atenuadas, as primárias igualando ou excedendo os ramos. Brácteas florais oval-triangulares, convexas, excedendo ou não a altura das sépalas, mucronadas, múcron ca. 0,7 cm a 15 cm, carenadas, nervadas. Flores sésseis; sépalas assimétricas, aladas, ala em geral hialina, geralmente rosadas, mucronuladas, múcron 0,01 a 0,11 cm; pétalas ca 0,13 cm compr., violáceas a azuladas; estames pouco exclusivos, filetes ca. 0,1 cm. Fruto esbranquiçado, passando a azulado quando maduro.

Comentários: *Hohenbergia catingae*, dentre as espécies estudadas, é a que apresenta maior variação morfológicas, como em relação ao tamanho de brácteas, múcron e acúleos, forma da inflorescência e tamanho da planta. Esta é a espécie de maior distribuição no estado de Sergipe, sendo seu registro de ocorrência na Caatinga desde a região que compreende a Depressão Sertaneja Setentrional, nos municípios de Canindé do São Francisco e Poço Redondo até a região de Nossa Senhora da Glória e Nossa Senhora do Socorro, bem como na região que compreende o Raso da Catarina, nas proximidades do município de Poço Verde até a área do município de Lagarto. Espécimes floridos são encontrados entre os meses de dezembro e maio, a frutificação ocorre entre junho e agosto.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, V/2010, fl., A.C.C. Silva 305 (ASE); Nossa Senhora da Glória, III/2014, fl., L.P. Rocha 116 & E. Santos 30610 (ASE); Poço Redondo, IV/2009, fl., A.P. Prata et al. 1635 (ASE); Simão Dias, I/2012, fl., A.P. Prata 2834 et al. (ASE).

6.2. *Hohenbergia ridleyi* (Baker) Mez in C.F.P. von Martius & auct. suc. (eds.), Fl. Bras. 3(3): 273 (1891).

Terrícola ou epífita, ca. 120 cm alt., roseta tubular a infundibuliforme. Folhas ca. 50 cm compr.; bainha, ca. 5 - 13 x 5 - 10 cm, conspícua, marrom em ambas as faces, elípticas; lâmina 15 - 30 x 4 - 9 cm, reflexa, verde, lanceolada ou linear-lanceolada, margem aculeada, acúleos

retrorsos, negros, 1 - 1,5 cm. Inflorescência esverdeada, piramidal, com ramificações de até quarta ordem, espigas cilíndricas a subcilíndricas, na base frequentemente agrupadas em ramos longos, tornando-se mais curtos para o ápice da inflorescência; escapo ca. 1 m, esverdeado a esbranquiçado, ereto ou recurvo, lanuginoso; brácteas ca. 9 - 11 cm compr., paleáceas, excedendo os entrenós, glabras, margem lisa, apiculadas, uncinadas; brácteas da inflorescência 8 x 1 cm compr., semelhantes às do escapo, paleáceas, as primárias não excedendo os ramos, as secundárias não excedendo as espigas. Brácteas florais 0,7 - 1 x 1,2 - 1,3 cm, esverdeadas, ovais, convexas, margem inteira, apiculadas, mucronuladas. Flores sésseis; sépalas 0,4 - 0,7 x 0,2 - 0,22 cm, assimétricas, esverdeadas, mucronuladas, glabras, aladas; pétalas 0,9 - 0,11 cm compr., violáceas; estames inclusos, filetes 0,9-1 cm. Fruto não visto. Ilustração em Smith & Downs, 1979 e Wanderley *et al.*, 2007.

Comentários: *Hohenbergia ridleyi* é encontrada no estado de Sergipe exclusivamente nos remanescentes de Floresta Atlântica, havendo apenas um registro confirmado para o Estado na mata de Japarutuba (Sambaíba). O baixo número de registros da espécie pode estar relacionado com pressões antrópicas sobre esses remanescentes, bem como o não esforço de coleta de Bromeliaceae, visto que se tratam de espécimes de grande porte, frequentemente epífitos e de difícil herborização. Devido a sua baixa frequência, essa espécie deve ser considerada em risco de extinção local. Ilustração em Martius *et al.* 1891.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Japarutuba, V/2010, fl., D.S. Melo *et al.* 116 (ASE).

6.3. *Hohenbergia salzmanii* (Baker) E.Morren ex Baker, Handb. Bromel.: 49 (1889).

Epífita, ca. 200 cm alt., roseta tubular. Folhas ca. 2 m compr., linear-lanceoladas; bainha conspícua, marrom, 100 x 19 cm; lâmina, ca. 120 cm compr, reflexa, verde, atenuada, aculeada, acúleos ca. de 0,2 a 1 cm, retrorsos. Inflorescência esverdeada a esbranquiçada, piramidal, com ramificações de até quarta ordem, glabra; escapo ereto, ca. 2 m; brácteas do escapo 21 x 5 cm, paleáceas, excedendo os entrenós; brácteas da inflorescência semelhantes às do escapo, as primárias estreito-triangulares, mais curtas que o pedúnculo, as secundárias mais curtas que as espigas. Espigas sésseis, subglobosas a cilíndricas, muito congestionadas. Brácteas florais 0,8 x 1 cm, ovais não ultrapassando o tamanho das sépalas, mucronuladas, múcron ca. 0,02 cm. Flores sésseis; sépalas ca 0,8 x 0,9 cm, assimétricas, com expansões laterais aliformes, esverdeadas, glabras e míticas; pétalas lilases, obovadas; estames inclusos. Fruto não visto.

Comentários: *Hohenbergia salzmanii* é uma das plantas de maior porte no gênero, é facilmente distinguível por seu tamanho, pelas inflorescências compostas com espigas estrobiláceas, brácteas arredondadas e sépalas glabras e míticas. Sua ocorrência em Sergipe é bastante limitada, tendo sido registrada apenas para dois pontos em todo estado, na cidade de São Cristóvão e recentemente no município de Riachão do Dantas, esta última região de ecótono da Caatinga. Dada à ocorrência e distribuição restrita, no estado de Sergipe esta é uma espécie bastante ameaçada. Quanto a floração, acompanha as demais espécies de

Hohenbergia, florando de dezembro a maio. Do ponto de vista de conservação deve ser considerada localmente ameaçada, em especial pela grande pressão antrópica que sofre esse ambiente bem como a fragilidade do mesmo. Ilustração em Martius *et al.*, 1891.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Riachão do Dantas, V/2014, fl., R. Oliveira *et al.* 60 (ASE); São Cristóvão, I/1998, fl., M. Landim 1383 (ASE).

7. *Neoglaziovia* Mez, Flora Brasil.3 (3): 426.1894.

Marianne Firmino de Oliveira¹
Rafael Batista Louzada¹

Ervas terrícolas ou rupícolas; caule pouco desenvolvido. Folhas em roseta, não formando tanque, estreitas, alongadas, margem serrada, ápice acuminado, pungente. Inflorescências simples; escapo ereto, terminal. Brácteas florais evidentes. Flores pediceladas; sépalas livres, subsimétricas; pétalas livres, apêndices petalíneos presentes. Ovário ínfero. Fruto baga, alargado.

O gênero *Neoglaziovia* possui três espécies restritas ao Brasil e distribuídas pelos estados da região Nordeste. Ocorrem predominantemente em áreas do domínio fitogeográfico da Caatinga (Smith & Down, 1979; Forzza *et al.*, 2014).

7.1. *Neoglaziovia variegata* (Arruda) Mez, Fl. Bras. 3: 427. 1894.

Terrícolas ou rupícolas, 45–67 cm alt. Folhas poucas (menos de 10); roseta não formando tanque; bainha 7–9,5 x 3–3,5 cm, inconspícua, triangular, lepidota, escamas alvas; lâmina 35–87 x 0,5–1,2 cm, linear-lanceolada, verde, estrias transversais alvas na face abaxial formadas pela concentração de escamas, margem revoluta, serrada, acúleos antrorsos, 0,2–0,5 mm compr., ápice atenuado, pungente. escapo 27–40 cm, delgado, ereto; brácteas 2,5–16,5 x 0,5–1,3 cm, estreitamente triangulares, cartáceas. Inflorescência simples; 10–25 cm compr; Bráctea floral 3–15 x 1–4 mm, cartácea, estreitamente triangular a triangular, margem inteira, ápice acuminado, pungente. Flores pediceladas, sépalas 8–11 x 3–5 mm, vermelhas, oval-trianguulares, ápice subagudo. Pétalas ca. 13 mm compr., roxas, linear-espatuladas, ápice obtuso, presença de apêndices petalíneos. Ovário ínfero, 3–5 mm compr., ovoide. Frutos e sementes não observados.

Comentários: *Neoglaziovia variegata* é a única espécie de ampla distribuição geográfica, ocorrendo em todos os estados da região Nordeste (Forzza *et al.*, 2014). Em Sergipe foi encontrada com flores durante todo o ano. Ilustração em Smith & Downs (1979).

¹Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Botânica, Av. Professor Moraes Rego, s/n., Cidade Universitária. CEP: 50670-901, Recife-PE. marianneoliveira93@hotmail.com; rafael.louzada@ufpe.br

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Nossa Senhora da Glória, XII/2013, fl., *L.P. Rocha et al.* 115 (ASE, UFP); Poço Redondo, III/2013, fl., *R.M. Déda & E. Santos* 252 (ASE, UFP); Porto da Folha, VII/2012, fl., *B.A.L. Freitas & D.G. Oliveira* 06 (ASE, UFP).

8. *Orthophytum* Beer, Flora 37:347. 1854.

*Rafael Batista Louzada*¹
*Maria das Graças Lapa Wanderley*²

Ervas terrícolas ou rupícolas. Folhas formando rosetas abertas, sem formar tanque; bainha em geral pouco desenvolvida; lâmina em geral reflexa, estreitamente triangular, serreada, verde-clara ou salmão. Inflorescência em geral composta, escaposa ou séssil; brácteas em geral foliáceas. Brácteas florais oval-triangulares, carenadas. Flores sésseis; sépalas triangulares a oval-triangulares; pétalas espatuladas ou liguladas; apêndices petalíneos lacerados, calosidades algumas vezes presentes. Ovário ínfero, trígono. Estigma simples-ereto. Frutos subglobosos.

Orthophytum Beer possui 67 espécies restritas ao Brasil (Forzza *et al.*, 2014). São encontradas nos domínios da Mata Atlântica, Caatinga e Cerrado (campos rupestres) nos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo (Louzada, 2012). No Nordeste estão registradas 37 espécies, com uma para o estado de Sergipe (Forzza *et al.*, 2014; Louzada, 2012).

8.1. *Orthophytum maracasense* L.B. Sm., Smithsonian Misc. Collect. 126: 33. 1955.

Terrícolas ou rupícolas, 32–75 cm alt. Folhas 12–15, formando rosetas; bainha foliar inconspícua; lâmina 25–64 x 2,5–4 cm, duro-coriácea, canaliculadas, estreitamente triangulares, verde-claras ou salmão, face abaxial densamente lepidota, face adaxial glabra a esparsamente lepidota, margem serreada, acúleos retrorsos, 2–3 mm compr., ápice pungente. Inflorescência 33–77 cm compr., espiga de espiga; escapo 20–46 cm compr., lanuginoso, verde ou vermelho-pálido; brácteas foliáceas; porção fértil da inflorescência em espigas de espigas, (5–)13–31 cm compr., porção apical capitada; brácteas primárias 4–18 x 1,5–3 cm, coriáceas, estreitamente triangulares a oval-triangulares, margem serreada, face abaxial glabra a lepidota, face adaxial glabra, ápice pungente. Brácteas florais 20–23 x 14–18 mm, coriáceas, oval-triangulares, carenadas, margem densamente serreada, face abaxial glabra, face adaxial glabra a lepidota, verde-clara, ápice pungente. Flores sésseis; sépalas 13–14 x 5 mm, triangulares a oval-triangulares, face abaxial glabra a lanoso-lepidota no ápice, verde-amareladas; pétalas 18–20 mm compr., lobos ca. 5 mm

¹Universidade Federal de Pernambuco-Departamento de Botânica. Av. Professor Moraes Rego, s/n., Cidade Universitária. CEP: 50670-901, Recife-PE. rafael.louzada@ufpe.br

²Instituto de Botânica (IBt), Núcleo de Pesquisa - Curadoria do Herbário SP, Caixa Postal 68041, CEP: 04045-972, São Paulo-SP. gracaw@terra.com.br

larg., alvas, ápice obtuso. Apêndices petalíneos com margem lacerada. Estames livres; filetes do primeiro verticilo opostos às sépalas 13–15 mm compr., os do segundo adnatos às pétalas, verdes; anteras ca. 2 mm compr., sub-basifixas; ovário trígono, 5–6 mm compr., glabros; óvulos elipsoides; tubo epígino inconspícuo. Estigma com lobos fimbriados. Frutos subglobosos, sementes não observadas.

Orthophytum maracasense possui ampla distribuição, ocorrendo desde os municípios de Jequié e Maracás no estado da Bahia, até Canindé de São Francisco e Poço Redondo no estado de Sergipe (Louzada, 2012). Em Sergipe foi encontrada com flores e frutos nos meses de julho a outubro. Ilustração em Smith & Downs (1979).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, IX/2010, fl., *D.S. Melo et al. 128* (SP); Poço Redondo, IX/2010, fl., *D.S. Melo et al. 129* (SP); Porto da Folha, VII/2006, fl., *E. Córdula et al. 111* (UFP).

2. SUBFAMÍLIA PITCAIRNIOIDEAE

Ervas ou raramente plantas lenhosas, perenes (*Deuterocohnia*), terrícolas ou saxícolas. Raízes, na maioria, funcionais. Folhas em roseta, não formando tanque; bainha pouco a muito alargada; lâmina com margem espinescente, acúleos em geral proeminentes, algumas vezes com margem lisa; escapo central ou lateral. Inflorescência simples ou composta, poucas a numerosas flores; ovário súpero ou ínfero. Fruto cápsula, sementes com apêndices aliformes (Smith & Downs, 1974).

A nova circunscrição de Pitcairnioideae inclui os gêneros *Dyckia*, *Encholirium*, *Deuterocohnia*, *Fosterella* e *Pitcairnia*, estando os demais atualmente segregados em outras subfamílias propostas por Givnish *et al.* (2011). No estado de Sergipe ocorrem os gêneros *Dyckia* e *Encholirium*.

Chave para identificação dos gêneros de **Pitcairnioideae** de Sergipe

1. Inflorescência lateral; flores laranja; anel pétalo-estamínico formado pelo concrecimento dos filetes com a base das pétalas **1. *Dyckia***
1'. Inflorescência terminal; flores verdes; filetes livres, sem formar anel.
..... **2. *Encholirium***

1. *Dyckia* Schultes f. in Roemer & Schultes, Syst. 7(2): lxx, 1194. 1830.

Diego Sotero de Barros Pinangé¹
Rafael Batista Louzada¹

Ervas rupícolas; caule robusto. Folhas em roseta; bainha geralmente ampla; lâmina rígida, estreitamente triangular, margem serreada, acúleos em geral proeminentes. Inflorescência simples a composta; escapo geralmente conspicuo e lateral; brácteas desde mais curtas a mais longas que os entrenós. Bráctea floral mais curtas até muito mais longas que as flores. Flores sésses a pediceladas; sépalas geralmente livres e alaranjadas, mais curtas que as pétalas; pétalas imbricadas, em geral de cor laranja ou vermelha, mais raramente verde a amarelada; estames inclusos ou exsertos, filetes adnatos à base das pétalas formando um anel pétalo-estamínico, filetes livres acima do anel ou conados em diferentes graus; ovário súpero. Fruto cápsula, sementes numerosas, com apêndices aliformes.

Dyckia Schult. & Schult. f., possui 161 espécies, das quais 127 ocorrem no Brasil (Butcher & Gouda, 2014; Forzza *et al.*, 2014). Suas espécies são distribuídas nos domínios de Mata Atlântica, Caatinga e Cerrado (campos rupestres) do território brasileiro nas regiões Nordeste (Maranhão, Bahia, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte), Norte

¹Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Botânica, Av. Professor Moraes Rego, s/n., Cidade Universitária CEP: 50670-901, Recife-PE. diegosotero@gmail.com; rafael.louzada@ufpe.br

(Pará), Centro-Oeste, Sudeste e Sul (Forzza *et al.*, 2014). Na região Nordeste, são conhecidas 16 espécies, sendo este o primeiro registro para o estado de Sergipe.

1.1. *Dyckia dissitiflora* Schult. f., Syst. Veg. 7(2): 1194. 1830.

Rupícolas, ca. 72 cm altura. Folhas em roseta; bainha inconspícua; lâmina 3–23 x 0,4–0,8 cm, estreitamente triangulares, margem serrada, acúleos castanhos, 3–6 mm compr., retrorsos, ápice pungente. Inflorescências simples; escapo ca. 58 cm compr., glabro, verde, brácteas basais similares às lâminas foliares; porção fértil da inflorescência ca. 14 cm compr. Brácteas florais, ca. 12 x 4 mm, ovais, ápice pungente; pedicelos 3-5 mm compr. Flores ca. 14 mm compr.; sépalas 11–15 x 7–8 mm, elípticas, alaranjadas, ápice obtuso a apiculado; pétalas 10-15 x 5-7 mm, alaranjadas a laranja-avermelhadas, obovadas, ápice arredondado. Estames inclusos na corala; filetes ca. 7,5 mm de compr., tubo dos filetes 2,5 mm compr.; ovário 8 x 4 mm, ovoides. Frutos e sementes não observados.

Comentários: *Dyckia dissitiflora* ocorre nos estados da Bahia e Sergipe onde é comumente encontrada no Domínio Fitogeográfico da Caatinga. Em Sergipe floresce no mês de outubro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** São Domingos, X/2008, fl., J.E. Nascimento-Júnior *et al.* 400 (ASE).

2. *Encholirium* Mart. ex Schult. & Schult. f., Syst. vet. 7(2): 1233. 1830.

*Gardene Maria de Sousa*¹
*Rainan Matos Déda*²

Ervas terrícolas; caule robusto, ereto ou prostrado. Folhas em roseta, numerosas, não formando tanque; bainha em geral desenvolvida; lâmina linear-triangular, lepidota, margem em geral fortemente aculeada, mais raramente inerme, ápice agudo a pungente. Escapo ereto, bracteado; brácteas foliáceas, as basais imbricadas. Inflorescência terminal, poucas a numerosas flores, simples ou compostas, laxas a congestas. Flores pediceladas, eretas até patentes, sépalas livres, em geral verdes, simétricas; pétalas livres, verdes a verde-amareladas ou mais raramente vináceas; apêndices petalíneos ausentes, estames inclusos a exsertos; ovário súpero, estigma espiral-conduplicado. Fruto cápsula; sementes numerosas, achatadas, com apêndices aliformes.

¹Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Natureza, Departamento de Biologia, Campos Universitário Ministro Petrônio Portela, Bairro Ininga. CEP: 64049-550, Teresina-PI. gardene@ufpi.edu.br

²Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Biologia-Laboratório de Sistemática Vegetal- Herbário ASE. Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, Jd. Rosa Elze. CEP: 49100-100, São Cristóvão-SE. rainandeda@hotmail.com

O gênero apresenta distribuição para as regiões Norte, Nordeste, Centro Oeste e Sudeste (Forzza *et al.*, 2014). As espécies do gênero são encontradas nos afloramentos rochosos, dentro do domínio da Caatinga e Cerrado, com uma alta diversidade nos campos rupestres da Cadeia do Espinhaço de Minas Gerais (Forzza, 2005). *Encholirium* compreende cerca de 20 espécies exclusivamente brasileiras. Para o Nordeste há registros para os estados da Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Em Sergipe apenas uma espécie é reconhecida.

2.1. *Encholirium spectabile* Mart. ex Schult. & Schult. f., Syst. veg. 7(2): 1233. 1830.

Terrícolas, 1,0-2,5 m alt. Folhas em rosetas, ereto-patentes; bainha foliar 2,6-5,3 cm compr., 2,6-4,4 cm larg.; lâmina foliar 35,0-74,2 cm compr., 2,0-3,8 cm larg., faces abaxial e adaxial, coloração verde-acinzentada, verde-amarelada a amarelo-avermelhada, ápice agudo a atenuado, margem aculeada; acúleos 0,6-1,3 cm compr., acuminados. Escapo 0,7-1,4 m compr., 0,9-3,5 cm diâm., verde a castanho, ereto, glabro. Brácteas do escapo foliáceas: medianas 9,5-25 cm compr., vináceas a castanha na base e mais clara em direção ao ápice, triangular-lanceolado a lanceoladas, lepidotas, margem aculeada; superiores 1,0-3,0 cm compr., vináceas a marrons, lanceoladas, glabras, margem inteira. Inflorescência 25-45 cm compr., terminal, racemo, multiflora, congesta. Brácteas florais 2,8-8,7 mm compr., 1,0-2,4 mm larg., marrom claro e marrom escuro, conspícuas, lanceoladas, margem inteira, glabras. Flores pediceladas, actinomorfas, pedicelo 0,7-1,2 cm compr.; sépalas 0,6-1,0 x 0,3-0,5 cm., verde-amareladas com ápice vináceo, livres, ovais, mucronadas, glabras, ápice obtuso, margem inteira; pétalas 1,5-2,1 cm compr., 0,4-0,7 cm larg., verdes ou creme-esverdeadas, livres, elípticas, glabras, ápice obtuso, margem inteira; estames 2-2,8 cm compr., exsertos; filetes livres, não adnatos às pétalas; ovário 1,0-1,5 cm compr., súpero; estilete 2-2,5 cm compr., exserto; lobos do estigma laminares. Cápsula 2,4-3 cm compr., castanha,. Sementes 2,2-4,1 mm compr., numerosas, achatadas, com alas falciformes.

Comentários: Endêmica do Brasil, ocorrendo apenas no Nordeste do país: Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe (Forzza *et al.*, 2014), sendo a única espécie do gênero *Encholirium* registrada para Sergipe. Coletada em afloramentos rochosos em áreas de Caatinga. Espécimes com flores foram registrados nos meses de janeiro e outubro e com frutos em julho e dezembro. Popularmente a espécie é conhecida como “macambira” e “macambira-de-flecha”. Populações da espécie são marcantes na fisionomia da Caatinga, podendo ser avistadas à distância pelas longas inflorescências e infrutescências castanhas em forma de flecha. Ilustração em Forzza (2005).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, I/2010, fl., A.C.C. Silva & V. Santos 206 (ASE); Gararu, XII/1981, fr., G. Viana 317 (ASE); Macambira, I/2007, fl., A.C. Silva *et al.* 77 (ASE); Monte Alegre de Sergipe, XI/1974, fl., M.R. Fonseca s.n. (ASE 00138); Nossa Senhora da Glória, XII/2013, fr., L.P. Rocha *et al.* 114 (ASE); Poço Redondo, VII/2008, fr., A.B. Sales *et al.* 184 (ASE).

3. SUBFAMÍLIA TILLANDSIOIDEAE

Leonardo de Melo Versieux¹
Valdeci Fontes de Sousa²

A subfamília Tillandsioideae* Harms caracteriza-se por possuir plantas herbáceas, predominantemente epífitas, com folhas em roseta ou distribuídas ao longo do caule; margens inteiras, indumento de escamas, em geral, radialmente simétricas; ovário súpero, raramente semi-ífero ou ífero; fruto seco, cápsula septicida; sementes estreitas com apêndices plumosos na base e/ou no ápice (Smith, 1934; Smith & Downs, 1977; Till, 2000a; Coffani-Nunes *et al.*, 2010). Apresenta grande variação na morfologia polínica e dos tipos de estigmas (Till, 2000a; Versieux & Wanderley, 2015). É tradicionalmente considerada monofilética (revisão em Gomes da Silva & Costa, 2014) e encontra-se dividida em quatro tribos: Catopsideae, com o gênero *Catopsis* Griseb.; Glomeropitcairnieae, com *Glomeropitcairnia* Mez; Vrieseae, com *Alcantarea* (E.Morren ex Mez) Harms, *Vriesea* Lindl. e *Werauhia* J.R.Grant; e Tillandsieae, com *Guzmania* Ruiz & Pav., *Mezobromelia* L.B.Sm., *Racinaea* M.A.Spencer & L.B.Sm., *Tillandsia* L. e *Viridantha* Espejo (Barfuss *et al.*, 2005). No Brasil, só não há registros para *Glomeropitcairnia* e *Viridantha* (Forzza *et al.*, 2014).

No estado de Sergipe, Tillandsioideae está representada pelos gêneros *Catopsis* (1 sp.), *Racinaea* (1 sp.), *Tillandsia* (10 spp.) e *Vriesea* (2 sp.), todas apresentando, principalmente, hábito epifítico.

Chave para identificação dos gêneros de **Tillandsioideae** de Sergipe

1. Epífita com lâmina foliar filiforme, estreito-triangular ou triangular-filiforme; roseta em geral não formando cisterna **3. *Tillandsia***
- 1' Epífita com lâmina foliar ligulada-atenuada ou lanceolada; roseta formando cisterna..... 2
2. Lâmina ligulada-atenuada, apiculada; pétalas com um par de apêndices basais **4. *Vriesea***
- 2' Lâmina lanceolada, não apiculada; pétalas sem apêndices basais 3

*Consultou-se a base da rede *SpeciesLink* (2014) para conferir a existência de registros adicionais em outros herbários e, se disponíveis dados fenológicos para essas coleções, os mesmos são indicados com um asterisco nos comentários. As medidas de altura foram tomadas com a inflorescência esticada. Considerou-se apenas a porção reprodutiva (ramos floridos) para se medir as inflorescências. Separadamente (ainda que faça parte da inflorescência), é apresentado o comprimento do escapo (pedúnculo). A nomenclatura adotada para binômios e obras seguiu o *World Checklist of Selected Plant Families* (Govaerts *et al.*, 2005) e Forzza *et al.* (2014) para distribuição no Brasil.

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Biociências, Departamento de Botânica e Zoologia, Campus Universitário, Lagoa Nova, Natal-RN. CEP: 59078-970. lversieux@yahoo.com.br

²Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais, Unidade Acadêmica Especializada em Ciências Agrárias, RN-160, km 03, Macaíba-RN. CEP: 59280-000. valdeci.fontes@yahoo.com.br

3. Roseta utriculosa; brácteas do escapo oval-lanceoladas, ápice agudo; flores dísticas; sépalas obovais, ecarenadas.....**2. Racinaea**
3' Roseta infundibuliforme; brácteas do escapo lanceoladas, ápice acuminado; flores polísticas; sépalas elípticas, carenadas..... **1. Catopsis**

1. Catopsis Griseb., Nachr. Königl. Ges. Wiss. Georg-Augusts-Univ. 1: 21. (1864 publ. 1865).

Epífitas; caule curto. Roseta infundibuliforme. Folhas lepidotas, verdes, em geral cerosas; bainha conspícua. Inflorescência composta, subereta; escapo conspícuo, ereto. Flores polísticas, bissexuais ou unissexuais (espécies dióicas), corola actinomorfa; sépalas livres, assimétricas, ápice agudo, obtuso ou emarginado; pétalas livres, apêndices petalíneos ausentes; estames inclusos, filetes livres; ovário súpero, ovoide ou elipsoide. Fruto cápsula septicida, ovoide a elipsoide, ápice agudo a acuminado. Sementes subglobosas, com apêndices plumosos apicais, pardos, dobrados sobre si mesmos.

O gênero reúne atualmente 21 espécies, sendo que 18 dessas são epífitas e 3 podem ser epífitas ou rupícolas, ocorrendo nas Américas do Norte (Estados Unidos), Central e Sul (Martínez-Correa *et al.*, 2014). No Brasil ocorrem 2 espécies: *C. berteroniana* (Schult. & Schult.f.) Mez e *C. sessiliflora* (Ruiz & Pav.) Mez, distribuídas nas regiões Norte, Nordeste, Sudeste e Sul (Forzza *et al.*, 2014).

1.1. Catopsis berteroniana (Schult. & Schult. f.) Mez in A.L.P.P. de Candolle & A.C.P. de Candolle, Mongr. Phan. 9: 621. 1896.

Epífita ca. 35 cm compr.; caule curto. Folhas ca. 10, eretas a suberetas, formando roseta infundibuliforme; bainha ca. 12 × 4 cm, elíptica, cartácea, verde, lepidota, levemente nervada; lâmina foliar 20-25 × 3,5-4,2 cm, lanceolada, finamente nervada, concolor, ápice acuminado. Inflorescência terminal, composta; escapo ca. 65 cm compr., ereto a subereto, cilíndrico, marrom a vináceo, glabro; brácteas do escapo 6-25 × 1,3-3 cm, lanceoladas, verdes, lepidotas, ápice acuminado; bráctea primária 1,7-5 × 1-1,8 cm, semelhante às brácteas superiores do escapo, envolvendo a base dos ramos; bráctea floral 6-8 × 6 mm, oval, mais curtas que as sépalas, margem lisa e membranácea, ecarenadas, ápice arredondado. Flores polísticas; sépalas 0,7-1 × 0,5 cm, elípticas, glabras, livres, margens membranáceas, carenadas, ápice arredondado; pétalas não observadas. Cápsula elipsoide, ca. 1,2 cm compr., apiculada, glabra, ultrapassando as sépalas. Sementes ca. 4 mm compr., fusiformes, apêndices plumosos 2,5-3 cm compr., ondulados.

Comentários: No Brasil, *Catopsis berteroniana* apresenta-se distribuída nos estados das regiões Nordeste (AL, BA, PE, SE), Sudeste (SP) e Sul (PR, SC) (Forzza *et al.*, 2014). Em Sergipe foi coletada em matas secas, com frutos no mês de dezembro. Ilustração em Martínez-Correa *et al.* (2014).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Japarutuba, XII/1996, fr., *M. Landim 1083* (ASE).

2. *Racinaea* M.A. Spencer & L.B. Sm., *Phytologia* 74:152. 1993.

Epífita (raro terrícola ou rupícola); caule curto. Roseta utriculosa. Folhas polísticas; bainha conspícua; lâmina foliar ligulada ou lanceolada, lepidota. Inflorescência simples ou composta; escapo ereto ou recurvado. Flores bissexuais, actinomorfas, dísticas; sépalas livres ou conatas na base, largo-elípticas, assimétricas; pétalas livres, apêndices petalíneos ausentes; ovário súpero, glabro; estames inclusos; filetes livres ou, às vezes, adnatos às pétalas. Fruto cápsula septicida, fusiforme a oblonga. Sementes cilíndricas a fusiformes, com apêndices plumosos basais.

De acordo com Luther (2012), o gênero reúne 74 espécies. No Brasil ocorrem 3 espécies: *R. aerisinicola* (Mez) M.A.Spencer & L.B.Sm., *R. domingosmartinis* (Rauh) J.R.Grant e *R. spiculosa* (Griseb.) M.A.Spencer & L.B.Sm., distribuídas nas regiões Norte, Nordeste, Sudeste e Sul (Forzza *et al.*, 2014). *Racinaea* difere de *Tillandsia* pela presença de sépalas assimétricas. É um grupo predominantemente andino, em geral com flores campanuladas e pequenas (Till, 2000a, 2000b).

2.1. *Racinaea spiculosa* (Griseb.) M.A.Spencer & L.B.Sm., *Phytologia* 74: 157. 1993.

Epífita, ca. 55 cm compr. Roseta utriculosa, estolho ca. 2 cm de compr.; bainha 3-9 × 2,8-5,5 cm, elíptica, lepidota; lâmina foliar 7-12,5 × 2,5-3,5 cm, lanceolada, ápice acuminado. Inflorescência ca. 28 cm, composta, ereta, mais longa que as folhas, 11 ramos, cada um 26-30-florido, patente, ráquila exposta; escapo ca. 25 cm compr., ereto, cilíndrico, vináceo, glabro; brácteas do escapo 2,2-3 × 0,8-1,4 cm, oval-lanceoladas, lepidotas, ápice agudo brácteas primárias ca. 2,5 × 1 cm, semelhantes às do escapo; bráctea floral ca. 0,8 × 0,4 cm, oval, glabra, ápice obtuso. Flores dísticas; sépalas ca. 5 × 2,3 mm, obovais, livres, ecarenadas, glabras, ápice arredondado; pétalas não observadas. Cápsula ca. 2 cm compr., cilíndrica, glabra. Sementes ca. 2 mm compr., apêndices plumosos 1,2 cm compr., alvacentos.

Comentários: No Brasil é encontrada nos estados das regiões Nordeste (AL, BA, CE, PE, SE), Sudeste (ES, RJ, SP) e Sul (PR, SC) (Forzza *et al.*, 2014). No estado de Sergipe a espécie foi citada como ocorrendo em áreas de campo rupestre. Em geral, *Racinaea* ocorre em áreas montanhosas com vegetação aberta (Roguenant, 2001) ou florestal (Till, 2000b). Coletada com frutos em setembro. Ilustração em Roguenant (2001) e Leme & Siqueira-Filho (2006).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, IX/1981, fr., M.C. Santana s.n. ASE 1115.

3. *Tillandsia* L., Sp. Pl. 286. 1753.

Epífitas, rupícolas ou saxícolas; caule curto ou desenvolvido. Folhas em roseta, em geral sem formar tanque, ou distribuídas ao longo do caule, dísticas ou polísticas; lâmina foliar filiforme a estreito-triangular, lepidotas. Inflorescência terminal, ereta,

decumbente ou pêndula, simples ou composta, ou mais raramente reduzida a uma única flor; escapo conspicuo, ereto a recurvo; brácteas imbricadas. Flores dísticas ou polísticas; sépalas, livres ou curto-conatas; pétalas livres, apêndices petalíneos ausentes; estames inclusos ou exsertos, filete reto ou plicado; ovário súpero, glabro. Fruto cápsula septicida, fusiforme a elipsoide. Sementes cilíndricas ou fusiformes, com apêndices plumosos na base.

Tillandsia compreende cerca de 622 espécies (Luther, 2012), amplamente distribuídas na região Neotropical. No Brasil está representado por 85 espécies distribuídas em quase todos os estados, exceto Maranhão e Tocantins (Forzza *et al.*, 2014). Em Sergipe foram registradas 10 espécies, todas de distribuição ampla, sendo o gênero de maior riqueza.

Chave para identificação das espécies de *Tillandsia* de Sergipe

1. Planta pendente; raízes e escapo ausentes; inflorescência uniflora..... **3.10. *T. usneoides***
- 1'. Planta ereta; raízes e escapo presentes; inflorescência 2-flora a multiflora 2
2. Folhas dísticas **3.6. *T. recurvata***
- 2'. Folhas polísticas (espiraladas) 3
3. Roseta utriculosa **3.1. *T. bulbosa***
- 3' Roseta infundibuliforme ou sem formar uma roseta definida 4
4. Inflorescência simples..... 5
- 4' Inflorescência composta 8
- 5 Flores dísticas..... 6
- 5'. Flores polísticas (espiraladas) 7
6. Plantas floridas de 12-40 cm compr.; caule desenvolvido; bráctea floral de 1-1,5 cm compr **3.7. *T. streptocarpa***
- 6'. Plantas floridas de 8-10 cm compr.; caule inconspícuo; bráctea floral de 0,7-0,9 cm compr **3.4. *T. loliacea***
7. Pétalas alvas; caule conspicuo **3.9. *T. tenuifolia***
- 7'. Pétalas lilás, caule inconspícuo. **3.8. *T. stricta***
8. Roseta acumulando água **3.5. *T. polystachia***
- 8'. Roseta sem acumular água 9
9. Roseta graminiforme; pétalas alvas passando a violeta **3.3. *T. juncea***
- 9'. Roseta infundibuliforme ou sem formato delineado (com folhas recurvadas até patentes); pétalas lilás ou avermelhadas 10
10. Inflorescência densa, escapo recurvado; bráctea floral 0,8-1 cm larg... **3.2. *T. gardneri***
- 10'. Inflorescência laxa, escapo ereto; bráctea floral 0,4-0,6 cm larg.... **3.7 *T. streptocarpa***

3.1. *Tillandsia bulbosa* Hook., Exot. Fl.: t. 173. 1825.

Epífita, 12-22 cm compr.; caule inconspícuo. Roseta utriculosa. Folhas polísticas, suberetas a patentes; bainha 1-3 × 1,3-2 cm, orbicular, densamente lepidota; lâmina foliar 2,3-23 × 0,2-0,5 cm, linear-triangular a linear-filiforme, densamente lepidota, ápice longo-atenuado.

Inflorescência simples, 4,5-7 cm comp., mais longa que as folhas; escapo 4-8 cm compr., ereto; brácteas do escapo 5-7 × 0,2-0,3 cm, oval-caudadas, densamente lepidotas; bráctea primária 1,8-2,5 × 0,5-1,2 cm, oval, lepidota, ápice agudo; bráctea floral 1,5-2,3 × 0,7-1,3 cm, oval, carenada, lepidota, mais longas que as sépalas, ápice agudo. Flores dísticas; sépalas 1,6 × 0,4-0,7 cm, curto-conatas na base, oblongas, carenadas, lepidotas, ápice agudo; pétalas 2,5-3 × 0,4 cm, lineares, lilás, ápice agudo; estames ca. 3 cm compr., exsertos, livres; filetes complanados; anteras dorsifixas; ovário ca. 4 mm compr., ovoide, glabro; estilete ca. 3 cm compr., cilíndrico, mais longo que as pétalas. Cápsula 3-3,5 cm compr., cilíndrica, glabra. Sementes ca. 2 mm compr., fusiformes, apêndices plumosos, ca. 2 cm compr.

Comentários: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo no México, América Central, Caribe, norte da América do Sul e Brasil (Smith & Downs, 1977). No Brasil, é encontrada nos estados das regiões Norte (AM, AP, PA), Nordeste (AL, BA, PA, PE, RS, SE) e Sudeste (ES) (Forzza *et al.*, 2014). No estado de Sergipe é encontrada em Mata Atlântica e borda de mata na Caatinga. É facilmente reconhecida pelo formato dilatado da base da roseta, folhas suberetas a patentes, bainha orbicular. Coletada com flores em janeiro e abril e com frutos em janeiro e maio. Ilustração em Smith & Downs (1977) e Fiorato (2009).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, I/2010, fr., *D.S. Melo et al.* 54 (ASE); Capela, IV/2012, fl., *L.A. Gomes et al.* 4558 (ASE); Japaratuba, VI/2010, fr., *D.S. Melo et al.* 118 (ASE); Pirambu, I/1977, fl., fr., *M.R. Fonseca s.n.* (ASE 00448); São Cristóvão, VI/2008, fr. pass., *J.E. Nascimento-Júnior et al.* 379 (ASE); Simão Dias, IV/2010, fl., *T. Carregosa-Silva et al.* 50 (ASE).

3.2. *Tillandsia gardneri* Lindl., Edward's Bot. Reg. 28: t. 63. 1842.

Epífita, 12-30 cm compr., caule inconspícuo. Roseta infundibuliforme. Folhas, polísticas, as inferiores reflexas, as superiores suberetas; bainha 1,2-1,5 × 0,6-0,8 mm, estreito-triangular, membranácea; lâmina foliar 8-15 × 1-1,5 cm, linear-triangular, densamente lepidota, escamas ultrapassando o limite da margem da lâmina, ápice longo-atenuado. Inflorescência composta, 3,5-6 cm compr., globosa ou subglobosa, ereta a subereta, densa, mais curta que as folhas; escapo 5-10 cm compr., recurvado, densamente lepidoto; brácteas do escapo 7-15 × 0,6-0,8 cm, elíptico-lanceoladas ou oval-aristadas, imbricadas; bráctea primária 2,5-3,5 × 0,5-1 cm, elíptica ou oval, densamente lepidota, acuminada; bráctea floral 1-2 × 0,8-1 cm, oval a oval-elíptica, densamente lepidota, carenada, ápice agudo a cuspidado, mais longa que as sépalas. Flores dísticas; sépalas 1 × 0,7 cm, ovais, carenadas, lepidotas, ápice agudo; pétalas ca. 1,8 × 0,4 cm, avermelhadas, liguladas, ápice arredondado; estames ca. 7 mm compr., livres, inclusos; filetes fortemente plicados, anteras dorsifixas; ovário ca. 4 mm compr., elíptico, glabro; estilete ca. 8 mm compr., cilíndrico. Cápsula não observada.

Comentários: Espécie amplamente distribuída na Colômbia, Venezuela e Brasil (Wanderley & Martins, 2007). No Brasil é encontrada nos estados das regiões Nordeste (AL, BA, CE,

PB, PE, PI, RN, SE), Sudeste (ES, MG, RJ, SP) e Sul (PA, RS, SC) (Forzza *et al.*, 2014). No estado de Sergipe foi coletada em remanescente de Mata Atlântica, matas serranas e Caatinga. É facilmente reconhecida no campo por apresentar as folhas mais basais reflexas, densamente lepidotas e escamas excedendo o limite das margens da lâmina foliar, inflorescência composta globosa e densa. Coletada com flores em julho* e novembro e frutos em fevereiro* e abril*. Ilustração em Coffani-Nunes *et al.* (2010).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, I/2010, fr. imaturo, D.S. Melo *et al.* 58 (ASE); Santo Amaro das Brotas, XI/1991, fl., C. Farney & J.E. Santos 2844 (ASE); Tobias Barreto, X/1974, fl. pass., A.C.C. Barreto 123 (ASE).

3.3 *Tillandsia juncea* (Ruiz & Pav.) Poir. in J.B.A.M. de Lamarck, *Encycl.*, Suppl. 5: 309. 1817.

Epífita 28-35 cm compr.; caule inconspícuo. Roseta graminiforme. Folhas polísticas, eretas a suberetas; bainha 1-1,5 × 0,5-0,7 cm; lâmina foliar 15-30 × 1-3 cm, linear, lepidota, ápice longo-atenuado. Inflorescência composta, ca. 7 cm compr., globosa, mais curta que as folhas; escapo ca. 20 cm compr., ereto, conspícuo, mais curto que as folhas; brácteas do escapo 11-20 × 1-1,3 cm, elíptico-lanceoladas, imbricadas, lepidotas, foliáceas, ocultando o escapo, ápice filiforme; bráctea primária ca. 5 × 0,8 cm, elíptica ou oval, lepidota, acuminada, apiculada; bráctea floral 1,6-2 × 1-1,2 cm, oval, ápice agudo a acuminado, lepidota, mais longas que as sépalas. Flores dísticas; sépalas 1,3-1,5 × 0,3-0,4 cm, elíptico-lanceoladas, a anterior livre, as posteriores conatas, carenadas, glabras, acuminadas; pétalas brancas na base passando a violeta, ligulada; estames exsertos. Cápsula ca. 2,2 cm compr., cilíndrica, glabra. Sementes ca. 2 mm compr., fusiformes, apêndices plumosos ca. 1,6 cm compr.

Comentários: Espécie amplamente distribuída, sendo encontrada desde o México até a Bolívia (Smith & Downs, 1977). No Brasil, ocorre nos estados das regiões Nordeste (AL, BA, CE, PB, PE, SE) e Sudeste (MG) (Forzza *et al.*, 2014). No estado de Sergipe foi coletada em mata de transição e Caatinga. É facilmente reconhecida em campo por apresentar folhas estreitas, eretas a suberetas formando uma roseta graminiforme, escapo ereto e conspícuo, inflorescência em espiga composta e congesta. Coletada com frutos em junho e setembro*. Ilustração em Espejo-Serna *et al.* (2005).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Riachão do Dantas, VI/2012, fr., D.A. Campos *et al.*, 73 (ASE); Tobias Barreto, IX/2010, fr., F.C. Nogueira-Júnior 22 (ASE).

3.4. *Tillandsia loliacea* Mart. ex Schult. & Schult. f. in J.J. Roem. & J.A. Schultes, *Syst. Veg.* 7(2): 1204. 1830.

Epífita, 8-10 cm compr.; caule inconspícuo. Roseta infundibuliforme. Folhas polísticas, eretas a suberetas; bainha foliar 1,5-4 × 2-3 mm, oval, membranácea, translúcida; lâmina foliar 1-3,5 × 0,1 cm, estreito-triangular, involuta, densamente lepidota, ápice attenuado. Inflores-

cência simples, 3-5-flora, 1,2-3 cm compr., linear, mais longa que as folhas; escapo 2,5-6 cm compr., ereto, mais longo que as folhas, densamente lepidoto; brácteas do escapo 8-14 × 3-4 mm, elípticas, conduplicadas, imbricadas, abaxialmente hialino-lepidotas, adaxialmente glabras, curto-caudadas; bráctea primária 1-1,2 × 0,4 cm, oval-elíptica, nervada, ecarenada, densamente lepidota, ápice agudo; bráctea floral 7-9 × 3-5 mm, oval-elíptica, densamente lepidota, ecarenada, ápice agudo. Flores dísticas; sépalas 6-7 × 1,5-2 mm, lanceoladas, ápice agudo, glabras, nervadas, ecarenadas; estames inclusos. Cápsula 2-2,5 cm compr., cilíndrica, glabra. Semente 4 mm compr., fusiforme; apêndices 1,2 cm compr., plumosos, brancos.

Comentários: Espécie de ampla distribuição, ocorrendo na Argentina, Bolívia, Brasil, e Paraguai (Smith & Downs, 1977). No Brasil, é encontrada nas regiões Nordeste (AL, BA, CE, PB, PE, PI, RN, SE), Centro-Oeste (DF, MS, MT), Sudeste (ES, MG, SP) e Sul (PR) (Forzza *et al.*, 2014). Na região Nordeste ocorre em campos rupestres e Caatinga, crescendo como epífita ou rupícola (Fiorato, 2009). No estado de Sergipe é encontrada em áreas de Caatinga hipoxerófila. É facilmente reconhecida em campo devido ao pequeno porte, inflorescência simples, linear, pauciflora e roseta com folhas curtas, eretas a suberetas. Coletada com flores em fevereiro*, julho*, setembro*, outubro* e frutos em maio* e setembro. Ilustração em Coffani-Nunes *et al.* (2010).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Nossa Senhora da Glória, IX/1983, fr., pass., G. Viana 777 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Rio Grande do Norte:** Campo Redondo, III/2012, fr., A.A. Roque *et al.* 1323 (UFRN); Sítio Novo, I/2008, fr., I.B. Lira s.n. (UFRN 7736).

3.5. *Tillandsia polystachia* (L.) L., Sp. pl., ed. 2: 410. 1762.

Epífita, 36-42 cm compr.; caule curto. Roseta infundibuliforme acumulando água. Folhas 16-30 cm compr., dispostas em roseta aberta, polísticas, suberetas; bainha 4,5-7,5 × 3,5-4,5 cm, elíptica, cartácea; lâmina foliar 8-28 × 2-5 cm, triangular-lanceolada, lepidota, ápice longo-atenuado. Inflorescência composta, 5-35 cm compr., ereta, mais longa que as folhas; escapo 14-25 cm, cilíndrico, ereto, glabro; brácteas do escapo 5-21 × 0,5-1,5 cm, oblongo-acuminadas, lepidotas, imbricadas; bráctea primária 3,7-5,2 × 1,2-1,5 cm, oval, lepidota, ápice atenuado. Flores dísticas; bráctea floral 1,7-2 × 0,8-1 cm, oval-elíptica, lepidota, ápice agudo; sépalas 1,5-1,8 × 0,4-0,6 cm, elíptico-lanceoladas, glabras, conatas, carenadas, ápice agudo; pétalas ca. 4 × 0,5 cm, lineares, lilás, livres, ápice acuminado, eretas na antese; estames ca. 3,5 cm compr., exsertos, adnatos à base da pétala; filetes cilíndricos, lilás; anteras ca. 2,2 mm compr., elíptico-lineares, vináceas; ovário ca. 5 × 2,5 mm, oval-elíptico, glabro; estilete ca. 4 cm, cilíndrico. Cápsula 3 cm de compr., cilíndrica. Sementes 4 mm compr., apêndices 4 cm compr.

Comentários: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo nos Estados Unidos, México, Honduras, Cuba, Jamaica, Haiti, República Dominicana, Puerto Rico, Colômbia, Venezuela,

Equador, Bolívia e Brasil (Smith & Downs, 1977; Espejo-Serna *et al.*, 2005). No Brasil é encontrada nos estados das regiões Nordeste (AL, BA, CE, PB, PE), Sudeste (ES, MG, RJ, SP) e Sul (PR) (Forzza *et al.*, 2014). De acordo com Pontes & Agra (2006) e Fiorato (2009), *T. polystachia* tem valor ornamental, devido à presença de inflorescências com brácteas foliáceas verdes contrastando com a corola lilás. Em Sergipe foi encontrada em campo de altitude, mata de transição e mata de Caatinga hipoxerófila, sendo este considerado o primeiro registro da espécie para o Estado, ampliando sua distribuição geográfica. Coletada com botão floral em setembro*, flores em janeiro, fevereiro*, novembro* e dezembro*, frutos imaturos em outubro* e frutos maduros em novembro* e março. Ilustração em Smith & Downs (1977) e Fiorato (2009).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, I/2010, fl., *D.S. Melo et al.* 60 (ASE); Frei Paulo, XI/1981, fl. pass., *E.M. Carneiro* 164 (ASE); Simão Dias, III/2011, bot., fl., fr., *T. Carregosa-Silva et al.* 186 (ASE); Tobias Barreto, XII/1979, s/fl. s/fr., *M.R. Fonseca* 682 (ASE).

3.6. *Tillandsia recurvata* (L.) L., Sp. pl. ed. 2: 410. 1762.

Epífita, 7-13 cm compr.; caule 2-2,5 cm compr.; raízes presentes. Roseta infundibuliforme. Folhas dispostas ao longo do caule, dísticas, fortemente recurvadas; bainha 6-12 × 4-5 mm, distintamente mais larga que a lâmina, elíptico-oval, lepidota, membranácea; lâmina foliar 3,5-8 × ca. 0,1 cm, filiforme, densamente lepidota, recurvadas, ápice agudo. Inflorescência simples, 1-2-flora; escapo 4-8 cm compr., ereto a subereto, cilíndrico, lepidoto, mais longo que as folhas; bráctea do escapo 1 ou 2, 1-1,3 × 0,3 cm, elíptico-lanceolada, nervada, ecarenada, lepidota, ápice agudo; bráctea floral 8-9 × 4 mm, oval, ecarenada, lepidota, ápice agudo. Flores polísticas; sépalas ca. 7 × 2 mm, elípticas, ecarenadas, glabras, ápice agudo; pétalas ca. 1 cm compr., livres, estreito-oblongas, lilás claro, ápice emarginado; estames livres, inclusos, filetes ca. 6 mm compr., cilíndricos; anteras ca 1 mm compr., dorsifixas, lineares, amarelas; ovário elipsoide, ca. 4 mm compr. Cápsula 1,5 cm compr., cilíndrica, glabra. Sementes ca. 2 mm compr., fusiforme, apêndices 1,6 cm compr.

Comentários: Amplamente distribuída, ocorrendo no Sul da América do Norte, América Central, Caribe e América do Sul (Smith & Downs, 1977). No Brasil é encontrada nas regiões Nordeste (AL, BA, CE, PB, PE, RN, SE), Sudeste (ES, MG, RJ, SP) e Sul (PR, RS, SC), habitando áreas de Caatinga e floresta estacional decidual e semidecidual (Forzza *et al.*, 2014). Caracteriza-se por apresentar folhas reduzidas, aciculadas e fortemente recurvadas, escapo com apenas uma bráctea remanescente, raro duas, geralmente formando densas populações sobre as árvores. No estado de Sergipe cresce em áreas de Caatinga. Coletada com flores em abril e setembro* e frutos ao longo de todo o ano. Ilustração em Coffani-Nunes *et al.* (2010).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, IV/1981, fl. fr., *M.R. Fonseca et al.* 497 (ASE); Porto da Folha, VII/2011, fr., *D.G. Oliveira & E.S. Almeida* 227 (ASE).

3.7. *Tillandsia streptocarpa* Baker, J. Bot. 25: 241. 1887.

Epífita, 12-40 cm compr.; caule conspícuo, 1-6 cm compr. Roseta infundibuliforme ou sem formato delineado (com folhas recurvadas até patentes). Folhas polísticas, cinéreas, recurvadas; bainha 1-2 × 0,7-1 cm, oval a suborbicular, membranácea; lâmina foliar 6-30 cm compr., triangular-linear, argêntea, densamente lepidota em ambas as faces, coriácea, margem involuta, ápice longo-atenuado. Inflorescência ca. 14 cm compr., simples ou composta, laxa, ereta; escapo 7-25 cm compr., ereto, cilíndrico, glabro, mais longo que as folhas; brácteas do escapo 3,3-13 × 0,5-1 cm, cartáceas, lanceoladas, dísticas, imbricadas, caudadas, densamente lepidotas; bráctea primária 3,5 × 0,5 cm, oval, lepidota, nervada, ápice agudo; bráctea floral 1-1,5 × 0,4-0,6 cm, elíptico-lanceolada, dística, nervada, lepidota, ápice agudo. Flores dísticas; sépalas 1-1,2 × 0,4-0,5 cm, curto-conatas, oblongas, ápice obtuso, ecarenadas, glabras; pétalas ca. 1,5-2 × 0,8-1 cm, lilás, espatuladas, ápice obtuso; estames ca. 6 mm compr., livres, inclusos; ovário ca. 3,5 mm, compr., oval-elíptico. Cápsula ca. 3,5 cm compr., cilíndrica, glabra. Sementes ca. 4 mm compr., apêndices 1,8-2 cm compr.

Comentários: Espécie de ampla distribuição ocorrendo desde o Peru, Paraguai e Bolívia (Smith & Downs, 1977). No Brasil é encontrada nas regiões Norte (PA), Nordeste (AL, BA, CE, PB, PE, PI, RN, SE), Centro-Oeste (GO, MS), Sudeste (MG, SP) e Sul (PR, RS) (Forzza *et al.*, 2014). Em Sergipe cresce como epífita em Caatinga hipoxerófila arbórea. Caracteriza-se por apresentar brácteas florais dísticas, caule rizomatoso em geral alongado, folhas recurvadas com margens involutas, densamente lepidotas, ápice longo-atenuado e flores lilás, aromáticas. Coletada com flores em janeiro, fevereiro* e abril* e frutos em maio*, novembro* e dezembro*. Ilustração em Coffani-Nunes *et al.* (2010).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, I/1982, fl., *M.R. Fonseca* 553 (ASE); Poço Redondo, XII/2008, s/fl, s/fr., *D.S. Melo & C.A.S. Souza* 4 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Rio Grande do Norte:** Campo Redondo, VIII/2011, fr., *A.B. Jardim et al.* 266 (UFRN).

3.8. *Tillandsia stricta* Sol. ex Ker Gawl., Bot. Mag. Mag. 37: t. 1529. 1813.

Epífita 8-17 cm compr.; caule inconspícuo. Roseta infundibuliforme. Folhas 3-10 cm compr., polísticas, reflexas a eretas; bainha 1-1,7 × 0,7 cm compr., membranácea; lâmina foliar 2-11 × 0,3-1 cm, estreito-triangular, densamente lepidota, escamas não ultrapassando o limite da margem, ápice agudo. Inflorescência simples, 3-7 cm compr., fusiforme, mais longa que as folhas; escapo 3,5-5 cm compr., recurvado, vináceo a rosado, mais longo que as folhas; brácteas do escapo 1,6-2,2 × 0,6-0,8 cm, elípticas a ovaladas, as mais basais totalmente lepidotas, as apicais lepidotas apenas na parte distal, apiculadas, imbricadas, nervadas, membranáceas; bráctea floral 1,8-3,5 × 0,5-0,9 cm, oval-elíptica, ápice acuminado, lepidota apenas no ápice, membranácea, nervada, mais longa que as sépalas. Flores polísticas; sépalas ca. 1-1,2 × 0,3-0,4 cm, conatas na base, elípticas,

careadas, membráceas, glabras, ápice acuminado; pétalas ca. 1,5 × 0,4 cm, rosadas a violeta, espatuladas; estames ca. 1,3 cm compr., inclusos, livres, mais longos que o gineceu; ovário ca. 3 mm compr., ovoide; estilete ca. 1,2 cm compr., incluso na corola. Cápsula ca. 2,5-3 cm compr., cilíndrica, glabra. Sementes ca. 2 mm compr., fusiformes, marrom-claro, apêndices ca. 2 cm compr., plumosos, brancos.

Comentários: Espécie amplamente distribuída na Colômbia, Venezuela e Brasil (Wanderley & Martins, 2007). No Brasil, ocorre nos estados das regiões Nordeste (AL, BA, CE, PB, PE, RN, SE), Centro-Oeste (DS, GO, MS, MT), Sudeste (ES, MG, RJ, SP) e Sul (PR, RS, SC) (Forzza *et al.*, 2014). No estado de Sergipe, é encontrada em Mata Atlântica, mata de transição, matas serranas, “tabuleiro” e “brejo de altitude”. No município de Frei Paulo *Tillandsia stricta* é conhecida popularmente como “gravatazinhos”. Na área de estudo foi coletada com flores em fevereiro*, setembro*, outubro* e agosto e frutos em janeiro, março* e julho*. Ilustração em Coffani-Nunes *et al.* (2010).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Frei Paulo, IX/1981, fl. pass., G. Viana 148 (ASE); Itabaiana, VIII/2007, fl., J.E. Nascimento-Júnior 106 (ASE); Japoatã, IX/1981, fl. pass., M.C. Santana, 14 (ASE); Maruim, XI/2008, fr., A.C. Silva 236 (ASE); Poço Redondo, X/2009, fr. pass., S.M. Costa 664 (ASE); Tobias Barreto, I/2010, fr. imaturo, A.P. Prata *et al.* 2181 (ASE).

3.9. *Tillandsia tenuifolia* L., Sp. Pl.: 286. 1753.

Epífita 20-37 cm compr.; caule conspicuo. Roseta infundibuliforme. Folhas dispostas ao longo do caule, polísticas, eretas a secundas; bainha 2-2,5 × 0,7 cm, membrácea; lâmina foliar 3-11 × 0,4-0,8 cm compr., estreito-triangular, mais curta que as folhas mais distais, escamas não ultrapassando o limite da margem, ápice longo-atenuado. Inflorescência simples, ca. 8-flora, ca. 3-4 cm compr., ovoide; flores polísticas; escapo ca. 10 cm compr., ereto, glabro; brácteas do escapo 1,5-1,8 × 0,5-0,7 cm, elípticas, glabras, imbricadas, ápice aristado, arista 1-3,5 cm compr.; bráctea primária 1,5 × 0,8 cm, oval, glabras, apiculada, ápice agudo, às vezes as proximais apiculadas; bráctea floral ca. 1,5 × 0,6-0,8 cm, oval-elíptica, nervada, glabra, mais longa que as sépalas, ápice agudo. Flores polísticas; sépalas 1,5 cm compr., anterior livre, as duas posteriores conatas até o terço superior, lanceoladas, careadas, membráceas, glabras, ápice agudo; pétalas ca. 1,5 cm, alvas, elípticas, ápice obtuso; estames ca. 1 cm compr., inclusos, adnatos às pétalas na metade inferior, mais longos que o gineceu; ovário ca. 2,5-3 mm compr., ovoide; estilete ca. 0,8 cm compr., incluso na corola. Cápsula e sementes não vistas.

Comentários: Espécie de ampla distribuição, ocorrendo de Venezuela, Trinidad, Suriname, Paraguai, Uruguai e norte da Argentina. (Smith & Downs, 1977). No Brasil, *Tillandsia tenuifolia* é encontrada nos estados das regiões Nordeste (AL, BA, CE, PA, PE, SE), Centro-Oeste (DS, GO, MS, MT), Sudeste (ES, MG, RJ, SP), e Sul (PR, RS, SC) (Forzza *et al.*, 2014). No estado de Sergipe ocorre em área de floresta atlântica. É facilmente

reconhecida em campo por apresentar folhas dispostas ao longo do caule, imbricadas, eretas a secundas, inflorescência simples e flores com pétalas alvas. Na área de estudo foi coletada com flores em maio e agosto, setembro e dezembro. Ilustração em Coffani-Nunes *et al.* (2010).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, VIII/2006, fl., A.P. Prata 1357 (ASE).

3.10. *Tillandsia usneoides* (L.) L., Sp. Pl., ed. 2: 411. 1762.

Epífita pendente, caule filiforme, entrenós 2,5-7 cm compr., densamente lepidoto. Roseta ausente; raízes ausentes. Folhas 2-8 cm compr., dispostas ao longo do caule, dísticas, patentes a recurvadas, densamente lepidotas; bainha ca. 1 × 0,3 cm, membranácea; lâmina foliar 3-7 cm compr., filiforme, densamente lepidota, levemente recurvada. Inflorescência uniflora; escapo ausente; bráctea floral ca. 5 × 3 mm, suborbicular, apiculada, lepidota na porção apical; sépalas ca. 7 × 2 mm, elípticas, carenadas, glabras, ápice agudo; pétalas ca. 1 × 0,1 cm, ligulada, ápice agudo, amarelo-esverdeadas; estames ca. 4 mm compr., inclusos, mais longos que o gineceu; filetes cilíndricos, anteras dorsifixas; ovário ca. 2 mm compr., elipsoide; estilete ca 1 mm compr. Cápsula e sementes não vistas.

Comentários: Espécie de maior distribuição dentro da família, ocorrendo desde o sudeste dos Estados Unidos até o sul da América do Sul (Smith & Downs, 1977). No Brasil, ocorre nos estados das regiões Nordeste (AL, BA, CE, PB, PE, PI, RN, SE), Centro-Oeste (GO), Sudeste (ES, MG, RJ, SP) e Sul (PR, RS, SC) (Forzza *et al.*, 2014). Como epífita obrigatória é encontrada em florestas úmidas e também em campos rupestres e Caatinga. No estado de Sergipe é encontrada em “brejo de altitude”, mata serrana e mata de Caatinga hipoxerófila. É facilmente reconhecida em campo pelo hábito pendente, folhas filiformes e flores solitárias. Coletada com flores em maio, julho*, agosto*, setembro*, novembro* e dezembro*. Ilustração em Coffani-Nunes *et al.* (2010).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Frei Paulo, VI/1981, fr. pass., M.R. Fonseca 520 (ASE); Itabaiana, VI/2011, fl., T. Carregosa-Silva 208 (ASE); Poço Redondo, XI/2009, fl. pass., S.M.C. Costa 641 (ASE).

4. *Vriesea* Lindl., Edward's Bot. Reg. 29: t. 10. 1843.

Epífitas, rupícolas, saxícolas ou terrícolas. Roseta infundibuliforme a utricular. Folhas polísticas, acumulando água, liguladas ou lanceoladas, lepidotas, ápice agudo a obtuso. Inflorescência terminal, ereta ou pêndula, simples ou composta; escapo conspícuo, lepidoto ou glabro; bráctea floral conspícua, cartácea a coriácea. Flores dísticas, polísticas, secundas ou não, tubulosas a campanuladas; sépalas livres, simétricas; pétalas livres ou curtamente conatas, apêndices petalíneos presentes; estames exsertos ou inclusos; ovário súpero. Fruto cápsula septicida, cilíndrica ou ovoide. Sementes cilíndricas ou fusiformes com apêndice plumoso na base.

Amplamente distribuída na América Central e na América do Sul (Smith & Downs, 1977). No Brasil, o gênero está representado por 210 espécies distribuídas nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, porém sem mencionar ocorrências em Sergipe (Forzza *et al.*, 2014). Entretanto o gênero está representado nesse Estado por pelo menos duas espécies, sendo aqui descrita apenas *Vriesea procera*, enquanto *V. tijuana* E. Pereira é citada na literatura como ocorrente na Serra de Itabaiana (Smith & Downs, 1977; Moura, 2011) ou mencionada para o estado de Sergipe (Leme & Siqueira-Filho, 2006), mas não foi encontrado nenhum espécime nas coleções aqui examinadas. Já nas coleções disponibilizadas na base SpeciesLink (2014), há um espécime (*Andrade-Lima 62-4108*, IPA) identificado como *V. jonghei* (K.Koch) E.Morren que provavelmente corresponde à referida *V. tijuana*, já que também foi coletado na Serra de Itabaiana e por essas espécies serem tratadas dentro de um complexo da Sect. Xiphion (ver Moura, 2011).

Chave para identificação das espécies de *Vriesea* de Sergipe

1. Inflorescência simples; brácteas florais coriáceas; flores campanuladas, noturnas
 *Vriesea tijuana* (não descrita no presente trabalho)
 1'. Inflorescência composta; brácteas florais cartáceas, flores tubulosas, diurnas
 **4.1 *Vriesea procera***

4.1. *Vriesea procera* (Mart. ex Schult. & Schult. f.) Wittm., Bot. Jahrb. Syst. 13(29): 21. 1891.

Epífita, ca. 0,8-1,5 m compr. Roseta infundibuliforme. Folhas 35-40 cm compr., dispostas em roseta aberta, suberetas; bainha 10-15 × 7-9 cm, elíptica, cartácea, castanho próximo à base, densamente lepidota, levemente nervada; lâmina foliar 5-35 × 4-5,3 cm, ligulada-atenuada, apiculada, coriácea, concolor, ápice acuminado. Inflorescência 50-80 cm compr., composta, laxa, mais longa que as folhas, 6-12 ramos, cada ramo 4-11-florido; escapo 35-83 cm compr., ereto, glabro; brácteas do escapo 2,5-18 × 1,5-4,5 cm, lanceoladas a oval-lanceoladas, lepidotas, ápice agudo, apiculadas, a porção basal envolvendo fortemente o escapo; bráctea primária semelhante às brácteas superiores do escapo, envolvendo a base dos ramos; bráctea floral 1,7-2,6 × 1-1,6 cm, elíptica, apiculada, mais curtas que as sépalas, levemente carenada no ápice, glabra ou esparsamente lepidota no ápice, ápice obtuso ou agudo. Flores dísticas; sépalas ca. 1,8-2,8 × 0,6-0,8 cm, oblongas, glabras, livres, ecarenadas, ápice obtuso; pétalas não observadas. Cápsula 2,5 cm compr., cilíndrica, glabra. Sementes ca. 3 mm compr., apêndices plumosos ca. 2,2 cm compr.

Comentários: Amplamente distribuída por toda a América do Sul, desde as Guianas até o Paraguai e o norte da Argentina (Smith & Downs, 1977). No Brasil, ocorre nos estados das regiões Nordeste (AL, CE, PB, PE, PI), Sudeste (ES, MG, RJ, SP) e Sul (PR, SC) (Forzza *et al.*, 2014). No estado de Sergipe foi encontrada nas formações vegetais como matas secas, campos de várzeas e brejo de altitude. Smith & Downs (1977) citam a coleção de *Andrade-Lima 62-4096* (IPA), proveniente da Serra de Itabaiana como *V.*

procera var. *rubra* L.B.Sm. Considerando que o material aqui examinado não informa a coloração das brácteas e que a chave apresentada por Smith & Downs (1977) para a separação das quatro variedades descritas leva em conta a consistência das brácteas florais, optou-se por utilizar a espécie em senso amplo, sem aplicação da categoria infra-específica. Coletada com flores em novembro e frutos em dezembro. Ilustração em Smith & Downs (1977). Alguns exemplares da Serra de Itabaiana encontravam-se erroneamente identificados como *V. scalaris* E.Morren, entretanto a última apresenta inflorescência pêndula e simples, facilmente diferenciada de *V. procera*, que apresenta escapo ereto e inflorescência composta.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Divina Pastora, XI/2008, fl., A.C. Silva 231 (ASE); Itabaiana, VII/1987, fl. pass., G. Viana 1848 (ASE); Poço Redondo, XII/2010, fr., W.J. Machado et al. 1079 (ASE).

Referências Bibliográficas

Barfuss, M.H.J.; Samuel, R.; Till, W. & Stuessy, T.F. 2005. Phylogenetic relationships in subfamily Tillandsioideae (Bromeliaceae) based on DNA sequence data from seven plastid regions. **American Journal Botany** 92(2): 337-351.

Butcher, D. & Gouda, E.J. (continuamente atualizado) **The New Bromeliad Taxon List**. <<http://BromTaxonList.floraPix.nl>> University Botanic Gardens, Utrecht (acessado em: 16 Agosto 2014).

Coffani-Nunes, J.V.; Versieux, L.M.; Wanderley, M.G.L. & Pirani, J.R. 2010. Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais: Bromeliaceae - Tillandsioideae. **Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo** 28: 35-54.

Espejo-Serna, A.; López-Ferrari, A.R. & Ramírez-Morillo, I. 2005. Bromeliaceae. In: **Flora de Veracruz**. Instituto de Ecología A. C. Xalapa, Veracruz, México. Fascículo 136:1-307.

Faria, A.P.G., Wendt, T., & Brown, G.K. 2010. A revision of *Aechmea* subgenus *Macrochordion* (Bromeliaceae) based on phenetic analyses of morphological variation. **Botanical Journal of the Linnean Society** 162:1-27.

Fiorato, L. 2009. **O gênero *Tillandsia* L. (Bromeliaceae) no estado da Bahia, Brasil**. Dissertação (Mestrado em Botânica). Instituto de Botânica da Secretaria de Estado do Meio Ambiente.

Forzza, R. C. 2005. **Revisão Taxonômica de *Encholirium spectabile* Marti. ex Schult. & Schult. f. (Pitcarnioideae - Bromeliaceae)**. Bol. Bot. Univ. São Paulo. 23(1): 1-49.

Forzza, R.C.; Costa, A.; Siqueira Filho, J.A.; Martinelli, G.; Monteiro, R.F.; Santos-Silva, F.; Saraiva, D. P.; Paixão-Souza, B.; Louzada, R.B. & Versieux, L.M. (continuamente atualizado) *Bromeliaceae*. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB6361>> (Acessado em: 27 Jul. 2014 e 15 Ago.2014).

Givnish, T.J.; Barfuss, M.H.J.; Van Ee, B.; Riina, R.; Schulte, K.; Horres, R.; Gonsiska, P.A.; Jabaily, R.S.; Crayn, D.M.; Smith, J.A.C.; Winter, K.; Brown, G.K.; Evans, T.M.; Holst, B.K.; Luther, H.; Till, W.; Zizka, G.; Berry, P. & Sytsma, K.J. 2011. Phylogeny, adaptative radiation, and historical biogeography in Bromeliaceae: Insights from an eight-locus plastid phylogeny. **American Journal of Botany** 98(5): 872-895.

Gomes-da-Silva, J.; & Costa, A.F.d. 2014. An Updated overview of taxonomy and phylogenetic history of Tillandsioideae genera (Bromeliaceae: Poales). **Global Journal of Botanical Science** 1:1-8.

Govaerts, R.; Luther, H.E. & Grant, J. **World Checklist of Plants: Bromeliaceae**. <<http://www.kew.org/wcsp/>> (Acessado em: 20 Jul. 2014).

- Leme, E.M.C. & Siqueira-Filho, J.A. 2006. Taxonomia das bromélias dos fragmentos de Mata Atlântica de Pernambuco e Alagoas. In J.A.d. Siqueira-Filho & E.M.C. Leme (Eds). **Fragmentos de Mata Atlântica do Nordeste, biodiversidade, conservação e suas bromélias**. Andrea Jakobsson Estúdio Editorial Ltda., Rio de Janeiro. p 191-381.
- Louzada, R. B. 2012. **Revisão taxonômica e filogenia de *Orthophytum* Beer (Bromeliaceae, Bromelioideae)**. Tese (Doutorado). Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo. Departamento de Botânica. 186 pp.
- Luther, H.E. 2012. **An alphabetical list of bromeliad binomials**, 12 ed. Sarasota Bromeliad Society and Marie Selby Botanical Gardens, Sarasota, Fla.
- Martínez-Correa, N.; Espejo-Serna, A. & López-Ferri, A.R. 2014. Una nueva especie de *Catopsis* (Bromeliaceae, Tillandsioideae, Catopsidae) de México. **Acta Botanica Mexicana** **106**: 129-147.
- Martius, C. F. P.; Eichler, A. G. & Urban, I. 1891. Flora brasiliensis - Bromeliaceae. **Tabulae Physiognomicae Explicatae**. **3**(3): 173-634.
- Moura, R.L. 2011. **Revisão taxonômica do grupo *Vriesea platynema* Gaudich. (Bromeliaceae)**. In: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas, Rio de Janeiro. p. 192.
- Pontes, R.A.S. & Agra, M.F. 2006. Flora da Paraíba: *Tillandsia* L. (Bromeliaceae). **Rodriguésia** **57**(1): 47-61.
- Ramírez-Morillo, I. M. **Systematics, Phylogeny, and Chromosome number evolution of *Cryptanthus* (Bromeliaceae)**. 1996. 268 f. Tese (Doutorado) - University of Missouri-St. Louis, Missouri, 1996.
- Ramírez-Morillo, I.M. 1998. Five new species of *Cryptanthus* (Bromeliaceae) and some nomenclatural novelties. Harvard Papers in **Botany** **3**(2): 215-224.
- Roguenant., A. 2001. **Les *Tillandsia* et les *Racinaea***. Belin, Paris.
- Santos, A. L. & Wanderley, M. G. L. **Flora da Serra do Cipó**, Minas Gerais: Bromeliaceae – Bromelioideae. Bol. Bot. Univ. São Paulo, vol. 30 (2): 87-107. 2012
- Smith, L.B. 1934. Geographical evidence on the lines of evolution in the Bromeliaceae. **Botanische Jahrbücher für Systematik, Pflanzengeschichte und Pflanzengeographie** **66**: 446-468.
- Smith, L.B. & Downs, R.J. 1974. Pitcairnioideae (Bromeliaceae). **Flora Neotropica Monograph** **14**(1): 1-662.
- Smith, L.B. & Downs, R.J. 1977. Tillandsioideae (Bromeliaceae). **Flora Neotropica Monograph** **14**(2): 663-1492.
- Smith, L.B. & Downs, R.J. 1979. Bromelioideae (Bromeliaceae). **Flora Neotropica Monograph** **14**: 1493-2141.
- Sousa, G. M. & Wanderley, M.G.L. 2000. *Aechmea* Ruiz & Pav. (Bromeliaceae) do Estado de Pernambuco, Brasil. **Acta botanica brasílica** **14**(1): 77-97.
- Sousa, G. M. 2004. **Revisão taxonômica de *Aechmea* Ruiz & Pavon subg. *Chevaliera* (Gaudich. ex Beer) Baker, Bromeliaceae-Bromelioideae**. Tese (Doutorado). Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo. Departamento de Botânica. 181 pp.
- SpeciesLink. 2014. Busca nas coleções dos herbários ASE, CEPEC, EAC, HTSA, HUEFS, HVASF, IPA, JPB, MAC, MBM, MBML, MOSS, NY, RB, SP, SPF, TEPB, UESC e UFP disponível na rede speciesLink <<http://www.splink.org.br>> (Acessado em: 07 de Agosto de 2014).
- Till, W. 2000a. Tillandsioideae. In D.H. Benzing (ed.). **Bromeliaceae: profile of an adaptive radiation**, Cambridge University Press, Cambridge. p.555-571.
- Till, W. 2000b. *Tillandsia* and *Racinaea*. In D.H. Benzing (ed.). **Bromeliaceae: profile of an adaptive radiation**, Cambridge University Press, Cambridge. p.573-585.
- Versieux, L.M. & Wanderley, M.G.L. 2015. **Bromélias-gigantes do Brasil**. Capim Macio & Offset, Natal.
- Wanderley, M.G.L. & Martins, S.E. 2007. Bromeliaceae. In M.G.L. Wanderley, G.J. Shepherd, T.S. Melhem & A.M. Giulietti (Coords.). **Flora fanerogâmica do Estado de São Paulo**, Instituto de Botânica, São Paulo, V. 5, p. 39-161.

Lista de Exsicatas

Amaral, C. 56 (1.1.4); **Amorim, A.M.** 1480 (1.1.5); **Amorim, B.S.** 146 (1.1.7), 300 (1.1.7); **Barreto, A.C.C.** 123 (3.3.2); **Buta, J.M.** 05 (1.1.3); **Campos, D.A.** 73 (3.3.3); **Carneiro, E.M.** 59 (1.1.7), 164 (3.3.5), 470 (1.1.4), 480 (1.1.6); **Carregosa-Silva, T.** 50 (3.3.1), 57 (1.1.1), 186 (3.3.5), 188 (1.1.1), 208 (3.3.10), 211 (1.1.4); **Córdula, E.** 111 (1.8.1); **Costa, S.M.** 116 (1.8.1), 286 (1.1.5), 371 (1.1.4), 641 (3.3.10), 651 (1.1.1), 664 (3.3.8); **Cruz, A.** 76 (1.1.5); **Deda, R.M.** 06 (1.1.7), 42 (1.1.1), 252 (1.7.1); **Farias, M.C.V.** 06 (1.1); **Farney, C.** 2844 (3.3.2), 2901 (1.1.4), 3044 (3.3.1); **Ferreira, E.V.R.** 39 (1.7.1), 40 (1.1.7), 41 (1.1.1), 95 (1.1.1), 106 (1.7.1), 127 (1.1.1), 128 (1.7.1), 221 (1.1.7), 226 (1.7.1), 227 (1.1.1), 242 (1.4.1); **Fonseca, M.R.** 140 (1.4.1), 331 (1.7.1), 497 (3.3.6), 520 (3.3.10), 551 (1.7.1), 552 (1.4.1), 553 (3.3.7), 661 (1.4.1), 682 (3.3.5), s.n. ASE 00027 (1.1.7), s.n. ASE 00088 (1.1.1), s.n. ASE 00138 (2.2.1), s.n. ASE 00161 (1.1.3), s.n. ASE 00373 (1.5.2), s.n. ASE 00427 (1.1.7), s.n. ASE 00448 (3.3.1), s.n. ASE 000495 (1.1.5), s.n. ASE 00542 (1.1.1), s.n. ASE 00590 (1.1.1), s.n. ASE 00613 (1.1.4), s.n. ASE 00749 (1.1.1); **Freitas, B.A.L.** 6 (1.7.1); **Gomes, L.A.** 433 (1.4.1), 470 (3.3.1), 528 (1.5.2), 4558 (3.3.1); **Gomes, P.** 634 (1.1.5), 792 (1.1.3), 809 (1.1.4); **Jardim, A.B.** 266 (3.3.7); **Landim, M.** 199 (1.1.1), 434 (1.1.4), 704 (1.1.5), 970 (1.1.5), 1083 (3.1.1), 1093 (1.1.7), 1178 (1.1.4), 1383 (1.6.3), 1393 (1.1.6); **Lira, I.B.** s.n. UFRN 7736 (3.3.4); **Louzada, R.B.** 150 (1.8.1); **Machado, W.J.** 39 (1.1.7), 124 (1.7.1), 205 (1.7.1), 424 (1.5.1), 860 (1.4.1), 1079 (3.4.1); **Martinelli, G.** 15342 (1.1.1), 15344 (1.1.5), 15345 (1.1.7); **Matos, E.C.A.** 218 (1.1.1); **Matos, I.S.** 91 (1.1.4); **Melo, D.S.** 01 (1.4.1), 02 (1.2.1), 4 (3.3.7), 06 (1.1.1), 20 (1.1.7), 30 (1.1.1), 31 (1.7.1), 54 (3.3.1), 55 (1.1.5), 56 (1.1.3), 58 (3.3.2), 60 (3.3.5), 62 (1.1.3), 63 (1.1.1), 115 (1.1.1), 116 (1.6.2), 118 (3.3.1), 119 (1.1.1), 123 (1.1.4), 126 (1.5.2), 128 (1.8.1), 129 (1.8.1), 130 (1.8.1); **Melo, J.F.** 52 (1.1.4); **Nascimento-Júnior, J.E.** 106 (3.3.8), 261 (1.1.1), 360 (3.3.6), 370 (1.1.4), 379 (3.3.1), 400 (2.1.1), 573 (1.1.1), 577 (1.1.7), 579 (1.1.1), 1041 (1.1.1), 13018 (1.6.1), s.n. ASE 015728 (1.8.1); **Nogueira-Júnior, F.C.** 22 (3.3.3); **Oliveira, D.G.** 135 (1.7.1), 227 (3.3.6), 334 (1.1.1), 336 (1.4.1); **Oliveira, D.M.** 112 (1.1.1); **Oliveira, R.** 60 (1.6.3); **Pereira, T.C.** 16881 (1.6.2); **Prata A.P.** 1196 (1.1.1), 1215 (1.1.1), 1357 (3.3.9), 1451 (1.1.1), 1462 (1.1.1), 1463 (1.1.1), 1464 (1.1.1), 1466 (1.1.1), 1479 (1.1.1), 1480 (1.1.7), 1635 (1.6.1), 1636 (1.7.1), 2180 (1.1.5), 2181 (3.3.8), 2664 (1.1.1), 2743 (1.1.1), 2834 (1.6.1), 3631 (1.5.1), 3640 (1.7.1), 3693 (1.4.1); **Ribeiro, L.V.** 71 (1.1.4), 114 (1.1.4); **Rocha, L.P.** 49 (1.7.1), 55 (1.4.1), 114 (2.2.1), 115 (1.7.1), 116 (1.6.1); **Roque, A.A.** 1323 (3.3.4); **Sales, A.B.** 180 (1.4.1), 184 (2.2.1), 185 (1.7.1), 822 (1.8.1); **Santana, M.C.** 14 (3.3.8), s.n. ASE 01114 (1.1.2), s.n. ASE 01115 (3.2.1); **Sant'Ana, S.C.** 388 (1.5.2); **Santos, L.A.S.** 84 (1.1.4); **Santos, M.L.** 44 (1.1.6), 152 (1.1.7); **Silva, A.C.** 77 (2.2.1), 208 (1.2.1), 230 (1.1.1), 231 (3.4.1), 236 (3.3.8); **Silva, A.C.C.** 70 (1.4.1), 205 (1.4.1), 206 (2.2.1), 229 (1.7.1), 305 (1.6.1), 321 (1.4.1); **Sousa, G.** 357 (1.1.5), 358 (1.1.5); **Souza, C.A.S.** 75 (1.1.1); **Souza, C.L.** 19 (1.1.4); **Viana, G.** 103 (3.4.1), 139 (1.7.1), 147 (1.1.1), 148 (3.3.8), 185 (1.1.5), 212 (1.1.3), 257 (1.7.1), 317 (2.2.1), 777 (3.3.4), 870 (1.1.1), 930 (1.1.4), 1269 (1.1.4), 1410 (1.5.2), 1756 (1.3.1), 1848 (3.4.1); **Wanderley, M.G.L.** 218 (1.1.2), CFSC 5688 (1.1.2).

CACTACEAE

Marcos Vinicius Meiado¹
Lidyenne Yuriko Saleme Aona²
Joana Paula Bispo Nascimento³
Ayslan Trindade Lima¹
Daniela Cristina Zappi⁴

Arbustos, árvores, lianas, epífitas, hemiepífitas ou plantas cônicas, globosas ou subglobosas, perenes, geralmente com ramos suculentos, cespitoso, fotossintetizantes, muitas vezes articulados, compressos, cilíndricos, costados ou tuberculados, aplanados, com margem lisa ou crenada, podendo apresentar ramificação acrotônica, mesotônica ou basitônica; meristemas axilares representados por caules reduzidos denominados aréolas, de onde se originam tricomas, espinhos, flores, gloquídeos (Opuntioideae) ou, em alguns casos, folhas. Inflorescências terminais e laterais, racemos a panículas ou botões florais desenvolvendo em aréolas geralmente modificadas. Flores vistosas, bissexuadas, actinomorfas ou zigomorfas, originadas a partir de aréolas modificadas ou não; pericarpelo liso ou recoberto por escamas (brácteas), aréolas e espinhos, podário presente ou ausente; tubo floral geralmente presente ou ausente (Pereskioideae); segmentos do perianto apresentando forte transição de textura e formato, os mais externos sepaloídes passando para petaloídes; estames numerosos, disposição espiralada, inseridos no interior do tubo floral, anteras basifixas; nectário no interior do tubo-floral; ovário ínfero ou súpero, unilocular, plurióvulado, placentação parietal, estigma lobado, número de lobos igual ao dos carpelos concrecidos. Fruto baga, globoso a piriforme, raro deisciente por uma fenda lateral ou longitudinal devido, remanescentes do perianto presentes ou não, podário presente ou ausente, polpa funicular colorida, sólida ou transparente e mucilagínosa (tribo Rhipsalideae); sementes ovoides, reniformes, lenticuladas, oblongas, cocleariformes a suborbiculares, nuas ou com arilo esclerificado (*Brasiliopuntia*, *Nopalea*, *Opuntia*), paredes periclinais das células da testa planas a convexas, região hilo-micropilar dotada de duas depressões.

A família ocorre desde o Sudeste da Patagônia, na Argentina, até o Sul do Canadá, em habitats variados, incluindo desertos e também áreas litorâneas, florestas sazonais e florestas tropicais úmidas (Anderson 2001), preferivelmente sobre substrato rochoso ou arenoso, ou mesmo como epífitas. Os centros de diversidade e distribuição dos cactos

¹Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Biociências, Cidade Universitária Professor José Aloísio de Campos, Jardim Rosa Elze, CEP: 49100-000, São Cristóvão, Sergipe. meiado@ufs.br

²Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas, Rua Rui Barbosa, 710 – Campus Universitário. CEP: 4480-000, Cruz das Almas - Bahia. lidyenne.aona@gmail.com

³Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação, Cidade Universitária Professor José Aloísio de Campos, Jardim Rosa Elze, CEP: 49100-000, São Cristóvão, Sergipe. joanapbn@gmail.com

⁴Royal Botanic Gardens, Kew. d.zappi@kew.org

localizam-se nas regiões áridas ou semiáridas do continente americano, principalmente nos Estados Unidos, México e Leste do Brasil (Taylor & Zappi 2004). Apenas *Rhipsalis* Gaertn. possui uma distribuição que se estende desde os neotrópicos até o Sudeste da África e Sul do continente asiático (Barthlott & Hunt 1993; Anderson 2001). No Brasil, a família apresenta 260 espécies agrupadas em 39 gêneros, distribuídas em todos os domínios fitogeográficos do país (Taylor *et al.* 2015), dos quais a Caatinga abriga cerca de 90 espécies (Taylor *et al.* 2015). Em Sergipe, a família Cactaceae está representada por 25 espécies, sendo 20 espécies nativas e cinco espécies exóticas (Lima & Meiado 2014), *Epiphyllum oxypetalum* (DC.) Haw., *Hylocereus undatus* (Haw.) Britton & Rose, *Opuntia dillenii* Haw., *Opuntia ficus-indica* Mill. e *Nopalea cochenillifera* (L.) Salm-Dyck, que não serão tratadas neste trabalho.

Chave para identificação dos gêneros de **Cactaceae** de Sergipe^{1*}

1. Hábito arbustivo ou arbóreo; folhas bem desenvolvidas, com limbo expandido; ramos não suculentos **8. Pereskia**
- 1'. Hábito nunca arbustivo ou arbóreo; folhas reduzidas ou ausentes; ramos suculentos 2
2. Epífitas ou escandentes; caule cilíndrico inerme e pêndulo, filocladódio ou cladódios trígonos 3
- 2'. Rupícolas ou terrícolas; cladódio costelado, espinescente ou subdividido em artículos complanados com gloquídeos, ou plantas globosas 5
3. Flores com menos de 1 cm de compr.; fruto até 0,5cm compr., globoso a elipsóide, alvo, alaranjado, rosa ou violáceo **10. Rhipsalis**
- 3'. Flores 15-32 cm de compr.; fruto com mais de 4 cm compr., ovoide a piriforme, magenta a róseo ou avermelhado4
4. Epífita; filocladódio, inermes; pericarpelo e fruto com escamas agudas e sem aréolas **3. Epiphyllum**
- 4'. Trepadeira; cladódios trígonos com aréolas espinhosas; pericarpelo e fruto com brácteas ou aréolas espinescentes, espinhos 1–2 cm comprimento **5. Hylocereus**
5. Artículos terminais complanados às vezes com folhas reduzidas nos ramos jovens, aréolas com gloquídeos 6
- 5'. Cladódios colunares, divididos em costelas verticais, sem folhas, aréolas sem gloquídeos 9
6. Artículos complanados partindo de um tronco central cilíndrico, segmentos do perianto esverdeados a amarelos **1. Brasiliopuntia**
- 6'. Cladódios todos aplanados, segmentos do perianto amarelos, alaranjados, vermelhos ou rosa-forte 7
7. Segmentos do perianto rosa-forte, todos eretos, ultrapassados pelos estames e estigma *Napalea cochenillifera* (introduzida, não descrita no presente trabalho, ver sob *Opuntia*)

^{1*}No estado do Sergipe existem diversas espécies exóticas de Cactaceae amplamente cultivadas. Diante disso, todas as espécies exóticas serão apresentadas na chave para uma correta identificação. Entretanto, estas espécies exóticas não serão tratadas no texto, seguindo as normas da Flora de Sergipe.

- 7'. Segmentos do perianto amarelos a laranja ou vermelhos, reflexos, não ultrapassados pelos estames e estigma 8
8. Segmentos do perianto laranja-forte a vermelhos, agudos a apiculados **11. Tacinga**
- 8'. Segmentos do perianto amarelos, arredondados a espatulados ou emarginados **7. Opuntia**
9. Plantas globosas ou cônicas até 25 cm alt.; flores em cefálio terminal **6. Melocactus**
- 9'. Arbustos ou árvores, cladódio colunar, ramificado, sem cefálio desenvolvido 10
10. Flores curtas, com até 7 cm compr., pericarpo verde, vermelho ou magenta **9. Pilosocereus**
- 10'. Flores alongadas com mais de 14 cm compr., pericarpo vermelho ou purpúreo, amarelo ou alaranjado.....11
11. Pericarpelo e fruto dotados de podários com aréolas espinescentes, restos do perianto persistentes; costelas obtusas e sinuadas **4. Harrisia**
- 11'. Pericarpelo e fruto inermes, restos do perianto decíduos; costelas agudas, e inteiras **2. Cereus**

1. Brasiliopuntia (K. Schum.) A. Berger.

1.1. Brasiliopuntia brasiliensis (Willd.) A. Berger, *Entwicklungslin, Kakt.*: 94. 1996.

Nome popular: urumbeba.

Fig. 1 A-B.

Árvore com 4–10 m alt. Caule cilíndrico de crescimento indeterminado, 15–20 × 35 cm, aréolas com 1-3(-4) espinhos; ramos dimórficos, artículos intermediários cilíndricos, 20–80 × 5–7 cm, artículos distais romboides a obovoide, 6–15 × 3–6 cm, verde-escuro brilhante a verde-escuro, decíduos na estação seca. Aréolas dos artículos intermediários e distais inermes ou apresentando apenas um espinho. Tronco com gloquídeos presentes (ao menos em porções mais velhas do caule), raros ou ausentes nos ramos jovens. Folhas diminutas, turbinadas, precocemente decíduas. Flores actinomórficas, próximas ao ápice dos ramos principais ou nos segmentos terminais do caule, ou ainda por proliferação das aréolas de flores velhas, 2,5–3,5 × 4,5 cm; pericarpelo globoso, obovoide, alongado ou alongado achatado, 8–28 × 9–12 mm, verde; segmentos externos do perianto 15 mm compr., ovais, esverdeados a amarelados, segmentos internos 20 × 10 mm, lanceolados a espatulados, amarelos; estames não sensíveis, 7 mm compr., anteras 0,6 mm compr.; estilete 9 × 1,5 mm, estigma 3-6-lobado, exserto, lobos 4,5 mm compr. Frutos solitários ou aglomerados, globosos a piriformes, 2–4 cm diâm., purpúreos, vermelho-alaranjados, vermelhos ou amarelados, polpa funicular fibrosa, branca. Sementes 8-10 mm compr.

Comentários: Gênero monotípico distinto da maioria dos gêneros de Opuntioideae por apresentar um ramo principal cilíndrico, além de ramos laterais dimórficos. Além disso, os estames não são sensitivos (Taylor *et al.* 2002). No Brasil, ocorre em Rondônia, Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e nas regiões Sudeste e Sul (Taylor *et al.* 2015). Espécie de ocorrência em regiões ecotonais do estado de Sergipe. Muito utilizada como planta ornamental em algumas

idades da zona da mata sergipana (Meiado *et al.* 2012a; Lima & Meiado 2014). Segundo Meiado *et al.* (2012b) e Meiado (2012b), os frutos são zoocóricos e as sementes afotoblásticas.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Frei Paulo, II/2012, fl., A.P. Prata *et al.* 2930 (ASE); Lagarto, III/2009, fr., D.S. Melo *et al.* 26 (ASE); Laranjeiras, II/2011, fr., C.R. Donato *et al.* 35 (ASE); Nossa Senhora da Glória, XI/1981, fl., G. Viana 261 (ASE); Riachão do Dantas, III/2012, fr., G.M.A. Matos *et al.* 152 (ASE, HURB); Simão Dias, II/1975, fl., A.C.C. Barreto *s.n.* (ASE 288); Tobias Barreto, I/2010, fl. fr., A.P. Prata *et al.* 2177A (ASE).

2. *Cereus* Mill.

Plantas terrestres ou rupícolas, arborescentes ou arbustivas, eretas, semieretas ou rasteiras, colunares, divididos em 3-7 costelas verticais, agudas, inteiras, ramos triangulares a cilíndricos, frequentemente constrictos em intervalos de crescimento anuais; raízes tuberosas ou fibrosas, tecidos vasculares tornando-se muito lenhosos, epiderme e cutícula espessadas e resistentes, muitas vezes coberta por cera alva, cinzenta ou glauca; aréolas espinescentes, com crescimento secundário expressivo nas partes velhas da planta. Flores actinomórficas, isoladas, laterais, inseridas na porção superior das aréolas, alongadas, infundibuliformes, de antese noturna; pericarpelo e tubo floral externamente inermes, cilíndricos a levemente angulosos, aréolas glabras com exceção de algumas escamas pequenas, raramente subtendendo pequenos tufo de tricomas; segmentos internos do perianto alvos, filetes delicados, delgados. Fruto ovoide a subcilíndrico, deiscente através de uma ou mais fendas laterais, pericarpo purpúreo a vermelho, amarelo ou alaranjado, frequentemente glauco antes de atingir a maturidade, inerme, restos do perianto decíduos deixando uma cicatriz aprofundada. Sementes enegrecidas, paredes periclinais das células da testa planas a convexas.

Gênero com 20 espécies ocorrendo na América do Sul. No Brasil, ocorre em todos os estados, exceto no Amapá, Acre, Amazonas e Rondônia (Taylor *et al.* 2015). No estado de Sergipe está representado por duas espécies.

Chave para identificação das espécies de ***Cereus*** de Sergipe

1. Subarbusto cespitoso, ereto a decumbente, até 80 cm alt.; 3-5 costelas; frutos vermelho-arroxeados **2.1. *C. fernambucensis***
1'. Árvore ereta, 3-9 m alt.; 5-7 costelas; frutos vermelho-claros ou róseos
.....**2.2. *C. jamacaru***

2.1. *Cereus fernambucensis* Lem. Cact. gen. nov. sp.: 58. 1839.

Nome popular: cardo-da-praia.

Fig. 2 A-D.

Subarbusto cespitoso, ereto a decumbente, até 80 cm alt., ramos com tamanhos variados, 0,5–1,5 m, 5–11 cm diâm., verde-claro a azul-esverdeado, não mucilaginoso;

com 3-5 costelas, 65 × 10–30 mm. Aréolas 10 mm diâm., distanciadas 15-35 mm entre si, 1-4 espinhos centrais até 50 mm compr., 8-10 espinhos radiais até 25 mm compr. Flores alvas, 14–17 × 9–10 cm, tubo verde-claro, pericarpelo 13–18 × 7–12 mm; filetes ca. 1,5–3 cm compr., anteras globosas, ca. 1,5–2 mm; estilete 11–16 cm compr., estigma 8-13-lobado. Fruto ovoide, 5–7 × 3–6 cm, deiscente por uma fenda lateral voltada para o solo; polpa funicular branca. Sementes 2–3 × 1–1,5 mm, enegrecidas, brilhantes, paredes periclinais das células da testa planas a convexas.

Comentários: Apresenta ampla distribuição no litoral do estado de Sergipe, mesmo em áreas urbanas, ocorrendo sobre areia, em restinga (Meiado *et al.* 2012a; Lima & Meiado 2014). Ocorre somente a subespécie típica, sendo diferenciada da subsp. *sericifer* (Ritter) N. P. Taylor & Zappi por apresentar ramos menores e geralmente decumbentes (vs. ramos eretos e plantas atingindo facilmente 4 m alt.), além de apresentar frutos vermelho-arroxeados (vs. frutos amarelados). As flores são polinizadas por esfingídeos (Locatelli & Machado 1999b). Os frutos são zoocóricos com polpa funicular adocicada. As sementes são fotoblásticas positivas (Meiado *et al.* 2012b; Meiado 2012a; 2012b).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, I/2012, fl., *E.V.S. Oliveira 20* (ASE); Barra dos Coqueiros, III/2013, fl., *A.P. Prata et al. 3617* (ASE); Pirambu, VI/2012, fl. fr., *E.S. Ferreira & E.V.S. Oliveira 26* (ASE).

2.2. *Cereus jamacaru* DC., Prodr. 3: 467. 1828.

Nome popular: mandacaru

Fig. 2 E-I.

Árvores 3–9 m alt. Cladódios multiarticulados, 5-7 costelas; artículos alongados. Aréolas espinescentes, distanciadas 1,5–4 cm entre si; espinhos rígidos; 7-9 radiais, 10–20 mm compr., vermelho-alaranjados ou amarelados, 6-8 espinhos centrais, 25–75 mm compr., cinzentos ou dourados. Flores alvas a levemente esverdeadas, 15–23 × 10–13 cm; pericarpelo verde claro, 15–16 × 10–11 cm; filetes 6–8 cm compr.; anteras globosas, biloculares, ca. 2–4 mm compr.; estilete 15–17 cm compr., estigma 12-15-lobado. Fruto ovoide, 6,5 × 4 cm, esverdeado, deiscente por uma fenda longitudinal, vermelho ou róseo, polpa funicular branca. Sementes 3–3,5 × 1,8–2 mm, enegrecidas, brilhantes.

Comentários: Espécie com ampla distribuição no estado de Sergipe (Meiado *et al.* 2012a; Lima & Meiado 2014). Ocorre somente a subespécie típica. Segundo Taylor & Zappi (2004), *C. jamacaru* subsp. *jamacaru* é diferenciada da subsp. *calcirupicola* (F. Ritter) N.P. Taylor & Zappi por apresentar flores bem maiores, com ca. 15–20 cm diâm. (vs. 10-15 cm diam.), além de pericarpelo até 16 cm compr. (vs. acima de 21 cm compr.). É usada como planta ornamental em praças e jardins no interior do estado e apresentam diversas categorias de uso, como alimentação humana, construção, forrageira e medicinal (Lucena *et al.* 2012; Nunes 2013). Os frutos zoocóricos são dispersos por aves e morcegos, com sementes fotoblásticas positivas (Rito *et al.* 2009; Meiado *et al.* 2010; 2012b; Meiado 2012a; 2012b).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, I/2010, fl., A.C.C. *Silva & V. Santos 184* (ASE); Frei Paulo, II/2012, A.P. *Prata et al. 2939* (ASE); Gararu, VII/2010, fr., R.A. *Santos & G.G. Conceição 1* (ASE); Gracho Cardoso, VI/2010, fl. fr., G.G. *Conceição et al. 31* (ASE, HURB); Lagarto, IV/2013, fl., G.M.A. *Matos et al. 288* (ASE); Nossa Senhora da Glória, XII/2012, fl., A.P. *Prata et al. 3548* (ASE, HURB); Poço Redondo, IV/2008, fl. fr., J.E. *Nascimento-Junior & D.S. Melo 305* (ASE, HURB); Poço Verde, V/2010, fr., E.V.R. *Ferreira 75* (ASE); Porto da Folha, IV/2012, fr., D.G. *Oliveira et al. 339* (ASE).

3. *Epiphyllum* Haw.

Epífitas ou rupícolas, ramificação mesotônica ou basitônica; ramos inicialmente subcilíndricos, tornando-se aplanados ou raramente 3-costados, margem crenada. Espinhos ausentes. Flores actinomórficas, alongadas, antese noturna, odoríferas, 10–30 cm compr., surgindo de aréolas não especializadas; pericarpelo e tubo floral com escamas diminutas a inconspícuas, espinhos ausentes; estames numerosos, filetes delicados, delgados; longo, exserto com relação aos estames, lobos do estigma numerosos. Fruto ovoide a elipsoide, deiscente através de fenda lateral ou apical, pericarpo estriado. Sementes reniformes a suborbiculares, enegrecidas, brilhantes ou opacas, podendo apresentar crateras nas junções entre as células da testa.

Gênero com 13 espécies, ocorrendo principalmente na América Central, com poucas espécies registradas para Caribe e América do Sul (Bauer 2003). *Epiphyllum oxypetalum* (DC.) Haw. é uma espécie originária do sudeste do México e América Central, muito cultivada e pode ocorrer como subspontânea em áreas urbanas (Taylor & Zappi 2004). No Brasil e no estado de Sergipe ocorre apenas uma espécie nativa e outra cultivada que não será descrita neste trabalho.

Chave par as espécies de *Epiphyllum* de Sergipe

1. Ramos aplanados (filocladódio), alados, às vezes trígonos na base; flores mais delicadas, com cerca de 8-10 cm diâm., segmentos externos do perianto esverdeados **3.1. *E. phyllanthus***
- 1'. Ramos cilíndricos a angulados; flores mais robustas, chegando a 27 cm diâm.; segmentos externos do perianto visivelmente avermelhado a róseos *E. oxypetalum* (espécie cultivada)

3.1. *Epiphyllum phyllanthus* (L.) Haw., Syn. Pl. Succ.: 197. 1812.

Fig. 3 G.

Epífita; filocladódio, às vezes trígono na base, ramos verde-brilhantes, vináceos nas extremidades quando jovens, 25–35 × 3–5 cm, lanceolados a espatulados, estreitos na base, margem crenada, frequentemente espessada nos ramos mais velhos, ápice obtuso, feixe vascular proeminente; aréolas dos ramos muito jovens espinescentes, espinhos

ca. 3 mm compr.; aréolas floríferas glabras. Flores laterais ou apicais, 15–25 × 4–6 cm, com aroma adocicado; pericarpelo 1,5–2 × 0,5–1 cm, esverdeado, com aréolas e escamas triangulares diminutas; tubo floral cilíndrico, muito estreitado, 6–8 mm diâm., base do tubo e pericarpelo com escamas agudas; segmentos do perianto 15–20, curtamente reflexos, lanceolados a lineares, ápice agudo, segmentos externos carnosos, 2–3 cm, esverdeados, segmentos internos delicados, alvos a levemente rosados; estames concrecidos com a base dos segmentos internos do perianto, formando uma coroa no ápice do tubo, filetes 4–7 cm, alvos, anteras lineares; estilete 14–20 cm, exserto, estigma 4–8-lobado, lobos do estigma 5 mm compr. Fruto ovoide a piriforme, 4 × 1,3 cm, magenta a róseo, estriado, com escamas agudas, deiscente por uma fenda lateral, restos florais decíduos, polpa funicular alva. Sementes 3–4 mm compr., brilhantes, paredes periclinais das células da testa côncavas a convexas.

Comentários: Espécie de ampla distribuição neotropical e muito comum em formações florestais do Planalto Central, ocorrendo também na parte oriental do Brasil em várias formações vegetacionais, incluindo Mata Atlântica, Caatinga, mata de planalto, mata ciliar e cerrado (Taylor & Zappi 2004). Pode ser facilmente diferenciada da espécie *E. oxypetalum* por apresentar caule com ramos aplanados e segmentos externos esverdeados. No estado de Sergipe ocorre em vegetação associada à Mata Atlântica.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Maruim, I/2014, fr., *G.S. Freire et al.* 155 (ASE, HURB); Nossa Senhora do Socorro, VII/2013, fr., *T.R. Silva & J.P. Santana* 146 (ASE); Riachão do Dantas, II/1988, *E. Gomes* 182 (ASE); Simão Dias, VI/1983, fl., *E. Gomes* 252 (ASE).

4. *Harrisia* Britton.

4.1. *Harrisia adscendens* (Gürke) Britton & Rose, *Cact.* 2: 155. 1920.

Nome popular: rabo-de-raposa.

Arbustos 1,5–3 m alt., colunares, divididos em 4–8 costelas verticais, obtusas, sinuadas, ramos pouco articulados, semiescandentes, tornando-se pêndulos quando mais velhos; artículos alongados, pouco angulosos; aréolas espinescentes, 0,5–0,8 cm diâm., formando pequenos tubérculos; espinhos cinzentos, aciculares, 4–9 radiais, 2–10 mm compr., cinza; 2–3 centrais, 20–40 mm compr. Flores actinomórficas, 18–22 × 10–15 na antese, pericarpelo esverdeado, recoberto por tricomas e brácteas triangulares; estames numerosos, estames exsertos; anteras globosas a lineares; estilete 13–16 cm compr., estigma 12–15-lobado, exerto. Fruto globoso, 3–5 × 2,5–3,5 cm, dotado de podários com aréolas espinescentes, pericarpo vermelho ou purpúreo, deiscente, polpa funicular branca e succulenta. Sementes cocleariforme, 3–4 mm compr., enegrecidas, brilhantes, paredes periclinais das células da testa planas (Taylor & Zappi 2004).

Comentários: Ocorre em Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Sergipe (Taylor *et al.* 2015). Ocorre nas áreas mais áridas do estado de Sergipe (Meiado *et al.* 2012a; Lima & Meiado 2014). Espécie apresenta flores com antese noturna e pode

ser facilmente reconhecida pelos caules pouco ramificados, arqueados e o hábito cespitoso, apresentando aréolas espinescentes e frutos fortemente avermelhados a purpúreos, dotados de podários com aréolas espinescentes. Os frutos são zoocóricos dispersos por aves e as sementes são fotoblásticas positivas (Meiado *et al.* 2012b; Meiado 2012b).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, II/2010, A.C.C. Silva & S.M. Rocha 227 (ASE); Frei Paulo, III/1981, fl., M.R. Fonseca *et al.* 450 (ASE); Nossa Senhora da Glória, XII/1981, fl., G. Viana 331 (ASE, IPA); Porto da Folha, XI/2012, fl., B.A.L. Freitas & L.G.R. Elias 24 (ASE).

5. *Hylocereus* (A. Berger) Britton & Rose

Plantas trepadeiras, escandentes, hemiepífitas ou epífitas, raízes adventíceas, ramificação basitônica ou mesotônica; ramos trigonal a pentagonal, ramos verde-claros ou escuros. Flores alongadas, antese noturna, odoríferas, até 32 cm compr.; pericarpelo dotado de podários conspícuos com brácteas escamiformes e/ou aréolas espinhosas. Fruto indeiscente, globoso a ovoide, pericarpo fruto com brácteas ou aréolas espinescentes presentes até a fase final de maturação, polpa funicular branca. Sementes castanhas a enegrecidas.

O gênero *Hylocereus* possui cerca de 15 espécies concentradas no México, Caribe e norte da América do Sul (Bauer 2003). No Brasil é encontrada apenas uma espécie nativa, *Hylocereus setaceus*, mas existem vários registros e observações de *Hylocereus undatus* (Haw.) Britton & Rose, que ocorre como subespontânea em praças e nas imediações de casas e sítios, porém não será descrita neste trabalho.

Chave para as espécies de *Hylocereus* de Sergipe

1. Ramos com bordos retos, ligeiramente invaginantes, não espessados no vértice; pericarpelo com aréolas espinescentes e brácteas escamiformes diminutas..... **5.1. *H. setaceus***
1'. Ramos com margens fortemente crenadas, espessadas no vértice; pericarpelo com brácteas escamiformes proeminentes, sem aréolas espinescentes
..... *H.undatus* (espécie subespontânea)

5.1. *Hylocereus setaceus* (Salm-Dyck) R.Bauer, Cact. Syst. Initiatives 17: 29. 2003.

Nome popular: rainha-da-noite.

Fig. 3 H-I.

Escandente ou hemiepífita, ultrapassando 3m alt.; ramos trígonos, verde-claros, 2–10 cm larg., às vezes constrictos, estreitos e muito lenhosos na base, com margens das costelas retas a ligeiramente invaginantes, nunca espessadas no vértice (a não ser em espécimes muito velhos), dotadas de aréolas espinescentes, distanciadas 1,5–4,5 cm umas das outras (em formas juvenis, as aréolas podem encontrar-se muito

aproximadas, com espinhos muito estreitos e tricomas), espinhos centrais 3-6, cônicos, 1-6 mm compr., às vezes acompanhados de espinhos radiais mais delgados; aréolas floríferas glabras. Flores solitárias, laterais a subterminais, uma flor por aréola, 20-32 × 22-25 cm, odoríferas; pericarpelo esverdeado, dotado de podários com aréolas espinescentes; tubo floral 10-13 × 1,5-2,5 cm, estreitamente infundibuliforme, externamente portando aréolas espinescentes e brácteas diminutas principalmente na base; segmentos do perianto 20-30, segmentos externos 9-10 cm, linear-lanceolados, com ápice agudo, verde-avermelhados, reflexos, segmentos internos até 12 cm, lanceolados, delicados, alvos, eretos; estames soldados ao longo do interior do tubo floral, curvos, exsertos em relação aos segmentos do perianto, anteras alvas a creme-amareladas; ovário oblongo a oval, estilete 15-17 cm compr., exserto, estigma 16-lobado, lobos 8-9 mm compr. Fruto ovoide, 6-7 × 4-4,5 cm, restos florais caducos, pericarpo avermelhado, coberto por podários dotados de aréolas espinescentes, espinhos 1-2 cm compr., polpa funicular alva. Sementes suborbiculares, 2,5 mm compr., castanhas a enegrecidas, paredes periclinais das células da testa planas a levemente convexas.

Comentários: Espécie facilmente caracterizada pelo hábito, pela forma do cladódio e pelo pericarpelo, dotado de podários com aréolas espinescentes. Ocorre na Bolívia, Argentina e Paraguai e Brasil. No Brasil ocorre no Pará, Roraima, Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Sergipe, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Paraná e região Sudeste (Taylor *et al.* 2015).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Carmópolis, II/1983, *E. Gomes 169* (ASE); Simão Dias, I/2012, fl., *A.P. Prata et al. 2863* (ASE).

6. *Melocactus* Link & Otto

Plantas globosas, subglobosas ou cônicas, geralmente solitárias, até 40 cm alt., divididas em costelas verticais. Cladódio não ramificado, mucilagem presente ou ausente, aréolas pequenas ou grandes. Espinhos cilíndricos, aciculados e pungentes. Cefálio apical, tricomas brancos, cerdas rosadas a vermelhas. Flores em cefálio terminal, actinomórficas, tubulares; pericarpelo e tubo floral inermes; segmentos do perianto lineares. Fruto indeiscente, claviforme, alvo, rosa, lilás ou vermelho, às vezes com a base mais clara que o ápice, restos do pericarpelo persistentes, eretos; pericarpo inermes, brilhante; polpa funicular translúcida, mucilagínosa. Sementes globosas a ovoides, enegrecidas.

Com 34 espécies ocorrendo na região Amazônica, Caribe, Andes e América Central e alta biodiversidade no nordeste do Brasil (Taylor & Zappi, 2014). No Brasil possui 23 espécies distribuídas na região Norte, Nordeste e Sudeste (Taylor *et al.* 2015). Os frutos são zoocóricos e dispersos por lagartos (Gomes *et al.* 2013). As sementes de espécies de *Melocactus* são fotoblásticas positivas (Meiado *et al.* 2012b; Meiado 2012b). No estado de Sergipe são encontradas 4 espécies.

Chave para identificação das espécies de *Melocactus* de Sergipe

1. Espinhos castanho-avermelhados a avermelhados, centrais e radiais basais mais longos do que os restantes; plantas cônicas, frutos rosa-forte no ápice com base alva **6.1. *M. ernestii***
- 1'. Espinhos alvos a acinzentados, uniformes; plantas globosas ou subglobosas, frutos de coloração uniforme, rosa-claros ou alvos..... 2
2. Plantas 15–20 cm diâm., espinhos curvados para baixo, espessados..... **6.4. *M. zehntneri***
- 2'. Plantas 5,5–14 cm diâm., espinhos retos, delgados..... 3
3. Costelas com 3-4 aréolas; frutos rosados **6.2. *M. sergipensis***
- 3'. Costelas com mais de 5 aréolas; frutos alvos **6.3. *M. violaceus* subsp. *margaritaceus***

6.1. *Melocactus ernestii* Vaupel, Monatsschr. Kakt.-Kunde 30: 8. 1920.

Nome popular: cabeça-de-frade.

Fig. 4 A-C.

Plantas cônicas, 15–25 cm alt.; cladódio 20–25 × 15–25 cm, verde-claro, 10-15 costelas. Aréolas 0,8–1 cm diâm., separadas entre si por 1–1,5 cm, 14-20 espinhos por aréola, centrais e centrais basais mais longos do que os restantes, espinhos centrais c. 25–30 mm compr., centrais basais 60–80 mm compr., retos a voltados para cima, castanho-avermelhados a avermelhados. Cefálio 4–14 × 8–12 cm, com cerdas rígidas, róseas na região marginal e alvas no centro. Flores 2–2,7 × 0,9–1,2 cm, róseas; estigma 4-5 lobado, alvo, incluso. Fruto 2–2,5 × 0,5–1 cm, ápice rosa-forte, base alva. Sementes 1–1,3 × 0,8–1,1 mm, brilhantes, paredes periclinais das células da testa fortemente convexas.

Comentários: No Brasil ocorre em Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco, Sergipe e Minas Gerais (Taylor *et al.* 2015). Apresenta distribuição associada a afloramentos rochosos no estado de Sergipe (Meiado *et al.* 2012a; Lima & Meiado 2014). É caracterizada pela sua forma cônica, apresentando espinhos de coloração avermelhada, os centrais e centrais basais mais longos do que os restantes, alcançando até 80 com compr. Ocorre somente a subespécie típica, sendo diferenciada de *M. ernestii* subsp. *longicarpus* (Buining & Brederoo) N.P. Taylor por apresentar cladódio esverdeado, mucilaginoso (vs. cladódio com traços esverdeados próximos ao tecido cortical, pouco mucilaginoso), além de lobos do estigma alvos, inclusos (vs. frequentemente avermelhado e exertos) (Taylor & Zappi 2004).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, XI/2009, fl., *W.J. Machado et al.* 74 (ASE); Tobias Barreto, IX/2010, *F.C. Nogueira-Junior* 23 (ASE).

6.2. *Melocactus sergipensis* N.P. Taylor & M.V. Meiado, *Bradleya* 32: 99. 2014.

Nome popular: cabeça-de-frade.

Fig. 6 A-C.

Plantas subglobosas, 5,5–9,5 × 8–14 cm, epiderme verde a verde-clara; 8–9(–11) costelas, dotados de aréolas com 0,5–6 cm diâm., separadas entre si por 1,9–2,3 cm; 8–10 espinhos por aréola, espinhos marrons a marrom-avermelhados, 1 espinho central, levemente curvado para cima, 18–30 × 1,6–1,8 mm, 7–9 espinhos radiais, retos, o mais inferior com 28–40 × 1,5–2,2 mm. Cefálio 3–8 cm diâm., composto de cerdas brancas na maioria e poucas cerdas róseas na região periférica, rígidas. Flores 2,1–2,3 × 0,4–0,5 cm, róseo-intensas; estigma 5 lobado, alvo. Frutos 1,5–1,9 × 0,6–0,8 cm, coloração uniforme, róseo-intensos. Sementes c. 12–22 por fruto, 1,6–1,9 × 1–1,2 mm, opacas.

Comentários: Trata-se de uma nova espécie recentemente encontrada no estado de Sergipe (Taylor *et al.* 2014). É conhecida apenas duas populações com ca. 100 indivíduos no total localizados em fendas de rochas calcárias em uma pequena área onde uma nascente mantém o solo constantemente alagado, dentro de uma plantação de milho. Medições para descrição da espécie foram realizadas com base em 35 indivíduos adultos das duas populações estudadas. Antese floral iniciando às 13h e liberação dos frutos de 8 às 10h.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Simão Dias, IX/2014, fl. fr., *M.V. Meiado 1000* (ASE).

6.3. *Melocactus violaceus* Pfeiff. subsp. *margaritaceus* N.P. Taylor, Bradleya 9: 57. 1991.

Nome popular: cabeça-de-frade.

Fig. 4 D-F.

Plantas globosas, cladódio 5–15 × 7–13 cm, epiderme verde a verde-clara, 8–15 costelas, com 20 × 40 mm. Aréolas 0,7–1 cm diâm., separadas entre si por 1–1,8 cm; 5–10 espinhos por aréolas, espinhos uniformes, retos. Cefálio 5 × 3,7–6,5 cm, com cerdas rígidas, róseas na região marginal e alvas no centro. Flores róseo-intensas; estigma 4–5-lobado, alvo, exerto. Frutos 12,5–19 × 5,5–7,5 mm, de coloração uniforme, rosa-claros. Sementes globosas, 1,2–1,5 × 1–1,2 mm, brilhantes, paredes periclinais das células da testa planas a levemente convexas.

Comentários: Espécie amplamente distribuída sobre dunas de Restinga no litoral do Brasil, no Ceará e desde o Rio Grande do Norte até o Rio de Janeiro (Taylor & Zappi 2004). No estado de Sergipe ocorre *Melocactus violaceus* Pfeiff. subsp. *margaritaceus* N.P. Taylor, diferenciada das demais subespécies por apresentar fruto alvo, raramente rosado (vs. fruto lilás a rosa-claro em *M. violaceus* subsp. *violaceus* e em *M. violaceus* subsp. *ritteri* N.P. Taylor). É uma espécie caracterizada pela forma globosa e porte relativamente menor, apresenta espinhos de comprimento uniforme, retos e delgados.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VIII/2008, fl., *T.V.P. Dantas & J.E. Nascimento-Junior 90* (ASE); Itabaiana, XX/2007, *P. Gomes et al. 633* (ASE); Pirambu, VI/2012, *A.P. Prata et al. 2995* (ASE); Santo Amaro das Brotas, XII/2008, *J.E. Nascimento-Junior & T.V.P. Dantas 536* (ASE).

6.4. *Melocactus zehntneri* (Britton & Rose) Luetzelb., *Estud. Bot. Nordeste* 3: 111. 1926.

Nome popular: cabeça-de-frade.

Fig. 4 G-I.

Plantas globosas, 20–30 × 15–20 cm, epiderme verde-clara, às vezes glauca ou acinzentada, 10-12 costelas. Aréolas 0,7–1 cm diâm., separadas entre si por 1–1,5 cm, espinescentes, 9-10 por aréolas, espinhos uniformes, levemente recurvos, acinzentados ou marrom-avermelhados, espinhos superiores ca. 10–25 mm compr., os inferiores maiores 25–30 cm compr. Cefálio 10–15 cm diâm., revestido por numerosos pelos róseos, rígidos. Flores 2–2,2 × 0,5–1 cm, róseo-intensas; estigma 4-5 lobado, alvo. Fruto 2–2,5 × 0,5–cm, de coloração uniforme, rosa-claros ou lilases. Sementes 1–1,4 × 0,8–1,3 mm, opacas, paredes periclinais das células da testa fortemente convexas.

Comentários: No Brasil, ocorre em Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe (Taylor *et al.* 2015). Apresenta ampla distribuição nas áreas mais secas do sertão do estado de Sergipe e próximo ao rio São Francisco (Meiado *et al.* 2012a; Lima & Meiado 2014). É uma espécie caracterizada pela sua forma globosa, apresentando espinhos uniformes, leve a fortemente recurvos, espessos, acinzentados ou marrom-avermelhados. Plantas usadas com potencial místico-religioso pelas comunidades do sertão que mantém os indivíduos em vasos nos telhados das casas (Lucena *et al.* 2013). Espécie também utilizada para a alimentação humana (fabricação de doces), ornamental, forragem e medicinal (Lucena *et al.* 2012).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, IX/2010, fl., *W.J. Machado et al.* 859 (ASE); Gararu, fl., *A.P. Prata et al.* 3520 (ASE); Poço Redondo, VIII/2006, fl. fr., *I.C. Lemos et al.* 82 (ASE, HURB).

7. *Opuntia* Mill.

Plantas arbustivas ou arborescentes; cladódios monomórficos, segmentos de crescimento determinado, espinescentes, complanados, orbiculares, obovoides a elípticos, às vezes tornando-se subcilíndricos na base da planta; aréolas com tricomas e gloquídios presentes, ausentes ou raros nos ramos mais jovens. Folhas diminutas, subuladas, cônicas, suculentas, decíduas. Flores actinomórficas, solitárias, geralmente nas margens dos ramos ou desenvolvendo-se nas aréolas dos receptáculos de outras flores da inflorescência; pericarpelo globoso ou ovoide, areolado e com brácteas suculentas ou coloridas; segmentos do perianto numerosos, reflexos, tubo floral ausente; estames numerosos, inclusos, sensitivos e fechando-se ao redor do estilete quando tocados. Fruto solitário ou desenvolvendo nas aréolas dos frutos mais velhos, piriforme com base estreitada ou globoso, cicatriz apical larga e superficial, restos do perianto decíduos; polpa funicular translúcida ou opaca, fibrosa. Sementes reniformes, lenticulares, envolvidas por fibras e esclerificadas.

Gênero com 150 espécies, com distribuição do Canadá até o sul da América do Sul (Taylor & Zappi 2004). Possui uma espécie nativa no Brasil e duas espécies amplamente cultivadas. *Opuntia ficus-indica* (L.) Mill., conhecida como 'figo-da-índia' e *O. dillenii* (Ker-Gawler) Haw., introduzidas da América Central e do Caribe. *Nopalea cochenillifera* (L.) Salm-Dyck, também é originária da América Central, onde também é cultivada.

Chave para as espécies de **Opuntia** do estado de Sergipe

1. Aréolas com 4-12 espinhos dourados, translúcidos, ramos obovóides
..... *O. dillenii* (espécie cultivada)
- 1'. Aréolas inermes ou com 0-2 espinhos, castanhos, opacos, ramos obovóides, elípticos ou rombóides 2
2. Cladódios verde-escuros; polpa funicular esbranquiçada a esverdeada
..... **7.1. *O. monacantha***
- 2'. Cladódios glaucos; polpa funicular alaranjada ou amarelada
..... *O. ficus-indica* (espécie cultivada)

7.1. *Opuntia monacantha* Haw., Suppl. pl. succ.: 81. 1819.

Planta arbustiva, 1,5 m alt.; cladódios eretos ou decumbentes, verde-escuros, brilhantes, 6–15 × 4–10 cm, obovóides com a base estreitada; aréolas lanosas, proeminentes, inermes ou com 1(2) espinhos castanhos, opacos, agudos, até 10–40 mm. Flores solitárias, geralmente no ápice dos ramos, 6–8 × 2–5 cm; pericarpelo com poucos tricomas alvos, brácteas avermelhadas; aréolas lanosas e com muitos gloquídios; segmentos do perianto amarelos, arredondados a espatulados ou emarginados; estigma creme a creme-esverdeado, 5-7-lobado, lobos do estigma 5 mm compr.; estilete creme a creme-esverdeados, 1,5 cm compr. Fruto 5–10 cm, verde, polpa funicular esbranquiçada a esverdeada, não comestível. Sementes com arilo esclerificado coberto de tricomas alvos.

Comentários: Espécie utilizada na alimentação de animais e na ornamentação no nordeste do Brasil (Taylor & Zappi 2004). É frequentemente cultivada tornando-se subespontânea em várias localidades, sendo, portanto, difícil estabelecer ao certo a sua distribuição natural (Zappi *et al.* 2007). Ocorre no Paraguai, Uruguai e Nordeste da Argentina (Taylor & Zappi 2004) e no Brasil, nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil (Taylor *et al.* 2015).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Arauá, IX/1982, fl., E. Gomes 125 (ASE).

8. *Pereskia* Mill.

8.1. *Pereskia aculeata* Miller, Gard. dict. ed 8. 1768.

Nome popular: ora-pro-nobis.

Liana 3–10 m compr. Caule até 10 cm diâm. Aréolas espinhos pareados, recurvos. Folhas lanceoladas a ovais, 4–7 × 1,5–5 cm, pecíolo curto, base cuneada, ápice acuminado a agudo. Inflorescências terminais e laterais ao longo dos ramos, racemos ou panículas, com 70

flores ou mais. Flores actinomórficas, 2,5–5 cm diâm., brancas ou de coloração creme, fortemente perfumadas, pedicelos 5–15 mm; receptáculo cilíndrico, 2-5 segmentos de perianto externos, verde-claros a alvos; 6-11 segmentos internos, obovais a espatulados, 2,5 cm compr., delicados, alvos; estames numerosos, 5–10 mm compr., filetes alvos, amarelos ou vermelho-alaranjados, estilete 10–12 × 1–2 mm, 4-7 lobado. Infrutescências ou frutos isolados, pedicelados, 1,5–2,5 cm, globosos, pericarpo amarelo a alaranjado, com brácteas e espinhos quando imaturos, aréolas decíduas quando maduros. Sementes lenticuladas, 4–4,5 × 3–3,2 mm, brilhantes, enegrecidas, lateralmente achatadas.

Comentários: No Brasil, ocorre em Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Sergipe, Goiás e nas regiões Sudeste e Sul (Taylor *et al.* 2015). Ocorre em áreas de Mata Atlântica e regiões ecotonais do estado de Sergipe (Meiado *et al.* 2012a; Lima & Meiado 2014). Espécie apresenta-se como trepadeiras ou escandentes e tem como característica a presença de aréolas com espinhos aos pares, recurvos. As sementes são afotoblásticas (Meiado *et al.* 2012b; Meiado 2012a; 2012b).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Frei Paulo, IV/1986, fl., *G. Viana 1386* (ASE); Lagarto, III/2014, fl., *S.A. Damasceno et al. 1* (ASE, HURB); São Cristóvão, III/1982, fl., *G. Viana 384* (ASE); Simão Dias, II/1975, fl., *A.C.C. Barreto s.n.* (ASE 295).

9. *Pilosocereus* Byles & G.D. Rowley

Plantas arbustivas a arborescentes, colunares, divididos em costelas verticais; ramos eretos, sem constrições, muito mucilaginosos. Botões florais nascendo em aréolas geralmente modificadas, dotadas de tricomas, por vezes dotadas de cerdas ou espinhos mais longos do que as aréolas da porção estéril do ramo. Flores actinomórficas ou zigomórficas, curtas, até 7 cm compr., antese noturna, odoríferas; pericarpelo externamente liso, glabro; tubo floral cilíndrico a infundibuliforme; segmentos do perianto externos suculentos, segmentos internos delgados, alvos; estames numerosos, filetes da região mais interna espessados na base, projetados em direção ao estilete, protegendo a câmara nectarífera, os demais eretos, distribuídos de maneira compacta, anteras oblongas; ovário depresso-oval e comprimido em secção longitudinal, estilete crasso, estigma no mesmo nível dos estames. Fruto subgloboso, deiscente através de fenda irregular, portando restos do perianto enegrecidos, pendentes, pericarpo verde, vermelho ou magenta, pregueado na região central, crasso, polpa funicular sólida, alva, rubra ou violácea. Sementes cocleariformes, castanhas a enegrecidas, paredes periclinais das células da testa geralmente planas.

Gênero com cerca de 40 espécies distribuídas desde o México e a Flórida até o Centro-Oeste e Sudeste do Brasil, com maior diversidade nos estados de Minas Gerais, Bahia e Pernambuco (Zappi 1994). No estado de Sergipe, o gênero está representado por quatro espécies que produzem frutos zoocóricos, dispersos por aves e morcegos, com polpa funicular alelopática, a qual pode inibir a germinação ou alterar o comportamento germinativo das sementes caso não seja removida pelos animais dispersores ou lavada pela água da chuva (Meiado 2012;

Meiado *et al.* 2012b). As sementes das espécies que ocorrem em Sergipe são fotoblásticas positivas (Meiado *et al.* 2008; 2012b; Meiado 2012a; 2012b).

Chave para identificação das espécies de *Pilosocereus* de Sergipe

1. Plantas com ramificação candelabroforme; ramos eretos a decumbentes, fruto com cicatriz dos restos do perianto arredondada e superficial 2
- 1'. Plantas com ramos eretos ou levemente curvos, mas nunca arqueados; fruto com cicatriz dos restos do perianto linear, afundada 3
2. Arbustos com ramos procumbentes, 9-11 costelas, flores acompanhadas de tricomas sedosos **9.2. *P. gounellei***
- 2'. Árvores com tronco definido, ramos elevados, paralelos ao solo, 4-7 costelas, flores desprovidas de tricomas protetores **9.4. *P. tuberculatus***
3. Ramos inclinados, 3-4 cm diâm., 4-6-costados, costelas obtusas **9.3. *P. pentaedrophorus***
- 3'. Ramos eretos, robustos, 4-6 cm diâm., (6-)7-12-costados, costelas arredondadas **9.1. *P. catingicola* subsp. *salvadorensis***

9.1. *Pilosocereus catingicola* (Gürke) Byles & G.D. Rowley subsp. *salvadorensis* (Werderm.) Zappi, Pl. Res. 3: 55. 1994.

Nome popular: facheiro, facheiro-da-praia.

Fig. 5 A-C.

Árvores ou arbustos 2–10 m alt., ramificações ao nível do solo ou formando tronco definido; ramos eretos, 4–6 cm diâm.; 6-12 costelas, 10–20 × 16–20 mm, arredondadas. Aréolas distantes 8–10 mm entre si, com espinhos finos, 1-12 espinhos centrais, 5–12 mm compr., ascendentes ou eretos, 8-12 espinhos radiais, 3–4 mm compr., amarelo-foscas a amarelo-acinzentadas. Cefálio ausente, região florífera não diferenciada ou levemente diferenciada, flores acompanhadas por tricomas escassos; botão floral com ápice agudo. Flores com tubo reto, infundibuliformes, 5,5 × 4,7 cm, pericarpelo e tubo verde-oliváceos, segmentos internos do perianto alvos; estilete com 48 × 1,8–2 mm, lóbulos do estigma ca. 9, exsertos. Frutos 5–8 × 7–9 cm, pericarpo vermelho a magenta, rugoso, restos do perianto formando uma cicatriz linear, afundada. Sementes 2–2,1 × 1,1–1,3 mm, enegrecidas, brilhantes.

Comentários: Espécie com ampla distribuição no estado de Sergipe, ocorrendo em áreas de Restinga, no litoral do estado, bem como em áreas de Mata Atlântica e Caatinga, no sertão sergipano (Meiado *et al.* 2012a; Lima & Meiado 2014). Populações do litoral com indivíduos arbustivos e com ramificações na base, enquanto que as populações da Caatinga são representadas por indivíduos arbóreos e com trocos bem definidos. As flores são noturnas polinizadas por morcegos (Locatelli *et al.* 1997).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, I/2012, fl., *E.V.S. Oliveira 47* (ASE); Barra dos Coqueiros, IV/1997, fl. fr., *M. Landim 1144* (ASE); Canindé de São Francisco, II/1991,

Taylor, N.P. & Zappi, D.C. 1618A (HRCB, K); Feira Nova, II/1991, N.P. Taylor & D.C. Zappi 1617 (ASE, HRCB, ZSS, K); Gracho Cardoso, VI/2010, fl., G.G. Conceição et al. 32 (ASE); Gararu, III/2013, Menezes, M.T.O. 344 (EAC), Itabaiana, I/2007, fl. fr., A.P. Prata et al. 1456 (ASE); Itabi, III/2013, Menezes, M.T.O. 343 (EAC), Monte Alegre de Sergipe, III/2013, Menezes, M.T.O. 341 (EAC), Nossa Senhora da Glória, VI/2013, fl. fr., A.P. Prata et al. 3637 (ASE); Nossa Senhora das Dores, II/1991, fl. fr., N.P. Taylor & D.C. Zappi 1616 (ASE, HRCB, ZSS, K); Pirambu, IV/2014, fl., E.V.S. Oliveira 363 (ASE); Poço Redondo, II/2010, fl. fr., W.J. Machado et al. 178 (ASE); Porto da Folha, X/2010, fl. fr., A.P. Prata et al. 2562 (ASE); Tobias Barreto, I/2010, fl. fr., A.P. Prata et al. 2177B (ASE).

9.2. *Pilosocereus gounellei* (F.A.C. Weber) Byles & G.D. Rowley, Cact. Succ. J. Gr. Brit. 19: 67. 1957.

Nome popular: xique-xique.

Fig. 5 D-F.

Arbustos eretos ou decumbentes, 0,8–1,8m alt., sem tronco definido, cladódios multiarticulados em ramificações candelabriformes, decumbentes; ramos procumbentes, cilíndricos, angulosos, 50–70 cm compr., 9–11 costelas. Aréolas espinescentes, distantes 1–1,5 cm entre si; espinhos rígidos, aciculados, cinzentos, amarelados ou amarronzados, em número e tamanho diferentes: 12–15 radiais, 10–30 cm compr.; 1–5 centrais, 30–60 cm compr. Cefálio ausente, região florífera não diferenciada, flores acompanhadas de tricomas sedosos, alvos a cinéreos; botões florais com ápice obtuso. Flores de antese noturna, 6–8 cm compr.; perianto infundibuliforme, alvo-esverdeado, tubo 3–6 cm compr.; filetes curtos, inseridos no perianto; anteras subglobosas; pericarpelo 0,6–1 cm compr., ovoide. Fruto subgloboso, 3–6 × 4–6 cm, restos do perianto formando uma cicatriz arredondada, superficial, purpúreo, deiscente. Sementes 1,8 × 1,4 mm, enegrecidas, brilhantes.

Comentários: Espécie de ocorrência em regiões mais secas do estado de Sergipe, em áreas de Caatinga, no sertão sergipano (Meiado et al. 2012a; Lima & Meiado 2014). Ocorre somente a subespécie típica, sendo diferenciada da subsp. *zehntneri* por apresentar aréolas com espinhos rígidos (vs. frágil), de coloração amarronzada e acinzentada e opaco (vs. amarelados a avermelhados, translúcidos), além dos espinhos centrais serem maiores que os radiais (vs. espinhos centrais e radiais iguais) (Taylor & Zappi 2014). Espécie utilizada na alimentação humana, como planta ornamental, forragem e medicinal (Lucena et al. 2012).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, IX/2010, fl. fr., W.J. Machado et al. 888 (ASE); Poço Redondo, VII/1983, fl., M.R. Fonseca 594 (ASE).

9.3. *Pilosocereus pentaedrophorus* (J.F. Cels) Byles & G.D. Rowley, Cact. Succ. J. Gr. Brit. 19: 67. 1957.

Nome popular: facheiro-fino.

Árvores 4–6 m alt., ramos finos, longos e inclinados, azul-esverdeados, glaucos, 3–4 cm diâm.; 4–6 costelas obtusas. Aréolas distantes 12–22 mm entre si, feltro branco a acinzentado, aréolas apicais frequentemente desarmadas. Espinhos translúcidos, marrom-amarelados. Cefálio ausente, região florífera diferenciada, subapical, ocupando várias aréolas consecutivas de costelas vizinhas, flores não acompanhadas de tricomas; botões florais curvados e com ápice obtuso, com variações de cores entre verde e azul arroxeadado. Flores 3,5–5 × 2,5 cm; tubo floral constricto no ápice da câmara nectarífera, estilete com 35 × 1,5–2 mm; lobos de estigma c. 10, lóculos do ovário hemicirculares a depressos em seções longitudinais. Frutos 1,5–2 × 2–3 cm, restos do perianto formando uma cicatriz linear, afundada, subglobosos, verde-pálido a vináceo. Sementes 1,6–2 × 1–1,4 mm, enegrecidas, com depressões intercelulares, dobras cuticulares esparsas, quase ausentes.

Comentários: Ocorre em áreas de Mata Atlântica e regiões ecotonais do estado de Sergipe (Meiado *et al.* 2012a; Lima & Meiado 2014). Ocorre somente a subespécie típica, sendo diferenciada da subespécie *robustus* Zappi por apresentar ramos mais delgados, longos, tornando-se pendentes (vs. ramos rígidos, nunca pendentes), além de apresentar costelas obtusas (vs. costelas agudas).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Frei Paulo, VI/1981, fl., *M.R. Fonseca 518* (ASE); Lagarto, II/1991, *N.P. Taylor & D.C. Zappi 1633* (ASE, K, ZSS); Nossa Senhora da Glória, VI/1982, fl., *M.N. Almeida 80* (ASE); Poço Verde, I/2011, fr., *E.V.R. Ferreira 239* (ASE); Simão Dias, III/2011, fl. fr., *T. Carregosa-Silva et al. 156* (ASE).

9.4. *Pilosocereus tuberculatus* (Werderm.) Byles & G.D. Rowley, *Cact. Succ. J. Gr. Brit.* 19: 69. 1957.

Nome popular: caixa-cubri.

Fig. 5 G-I.

Árvore 2–5 m alt., tronco com 20 cm diâm., cilindro vascular fortemente lenhoso até o ápice dos ramos; ramos aéreos, com 3–6 cm diâm., ápice ereto a inclinado, epiderme verde-oliva, 4–7 costelas, 1–2 × 0,5–2 cm, sinuosas e pronunciadas, oblíquas, com dobras transversais acima das aréolas. Aréolas distantes 2–3,3 cm entre si, com pelos marrons-claro que se tornam enegrecidos. Espinhos opacos, acinzentados quando envelhecidos, quebradiços, espinhos centrais 3–5, 30–65 mm compr., geralmente mais longos e muitas vezes curvados na base. Cefálio ausente, região florífera não diferenciada, flores não acompanhadas de tricomas; botões-florais com nectários extraflorais. Flores 6 × 3 cm, pericarpelo obcônico, tubo 45 × 20–23 mm, verde-oliva; estilete 40–42 × 2–3 mm, lobos do estigma c. 8, 6 × 0,7 mm, lóculo do ovário depresso-oboval em secção longitudinal. Frutos globosos ou achatados, 2–4 × 3–5 cm, restos do perianto formando uma cicatriz circular, superficial, verde-oliva a arroxeados. Sementes 1,3–1,4 × 0,9–1 mm, enegrecidas, brilhantes.

Comentários: Em Sergipe, a espécie ocorre em áreas de Caatinga de solos arenosos, próximas ao rio São Francisco (Meiado *et al.* 2012a; Lima & Meiado 2014). As flores são polinizadas por morcegos (Rocha *et al.* 2007).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, IV/1981, fr., *M.R. Fonseca et al.* 480 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Barra, XI/2009, *A.P. Prata* 2096 (ASE), Pilão Arcado, XI/2009, fr., *A.P. Prata* 2083 (ASE).

10. *Rhipsalis* Gaertn.

Plantas epífitas ou, mais raramente, rupícolas, pendentes ou decumbentes; ramos segmentados, ramos apicais sempre com ramificação acrotônica, espinhos pungentes ausentes, apesar de apresentar cerdas (especialmente em plântulas e ramos jovens); ramos segmentados, cilíndricos (sem costelas), angulosos, alados ou aplanados, segmentos apicais decíduos quando velhos; aréolas pequenas ou imersas e conspícuas e/ou lanosas apenas após florescer, subtendidas por pequenas escamas, às vezes inconspícuas; aréolas terminais compostas ocasionalmente presentes. Botões florais erumpentes a partir de aréolas imersas ou desenvolvendo-se na superfície dos ramos. Flores de antese diurna, rotáceas ou campanuladas, laterais ou terminais, alvas, amareladas ou rosadas, raramente avermelhadas; pericarpelo liso, geralmente verde, desprovido de aréolas; tubo floral ausente ou inconspícuo; segmentos do perianto reflexos a campanulados, delgados, geralmente alvos a creme, translúcidos; estames exsertos ou inclusos. Fruto até 0,5cm compr., subgloboso a elipsoide, nunca anguloso, liso, alvo, alaranjado, rosa ou violáceo, polpa transparente, muito mucilaginoso. Sementes oblongas, castanho-escuras a enegrecidas, paredes periclinais das células da testa convexas ou planas.

Gênero de 35 espécies ocorrendo na África, Madagascar e nos neotrópicos, com centro de diversidade no Sudeste do Brasil (Taylor & Zappi 2004). No Brasil, ocorrem em todos os estados, exceto em Tocantins, Piauí e Maceió (Taylor *et al.* 2015). No estado de Sergipe está representando por duas espécies.

Chave para identificação das espécies de *Rhipsalis* de Sergipe

1. Botões florais erumpentes, desenvolvendo-se no interior dos ramos; aréolas floríferas muito lanosas **10.1. *R. floccosa***
1'. Botões florais desenvolvendo-se na superfície do ramo; aréolas floríferas glabras
..... **10.2. *R. lindbergiana***

10.1. *Rhipsalis floccosa* Salm-Dyck ex Pfeiff., Enum. cact.: 134. 1837.

Fig. 3 E-F.

Epífita pendente, até 3m compr.; ramos cilíndricos, verde-escuros a verde-acinzentados, 2-5-furcados a partir do ápice dos ramos, 15–30 cm compr. Aréolas floríferas cerdasas, presentes ao longo do ramo, rodeadas por manchas róseas, muito lanosas. Botões florais erumpentes, desenvolvendo-se no interior dos ramos. Flores laterais, rotáceas, 1(-2)

flores por aréola, 1 × 2 cm, antese diurna; pericarpelo profundamente imerso nos ramos; segmentos do perianto 11-13, reflexos, segmentos externos 3-3,5 × 3 mm, triangulares, esverdeados, com ápice avermelhado, segmentos internos 5-6 × 2-3 mm, lineares, alvos a creme; estames 100-110, exsertos, 4-5 mm compr., filetes alvos; estilete 5 mm compr., estigma 4-5-lobado. Frutos globosos a subglobosos, 3-4 mm compr., verdes quando jovens, alvos, às vezes rosados no ápice, restos do perianto persistentes. Sementes oblongas, 1,5 mm compr., castanho-escuras, brilhantes.

Comentários: No Brasil, ocorre em Bahia, Pernambuco, Sergipe, Paraná e na região Sudeste (Taylor *et al.* 2015). Epífita comum em ambiente de floresta úmida. Pode colonizar árvores de espécies cultivadas como, por exemplo, mangueiras e jaqueiras, bem como outras árvores utilizadas na arborização de praças e vias públicas das cidades (Taylor & Zappi 2004). Em Sergipe, ocorre somente a subespécie típica. É distinta de *R. floccosa* subsp. *oreophila* N.P. Taylor & Zappi por apresentar ramos com até 10 mm de largura (vs. até 6 mm) e distinta de *R. floccosa* subsp. *pulvinigera* (G. A. Lindb.) Barthlott & N.P. Taylor por apresentar flores menores, com até 12 mm diâm. [vs. flores com 18-20(-30) mm diâm.].

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, XI/2010, fr., L.A.S. Santos *et al.* 422 (ASE); Estância, II/1991, fr., N.P. Taylor & D.C. Zappi 1615 (ASE, HRCB, K, ZSS); Itabaiana, XII/2011, fl., D. Araújo & G.M.A. Matos 1965 (ASE, HURB); Poço Redondo, I/2010, fr., W.J. Machado *et al.* 153 (ASE); Simão Dias, I/2012, fr., A.P. Prata *et al.* 2864 (ASE); Siriri, IX/1983, fl., G. Viana 750 (ASE).

10.2. *Rhipsalis lindbergiana* K.Schum. in Mart., Fl. bras. 4(2): 271. 1890.

Fig. 3 A-D.

Epífita pendente, até 4 m compr.; ramos cilíndricos, verde-claros, 2-4 ramificações no ápice, muito longos, até 1 m compr., com ramificação subterminal, ramos terminais com comprimento indeterminado. Aréolas floríferas glabras. Botões florais desenvolvendo-se na superfície do ramo. Flores laterais, rotáceas, uma flor por aréola, 5 × 3 mm; pericarpelo globoso a oblongo, 1-2 × 2 mm, emerso; segmentos do perianto 5-10, reflexos, segmentos externos 1-1,5 mm, triangulares, alvo-esverdeados, segmentos internos 2-3 mm, lanceolados, alvos; estames 40-47, exsertos, 1-2 mm; estilete 3 mm, exserto, estigma 3-4-lobado, lobos 0,5 mm compr. Frutos globosos, 2-3 × 2 mm, alvos a róseos. Sementes suborbiculares, 1 mm compr., castanho-escuras, brilhantes.

Comentários: Espécie pouco frequente no estado, com somente uma coleta registrada. Pode ser confundida com *R. baccifera* (J.S. Muell.) Stearn, da qual diferencia-se por apresentar ramos uniformemente longos, ausência de aréolas terminais compostas e que dão origem a segmentos secundários subacrotônico (Taylor & Zappi 2004). Os frutos são menores que os de *R. baccifera* e, frequentemente, rosados.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Campo do Brito, XI/1981, G. Viana 202 (ASE, IPA).

11. *Tacinga* Britton & Rose

Arbustos, subarbustos, até 2 m alt. Cladódios complanados, artículos geralmente orbiculares, ovoides ou obovoides; espinhos presentes ou não; gloquídeos presentes. Folhas turbinadas reduzidas em ramos novos, decíduas em ramos maduros. Flores diurnas, solitárias, surgindo a partir da margem ou ápice dos artículos; pericarpelo globoso, verde, com aréolas portando gloquídeos; segmentos do perianto laranja-forte a vermelhos; estames numerosos, eretos, exertos ou inclusos, não sensitivos. Fruto globoso a subgloboso, restos do perianto decíduos, polpa funicular translúcida ou opaca, esverdeada ou colorida. Sementes reniformes.

Segundo Taylor & Zappi (2004), este gênero endêmico do Brasil apresenta seis espécies ocorrentes em Caatinga, Campo Rupestre e afloramentos de rocha calcária no Leste do Brasil. No estado de Sergipe ocorrem duas espécies.

Chave para identificação das espécies de *Tacinga* de Sergipe

1. Aréolas desprovidas de espinhos, com aparência punctiforme; frutos globosos
..... **11.1. *T. inamoena***
1'. Aréolas providas de espinhos pungentes, dourados a castanhos; frutos piriformes
..... **11.2. *T. palmadora***

11.1. *Tacinga inamoena* (K. Schum.) N.P. Taylor & Stuppy, Succ. Pl. Res. 6: 119. 2002.

Nome popular: quipá.

Fig. 1 C-D.

Subarbustos eretos ou decumbentes, 30–60 cm alt. Cladódios ovoides ou obovoides, 5–13 × 5–12 cm, verde-escuros a verde-amarelados, com epiderme não verrucosa; aréolas castanho claras, distanciadas 1-2 cm, desprovidas de espinhos, externamente com aparência punctiforme, imersas no cladódio, com secção oval, preenchidas por numerosos gloquídeos, 2–3 mm, agudos, translúcidos, dotadas de diminutas espículas reflexas dispostas aos pares. Flores 3,5–4,2 cm compr.; pericarpelo globoso, 1,8–2 cm, verde; segmentos do perianto 1,5–2,2 cm compr., eretos, laranja a alaranjados, ápice apiculado, segmentos externos crassos, ovais, os internos obovais, delgados; estames exertos. Frutos globosos, 3,5–4,5 cm diâm., amarelados a alaranjados, polpa funicular translúcida. Sementes 4,5–5 × 3,5–4 mm, ocre pálida, opaca.

Comentários: No Brasil, ocorre em Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe e Minas Gerais (Taylor *et al.* 2015). Apresenta ampla distribuição nas áreas de Caatinga do estado de Sergipe (Meiado *et al.* 2012; Lima & Meiado 2014). Os frutos são zoocóricos, dispersos por pequenos roedores. Sementes afotoblásticas (Demetrio 2010; Meiado 2012a; 2012b).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, V/2011, fr., A.C.C. Silva 322 (ASE); Gararu, I/1983, E. Gomes 155 (ASE); Poço Redondo, X/2009, fl., A.P. Prata *et al.* 2558 (ASE).

11.2. *Tacinga palmadora* (Britton & Rose) N.P. Taylor & Stuppy, Succ. Pl. Res. 6: 112. 2002. Nome popular: palmatória, quipá-de-espinho.

Fig. 1 E-F.

Subarbustos eretos, 0,5–2 m alt. Cladódios ovoides ou obovoides, 10–15 × 5–8 cm, verde-escuros a verde-cinéreos, com epiderme verrucosa; aréolas alvas a cinzas, dispostas em malhas não ortogonal, distanciadas 1–1,6 cm, providas de espinhos, imersas no cladódio, preenchidas por numerosos gloquídeos, 2–3 mm compr., agudos, dourados a castanhos, inseridos no feltro da aréola. Flores 2,8–3,3 cm compr.; pericarpelo subgloboso a globoso, 1,3–1,5 cm, verde; segmentos do perianto 1,3–1,7 cm compr., eretos, vermelhos, ápice apiculado, crassos externamente, ovais, internos obovais, delgados; estames geralmente inclusos. Frutos piriformes, 2,5–3,5 cm compr., verde-amarelados a avermelhados, polpa funicular translúcida. Sementes 3,5–4 × 2,5–3 mm, castanho-claras, opacas.

Comentários: No Brasil, ocorre em Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe (Taylor *et al.* 2015). Ocorre em áreas de Caatinga do sertão de Sergipe (Meiado *et al.* 2012a; Lima & Meiado 2014). Uma das poucas espécies de Cactaceae no estado com floração no pico da estação seca, possuindo flores polinizadas por beija-flores (Locatelli & Machado 1999a). Os frutos são zoocóricos, dispersos por pequenos roedores, com formação de cladódios a partir das aréolas do pericarpelo após a dispersão (Meiado 2012c; 2012d). Sementes afotoblásticas, com dormência causada pela imaturidade do embrião quando recém coletadas (Meiado *et al.* 2012b; Meiado 2012a; 2012b).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, VI/2006, fl., I.C. Lemos 6 (ASE); Monte Alegre de Sergipe, XI/2010, fl., W.J. Machado *et al.* 943 (ASE); Nossa Senhora da Glória, VIII/2013, fl., L.P. Rocha *et al.* 84 (ASE); Poço Redondo, VII/1983, fl., M.R. Fonseca 570 (ASE, IPA); Poço Verde, VIII/2010, fl., E.V.R. Ferreira 158 (ASE); Porto da Folha, XI/2010, fl., A.P. Prata *et al.* 2573 (ASE).

Referências Bibliográficas

Anderson, E.F. 2001. **The cactus family**. Portland, Timber Press, Inc.

Barthlott, W. & Hunt, D.R. 1993. Cactaceae. Pp. 161-197. In: K. Kubitsky (ed.). **The family and genera of vascular plants**. Berlin, Springer Verlag.

Bauer, R. 2003. A synopsis of the tribe Hylocereeae F. Buxb. **Cactaceae Systematics Initiatives** 17(1): 3-64.

Demetrio, K.M. 2010. Relação entre *Tacinga inamoena* (K.Schum.) N.P. Taylor & Stuppy (Cactaceae) e visitantes dos nectários extraflorais. Pp. 244-254. In: I.R. Leal, W.R. Almeida & A.V. Aguiar (orgs.). **Ecologia da Caatinga – Curso de Campo 2009**. Recife, Editora Universitária da UFPE.

Gomes, V.G.N.; Quirino, Z.G.M. & Machado, I.C. 2013. Pollination and seed dispersal of *Melocactus ernestii* Vaupel subsp. *ernestii* (Cactaceae) by lizards: an example of double mutualism. **Plant Biology** 16(2): 315-322.

Lima, A.T. & Meiado, M.V. 2014. Conservação de Cactaceae do estado de Sergipe. **Boletín de la Sociedad Latinoamericana y del Caribe de Cactáceas y otras Suculentas** 11(1).

Locatelli, E. & Machado, I.C.S. 1999a. Comparative study of the floral biology in two ornithophilous species of Cactaceae: *Melocactus zehntneri* and *Opuntia palmadora*. **Bradleya** 17(1): 75-85.

Locatelli, E. & Machado, I.C.S. 1999b. Floral biology of *Cereus fernambucensis*: a sphingophilous cactus of Restinga. **Bradleya** 17(1): 86-94.

Locatelli, E.; Machado, I.C.S. & Medeiros, P. 1997. Floral biology and pollination in *Pilosocereus catingicola* (Cactaceae) in Northeastern Brazil. **Bradleya** 17(1): 75-85.

Lucena, C.M.; Costa, G.M.; Sousa, R.F.; Carvalho, T.K.N.; Marreiros, M.A.; Alves, C.A.B.; Pereira, D.D. & Lucena, R.F.P. 2012. Conhecimento local sobre cactáceas em comunidades rurais na mesorregião do sertão da Paraíba. **Biotemas** 25(3): 282-291.

Lucena, C.M.; Lucena, R.F.P.; Costa, G.M.; Carvalho, T.K.N.; Costa, G.G.S.; Alves, R.R.N.; Pereira, D.D.; Ribeiro, J.E.S.; Alves, C.A.B.; Quirino, Z.G.M. & Nunes, E.N. 2013. Use and knowledge of Cactaceae in Northeastern Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine** 9(62): 1-11.

Meiado, M.V. 2012a. Germinação de sementes de cactos do Brasil: fotoblastismo e temperaturas cardeais. **Informativo Abrates** 22(3): 20-23.

Meiado, M.V. 2012b. **Germinação de sementes de cactos do Nordeste do Brasil**. Tese de Doutorado. Recife, Universidade Federal de Pernambuco.

Meiado, M.V. 2012c. Propagação sexual e assexual estruturando populações de *Tacinga palmadora* (Britton & Rose) N.P. Taylor & Stuppy, um cacto endêmico da Caatinga. **Revista de Biologia Neotropical** 9(2): 6-13.

Meiado, M.V. 2012d. Reprodução sexual e propagação clonal estruturando populações de um cacto endêmico da Caatinga. Pp. 333-350. In: I.R. Leal, M.V. Meiado, A.R.C. Rabbani & J.A. Siqueira Filho, J.A. (orgs.). **Ecologia da Caatinga Curso de Campo 2011**. Petrolina, PrintPex.

Meiado, M.V.; Albuquerque, L.S.C.; Rocha, E.A. & Leal, I.R. 2008. Efeito da luz e da temperatura na germinação de sementes de *Pilosocereus catingicola* subsp. *salvadorensis* (Werderm.) Zappi (Cactaceae). **Boletín de la Sociedad Latinoamericana y del Caribe de Cactáceas y otras Suculentas** 5(2): 9-12.

Meiado, M.V.; Albuquerque, L.S.C.; Rocha, E.A.; Rojas-Aréchiga, M. & Leal, I.R. 2010. Seed germination responses of *Cereus jamacaru* DC. ssp. *jamacaru* (Cactaceae) to environmental factors. **Plant Species Biology** 25(2): 120-128.

Meiado, M.V.; Machado, M.C.; Zappi, D.C.; Taylor, N.P. & Siqueira Filho, J.A. 2012a. Cactos do Rio São Francisco: Atributos ecológicos, distribuição geográfica e endemismo. Pp. 264-305. In: J.A. Siqueira Filho (org.). **Flora das Caatingas do Rio São Francisco - História Natural e Conservação**. Rio de Janeiro, Andrea Jakobsson Estúdio.

Meiado, M.V.; Silva, F.F.S.; Barbosa, D.C.A. & Siqueira Filho, J.A. 2012b. Diásporos da Caatinga: uma revisão. Pp. 306-365. In: J.A. Siqueira Filho (org.). **Flora das Caatingas do Rio São Francisco - História Natural e Conservação**. Rio de Janeiro, Andrea Jakobsson Estúdio.

Nunes, E.M.B. 2013. *Cereus jamacaru* DC. Pp. 16-17. In: J.A. Siqueira Filho, M.V. Meiado, A.R.C. Rabbani, A.A. Siqueira & D.C.M. Vieira (orgs.). **Guia de campo de árvores das Caatingas**. Vol. II. Curitiba, Editora Progressiva Ltda.

Rito, K.F.; Rocha, E.A.; Leal, I.R. & Meiado, M.V. 2009. As sementes de mandacaru têm memória hídrica? **Boletín de la Sociedad Latinoamericana y del Caribe de Cactáceas y otras Suculentas** 6(1): 26-31.

Rocha, E.A.; Machado, I.C. & Zappi, D. 2007. Floral biology of *Pilosocereus tuberculatus* (Werderm.) Byles & Rowley: a bat pollinated cactus endemic from the "Caatinga" in northeastern Brazil. **Bradleya** 25(1): 129-160.

Taylor, N.P.; Stuppy, W. & Barthlott, W. 2002. Realignment and revision of the Opuntioideae of Eastern Brazil. Pp. 99-132. In: D. Hunt & N.P. Taylor (eds.). **Succulent Plant Research** 6. Milborne Port, Publ. D. Hunt.

Taylor, N.P.; Meiado, M.V.; Bravo Filho, E. & Zappi, D. 2014. A new *Melocactus* from the Brazilian state of Sergipe. **Bradleya** 32: 99-104.

Taylor, N.; Santos, M.R.; Larocca, J. & Zappi, D. 2015. Cactaceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB70>>. (Acesso em: 05 Mar. 2015).

Taylor, N. & Zappi, D. 2004. **Cacti of Eastern Brazil**. Kew, Royal Botanic Gardens, Kew.

Zappi, D. 1994. ***Pilosocereus* (Cactaceae): The genus in Brazil**. Pp. 1-160. *In*: D. Hunt & N.P. Taylor (eds.) **Succulent Plant Research 3**. Milborne Port, Publ. D. Hunt.

Zappi, D.C.; Aona, L.Y.S.; N. P. Taylor . Cactaceae. Pp. 163-193. 2007. *In*: M.G. Wanderley, G.J. Shepherd, A.M. Giulietti & T.S. Malhem. (Org.). **Flora Fanerogâmica do estado de São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial do estado de São Paulo, v. 5.

Lista de Exsicatas

Almeida, M.N. 80 (9.3); **Araújo, D.** 1965 (10.1); **Barreto, A.C.C.** s.n. (ASE 288) (1.1), s.n. (ASE 295) (8.1); **Bravo Filho, E.S.** 1 (6.3), 15 (6.2); **Carneiro, E.M.** 238 (3.1), 686 (11.1); **Carregosa-Silva, T.** 58 (9.1), 156 (9.3), 167 (10.1); **Conceição, G.G.** 31 (2.2), 32 (9.1), 33 (9.1); **Córdula, E.** 155 (6.3); **Cruz, A.** 14 (2.1), 15 (9.1); **Damasceno, S.A.** 1 (8.1), 22 (2.2); **Dantas, T.V.P.** 90 (6.3); **Deda, R.M.** 219 (1.1); **Donato, C.R.** 35 (1.1); **Farias, M.C.V.** 478 (1.1); **Ferreira, E.S.** 26 (2.1), 165 (6.3), 205 (9.1); **Ferreira, E.V.R.** 75 (2.2), 132 (11.2), 158 (11.2), 239 (9.3); **Fonseca, M.R.** 450 (4.1), 451 (4.1), 452 (1.1), 480 (9.4), 481 (6.4), 483 (9.2), 518 (9.3), 570 (11.2), 594 (9.2), s.n. (ASE 766) (2.1), s.n. (ASE 5264) (9.2); **Freire, G.S.** 155 (2.2.); **Freitas, B.A.L.** 24 (4.1); **Gomes, E.** 77 (1.1), 125 (7.1), 155 (11.1), 169 (5.1), 179 (1.1), 182 (3.1), 252 (3.1); **Gomes, P.** 633 (6.3); **Ladim, M.** 1144 (9.1), 1147 (2.1), 1415 (9.1), 1483 (2.1); **Lemos, I.C.** 5 (11.1), 6 (11.2), 77 (6.1), 81 (11.1), 82 (6.4), 83 (11.2), 85 (11.2); **Machado, W.J.** 74 (6.1), 153 (10.1), 178 (9.1), 288 (2.2), 482 (9.1), 652 (11.2), 859 (6.4), 871 (11.2), 888 (9.2), 892 (11.1), 900 (11.2), 943 (11.2); **Matos, G.M.A.** 152 (1.1), 288 (2.2), 300 (1.1); **Meiado, M.V.** 303 (2.1), 1000 (6.2); **Melo, D.S.** 26 (1.1); **Menezes, I.R.N.** 148 (9.1); **Menezes, M.T.O.** 341 (9.1), 342 (9.1), 343 (9.1), 344 (9.1), 338 (9.1); **Nascimento-Junior, J.E.** 304 (9.2), 305 (2.2), 306 (11.1), 449 (9.1), 450 (2.1), 536 (6.3), 672 (11.1), 690 (6.4); **Nogueira-Junior, F.C.** 23 (6.1); **Oliveira, D.G.** 337 (4.1), 339 (2.2); **Oliveira, D.M.** 129 (6.3); **Oliveira, E.V.S.** 20 (2.1), 47 (9.1), 80 (9.1), 304 (6.3), 363 (9.1); **Prata, A.P.** 1221 (9.2), 1455 (9.1), 1456 (9.1), 1619 (9.1), 2096 (9.4), 2083 (9.4), 2177A (1.1), 2177B (9.1), 2558 (11.1), 2562 (9.1), 2573 (11.2), 2860 (9.3), 2862 (1.1), 2863 (5.1), 2864 (10.1), 2930 (1.1), 2939 (2.2), 2995 (6.3), 3520 (6.4), 3548 (2.2), 3617 (2.1), 3626 (9.1), 3637 (9.1), 3638 (2.2); **Rocha, L.P.** 84 (11.2); **Santana, M.C.** s.n. (ASE 13640) (2.1); **Santos, L.A.S.** 422 (10.1); **Santos, R.A.** 1 (2.2); **Silva, A.C.C.** 18 (11.2), 69 (11.2), 96 (11.2), 104 (4.1), 184 (2.2), 227 (4.1), 228 (11.1), 322 (11.1), 323 (11.1); **Silva, G.N.** 37 (1.1); **Silva, T.R.** 146 (3.1); **Taylor, N.P.** 1615 (10.1), 1616 (9.1), 1617 (9.1), 1617A (9.1), 1618A (9.1), 1633 (9.3); **Thomas, W.W.** 8894 (10.1); **Viana, G.** 202 (10.2), 261 (1.1), 331 (4.1), 384 (8.1), 632 (1.1), 750 (10.1), 1139 (9.3), 1386 (8.1), 1571 (11.2), 1679 (1.1).

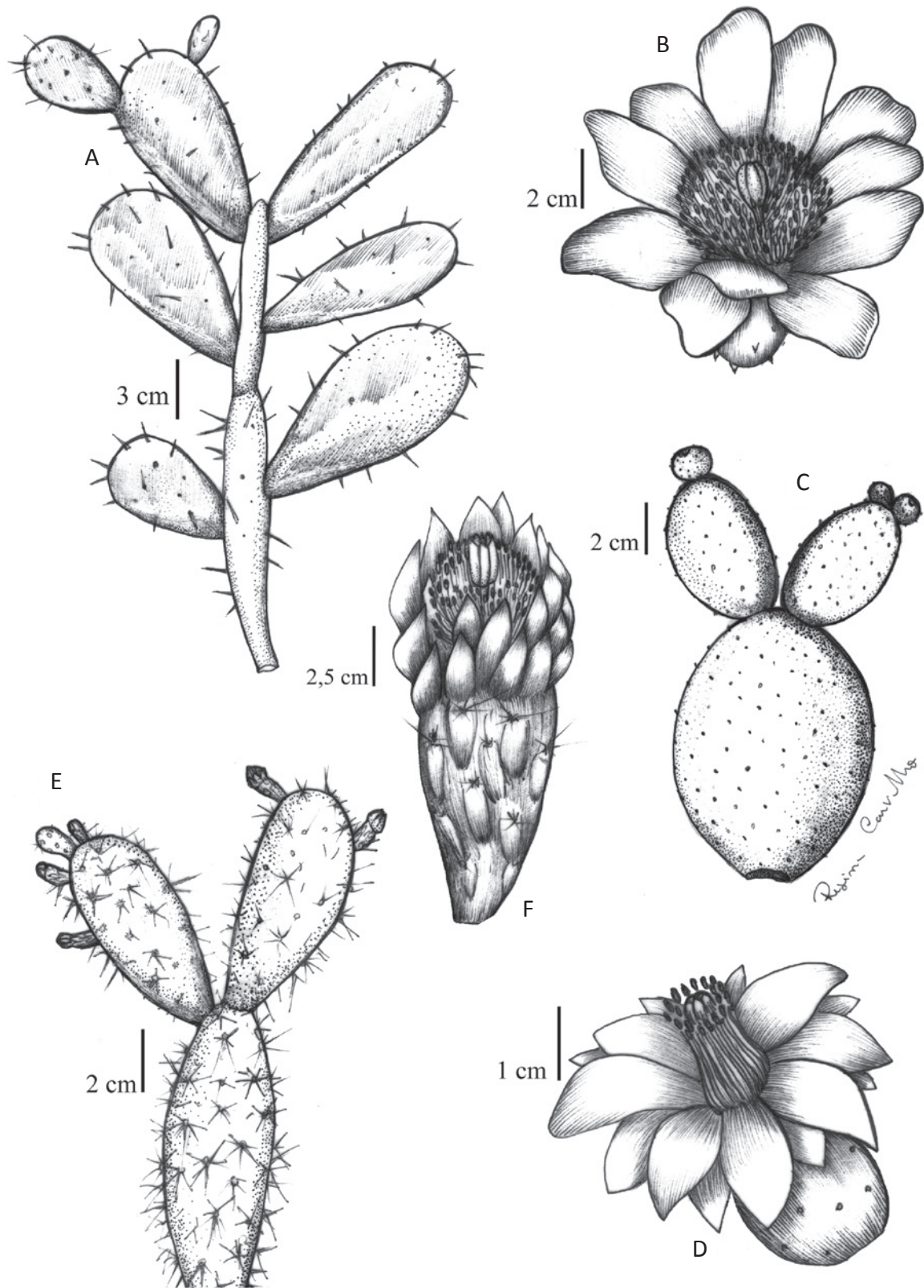


Figura 1. A-B. *Brasiliopuntia brasiliensis* (Willd.) A. Berger. A. Hábito; B. Detalhe da flor. (A.P. Prata et al. 2930, ASE). C-D. *Tacinga inamoena* (K. Schum.) N.P. Taylor & Stuppy. C. Hábito evidenciando os frutos no ápice; D. Flor. (A.P. Prata et al. 2558, ASE). E-F. *Tacinga palmadora* (Britton & Rose) N.P. Taylor & Stuppy. E. Hábito; F. Flor. (A.P. Prata et al. 2573, ASE).

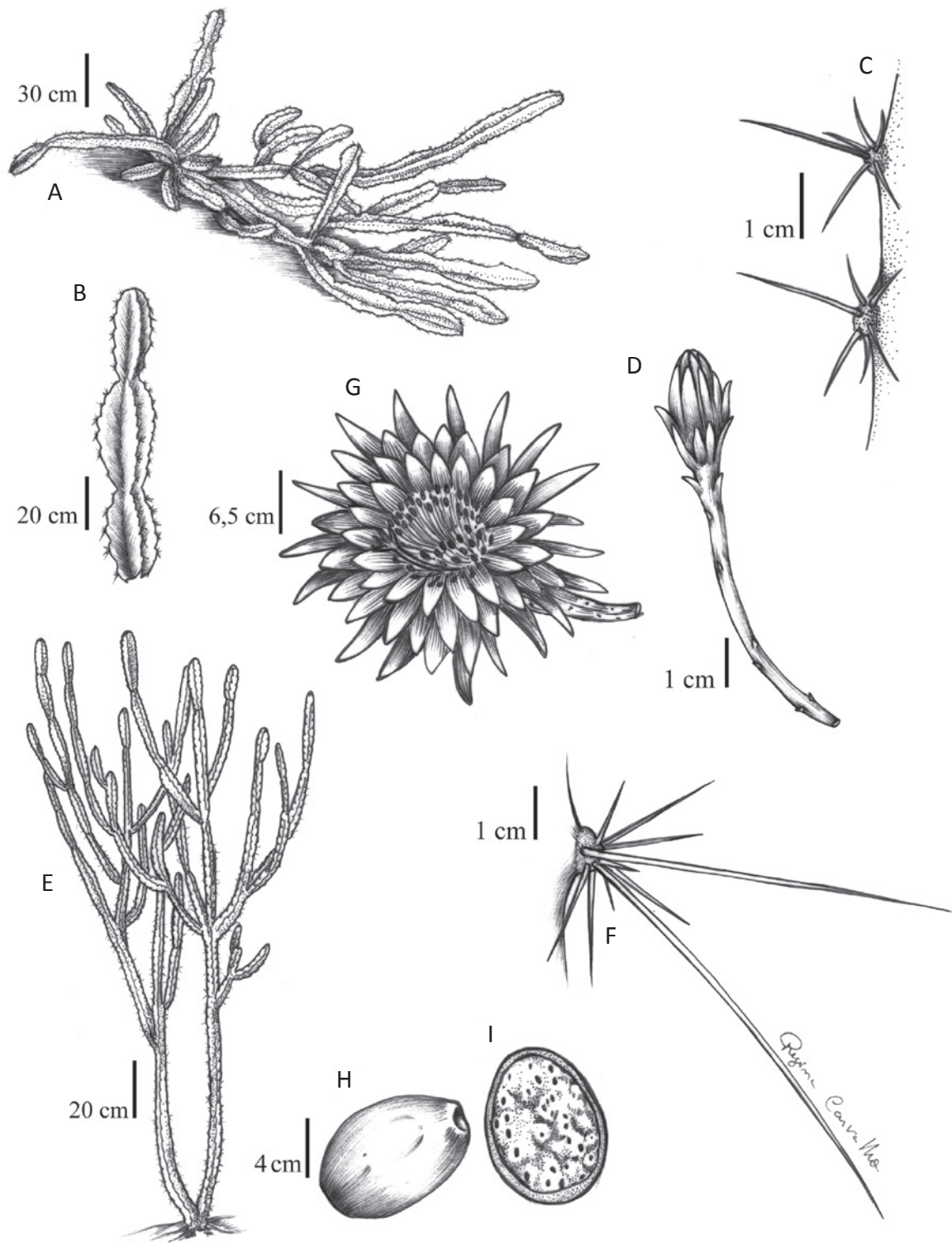


Figura 2. A-D. *Cereus fernambucensis* Lem. A. Hábito; B. Detalhe do ramo; C. Detalhe da disposição dos espinhos na aréola; D. Flor. (A.P. Prata et al. 3617, ASE). E-I. *Cereus jamacaru* DC. E. Hábito; F. Detalhe da disposição dos espinhos na aréola; G. Flor em vista frontal; H. Fruto; I. Corte longitudinal do fruto. (A.P. Prata et al. 3548, ASE).

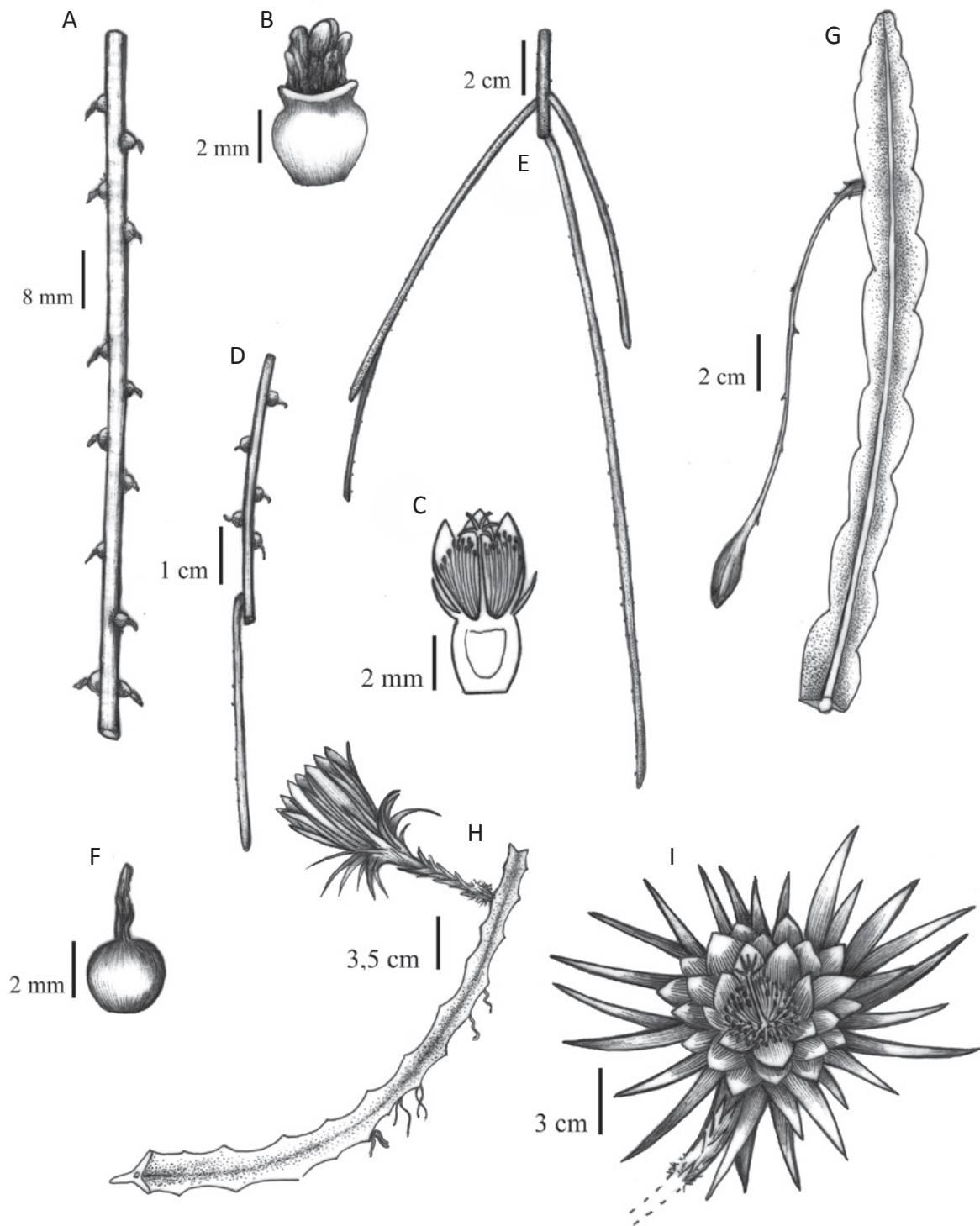


Figura 3. A-D. *Rhipsalis lindbergiana* K.Schum. A. Hábito; B. Fruto; C. Detalhe do corte longitudinal da flor; D. Detalhe do ramo. (G. Viana 202, ASE). E-F. *Rhipsalis floccosa* Salm-Dyck ex Pfeiff. E. Hábito; F. Detalhe do fruto com restos do perianto. (A.P. Prata et al. 2864, ASE). G. *Epiphyllum phyllanthus* (L.) Haw. G. Hábito com uma flor. (G.S. Freire et al. 155, ASE). H-I. *Hylocereus setaceus* (Salm-Dyck) R.Bauer. H. Ramo com flor; I. Detalhe da flor em vista frontal. (A.P. Prata et al. 2863, ASE).

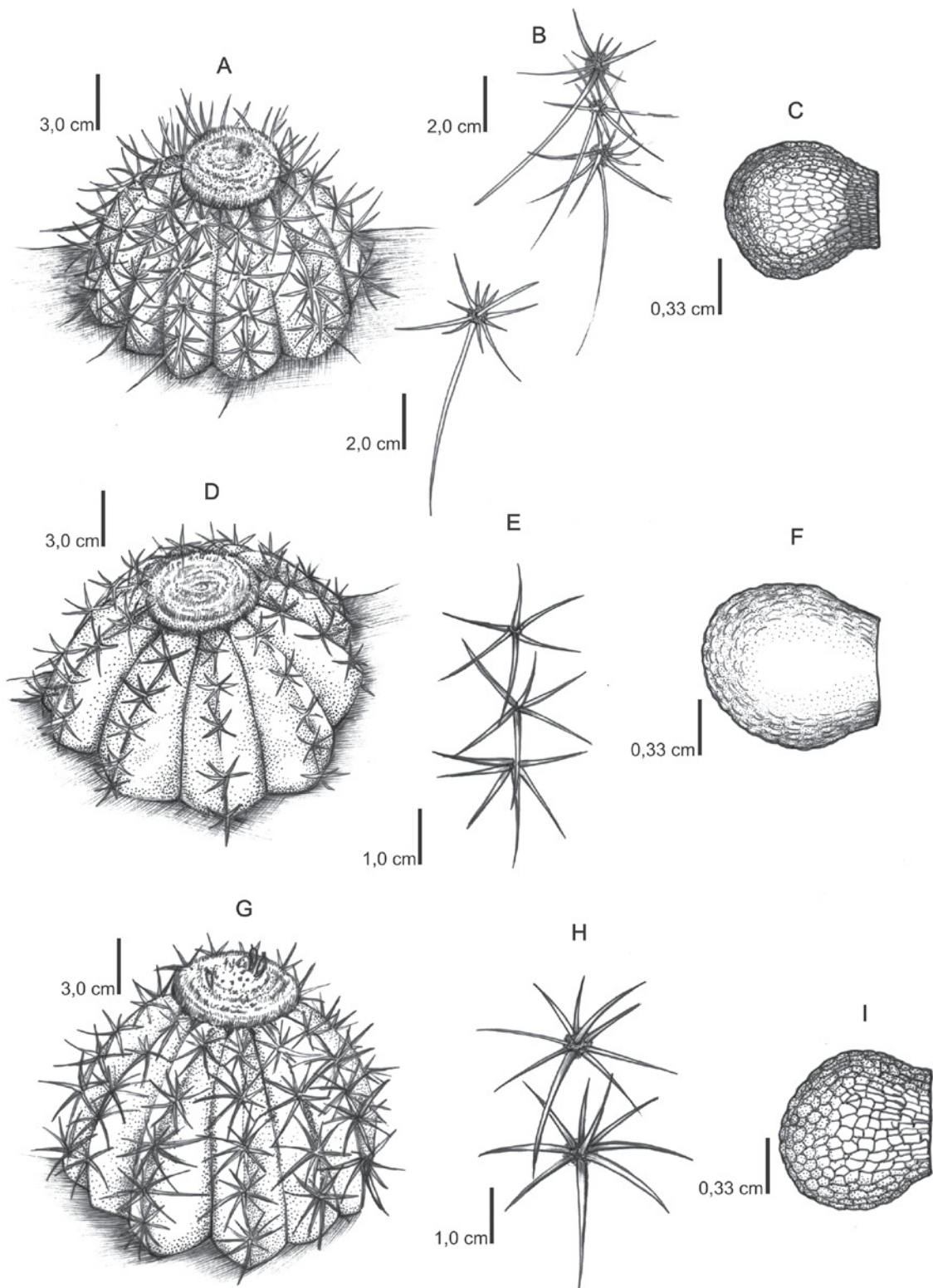


Figura 4. A-C. *Melocactus ernestii* Vaupel A. Hábito; B. Detalhe da disposição dos espinhos na aréola; C. Detalhe da semente. (W.J. Machado et al. 74, ASE). D-F. *Melocactus violaceus* Pfeiff. subsp. *margaritaceus* N.P. Taylor. D. Hábito; E. Detalhe da disposição dos espinhos na aréola; F. Detalhe da semente. (J.E. Nascimento-Junior & T.V.P. Dantas 536, ASE). G-I. *Melocactus zehntneri* (Britton & Rose) Luetzelb. G. Hábito; H. Detalhe da disposição dos espinhos na aréola; I. Detalhe da semente. (A.P. Prata et al. 3520, ASE).

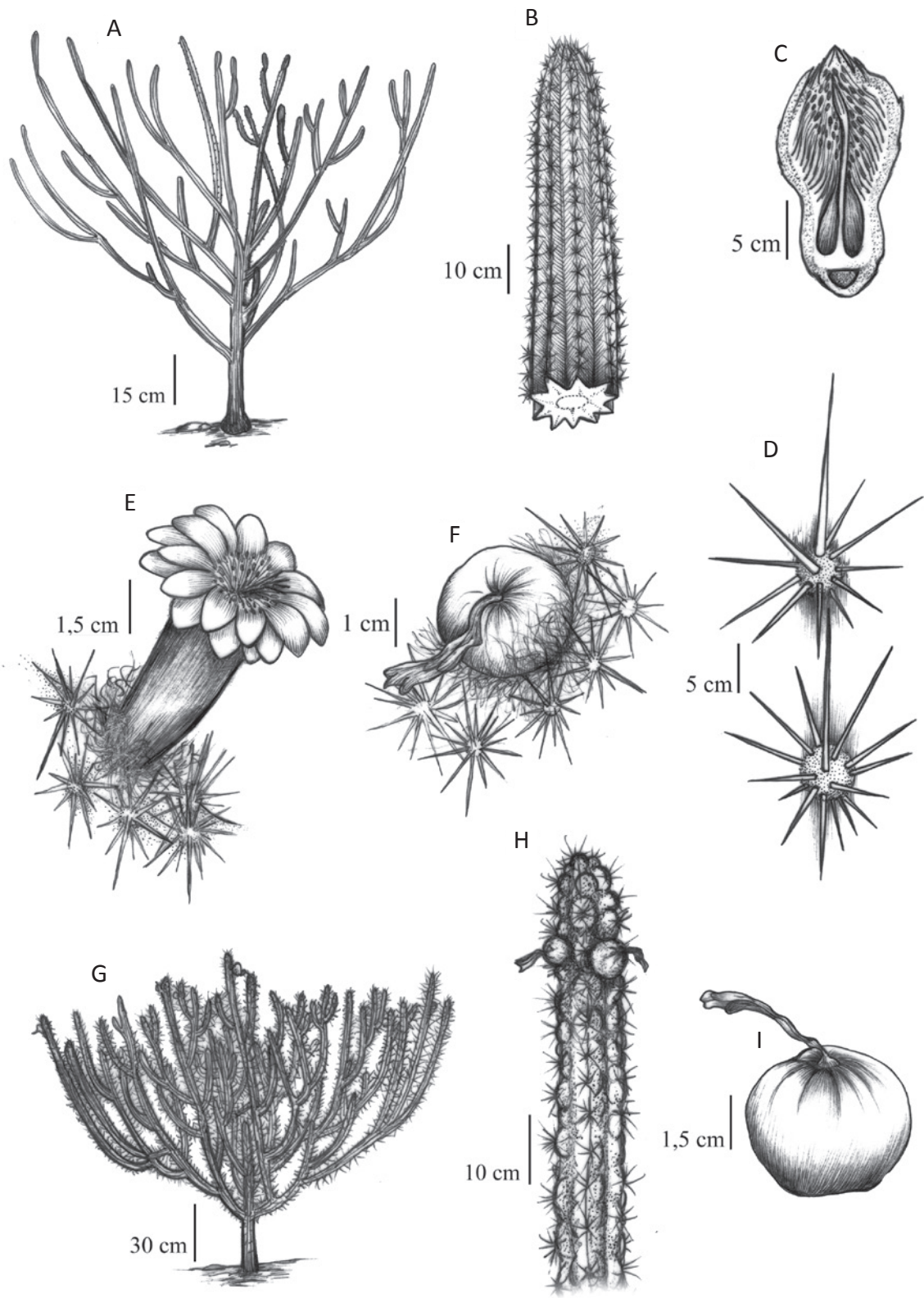


Figura 5. A-C. *Pilosocereus catingicola* (Gürke) Byles & G.D. Rowley subsp. *salvadorensis* (Werderm.) Zappi. A. Hábito; B. Detalhe do ramo; C. Corte longitudinal da flor. (A.P. Prata et al. 3637, ASE). D-F. *Pilosocereus gounellei* (F.A.C. Weber) Byles & G.D. Rowley. D. Detalhe das aréolas e da disposição dos espinhos; E. Detalhe do ramo com uma flor; F. Detalhe do ramo com fruto. (W.J. Machado et al. 888, ASE). G-I. *Pilosocereus tuberculatus* (Werderm.) Byles & G.D. Rowley. G. Hábito; H. Detalhe do ramo com fruto; I. Fruto. (M.R. Fonseca et al. 480, ASE).

CELASTRACEAE

Milton Groppo¹
Cíntia Erbert¹

Árvores, arbustos, subarbustos ou lianas. Folhas simples, alternas ou opostas, estípulas pequenas, inconspícuas, decíduas ou ausentes. Inflorescências racemosas, cimosas ou fasciculadas, terminais ou axilares. Flores bissexuadas ou unissexuadas (plantas monoicas ou dioicas), actinomorfas, (2-) 4-5-meras, geralmente pouco vistosas; sépalas livres ou pouco conatas na base; pétalas imbricadas; estames isostêmones (polistêmones em *Plagiopteron*), alternipétalos, inseridos abaixo ou sobre as bordas de um disco intraestaminal carnosos, raro livres do disco; anteras bitecas, deiscência longitudinal, transversal ou oblíqua; ovário súpero, livre ou variadamente envolvido pelo disco, 2-5-carpelar, 2-5-locular; óvulos por lóculo 1-2(-14), sobrepostos ou colaterais, eretos ou pêndulos, placentação axial. Fruto cápsula (septicida), drupa ou sâmara; sementes geralmente ariladas, ou aladas e neste caso sem arilo.

Atualmente, a circunscrição de Celastraceae engloba as Hippocrateaceae (e.g. APG 2009), com base em estudos filogenéticos morfológicos e moleculares (Simmons & Hedin 1999; Simmons et al. 2000, 2001). Celastraceae s.l. possuem entre 55 e 94 gêneros e 850 a 1300 espécies (cf. Hallé 1986, Thorne 1992, Heywood 1993, Simmons et al. 2001, Thorne & Reveal 2007). No Brasil ocorrem 18 gêneros e 134 espécies (Lombardi et al. 2014), mas espécies novas tem sido descritas recentemente (Groppo et al. 2014, Biral & Lombardi 2013). Em Sergipe ocorrem dois gêneros, *Maytenus* (três espécies) e *Prionostemma* (uma espécie). A descrição da família foi baseada em Reissek (1861), Carvalho-Okano (2005), Groppo (2005; 2008; 2009) e Groppo & Pirani (2003).

Chave para identificação dos gêneros de **Celastraceae** de Sergipe

1. Árvores ou arbustos; flores com 5 estames; frutos do tipo cápsula; sementes ariladas, não aladas **1. *Maytenus***
1'. Lianas; flores com 3 estames; frutos do tipo esquizocárpico; sementes sem arilo, aladas ..
..... **2. *Prionostemma***

1. *Maytenus* Molina

Árvores, arbustos ou subarbustos, com ramos glabros ou pubescentes. Folhas alternas, subsésseis a pecioladas, glabras a pubescentes, às vezes cerosas, margem crenada, dentada, dentado-espinhosa ou inteira; estípulas pequenas, geralmente cedo decíduas. Inflorescências fasciculadas, cimosas, tirsóides ou raramente paniculadas, axilares. Flores

¹Universidade de São Paulo, Departamento de Biologia - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Av. Bandeirantes, 3900 - CEP 14040-901, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. groppo@ffclrp.usp.br

(4-)5-meras, diclinas ou funcionalmente monoclinas, isostêmones; sépalas unidas; corola branco-esverdeada, pétalas patentes; estames com filetes cilíndricos a achatados; gineceu 2(3)-carpelar, 2(3)-locular; óvulos por lóculo 2, placentação axial; disco intra-estaminal carnosos, inteiro a levemente crenado. Fruto cápsula loculicida, bivalvar, orbicular, angular ou piriforme, - raramente fruto cápsula tardiamente deiscente sem valvas reflexas (em *M. megalocarpa*), estilete às vezes persistente; valvas reflexas. Sementes 1-3 (até 4 em *M. megalocarpa*), envoltas por um arilo branco-leitoso.

Maytenus Molina *sensu lato* (incluindo *Gymnosporia* (Wight & Arn.) Hook. f.) tem sido tradicionalmente tratado como um gênero com aproximadamente 300 espécies, distribuído nos (sub)tropicais do Velho e do Novo Mundo (McKenna *et al.* 2011). Análises filogenéticas atuais tem demonstrado que *Maytenus* (incluindo os gêneros extra-brasileiros *Moya* Griseb. e *Tricerma* Liebm. como sinônimos) deveria ser aplicado apenas às espécies Neotropicais [*Maytenus sensu stricto* (cf. Simmons *et al.* 2008, McKenna *et al.* 2011)]; entretanto, mesmo esta circunscrição não leva à monofilia do gênero, dado o posicionamento de alguns gêneros próximos, como *Fraunhoferia* Mart. e *Plenckia* Reissek (cf. McKenna *et al.* 2011; Groppo *et al.* 2014). Novos estudos com base em dados moleculares ainda estão em progresso e poderão no futuro propor uma melhor delimitação para o gênero. No Brasil, são conhecidas 49 espécies, ocorrendo em vários tipos de vegetação, incluindo a Floresta Amazônica, a Mata Atlântica (incluindo restingas), Caatinga, Cerrado e Campos Rupestres (Groppo 2008; Lombardi & Groppo 2010; Lombardi *et al.* 2014). Em Sergipe são conhecidas quatro espécies.

Chave para identificação das espécies de *Maytenus* de Sergipe

- 1. Lâmina foliar espinescente; nervação semi-craspedódroma **1.3. *M. rigida***
- 1. Lâmina foliar inteira não espinescente; nervação broquidódroma..... 2
- 2. Inflorescências fasciculadas; ápice dos ramos novos com lenticelas **1.1. *M. erythroxylo***
- 2. Inflorescências tirsóides (eixo evidente); ápice dos ramos novos sem lenticelas
..... **1.2. *M. obtusifolia***

1.1. *Maytenus erythroxylo* Reissek, Fl. bras. 11(1): 21.1861.

Fig. 1 A-B.

Arbustos a árvores 1,5-7,5 m alt., glabros, ápice dos ramos novos cilíndrico, lenticelado. Folhas pecioladas, patentes, às vezes dísticas; lâmina 2,9-13,5 x 1,2-6,5 cm, *in sicco* verde clara ou acinzentada em ambas as faces, coriácea, elíptica, largamente elíptica ou oboval, ápice agudo, obtuso, arredondado, emarginado ou acuminado, margem inteira ou levemente ondulada, base aguda ou obtusa; nervação broquidódroma, nervuras secundárias não proeminentes, imersas no mesófilo; pecíolo 3-11 mm compr. Inflorescências fasciculadas. Flores 5-meras, 3-4 mm diâm.; sépalas ovais, (sub)ciliadas; pétalas ovais, ca. 1,2 mm compr., amarelo-esverdeadas, creme ou esverdeadas. Cápsula piriforme, 7-13 mm. compr., alaranjadas; sementes 4-7 mm compr.

Comentários: *Maytenus erythroxylon* ocorre no Brasil, nos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas e Bahia, no domínio da Caatinga (na Caatinga *sensu stricto*) e em áreas no domínio da Mata Atlântica, em restingas (Lombardi *et al.* 2014). A espécie tem sido também coletada em Minas Gerais, em áreas de afloramento calcário, na Serra do Cipó (Groppo & Ebert 2015). Em Sergipe, a espécie foi coletada em restingas, no Cerrado e em áreas de matas secas (florestas decíduais e semidecíduais). Coletada em Sergipe com flores em fevereiro, abril a julho, setembro e novembro a dezembro, com frutos de abril a julho, setembro a outubro e dezembro.

Maytenus erythroxylon é caracterizada pelas folhas essencialmente inteiras (ou com a margem levemente crenulada nos 2/3 distais ou ainda apenas onduladas), pelas inflorescências em fascículos e pelo ápice dos ramos novos com numerosas lenticelas [segundo Carvalho-Okano (2005)]. Uma espécie semelhante morfológicamente a *M. distichophylla* Mart. ex Reissek (também do Nordeste do Brasil), compartilhando as inflorescências fasciculadas e o ápice dos ramos lenticelados. Entretanto, difere de *M. erythroxylon* por apresentar pecíolo mais comprido (5-10 mm contra 2-3 mm em *M. erythroxylon*) e lâmina foliar plicada (versus plana em *M. erythroxylon*). A análise do material de Sergipe e de outras localidades mostrou não ser possível a separação dos materiais com base nas características das folhas apontadas por Carvalho-Okano (2005) optando-se por utilizar o binômio *M. erythroxylon*.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, XI/2012, fr., D.A. Araújo *et al.* 2237 (ASE); Barra dos Coqueiros, VI/1995, fl., fr., M. Landim 417 (ASE, SPFR); Carmópolis, VI/1982, fl., fr., G. Viana 477 (ASE, SPFR); Estância, IX/2012, fr., D.A. Campos *et al.* 130 (ASE, SPFR); Indiaroba, V/2009, fl., C. Gomes & E. Santos 291 (ASE, SPFR); Itabaiana, VI/1987, fl., G. Viana 1741 (ASE); Japarutuba, IX/1996, fl., fr., M. Landim 1007 (ASE, SPFR); Japoatã, XI/1982, fl., E.M. Carneiro 762 (ASE, SPFR); Riachão do Dantas, III/2012, fl., D.A. Campos *et al.* 70 (ASE, SPFR); Santa Luzia do Itanhy, XII/2010, fl., L.A. Gomes *et al.* 43 (ASE); Santo Amaro das Brotas, IV/1997, fl., fr., M. Landim 1172 (ASE, SPFR); São Cristóvão, XI/1985, fl., G. Viana 1224 (ASE, SPFR).

1.2. *Maytenus obtusifolia* Mart., Flora 24(2): 88.1841.

Nome popular: bonome-da-mata, candeia, carne d'anta, cumbe.

Fig. 1 C-E.

Arbustos ou árvores, 1,5-15 m alt., glabros; ápice dos ramos novos cilíndrico, não lenticelados. Folhas pecioladas, patentes; lâmina 3,4-13 x 2,1-8,1 cm, *in sicco* acinzentada ou castanha em ambas as faces, coriácea, elíptica, largamente elíptica, oboval ou oblonga, ápice obtuso, arredondado, agudo ou emarginado, margem inteira, base obtusa ou aguda; nervação broquidódroma, nervuras secundárias proeminentes ou não proeminentes e então imersas no mesofilo, pecíolo 4-13 mm compr. Inflorescências em tirsóides (eixo evidente) até ca. 3 cm compr., os dicásios laterais (inflorescências secundárias) 1-3-floros. Flores 5-meras, ca. 4 mm diâm.; sépalas ovais, (sub)ciliadas; pétalas ovais, ca. 1,3 mm

compr., amarelo-esverdeadas. Cápsula piriforme, 6-11 mm. compr., alaranjadas ou amareladas; sementes 4-8 mm compr.

Comentários: *Maytenus obtusifolia* é endêmica do Brasil, ocorrendo no Pará, Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, nos domínios fitogeográficos da Amazônia, do Cerrado e da Mata Atlântica (Lombardi *et al.* 2014). Em Sergipe, ocorre em ambientes de restinga, brejos de altitude, e capoeiras. Coletada com flores em dezembro a janeiro, março a abril, junho a agosto e outubro, e com frutos em março e agosto a dezembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, XI/2010, fr., L.A.S. Santos *et al.* 483 (ASE, SPFR); Barra dos Coqueiros, VII/1998, fl., A. Cruz & E. Santos 71 (ASE, SPFR); Estância, VII/2009, fl., C. Calazans *et al.* 448 (ASE); Indiaroba, VII/2008, fl., C. Gomes & E. Santos 215 (ASE, SPFR); Itabaiana, IV/1985, fl., G. Viana 1132 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, XII/2008, fl., I.S. Matos *et al.* 119 (ASE); Pirambu, IX/1994, M. Landim 735 (ASE, SPFR); Poço Redondo, X/2010, fl., W.J. Machado & J.B. Jesus 794 (ASE, SPFR); Salgado, XI/1985, fr., G. Viana 1216 (ASE, SPFR); Santa Luzia do Itanhy, VII/1997, fl., M. Landim 1369 (ASE, SPFR); Santo Amaro das Brotas, VI/2011, fl., J.E. Nascimento-Júnior 988 (ASE); São Cristóvão, VIII/2004, fr., M. Landim *et al.* 1558 (ASE, SPFR); Tomar do Geru, VII/1996, fl., G. Viana & S.G. Magalhães 45 (ASE).

1.3. *Maytenus rigida* Mart., Flora 24(2, Beibl.): 90. 1841.

Nome popular: bom nome, pau-de-colher.

Fig. 1 F.

Arbustos a árvores, 2,3-6,0 m alt., glabros; ápice dos ramos novos cilíndrico, não lenticelado. Folhas pecioladas, patentes; lâmina 2,6-8 x 1,5-4,5 cm, *in sicco* verde-clara em ambas as faces, coriácea, elíptica a oboval, ápice obtuso, arredondado ou agudo, margem espinosa, base obtusa ou aguda, nervação semi-craspedódroma, nervuras secundárias não proeminentes, imersas no mesofilo pecíolo 1-3 mm compr. Inflorescências fasciculadas. Flores 5-meras, ca. 4 mm diâm.; sépalas ovais, (sub)ciliadas; pétalas ovais, ca. 1,3 mm compr., amarelo-esverdeadas. Cápsula piriforme, ca. 6 mm. compr., amarela ou avermelhada; sementes ca. 4 mm compr.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo em Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe, Goiás e Minas Gerais, nos Domínios da Caatinga e Cerrado (Lombardi *et al.* 2014). Em Sergipe, *Maytenus rigida* é encontrada na vegetação de Caatinga, sobre solos argilosos. Coletada com flores em setembro e novembro, com frutos em vários meses do ano, mais concentrados em setembro a dezembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, VI/2010, fl., A.C.C. Silva 285 (ASE, SPFR); Frei Paulo, II/2012, fr., A.P. Prata *et al.* 2929 (ASE, SPFR); Gararu, XII/2012, fr., A.P. Prata *et al.* 3529 (ASE, SPFR); Nossa Senhora da Glória, XII/2013, ff., L.P. Rocha *et*

al. 111 (ASE, SPFR); Poço Redondo, VII/1983, M.R. Fonseca 576 (ASE); Poço Verde, XI/2009, fr., E.V.R. Ferreira 14 (ASE, SPFR); Porto da Folha, X/2008, fl., fr., C.S. Santos 338 (ASE, SPFR); Tobias Barreto, IV/1980, fl., M.R. Fonseca 342 (ASE, SPFR).

2. *Prionostemma* Miers

2.1. *Prionostemma aspera* (Lam.) Miers, Trans. Linn Soc. London 28: 355-356. 1872.

Fig.1 G-H.

Liana, ápice dos ramos pubescentes. Folhas opostas, simples; lâmina 4,5-6,9 x 2,5-3,4 cm, escabra em ambas as faces (áspera ao toque), elíptica, raro oboval, ápice acumulado ou agudo, margem inteira, base aguda ou obtusa, face abaxial e adaxial pubescente, tricomas mais densos na nervura principal, nervação broquidódroma; pecíolo 4-8 mm compr., hirsuto. Inflorescências terminais ou axilares, em tirsóides corimbiformes, até 12 cm compr. Flores 5-meras, actinomorfas, ca. 1,1 cm diâm.; lobos do cálice deltoides, esverdeados, hirsutos, ca. 1,5mm compr., corola rotácea, pétalas unguiculadas, sub-orbitulares, esverdeadas, ca. 4 mm compr., margens laciniadas; estames 3, localizados sobre um disco nectarífero conspícuo, filetes arqueados, anteras deiscência transversal, extrorsa; gineceu 3-carpelar, ovário ca. 7 mm diâm 3-lobado, recoberto pelo disco nectarífero, 3-locular, óvulos por lóculo muitos. Fruto esquizocárpico; mericarpos 3, 4-5 x 2,5-3,5 cm, loculicidas por uma fissura mediana obovais, complanados, dispostos como uma hélice; sementes ca. 8 por fruto, aladas, sem arilo, ca. 5 x 2cm.

Comentários: *Prionostemma aspera* possui ampla distribuição na América Central e do Sul, desde o México, America Central e América do sul, na Guiana, Venezuela, Colômbia, Equador, Bolívia e Brasil. No Brasil ocorre nos estados da Região Norte (exceto Tocantins), Nordeste (Bahia, Ceará, Sergipe, Maranhão, Paraíba e Pernambuco) e Centro Oeste (Mato Grosso), nos Domínios da Amazônia, Caatinga e Mata Atlântica (Lombardi *et al.* 2014). Em Sergipe foi coletada em áreas de mata, no Domínio da Mata Atlântica, com flores em maio e dezembro. As características dos frutos foram descritas com base em material coletado em outra localidade.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Siriri, VI/2012, fl., L.A. Gomes *et al.* 817 (ASE, LPB, SPFR).

Material adicional examinado: **BRASIL. Pernambuco:** Vivência, III/1965, fr., G. Teixeira 2660 (RB)

Referências Bibliográficas

APG (Angiosperm Phylogeny Group) 2009. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG III. **Botanical Journal of the Linnean Society** **161**: 105-121.

Biral, L. & Lombardi, J.A. 2013. A new species of *Maytenus* (Celastraceae) from Bahia, Brazil, and neotypification of *Maytenus boaria*. **Harvard Papers in Botany** **18**: 129-132.

Carvalho-Okano, R. 2005. Celastraceae. *In*: M.G.L. Wanderley, G.J. Shepherd, T.S. Melhem, & A.M. Giulietti (coords.). **Flora Fanerogâmica do estado de São Paulo**. FAPESP-Rima, São Paulo, vol 4, p. 185-194.

Carvalho-Okano, R.M. & Leitão-Filho, H.F. 2005. O gênero *Maytenus* Mol. Emend. Mol. (Celastraceae) no Brasil extra-amazônico. *In*: M.S. dos Reis & S.R. Silva (eds.) **Conservação e uso sustentado de plantas medicinais e Aromáticas: *Maytenus* spp. Espinheira Santa**. IBAMA, Brasília, p. 11-52.

Groppo, M. 2005. Hippocrateaceae. *In*: M.M.R.F. Melo & F. Barros (orgs.). **Flora Fanerogâmica da Ilha do Cardoso**. Instituto de Botânica, São Paulo, vol. 11, p. 145-147.

Groppo, M. 2008. Flora Fanerogâmica do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Celastraceae. **Pabstia** 19(3): 1-8.

Groppo, M. 2009. Celastraceae. *In*: M.M.R.F. Melo, F. Barros, M. Kirizawa, S.L. Jung-Mendaçolli, M.G.L. Wanderley (orgs.). **Flora Fanerogâmica da Ilha do Cardoso**. Instituto de Botânica, São Paulo, vol. 14, p. 49-57.

Groppo, M. & Erbert, C. 2015. Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais: Celastraceae. **Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo** 33 (no prelo)

Groppo, M. & Pirani, J.R. 2003. Flora de Grão-Mogol, Minas Gerais: Celastraceae. **Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo** 21(1): 163 – 165.

Groppo, M., Simmons, M.P., Cappa, J.J., Biral, L. & Lombardi, J.A. 2014. A New species of *Maytenus* (Celastraceae) with fleshy fruits from eastern Brazil, with notes on the delimitation of *Maytenus*. **Systematic Botany** 39(2): 478-484.

Hallé, N. 1986. Celastraceae Hippocrateoideae. *In*: P. Morat (ed.), **Flore du Gabon: (avec complements pour d'autres pays d'Afrique et Madagascar)**. Muséum National d'Histoire Naturelle, Laboratoire de Phanerogamie, Paris, vol. 29, p. 1-287.

Heywood, V. H. 1993. **Flowering plants of the world**. Oxford University Press, New York. 335p.

Lombardi, J.A. & Groppo, M. 2010. Celastraceae. *In*: R. C. Forzza, J. F. A. Baumgratz, C. E. M. Bicudo, A. A. Carvalho Jr., A. Costa, D. P. Costa, M. Hopkins, P. M. Leitman, L. G. Lohmann, L. C. Maia, G. Martinelli, M. Menezes, M. P. Morim, M. A. N. Coelho, A. L. Peixoto, J. R. Pirani, J. Prado, L. P. Queiroz, V. C. Souza, J. R. Stehmann, L. S. Sylvestre, B. M. T. Walter & D. Zappi (eds.) **Catálogo de plantas e fungos do Brasil**. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, vol. 1, p. 842-847.

Lombardi, J. A., Groppo, M. & Biral, L. 2015. Celastraceae. **Lista de espécies da Flora do Brasil**. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB6786>> (Acessado em: 17 Junho 2015)

Lombardi, J.A. & Lara, A.C.M. 2003. Hippocrateaceae. *In*: M.G.L. Wanderley, G.J. Shepherd, T.S. Melhem, A.M. Giulietti & M. Kirizawa (coords.) **Flora Fanerogâmica do estado de São Paulo**. RIMA, São Carlos, vol. 3, p. 109-122.

McKenna, M. J.; Simmons, M.P.; Bacon, C.D. & Lombardi, J.A. 2011. Delimitation of the segregate genera of *Maytenus* sensu lato (Celastraceae) based on morphological and molecular characters. **Systematic Botany** 36: 922-932.

Reissek, S. 1861. Celastrineae. *In*: C.P.F. Martius & A.W. Eichler (eds.) **Flora brasiliensis**, Monachii, Typographia Regia, v.11, pt.1, p. 2-35.

Simmons, M.P. 2004. Celastraceae. *In*: K. Kubitzki (ed.) **The families and genera of flowering plants. VI. Flowering plants. Dicotyledons. Celastrales, Oxalidales, Rosales, Cornales, Ericales**. Springer, Berlin, p. 29-64.

Simmons, M.P. & Hedin, J.P. 1999. Relationships and morphological character change among genera of Celastraceae (including Hippocrateaceae). **Annals of the Missouri Botanical Garden** 86: 723-757.

Simmons, M.P.; Savolainen, V.; Clevinger, C.C.; Archer, R.H.; Mathews, S. & Davis, J.I. 2000. Phylogeny of the Celastraceae inferred from morphology and nuclear and plastid loci. **American Journal of Botany** 87(6): 156-157.

Simmons, M.P.; Clevinger, C.C.; Savolainen, V.; Archer, R.H.; Mathews, S. & Doyle J.J. 2001. Phylogeny of the Celastraceae inferred from phytochrome B gene sequence and morphology. **American Journal of Botany** 88: 313-325.

Thorne, R.F. 1992. Classification and geography of the flowering plants. **Botanical Review** **58**: 225–350.

Thorne, R.F. & Reveal, J.L. 2007. An updated classification of the Class Magnoliopida (“Angiospermae”). **Botanical Review** **73**(2): 67-182.

Lista de Exsicatas

Andrade-Lima, D. s.n. ASE 639 (1.3); **Araújo, D.A.** 2237 (1.1); **Araújo-Neto, V.** 3 (1.3); **Calazans, C.** 448 (1.2); **Campos, D.A.** 70 (1.1), 130 (1.1), 139 (1.1); **Carneiro, E.M.** 762 (1.1); **Cruz, A.** 17 (1.1), 53 (1.2), 71 (1.2); **Donadio, C.M.** 88 (1.3); **Farinaccio, M.A.** 783 (1.2), 786 (1.1); **Ferreira, E.V.R.** 14 (1.3); **Fonseca, M.R.** 75 (1.2), 342 (1.3), 432 (1.2), 576 (1.3), s.n. ASE 121 (1.3), s.n. ASE 489 (1.2), s.n. ASE 747 (1.3), s.n. ASE 1156 (1.2); **Freitas, B.A.L.** 12 (1.3); **Gomes, C.** 129 (1.1), 148 (1.2), 215 (1.2), 215B (1.2), 291 (1.1); **Gomes, L.A.** 43 (1.1), 817 (2.1), 933 (2.1); **Landim, M.** 417 (1.1), 470 (1.1), 735 (1.2), 913 (1.2), 1007 (1.1), 1172 (1.1), 1298 (1.2), 1317 (1.2), 1369 (1.2), 1466 (1.2), 1558 (1.2); **Machado, W.J.** 5 (1.2), 81 (1.2), 105 (1.3), 639 (1.2), 794 (1.2), 868 (1.3); **Matos, I.S.** 119 (1.2), **Nascimento-Júnior, J.E.** 988 (1.2); **Oliveira, D.G.** 139 (1.3), 322 (1.3); **Prata, A.P.** 2929 (1.3), 3503 (1.3), 3529 (1.3); **Rocha, L.P.** 40 (1.3), 111 (1.3); **Sant’Anna, S.C.** 479 (1.1); **Santos, C.S.** 338 (1.3); **Santos, L.A.S.** 483 (1.2), 646 (1.3); **Silva, A.C.C.** 108 (1.3), 123 (1.3), 196 (1.3), 285 (1.3); **Soares, F.** 1 (1.3); **Teixeira, G.** 2660 (2.1); **Viana, G.** 45 (1.2), 323 (1.2), 477 (1.1), 510 (1.2), 1132 (1.2), 1216 (1.2), 1224 (1.1), 1403 (1.1), 1560 (1.3), 1643 (1.3), 1741 (1.1); **Vicente, A.** 50 (1.2).

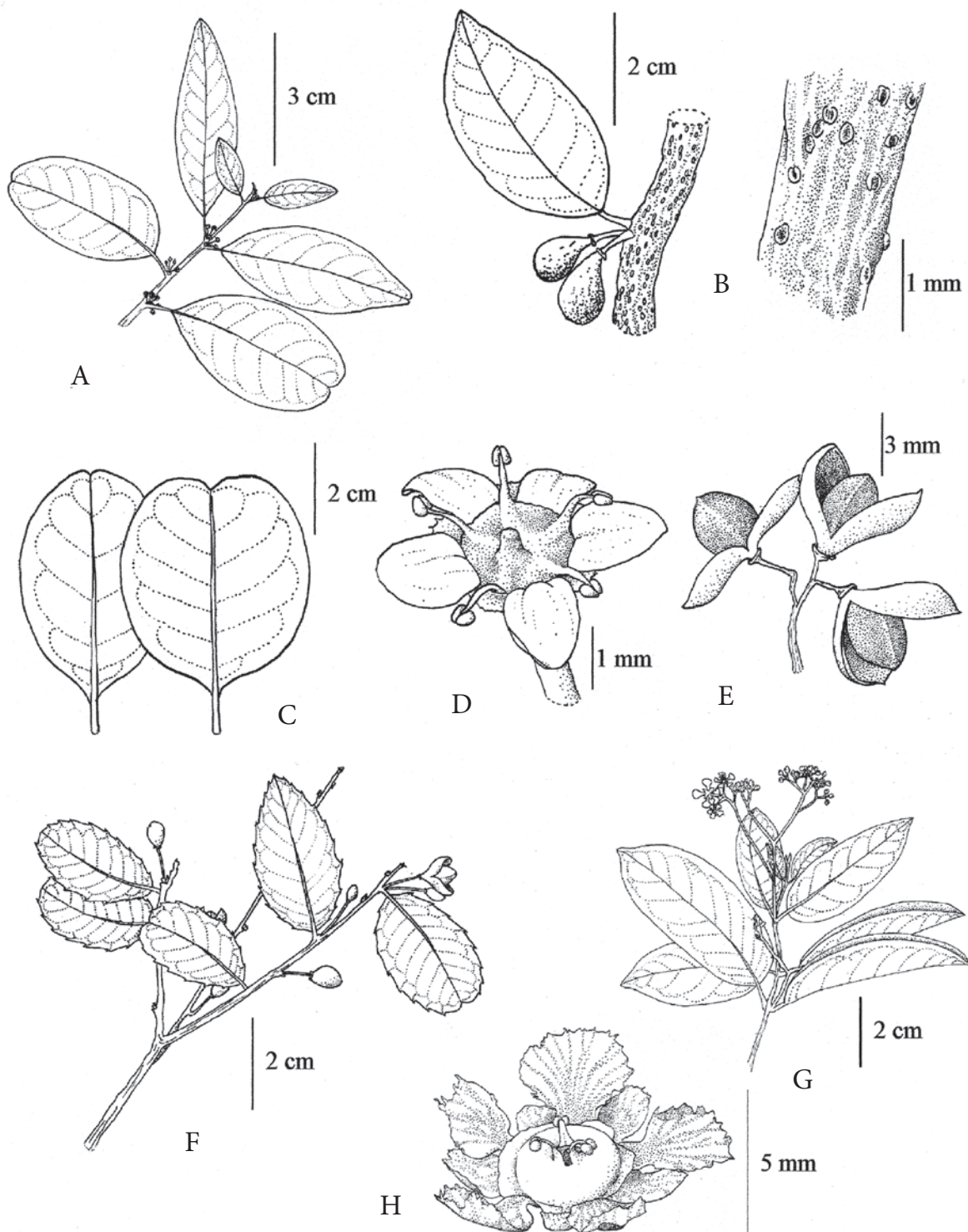


Figura 1. A-B. *Maytenus erythroxyloides* Reissek. A. Ramo com flores (D.A. Campos 70, SPFR); B. Ramos com frutos, ao lado detalhe das lenticelas no caule (M. Landim 417, ASE). C-E. *Maytenus obtusifolia* Mart. C. Duas folhas do mesmo indivíduo; D. Flor (J.E. Nascimento Júnior 988, ASE); E. Fruto (M. Landim 735, SPFR). F. *Maytenus rigida* Mart. Ramo com frutos (L.P. Rocha 111, SPFR). G-H. *Prionostemma aspera* (Lam.) Miers. G. Ramo com flores; H. Flor (L.A. Gomes 817, SPFR).

Árvores ou arbustos. Folhas simples, alternas, geralmente denteadas, sem estípulas. Inflorescências terminais, ramificadas ou simples, em panículas ou racemos, *Purdiaea* com brácteas expandidas e conspicuas, menores e inconspícuas em *Clethra*. Flores 5(6)-meras, geralmente bissexuais (raro funcionalmente unissexuais), actinomorfas; sépalas quincunciais, pétalas livres ou conatas na base; estames 10(-12), em dois verticilos, livres ou com filetes adnatos à base das pétalas; anteras 2-loculares, mais ou menos sagitadas, invertidas e introrsas na antese, deiscência poricida ou por fendas curtas; ovário súpero, 3-carpelar, 3-locular, sincárpico; óvulos muitos. Fruto cápsula loculicida (*Clethra*) ou fruto seco e indeiscente (*Purdiaea*); sementes muitas, frequentemente aladas (*Clethra*).

Família com dois gêneros (*Clethra* L. e *Purdiaea* Planch.), com 70-90 espécies, distribuídas pelo continente americano (Estados Unidos até o sul do Brasil), Ásia tropical e subtropical (Sudeste Asiático e Australásia tropical), até China e Japão e Ilha da Madeira, no Atlântico (Neill *et al.*, 2012, Anderberg & Zhang 2002). O gênero neotropical *Purdiaea*, com 10-19 espécies (América Central continental e Caribe, notadamente Cuba e norte da América do Sul), foi posicionado em Clethraceae (e retirado de Cyrillaceae) depois de estudos filogenéticos conduzidos por Anderberg & Zhang (2002). Já *Clethra* possui a distribuição da família, com 70-80 espécies, 65 delas nos neotrópicos (Neill *et al.*, 2012), mas apenas duas no Brasil, *C. scabra* Pers. e *C. uleana* Sleumer (sul do Brasil). Em Sergipe ocorre *C. scabra*.

A descrição da família foi elaborada segundo Meissner (1863), Sleumer (1967), Ichaso & Guimarães (1975) e Rossi (1989), com dados de *Purdiaea* segundo Mattick (1935).

1. *Clethra scabra* Pers., Syn. Pl. 1: 483. 1805.

Fig. 1 A-D.

Árvore; ramos novos ferrugíneos. Folhas pecioladas; lâmina cartácea, 6,5-15 x 3,5-9,5 cm, largamente elíptica, oboval, ou espatulada, face adaxial pubérula, com tricomas estrelados ferrugíneos, face abaxial glabrescente ou com tricomas estrelados esparsos, ápice obtuso ou arredondado, margem inteira, base aguda ou obtusa; nervação broquidódroma; pecíolo 2,3-4,6cm compr. Inflorescência paniculada, 11-15 cm compr., ferrugínea. Flores 5-meras, ca. 4 mm diâm.; cálice 5-lobado, tomentoso; pétalas alvas, obovais, ápice emarginado ou lacerado; estames 10; ovário tomentoso, estilete 3-lobado, subapical (lembrando ginobásico), estigmas 3, clavados. Fruto cápsula ca. 5 mm diâm., 3-lobado, tomentoso, estilete persistente, pubescente. Sementes achatadas lateralmente, aladas.

¹Universidade de São Paulo, Departamento de Biologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Av. Bandeirantes, 3900 - CEP 14040-901, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. groppo@ffclrp.usp.br

Comentários: *Clethra scabra* ocorre no Brasil, em todos os estados das regiões Sudeste e Sul, além da Bahia (Guimarães *et al.* 2014), e agora em Sergipe (primeira referência), além de Peru, Bolívia e Argentina (Rossi 1989). No Brasil ocorre em Campos de Altitude, no Cerrado (*lato sensu*), na Floresta Estacional Semidecidual, na Floresta Ombrófila Densa, Floresta Ombrófila Mista e na restinga, nos domínios da Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Guimarães *et al.* 2014), sendo espécie heliófita (Ichaso & Guimarães 1975). A coleta *Viana 1382* (ASE) foi feita também em campos rupestres (Minas Gerais, Ouro Preto, Serra das Lavras Novas). Em Sergipe foi coletada (um registro) no Campus da Universidade Federal de Sergipe, com flores em dezembro. *Clethra scabra* e outras espécies do gênero são muitas vezes confundidas com plantas da família Euphorbiaceae, por causa dos frutos 3-carpelares parecidos com os de plantas desta família. Difere das Euphorbiaceae entre outros aspectos, pela posse de flores geralmente bissexuadas (versus unissexuadas em Euphorbiaceae) e pelas sementes aladas (versus não aladas). A coleta de Sergipe (*Silva s.n.*, ASE) porta folhas de margem inteira e com indumento escasso. Entretanto, nesta espécie as folhas podem variar de inteiras a denticuladas, com indumento chegando a tomentoso na face abaxial em outras localidades (cf. coleta *G. Viana 1382*, ASE). Já as características dos frutos foram descritas com base em materiais coletados em outros estados. Ilustrações adicionais em Rossi (1989) e Lorenzi (2009, fotos coloridas).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** São Cristóvão, Campus da UFS, X/2009, fl., *T.S. Silva s.n.* (ASE 28699, SPFR 15644).

Material adicional selecionado: **BRASIL. Minas Gerais:** Ouro Preto, I/1986, fl. *G. Viana 1382* (ASE); **Paraná:** Reserva, XII/1996, fl. *V.F. Kinupp et al. 116* (FUEL, SPFR); **São Paulo:** São Paulo, Parque Natural da Cratera de Colônia, III/2008, fr. *S.L. Marçon 79* (SPFR).

Referências Bibliográficas

Anderberg, A.A. & Zhang, Z. 2002. Phylogenetic relationships of Cyrillaceae and Clethraceae (Ericales) with special emphasis on the genus *Purdiaea*. **Organisms, Diversity & Evolution** 2: 127–137.

Guimarães, E.F., Medeiros, E.S. & Romão, G.O. 2014. *Clethraceae*. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. < <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB6824>> (Acessado em: 06 Agosto 2014).

Ichaso, C.L.F. & Guimarães, E.F. 1975. Cletráceas. In: R. Reitz (ed.) **Flora Ilustrada Catarinense**. Herbário Barbosa Rodrigues, Itajaí.

Lorenzi, H. 2009. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil**. Vol. 2, 3ª ed. Editora Plantarum. Nova Odessa

Rossi, L. 1989. Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais: Clethraceae. **Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo** 11: 105-107.

Mattick, W. F. 1935. Die Gattung *Purdiaea* Planchon. **Notizblatt des Botanischen Gartens und Museums zu Berlin-Dahlem** 3: 395-401

Meissner, C.F. 1863. Ericaceae. In: C.F.P. Martius (ed.) **Flora brasiliensis**, Typographia Regia, Monachii, Vol. 7, p. 119-182

Neill, D.A., Beltrán, H. & Quizhpe, W. 2012. *Clethra concordia* (Clethraceae), a shrubby new species from the crest of the Cordillera Del Cóndor on the Peru-Ecuador border. **Novon** 22: 212-216.

Sleumer, H. 1967. Monographia Clethracearum. Botanische Jahrbücher 87(1): 36-175.

Lista de Exsicatas

Kinupp, V.F. 116 (1); **Marçon, S.L.** 49 (1), 79 (1); **Silva, S.T.** s.n. (ASE 28699, SPFR 15644) (1); **Viana, G.** 1382 (1).

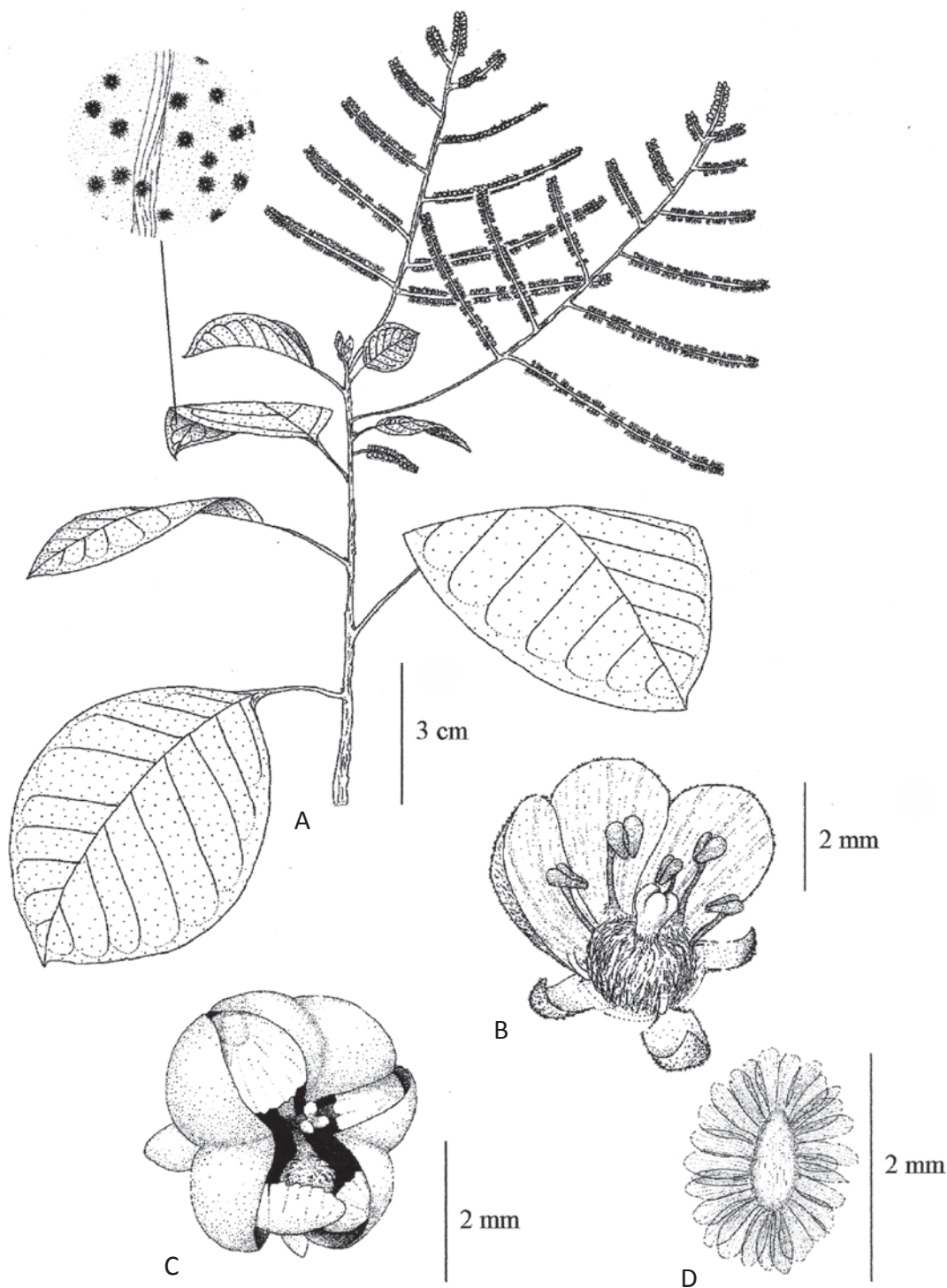


Figura 1. A-D. *Clethra scabra* Pers. A. Hábito, com detalhe do indumento (tricomas estrelados) na face abaxial (T.S. Silva s/n, ASE 28699 SPFR 15644); B. Flor (2 pétalas e 5 estames retirados) (S.L. Marçon 49, SPFR); C. Fruto; D. Semente (S.L. Marçon 79, SPFR).

COMMELINACEAE

Coordenadora: Lidyanne Yuriko Saleme Aona¹

Ervas anuais ou perenes, frequentemente suculentas, rizomatosas ou estoloníferas quando perenes. Caules simples ou ramificados, às vezes radicantes. Folhas simples, alterno-dísticas ou espiraladas, congestas no ápice ou distribuídas ao longo do caule, em geral sésseis; bainha fechada, glabra a pilosa, margem ciliada ou inteira. Inflorescência terminal e/ou axilar ou basal, séssil ou pedunculada, composta por poucos ou numerosos cincinos agregadas em tirsos, ou flores solitárias, subtendidas por brácteas foliáceas, espatáceas ou reduzidas, raro brácteas ausentes. Flores bissexuadas ou estaminadas (às vezes na mesma planta), ocasionalmente cleistógamas, actinomorfas ou zigomorfas, trímeras, pétalas em geral deliquescentes; estames geralmente 6, dispostos em 2 séries, às vezes 1–4, modificados em estaminódios ou suprimidos em alguns gêneros, filetes livres ou adnatos às pétalas, pilosos ou glabros, conectivos às vezes expandidos, anteras basifixas ou dorsifixas, algumas vezes versáteis, deiscência rimosa ou mais raramente poricida; ovário súpero, 2–3–locular, placentação axilar, óvulos 1 a muitos por lóculo, estilete simples, estigma capitado ou truncado, às vezes trilobado. Fruto cápsula loculicida, 2–3–valvar, raramente indeiscente. Sementes geralmente não ariladas, hilo punctiforme a linear, testa com superfície lisa ou ornamentada.

A família possui distribuição predominantemente pantropical, incluindo 41 gêneros e cerca de 650 espécies (Faden 1998; Govaerts & Faden 2011). Nos Neotrópicos, está representada por 21 gêneros (Aona 2009). No Brasil, ocorrem 14 gêneros e 79 espécies, distribuídas em todos os domínios fitogeográficos (Aona & Pellegrini 2014). No estado de Sergipe, a família está representada por 7 gêneros e 14 espécies. Espécies exóticas são frequentemente cultivadas no estado, como *Tradescantia spathacea* Sw., mas não ocorrem de forma subespontânea e não foram incluídas no presente tratamento.

Chave para identificação dos gêneros de **Commelinaceae** de Sergipe

1. Anteras 3 a 4 vezes mais longas que os filetes, deiscência geralmente poricida; sementes com arilo **4. *Dichorisandra***
- 1'. Filetes pelo menos 3 a 4 vezes mais longos que as anteras, deiscência rimosa; sementes sem arilo 2
2. Flores zigomorfas; corola com 2 pétalas desenvolvidas e uma muito reduzida ou inconspícua, ou pétalas desiguais; grãos de pólen com exina geralmente espinulosa (não espinulosa em *Tinantia*); pedicelos geralmente recurvados na frutificação 3

¹Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas. Rui Barbosa, 710, Centro, CEP: 4480-000, Cruz das Almas-Bahia, Brasil. lidyanne.aona@gmail.com

- 2'. Flores actinomorfas; corola com 3 pétalas iguais, grãos de pólen com exina não espinulosa, pedicelos geralmente eretos na frutificação 5
3. Estames 6, desiguais, 3 superiores mais curtos, 3 inferiores com filetes mais longos; estames superiores com filetes barbados **6. Tinantia**
- 3'. Estames 3, estaminódios 3; filetes glabros..... 4
4. Inflorescência terminal ou opositifolia, 1-2 cincinos congestos protegidos por uma bráctea espatácea; anteródios tetralobados **3. Commelina**
- 4'. Inflorescência terminal, em tirso laxo, eixo central com cincinos ou raramente reduzido a um único cincino; subtendido por brácteas foliáceas; anteródios bilobados **1. Aneilema**
5. Inflorescência séssil; sementes com hilo oblongo a linear **7. Tradescantia**
- 5'. Inflorescência pedunculada; sementes com hilo punctiforme a linear 6
6. Inflorescência com cincinos livres, individualmente estipitados, filetes pubescentes **5. Gibasis**
- 6'. Inflorescência com cincinos dorsalmente fusionados, não estipitados, filetes glabros **2. Callisia**

1. Aneilema R.Br., Prod. Fl. Novae-Hollandiae 270. 1810.

*Lidyane Yuriko Saleme Aona*¹
*Maria do Carmo E. do Amaral*²

Ervas anuais ou perenes, eretas ou prostradas; raízes fibrosas ou tuberosas. Caules ramificados, glabros ou pilosos. Folhas alterno-dísticas ou espiraladas, bainhas membranáceas, margem ciliada ou inteira. Inflorescência terminal e axilar, raramente apenas axilar, em tirso laxo com alguns a muitos cincinos unidos a um eixo central, raramente reduzida a um único cincino; cincinos subtendidos por brácteas foliáceas, lanceoladas, persistentes, pedúnculos dos cincinos com pequenas brácteas perfolioladas, persistentes. Flores bissexuadas ou unissexuadas, pediceladas; sépalas 3, livres, glabras ou pubérulas, persistentes; corola zigomorfa, pétalas 3, livres, 2 pétalas dorsais pareadas desenvolvidas, 1 mediana ventral reduzida, róseas a alvas, concolores ou discolores; estames férteis 3, filetes livres ou conatos na base, iguais ou distintos entre si, glabros, anteras basifixas ou dorsifixas, alvas, amareladas ou alaranjadas, rimosas; estaminódio 3(-2), iguais, reduzidos, anteródios bilobados; ovário 2-3-locular, globoso a ovóide, (0)1-6 óvulos por lóculo, unisseriados, estigma capitado. Cápsula loculicida, 2-valvar, globosa, glabra ou pubérula, cálice persistente. Sementes acastanhadas, lisas, estriadas ou rugosas, hilo linear.

¹Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Rui Barbosa, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas, Rui Barbosa, 710, Centro. CEP: 4480-000, Cruz das Almas-Bahia, Brasil. lidyanne.aona@gmail.com

²Universidade Estadual de Campinas, Depto. de Biologia Vegetal, IB, C.P. 6109. CEP: 13083-970 Campinas-SP, Brasil. volker@unicamp.br

O gênero *Aneilema* é constituído por cerca de 62 espécies concentradas, principalmente, no continente Africano onde ocorrem mais de 50% das espécies (Faden 1991). No Brasil, ocorrem duas espécies (Aona & Pellegrini, 2014) e no estado de Sergipe ocorre somente uma espécie.

1.1 *Aneilema brasiliense* C.B. Clarke, *in* De Candolle, Monogr. Phan., 3: 225. 1881.

Fig. 1 A.

Ervas eretas, até 60 cm alt. Caule pubérulo. Folhas alternas espiraladas, congestas no ápice, bainhas 5–10 mm compr., glabras, pubérulas na região oposta à inserção foliar, margem ciliada, pecíolo ca. 4 mm compr. a folhas sésseis no ápice, lâmina oval a raro lanceolada, 4,5–13 × 1,5–5 cm, glabras em ambas as faces, base cuneada, ápice acuminado, margem ciliada. Inflorescência terminal, pedúnculo 2–6,5 cm compr., curto-piloso; pedúnculo do cincino 0,5–2,5 cm compr., 1–4 cincinos laxos com 3–13 flores, bráctea do cincino foliácea, lanceolada a oval, 6–15 × 3–8 mm, esparsamente pilosa, margem glabra ou ciliada; bractéolas persistentes, glabras, margens lisas. Flores pediceladas, pedicelo 6–10 mm compr., curto-piloso; sépalas elípticas a lanceoladas, 5–6 × 2–3 mm, verdes, pilosas na face dorsal; pétalas superiores unguiculadas, ca. 4–5 × 4 mm, róseas, pétala inferior oval a oblonga, alva, ca. 3 × 1,5 mm; estames 3, iguais, filetes alvos, glabros, 4–4,5 mm compr.; anteras amarelas, 0,8–1 mm compr.; estaminódios 3, alvos, glabros, iguais, ca. 2,5 mm compr., anteródios arredondados, ca. 0,5 mm compr.; ovário oblongo a globoso, ca. 1,5 × 1 mm, glabro, liso, 3–locular, com um dos lóculos reduzido, 2–óvulos por lóculo, um óvulo abortivo. Cápsula 5–6 × 4 mm, glabra. Sementes 1,8–2 mm compr.

Comentários: Segundo Faden (1991), algumas características marcantes de *Aneilema brasiliense* são: espécie anual, inflorescência laxa com poucos cincinos, ovário e fruto glabros. Ocorre em toda a região Sudeste e Nordeste do Brasil (Aona & Pellegrini 2014) e no estado de Sergipe ocorrem, preferencialmente, em Mata Atlântica e mata hiperxerófila de Caatinga, segundo informações contidas em etiqueta de herbário. Coletada com flores em maio, julho, agosto e outubro e com frutos em maio, agosto e outubro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Frei Paulo, VIII/1982, fl., *M.N. Almeida* 93 (ASE, HURB); Lagarto, VII/2013, fl., *G.M.A. Matos et al.* 290 (ASE, HURB); Nossa Senhora da Glória, VII/1987, fl.fr., *G. Viana* 2011 (ASE, HURB); Porto da Folha, VI/2011, fl. fr., *D.G. Oliveira et al.* 188 (ASE); Riachão do Dantas, X/2013, fl. fr., *G.S. Freire et al.* 129 (ASE, HURB).

2. *Callisia* Loefl., Iter Hispanicum 305–306. 1758.

Gilmara da Silva Freire¹
Ana Paula do Nascimento Prata¹
Lidyenne Yuriko Saleme Aona²

Ervas perenes, eretas ou prostradas. Caule ramificado, glabro, nós radicantes. Folhas alterno-dísticas ou alterno-espíraladas, margem ciliada ou glabra; lâmina lanceolada ou ovada, glabra. Inflorescência terminal ou axilar, formada 2 cincinos dorsalmente fusionados, séssil a pedunculada; bráctea foliácea, oval ou lanceolada, persistente, raro bráctea vestigial; bractéolas reduzidas ou lineares, oval-lanceolada, lanceoladas ou subtriangulares, glabras em ambas as faces. Flores bissexuadas ou unissexuadas, actinomorfas, pediceladas ou sésseis, pedicelos glabrescentes; sépalas 3, elípticas a ovais, verdes, livres entre si, face dorsal glabrescente, hirsutas; pétalas 3, ovais, lanceoladas a elípticas, livres, alvas, raro azuladas ou hialinas; estames (1–)3–6 iguais entre si, livres, filetes glabros, estaminódios 1–3 ou raramente presentes, anteras basifixas, amarelas, rimosas; ovário 2–3-locular, globoso a oblongo, 1–2 ovulado; estigma capitado ou peniciliforme. Cápsula loculicida, 2–3-valvar, globosa a oblonga, glabra, cálice persistente. Sementes triangulares a subtriangulares, superfície com testa lisa, hilo punctiforme.

O gênero *Callisia* é exclusivo das regiões tropicais do Novo Mundo e possui cerca de 20 espécies (Faden 1991). Ocorre em todas as regiões do Brasil (Aona & Pellegrini 2014). No estado de Sergipe foi verificada a presença de 3 espécies.

Chave para identificação das espécies de *Callisia* de Sergipe

1. Inflorescência axilar e terminal, pedúnculo glabrescente ou com tricomas glandulares 2.
- 1'. Inflorescência axilar, séssil **2.3. *C. repens***
2. Ervas eretas, folhas lanceoladas, 6 estames; estigma capitado **2.1. *C. filiformis***
- 2'. Ervas prostradas, folhas ovadas, (1–)3 estames; estigma peniciliforme **2.2. *C. monandra***

2.1. *Callisia filiformis* (M.Martens & Galeotti) D.R.Hunt, Kew Bull., 41: 410. 1986.

Fig. 2 A-B.

Ervas eretas, até 22 cm alt. Caule ramificado, base glabra, ápice pubescente, nós radicantes. Folhas alterno-dísticas, base cuneada, sésseis; bainha 1–3 x 2–5 mm, glabra,

¹Universidade Federal de Sergipe. Departamento de Biologia, Laboratório de Sistemática Vegetal. Av. Marechal Rondon s/n, Bairro Jardim Rosa Elze. CEP: 49100-000, São Cristóvão-SE, Brasil. gilfreire21@hotmail.com; aprata@yahoo.com.br

²Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas. Rui Barbosa, 710, Centro. CEP: 4480-000, Cruz das Almas-Bahia, Brasil. lidyenne.aona@gmail.com

hirsuta na inserção oposta à folha; lâmina lanceolada 0,9–3,2 x 0,2–0,5 cm, glabra, ápice agudo, base decorrente, margem ciliada. Inflorescência axilar e terminal, em cincinos duplos; pedúnculo 0,5–1,6 cm compr., glabrescente; brácteas vestigiais a hialinas, ápice agudo, hirsuta, margem vilosa; bractéolas lanceoladas 0,1–0,5 x 0,1–0,3 cm, ápice agudo, margem vilosa. Flores com pedicelos 0,8–2 cm, glabrescentes; sépalas elípticas a ovais 1,6–2,5 x 1–1,9 mm, ápice agudo, levemente cuculado, face dorsal esparsamente glabrescente; pétalas elípticas a ovais 1,6–2,1 x 0,8–1 mm, alvas a azuladas, glabras, ápice agudo, levemente cuculado; estames 6, filetes 0,7 x 1,5 mm, anteras 0,2–0,4 x 0,1–0,3 mm; ovário 3-locular, globoso a oblongo 0,6 x 0,6 mm, estilete 0,6 mm, estigma capitado. Cápsula 1,6–2,3 x 1,4–1,7 mm, oblonga; sementes tetraédricas.

Comentários: Caracteriza-se pela presença de flores com 6 estames e folhas lanceoladas. Em Sergipe, ocorre em áreas de Caatinga e áreas de transição de Mata Atlântica, tanto em áreas secas como em áreas alagadas. Floresce e frutifica nos meses de agosto e setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Lagarto, VIII/2010, fl.fr., *A.P. Prata et al. 2361* (ASE); Porto da Folha, VIII/2012, *A.P. Prata et al. 3284* (ASE, HURB); Salgado, VIII/1982, fl.fr., *G. Viana 597* (ASE).

2.2. *Callisia monandra* (Sw.) Schult. & Schult.f., Syst. Veg. 7: 1179. 1830.

Fig. 2 C-D.

Ervas prostrada, até 30 cm alt. Caule ramificado, base glabra, ápice com tricomas glandulares. Folha alterno-dísticas, base assimétrica, sésseis; bainha 2–6,5 x 2,6–8 mm, glabra, margem vilosa; lâmina ovada 2–7,1 x 0,5–2,5 cm, glabra, ápice agudo, base cuneada a oblíqua, margem lisa. Inflorescência axilar e terminal, em cincinos umbeliformes; pedúnculo, 1,2–3,3 cm compr., com tricomas glandulares; brácteas oval-lanceoladas 0,9–1,6 x 0,3–0,9 cm, amplexicaules, ápice agudo, glabro, margem vilosa; bractéolas oval-lanceoladas 6–9 x 1–3 mm, ápice agudo, margem vilosa. Flores com pedicelos 0,2–0,5 cm, com tricomas glandulares; sépalas elípticas a ovais 2–3 x 1,3–2 mm, ápice agudo, levemente cuculado, face dorsal com tricomas glandulares esparsos; pétalas lanceoladas 1,6–2,1 x 0,5–0,9 mm, alvo-esverdeadas, ápice agudo, levemente cuculado; estames 1–3, filetes, 0,7 x 1,5 mm, anteras 0,7–1 x 0,4–0,6 mm; ovário 2–3-locular, oblongo, 0,7 x 0,6 mm, glabro, estilete 0,6 mm, estigma peniciliforme. Cápsula 1,2–1,5 x 1,2–1,3 mm, oblonga; sementes triangulares a subtriangulares.

Comentários: Caracterizada por ter inflorescência pedunculada, lâmina ovada, flores com 1–3 estames, com tricomas glandulares, bráctea oval-lanceolada amplexicaule. No estado de Sergipe, ocorre em brejo de altitude e campo de altitude. De acordo com material analisado em herbário, a floração e frutificação ocorrem em agosto e setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, VIII/2006, fl.fr., *I.C. Lemos et al 64*. (ASE).

2.3. *Callisia repens* (Jacq.) L., Sp. Pl., Editio Secunda 1: 62. 1762.

Fig. 2 E.

Ervas prostradas, até 40 cm alt. Caule ramificado, base glabra, ápice pubescente, nós radicantes. Folhas alterno-espiraladas, base assimétrica, sésseis; bainha 0,2–0,6 x 0,6–0,8 cm, hirsuta, margem vilosa; lâmina ovada 2–3,3 x 0,5–1,7 cm, glabra, ápice agudo, base cuneada, margem ciliada. Inflorescência axilar, séssil; brácteas oval-lanceoladas a triangulares, 0,7–1,6 x 0,4–0,6 cm, glabras, ápice agudo, base cuneada, margem ciliada; bractéolas lanceoladas, 0,6–1 x 3–5,7 mm, escabras. Flores bissexuais ou unissexuais, pediceladas, 1,5–2,6 mm compr., glabrescentes; sépalas elípticas a ovais 3,2–3,7 x 0,8–1 mm, ápice agudo, face dorsal hirsuta; pétalas lanceoladas 2,8–3,4 x 0,8–1 mm, alvesverdeadas, ápice agudo, glabra, estames 3–6, filetes 0,9 x 1,8 mm, anteras 0,6–0,9 x 0,4–0,5 mm; ovário 3-locular, globoso 0,3–0,5 x 0,3–0,4 mm, hirsuto, estilete glabro 1 mm, estigma peniciliforme. Capsula globosa a oblonga 1,3–1,6 x 1,8–2,1 mm; sementes triangulares a subtriangulares.

Comentários: É facilmente diferenciada das outras espécies por possuir inflorescências sésseis, com lâmina oval, flores com 3–6 estames bráctea oval-lanceolada. Em Sergipe, ocorre em áreas de Caatinga. Floresce e frutifica apenas no mês de Setembro, de acordo com material analisado no herbário.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, IX/2010, fl., *W.J. Machado* 882 (ASE); Nossa Senhora da Glória, IX/2013, fl., *G.S. Freire et al.* 11 (ASE, HURB).

3. *Commelina* L., Sp. Pl. 60. 1753.

Gilmara da Silva Freire¹
Ana Paula do Nascimento Prata¹
Lidyanne Yuriko Saleme Aona²

Ervas perenes ou anuais. Caule ereto a decumbente, cespitoso, glabro ou hirsuto, ramificado ou não, nós radicantes. Folhas alternas, subsésseis a pecioladas, margem ciliada, tricomas ferrugíneos ou esverdeado, lâminas ovais e lanceoladas, glabras ou hirsutas, base assimétrica, cuneada a arredondada, ápice agudo ou rostrado, margem lisa ou ciliada. Inflorescência terminal ou opositifólia, 1-2 cincinos protegidos por uma bráctea inclusa ou exserta, pedunculada, bráctea espatácea, séssil ou peciolada, oval, cordiforme, romboide ou triangular, agrupada ou solitária, ápice agudo ou acuminado, hirsuta ou

¹Universidade Federal de Sergipe. Departamento de Biologia, Laboratório de Sistemática Vegetal. Av. Marechal Rondon s/n, Bairro Jardim Rosa Elze. CEP: 49100-000, São Cristóvão-SE, Brasil. gilfreire21@hotmail.com; aprata@yahoo.com.br

²Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas. Rui Barbosa, 710, Centro, CEP: 4480-000, Cruz das Almas-Bahia, Brasil. lidyanne.aona@gmail.com

glabrescente, margem lisa ou ciliada. Flores bissexuais ou unissexuais, zigomorfas, pediceladas, deliquescentes; sépalas 3, hialinas, oval-lanceolada, oblongas ou obovais, livres ou as 2 ventrais unidas, ápice agudo ou obtuso; pétalas 3, elíptica ou oval, livres, 2 dorsais unguiculadas, alvas, azuis ou roxas, 1 ventral reduzida, geralmente inconspícua; estames 3, (2) ventrais livres, 1 lateral, estame central com antera maior; anteras 3 a 4 vezes mais curtas que os filetes, deiscência rimosa, filetes glabros; estaminódios 3 dorsais, anteródios amarelos, tetralobados; ovário 2-3-locular, globoso, oblongo, oboval a elipsoide, lóculos ventrais 2, 1-2-ovulados, lóculo dorsal reduzido ou ausente, 1 ovulado ou estéril; estigma simples ou capitado. Cápsula verde ou branca quando madura, loculicida, 2-3-valvar, raro indeiscente, elíptica, globosa, oblonga ou oboval, glabra ou pilosa; cálice persistente. Sementes transversalmente elípticas, hilo linear.

Commelina possui cerca de 170 espécies com distribuição cosmopolita (Faden & Hunt 1991), ocorrendo em diferentes formações florestais ou campestres, áreas alteradas, terrenos baldios e cultivados (Barreto 1997). Segundo Aona & Pellegrini (2014), o Brasil apresenta nove espécies, distribuídas na Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica e Pampa. Para Sergipe, são registradas quatro espécies.

Chave para identificação das espécies de *Commelina* de Sergipe

1. Flores com pétalas alvas; frutos brancos quando maduros.....
.....**3.4. *C. rufipes* var. *glabrata***
- 1'. Flores com pétalas azuis; frutos verdes quando maduros..... 2
2. Lâminas foliares ovais; presença de flores e frutos cleistógamos, flores subterrâneas eventualmente presentes **3.1. *C. benghalensis***
- 2'. Lâminas foliares lanceoladas a lineares, flores e frutos cleistógamos subterrâneos ausentes..... 3
3. Bráctea da inflorescência cordiforme, margem posterior da bráctea livre
..... **3.2. *C. diffusa***
- 3'. Bráctea da inflorescência oval, margem posterior da bráctea fusionada na base
..... **3.3. *C. erecta***

3.1. *Commelina benghalensis* L., Sp. Pl.: 41. 1753.

Nome popular: andacá, erva-de-santa-luzia, maria-mole, marianinha-branca, trapoeraba.
Fig. 3 A-B.

Erva anual, até 50 cm alt. Caule decumbente, hirsuto, ramificado, com estolões subterrâneos. Folhas alternas, subsésseis a pecioladas, pecíolo 0,3-1 cm compr., bainhas 0,9-2,1 x 0,3-1,4 cm, margem com tricomas ferrugíneos, lâmina 1,7-8 x 1,3-4,9 cm, oval, hirsuta em ambas as faces, base assimétrica, ápice agudo, margem ciliada. Inflorescências em cimeira exserta, pedúnculo 0,2-0,3 cm compr., ereto, glabro 3-4 flores; brácteas triangular 0,8-1,6 x 0,9-1,4 cm, agrupada em 2-3, ápice agudo, vilosa, margem ciliada, margem posterior da bráctea fusionada na base, séssil. Flores pediceladas, pedicelos 0,6-

1,7 cm compr.; sépala 1 dorsal 2,7–3,5 x 1,5–2,3 mm, oval-lanceolada, ápice obtuso, 2 ventrais 2,8–3 x 1,5–2 mm, oblonga, ápice agudo; pétala, 2 dorsais, azul 5,7–7 x 4,6–7 mm, reniformes, ápice arredondado, 1 ventral inconspícua 3,4–3,5 x 1,7–1,2 mm, lanceolada, ápice agudo; estames, 2 laterais; filetes 4,7–5,5 mm compr., anteras 0,9–1,5 x 0,7–1,2 mm, elípticas, roxas, 1 central; filete 3,5–4,6 mm compr., antera 1,5–2 x 0,8–1,5 mm, sagitiforme, roxa; estaminódios filetes 3 mm compr., anteródios 0,8–1,2 x 0,6–1 mm, flores e frutos cleistógamos não vistos; ovário elipsoide 0,9–1,3 x 0,7–1 mm, glabro, estilete 3–4,5 mm compr., estigma capitado. Cápsula oblonga 2,5–5 x 0,8–3,4 mm, verde quando madura, glabra. Sementes 3–1,3 x 1–1,9 mm.

Comentários: Apresenta registros em todas as regiões brasileiras (Barreto 1997). Em Sergipe, a espécie é encontrada nas áreas de Caatinga, Mata Atlântica e Agreste. Ocorre, com frequência, em áreas antropizadas e em borda de mata. Dentre as espécies estudadas, é diferenciada pelo hábito decumbente e suas folhas ovais, separando-a facilmente das demais espécies do gênero. De acordo com material analisado no herbário, a floração ocorre nos meses de maio a outubro e a frutificação nos meses de maio, julho, agosto e Novembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Boquim, VI/2012, fl., *G.M.A. Matos et al. 8* (ASE); Gararu, V/1992, fl. fr., *E. Gomes 57* (ASE); Itaporanga d’Ajuda, VIII/2013, fl., *P. Barbosa et al. 33* (ASE, HURB); Laranjeiras, VIII/2012, fl. fr., *A.P. Prata et al. 3316* (ASE); Nossa Senhora da Glória, VII/2011, fl. fr., *G.M.A. Matos 192* (ASE); Nossa Senhora do Socorro, X/2012, fl., *J.P.S. Santos 18* (ASE); Poço Redondo, VIII/2006, fl. fr., *I.C. Lemos et al. 52* (ASE, HURB); Poço Verde, VII/2010, fl. fr., *A.P. Prata et al. 2491* (ASE); Porto da Folha, VII/2006, fl. fr., *E. Córdula et al. 114* (ASE).

3.2. *Commelina diffusa* Burm.f., Fl. Indica: 18, tab. 7, f. 2. 1768.

Nome popular: erva-de-santa-luzia, marianinha, olho-de-santa-luzia, trapoeraba-azul.

Fig. 3 C-E.

Erva perene, até 1 m alt. Caule ereto, glabro, geralmente não ramificado, sem estolões subterrâneos. Folhas alternas, sésseis, bainhas 0,8–1,7 x 0,4–1,1 cm, margem com tricomas esverdeados, lâmina 2,6–9,1 x 0,6–2 cm, lanceolada, glabra a levemente hirsuta em ambas as faces, base arredondada, ápice rostrado, margem lisa. Inflorescência em cimeira exserta, pedúnculo 0,8–1,4 mm, ereto, pubescente, com 3–7 flores; bráctea cordiforme 1,4–4,2 x 0,6–1,3 cm, solitária, ápice acuminado, glabrescente, margem lisa, margem posterior da bráctea livre, longamente pedunculada, pedúnculo 1,2–2,9 cm compr. Flores pediceladas, pedicelos 2,9–8 mm compr., sépala 1 dorsal 3,5–4,3 x 1,7–2,2 mm, oblonga, ápice agudo, 2 ventral 2,7–4,5 x 3–4 mm, oblongas, ápice agudo; pétala, 2 dorsais azuis, 5,3–6 x 5–5,3 mm, reniforme, unguiculada, ápice arredondado, 1 ventral azul 3,2 x 4,5 mm, orbicular, ápice agudo; estames, 2 laterais, filetes 4,1–6 mm compr., anteras 1,3–2,2 x 0,6–1,2 mm, elípticas, amarelas a arroxeadas, 1 central; filete 4,4–6 mm compr., antera 1,3–2,2 x 0,9–1,2 mm, sagitiforme, encurvada, arroxeadas, estaminódios,

filetes 3,7–5,5 mm compr., anteródios 0,7–1,3 x 0,5–0,8 mm; ovário oval, tuberculado 0,7–1,4 x 0,5–1 mm glabro, estilete 6,6–7,5 mm compr., estigma simples. Cápsula oblonga 6–7 x 2,7–3,6 mm, verde quando maduro, glabro. Sementes 2–2,6 x 1,2–1,7 mm.

Comentários: Apresenta ampla distribuição no Brasil, ocorrendo em todas as regiões geográficas do país (Aona & Pelegrini 2014). Em Sergipe, foi encontrada em áreas de Caatinga, Agreste, Restinga e Mata Atlântica, ocorrendo em formações florestais e áreas antropizadas. É facilmente diferenciada das outras espécies por possuir a bráctea cordiforme, ápice acuminado, pedúnculo longo, enquanto que nas demais espécies as brácteas são triangulares ou ovais, o pedúnculo é curto. *C. diffusa* possui ainda flores com as três pétalas azuis conspícuas, enquanto que em *C. benghalensis* e em *C. erecta* são duas pétalas azuis e uma translúcida a levemente azulada. Além disso, difere das demais espécies por possuir hábito aéreo, ereto e ser raramente ramificada com raízes nos nós. De acordo com material examinado no herbário, a floração ocorre nos meses de janeiro, fevereiro, julho, agosto e outubro. Frutifica apenas no mês de novembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, XI/2013, fl., D.A. Araújo et al. 2234 (ASE); Canindé de São Francisco, II/2010, fl, A.C.C. Silva et al. 231 (ASE); Capela, VIII/2012, fl., L.M.S. Melo et al. 52 (ASE); Lagarto, IX/2012, fl. fr., G.S. Freire et al. 58 (ASE); Laranjeiras, XI/20012, fl., G.S. Freire et al. 14 (ASE); Maruim, V/2013, fl., L.A. Gomes 1088 et al. (ASE, HURB); Poço Redondo, XII/2009, fl. fr., A.C.C. Silva 155 (ASE); Simão Dias, VII/2010, fl. fr., T. Carregosa-Silva et al. 92 (ASE).

3.3. *Commelina erecta* L., Sp. Pl., 1: 41. 1753.

Nome popular: água de santa luzia, barba-de-bode, erva de santa luzia, maria-sem-vergonha, marianinha, trapoeraba.

Erva perene, até 1 m alt. Caule ereto, glabro a levemente hirsuto, ramificado, sem estolões subterrâneos. Folhas alternas, subsésseis, pecíolo 0,2–0,6 cm comp., bainhas 0,9–2,8 x 0,6–1,5 cm, margem com tricomas esverdeados, lâmina 3,9–12,3 x 0,9–2,6 cm, lanceolada, hirsuta em ambas as faces, base assimétrica, auriculada na junção com a bainha, ápice agudo a rostrado, margem lisa. Inflorescência em cimeira inclusa, pedúnculo 7,5–0,8 mm compr., ereto, hirsuto, com ca. 3–5 flores; bráctea triangular 1,3–2,4 x 0,8–1,6 cm, solitária à agrupada em 2–4, ápice agudo, hirsuta, margem lisa, margem posterior da bráctea fusionada na base, pedunculada, pedúnculo 0,4–1,8 cm compr. Flores pediceladas, pedicelos 1–5 cm compr., sépalas, 1 dorsal 3–2 x 1,5–2 mm, oval- lanceolada, ápice agudo, 2 ventrais 2,4–4,4 x 1,8–3,1 mm, oboval, ápice agudo; pétalas 2 dorsal, azuis 4,4–8,2 x 4–6,3 mm, oval, ápice arredondado, 1 ventral, inconspícua 1,5–2 x 0,9–1 mm, lanceolada, ápice agudo; estames, 2 laterais; filetes 4–7,2 mm compr., anteras 1,3–2,7 x 0,9–1,5 mm, elípticas, amarelas, 1 central, filete 2,8–5,1 mm compr., antera 1,6–1,2 x 0,5–1,1 mm, sagitiforme, encurvada, amarela; estaminódios, filetes 2,3–3 mm compr., anteródios 0,9–1,5 x 0,5–1 mm; ovário oblongo 1,4 x 0,7 mm, glabro, estilete 4–6,8 mm compr., estigma capitado. Cápsula oboval 3,2–4 x 2,3–3,7 mm, verde quando madura, glabra. Sementes 3,5 x 1,7 mm.

Comentários: Apresenta registro em todas as regiões do Brasil, em praticamente todo o território nacional, exceto nos estados do Amapá, Acre e Roraima (Aona & Pellegrini 2014). Em Sergipe, apresenta ampla distribuição, ocorrendo em todos os tipos de vegetação desde a Mata Atlântica até a Caatinga. Ocorre em áreas antropizadas e borda de mata. *Commelina erecta* apresenta a pétala ventral reduzida e inconspícua, oval ou elíptica, membranácea, alvacenta, com ápice agudo. A espécie apresenta uma grande variação morfológica, mas pode ser facilmente identificada pela presença das brácteas conatas na margem posterior e também por apresentar a base da lâmina foliar auriculada na junção com a bainha. Esta espécie é utilizada em várias regiões do país devido às suas propriedades medicinais como diurética e antirreumática. A floração ocorre durante o ano todo e a frutificação nos meses de abril, maio, agosto, setembro e outubro, de acordo com material analisado no herbário. Ilustração em Barreto (1997: 446, Fig. 57B).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VIII/2000, fl., *M. Landim et al.* 1489 (ASE); Areia Branca, VIII/2007, fl. fr., *J.E. Nascimento-Junior et al.* 136 (ASE); Barra dos Coqueiros, II/2011, fl., *J.E. Nascimento-Junior* 741 (ASE); Canindé de São Francisco, IX/2010, fl. fr., *W.J. Machado et al.* 861 (ASE); Estância, X/2010, fl. fr., *T. Carregosa-Silva et al.* 71 (ASE); Itabaiana, IV/1982, fl., *M.C. Santana* 69 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, VII/2008, fl., *A.P. Prata* 1427 (ASE, HURB); Lagarto, VIII/2010, fl., *A.P. Prata et al.* 2313 (ASE); Laranjeiras, X/2012, fl. fr., *G.S. Freire et al.* 15 (ASE); Nossa Senhora da Glória, IX/2012, fl., *T.P. Santos* 13 (ASE); Pacatuba, VI/2012, fl., *D.G. Oliveira et al.* 465 (ASE); Pirambu, VI/2012, fl. fr., *A.P. Prata et al.* 3118 (ASE); Poço Redondo, VI/2010, fl., *W.J. Machado et al.* 510 (ASE); Porto da Folha, VII/2008, fl. fr., *C.S. Santos* 229 (ASE); Riachão do Dantas, IX/2013, fl.fr., *M.C.V. Farias* 465 et al. (ASE, HURB); Salgado, VII/1982, fl., *G. Viana* 540 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, XI/2012, fl. fr., *L.A. Gomes et al.* 709 (ASE); São Cristóvão, X/2010, fl. fr., *L.A.S. Santos* 42 (ASE).

3.4. *Commelina rufipes* Seub. var. *glabrata* (D.R. Hunt) Faden & D.R. Hunt in Ann. Mo. Bot. Gard., 74(1): 122. 1987.

Nome popular: trapoeraba.

Fig. 3 F.

Erva perene, até 40 cm alt. Caule ereto, glabro, geralmente não ramificado, sem estolões subterrâneos. Folhas alternas, subsésseis a pecioladas, 2-5 cm compr., bainhas 1,2-1,6 x 0,1-1,2 cm, margem com tricomas ferrugíneos, lâmina 7-11,3 x 1,9-2,8 cm, lanceolada, glabra em ambas as faces, base cuneada, ápice agudo, margem lisa. Inflorescência em cimeira inclusa, pedúnculo 0,9 cm, ereto, glabro, com 4-6 flores; bráctea triangular, 2,3-2,8 x 1,3-1,8 cm, solitária à agrupada em 2, ápice agudo, glabrescente, margem lisa, margem posterior da bráctea fusionada na base, pedunculada, pedúnculo 0,6-0,8 cm compr. Flores pediceladas, pedicelos 0,4-0,7 cm compr., sépalas, 2 dorsal 3,2-4 x 2,2-2,3 mm, oval-lanceoladas, ápice obtuso, 1 ventral 3,6-4,4 x 2,2-2,8 mm, oblongas, ápice agudo; pétalas, alvas, 2 dorsais, 4,2-5,8 x 3,5-5 mm, reniformes, unguiculadas, ápice arredondado, 1 ventral 3,2 x 1,3 mm, orbicular, ápice agudo; estames, 2 laterais, filetes 2,5-5 mm compr., anteras 1,1-1,6 x 0,6-1,2 mm, elípticas, amarelas a arroxeadas, 1 central,

filete 3–5 mm compr., antera 1,5–2 x 0,9–1,2 mm, sagitiforme, encurvada, arroxeadada, estaminódios filetes 3,3–4 mm compr., anteródios 0,7–1 x 0,5–0,6 mm; ovário globoso 1,4–2,1 x 0,9–1,2 mm, estilete 3,6–6,1 mm compr., estigma capitado. Cápsula globosa, 6–7 x 5–6 mm, branco quando madura, glabra. Sementes 2 x 4 mm.

Comentários: *Commelina rufipes* var. *glabrata* ocorre em vários países da América Central e América do Sul. No Brasil, foram encontradas em regiões Norte e Centro-Oeste, sendo ambas ocorrentes preferencialmente em formações florestais, embora também tenham sido coletadas em áreas alteradas. Foi encontrada em área de Mata Atlântica em argissolo. É facilmente identificada e diferenciada das demais espécies do gênero por possuir frutos e pétalas alvos quando maduros. De acordo com material analisado no herbário, essa espécie foi encontrada com flores no mês de Agosto e frutos nos meses de Agosto e Novembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, VIII/2012, fl. fr., L.A. Gomes et al. 671 (ASE).

4. *Dichorisandra* J.C.Mikan, Del. Fl. Faun. Bras. 1: 1, t.3. 1820.

Lidyenne Yuriiko Saleme Aona¹
Gilmar da Silva Freire²
Ana Paula do Nascimento Prata²

Ervas eretas a escandentes, perenes, rizomatosas, frequentemente com raízes tuberosas. Caule ramificado ou não, glabro a hirsuto. Folhas alterno-dísticas ou alterno-espíraladas, margem ciliada, prolongando-se nas lâminas foliares, glabras ou tricomas curtos; lâminas geralmente lineares a lanceoladas, elípticas, ovais ou estreitamente oblongas, base simétrica ou assimétrica, ápice acuminado, margem glabra a ciliada, glabra ou diversamente hirsuta. Inflorescência tirso, terminal, ereta ou pêndula; com folha basal diferenciada ou não, pedúnculo presente, cincinos de disposição laxa a congesta, brácteas dos ramos secundários muito menores que as folhas, foliáceas, bractéolas persistentes ou não. Flores masculinas e bissexuais, zigomorfas ou raramente actinomorfas, pediceladas, pedicelo glabro ou piloso; sépalas 3, elípticas, ovais a largo oblongas, livres, glabras ou pilosas; pétalas 3, amplo obovais a estrito elípticas, livres, alvas, azuis ou arroxeadas, geralmente com a base branca; estames 5 ou 6, filetes livres, iguais ou distintos entre si, o superior um pouco menor até atrofiado e estaminodial, muito mais curtos que as anteras, anteras muito mais longas que os filetes, basifixas, amarelas ou cremes, muitas vezes com os sacos polínicos vináceos ou azulados, porcidas ou rimosas, introrsas, com

¹Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas. Rui Barbosa, 710, Centro. CEP: 4480-000, Cruz das Almas-Bahia, Brasil. lidyanne.aona@gmail.com

²Universidade Federal de Sergipe. Departamento de Biologia, Laboratório de Sistemática Vegetal. Av. Marechal Rondon s/n, Bairro Jardim Rosa Elze. CEP: 49100-000, São Cristóvão-SE, Brasil. gilfreire21@hotmail.com; aprata@yahoo.com.br

ápice formado pelo dobramento dos sacos polínicos externos e funcionalmente poricidas; ovário 3-locular, globoso a cilíndrico, 4-7-ovulados; estigma capitado ou truncado. Cápsula loculicida, 3-valvar, globosa, elipsoide ou cilíndrica, glabra a levemente pilosa, cálice persistente. Sementes ariladas, elipsoides a reniformes.

Gênero neotropical ocorre da América Central até Argentina (Aona 2008). No Brasil, está presente em todos os Estados (Aona 2008). As espécies de *Dichorisandra* ocorrem preferencialmente na Mata Atlântica, mata de altitude, mata semidecídua, Floresta Amazônica de terra firme e restinga litorânea (Aona 2008). No estado de Sergipe ocorrem 4 espécies.

Chave para identificação das espécies de *Dichorisandra* de Sergipe

- 1. Ervas ramificadas por todo caule; folhas alternas dísticas 2
- 2. Ervas escandentes, raro eretas; fruto globoso, 0,6-0,8 × 0,7-0,8 mm.....
..... **4.1. *Dichorisandra hexandra***
- 2'. Ervas eretas; fruto cilíndrico, 1,7-2,5 × 0,4-0,5 cm **4.3. *Dichorisandra* sp. 1**
- 1'. Ervas não ramificadas ou ramificadas na metade superior; folhas alternas espiraladas
..... 3
- 3. Folhas com margem glabra; inflorescência em cincinos pedunculados; face dorsal das
sépalas glabra **4.2. *Dichorisandra procera***
- 3'. Folhas com margem ciliada; inflorescência em cincinos sésseis; face dorsal das sépalas
pilosa **4.4. *Dichorisandra* sp. 2**

4.1. *Dichorisandra hexandra* (Aubl.) C.B. Clarke, Bull. Torrey Bot. Club 29(2): 703. 1902.
Fig. 4 A-B.

Ervas escandentes, raro eretas, 0,6 m alt. Caule ramificado, glabro ou com tricomas curtos. Folhas alterno-dísticas, bainhas 1-1,7 cm compr., glabras ou com tricomas castanhos curtos, mais densos na região oposta à inserção, tricomas alvos ou castanhos 1-2 mm compr.; pecíolo 1-2 mm compr. até indistinto, com tricomas castanhos, curtos na face adaxial; lâmina linear, oval a lanceolada, 4,5-10,5 × 2-3,5 cm, base simétrica ou assimétrica, margem curto-ciliada no terço apical, face abaxial com tricomas esparsos, mais abundantes na base, face adaxial glabra ou com raros tricomas, principalmente na base ou glabra com nervura central pilosa. Inflorescência ereta; folha basal não diferenciada ou pouco menor que as demais, 9-10,1 × 1-2,2 cm; pedúnculo 1,5-2,4 cm compr., curto-piloso; pedúnculo dos cincinos 3-5 mm compr., diminuindo em direção ao ápice, ca. 4-9 cincinos não muito congestionados com ca. 2-3 flores; brácteas dos cincinos lineares, 10-11-(2,5) × 1-2 mm, face abaxial com tricomas curtos principalmente ao longo da nervura central, margem ciliada; bractéolas persistentes ou não, 1-1,4 × 1-1,4 mm, tricomas curtos na base, margem ciliada. Flores estaminadas e bissexuais, zigomorfas; pedicelo 2 mm compr., curto-piloso; sépalas elípticas a ovais, 5-6 × 2-3 mm, curto-pilosa principalmente ao longo da nervura central, margem glabra; pétalas obovais-

elípticas, levemente unguiculadas, azuis-arroxeadas com a base alva, 6 × 3–4 mm; estames 6, iguais, filetes ca. 1–2 mm compr., anteras alvas com os sacos polínicos azuis, ca. 4–5 mm compr., 2 poros apicais, base subcordada; ovário levemente globoso, glabro, liso, 2–2,5 × 2–2,5 mm, estilete ca. 5 mm compr., ápice curvado a ereto, estigma capitado. Cápsulas globosas, 6–8 × 7–8 mm, arroxeados, pedicelo ca. 3–4 cm compr. em fruto. Sementes elípticas a ovais, arilo alaranjado a vermelho (Aona 2008).

Comentários: Espécie facilmente reconhecida por seu hábito escandente, folhas dísticas, flores azuladas a arroxeadas e 6 estames com anteras apresentando a deiscência por 2 poros apicais (Aona 2008). Em Sergipe, ocorre em mata próxima a restinga. Coletada com flores nos meses de maio, abril, junho e julho. Frutificação nos meses de maio, agosto e dezembro de acordo com material analisado no herbário.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Frei Paulo, VII/1987, fr., *G. Viana 1933* (ASE); Itabaiana, IX/2008, fl. fr., *P. Gomes 771* (ASE); Japarutuba, VII/1987, fl., *M. Landim 492* (ASE); Lagarto, VII/2013, fl., *G.M.A. Matos et al. 291* (ASE); Nossa Senhora da Glória, VII/1987, fr., *G. Viana 1994* (ASE); Pirambu, IV/1984, fl., *M.C. Santana 213* (ASE, HURB); Poço Redondo, IX/2010, fl., *W.J. Machado et al. 414* (ASE); Riachão do Dantas, XII/2013, fr., *M.C.V. Farias 463* (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, VI/1983, fl. fr., *E.M. Carneiro 505* (ASE); Siriri, VI/2012, fl., *D.A. Campos 78* (ASE, HURB).

4.2. *Dichorisandra procera* Mart. ex Schultes f. in Schultes & Schultes f., Syst. veg. 7 (2): 1187. 1830.

Fig. 4 C-D.

Ervas eretas, 0,6–1,5(–2) m alt. Caule não ramificado ou ramificado na metade superior, crasso, glabro a subglabro. Folhas alterno-espinaladas, bainhas 2,5–4 cm compr., glabras; folhas basais pecioladas, pecíolo 1–3 cm até indistinto, crasso, glabro ou raro com tricomas esparsos; lâmina estreitamente elíptica, lanceolada a estreitamente oblonga, 21–30 × 5,5–7 cm, face abaxial verde-escuro, face adaxial verde-claro, base simétrica, margem glabra, ambas as faces glabras, raro com tricomas esparsos na base. Inflorescência ereta; folha basal não diferenciada das demais; pedúnculo 2–3,5 cm compr., esparsamente curto-piloso; pedúnculo dos cincinos ca. 1 cm compr., ca. 8–19 cincinos congestos com ca. 3–5 flores, brácteas dos cincinos lineares, 20–25 × 2–5 mm, diminuindo em direção ao ápice, face adaxial glabra ou com tricomas curtos, esparsos, face adaxial glabra, margem ciliada, bractéolas escariosas, 2–3 × 3 mm, tricomas esparsos somente na base da face abaxial, margem glabra a esparsamente ciliada. Flores estaminadas e bissexuais, zigomorfas, pedicelo 1–2 mm compr., roxo, glabro ou raro com tricomas curtos, esparsos; botões amplamente ovoides, 7–9 × 4–6 mm; sépalas elípticas a obovais, 9 × 5 mm, glabras, podendo apresentar o ápice das margens esparsamente ciliado; pétalas obovais a rômbicas, 7–8 × 5–6 mm, azuladas, vináceas a púrpuras com machas alvas, terço basal alvo; estames 6, tamanhos distintos, filete 1–2 mm compr., anteras sagitadas a largo elipsoides, amareladas, 4–5 mm compr., 2 poros apicais, base cordada a sagitada; ovário globoso, glabro, liso, ca. 1,5 × 2 mm, estilete 4–5 mm compr., terço superior arroxeadado,

estigma truncado; óvulos ca. 6/lóculo. Cápsulas globosas, 1,2 × 1,1–1,2 cm. Sementes largo-elipsoides a ovoides, arilo alvo (Aona, 2008).

Comentários: Espécie muito confundida com *D. thyriflora* J.C.Mikan pelo porte, pela coloração das flores e presença de 6 estames. Entretanto, difere desta por apresentar deiscência das anteras por 2 poros apicais, enquanto que *D. thyriflora* apresenta anteras deiscentes por um único poro (Aona 2008). Em Sergipe, ocorre em Mata Atlântica. A partir de material herborizado, verificou-se que a floração ocorre em março, abril, maio, junho, julho e frutificação em agosto.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, VI/2012, fl., L.A. Gomes et al. 463 (ASE, HURB); Itabaiana, IX/2013, fl., M.N. Saka 215 (ASE, HURB); Siriri, VII/2012, fl., D.A. Campos 79 (ASE, HURB).

4.3. *Dichorisandra* sp. 1

Ervas eretas, 1,5 m alt. Caule ramificado, glabro. Folhas alterno-dísticas, bainhas 1,5–2 cm compr., glabras ou com tricomas curtos na região oposta à inserção; pecíolo ca. 2 mm compr. até indistinto, glabro; lâmina linear a lanceolada, 9–15,5 × 2–4 cm, base simétrica ou assimétrica, margem glabra, glabra em ambas as faces. Inflorescência ereta; folha basal não diferenciada ou pouco menor que as demais, 10,5 × 1,5 cm; pedúnculo 1,7 cm compr., glabro; pedúnculo dos cincinos 5–8 mm compr., diminuindo em direção ao ápice, 12 cincinos não muito congestos com ca. 2–3 flores; brácteas dos cincinos lineares, foliácea, 5–10 × 1–2 mm, ambas as faces glabras, margem ciliada; bractéolas persistentes ou não, 1–1,1 × 1–1,2 mm, glabras em ambas as faces, margem ciliada. Flores não vistas. Cápsulas cilíndricas, 1,7–2,5 × 0,4–0,5 cm, glabras. Sementes e arilo não vistos.

Comentários: Espécie distinta das demais espécies de *Dichorisandra* por apresentar a combinação de folhas alterno-dísticas, glabras em ambas as faces e fruto cilíndrico com superfície glabra. Não foi possível analisar partes florais, pois o material coletado se encontrava em frutificação. Mais estudos *in situ* e novas coletas são necessários para elucidar esse problema.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Itaporanga d'Ajuda, II/2000, fl., M. Landim & E. Santos 1470 (ASE).

4.4. *Dichorisandra* sp. 2

Fig. 4 E-G.

Ervas eretas, 40 cm alt. Caule não ramificado, glabro ou com tricomas esparsos. Folhas alterno-espiraladas, bainhas 0,5–1,5 cm compr, glabras; lâmina elíptica a lanceolada, 17,5–24 × 5,5–7,5 cm, base simétrica, margem ciliada, tricomas esparsos em ambas as faces. Inflorescência pêndula; folha basal não diferenciada das demais; pedúnculo 5,5–13

cm compr., curto-piloso; cincinos sésseis, ca. 7–9 cincinos congestos com 1 flor, brácteas dos cincinos lineares, 15–35 × 1–4 mm, diminuindo em direção ao ápice, face adaxial com tricomas curtos, face adaxial glabra, margem ciliada, bractéolas ausentes. Flores pediceladas, pedicelo 3–5 mm compr., piloso; botões ovóides, 5 × 2 mm; sépalas elípticas, 8 × 2 mm, face dorsal pilosa, margem ciliada; androceu e gineceu não vistos. Cápsulas cilíndricas, 2–2,1 × 0,4–0,5 cm, glabras. Sementes e arilo não vistos.

Comentários: Espécie morfologicamente próxima a *D. penduliflora* Kunth por apresentar inflorescência aparentemente pêndula, frutos cilíndrico com superfície glabra. Entretanto, *Dichorisandra* sp. 2 apresenta folhas com tricomas esparsos em ambas as faces, inflorescência e cincinos sésseis curto-pilosos, características não presentes em *D. penduliflora*. Alguns materiais provenientes da Bahia apresentam as mesmas características dessa espécie (Aona, 2008).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Cedro de São João, VII/2010, fr., L.A.S. Santos et al. 206 (ASE).

5. *Gibasis* Raf., Fl. Telur. 2: 16. 1837.

Lidyenne Yuriko Saleme Aona¹
Maria do Carmo E. do Amaral²

Ervas anuais ou perenes, eretas a decumbentes. Raízes geralmente tuberosas; caule glabro, piloso a viloso, geralmente ramificado. Folhas alterno-dísticas, bainha membranácea; lâmina linear a oval-lanceolada, glabra ou pilosa. Inflorescência terminal ou axilar; pedúnculos longos, cincinos agrupados em pares de cincinos individualmente estipitados ou solitários, subtendidos por brácteas reduzidas, persistentes, bractéolas muito pequenas, imbricadas. Flores bissexuadas, actinomorfas, pediceladas; sépalas 3, ovais, livres, iguais; pétalas 3, ovais, livres, alvas, iguais; estames 6, filetes livres, iguais, pubescentes, anteras versáteis, dorsifixas, amareladas, rimosas; ovário glabro 3-locular, lóculos 2-ovulados, estigma capitado. Cápsula loculicida, 3-valvar, oval a globosa, glabra, cálice persistente. Sementes 2 por lóculo, hilo punctiforme a linear.

Gênero de distribuição neotropical, com 11 espécies que ocorrem no México, Guatemala, El Salvador, Cuba e Colômbia (Barreto 1997) e também nos Estados Unidos (Barreto 1997). No Brasil, ocorre apenas uma espécie nos estados do Amazonas, Rondônia, Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, nas regiões Sudeste e Sul (Hunt 1986, Aona & Pellegrini 2014).

¹Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas. Rui Barbosa, 710, Centro. CEP: 4480-000, Cruz das Almas-Bahia, Brasil. lidyenne.aona@gmail.com

²Universidade Estadual de Campinas, Depto. de Biologia Vegetal, IB, C.P. 6109. CEP: 13083-970, Campinas-SP, Brasil. volker@unicamp.br

5.1. *Gibasis geniculata* (Jacq.) Rohweder, Abh. Auslandsk., Reihe C, Naturwiss. 18: 143. 1956.

Fig. 1 D-E.

Ervas até 40 cm alt. Caule viloso. Folhas sésseis, bainhas 0,4–1 cm compr., pilosas, margem ciliada, tricomas castanhos, lâmina lanceolada, 7–7,6 × 2,6–3 cm, base assimétrica, ápice acuminado, face superior glabra, face inferior vilosa, margem ciliada. Inflorescência com cincinos agrupados em pares individualmente estipitados; pedúnculo 3–5,5 cm compr., glabro; brácteas dos cincinos 9–15 × 3–9 mm, lineares, pilosas em ambas as faces, margem ciliada; bractéolas 1 × 0,5–1 mm, pilosas em ambas as faces, margem curto-ciliada. Flores com pedicelo 8–9 mm compr.; sépalas ovais, 2–3 × 1 mm, verdes, glabras; pétalas ovais, 3–4 × 2 mm, brancas; estames 6, filetes com tricomas moniliformes apenas na base, tricomas ca. 1–1,5 mm, anteras largo-elipsoides, amarelas, ca. 0,5 mm; ovário globoso a oblongo, ca. 1–1,2 × 0,5–0,6 mm; estilete ca. 2 mm compr., ápice ereto, estigma capitado, mais ou menos 3-lobado. Cápsula 2–3 × 2 mm. Sementes não vistas.

Comentários: Ocorre nos trópicos, do Sul do México ao Paraguai, Norte da Argentina e Antilhas. No Brasil, apresenta ampla distribuição, desde a Paraíba ao Rio Grande do Sul. No estado de Sergipe, a espécie apresenta um acentuado indumento viloso na face abaxial das lâminas, bainhas, ovário e fruto. As lâminas, geralmente são esverdeadas, mas podem apresentar ambas as faces com manchas arroxeadas (*Matos et al 328*). Em Sergipe, ocorre em mata hipexerófila de Caatinga e foi coletada com flores e frutos em setembro e novembro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Frei Paulo, XI/1981, fl.fr., *G. Viana 145* (ASE, HURB); Riachão do Dantas, XI/2013, fl.fr., *G.M.A. Matos et al. 328* (ASE); Simão Dias, IX/1981, fl.fr., *G. Viana 41* (ASE).

6. *Tinantia* Scheidw., Allg. Gartenzeitung 7: 365. 1839.

*Lidyanne Yuriko Saleme Aona*¹
*Maria do Carmo E. do Amaral*²

Ervas anuais, eretas. Caule glabro a levemente pubérulo, ramificado. Folhas alternas espiraladas; bainhas membranáceas; lâminas lanceoladas a elípticas, base atenuada, ápice acuminado. Inflorescência terminal, composta por 1 pedúnculo com 1–5 cincinos congestos, subtendidas por brácteas espatáceas. Flores bissexuais, zigomorfas, pediceladas, pedicelo glabro ou piloso; sépalas 3, elípticas, livres; pétalas 3, ligeiramente

¹Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas. Rui Barbosa, 710, Centro. CEP: 4480-000, Cruz das Almas-Bahia, Brasil. lidyanne.aona@gmail.com

²Universidade Estadual de Campinas, Depto. de Biologia Vegetal, IB, C.P. 6109. CEP: 13083-970 Campinas-SP, Brasil. volker@unicamp.br

cuculadas, livres, desiguais; estames 6, filetes fundidos na base, 3 superiores mais curtos, filetes barbados, 3 inferiores com filetes mais longos, glabros ou barbados, anteras dorsifixas, azuladas a amareladas, rimosas, estaminódios ausentes; ovário 3-locular, oblongo a globoso; estigma truncado. Cápsula loculicida, 3-valvar, oval a globosa, glabra, cálice persistente. Sementes acastanhadas, 3 ou mais por lóculo, hilo linear.

Gênero com cerca de 13 espécies com distribuição do Texas a Argentina (Faden 1998). No Brasil, ocorre em toda a região Nordeste e Sudeste, além do Pará, Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Santa Catarina (Aona & Pellegrini 2014). No estado de Sergipe, está representado por uma espécie.

6.1. *Tinantia sprucei* C.B. Clarke, Monogr. Phan. A.DC. & C.DC. 3: 287. 1881.

Fig. 1 B-C.

Ervas anuais, eretas, 30 cm alt. Caule glabro, ramificado no ápice. Folhas com bainha glabra, margem ciliada; lâminas elípticas, 5-10 × 2-2,5 cm, face adaxial glabra, face abaxial esparsamente pilosa, base assimétrica, margem curto-ciliada. Inflorescência com pedúnculo solitário, 7 cm compr., com indumento viloso, tricomas ca. 1-2 mm compr., 12 flores por inflorescência, bractéolas deltoides, 1 × 1 mm. Flores pediceladas, pedicelo 4-6 mm compr., glabro; sépalas elípticas, ca. 5 × 2 mm, glabras ou com tricomas filamentosos na face dorsal; pétalas róseas a azuladas, 3,5-4 × 1-1,5 mm, glabras; estames 6: 3 superiores com filetes ca. 2 mm compr., barbados na metade inferior, 3 inferiores com filetes ca. 4 mm compr., glabros, anteras arredondadas, ca. 0,5 mm compr.; ovário elipsoide, ca. 2 × 2 mm, glabro, liso, 2 óvulos por lóculo, estilete ca. 8 mm compr. Cápsulas 6-8 mm compr. Sementes 3 mm compr.

Comentários: Espécie facilmente reconhecida pela inflorescência terminal, pela presença de indumento viloso no pedúnculo da inflorescência, nas brácteas dos cincinos e mais raramente nas sépalas (Barreto 1997). Muito confundida com *Tinantia erecta* (Jacq.) Schtdl., que difere de *T. sprucei* por apresentar indumento tanto viloso como glandular no pedúnculo da inflorescência, nas brácteas dos cincinos e nas sépalas. Coletada com flores e frutos em julho.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Porto da Folha, VII/2006, fl.fr., *E. Córdoba et al.* 116 (ASE).

7. *Tradescantia* L., Sp. Pl. 1: 288. 1753.

Gilmara da Silva Freire¹
Ana Paula do Nascimento Prata¹
Lidyenne Yuriko Saleme Aona²

Ervas perenes, eretas a decumbentes. Raízes tuberosas ou fibrosas. Caule hirsuto, ereto, simples a ramificado, nós radicantes presentes ou não. Folhas alterno-dísticas ou espiraladas, margem ciliada ou não; lâmina subcordada, oval a elíptica. Inflorescência em cincinos duplos, terminal e/ou axilar rompendo ou não a bainha, sésseis ou pedunculadas, subtendidas por um par de brácteas foliáceas, espatáceas ou reduzidas, hirsuta. Flores bissexuadas, actinomorfas, pediceladas, pedicelos hirsutos; sépalas 3, elípticas, ovais a lanceoladas, livres, hirsutas; pétalas 3, elípticas, ovais a lanceoladas ou obovais, livres, alvas, róseas, azuis ou roxas; estames 6, filetes livres, iguais ou subiguais, glabrescentes; anteras amarelas ou cremes, rimosas, tecas paralelas ou divergentes; ovário 3-locular, subgloboso a elíptico, 1-2-ovulados, estigma truncado ou capitado. Cápsula loculicida, 3-valvar, elipsoide ou globosa, glabro ou hirsuto, cálice persistente. Sementes ovoides, oblongas, elípticas, com hilo oblongo a linear.

Tradescantia é o segundo maior gênero da família, com cerca de 100 espécies no Novo Mundo (Faden & Hunt 1991). No Brasil, o gênero está representado por 8 espécies (Aona & Pellegrini 2014). No estado de Sergipe, foi encontrada uma espécie.

7.1. *Tradescantia ambigua* Mart. In Rom. & Schult. Syst. Veg. 4: 1140.

Fig. 1 F-G.

Ervas eretas até 60 cm alt. Caule piloso. Folhas alternas espiraladas, bainhas 0,7–1,6 × 0,7–2 cm, pilosa, margem ciliada, lâmina lanceolada, oblonga, lanceolada à elíptica 5,5–15 × 1,1–3,1 cm, glabra em ambas as faces, margem lisa; Inflorescências predominantemente axilares, 9–10 flores por inflorescência, hirsuta, bráctea reduzida 2,4–6,3 × 0,4–1 cm, esparsamente hirsuta, margem ciliada. Flores pediceladas, pedicelos 1,2–1,6 cm compr., hirsuto; sépalas oval-lanceoladas 6,8–8 × 0–2,3 mm, verdes, ápice agudo, hirsuta, mais densamente hirsuta ao longo da nervura central e no ápice; pétalas ovais 5–9 × 3–6 mm, róseas á lilases, ápice agudo, estames 6, iguais entre si; filetes glabros, 3 mm, anteras 1 × 1,3 mm, tecas reniformes; ovário subgloboso 1,5–2 × 1,1–1,3 mm, hirsuto, estilete 1–1,5 cm compr., estigma simples. Cápsula subglobosa, ca. 5–6 × 3–5 mm, pilosa; sementes elipsoides a largo-elipsoides 2–2,7 × 1,6–2 mm, rugosa, negras 1–2 por lóculo.

¹Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Biologia, Laboratório de Sistemática Vegetal. Av. Marechal Rondon s/n, Bairro Jardim Rosa Elze. CEP: 49100-000, São Cristóvão-SE, Brasil. gilfreire21@hotmail.com; aprata@yahoo.com.br

²Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas. Rui Barbosa, 710, Centro, CEP: 4480-000, Cruz das Almas-Bahia, Brasil. lidyenne.aona@gmail.com

Comentários: Caracteriza-se por possuir lâmina pubescente em ambas as faces, inflorescências predominantemente axilares, flores com 6 estames e fruto pilosos. Em Sergipe, ocorre em Mata de Caatinga hipoxerófila, Caatinga arbustivo arbórea, em solo argiloso ou arenoso, podendo ocorrer também em afloramento rochoso. Através de análise do material do herbário foi visto que a floração ocorre nos meses de fevereiro, abril, maio e agosto, setembro e frutificação em abril, agosto, setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Frei Paulo, VII/1981, *M.R. Fonseca 517* (ASE); Nossa Senhora da Glória, V/1986, fl., *G. Viana 1456* (ASE); Porto da Folha, VIII/2012, fl.fr., *A.P. Prata 3212* (ASE).

Referências Bibliográficas

Aona, L.Y.S. 2008. **Revisão taxonômica e análise cladística do gênero *Dichorisandra* J.C.Mikan (Commelinaceae)**. Tese de doutorado. Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Aona, L.Y.S. 2009. Neotropical Commelinaceae. *In*: Milliken, W., Klitgård, B. & Baracat, A. (2009 onwards), **Neotropikey - Interactive key and information resources for flowering plants of the Neotropics**. <http://www.kew.org/science/tropamerica/neotropikey/families/Commelinaceae.htm>.

Aona, L.Y.S. & Pellegrini, M.O.O. Commelinaceae *In*: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB16905>>. (Acesso em: 27 Mar. 2014).

Barreto, R.C. 1997. **Levantamento das espécies de Commelinaceae R.Br. nativas do Brasil**. Tese de doutorado. USP, São Paulo, SP.

Faden, R.B. 1991. The morphology and taxonomy of *Aneilema* R.Brown (Comelinaceae). **Smithsonian Contributions to Botany 76**.

Faden, R.B. 1998. Commelinaceae. *In*: K. Kubitzki (ed.) **The families and genera of vascular plants**. Springer Verlag, Berlin, vol. 4, p. 109-128.

Faden, R.B. & Hunt, D.R. 1991. The classification of the Commelinaceae. **Taxon 40**:19-31.

Govaerts, R. & Faden, R. B. 2011. World checklist of Commelinaceae. **The Board of Trustees of the Royal Botanic Gardens**, Kew. Available from: <<http://apps.kew.org/wcsp/home.do>> (Acesso em: accessed 08 Ago. 2014).

Hunt, D.R. 1986. Amplification of *Callisia* Loebl. American Commelinaceae: XV. **Kew Bulletin 41**: 407-412.

Lista de Exsicatas

Almeida, M.N. 93 (1.1), 99 (7.1); **Andrade, O.S.** 1 (3.3); **Araújo, D.A.** 2234 (3.2); **Barbosa, P.** 33 (3.1); **Barreto, A.C.C.** 324 (3.3); **Bezerra, M.A.O.** 112 (2.1). **Campos, D.A.** 78 (4.1), 79 (4.2), 255 (2.1), 334 (3.3); **Carneiro, E.M.** 444 (4.1), 505 (4.1); **Carregosa-Silva, T.** 71 (3.3), 80 (4.1), 92 (3.2); **Córdula, E.** 114 (3.1), 115 (7.1), 116 (6.1); **Costa, S.M.C.** 277 (3.3), 613 (2.2); **Farias, M.C.V.** 463 (4.1), 465 (3.3); **Freire, G.S.** 10 (3.3), 11 (2.3), 12 (3.3), 13 (3.3), 14 (3.2), 15 (3.3), 53 (3.3), 58 (3.2), 59 (3.3), 123 (1.1), 129 (1.1); **Gomes, E.** 44 (3.3), 57 (3.1), 114 (7.1), 115 (1.1), 482 (3.3), 607 (3.3), 671 (3.4); **Gomes, L.A.** 91 (4.2), 463 (4.2), 515 (4.2), 671 (3.4), 674 (4.2), 709 (3.3), 1088 (3.2); **Gomes, P.** 771 (4.1); **Fonseca, M.R.** 517 (7.1); **Landim, M.** 492 (4.1), 1470 (4.3), 1489 (3.3); **Lemos, I.C.** 52 (3.1), 64 (2.2), 71 (3.1); **Lucena, M.F.A.** 1558 (3.3); **Machado, W.J.** 155 (3.3), 414 (4.1), 510 (3.3), 861 (3.3), 882 (2.3); **Matos, E.C.A.** 2 (3.3), 229 (3.3); **Matos, G.M.A.** 37 (3.3), 87 (3.1), 192 (3.1), 199 (3.3), 290 (1.1), 291 (4.1), 328 (5.1). **Melo, L.M.S.** 52 (3.2); **Nascimento - Júnior, J.E.** 14 (4.2), 136 (3.3), 272 (3.3), 290 (1.1), 547 (3.4), 618 (3.3), 741 (3.3); **Oliveira, D.G.** 150 (7.1), 155 (3.3), 188 (1.1), 286 (2.3), 465 (3.3); **Oliveira, E.V.S.** 57 (3.3); **Prata,**

A.P. 1427 (3.3), 1602 (3.3), 2313 (3.3), 2361 (2.1), 2491 (3.1), 3118 (3.3), 3179 (3.3), 3212 (7.1), 3274 (3.3), 3281 (3.1), 3284 (2.1), 3315 (3.3), 3316 (3.1), 3392 (3.3), 3571 (3.1); **Rocha, L.P.** 47 (3.1), 76 (1.1); **Saka, M.N.** 215 (4.2); **Santana, M.C.** 69 (3.3), 213 (4.1); **Santos, C.S.** 229 (3.3); **Santos, J.P.S.** 18 (3.1); **Santos, L.A.S.** 42 (3.3), 206 (4.4), 207A (4.4); **Santos, T.P.** 13 (3.3). **Silva, A.C.C.** 41 (3.3), 68 (3.3), 120 (3.2), 155 (3.2), 200 (3.2), 231 (3.2), 245 (3.3); **Silva, T.C.** 25 (3.3); **Viana, G.** 41 (5.1), 145 (5.1), 514 (1.1), 540 (3.3), 597 (2.1), 761 (4.1), 765 (7.1), 954 (1.1), 1134 (4.2), 1251 (3.3), 1268 (4.2), 1456 (7.1), 1541 (4.1), 1566 (7.1), 1925 (7.1), 1933 (4.1), 1994 (4.1), 2011 (1.1); **Vicente, A.** 136 (4.2).

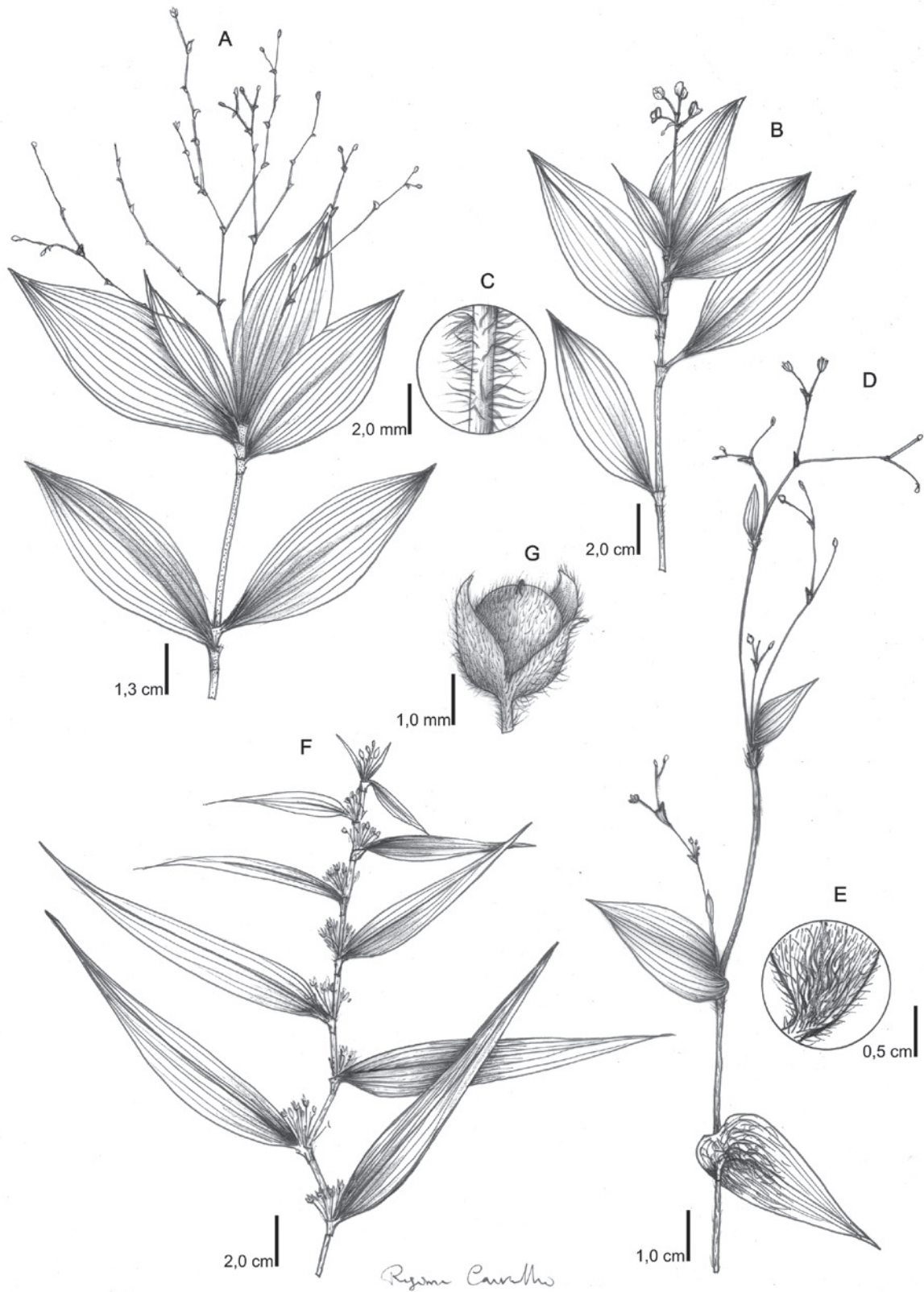


Figura 1. A. *Aneilema brasilense* C.B. Clarke. Hábito (G.S. Freire 123, ASE). B-C. *Tinantia sprucei* C.B. Clarke. B. Hábito; C. Detalhe dos tricomas filamentosos no pedúnculo da inflorescência (E. Córdula 116, ASE). D-E. *Gibasis geniculata* (Jacq.) Rohweder. D. Hábito; E. Detalhe da face abaxial da lâmina foliar (G.M.A. Matos 328, ASE). F-G. *Tradescantia ambigua* Mart. F. Hábito; G. Fruto ilustrando a presença de tricomas no fruto e nas sépalas (E. Córdula 115, ASE).

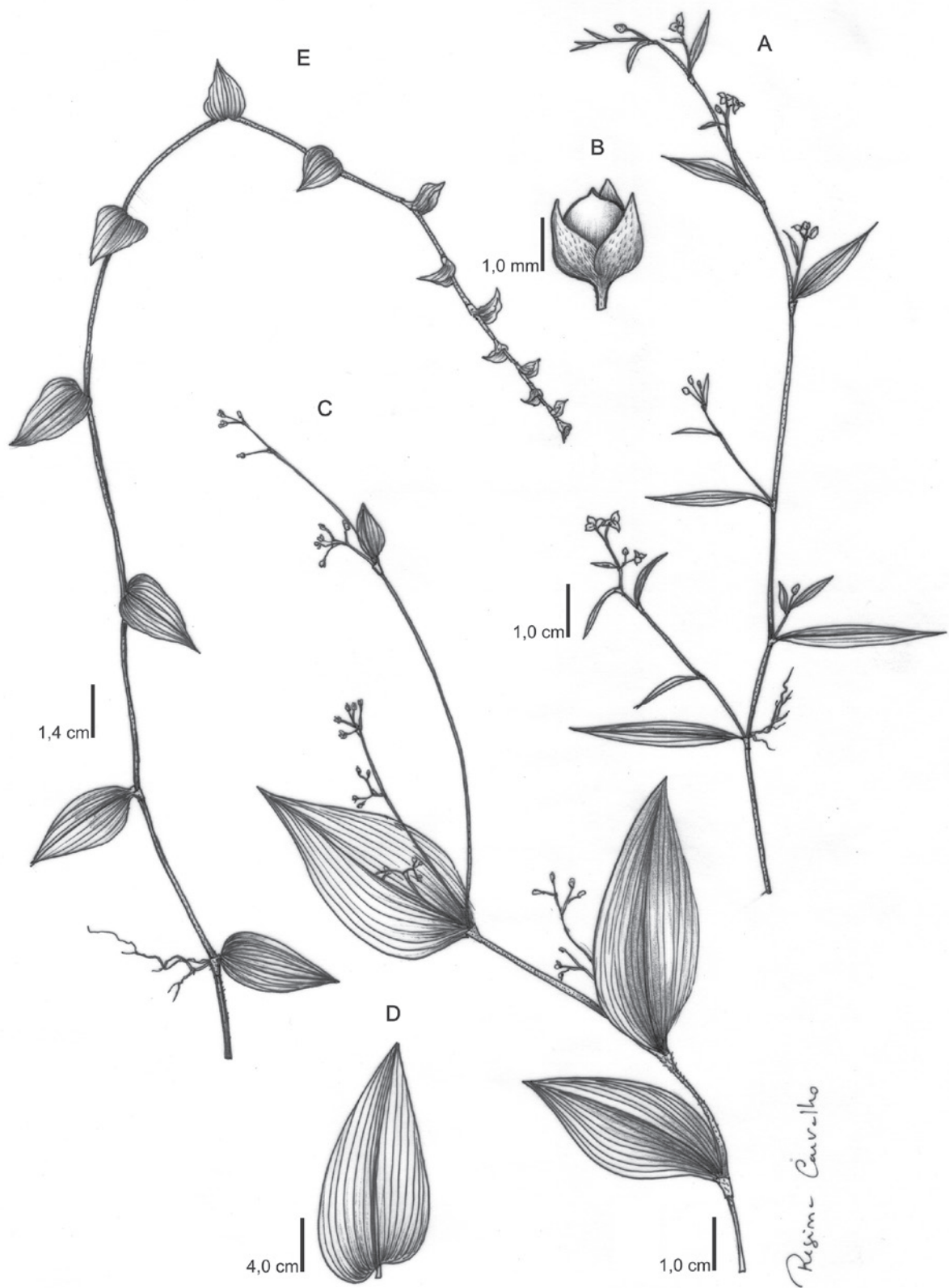


Figura 2. A-B. *Callisia filiformis* (M. Martens & Galeotti) D.R. Hunt. A. Hábito; B. Fruto (A.P. Prata 2361, ASE). C-D. *Callisia monandra* (Sw.) Schult. & Schult. f. C. Hábito; D. Lâmina foliar mostrando a base assimétrica (I.C. Lemos 64, ASE). E. *Callisia repens* (Jacq.) L. Hábito (G.S. Freire 117, ASE).

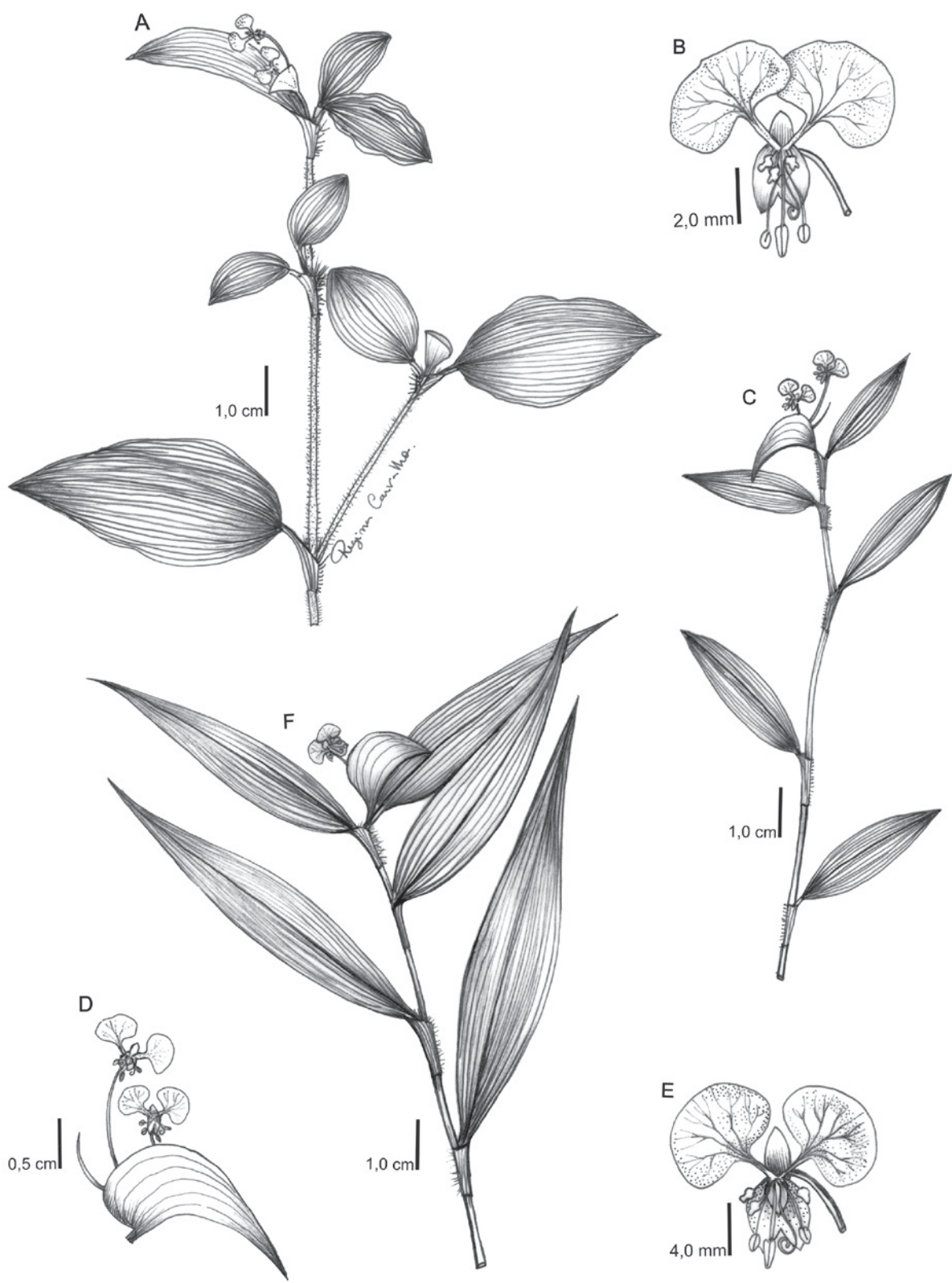


Figura 3. A-B. *Commelina benghalensis* L. A. Hábito; B. Detalhe da flor (J.P.S. Santos 18, ASE). C-E. *Commelina diffusa* Burm.f. C. Hábito; D. Bráctea espatácea com ápice acuminado; E. Detalhe da flor (D.A. Araújo 2234, ASE). F. *Commelina rufipes* Seub. var. *glabrata* (D.R. Hunt) Faden & D.R. Hunt. F. Hábito (L.A. Gomes 671, ASE).

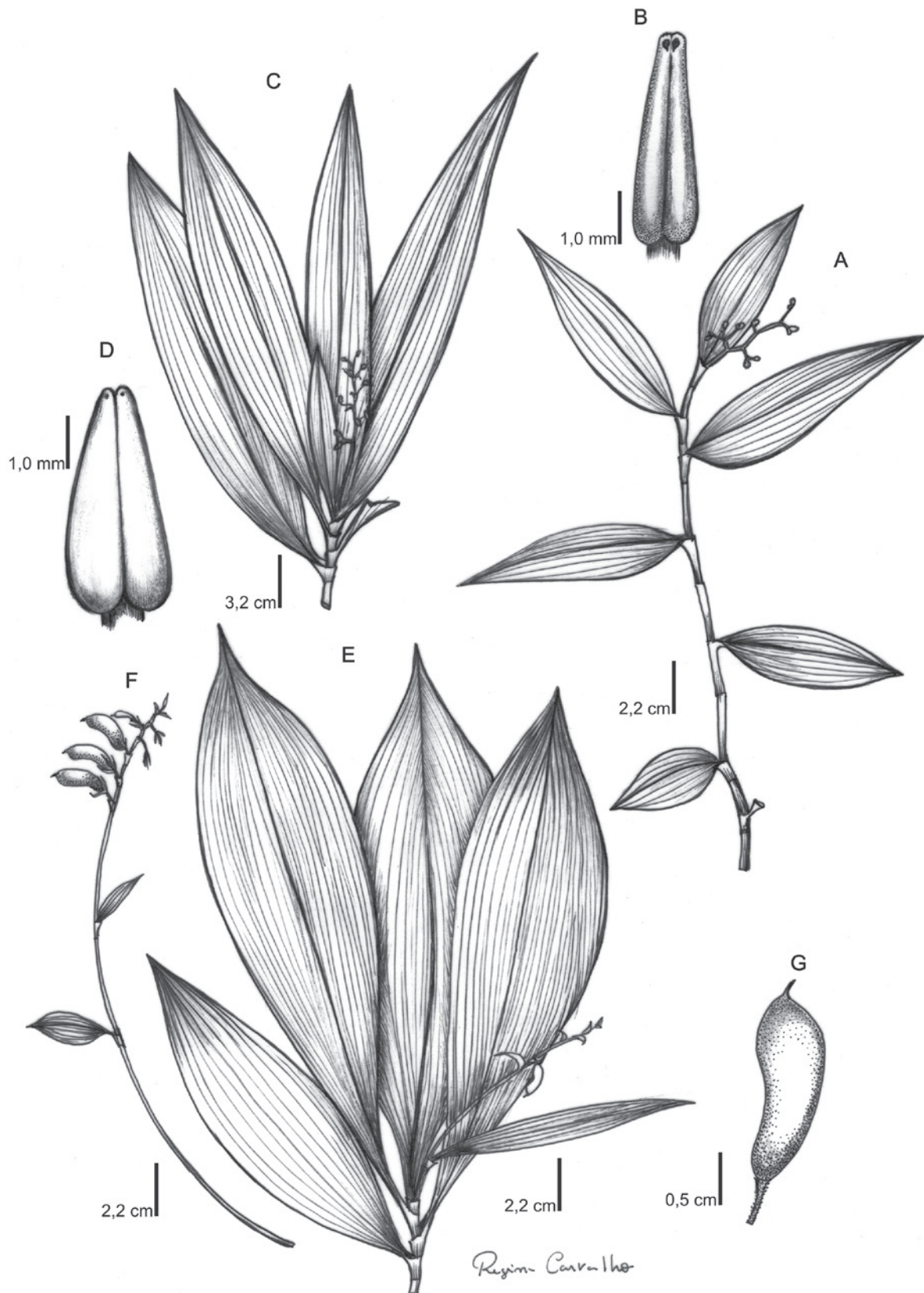


Figura 4. A-B. *Dichorisandra hexandra* (Aubl.) C.B. Clarke. A. Hábito; B. Detalhe dos estames ilustrando a antera poricida (M. Landim 492, ASE). C-D. *Dichorisandra procera* Mart. ex Schultes f. C. Hábito; D. Detalhe dos estames ilustrando a antera poricida (L.A Gomes 674, ASE). E-G. *Dichorisandra* sp. 2. E. Hábito; F. Detalhe da inflorescência; G. Fruto cilíndrico (L.A.S Santos 206, ASE).

DROSERACEAE

Tamires Carregosa¹
Andrea Borges de Menezes¹
Maria Ana Farinaccio²

Ervas terrestres, raro aquáticas, geralmente perenes; caules curtos, raramente alongados. Folhas simples, alternas, raro verticiladas, geralmente dispostas em rosetas, lâmina modificada em armadilha; estípulas geralmente presentes. Inflorescências cimosas, raro flores solitárias. Flores bissexuadas, diclamídeas, actinomorfas; cálice (4)–5 mero, gamossépalo, imbricado; corola (4)–5 mero, dialipétala, pétalas unguiculadas; estames 5 (triplostêmone em *Dionaea* Sol. ex J. Ellis), livres, raro unidos, alternos às pétalas; anteras rimosas; ovário súpero, 3–5 carpelar, sincárpico, 1–locular, óvulos 3–numerosos, placentação parietal (basal em *Dionaea*); estiletos (1)–3–5, geralmente livres, inteiros ou bifurcados na base. Fruto cápsula loculicida, indeiscente em *Aldrovanda* L., 2–5 valvar; sementes 3–muitas.

Droseraceae se destaca por incluir plantas insetívoras que desenvolveram um eficiente mecanismo de captura através de folhas modificadas ou glândulas secretoras de mucilagem e enzimas digestivas (Juniper *et al.* 1989). Essa família inclui mais de 200 espécies distribuídas em três gêneros, *Drosera* L., *Dionaea* e *Aldrovanda* sendo os dois últimos monotípicos (Rivadavia *et al.* 2003). *Drosera* é um gênero cosmopolita, enquanto *Aldrovanda vesiculosa* L. é amplamente distribuída pela África, Europa, Ásia e Austrália, mas não ocorre no continente americano (Gonella 2012); já *Dionaea muscipula* Ellis está restrita a região Sudeste dos Estados Unidos (Juniper *et al.* 1989). No Brasil, Droseraceae, está representada apenas por *Drosera*, conhecido popularmente como “orvalhinha” (Santos 1980). São registradas três espécies de Droseraceae para Sergipe, sendo que *Drosera sessilifolia* A.St.-Hil. e *D. brevifolia* Pursh são citadas pela primeira vez para o Estado, e esta última é aqui documentada pela primeira vez para a região Nordeste do Brasil.

1. *Drosera* L.

Ervas. Folhas em roseta, lâmina obovais a espatulada, face adaxial coberta por emergências glandulares (tentáculos), estípulas retangulares ou ausentes. Inflorescência 1–9 flores, cincino escorpióide, pedúnculos e pedicelos vináceos, tricomas glandulares presentes. Flores 5–meras; sépalas 5, parcialmente unidas em grau variável, tricomas glandulares presentes; pétalas geralmente róseas; estames 5, alternos às pétalas, eretos, anteras bitecas, amarelas; ovário 3–5 carpelos, placentação parietal, óvulos numerosos; estiletos bipartidos até a base ou 5 inteiros. Fruto cápsula loculicida, 3–5 valvar.

¹Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Depto. Biologia Vegetal, Cidade Universitária Zeferino Vaz, Rua Monteiro Lobato, 13083-970, Campinas, SP, Brasil. tamirescarregosa@gmail.com

²Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-PPGBV-UFMS, Caixa Postal 549. CEP 79070-900, Campo Grande, MS, Brasil. mfarinaccio@hotmail.com

Estima-se que *Drosera* apresente mais de 200 espécies, com distribuição cosmopolita, sendo mais frequente nas regiões tropicais (Juniper *et al.* 1989, Gonella 2012). Ocorrem principalmente no sudoeste da Austrália, onde são registradas mais de 50% de espécies endêmicas e representa o principal centro de diversidade do gênero (McPherson 2010). No Brasil, o gênero apresenta ca. 30 espécies distribuídas em todo o país, principalmente ao longo da Cadeia do Espinhaço e Serra da Mantiqueira (Gonella 2012, Gonella *et al.* 2014, Rivadavia *et al.* 2014, Correa & Silva 2005). Para Sergipe foram confirmadas três espécies, encontradas principalmente sobre rochas ou solos arenosos, úmidos e ácidos.

Chave para identificação das espécies de *Drosera* de Sergipe

1. Ovário 5-carpelar; estiletes 5, inteiros; estigmas 5, com papilas alongadas **1.2. *D. sessilifolia***
 1'. Ovário 3-carpelar; estiletes 3, bifurcados até próximo a base; estigma 3, sem papilas ..
 2
 2. Folhas espatuladas; estípulas ausentes **1.1. *D. brevifolia***
 2'. Folhas ovadas a oblongo-ovadas; estípulas presentes
 **1.3. *D. tomentosa* var. *tomentosa***

1.1. *Drosera brevifolia* Pursh

Erva 1,5–4,0 cm alt. Folhas adpressas ao solo, vináceas, pecioladas; pecíolo 1–1,5 mm compr., esparsamente viloso; lâmina 6–10 × 3,2–4,2 mm, espatulada, ápice arredondado, vilosa, tricomas filamentosos em ambas as faces; estípulas ausentes. Inflorescência 1–4 flores; pedúnculo 0,6–3 cm de compr.; esparsamente pubescente, tricomas glandulares, mais denso na porção distal; brácteas lineares, ca. 0,8 mm compr. Flores pediceladas; pedicelo 0,8–1,5 mm compr., vináceo; sépalas 1,5–2,5 mm de compr., face abaxial pubérula, tricomas glandulares presentes, sépalas ovais, ápice obtuso a agudo; pétalas róseas, 2–2,8 mm compr. ovais; estames 1,3–1,8 mm compr.; anteras ca. 0,5 mm compr.; estiletes 3, 1,2–2 mm compr., bifurcados até próximo a base; ovário 3-carpelar, 0,5–1 mm compr., elipsoide a globoso; estigmas 6, bilabiados. Frutos 3-valvares, elipsoide.

Comentários: *Drosera brevifolia* apresenta distribuição nas Antilhas, América Central, Américas do Norte e do Sul. Essa espécie era citada apenas para a região Sul do Brasil, encontrada em campos arenosos de regiões litorâneas ou em margens de rios (Silva & Giuliatti 1997; Correa & Silva 2005). Este representa o primeiro registro para Sergipe e, conseqüentemente, para a região Nordeste. Em Sergipe foi encontrada no Parque Nacional Serra de Itabaiana, área de ecótono entre Mata Atlântica e Caatinga. Pode ser facilmente reconhecida pela ausência de estípulas. Floresce de julho a outubro. Ilustração em Correa, & Silva. 2005.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, IX/2012, fl. fr., A. Menezes *et al.* 83 (ASE).

1.2. *Drosera sessilifolia* A. St.-Hil.

Erva 3,5–11 cm de alt. Folhas adpressas ao solo, quando jovens semi-eretas, patentes quando senescentes, vináceas, sésseis; lâmina 7,5–12 × 4,8–7 mm, espatulada, ápice arredondado, face adaxial com tentáculos apicais glandulares, região basal com tricomas glandulares esparsos, face abaxial, densamente coberta por tricomas glandulares curtos; estípulas retangulares, membranáceas, ápice dividido em múltiplos segmentos laciniados. Inflorescência 1–4 flores; pedúnculo 3–80 mm compr., glabro; brácteas lineares, ca. 2 mm compr., caducas. Flores pediceladas; pedicelo 1–1,8 mm de compr., tricomas glandulares esparsos; sépalas 3–4 mm de compr., vináceas, face adaxial pubescente, tricomas glandulares, sépalas oblongas, ápices obtusos; pétalas róseas, 2,5–3 mm compr., obovais; estames ca. 3 mm compr.; anteras ca., 1 mm compr.; estiletos 5, ca. 2,5 mm compr., inteiros; ovário 5-carpelar, ca. 1,5 mm; estigmas 5, papilosos. Frutos 5-valvares, elipsoides.

Comentários: *Drosera sessilifolia* tem sua distribuição restrita à América do Sul (Correa & Silva 2005; Rivadavia *et al.* 2014). No Brasil foi registrada para os estados do Pará, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Minas Gerais (Correa & Silva 2005; Silva 2014). O resultado obtido representa uma nova ocorrência para o estado de Sergipe. Essa espécie ocorre em vegetação de Restinga aberta, sobre solo arenoso e recoberto por uma fina película de água. É caracterizada por apresentar estípulas retangulares, ápice dividido em múltiplos segmentos laciniados, além de ovário pentacarpelar e 5 estiletos inteiros. Floresce em junho e julho e frutifica em julho. Ilustração em Correa & Silva 2005.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Pirambu, VII/2013, fl., T. Carregosa & E. Santos 408 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Ceará:** Ipueiras, Serra da Ibiapaba, VII/1979. fl., C.A. Miranda 325 (ASE).

1.3 *Drosera tomentosa* A.St.-Hil. var. *tomentosa*

Erva 8–17 cm de alt. Folhas adpressas ao solo, vináceas, pecioladas; pecíolo ca. 1,5 mm compr., esparsamente viloso; lâmina 8,5–15 × 3,1–4,3 mm, oboval, ápice obtuso, face adaxial com tentáculos glandulares, esparsos até a região mediana, vilosa na porção distal, face abaxial glabra; estípulas retangulares, membranáceas, ápice dividido em múltiplos segmentos laciniados. Inflorescência 4–9 flores; pedúnculo 7–12 cm de compr., tomentoso, menos denso na porção distal, tricomas glandulares; brácteas lanceoladas, ca. 1 mm compr., caducas. Flores pediceladas; pedicelo 0,8–2 mm compr., pubescente; sépalas 2,5–3,5 mm compr., vináceas, face adaxial pubescente, tricomas glandulares, sépalas ovais a oblongo-ovais, ápice agudo; pétalas róseas, 2,8–3,7 mm compr., obovais; estames 5, ca. 2–3 mm compr., anteras ca. 0.6 mm compr., estiletos 4, 2–3 mm compr., bifurcados até próximo à base; ovário 3-carpelar, ca. 1,2 mm compr.; estigmas 6, papilas ausentes. Frutos 3-valvares, elipsoides.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, *Drosera tomentosa* var. *tomentosa* tem sua distribuição central ao longo da Cadeia do Espinhaço, em Minas Gerais e Bahia, estendendo-se para o leste de Minas Gerais, no Pico da Aliança. Em Sergipe ocorre na Serra de Itabaiana, região agreste do estado (Rivadavia *et al.* 2014). É reconhecida por apresentar folhas geralmente oblongo-ovais, além de estípulas retangulares, com ápice dividido em múltiplos segmentos laciniados e escapos tomentosos. Ilustração em Rivadavia *et al.* 2014.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, IX/1981, fl. fr., *G. Viana* 65 (ASE).

Referências Bibliográficas

Correa, M.D & T.R.S Silva. 2005. *Drosera* (Droseraceae). **Flora Neotropica Monograph** 96. New York: New York Botanical Garden. 65 p.

Gonella, P.M. 2012. **Revisão taxonômica do clado tetraploide-brasileiro de *Drosera* L. (Droseraceae)**. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Gonella, P.M., F. Rivadavia, P.T. Sano & A. Fleischmann. 2014. Exhuming Saint-Hilaire: revision of the *Drosera villosa* complex (Droseraceae) supports 200 year-old neglected species concepts. **Phytotaxa** **156**: 1–40.

Juniper, B.E., Robins, R.J., & Joel, D.M. 1989. **The carnivorous plants**. Academic Press Limited, London. 353 p.

McPherson, S. 2010. **Carnivorous plants and their habitats**. In: Fleischmann, A. & Robinson, A. (Eds.). London: Redfern natural history Productions.

Rivadavia, F.; Gonella, P.M.; Sano, P.T., & Fleischmann, A. 2014. Elucidating the controversial *Drosera montana* complex (Droseraceae): a taxonomic revision. **Phytotaxa** **172**(3): 141-175.

Rivadavia, F.; Kondo, K.; Kato, M. & Hasebe, M. 2003. Phylogeny of the sundews, *Drosera* (Droseraceae), based on chloroplast *rbcl* and nuclear 18S ribosomal DNA sequences. **Amer. J. Bot.** **90**(1): 123-130.

Santos, E. 1980. Droseráceas. In: Reitz, R. (Ed). **Flora Ilustrada Catarinense**. Itajaí: Herbário Barbosa Rodriguez.

Silva, T.R.S. 2014. Droseraceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB7420>>. (Acesso em: 22 Julho 2014).

Silva, T.R.S & A.M. Giuliatti. 1997. Levantamento das Droseraceae do Brasil. **Bol. Bot. Univ. São Paulo** **16**: 75-105.

Lista de Exsicatas

Amorim, B.S. 144 (1.1); **Carregosa, T.** 402 (1.2), 408 (1.2); **Costa, S.M.** 386 (1.1), 438 (1.1); **Menezes, A.** 83 (1.1); **Miranda, C.A.** 325 (1.2); **Viana, G.** 65 (1.3).

ELAEOCARPACEAE

Daniela Sampaio¹

Árvores ou arvoretas. Folhas alternas, subopostas ou opostas; pecioladas; simples; estípulas persistentes ou caducas. Inflorescências axilares ou terminais. Flores geralmente bissexuadas, actinomorfas, monoclamídeas; sépalas-4, livres, prefloração valvar; pétalas ausentes; estames 4-numerosos, livres entre si; anteras geralmente bitecas, deiscentes por fendas transversais, apicais ou laterais; conectivos conspicuamente prolongados; gineceu 2-4-carpelar, gamocarpelar, estilete partido; ovário súpero. Fruto cápsula lenhosa, loculicida, armado. Semente, 1, glabra, arilada.

A família é composta por 12 gêneros e aproximadamente 500 espécies, com distribuição na América do Sul, Austrália, Ásia e Madagascar, estando ausente nos continentes africano e europeu e também na América do Norte. No Brasil, encontram-se apenas os gêneros *Crinodendron* Molina (monoespecífico e restrito à Santa Catarina) e *Sloanea* L., com cerca de 50 espécies (Crayn *et al.*, 2006; Mabberley, 2008; Sampaio, 2009). *Sloanea* pode ser encontrada ao longo de matas de galeria e em florestas preservadas.

1. *Sloanea garckeana* K. Schum., Fl. Bras. 12 (3): 177, pl. 36. 1886.

Nome popular: bucho-de-veado, sapopemba.

Árvores, 5,0-9,0 m alt. Folhas alternas a subopostas; pecíolos 7,0-22,0 mm compr.; limbo obovado a oblanceolado, 50,0-192,0 x 24,0-51,0 mm, glabro a pubescente na face abaxial, glabro na face adaxial; base aguda ou cuneada; ápice acuminado ou agudo; margem inteira; venação broquidódroma ou craspedódroma apenas na porção superior do limbo; estípulas persistentes. Inflorescência triflora, axilares; pedúnculo 38,0-41,0 mm compr. Sépalas, 5,0-7,0 x 3,0 mm, ovadas, margem revoluta e tomentosa na face interna; filete 1,0-2,0 mm compr., anteras 2,0-3,0 mm compr., prolongamento do conectivo aristado, 2,0-4,0 mm compr.; ovário ca. 3,0 mm compr., velutino, séssil, estilete ca. 4,0 mm compr. Fruto 4-valvar, 27,0-32,0 x 9,0-14,0 mm., coberto por cerdas ca. 4,0 mm compr. Semente, ca. 12,0 x 5,0 mm, arilo vermelho.

Comentários: *Sloanea garckeana* foi a única espécie da família registrada para Sergipe. Ocorre de Santa Catarina a Sergipe, na Floresta Atlântica e em matas de galeria no Centro-Oeste do Brasil, geralmente em áreas preservadas. A principal característica diagnóstica da espécie são as sépalas que cobrem os órgãos reprodutivos na pré-antese, a inflorescência triflora e o prolongamento do conectivo aristado. Floresce e frutifica o ano todo. Ilustrações da espécie podem ser encontradas em Sampaio (2009).

¹Universidade Estadual Paulista – UNESP - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – IBILCE – Rua Cristóvão Colombo, 2265 - CEP:15.054-000 - São José do Rio Preto/SP. dsampaio@ibilce.unesp.br

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Indiaroba, VIII/2007, *C. Gomes* 127 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, XI/1985, *G. Viana* 1198 (ASE); São Cristóvão, XII/2005, *L.M.O. Rodrigues et al.* 17 (ASE).

Referências Bibliográficas

Crayn, D.M.; Rosseto, M. & Maynard, D.J. 2006. Molecular phylogeny and dating reveals an Oligo-Miocene radiation of dry-adapted shrubs (former Tremandraceae) from rainforest tree progenitors (Elaeocarpaceae) in Australia. **American Journal of Botany** **93** (9): 1328-1342.

Mabberley, D.J. 2008. **The plant book: A portable dictionary of the vascular plants.** 3 ed., Cambridge University press.

Sampaio, D. 2009. **Revisão taxonômica das espécies neotropicais extra-amazônicas de Sloanea L. (Elaeocarpaceae) na América do Sul.** Tese de doutorado. UNICAMP, Campinas, 169p.

Lista de Exsicatas

Carneiro, E.M. 325 (1); **Gomes, C.** 127 (1); **Gomes, C.** 87 (1), 59 (1); **Landim, M.** 236 (1), 408 (1); **Rodrigues, L.M.O.** 17 (1); **Sant'Ana, S.C.** 427 (1); **Viana, G.** 1198 (1).

GLEICHENIACEAE

Augusto César Pessôa Santiago¹

Ervas terrícolas. Caule longo-reptante, ramificado, com tricomas ou escamas. Frondes monomorfas, indeterminadas, eretas ou escandentes, porte mediano ou grande, pseudodicotomicamente divididas, com uma gema latente na axila das bifurcações. Pecíolo contínuo com o caule, com 1 feixe vascular em forma de "C" na base. Lâmina foliar 1-4-furcadas ou não furcadas, 2-pinadas. Venação aberta, vênulas 1-4-furcadas. Soros com 2-20 esporângios, abaxiais sobre as vênulas, arredondados, com ou sem paráfises. Indúcio ausente. Esporângios subsésseis globosos, anel oblíquo completo. Esporos aclorofilados, monoletes ou triletes.

Gleicheniaceae é uma família monofilética, pantropical, composta por seis gêneros e cerca de 130 espécies (Smith et al. 2008). No Brasil, está representada por três gêneros e 12 espécies, sendo a maioria registrada em área de Floresta Atlântica (Matos 2014). Os representantes da família, normalmente são encontrados em locais antropizados, áreas abertas, na margem das matas ou nas trilhas (Kramer 1990; Barros & Xavier 2009). Muitas vezes é possível observar algumas espécies de Gleicheniaceae ocupando áreas de clareiras em interior de mata ou grandes barrancos em margens de estradas, sendo facilmente reconhecidas por suas folhas pseudodicotomicamente divididas. Em Sergipe, foi registrada apenas *Dicranopteris flexuosa* (Schrad.) Underw., que ainda não havia sido citada para o Estado.

1. *Dicranopteris flexuosa* (Schrad.) Underw., Bull. Torrey Bot. Club 34: 254. 1907.

Caule ca. 2 mm diâmetro, com tricomas castanho-escuros a avermelhados, simples a irregularmente ramificados. Frondes eretas, ca. 70 cm comp. Pecíolo 24-40 x 0,2 cm, castanho claro, cilíndrico, com tricomas esparsos na base, semelhantes ao do caule, glabros distalmente. Lâminas foliares 1-3 vezes furcadas, com um par de pinas acessórias na base de cada pseudodicotomia, reflexo, gemas presentes na região da dicotomia, protegidas por tricomas e pseudoestípulas. Últimos ramos 7,5-13 x 1,7-2,0 cm, contínuos com a base, pectinados e pinatífido. Segmentos glabros nas duas faces, geralmente mais largos na porção basal, margens inteiras ou revolutas. Venação livre, vênulas simples a 2-3 vezes furcadas. Soros com 2-6 esporângios, sem paráfises. Esporos triletes.

Comentários: *Dicranopteris flexuosa* ocorre desde o sudeste dos Estados Unidos até a Argentina, sendo amplamente distribuída na região Neotropical (Moran 1995; Prado & Labiak 2003). Também é amplamente distribuída em território brasileiro, ocorrendo em

¹Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, Núcleo de Biologia. CEP: 55608-680, Vitória de Santo Antão-PE, Brasil. augustosantiago@yahoo.com.br

todas as regiões (Matos 2014). Este é o primeiro registro para o estado de Sergipe. A espécie pode ser encontrada em uma grande diversidade de ambientes, desde o interior de florestas, em clareiras, bordas de trilhas, margem das matas, barrancos nas margens de estradas e áreas degradadas (Windisch 1994; Prado & Labiak 2003; Arantes et al. 2008). Em Sergipe foi coletada na Serra de Itabaiana, na estrada principal de acesso, em ambiente sombreado perto de um regato. *Dicranopteris flexuosa* é próxima a *D. linearis* (Burm. f.) Underw., porém pode ser distinguida pelas nervuras proeminentes em ambas as faces da lâmina e segmentos com margem levemente revoluta e com ápice arredondado (vs. nervuras proeminentes apenas na face adaxial e segmentos com margem fortemente revoluta e ápice agudo em *D. linearis*) (Prado & Labiak 2003).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VII/2014, A. Santiago 1317 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Alagoas:** Murici, V/2009, A.F.N. Pereira & I.A.A. Silva 1004 (UFP); **Pernambuco:** Caruaru, VI/1986, I.C.L. Barros s.n. (UFP 7148).

Referências Bibliográficas

Arantes, A.A.; Prado, J. & Ranal, M.A. 2008. Monilófitas da Estação Ecológica do Panga, Uberlândia, Estado Minas Gerais, Brasil: Dennstaedtiaceae, Dryopteridaceae, Gleicheniaceae, Hymenophyllaceae e Lindsaeaceae. **Hoehnea** 35(3): 367-37.

Barros, I.C.L. & Xavier, S.R.S. 2009. Pteridófitas do estado de Pernambuco, Brasil: Glecheniaceae. **Bradea** 14(2):11-20.

Kramer, K.U. 1990. Gleicheniaceae. In: K.U. Kramer & P.S. Green (eds.). Pteridophytes and Gymnosperms. In: K. Kubitzki (ed.). **The Families and Genera of Vascular Plants**. Springer-Verlag, Berlin, V. 1, p. 145-152.

Matos, F.B. 2014. Gleicheniaceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB91160>> (Acesso em 07 Agosto 2014).

Moran, R.C. 1995. Gleicheniaceae. In: R.C. Moran & R. Riba (eds.). Psilotaceae a Salviniaceae. In: G. Davidse, M. Souza & S. Knapp (eds.). **Flora Mesoamericana** Universidad Nacional Autónoma de México, Ciudad de México, V.1, p. 58-62.

Prado, J. & Labiak, P.H. 2003. **Flora de Grão-Mogol**, Minas Gerais: Pteridófitas. Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo 21: 25-47.

Smith, A.R.; Pryer, K.M.; Schuettpelz, E.; Korall, P.; Schneider, H. & Wolf, P.G. 2008. Fern Classification. In: T.A. Ranker & C.H. Haufler (eds.). **The Biology and Evolution of Ferns and Lycophytes**. Cambridge Univ. Press, p. 417-467.

Windisch, P.G. 1994. Pteridófitas do estado do Mato Grosso: Gleicheniaceae. **Bradea** 6(37): 304-311.

Lista de Exsicatas

Barros, I.C.L. s.n. UFP 7148 (1); **Costa, M.S.** 373 (1), 388 (1); **Pereira, A.F.N.** 1004 (1); **Santiago, A.** 1317 (1).

HALORAGACEAE

Lidyanne Yuriiko Saleme Aona¹

Ervas a subarbustos, terrestres ou aquáticas submersas ou emergentes. Folhas opostas ou verticiladas, raro alternas, inteiras ou divididas, heterofilia comum. Inflorescência dicasial, cimososa ou fasciculada, ou flores solitárias e axilares. Flores em geral pouco vistosas, unissexuadas raramente bissexuadas, actinomorfas, monoclamídeas ou diclamídeas, cálice (2-)3-4-mero, dialissépalo, prefloração valvar, corola (2-)3-4-mera, dialipétala, prefloração imbricada, raro ausente, estames em número igual ou duplo ao das sépalas, geralmente com filetes curtos e anteras longas e rimosas, ovário ínfero, (2)3-4-locular, placentação apical, lóculos uniovulados, raro biovulados, estigmas penicilados, em número igual ao de carpelos. Fruto núcula, drupa ou esquizocarpo com 1-4 sementes, ou rompendo-se em mericarpos com uma semente cada. Sementes reduzidas, embrião cilíndrico, endosperma amiláceo.

Haloragaceae tem distribuição cosmopolita, possui cerca de 145 espécies e inclui oito gêneros, dos quais cinco são aquáticos. No Brasil, ocorrem duas espécies pertencentes aos gêneros *Laurembergia* P.J. Bergius e *Myriophyllum* L. No estado de Sergipe ocorre apenas o gênero *Laurembergia*.

1. *Laurembergia* P.J. Bergius, Descr. Pl. Cap. 350. 1767.

Ervas anfíbias ou brejosas, perenes, rizomatosas, prostradas ou eretas, ramificadas. Folhas opostas, alternas ou subverticiladas, sésseis ou subsésseis, simples, inteiras ou denteadas, frequentemente avermelhadas. Inflorescência axilar congesta. Flores anemófilas, diminutas, 4-meras, avermelhadas; flores masculinas pediceladas, sépalas 4, caducas, reduzidas, pétalas 4, excedendo as sépalas, estames 4 a 8; flores femininas sésseis, sépalas reduzidas, pétalas rudimentares ou ausentes, ovário 4-carpelar, 1-locular, óvulos 4, estiletos 4, bifurcados ou não, estigmas 4-8; flores bissexuadas pediceladas, sépalas 4, pétalas rudimentares ou ausentes, estames 4, ovário 4-carpelar, estigmas 4. Fruto noz de endocarpo lenhoso, lobos do cálice persistentes. Semente 1 por fruto, oblonga.

O gênero inclui quatro espécies de áreas alagadas, com distribuição pantropical com apenas uma espécie ocorrendo no Brasil.

1.1. *Laurembergia tetrandra* (Schott) Kanitz in Mart., Fl. Bras. 13(2): 378. 1882.

Erva polígamo-monóica. Caule até 18 cm, glabro ou raramente pubérulo na base, avermelhado ou verde. Folhas 7-11 × 1-1,5 mm, opostas na região basal, alternas na

¹Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas. Rua Rui Barbosa, 710, Centro. CEP: 4480-000, Cruz das Almas, Bahia. lidyanne.aona@gmail.com

porção apical dos ramos, glabras ou raramente pubérulas, lineares a lanceoladas, ápice agudo ou obtuso, base estreita e levemente decurrente, margem bidentada em direção ao ápice. Inflorescências axilares. Flores subsésseis diminutas, 4-meras, rosadas; flor masculina: sépalas triangulares, 0,5–1 × 0,3–1 mm; pétalas oblongas, 1,5–2 × 0,5 mm; estames 4, 1–1,5 mm, lineares-oblongos; flor fem.: sépalas triangulares 0,5-1 × 0,4–0,5 mm, pétalas ausentes; ovário globoso a oval, estigmas fimbriados; flores bissexuadas: sépalas triangulares; pétalas ausentes; estames 4, epissépalos, anteras oblongas; ovário subgloboso; estigmas 4, mamilados. Fruto globular, 1 × 1 mm, vermelho a enegrecido, com 4 costelas castanho-claras.

Comentários: No Brasil, a espécie ocorre na Bahia, Pernambuco, Distrito Federal, Mato Grosso do Sul, regiões Sudeste e Sul (Amaral, 2014). Este é o primeiro registro da espécie para o estado de Sergipe. Ilustrações encontram-se em Aona & Amaral (2003: 106, Fig. 1) e Mereles & Degen (1993: 9, Fig. 1).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Santo Amaro das Brotas, VI/2011, fr., *J.E. Nascimento-Júnior 1062 et al.* (ASE, UEC).

Referências Bibliográficas

Amaral, M.C.E. Haloragaceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB17765>> (Acesso em: 27 Mar. 2014).

Aona, L.Y.S. & Amaral, M.C.E. 2003. Haloragaceae. In: M.G.L. Wanderley; G.J. Shepherd; A.M. Giuliatti & T.S. Melhem (ed.). **Flora Fanerogâmica do estado de São Paulo**. Rima. Vol. 3, p. 105-7

Mereles, F. & Degen, R. 1993. Haloragaceae. In: R. Spichiger & L. Ramella (ed.). **Flora del Paraguay**. Conservatoire et Jardin botaniques de La Ville de Genève, Missouri Botanical Garden. Vol. 19, p. 1-14.

Zappi, D.M. & Taylor, N.P. 1995. Haloragaceae. In: B.L. Stannard (ed.). **Flora of the Pico das Almas, Chapada Diamantina, Brazil**. Kew, Royal Botanic Gardens. p. 333.

Vazquez, G.D. & Giuliatti, A.M. 1997. Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais: Haloragaceae. **Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo** **16**: 119-120.

Lista de Exsicatas

Nascimento-Júnior, J.E. 1062 (1.1); 911 (1.1).

HYDROCHARITACEAE

Lidyanne Yuriko Saleme Aona¹

Ervas aquáticas, anuais ou perenes, enraizadas ou flutuantes livres, monóicas ou dióicas. Caule alongado ou curto, simples ou ramificado. Folhas geralmente submersas, raramente flutuantes ou parcialmente emersas; pecíolo e estípulas presentes ou ausentes. Inflorescências complexas ou flores solitárias, protegidas por duas brácteas geralmente conatas (coletivamente chamadas de espata). Flores unissexuadas ou raramente bissexuadas, emersas ou submersas, vistosas ou muito reduzidas; sépalas (1–)3, raramente ausentes; pétalas (1–)3, diminutas a grandes e vistosas, inseridas diretamente no ápice do ovário ou elevadas em um longo e delgado hipanto, raro ausentes; estames 1 - vários; ovário ínfero, carpelos 3 - 20 ou mais, placentação laminar ou parietal intrusiva, estilete reduzido, estigmas geralmente ramificados. Fruto baga ou cápsula de deiscência irregular, raro indeiscente (*Najas*). Sementes numerosas ou semente única (*Najas*).

A família Hydrocharitaceae apresenta distribuição subcosmopolita, com 15 gêneros (incluindo *Najas* L.) de água doce e três marinhos (Cook 1990; Souza & Lorenzi 2012). No estado de Sergipe está representada por uma espécie.

1. *Apalanthe* Planch., Ann. Mag. Nat. Hist. sér. 2, 1: 87. 1848.

Ervas submersas, dulciaquícolas, monóicas. Raízes não ramificadas. Caule alongado, ramificado, entrenós distintos. Folhas submersas, alternas na base do caule, frequentemente em verticilos com 5-7 folhas ao longo do caule ou congestas no ápice, lineares a estreito-triangulares, sésseis. Flores emersas solitárias, bissexuadas, axilares, protegidas por espatas sésseis ou subsésseis; hipanto rígido, alongado, esverdeado; sépalas 3, reflexas, esverdeadas; pétalas 3, obovais, vistosas, alvas; estames 3, livres, filetes filiformes, eretos; ovário 3–carpelar, 1–locular, placentação parietal; estiletos 3. Fruto com deiscência irregular, irregularmente elipsóide. Sementes 6-7, fusiformes.

O gênero inclui uma espécie que ocorre na América do Sul tropical (Cook 1985). No Brasil, foi coletada nos seguintes estados: Amazonas, Pará, Roraima, Tocantins, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo (Bove 2014), sendo o primeiro registro para o estado de Sergipe.

¹Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas. Rua Rui Barbosa, 710, Centro. CEP: 4480-000, Cruz das Almas-Bahia. lidyanne.aona@gmail.com

1.1 *Apalanthe granatensis* (Humb. & Bonpl.) Planch., Ann. Mag. Nat. Hist., sér. 2, 1: 87. 1848.

Fig. 1. A-F.

Ervas até 22 cm compr. Folhas 15–20 × 1 mm, 5-6-verticiladas, ápice agudo, base atenuada, margem serreada, cílios diminutos, unicelulares. Flores protegidas por uma espata, 5–7 mm, cilíndrica a cônica, dentes apicais 2; hipanto 10–27 mm compr.; sépalas 1–2,2 × 1 mm, ovais, livres, ápice arredondado; pétalas 1,5–4 × 2–3 mm, obovais a largamente obovais, deliquescentes; estames 0,5–1 mm, anteras ca. 0,3 mm compr., amareladas, ovóides a elipsóides; ovário glabro, liso, 8–10 óvulos por carpelo, estiletos 3, antisépalos, estigma 0,8–1,5 mm, achatado, papiloso. Fruto ca. 6 mm compr., glabro. Semente 3–4 mm compr., densamente pilosa, tricomas alvos, unicelulares, ca. 0,5–1 mm compr.

Comentários: Ocorre em todas as regiões do Brasil, sendo esta a primeira citação da espécie para o estado de Sergipe. A espécie é relativamente rara no estado, ocorrendo em lagoas temporárias da Caatinga. *A. granatensis* pode ser facilmente identificada pelas folhas lineares e pelas flores bissexuadas, alvas e delicadas. Entretanto, é semelhante a espécies de *Egeria* Planch., das quais difere por apresentar flores bissexuadas (vs. flores unissexuadas em *Egeria*) e pela presença de 3 estames (vs. 9 estames em *Egeria*). Frequentemente, é cultivada em aquários e serve de alimento e abrigo para peixes (Pott & Pott 2000). Floresce e frutifica nos meses de junho e julho, segundo material de herbário.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, VII/2011, fl., *B.B. Souza*. 2 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Castro Alves, VI/2013, fl.fr., *L.Y.S. Aona & G. Costa* 3218 (HURB).

Referências Bibliográficas

Bove, C.P. Hydrocharitaceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB17821>>. (Acesso em: 28 Set. 2014).

Cook, C.D.K. 1985. A revision of the genus *Apalanthe*. **Aquatic Bot.** 21: 157-164.

Cook, C.D.K. 1990. **Aquatic plant book**. The Hague, Academic Publishing, 208p.

Pott, V.J. & Pott, A. 2000. **Plantas aquáticas do Pantanal**. Embrapa, Brasília. 404p.

Souza, V.C. & Lorenzi, H. 2012. **Botânica Sistemática**. Guia ilustrado para identificação das famílias de Fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG III. 3 ed. Instituto Plantarum, Nova Odessa, SP.

Lista de Exsicatas

Aona, L.Y.S. 3218 (1.1); **Souza, B.B.** 2 (1.1); **Viana, G.** 702 (1.1).

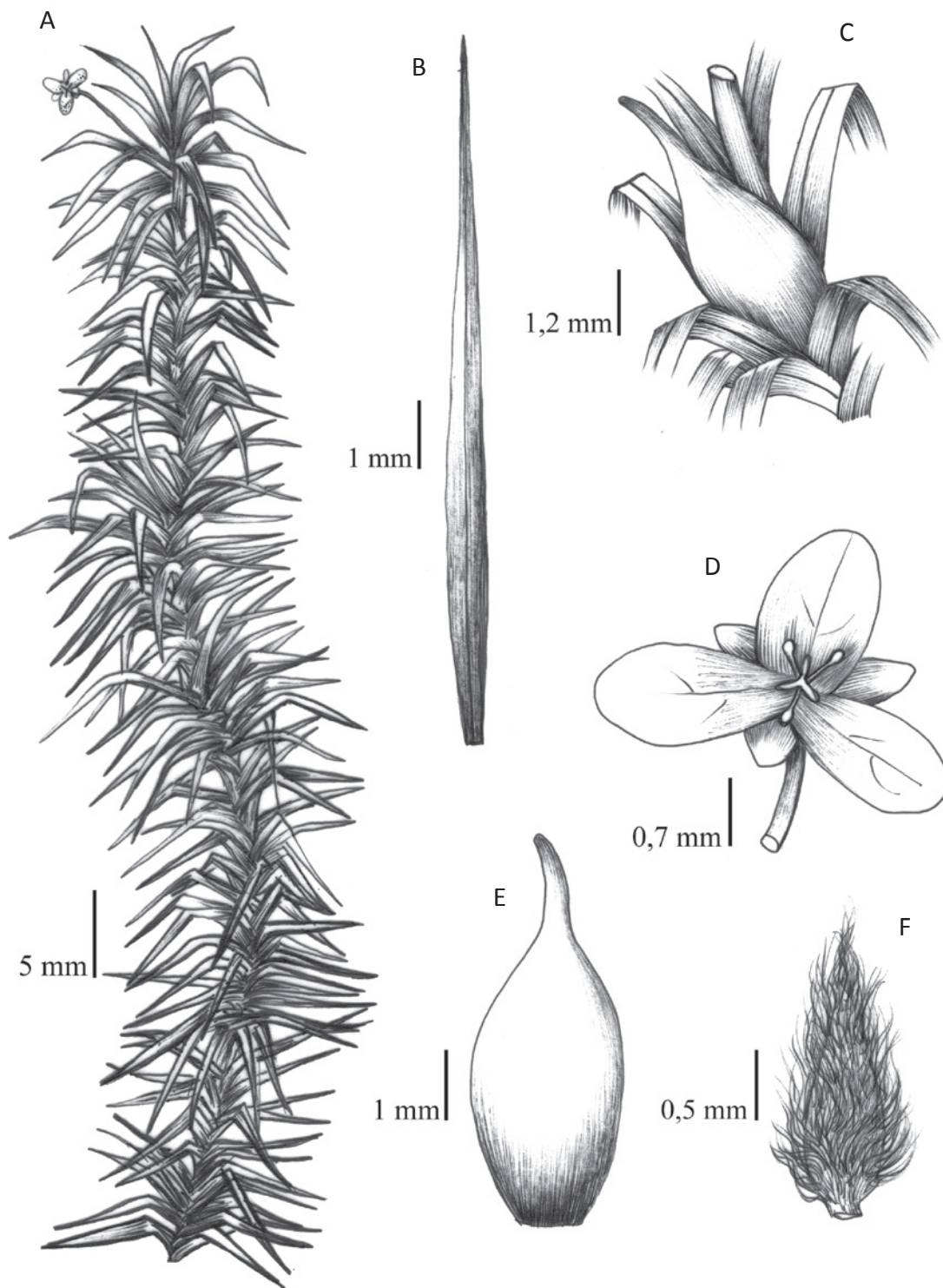


Figura 1. A-E. ***Apalanthe granatensis*** (Humb. & Bonpl.) Planch. A. Hábito; B. Folhas; C. Flor bissexuada evidenciando os estames e estigmas; D. Fruto séssil; E. Detalhe do fruto evidenciando a superfície glabra; F. Semente coberta por tricomas unicelulares. (B.B. Souza, 2, ASE).

MALPIGHIACEAE I

Coordenador: *Andre Marcio Araujo Amorim*^{1,2,4}

Árvores, arbustos, subarbustos a lianas, perenes; tricomas unicelulares, em formato de T, Y ou V, raramente estrelados. Folhas opostas, raramente verticiladas, subopostas ou alternas, glândulas frequentes no pecíolo e na lâmina; lâmina foliar inteira, raramente lobada, margem inteira, denticulada ou ciliada com glândulas marginais; estípulas intra ou interpeciolares, livres ou conadas, grandes a diminutas, persistentes ou caducas. Flores zigomórficas, sépalas 5, livres ou parcialmente adnatas ao receptáculo; elaióforos 5(-4) pares, às vezes ausentes; pétalas 5, livres, unguiculadas, alternas às sépalas, imbricadas, amarelas, róseas ou brancas, pétala posterior diferenciando-se das 4 laterais. Estames 10, raramente 5 ou 6 em alguns gêneros, estames iguais ou heteromórficos. Gineceu tricarpelar, carpelos livres ou conados, às vezes 2, muito raramente 4, cada carpelo contendo 1 óvulo pêndulo, anátropo; estiletos 1 por carpelo, raramente conados ou reduzidos em número. Fruto deiscente ou indeiscente, noz, drupa ou esquizocarpo samaróide; semente sem endosperma (Anderson 1981).

Malpighiaceae inclui ca. 77 gêneros e 1300 espécies de distribuição tropical e subtropical, com cerca de 90% de suas espécies restritas à região Neotropical (Davis & Anderson 2010). No Brasil abrange 44 gêneros e ca. 561 espécies distribuídas por todos os biomas, sendo especialmente diversa no Cerrado, Floresta Amazônica e Atlântica (Mamede *et al.* 2014). Em Sergipe é representada por 20 gêneros e ca. 50 espécies ocorrendo em diferentes fitofisionomias no estado (Figuras 1-2).

Chave para identificação dos gêneros de **Malpighiaceae** de Sergipe

*Rafael Felipe de Almeida*²

*Augusto Francener*³

*Cleiton Pessoa*⁴

Andre Marcio Araujo Amorim^{1,2,4}

1. Frutos drupas ou cocas, inflorescências simples, racemos 2
2. Frutos cocas, elaióforos ausentes 3

¹Universidade Estadual de Santa Cruz, Departamento de Ciências Biológicas, Km 16 rod. Ilhéus-Itabuna. CEP: 45600-970, Ilhéus, Bahia, Brazil. amorim.uesc@gmail.com

²Universidade Estadual de Feira de Santana, Av. Transnordestina, s/n - Novo Horizonte - Feira de Santana - BA. CEP: 44036-900. rafaelalmeida@hotmail.com

³Instituto de Botânica, Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade Vegetal e Meio Ambiente, Núcleo de Pesquisa e Curadoria do Herbário SP, Av. Miguel Stéfano 3687, 04301-902, São Paulo, São Paulo, Brazil. augustofng@yahoo.com.br

⁴Herbário Centro de Pesquisas do Cacau, CEPEC, Rodovia Ilhéus-Itabuna, Km 22, 45650-000, Ilhéus, Bahia, Brazil. amorim.uesc@gmail.com / cleitonspessoa@gmail.com

3. Látex ausente, tricomas estrelados, sépalas desenvolvendo-se em estruturas alada nos frutos, sépalas glandulares.....	20. <i>Thryallis</i>
3'. Látex presente, tricomas malpigiáceos, sépalas não desenvolvidas em estruturas aladas nos frutos, sépalas eglandulares.....	9. <i>Galphimia</i>
2'. Frutos drupas, elaióforos presentes.....	4
4. Brácteas ou bractéolas glandulares, estiletos obtusos.....	5
5. Brácteas glandulares, bractéolas eglandulares, pétalas com margem denticulada, pétalas látero-anteriores livres	5. <i>Bunchosia</i>
5'. Brácteas eglandulares, bractéolas glandulares, pétalas com margem inteira, pétalas látero-anteriores com limbos sobrepostos	14. <i>Mcvaughia</i>
4'. Brácteas ou bractéolas eglandulares, estiletos subulados.....	6. <i>Byrsonima</i>
1'. Frutos esquizocárpicos separando-se em três mericarpos, inflorescências compostas, racemos, umbelas, dicásio ou corimbos.....	6
6. Folhas caducas durante floração, sépalas sempre sem elaióforos, mericarpos setosos	17. <i>Ptilochaeta</i>
6'. Folhas persistentes durante floração (exceto em <i>Diplopterys lutea</i>), sépalas frequentemente com um par de elaióforos (às vezes ausentes em algumas populações), mericarpos alados	7
7. Ala dorsal dos samarídeos mais desenvolvida do que as alas laterais	8
8. Ala dorsal dos samarídeos espessada na margem inferior, pétalas carenadas, ápice dos estiletos geralmente pedaliforme.....	10. <i>Heteropterys</i>
8'. Ala dorsal dos samarídeos espessada na margem superior, pétalas planas, ápice dos estiletos truncado, arredondado ou foliáceo	9
9. Elaióforos decurrentes no pedicelo	3. <i>Barnebya</i>
9'. Elaióforos restritos às sépalas	10
10. Pétalas pubescentes abaxialmente, estames nunca reduzidos a estaminódios, filamentos mais longos do que largos, alas laterais conspícuas.....	8. <i>Diplopterys</i>
10'. Pétalas glabras abaxialmente, estames parcialmente ou completamente reduzidos a estaminódios, filamentos mais longos do que longos, alas laterais ausentes ou reduzidas à alulas ou costelas (exceto em <i>Peixotoa</i>)	11
11. Pétala posterior com um par de glândulas discóides grandes na base do limbo, carpóforo presente, estames iguais, anteras curvadas	4. <i>Bronwenia</i>
11'. Pétala posterior eglandulosa ou com glândulas diminutas na base do limbo, carpóforo ausente, estames heteromórficos, anteras eretas.....	12
12. Dicásios, ápice do estilete foliáceo, estigma lateral	18. <i>Stigmaphyllon</i>
12'. Racemos, corimbos ou umbelas, ápice do estilete arredondado ou truncado, estigma apical	13
13. Androceu com dez estames férteis, conectivos com glândulas proeminentes	2. <i>Banisteriopsis</i>
13'. Androceu com cinco ou seis estames férteis, conectivos com glândulas diminutas ou ausentes.....	14
14. Estípulas interpeciolares conadas e expandidas, cinco estames, cinco estaminódios, gineceu com três estiletos	16. <i>Peixotoa</i>

- 14'. Estípulas intrapeciolares livres e diminutas, seis estames, três estaminódios ou ausentes, gineceu com um estilete **12. Janusia**
- 7'. Alas laterais dos samarídeos mais desenvolvidas do que a ala dorsal 15
15. Samarídeos com duas alas laterais 16
16. Alas laterais conadas e orbiculares, inflorescências em corimbos **13. Mascagnia**
- 16'. Alas laterais livres e trapezoidais, inflorescências em umbelas ou racemos 17
17. Pecíolo com um par de estipelas, alas laterais membranáceas e arredondadas
..... **11. Hiraea**
- 17'. Pecíolo sem estipelas, alas laterais coriáceas e trapezoidais..... 18
18. Brácteas e bractéolas eglandulosas, umbelas **7. Callaeum**
- 18'. Brácteas e bractéolas com um a dois pares de glândulas, racemos **1. Amorimia**
- 15'. Samarídeos com quatro alas laterais (duas posteriores e duas anteriores) 19
19. Bractéolas triangulares, com ápice agudo sépalas recobrimdo o botão floral na antese, alas laterais curtas e largas, alas latero-posteriores tão longas quanto as latero-anteriores **15. Niedenzuella**
- 19'. Bractéolas elípticas, com ápice arredondado, sépalas não recobrimdo o botão floral na antese, alas laterais longas e estreitas, alas latero-posteriores geralmente mais longas que as alas latero-anteriores..... **19. Tetrapteryx**

18. Stigmaphyllon A. Juss.

Bárbara Conceição Santos Lima¹
Rafael Felipe de Almeida²
Ana Paula do Nascimento Prata¹

Trepadeiras herbáceas a lenhosas ou arbustos escandentes a eretos. Folhas opostas, reduzidas na inflorescência; pecíolo com 1 par de glândulas apicais ou subapicais; lâminas inteiras ou lobadas, 1-várias glândulas marginais. Umbelas 2-30 floras, solitárias ou reunidas em dicásios ou panículas de dicásios. Flores com *cálice* biglanduloso; corola amarela, glabra em ambas as faces. Androceu com 10 estames conados na base, estames opostos a sépala anterior e as pétalas latero-posteriores (e aos estiletos) geralmente férteis, maiores que aqueles opostos as sépalas laterais; filetes geralmente mais finos, conectivos proeminentes, lóculos reduzidos ou ausentes. Gineceu com estiletos heteromórficos, paralelos ou divergentes, retos ou arqueados, ápice foliáceo desenvolvido ou ausente; estigma lateral. Samarídeo esquizocárpico com uma ala dorsal mais desenvolvida que as laterais, espessada na margem superior; núcleo seminífero liso ou com 1 par de alulas laterais reduzidas.

¹Universidade Federal de Sergipe, Laboratório de Sistemática Vegetal, Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, Jardim Rosa Elze, São Cristóvão- SE.CEP 49100-000. binhazinha@hotmail.com/apprata@yahoo.com.br

²Universidade Estadual de Feira de Santana, Av. Transnordestina, s/n - Novo Horizonte - Feira de Santana - BA. CEP: 44036-900. rafaelfelipe.almeida@hotmail.com

Stigmaphyllon inclui dois subgêneros e cerca de 120 espécies de distribuição tropical. O subgênero *Ryssopterys* é restrito à região Paleotropical, ocorrendo desde a África, sudeste Asiático até a Oceania (Anderson, 2011). Já o subgênero *Stigmaphyllon* inclui 94 espécies restritas à região Neotropical, com somente *S. bannisterioides* atingindo a costa da África Ocidental (Anderson 1997). No Brasil ocorrem 48 espécies distribuídas em diferentes fitofisionomias, mas principalmente em ambientes florestais (Mamede *et al.* 2014). Em Sergipe ocorrem cinco espécies encontradas em caatingas, florestas ombrófilas e restingas.

Chave para identificação das espécies de ***Stigmaphyllon*** de Sergipe

- 1. Lâminas abaxialmente glabras (tricomas seríceos esparsos) 2
- 2. Lâminas ovadas ou cordadas, margem com glândulas filiformes uniformes, base auriculada, lobos basais sobrepondo-se, umbelas 5-8-floras, núcleo seminífero achatado lateralmente **3. *S. ciliatum***
- 2'. Lâminas ovadas ou sagitadas, margem com glândulas filiformes esparsas, base cordada a auriculada, lobos basais nunca sobrepondo-se, umbelas 8-15-floras, núcleo seminífero proeminente..... **1. *S. auriculatum***
- 1'. Lâminas abaxialmente pubescentes a densamente tomentosas, tricomas uniformemente distribuídos..... 3
- 3. Arbustos eretos, ramos apicais achatados lateralmente, lâminas abaxialmente glabrescentes a seríceas, tricomas adpressos, samarídeos esquizocárpicos com ala dorsal reduzida à uma crista**4. *S. paralias***
- 3'. Trepadeiras lenhosas, ramos apicais cilíndricos, lâminas abaxialmente tomentosas, tricomas não adpressos, samarídeos esquizocárpicos com ala dorsal bem desenvolvida 4
- 4. Lâmina com face abaxial densamente tomentosa, tricomas emaranhados, alvos, glândulas sésseis na margem foliar, estiletos tomentosos..... **5. *S. tomentosum***
- 4. Lâmina com face abaxial esparsamente tomentosa, tricomas retos, hialinos, glândulas estipitadas na margem foliar, estiletos glabros **2. *S. blanchetii***

18. 1. *Stigmaphyllon auriculatum* A. Juss., Fl. Merid. 3:48, pl. 171. 1833 [1832].

Fig. 3 A-C.

Trepadeiras volúveis, ramos apicais cilíndricos. Folhas inteiras a trilobadas; pecíolo 0,4-2,8 cm compr., glabro, um par de glândulas pateliformes; lâminas ovadas a sagitadas, membranáceas, discoloras, 2,8-8 x 1,6-5,8 cm, ápice cuspidado, margem repanda, com glândulas filiformes esparsas, base cordada a auriculada, lobos basais nunca sobrepondo-se, glabra em ambas as faces, glândulas filiformes marginais. Umbelas 8-15-floras, reunidas em dicásios. Flores com sépalas membranáceas, 2-3 x 1,5-2 mm, glabras; pétalas amarelas, orbiculares, margem frimbriada, 6,6-8,5-11 x 6,6-8,5 mm, unguículos 2-2,5 x 1-1,1 mm. Estames heteromórficos, glabros. Ovário velutino; estiletos 3,6-4,4 x 0,5-0,57 mm, cilíndricos, levemente divergentes no ápice, glabros; ápice foliáceo 1,5-1,8 x 1,4-3 mm.

Samarídeos esquizocárpicos verdes, seríceos a glabrescentes; ala dorsal 2-3 x 1-1,5 cm; núcleo seminífero proeminente, liso.

Comentários: É facilmente reconhecida por suas folhas trilobadas, glabras e discolores, com glândulas filiformes na margem. Ocorre em Caatinga.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Gararu, s/d, fl., A.P. Prata et al 3512 (ASE); Lagarto, I/2014, fl., J.P. Santana et al 96 (ASE); Macambira, I/2007, fl., A.C. Silva et al 72 (ASE); Poço Redondo, IV/2008, fl., J.E. Nascimento-Junior et al 292(ASE); Porto da Folha, VIII/2012, fr., A.P. Prata et al. 3262 (ASE); Simão Dias, I/2012, fl., A.P. Prata et al. 2866 (ASE).

18. 2. *Stigmaphyllon blanchetii* C. E. Anderson, Syst. Bot. 14:511. 1989.

Fig. 3 D-F.

Trepadeiras lenhosas; ramos apicais cilíndricos. Folhas inteiras; pecíolos 0,6-2,5 cm compr., tomentosos a glabrescentes, um par de glândulas pateliformes sésseis; lâminas ovadas, elípticas a lanceoladas, cartáceas, discolores, 3,7-12 x 2,5-7,2 cm, ápice acuminado a mucronado, margem inteira, base arredondada, subcordada a cordada, face adaxial glabrescente, abaxial esparsamente tomentosa, tricomas retos, adpressos hialinos, glândulas estipitadas marginais esparsas. Umbelas 10-20-floras, reunidas em dicásios solitários ou estes reunidos em panículas axilares. Flores com sépalas 2,5-2 x 2 mm, seríceas; pétalas amarelas, margem denticulada, 9-13-16 x 7-14 mm, unguículos 0,5-2,1 x 0,5-1,5 mm. Estames heteromórficos, tomentosos. Ovário tomentoso; estiletos 2,8-3,75 x 0,5-0,5 mm, cilíndricos, divergentes desde a base, glabros; ápice foliáceo 2-2,8 x 2-2,3 mm. Samarídeos esquizocárpicos verdes, seríceos; ala dorsal 2-3,3 x 0,8-1,4 cm; núcleo seminífero proeminente, com um par de alulas laterais.

Comentários: É facilmente reconhecida por sua lâmina foliar abaxial tomentosa, com tricomas hialinos esparsos e glândulas marginais estipitadas. Ocorre em Caatinga e floresta ombrófila densa, geralmente associado à ambientes antropizados.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Arauá, XII/1981, fl., G. Viana 283 (ASE); Capela, IV/2012, fl., L.A. Gomes et al 357 (ASE); Estância, IX/1981, fl., E.M. Carneiro 280 (ASE); Itabaiana, I/2007, fl., A.P. Prata et al 1360 (ASE); Itabaianinha, XII/1981, fl., E.M. Carneiro 250 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, X/1997, fl., C. Amaral et al 21 (ASE); Japarutuba, I/1997, fr., M. Landim et al 1124 (ASE); Japoatã, XI/1982, fl., E.M. Carneiro 277 (ASE); Lagarto, V/1982, fl., M.N. Almeida 64 (ASE); Maruim, I/2014, fl., G.S. Freire et al 144 (ASE); Nossa Senhora do Socorro, X/2012, fl., J.P.S. Santos 17 (ASE); Pedrinhas, III/1982, fl., E.M. Carneiro 346 (ASE); Pirambu, II/1983, fl., M.C. Santana 70 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, XI/2013, fl., fr., E. Santos 32 (ASE); São Cristovão, IV/2006, fl., L.V. Ribeiro et al 83 (ASE); Simão Dias, IV/1982, fl., G. Viana 403 (ASE); Siriri, I/2014, fl., B.C.S. Lima et al. 56 (ASE).

18.3. *Stigmaphyllon ciliatum* (Lam.) A. Juss., Fl. Bras. Merid. 3:49. 1833 ['1832'].

Fig. 3 G-I.

Trepadeiras herbáceas; ramos apicais cilíndricos. Folhas inteiras; pecíolos 1,1-2,8 cm compr., seríceos a glabrescentes, um par de glândulas pateliformes sésseis; lâminas ovadas ou cordadas, membranáceas, discolores, 3,2-6,8 x 2-5 cm, ápice mucronado, margem ciliada, com glândulas filiformes uniformes, base auriculada, lobos basais sobrepondo-se, glabra em ambas faces. Umbelas 5-8 flores, reunidas em dicásios solitários axilares. Flores com sépalas 2,5-3 x 1,5-2 mm, glabras; pétalas amarelas, ovadas, margem fimbriada, 7-16 x 9-15,5 mm, unguículos 2-5 x 0,5-1 mm. Estames heteromórficos, glabros. Ovário seríceo; estiletos 3,5-4,5 x 0,25-0,5 mm, cilíndricos, achatados distalmente, divergentes desde a base, glabros; ápice foliáceo 1,4-2,3 x 0,9-2,4 mm. Samarídeos esquizocárpicos verdes, seríceos; ala dorsal falcada, 1,7-2,3 x 0,9-1,7 cm; núcleo seminífero achatado lateralmente, liso.

Comentários: É facilmente reconhecida por ser uma trepadeira herbácea, e por suas lâminas cordadas, glabras e com margem densamente ciliada. Ocorre na restinga.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Nossa Senhora da Glória, XII/2012, fl., *A.P. Prata et al* 3527 (ASE); Poço Redondo, VIII/2010, fl., fr., *W.J. Machado et al* 690 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Espírito Santo:** Guarapari, I/2012, fl., *R.F. Almeida et al* 541 (SP); Sooretama, I/2010, fl. fr., *G.S. Siqueira et al* 512 (CRVD).

18. 4. *Stigmaphyllon paralias* A. Juss., Fl. Bras. Merid. 3:59. 1833 ['1832'].

Fig. 4 A-C.

Arbustos eretos; ramos apicais achatados lateralmente. Folhas inteiras; pecíolos 3-13,5 mm compr., glabrescentes, um par de glândulas pateliformes sésseis; lâminas elípticas, ovadas a lanceoladas, cartáceas, discolores, 3,7-13,5 x 2,4-7,8 cm, ápice obtuso, arredondado a emarginado, margem inteira, base truncada a assimétrica, face adaxial glabra, abaxial glabrescente a serícea, tricomas adpressos. Umbelas 4-12-flores, sésseis, terminais. Flores com sépalas 3-4 x 2,5-3 mm, seríceas; pétalas amarelas, orbiculares, margem denticulada, 7-12 x 7-12 mm, unguículos 1,5-2,5 x 0,5-1,5 mm. Estames heteromórficos, glabros. Ovário seríceo; estiletos 4-4,7 x 0,22-0,55 mm, cilíndricos, divergentes desde a base, glabros; ápice foliáceo 1,5-2,5 x 1,5-3,8 mm. Samarídeos esquizocárpicos verdes, glabros; ala dorsal reduzida à uma crista; núcleo seminífero globoso, liso.

Comentários: É facilmente reconhecida por seu habito arbustivo ereto, apresentando ramos achatados, umbelas sésseis e samarídeos esquizocárpicos com ala dorsal reduzida a uma crista. Ocorre em Caatinga, floresta ombrófila densa e restinga.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, III/2009, fl., fr., *E.C. Matos* 236 (ASE);

Capela, XI/2011, fl., L.A. Gomes 243 (ASE); Estância, IX/2009, fl., A.P. Prata 1662 (ASE); Indiaroba, VIII/2011, fl., A.P. Prata 2809 (ASE); Itabaiana, XI/1995, fl., F.F. Oliveira 5 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, VIII/2007, fl., A.B. Sales 26 (ASE); Japoatã, IX/1981, fl., Gil 360 (ASE); Japaratinga, VI/1997, fl., fr., M. Landim 1256 (ASE); Laranjeiras, III/1982, fl., E.M. Carneiro 288 (ASE); Lagarto, XI/2010, fl., fr., L.A.S. Santos 398 (ASE); Nossa Senhora das Dores, IX/2013, fl., G.S. Silva 21 (ASE); Pirambu, VI/2013, fl., G.S. Freire 105 (ASE); Poço Redondo, IV/2010, fr., W.J. Machado 316 (ASE); Santo Amaro das Brotas, II/1991, fl., C. Farney 2697 (ASE); Salgado, III/1984, fl. G. Viana 912 (ASE); São Cristóvão, III/1982, fl., fr., M.N. Almeida 45 (ASE); São Domingos, IV/2006, fl., C.A. Silva 10 (ASE).

18. 5. *Stigmaphyllon tomentosum* A. Juss., Fl. Bras. Merid. 3: 53, pl. 171. 1833 ['1832'].
Fig. 4 D-F.

Trepadeiras lenhosas; ramos apicais cilíndricos. Folhas inteiras; pecíolos 5-7 cm compr., tomentosos, um par de glândulas pateliformes sésseis; lâminas ovadas, cartáceas, discolores, 4,5-8,5 x 3,1-6,5 cm, ápice mucronado, margem inteira, base truncada a cordada, face adaxial tomentosa ao longo das nervuras, abaxial densamente tomentosa, tricomas emaranhados alvos não adpressos, glândulas marginais sésseis esparsas. Umbelas 10-25-floras, reunidas em dicásios axilares. Flores com sépalas 3-4 x 1,5-3 mm, seríceas; pétalas amarelas, obovadas, margem denticulada, 7,5-9,5 x 6-8 mm, unguículos 1-1,5 x 0,5-0,75 mm. Estames heteromórficos, tomentosos. Ovário tomentoso; estiletos 3-3 x 0,25-0,75 mm, cilíndricos, arqueados na base, divergentes, tomentosos; ápice foliáceo 1,5-2 x 0,5-1,5 mm. Samarídeos esquizocárpicos verdes, seríceos; ala dorsal falcada, 2,8-5,2 x 1,3-3,6 cm; núcleo seminífero globoso, 1-3 pares de alulas laterais.

Comentários: É facilmente reconhecida por suas folhas ovadas, com indumento densamente tomentoso e alvo na face abaxial. Ocorre em floresta ombrófila densa, frequentemente em florestas ciliares.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Santana do São Francisco, VI/ 2010, fl., A.P. Prata 2628 *et al.* (ASE); Santa Luzia do Itanhy, VI/ 2012, fl., L.A. Gomes *et al.* 494 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Argolô, II/1979, fr., G. Hatschbach 47805 (MBM); **Espírito Santo:** Barra de São Francisco, XI/2000, fl., L. Kollmann *et al.* 3285 (MBML).

Referências Bibliográficas

Anderson, W.R. 1981. Malpighiaceae. In: The botany of the Guayana Highland — Part XI. **Mem. New York Bot. Gard.** **32:** 21-305.

Anderson, C. 1997. Monograph of *Stigmaphyllon* (Malpighiaceae). **Syst. Bot. Monogr.** **51:** 1-313.

Anderson, C. 2011. Revision of *Ryssopterys* and transfer to *Stigmaphyllon* (Malpighiaceae). **Blumea** **56:** 73-104.

Lista de Exsicatas

Almeida, M.N. 45 (18.4), 64 (18.2); **Almeida, R.F.** 541 (18.3); **Amaral, C.** 21 (18.2); **Amorim, A.M.A.** 1495 (18.2); **André, M.A.** 1533 (18.4); **Aurélio, M.** 04 (18.4); **Barreto, I.M.** 36 (18.4), 95 (18.4); **Campos, D.A.** 13 (18.4), 23 (4), 124 (18.4), 145 (18.4), 191 (18.4); **Calazans, C.** 38 (18.4); **Carneiro, E.M.** 122 (18.4), 250 (18.2), 277 (18.2), 280 (18.2), 288 (18.4), 346 (18.2); **Carvalho, A.M.** 4319 (18.2); **Costa, S.M.** 229 (18.4), 431 (18.4); **Farias, M.C.V.** 422 (18.4); **Farney, C.** 2697 (18.4); **Fernandes, A.C.M.** 5 (18.4); **Figueiredo, M.E.** 23 (18.4); **Fonseca, M.R.** s.n ASE 00523 (18.4); **Freire, G.S.** 105 (18.4), 144 (18.2); **Góis, C.** 01 (18.4); **Gil** 360 (18.4); **Gomes, E.** 186 (18.2); **Gomes, L.A.** 175 (18.2); 243 (18.4), 357 (18.2), 494 (18.5), 984 (18.2); **Hatschbach, G.** 47805 (18.5); **Kollmann, L.** 3285 (18.5); **Landim, M.** 1124 (18.2), 1256 (18.4); **Lima, B.C.S.** 34 (18.2), 56 (18.2); **Machado, W.J.** 67 (18.1), 151 (18.1); 238 (18.4), 316 (18.4), 348 (18.4), 523 (18.4), 690 (18.3), 730 (18.1); **Matos, E.C.** 236 (18.4); **Matos, I.S.** 79 (18.2), 164 (18.4); **Melo, F.J.** 34 (18.4); **Menezes, A.P.** 71 (18.4); **Nascimento-Júnior, J.E.** 39 (18.4), 126 (18.4), 156 (18.4), 292 (18.1); **Oliveira, D.G.** 308 (18.1); **Oliveira, F.F.** 5 (18.4); **Oliveira, E.V.S.** 227 (18.4), 228 (18.4); 297 (18.4), 308 (18.4); **Prata, A.P.** 1194 (18.4), 1662 (18.4), 1360 (18.2); 2628 (18.5), 2768 (18.4), 2809 (18.4), 2866 (18.1), 3512 (18.1), 3262 (18.1), 3527 (18.3); **Ribeiro, L.V.** 83 (18.2); **Rocha, L.P.** 28 (18.4); **Sales, A.B.** 26 (18.4), 81 (18.2); **Santana, J.P.** 96 (18.1); **Santana, M.C.** 70 (18.2), 118 (18.2), 192 (18.4); **Santos, A.C.A.S.** 08 (18.4); **Santos, A.V.** 30 (18.2); **Santos, C.S.** 143 (18.4); **Santos, E.** 32 (18.2); **Santos, J.P.S.** 17 (18.2); **Santos, L.A.S.** 244 (18.2), 398 (18.4), 594 (18.4); **Siqueira, G.S.** 512 (18.3); **Silva, A.C.** 72 (18.1), 10 (18.4); **Silva, B.D.** 5 (18.2); **Silva N.G.** s,n ASE 02238 (18.4); **Silva, G.S.** 21 (18.4); **Silva, T.R.** 8 (18.2), 23 (18.2); **Souza, C.A.S.** 20 (18.4); **Viana, G.** 43 (18.4), 283 (18.2), 403 (18.2); 912 (18.4), 1844 (18.4), 1327 (18.4), 246 (18.4).

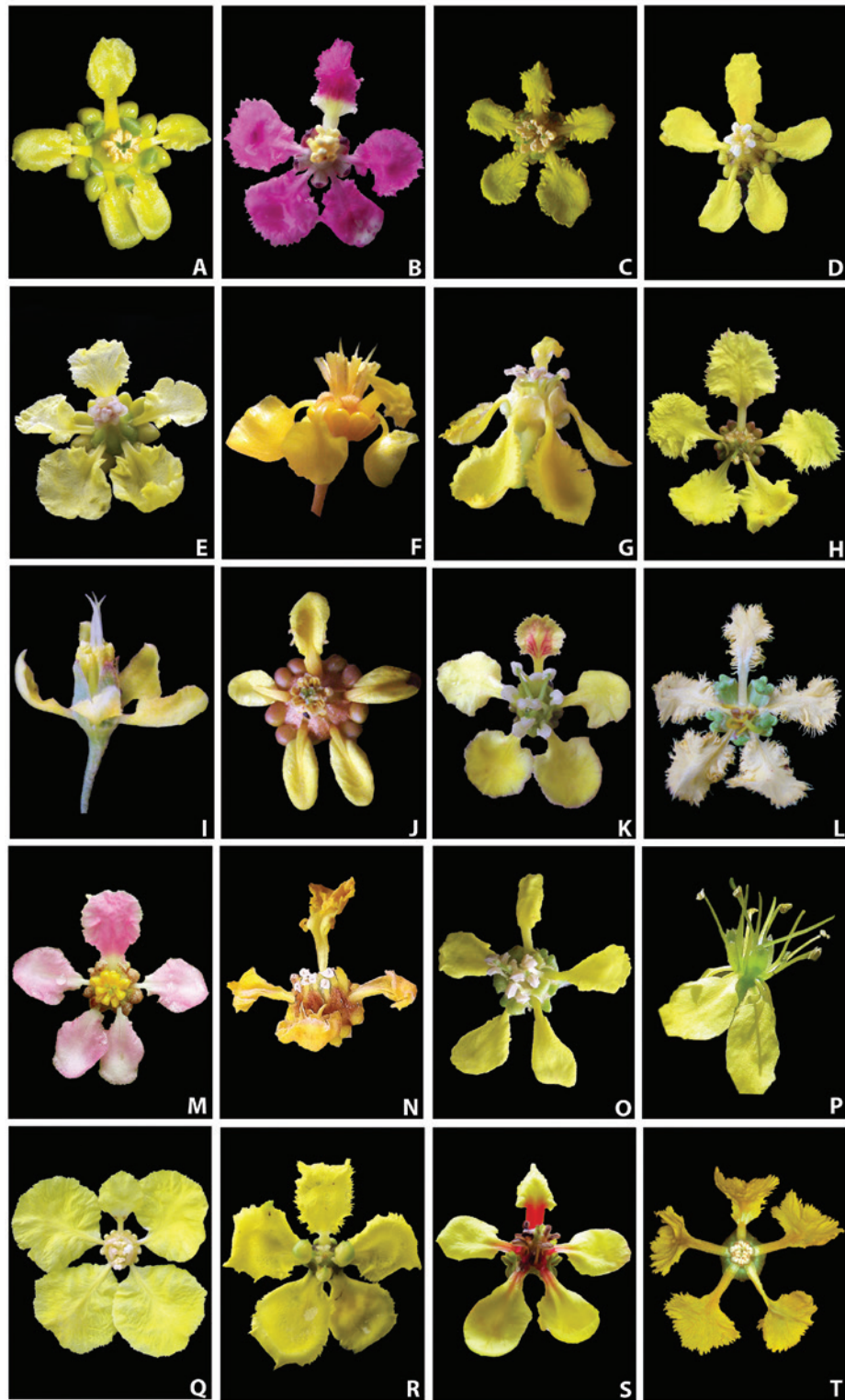


Figura 1. Flores dos gêneros de Malpighiaceae ocorrentes em Sergipe. A. *Amorimia* W.R. Anderson (Foto: F.A. Michelangeli); B. *Banisteriopsis* C.B. Rob. ex Small. (Foto: R.F. Almeida); C. *Barnebya* W.R. Anderson & B. Gates (Foto: A. Conceição); D. *Bronwenia* W.R. Anderson & C.C. Davis (Foto: R.F. Almeida); E. *Bunchosia* Rich. ex Juss. (Foto: R.F. Almeida); F. *Byrsonima* Rich. ex. Kunth (Foto: R.F. Almeida); G. *Callaeum* Small (Foto: R.F. Almeida); H. *Diplopterys* A. Juss. (Foto: R.F. Almeida); I. *Galphimia* Cav. (Foto: R.F. Almeida); J. *Heteropterys* Kunth (Foto: R.F. Almeida); K. *Hiraea* Jacq. (Foto: R.F. Almeida); L. *Janusia* A. Juss. (Foto: C.V. Silva); M. *Mascagnia* Bertero ex Colla (Foto: R. Sanmartin); N. *Mcvaughia* W.R. Anderson (Foto: R.F. Almeida); O. *Niendenzuella* W.R. Anderson (Foto: R.F. Almeida); P. *Ptilochaeta* Turcz. (Foto: L.C. Marinho); Q. *Peixotoa* A. Juss. (Foto: R.F. Almeida); R. *Stigmaphyllon* A. Juss. (Foto: R.F. Almeida); S. *Tetrapteryx* Cav. (Foto: F. Flores); T. *Thryallis* Mart. (Foto: W.R. Anderson).

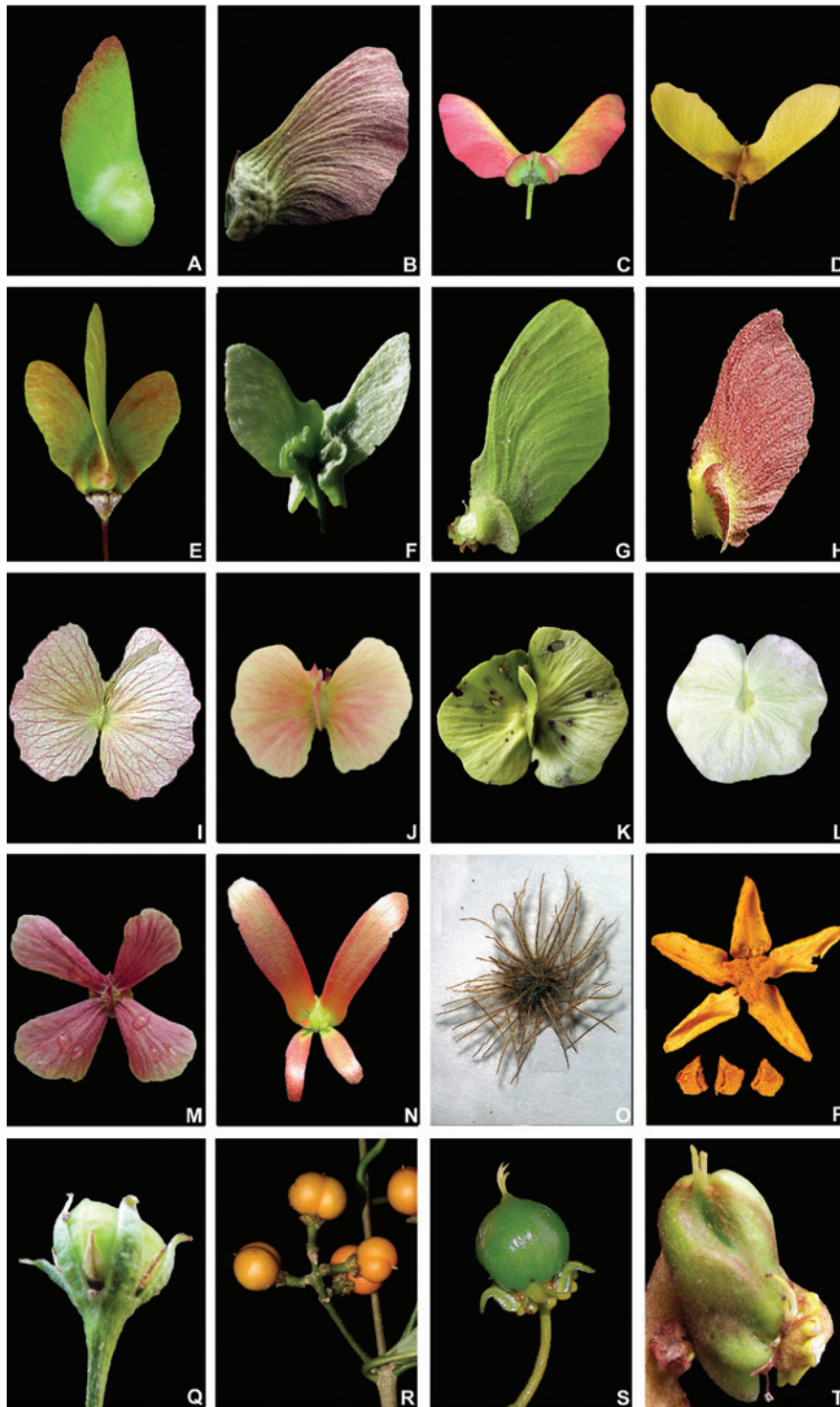


Figura 2. Tipos de frutos dos gêneros de Malpighiaceae ocorrentes em Sergipe. A-H. Samarídeos esquizocárpicos com a ala dorsal predominante. A. *Stigmaphyllon* A. Juss. (Foto: R.F. Almeida); B. *Banisteriopsis* C.B. Rob. ex Small. (Foto: R.F. Almeida); C. *Diplopterys* A. Juss. (Foto: C.F. Hall); D. *Heteropterys* Kunth (Foto: R.F. Almeida); E. *Barnebya* W.R. Anderson & B. Gates (Foto: A. Conceição); F. *Janusia* A. Juss. (Foto: R.F. Almeida); G. *Bronwenia* W.R. Anderson & C.C. Davis (Foto: R.F. Almeida); H. *Peixotoa* A. Juss. (Foto: R.F. Almeida). I-N. Samarídeos esquizocárpicos com alas laterais predominantes. I. *Hiraea* Jacq. (Foto: A. Popovkin); J. *Amorimia* W.R. Anderson (Foto: L. Moura); K. *Callaeum* Small. (Foto: R.F. Almeida); L. *Mascagnia* Bertero ex Colla (Foto: R. Sanmartin); M. *Niedenzuella* W.R. Anderson (Foto: R.F. Almeida); N. *Tetrapteryx* Cav. (Foto: G. Dettke). O. *Ptilochaeta* Turcz. (Foto: R.F. Almeida), esquizocarpo com mericarpo setoso. P-Q. Cocas. P. *Thryallis* Mart. (Foto: W.R. Anderson); Q. *Galphimia* Cav. (Foto: R.F. Almeida). R-S. Drupas. R. *Bunchosia* Rich. ex Juss. (Foto: M.O.O. Pellegrini); S. *Byrsonima* Rich. ex Kunth (Foto: C.F. Hall). T. Noz. T. *Mcvaughia* W.R. Anderson (Foto: R.F. Almeida).

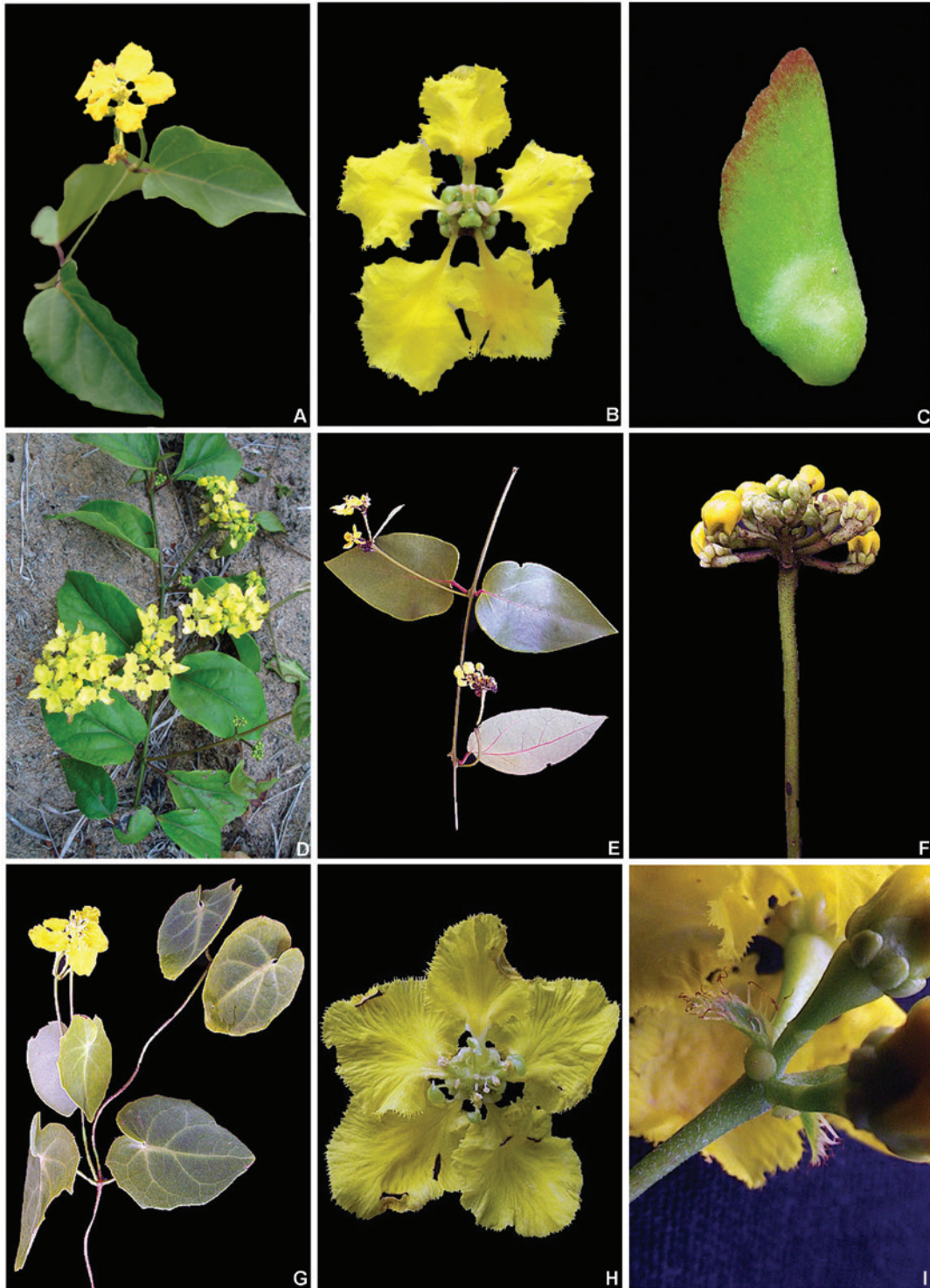


Figura. 3. A-C. *Stigmaphyllon auriculatum* A. Juss. A. Ramo florífero (Foto: L. Moura; A.P. Prata et al. 3512 ASE); B. Flor (Foto: C.S. Pessoa; A.P. Prata et al. 3512 ASE); C. Fruto (Foto: R.F. Almeida; A.P. Prata et al. 3512 ASE). D-F. *Stigmaphyllon blanchetii* C. E. Anderson. D. Ramo florífero (Foto: R.F. Almeida; A.P. Prata et al. 1360 ASE); E. Ramo florífero com detalhe da inflorescência e face abaxial das folhas (Foto: R.F. Almeida; A.P. Prata et al. 1360 ASE); F. Inflorescência com botões florais (Foto: R.F. Almeida; A.P. Prata et al. 1360 ASE). G-I. *Stigmaphyllon ciliatum* (Lam.) A. Juss. G. Ramo florífero (Foto: R.F. Almeida; A.P. Prata et al. 3527 ASE); H. Flor (Foto: R.F. Almeida; A.P. Prata et al. 3527 ASE); I. Detalhe da inflorescência (Foto: R.F. Almeida; A.P. Prata et al. 3527 ASE).

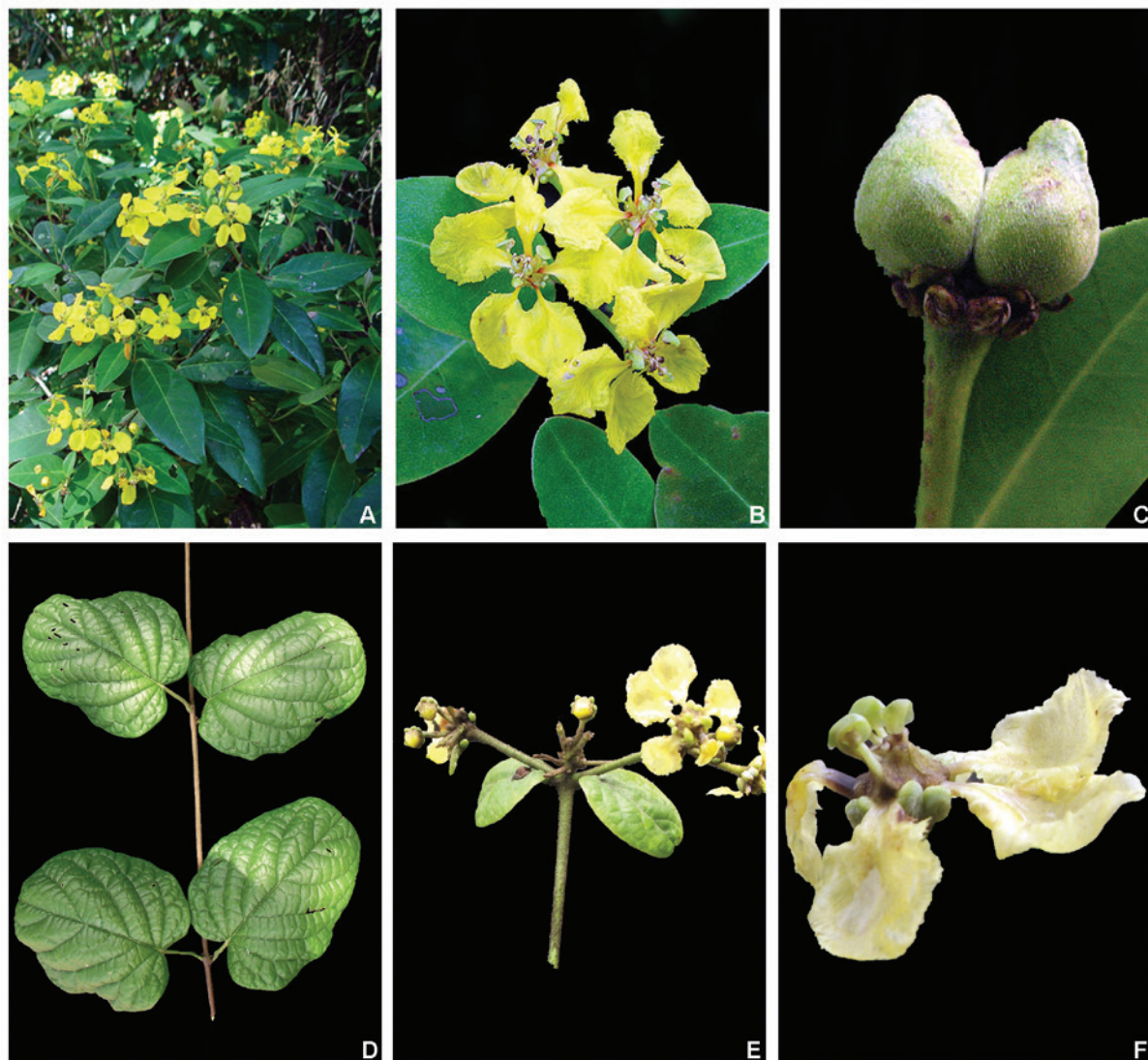


Figura. 4. A-C. *Stigmaphyllon paralias* A. Juss. A. Ramo florífero (Foto: G.S. Siqueira; G.S. Freire 105 ASE); B. Flores (Foto: G.S. Siqueira; G.S. Freire 105 ASE); C. Fruto (Foto: R.F. Almeida; G.S. Freire 105 ASE). D-F. *Stigmaphyllon tomentosum* A. Juss. D. Ramo vegetativo (Foto: R.F. Almeida; A.P. Prata 2628 ASE); E. Inflorescência (Foto: R.F. Almeida; A.P. Prata 2628 ASE); F. Flor (Foto: R.F. Almeida; A.P. Prata 2628 ASE).

ONAGRACEAE

Camila Bruna de Araújo¹
Letícia Ribes de Lima¹
Ana Odete Santos Vieira²

Ervas, subarbustos a arbustos; ramos glabros ou com tricomas simples. Folhas alternas, simples, margens inteiras, venação penínérvea, estípulas presentes, geralmente inconspícuas e decíduas. Flores solitárias, bissexuadas, actinomorfas, diclamídeas; cálice 4-5-mero, dialissépalo, prefloração valvar; corola 4-5-mera, dialipétala, prefloração valvar ou imbricada; androceu diplostêmone ou raramente isostêmone, anteras rimosas; gineceu sincárpico, número de carpelo variando de acordo com o número de sépalas, ovário ínfero, 4-5-locular, placentação axial, lóculos pluriiovulados; disco nectarífero presente. Fruto cápsula com deiscência irregular.

Onagraceae Juss. é uma família composta por duas subfamílias: Ludwigioideae W.L. Wagner & Hoch e Onagroideae Beilschm., sete tribos, 22 gêneros e cerca de 657 espécies, apresentando distribuição cosmopolita, sendo amplamente distribuída na América do Norte e na América do Sul (Judd et al., 2009; Wagner et al., 2007). De acordo com Vieira (2015), no Brasil são encontradas 71 espécies distribuídas em quatro gêneros: 1. *Epilobium* L. (1 sp.), 2. *Fuchsia* L. (8 spp.), 3. *Ludwigia* L. (48 spp.) e 4. *Oenothera* L. (14 spp.). Estas espécies possuem preferências por diferentes tipos de habitats, *Ludwigia*, ocorre preferencialmente em locais alagáveis; *Fuchsia* e *Epilobium* estão mais associados a áreas de altitudes elevadas ao passo que *Oenothera* está mais associado às regiões litorâneas (Souza & Lorenzi, 2012). Ainda de acordo com Vieira (2015), apenas duas espécies eram registradas para o estado de Sergipe, *L. leptocarpa* (Nutt.) H.Hara e *L. octovalvis* (Jacq.) P.H.Raven.

No INCT-HVFF – Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia - Herbário Virtual da Flora e dos Fungos (2015) há registro de ocorrência das espécies *L. elegans* (Cambess.) H.Hara, *L. decurrens* Walter e *L. grandiflora* (Michx.) Greuter & Burdet para o estado de Sergipe. Estas duas últimas espécies não puderam ser confirmadas e descritas, pois as exsiccatas não estavam disponíveis na coleção do herbário ASE. Já o material identificado como *L. elegans* (Cambess.) H.Hara, depositado no herbário ASE, não pertence a esta espécie, mas como as estruturas reprodutivas estão escassas e danificadas, a sua correta identificação não é possível, mas provavelmente trata-se de um híbrido natural.

¹Universidade Federal de Alagoas, Av. Lourival Melo Mota, s/n., Tabuleiro dos Martins CEP:57072-900 Maceió – AL, camilaaraujobl@gmail.com

²Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Biologia Animal e Vegetal –Cxp 10011, Londrina – PR. CEP 86057-970, aovieira@uel.br

1. *Ludwigia* L.

Ervas eretas ou prostradas, subarbustos a arbustos, com ou sem pneumatóforos. Folhas alternas. Flores solitárias, na axila das folhas superiores (brácteas); bractéolas ausentes ou duas inconspícuas na base do hipanto; tubo floral ausente; cálice 4-5-mero, verde ou avermelhado, persistente na maturação do fruto; corola 4-5-mera, pétalas amarelas, caducas; androceu diplostêmone, estames subiguais; grãos de pólen liberados em tétrades ou isolados; hipanto cilíndrico ou anguloso, 4-5-carpelar, 4-5-locular, placentação axial, lóculos pluriovulados, estilete simples, estigma inteiro; disco nectarífero plano ou convexo, sobre o ovário. Cápsula multiseeminada, uni ou plurisseriadas em cada lóculo.

É um gênero pantropical, o mais diverso em Onagraceae com 82 espécies (Ramamoorthy & Zardini 1987; Raven 1963; Zardini & Raven 1992), ocorrentes na América, Ásia e África e com diferentes sistemas reprodutivos (Vieira & Shepherd, 1998). No Brasil, há registro de 48 espécies, onde, a região Sul possui o maior número de taxa (28 spp.), seguida pelas regiões Centro-Oeste e Sudeste (26 spp. cada), Norte (19 spp.) e Nordeste (17 spp.) (Vieira, 2015). Para Sergipe, foram registradas seis espécies cada uma em uma seção diferente (segundo Wagner *et al.* 2007): *Ludwigia erecta* (L.) H.Hara (seção *Pterocaulon* Ramamoorthy), *L. helminthorrhiza* (Mart.) H.Hara (seção *Oligospermum* (Micheli) H.Hara, *L. hyssopifolia* (G.Don) Exell (seção *Fissendocarpa* (Haines) P.H.Raven), *L. leptocarpa* (Nutt.) H.Hara (seção *Seminuda* P.H.Raven), *L. nervosa* (Poir.) H.Hara (seção *Myrtocarpus* (Munz) H.Hara) e *L. octovalvis* (Jacq.) P.H.Raven (seção *Macrocarpon* (Micheli) H.Hara. Destas, três (*L. erecta*, *L. hyssopifolia* e *L. nervosa*) são novas citações no Estado.

Chave para identificação das espécies de *Ludwigia* de Sergipe

1. Frutos com sementes da porção basal envoltas pelo endocarpo 2
- 1'. Frutos com sementes multisseriadas e livres do endocarpo 4
2. Flores tetrâmeras, pétalas 3-4 mm compr., sementes livres na porção apical e envoltas por endocarpo na porção basal **1.3. *Ludwigia hyssopifolia***
- 2'. Flores pentâmeras, pétalas 1,2-1,6 cm compr., todas as sementes envoltas por endocarpo 3
3. Cápsula 2-3 × 0,3-0,4 cm, semente envoltas totalmente por endocarpo lenhoso
..... **1.2. *Ludwigia helminthorrhiza***
- 3'. Cápsula 4-4,5 × 0,2-0,5 cm, semente envoltas por endocarpo em formato de ferradura
..... **1.4. *Ludwigia leptocarpa***
4. Cápsula cilíndrica, rafe expandida igual em diâmetro ao corpo da semente
..... **1.6. *Ludwigia octovalvis***
- 4'. Cápsula obcônica, rafe menor do que o corpo da semente 4
5. Ramos angulosos, ligeiramente alados; hipanto até 1 cm compr.; pétalas até 5 mm compr. **1.1. *Ludwigia erecta***
- 5'. Ramos cilíndricos, não alados; hipanto ca. 2 cm compr.; pétalas ca. 2 cm compr.
..... **1.5. *Ludwigia nervosa***

1.1. *Ludwigia erecta* (L.) H.Hara, J. Jap. Bot. 28(10): 292. 1953.

Fig. 1 A-C.

Ervas a subarbustos, 0,5-1,2 m alt., eretos; ramos angulosos, ligeiramente alados, esparsamente estrigosos. Folhas 4,5-9,5 × 0,8-2,7 cm, elípticas a lanceoladas, base decorrente, ápice agudo, margem inteira, face adaxial e abaxial esparsamente estrigosas, pecíolo 2-3 mm compr., estrigosos. Brácteas foliares 2,5-6,8 × 0,5-1,3 cm, estreito-elípticas a lanceoladas, base decorrente, ápice agudo, face adaxial e abaxial estrigosas. Flores tetrâmeras; hipanto 0,6-1 cm compr., esparsamente estrigoso; sépalas 3-4 mm compr., esverdeadas, lanceoladas, ápice agudo, face externa esparsamente estrigosa, face interna glabra; pétalas 4-5 mm compr., amarelas, obovadas, ápice arredondado; filetes 2 mm compr., livres, anteras 1 mm compr., adnatas ao estigma; ovário 4-carpelar, 4-locular, anguloso; disco nectarífero plano, esparsamente piloso, pedicelo 2-3 mm compr. Cápsulas 1,5-2 × 0,2-0,3 cm, 4-angulosas, esparsamente estrigosas; sementes oblongóides, rafe reduzida; plurisseriadas em cada lóculo.

Comentários: Espécie amplamente distribuída no Brasil, podendo ser encontrada nos estados de Alagoas, Amapá, Amazônia, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná. Pernambuco, Rio de Janeiro, Rondônia e São Paulo (Vieira, 2015). Espécie comum em ambientes úmidos e abertos e em margens de rios. Em Sergipe, foi coletada na Caatinga e em brejo de altitude, constituindo uma nova citação para o Estado. *Ludwigia erecta* assemelha-se a *L. hyssopifolia* (G.Don) Exell., ambas com flores menores que 1cm de diâmetro, porém na segunda as sementes não são todas livres do endocarpo, as pétalas são elípticas, com ápice agudo e frutos cilíndricos.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, VI/2010, fl. fr., A.C.C. Silva 176 (ASE); Poço Redondo, XI/2010, fr., W.J. Machado & J.B. Jesus 805 (ASE); Porto da Folha, IX/2011, fl. fr., D.G. Oliveira et al. 258 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Alagoas:** Maravilha, I/2014, fl. fr., C.B. Araújo et al. 108 (MUFAL); Piaçabuçu, VII/2013, fl. fr., C.B. Araújo et al. 89 (MUFAL).

1.2. *Ludwigia helminthorrhiza* (Mart.) H.Hara, J. Jap. Bot.28:292. 1952.

Erva aquática flutuante, presença de pneumatóforos brancos frequente; ramos angulosos, não alados, ligeiramente estrigosos. Folhas 3,3-6 × 2,1-4,8 cm, largo-elíptica, base decorrente, ápice arredondado, margem inteira, faces adaxial e abaxial glabra; pecíolos 0,5-1 cm compr., glabro. Brácteas 1,2-3 × 0,9-1,9 cm, largo-elíptica, faces adaxial e abaxial glabras, base decorrente, ápice arredondado. Flores pentâmeras; hipanto 1,3-2 cm compr., glabro; sépalas 5-7 mm compr., lanceoladas, ápice agudo, face externa esparsamente estrigosa, face interna glabra; pétalas até 1,2-1,4 cm compr., amarelas, obovada, ápice arredondado; estames 10, filetes 3 mm compr., anteras 2 mm compr., livres; 5-locular, anguloso, disco nectarífero plano, glabro; pedicelos 1,3-3 cm compr.

Cápsulas 2-3 × 0,3-0,4 cm, angulosas, glabras; sementes obovóides, unisseriadas em cada lóculo, envoltas em parte do endocarpo.

Comentários: Espécie distribuída no Brasil, podendo ser encontrada nos estados da Bahia, Ceará, Mato Grosso do Sul, Pará (Vieira, 2015). No estado de Sergipe foi coletada na região litorânea. Pode ser facilmente reconhecida por ser a única espécie verdadeiramente aquática encontrada no Estado. Além disso, apresenta flores brancas e presença frequente de pneumatóforos. Ilustração em Zardini & Raven (1991, pág. 18).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Neópolis, II/2014, veg., *E. Melo 12467* (HUEFS).

Material adicional examinado: **BRASIL. Paraíba:** Nazarezinho, XI/2007, fl. fr., *P.C. Gadelha-Neto et al. 1901* (JPB); Patos, VII/1997, fl., *R.L. Leite 23* (JPB); Sousa, XI/2007, fl.fr., *P.C. Gadelha-Neto et al. 1864* (JPB); Sapé, VI/2000, fl. fr., *M. Costa-Santos 31* (JPB).

1.3. *Ludwigia hyssopifolia* (G. Don) Exell, Garcia de Orta 5: 471. 1957.

Fig. 1 D-F.

Ervas a subarbustos, 0,5-80 cm alt., eretos; ramos angulosos, alados, glabros. Folhas 4-5,5 × 0,9-1,2 cm, elípticas a estreito-elípticas, base decorrente, ápice agudo, margem inteira, faces adaxial e abaxial glabras; pecíolo sésseis a 1 mm compr., glabros. Brácteas foliares 1,5-3,3 × 0,5-1 cm, elípticas, faces adaxial e abaxial glabras, base decorrente, ápice agudo. Flores tetrâmeras; hipanto 0,5-1,4 cm compr., glabro; sépalas 2-4 mm compr., vináceas, lanceoladas, ápice agudo, faces externa e interna glabras; pétalas 3-4 mm compr., amarelas, elípticas, ápice agudo; filetes e anteras 1 mm compr.; adnatos ao estigma, ovário 4-carpelar, 4-locular; disco nectarífero plano, glabro a esparsamente piloso; pedicelos sésseis a 1 mm compr. Cápsulas 2,6-3,9 × 0,2-0,3 cm, cilíndricas, glabras; sementes fusiformes, plurisseriadas no ápice livres do endocarpo, unisseriadas na base e envoltas em endocarpo.

Comentários: Espécie amplamente distribuída no Brasil, podendo ser encontrada nos estados do Acre, Alagoas, Amazônia, Bahia, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraná. Pernambuco, Rondônia, Roraima e São Paulo (Vieira, 2015). Espécie comum em ambientes úmidos, de diferentes domínios fitogeográficos. Em Sergipe, foi coletada na Caatinga e restinga, constituindo uma nova citação para o Estado. Considerada uma erva pantropical e autógama (Raven, 1963; Vieira & Shepherd, 1998) difere das demais espécies de *Ludwigia* do estado de Sergipe por apresentar pétalas com até 4 mm de comprimento; cápsula dimórfica internamente e padrões diferentes de morfologia da semente, somente descrita para esta espécie, caracterizam a seção *Fissendocarpa* (Haines) P.H.Raven (Wagner *et al.* 2007).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, IX/1982, fr., *G. Viana 643* (ASE); Lagarto, VIII/2010, fl. fr., *A.P. Prata 2364* (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Alagoas:** Matriz de Camaragibe, fl. fr., IX/2013, C.B. Araújo et al. 116 (MUFAL); União dos Palmares, VII/2013, fl. fr., C.B. Araújo & W.T.C.C. Santos 84 (MUFAL).

1.4. *Ludwigia leptocarpa* (Nutt.) H.Hara, J. Jap. Bot. 28(10): 292. 1953.

Fig. 1 G-I.

Ervas a subarbustos, 0,4-1 m alt., eretos ou ramos flutuantes, presença de pneumatóforo ocasional; ramos cilíndricos, não alados, hirsutos. Folhas 4-5,6 × 0,6-1,5 cm, estreito-elípticas a lanceoladas, base decorrente, ápice agudo, margem inteira, faces adaxial e abaxial pubescentes, tricomas distribuídos principalmente nas nervuras; pecíolo 3-6 mm compr., esparsamente estrigosos. Brácteas foliares 2-2,8 × 0,3-0,5 cm, estreito-elípticas a lanceoladas, base decorrente, ápice agudo faces adaxial e abaxial esparsamente hirsutas. Flores pentâmeras; hipanto 1,3-2,3 cm compr., hirsuto, anguloso; sépalas 0,7-1 cm compr., esverdeadas, lanceoladas, ápice atenuado, face externa hirsuta, face interna glabra; pétalas 1,1-1,6 cm compr., amarelas, obovadas, ápice arredondado; filete 1-6 mm compr., antera 1-4 mm compr., livres do estigma, ovário 5-carpelar, 5-locular; disco nectarífero, convexo, piloso; pedicelos 0,9-2 cm compr., hirsutos. Cápsulas 4-4,5 × 0,2-0,5 cm, 5-angulosas, esparsamente hirsutas; sementes elipsóides, rafe reduzida, unisseriadas em cada lóculo, envoltas por endocarpo em forma de ferradura.

Comentários: Espécie amplamente distribuída no Brasil, podendo ser encontrada nos estados do Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraná, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe (Vieira, 2015). Espécie comum nas margens de rios. No estado de Sergipe foi coletada em floresta ombrófila densa e Caatinga. Pode ser facilmente reconhecida por apresentar estames livres, heteromórficos e sementes elipsóides envoltas no endocarpo em forma de ferradura, características da seção *Seminuda* P.H.Raven. Outra espécie desta seção, que ocorre no Brasil, *L. affinis*, pode ser distinta pelas plantas pilosas com folhas mais ovadas (Zardini & Raven, 1990)

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Estância, II/2008, fr., C.S. Santos 99 (ASE); Japarutuba, XII/2010, fl. fr., C.M. Donadio 111 (ASE); Santana do São Francisco, II/2008, fl. fr., J.E. Nascimento-Junior 255 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Alagoas:** Coruripe, II/2014, fl. fr., C.B. Araújo & W.T.C.C. Santos 115 (MUFAL); Pão de Açúcar, II/2014, fl. fr., C.B. Araújo & B.L. Lorangeira-Junior 111 (MUFAL).

1.5. *Ludwigia nervosa* (Poir.) H.Hara, J. Jap. Bot. 28(10): 293. 1953.

Fig. 1 J.

Arbustos, 1,5-2,5m alt., eretos; ramos cilíndricos, não alado, estrigosos. Folhas 3-5,2 × 0,4-0,5 cm, estreito-elípticas, base e ápice agudos, margem inteira, faces adaxial e abaxial esparsamente estrigosas, principalmente nas nervuras primárias e secundárias; pecíolo sésseis a 1 mm compr., esparsamente estrigosos. Brácteas foliares 2,5-3 × 0,3 cm, estreito-elípticas, base e ápice e agudos, faces adaxial e abaxial estrigosas. Flores tetrâmeras; hipanto 1,7-2 cm compr., estrigoso; sépalas 1-1,2 cm compr., esverdeadas, lanceoladas, ápice atenuado, face externa estrigosa, face interna glabra; pétalas 1,8-2 cm compr., amarelas, reflexas, obovadas, ápice arredondado; filetes e anteras 2-3 mm compr., livres do estigma; ovário 4-carpelar, 4-locular, disco nectarífero convexo, velutino; pedicelos 3-3,2 cm compr., esparsamente pubescentes. Cápsulas 1-1,7 × 0,3-0,4 cm compr., obcônica, esparsamente estrigosa; sementes cilíndricas, rafe reduzida, plurisseriadas em cada lóculo.

Comentários: Espécie amplamente distribuída no Brasil, podendo ser encontrada nos estados do Acre, Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rondônia, Roraima, São Paulo e Tocantins (Vieira, 2015). Em Sergipe, foi coletada no domínio fitogeográfico do Cerrado, constituindo uma nova citação para o Estado. Difere das demais espécies do gênero encontradas no estado de Sergipe por apresentar nervuras foliares marcadas, pétalas reflexas, além de um disco nectarífero com elevada curvatura, atingindo até 2 mm de comprimento, velutino, enquanto nas demais espécies encontradas no referido estado o disco nectarífero é plano ou ligeiramente convexo, e com indumento menos denso.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** São Cristóvão, IX/1982, fl., *E. Gomes 121* (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Alagoas:** Feliz Deserto, IX/1999, fl., *R. Rocha et al. 2696* (MUFAL); **Bahia:** Lençóis, X/1997, fl. fr., *M. Alves et al. 1032* (UFP).

1.6. *Ludwigia octovalvis* (Jacq.) P.H.Raven, Kew Bull. 15(3): 476. 1962.

Fig. 1 L-M.

Ervas a subarbustos, 0,3-1,0 m alt., eretos. Ramos angulosos, não alados, hirsutos. Folhas 4,5-12 × 1,9-2 cm, elípticas a estreito-elípticas, base e ápice agudos, margem inteira, face adaxial e abaxial pubescentes; pecíolos 2-3 mm compr., pubescentes. Brácteas 3,5-11,5 × 1,3-2,5 cm, elípticas a estreito-elípticas, base e ápice agudos, faces adaxial e abaxial pubescentes. Flores tetrâmeras; hipanto 1-2,7 cm compr., pubescente; sépalas 0,8-1 cm compr., esverdeadas, ovadas, ápice agudo, face externa pubescente, face interna glabra; pétalas 0,8-1,2 cm compr., amarelas, obovadas, ápice arredondado a ligeiramente cordado; filetes 2 mm compr., livres do estigma, anteras 1 mm compr., adnatas ao estigma; ovário 4-carpelar, 4-locular, cilíndrico; disco nectarífero ligeiramente convexo, piloso; pedicelos 1-2 mm compr. Cápsulas 2,9-5,5 × 0,2-0,4 cm, cilíndricas, pubescentes; sementes ovóides, rafe de diâmetro equivalente ao corpo da semente, plurisseriadas em cada lóculo.

Comentários: Espécie amplamente distribuída no Brasil, podendo ser encontrada em quase todos os estados exceto no Amapá, Rondônia e Rio Grande do Sul (Vieira, 2015). No estado de Sergipe foi coletada nas vegetações de floresta ombrófila densa e Caatinga. *Ludwigia octovalvis* apresenta poliploidia e ampla variabilidade morfológica, com ampla distribuição geográfica nas Américas, África e Ásia (Wagner *et al.*, 2007). As características diagnósticas desta espécie são os frutos alongados com até 5,5 cm de comprimento, com nervuras que permanecem evidentes mesmo após a abertura da cápsula e sementes com rafe do mesmo diâmetro que a própria. Uma exsicata desta espécie (acervo Herbário Professor Vasconcelos Sobrinho – PEUFR) estava identificada equivocadamente como *L. pilosa* Walter, espécie que ocorre nos Estados Unidos.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Barra dos Coqueiros, VIII/2011, fl. fr., A.P. Prata 2750 (ASE); Estância, IX/1981, fl. fr., E.M. Carneiro 279 (ASE); Poço Redondo, XII/2010, fl. fr., W.J. Machado 726 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Alagoas:** Satuba, I/2014, fl. fr., C.B. Araújo *et al.* 100 (MUFAL).

Referências Bibliográficas

Judd, W.S.; Campbell, C.S.; Kellogg, E.A.; Stevens, P.F. & Donoghue, M.J. 2009. **Sistemática Vegetal – Um Enfoque Filogenético**. Porto Alegre: Editora Artmed.

INCT-HVFF. 2015. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia - **Herbário Virtual da Flora e dos Fungos**. L.C. Maia (coord). Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <<http://inct.splink.org.br/>> (Acesso em: 26 Mar. 2015).

Ramamoorthy, T.P. & E.M. Zardini. 1987. The systematics and evolution of *Ludwigia* sect. *Myrtocarpus* sensu lato (Onagraceae). **Monogr. Syst. Bot. Missouri Bot. Gard.** **19**: 1-120.

Raven, P.H. 1963. The old world species of *Ludwigia* (Including Jussiaeae), with a synopsis of the genus (Onagraceae). **Reinwardtia** **6**, part 4:327 - 427.

Souza, V.C. & Lorenzi, H. 2012. **Botânica Sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG III**. Instituto Plantarum. 3ª ed. Editora Plantarum de Estudos da Flora Ltda. Nova Odessa, SP.

Vieira, A.O.S. *Onagraceae In: Lista de Espécies da Flora do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB177>> (Acesso em: 11 Mar. 2015).

Vieira, A.O.S. & Shepherd, G.J. 1998. Breeding systems in *Ludwigia* (Onagraceae) in Southeast Brazil. *In*: S.J. Owens & P.J. Rudall (Editors) **Reproductive Biology** Royal Botanic Gardens, Kew, p. 395-406.

Wagner, W.L.; Hoch, P.C. & Raven, P.H. 2007. Revised classification of the Onagraceae. **Syst. Bot. Monogr.** **83**: 1-240.

Zardini, E.M. & Raven, P.H. 1990. A new combination in *Ludwigia* (Onagraceae). **Ann. Missouri Bot. Gard.** **77**(3): 596.

Zardini, E.M. & Raven, P.H. 1991. Onagraceae *In*: A.R.A. Görts-van Rijn (ed.) **Flora das Guianas**. **98**: 17-18.

Zardini, E.M. & Raven, P.H. 1992. A new section of *Ludwigia* (Onagraceae) with a key to the sections of the genus. **Syst. Bot.** **17**: 481-485.

Lista de Exsicatas

Alves, M. 1032 (1.4); **Araújo, C.B.** 84 (1.2), 89 (1.1), 100 (1.5), 108 (1.1), 111 (1.3), 115 (1.3), 116 (1.2); **Carneiro, E.M.** 279 (1.5); **Costa-Santos, M.** 31 (1.2.); **Donadio, C.M.** 111 (1.3); **Gadelha Neto, P.C.** 1901 (1.2), 1864(1.2); **Gomes, E.** 121 (1.4); **Leite, R.L.** 23 (1.2); **Machado, W.J.** 726 (1.5); 805 (1.1); **Melo, E.** 12467 (1.2); **Nascimento-Junior, J.E.** 255 (1.3); **Oliveira, D.G.** 258 (1.1); **Prata, A.P.** 2364 (1.2), 2750 (1.5); **Rocha, R.** 2696 (1.4); **Santos, C.S.** 99 (1.3); **Silva, A.C.C.** 176 (1.1); **Viana, G.** 643 (1.2).

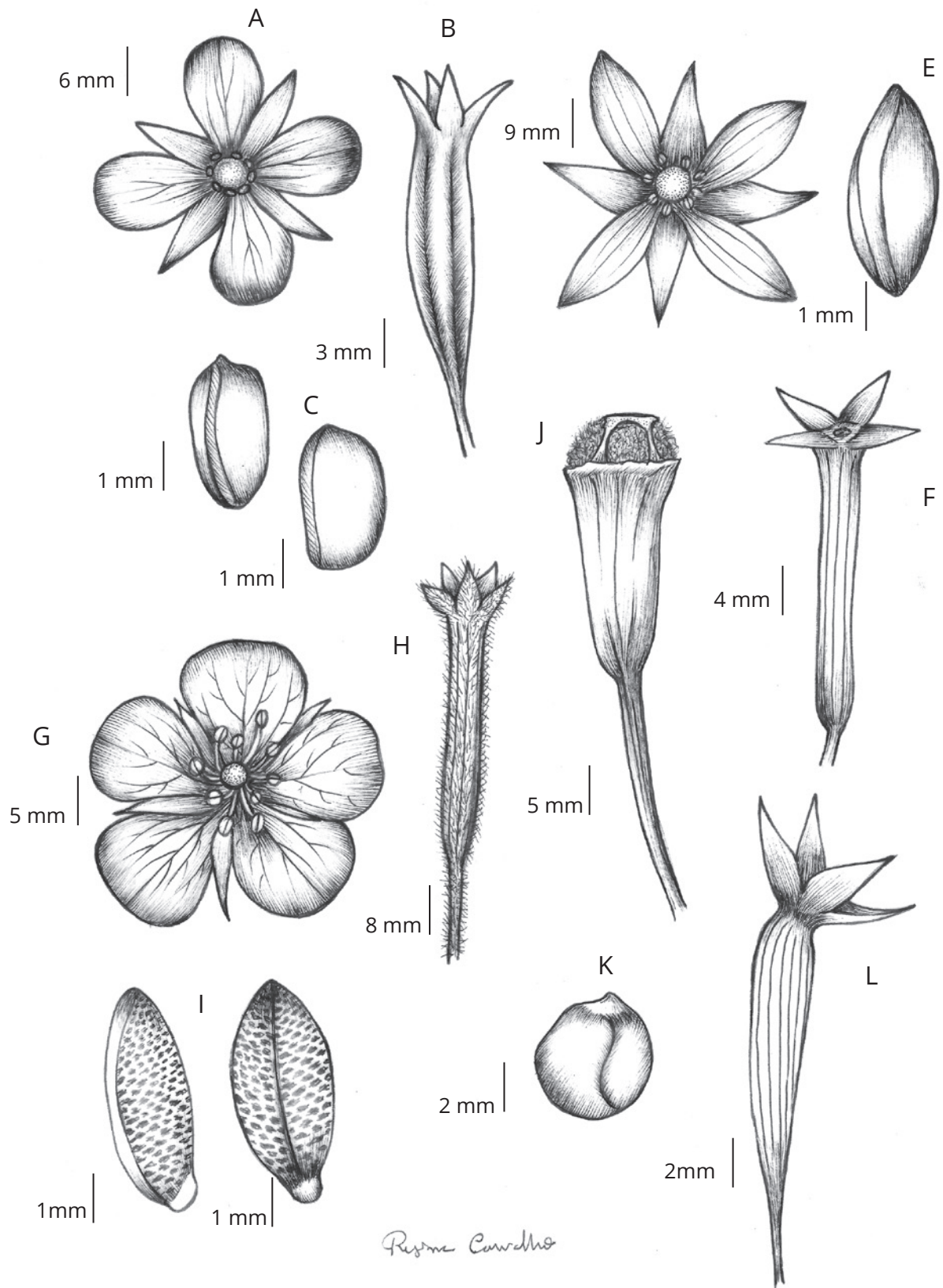


Figura 1. A-C. *Ludwigia erecta* (L.) H. Hara. A. Flor (C.B. Araújo et al. 108, MUFAL); B. Fruto. C. Semente vista lateral (esquerda) e frontal (direita) (W.J. Machado 805, ASE). D-F. *Ludwigia hyssopifolia* (G. Don) Exell. D. Flor (C.B. Araújo et al. 116, MUFAL); E. Fruto; F. Semente em vista lateral. (A.P. Prata 2364, ASE). G-I. *Ludwigia leptocarpa* (Nutt.) H. Hara. G. Flor (C.B. Araújo & W.T.C.C. Santos 115, MUFAL); H. Fruto; I. Semente em vista lateral (esquerda) e frontal (direita) (J.E. Nascimento-Junior 255, ASE). J. *Ludwigia nervosa* (Poir.) H. Hara. J. Hipanto. (E. Gomes 121, ASE). K-L. *Ludwigia octovalvis* (Jacq.) P.H. Raven. K. Fruto; L. Semente em vista frontal. (A.P. Prata 2750, ASE).

PIPERACEAE

Aline Melo¹
Marccus Alves¹

Ervas terrícolas, epífitas ou arbustos, ramos com indumentos variados, glândulas presentes ou ausentes. Folhas simples, inteiras, alternas, opostas ou verticiladas, coriáceas ou membranáceas quando secas; formas variadas; base assimétrica ou simétrica; nervação campilódroma, acródroma ou pinada; pecíolo cilíndrico, canaliculado, alado, sulcado ou com fissuras. Inflorescências em espigas ou racemos, solitárias ou não, eretas ou pendentes, axilares, terminais ou opositifolias; brácteas presentes ou ausentes, alternas ou opostas. Flores aclamídeas, bissexuadas, laxas a congestas na raque, cada uma subentendida por uma bractéola; bractéolas orbiculares, elípticas, obovais, cuculadas ou triangulares, glabras, ciliadas ou fimbriadas; estames 2-4, anteras rimosas; ovário súpero, unilocular a tetracarpelar, unilocular, placentação ereta, uniovulado; estigmas 1-4. Frutos drupas, sésseis ou pedicelados, formas e indumentos variados, glandulares ou não.

Piperaceae é a família com maior número de espécies dentro do clado das Magnoliídeas, com aproximadamente 3.600 espécies e distribuição pantropical (Quijano-Abril *et al.* 2006; Wanke *et al.* 2006). Apesar da ampla distribuição, a região Neotropical apresenta uma grande diversidade da família, abrangendo vários centros de endemismos e dentre eles estão a Mata Atlântica e a Amazônia (Jaramillo & Manos 2001). No Brasil, Piperaceae está presente com três gêneros e 458 espécies, com ocorrência na Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica, porém com maior diversidade neste último domínio (Guimarães *et al.* 2015). Na região Nordeste a família está representada por *Peperomia* Ruiz & Pav. e *Piper* L. com 147 espécies; entretanto, segundo Mendes *et al.* (2010) e Guimarães *et al.* (2015) 11 espécies ocorrem em Sergipe. Das espécies citadas por esses autores, quatro não foram encontradas durante a realização desta flora, e por isso não incluídas: *Piper crassinervium* Kunth, *Piper ilheusense* Yunck., *Piper nigrum* L. e *Piper umbellatum* L. Aqui são apresentadas 12 espécies de Piperaceae, com quatro novas ocorrências no estado: *Peperomia increscens* Miq., *Piper hispidum* Sw., *P. hoffmanseggianum* Schult. e *P. ovatum* Vahl.

Chave para identificação dos gêneros de **Piperaceae** de Sergipe

1. Ervas epífitas ou terrícolas; estigma 1 **1. *Peperomia***
1'. Arbustos; estigmas 3-4 **2. *Piper***

¹Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Biológicas, Depto. Botânica, Laboratório de Morfo-Taxonomia Vegetal. Av Prof. Moraes Rego, s/n, Cidade Universitária, Recife, Pernambuco, Brasil. CEP: 50670-901. aline_vmelo@yahoo.com.br; alves.marccus@gmail.com

1. *Peperomia* Ruiz & Pav., Fl. peruv. prodr. 8, pl. 2. 1794.

Ervas epífitas ou terrícolas, prostradas ou eretas, glabras, glabrescentes, hirsutas, escamosas ou minutamente estrigosas, glândulas presentes ou ausentes. Folhas alternas, opostas ou verticiladas, membranáceas ou coriáceas quando secas, nervação campilódroma ou pinada, glândulas presentes ou ausentes; pecíolo cilíndrico, canaliculado ou com fissuras. Inflorescências em espigas, solitárias ou não, eretas, axilares, não apiculadas; raque glabra, glândulas presentes ou ausentes. Flores laxas ou congestas na raque; bractéolas orbiculares, elípticas ou obovais, eciliadas, glândulas presentes ou ausentes; estames 2; estigma 1, séssil, apical ou subapical. Drupas globoides a elipsoides, sésseis, pseudocúpula ausente, ápice agudo, truncado ou com apêndice unciforme, glabras, glândulas presentes ou ausentes.

Peperomia é o segundo gênero mais diverso de Piperaceae, com cerca de 1.600 espécies e distribuição pantropical (Steyermark & Callejas-Posada 2003; Wanke *et al.* 2006). No Brasil está representado por 166 espécies e amplamente distribuído na Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica. Na região Nordeste ocorre 55 espécies, das quais apenas três possuíam registros em Sergipe (Guimarães *et al.* 2015). Nesse trabalho são catalogadas cinco espécies no estado, das quais, duas delas são novos registros. A maioria das espécies foi encontrada em áreas de remanescentes de Mata Atlântica, em borda ou interior de mata, porém uma ocorre na Caatinga.

Chave para identificação das espécies de ***Peperomia*** de Sergipe

- 1. Folhas opostas ou verticiladas 2
- 2. Ervas eretas com até 30 cm alt.; folhas 2,1-5,1 x 1,3-2,5 cm, obovadas a elípticas, base cuneada **1.2. *Peperomia increscens***
- 2'. Ervas prostradas; folhas 0,6-1,2 x 0,5-0,9 cm, orbiculares, base arredondada **1.1. *Peperomia circinnata***
- 1'. Folhas alternas 3
- 3. Ervas terrícolas; folhas 1-1,9 x 0,8-1,7 cm, cordadas, deltoides ou raramente ovadas, membranáceas quando secas; nervação campilódroma **1.5. *Peperomia pellucida***
- 3'. Ervas epífitas; folhas 3,2-12 x 2-6,5 cm, ovais, obovadas ou raro elípticas; coriáceas a raramente membranáceas quando secas; nervação pinada 4
- 4. Folhas 3,2-6,6 x 2-3 cm; pedúnculo hirsuto **1.4. *Peperomia obtusifolia***
- 4'. Folhas 6,1-12 x 2,9-6,5 cm; pedúnculo glabro **1.3. *Peperomia magnoliifolia***

1.1. *Peperomia circinnata* Link., Jahrb. Gewächsk. 1(3): 64. 1820.

Ervas epífitas, prostradas; ramos hirsutos a glabrescentes, glândulas ausentes. Folhas (0,6)0,8-0,9(1,2) x (0,5)0,6-0,8(0,9) cm, coriáceas quando secas, opostas, orbiculares, base arredondada, ápice arredondado, ciliado, nervação campilódroma, 3-5 nervuras, faces adaxial e abaxial hirsuta a hispida, glândulas ausentes; pecíolo 0,1-0,2 cm compr.,

cilíndrico a canaliculado, esparsamente piloso, glândulas ausentes. Espigas 2,3-3,5 x 0,1 cm com flores ou frutos, solitárias; brácteas 2, ca. 1,5 x 0,5 cm, opostas, lineares a lanceoladas, ápice agudo, pilosas, glândulas ausentes; raque glabra, glândulas ausentes; pedúnculo 0,3-0,8 cm compr., esparso-piloso, glândulas ausentes. Flores congestas na raque, bractéolas orbiculares a elípticas, eciliadas, glândulas ausentes. Drupas ca. 0,05 x 0,05 cm, globoides, ápice truncado, glabras, glândulas presentes, castanhas, estigma subapical, séssil.

Comentários: Distribuída no Caribe e América do Sul (Yuncker 1974). No Brasil *Peperomia circinnata* possui ampla distribuição, ocorrendo nos domínios da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica e presente do Ceará ao Rio Grande do Sul (Gomes & Alves 2010; Guimarães *et al.* 2015). Em Sergipe a espécie é encontrada em área de Caatinga e diferencia-se das demais espécies do gênero por possuir folhas de menor tamanho (0,6-1,2 x 0,5-0,9 cm), opostas e orbiculares, pelo pecíolo curto (0,1-0,2 cm compr.) e pelo hábito prostrado. Ilustração em Yuncker (1974).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Riachão do Dantas, IV/2013, fl., *M.C.V. Farias* 328 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Pernambuco:** Caruaru-Agrestina, 24/I/2008, fr., *P. Gomes* 755 (UFP).

1.2. *Peperomia increscens* Miq., Linnaea 20: 124. 1847.

Ervas terrícolas, 15-30 cm alt., eretas; ramos minutamente estrigosos, glândulas ausentes. Folhas 2,1-5,1 x 1,3-2,5 cm, membranáceas quando secas, opostas ou verticiladas, obovadas ou elípticas, base cuneada, ápice arredondado, obtuso a agudo, margem ciliada, nervação acródroma, 3-5 nervuras, face adaxial pilosa a densamente pilosa, glândulas presentes, negras, face abaxial esparso-pilosa a pilosa, glândulas presentes, negras; pecíolo (0,2)0,7-1,1(1,8) cm compr., canaliculado, piloso, glândulas ausentes. Espigas 7,5-11 x 0,1 cm com flores ou frutos, solitárias; brácteas não vistas; raque glabra, glândulas presentes, negras; pedúnculo 0,5-1,1 cm compr., piloso, glândulas presentes ou não, negras. Flores laxas na raque; bractéolas orbiculares, eciliadas, glândulas presentes, negras. Drupas 0,5-0,8 x 0,5-0,8 cm, globoides a elipsoides, glabras, glândulas presentes, castanhas ou negras, estigma subapical, séssil.

Comentários: Distribuída na Bolívia, Argentina, Paraguai e Brasil (Zanotti *et al.* 2012), neste último ocorre no Cerrado e na Amazônia e Mata Atlântica (Guimarães *et al.* 2015). Na região Nordeste está citada para os estados do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia (Guimarães *et al.* 2015), sendo aqui registrada pela primeira vez em Sergipe. No estado, *P. increscens* foi encontrada em área montanhosa (Brejo de Altitude), semelhantemente ao citado para outros estados (Yuncker 1974). A espécie se distingue das demais ocorrentes em Sergipe principalmente pelo tamanho e filotaxia das folhas, que variam de 2,1-5,1 cm

de comprimento e 1,3-2,5 cm de largura e são opostas ou verticiladas. Além disso, trata-se de uma erva ereta com até 30 cm de altura. Apesar do amplo uso do nome *Peperomia blanda* (Jacq.) Kunth, Zanotti *et al.* (2012) esclarecem que *P. blanda* e *P. increscens* são entidades biológicas distintas, sendo a primeira restrita à região norte da Venezuela. Ilustração em Guimarães *et al.* (1984).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, VII/2010, fl., W.J. Machado *et al.* 595 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Pernambuco:** Agrestina, VII/2006, fr., A.P. Prata *et al.* 1258 (UFP).

1.3. *Peperomia magnoliifolia* (Jacq.) A. Dietr., Sp. pl. (ed. 6) 1: 153. 1831.

Ervas epífitas, prostradas; ramos escamosos, glândulas presentes, castanho-amareladas. Folhas (6,1)8,3-12 x (2,9)5-6,5 cm, coriáceas ou raramente membranáceas quando secas, alternas, obovadas ou raro elípticas, base atenuada a cuneada, ápice arredondado a obtuso, margem eciliada, nervação pinada, 3-4 pares de nervuras secundárias desenvolvidas até ½ da nervura primária, faces adaxial e abaxial glabras, glândulas presentes, castanhas; pecíolo 1,5-3,5 cm compr., cilíndrico a canaliculado, glabro, glândulas presentes em ambas as faces, castanho-amareladas. Espigas (7)12-14,3 x 0,2-0,3 cm com flores ou frutos, solitárias ou em pares; bráctea não vista; raque glabra, glândulas ausentes; pedúnculo 1,5-2,5 cm compr., glabro, glândulas presentes, castanhas. Flores congestas na raque, bractéolas orbiculares, eciliadas, glândulas presentes, castanhas. Drupas 0,5-1 x 0,3-0,5 cm, elipsoides, ápice com prolongamento de até 0,5 mm compr., glabras, glândulas presentes, castanhas, estigma apical, séssil.

Comentários: Ocorre nas Ilhas Caribenhas, América Central, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa e Brasil (Steyermark & Callejas-Posada 2003). No Brasil está presente na Amazônia e Mata Atlântica, neste último domínio desde Pernambuco até Minas Gerais e Paraná (Guimarães *et al.* 2015). Em Sergipe foi encontrada em áreas de Mata Atlântica e se diferencia das demais espécies pela consistência de suas folhas quando secas (em geral coriáceas) e pelo formato (obovado ou raro elíptico). É muito semelhante à *P. obtusifolia*, porém apresenta folhas maiores e pedúnculo glabro. Ilustração em Melo *et al.* (2013).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, II/2010, fl. fr., L.A.S. Santos *et al.* 73 (ASE); Itabaiana, IX/1996, fr., M. Landim *et al.* 1028 (ASE, UFP); Nossa Senhora do Socorro, XI/2013, fr., J.P. Santana & T.R. Silva 97 (ASE).

1.4. *Peperomia obtusifolia* (L.) A. Dietr., Sp. pl. (ed. 6) 1: 154. 1831.

Ervas epífitas, prostradas; ramos escamosos, glândulas presentes, castanhas. Folhas 3,2-6,6 x 2-3 cm, coriáceas quando secas, alternas, obovadas a ovais, base atenuada a cuneada,

ápice arredondado a obtuso, margem eciliada, nervação pinada, 2-3 pares de nervuras secundárias desenvolvidas até $\frac{1}{2}$ da nervura primária, face adaxial glabra, glândulas ausentes, face abaxial glabra a escamosa, glândulas presentes, castanhas; pecíolo 0,7-2,5 cm compr., cilíndrico a canaliculado, escamoso, glândulas presentes, castanho-amareladas. Espigas 2,3-4,9 cm compr., 0,15-0,3 cm larg. com frutos, solitárias ou em pares; bráctea-1, 2 x 0,5 mm, lanceolada, ápice agudo, ciliado, caduca, glândulas presentes, castanhas; raque glabra, glândulas ausentes; pedúnculo 2-3,3 cm compr., hirsuto, glândulas ausentes. Flores congestas na raque, bractéolas orbiculares, eciliadas, glândulas presentes, castanhas. Drupas 0,8-1,5 x 0,3-0,5 cm, elipsoides, apêndice apical unciforme (0,5-0,8 mm compr.), glabras, glândulas presentes, castanhas, estigma apical, séssil.

Comentários: Ocorre desde as ilhas caribenhas, América Central até a América do Sul, porém ausente no Paraguai, Uruguai e Argentina (Steyermark & Callejas-Posada 2003; Carvalho-Silva 2008). Segundo Guimarães *et al.* (2015), no Brasil está presente nos domínios da Amazônia (Amapá, Pará e Roraima) e Mata Atlântica, desde o estado do Ceará até o Paraná, e até então não havia sido registrada em Sergipe. No Estado a espécie foi encontrada em remanescentes de Mata Atlântica, em fisionomias de floresta montana e restinga. Diferencia-se das demais espécies do gênero pelas folhas coriáceas quando secas e com formato oboval a oval, sendo bastante semelhante à *P. magnoliifolia* e sendo diferenciada pelo tamanho de suas folhas (3,2-6,6 x 2-3 cm) e pedúnculo hirsuto. Ilustração em Yuncker (1974).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, VI/2010, fl. fr., *W.J. Machado* 407 (ASE, UFP); São Cristovão, XI/1983, fr., *G. Viana* 817 (ASE).

1.5. *Peperomia pellucida* (L.) Kunth, Nov. gen. sp. (quarto ed.) 1: 64. 1816.

Ervas, 20-30 cm alt., terrícolas, eretas; ramos glabros, glândulas ausentes. Folhas 1-1,9 x 0,8-1,7 cm, membranáceas quando secas, alternas, cordadas, deltoides ou raramente ovadas, base cordada, levemente truncada ou arredondada, ápice agudo a obtuso, margem eciliada, nervação campilódroma, 3-5 nervuras, faces adaxial e abaxial glabras, glândulas ausentes em ambas as faces; pecíolo 0,3-1 cm compr., cilíndrico, glabro, glândulas ausentes. Espigas 1,6-2,2 cm x 0,05 cm com flor, e até ca. 0,1 cm larg. com frutos, solitárias; brácteas não vistas; raque glabra, glândulas ausentes; pedúnculo 0,5-1 (1,5) cm compr., glabro, glândulas ausentes. Flores laxas na raque; bractéolas orbiculares, eciliadas, glândulas ausentes. Drupas 0,5-1 x 0,5-1 cm, globoides, estriadas longitudinalmente, glabras, glândulas ausentes, estigma apical, séssil.

Comentários: Presente desde o sul dos Estados Unidos até a América do Sul, bem como em áreas tropicais do Velho Mundo (Steyermark & Callejas-Posada 2003). É uma espécie que ocorre em áreas antropizadas e no Brasil possui ampla distribuição (Yuncker 1974; Guimarães *et al.* 2015). Diferencia-se das demais espécies pelo seu habitat de ocorrência (antropizado) e por ser uma erva terrícola e com folhas que variam de 1 a 1,9 cm de comprimento por 0,8 a 1,7 cm de largura, que são, em geral cordadas, deltoides ou raramente ovadas. Ilustração em Melo *et al.* (2013).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VI/1983, fr., A.C. Lima s.n. (ASE 3229); Carmópolis, VIII/2012, fr., A.P. Prata et al. 3326 (ASE); Nossa Senhora da Glória, IX/1983, fr., G. Viana 775 (ASE); Porto da Folha, VIII/2011, fr., D.G. Oliveira et al. 243 (ASE).

2. Piper Ruiz L., Sp. pl. 1: 28. 1753.

Arbustos; ramos com diversos tipos de indumento; glândulas presentes ou ausentes. Folhas alternas, de variadas formas, base assimétrica ou simétrica, membranáceas ou cartáceas quando secas, glabras, glabrescentes, esparso-pilosas, pilosas, esparso-hirsutas ou hirsutas; pecíolo sulcado na base, alado ou canaliculado; nervação acródroma ou pinada. Inflorescências em espigas ou racemos, solitárias, eretas ou pendentes, opositifolias; raque glabra ou fimbriada. Flores congestas na raque, sésseis ou pediceladas; bractéolas cuculadas, triangulares, fimbriadas ou ciliadas; estames 3-4; estigmas 3-4, sésseis. Drupas globoides, quadrangulares, obovoides, aladas ou não, comprimidas lateralmente ou não, ápice apiculado, com ou sem depressão, glabras, puberulentas ou hirsutas, glândulas presentes ou ausentes.

Piper é o gênero mais diverso de Piperaceae, com estimadas 2.000 espécies e distribuição pantropical, além de diversos centros de diversidade na região Neotropical (Jaramillo & Manos 2001; Quijano-Abril et al. 2006). No Brasil está presente na Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica, com 290 espécies e maior riqueza no primeiro domínio (Guimarães et al. 2015). Na região Nordeste está representado por 92 espécies e em Sergipe são citadas oito (Mendes et al. 2010; Guimarães et al. 2015). Neste trabalho foram registradas sete espécies de *Piper*, sendo três delas novos registros para Sergipe.

Chave para identificação das espécies de **Piper** de Sergipe

1. Nervação acródroma; drupas apiculadas **2.1. Piper amalago**
- 1'. Nervação pinada; drupas não apiculadas, ápice com ou sem depressão 2
2. Face adaxial das folhas hirsuta, áspera ao toque; drupas denso-hirsutas apenas no ápice **2.4. Piper hispidum**
- 2'. Face adaxial das folhas glabras a levemente pilosas, lisas ao toque; drupas completamente glabras, glabrescentes, pubescentes ou puberulentas 3
3. Base das folhas fortemente assimétrica, com diferença de (0,6)1,2-1,4 cm entre os lobos **2.2. Piper arboreum**
- 3'. Base das folhas simétrica ou assimétrica, nesse caso com no máximo até 0,5 cm de diferença entre os lobos 4
4. Folhas com 4-5 pares de nervuras secundárias, dispostas até 2/3 da nervura primária; espigas pendentes **2.3. Piper divaricatum**
- 4'. Folhas com 6-12 pares de nervuras secundárias, dispostas ao longo de toda a nervura primária; espigas ou racemos eretos 5
5. Drupas comprimidas lateralmente, não aladas **2.7. Piper vicosanum**

- 5'. Drupas não comprimidas lateralmente, 4-aladas 6
 6. Drupas obovoides (ca. 2 x 2 mm), papilosas, glândulas presentes nas laterais
 **2.5. *Piper hoffmannseggianum***
 6'. Drupas globoides a elipsoides (1-1,5 x 1-1,5 mm), glabras a pulverulentas, glândulas ausentes **2.6. *Piper ovatum***

2.1. *Piper amalago* L., Sp. pl. 1: 29. 1753.

Nome popular: pente-de-macaco.

Arbustos, 2-3 m alt.; ramos glabros, glândulas ausentes. Folhas (7,4)9,3-12 x (4,5)5,1-6,5 cm, membranáceas quando secas, ovais, base arredondada a cuneada, simétrica ou pouco assimétrica, nesse caso até 0,2 cm de diferença entre os lobos, ápice acuminado, margem eciliada, nervação acródroma, 5-7 nervuras, face adaxial glabra, glândulas ausentes, face adaxial glabra a glabrescente, glândulas ausentes; pecíolo 0,4-0,8 cm compr., canaliculado, às vezes sulcado apenas na base ou até a porção mediana do pecíolo, esparso-piloso, glândulas ausentes. Espigas (2,5)5-6,7 x 0,1 cm com flores, 0,3-0,5 cm larg. com frutos, eretas, não apiculadas; raque fimbriada; pedúnculo (0,5) 0,8-1,5 cm compr., esparso-piloso, glândulas ausentes. Bractéolas cuculadas, ciliadas; estames não vistos; estigmas 4, sésseis. Drupas ca. 1,5 x 1 mm, globoides a ovoides, apiculadas, distintamente separadas, glabras, glândulas ausentes.

Comentários: Amplamente distribuída na América Central, Caribe e América do Sul até o Sudeste do Brasil, Bolívia e Argentina (Steyermark & Callejas-Posada 2003). No Brasil ocorre na Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica, do Ceará ao Rio Grande do Sul (Guimarães *et al.* 2015). É facilmente diferenciada das demais espécies pela nervação acródroma (5 a 7 nervuras) e frutos globoides a ovoides apiculados. Ilustração em Guimarães & Giordano (2004) como *Piper amalago* var. *medium* (Jacq.) Yunck.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, VIII/2014, fr., J.N. Aguiar *et al.* 8 (UFP); Laranjeiras, IX/2012, fl., L.A. Gomes *et al.* 744 (ASE); Nossa Senhora do Socorro, X/2012, fl. fr., T.R. Silva & L.A. Pereira 25 (ASE); Siriri, VIII/2012, fr., A.P. Prata *et al.* 3356 (ASE).

2.2. *Piper arboreum* Aubl., Hist. pl. Guiane 1: 23. 1775.

Arbustos, até 2 m alt.; ramos glabros, hirsutos próximos aos nós, glândulas ausentes. Folhas 17,1-20,1(23,2) x (4,5)5,5-6,2(9,9) cm, membranáceas quando secas, elípticas, oblongas ou ovadas, base arredondada, assimétrica, (0,6)1,2-1,4 cm de diferença entre os lobos, ápice agudo, margem eciliada, nervação pinada, 8-10 pares de nervuras secundárias, desenvolvidas ao longo da nervura primária, face adaxial glabra, glândulas ausentes, face abaxial glabra, hirsutas a esparso-hirsutas na nervação, glândulas ausentes; pecíolo 0,2-0,4(1,8) cm compr., alado até a base da folha, glabrescente a hirsuto, glândulas ausentes. Espigas 6,8-9,2 cm x 0,2 cm com flores, 0,2-0,4 cm larg. com frutos, eretas, não apiculadas; raque

glabra, glândulas ausentes; pedúnculo 0,4-0,9 cm compr., glabro a esparso-hispídulo, glândulas ausentes. Bractéolas orbiculares, obovais, triangulares ou elípticas, fimbriadas, fímbrias maiores na parte inferior da bráctea, glândulas ausentes; estames 4; estigmas 3, sésseis. Drupas ca. 1 x 0,5 mm, quadrangulares, ápice sem depressão, comprimidas lateralmente, glabras a glabrescentes, glândulas ausentes.

Comentários: Ocorre desde a América Central, Caribe até o Equador, Bolívia e Brasil, neste último está presente na Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica, com ampla distribuição (Steyermark & Callejas-Posada 2003; Guimarães *et al.* 2015). Em Sergipe é a espécie mais comum de *Piper*, sendo encontrada em remanescentes de Mata Atlântica. Diferencia-se das demais espécies pelo tamanho [20,1(23,2) x (4,5)5,5-6,2(9,9)] e formato de suas folhas (elípticas, oblongas ou ovadas), base fortemente assimétrica, com diferença entre os lobos da folha podendo chegar até 1,4 cm, além do pecíolo alado até a base da folha. Ilustração em Melo *et al.* (2013).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, I/2009, fl., K. Mendes 338 (ASE, UFP); Campo do Brito, XI/1981, fl., G. Viana 200 (ASE); Capela, IV/2012, fl., L.A. Gomes 389 (ASE); Divina Pastora, II/2011, fr., C.A.S Souza *et al.* 73 (ASE); São Cristóvão, VI/2008, fl., J.E. Nascimento-Júnior *et al.* 371 (ASE); Siriri, VI/2012, fr., L.A. Gomes *et al.* 517 (ASE).

2.3. *Piper divaricatum* G. Mey., Prim. fl. esseq.: 15. 1818.

Arbustos, 2-3 m alt.; ramos glabros a glabrescentes, glândulas presentes, castanhas. Folhas 12,2-16,5 x 5,7-6,5 cm, cartáceas quando secas, elípticas a oblongas, raro ovadas, base arredondada a obtusa, assimétrica, diferença entre os lobos 0,2-0,5 cm, ápice agudo, margem eciliada, nervação pinada, 4-5 pares de nervuras secundárias desenvolvidas até 2/3 da nervura primária, face adaxial e abaxial glabras, glândulas presentes em ambas as faces, castanhas; pecíolo 0,7-1,1 cm compr., alado apenas na base ou até a base da folha, glabro, glândulas presentes, castanhas. Espigas (3)5-7,5 x 0,2-0,3 cm com flores, 0,6-0,8 larg. com frutos, pendentes, apiculadas; raque esparsamente fimbriada, por vezes glândulas presentes, castanhas; pedúnculo 1,1-1,5 cm compr., glabrescente a pubescente, glândulas presentes, castanhas. Bractéolas cuculadas a triangulares, fortemente fimbriadas; estames 4; estigmas 3, sésseis. Drupas 1,5-2 x 1-1,5 cm, globoides, quadrangulares, comprimidas lateralmente, ápice sem depressão, glabras, glândulas ausentes.

Comentários: Ocorre na Guiana, Suriname, Guiana Francesa, Brasil e Bolívia (Steyermark & Callejas-Posada 2003). No Brasil, é amplamente distribuída e com ocorrência na Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica. Na região Nordeste, possui registros nos estados do Maranhão, Ceará, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia (Guimarães *et al.* 2015). Em Sergipe foi encontrada em fragmentos de Mata Atlântica, e na maioria das vezes próxima a riachos, e se diferencia das demais espécies principalmente por suas folhas glabras, poucas nervuras secundárias (4-5 pares) e espigas pendentes. Ilustração em Miquel (1832) como *Arthanthé adenophylla* Miq.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, VI/2012, fr., A. Melo et al. 974 (UFP); Estância, XII/2009, fl., C. Calazans et al. 369 (ASE); São Cristóvão, III/2010, fl., fr., L.A.S. Santos et al. 124 (ASE).

2.4. *Piper hispidum* Sw., Prodr.: 15. 1788.

Arbustos, ca. 2 m alt.; ramos hirsutos a esparso-pubescentes, glândulas ausentes. Folhas 10,3-16,3 x 4,5-7,5 cm, ovadas ou raro oblongas, membranáceas quando secas, base arredondada a obtusa, assimétrica, diferença entre os lobos da base 0,3-0,5 cm, ápice acuminado a agudo, margem ciliada, nervação pinada, 4-5 pares de nervuras secundárias desenvolvidas até $\frac{1}{2}$ ou $\frac{2}{3}$ da nervura primária, face adaxial hirsuta, áspera ao toque, glândulas ausentes, face abaxial hirsuta, glândulas ausentes; pecíolo 0,3-1 cm compr., sulcado na base, hirsuto a piloso, glândulas ausentes. Espigas 6,5-10,8 x 0,2 cm com flores, 0,3-0,4 larg. com frutos, eretas, não apiculadas; raque hirsuta, glândulas presentes, castanhas; pedúnculo 0,5-0,8 cm compr., densamente hirsuto, glândulas ausentes. Bractéolas triangulares a orbiculares, fimbriadas; estames 4; estigmas 3, sésseis. Drupas 0,5-1 x 0,5-1 mm, quadrangulares, comprimidas lateralmente, ápice com depressão, denso-hirsutas apenas no ápice, glândulas presentes nas laterais, castanhas.

Comentários: Ocorre na América Central, Caribe e América do Sul (Steyermark & Callejas-Posada 2003). Segundo Guimarães et al. (2015), no Brasil está presente na Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica, e na região Nordeste possui registros nos estados do Ceará, Pernambuco, Alagoas e Bahia, sendo aqui registrada a primeira vez em Sergipe. No estado foi encontrada em bordas de remanescentes de Mata Atlântica e se diferencia das demais espécies encontradas no estado pela superfície áspera da folha, além das poucas nervuras secundárias (4-5 pares), desenvolvidas até próximo à porção mediana da folha. Ilustração em Melo et al. (2013).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, XI/2011, fr., L.A. Gomes et al. 216 (ASE); Divina Pastora, II/2011, fl., C.A.S. Souza et al. 63 (ASE).

2.5. *Piper hoffmanseggianum* Schult., Mant. 1: 242. 1822.

Arbustos, ca. 30 cm alt.; ramos glabros, glândulas presentes, castanhas. Folhas 7,9-10,2 x 3-4,8 cm, cartáceas quando secas, lanceoladas a ovadas, base arredondada a cuneada, simétrica a levemente assimétrica, nesse caso com diferença de ca. 0,1 cm entre os lobos, ápice agudo, nervação pinada, 7-8 pares de nervuras secundárias desenvolvidas ao longo da nervura primária, faces adaxial e abaxial glabras, glândulas presentes em ambas as faces, castanho-amareladas, inconspícuas; pecíolo 0,5-0,8 cm compr., cilíndrico a canaliculado, glabrescente, glândulas ausentes. Espigas (2,8)3,8-6 x 0,3-0,4 cm com frutos, eretas, não apiculadas; raque fimbriada, glândulas presentes, castanhas; pedúnculo 0,4-0,6 cm compr., puberulento, glândulas presentes ou ausentes, castanhas. Bractéolas não vistas; estames não vistos; estigmas 4, sésseis. Drupas ca. 2 x 2 mm, obovoides, 4-aladas,

não comprimidas lateralmente, ápice sem depressão, puberulentas, glândulas presentes nas laterais, castanhas.

Comentários: É considerada endêmica da Mata Atlântica por Callejas-Posada (1986), ocorrendo desde o estado de Pernambuco até o Rio de Janeiro. Em Sergipe a espécie foi encontrada em um remanescente de Mata Atlântica, e se diferencia das demais espécies do estado principalmente pelo formato obovoide do fruto e profundamente 4-alado. Ilustração em Miquel (1852) como *Ottonia pohliana* Miq.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Santa Luzia do Itanhy, IV/2012, fr., B.S. Amorim et al. 1501 (ASE, UFP).

2.6. *Piper ovatum* Vahl, Eclog. amer. 1: 3, pl. 1. 1797.

Nome popular: pimenta-braba.

Arbustos, 1-2 m alt.; ramos glabros a pubescentes, glândulas ausentes. Folhas 12,2-16,5 x 4-7,6 cm, cartáceas quando secas, elípticas a ovadas, base arredondada ou cuneada, simétrica ou levemente assimétrica, nesse caso diferença entre os lobos de 0,1-0,3 cm, ápice agudo a acuminado, nervação pinada, 8-12 pares de nervuras secundárias desenvolvidas ao longo da nervura primária, faces adaxial e abaxial glabras, glândulas ausentes em ambas as faces; pecíolo 0,3-0,9 cm compr., cilíndrico a canaliculado, glabro a pulverulento, glândulas ausentes. Racemos 6,9-9,5 x 0,5-0,7 cm com frutos, eretos, não apiculados; raque glabra, glândulas ausentes; pedúnculo 0,4-0,8 cm compr., glabro, glândulas ausentes. Bractéolas não vistas; pedicelo 0,5-1,2 mm compr.; estames não vistos; estigmas 4, sésseis. Drupas 1-1,5 x 1-1,5 mm, glodoides a elipsoides, 4-aladas, não comprimidas lateralmente, apiculadas, glabras a pulverulentas, glândulas ausentes.

Comentários: Ocorre na Venezuela, Trindade e no Brasil (Callejas-Posada 1986), onde está presente nos domínios do Cerrado e Mata Atlântica, desde o Ceará a São Paulo (Guimarães et al. 2015), porém sem registro formalizado no estado de Sergipe até então. A espécie foi encontrada em remanescentes de Mata Atlântica, no interior dos fragmentos ou próximo a riachos. Pode ser diferenciada das demais espécies pela inflorescência em racemo, pedicelos curtos (0,5 a 1,2 mm compr.) e frutos globoides a elipsoides e 4-alados. As amostras aqui analisadas enquadraram-se na circunscrição adotada por Callejas-Posada (1986) que adota uma delimitação mais ampla para a espécie em função de sua variabilidade morfológica. Guimarães et al. (2015) seguem o proposto por Yunker (1973) aceitando *P. ovatum* Vahl *sensu* Callejas (1986) como *Piper frutescens* C. DC. e *Piper ovatum* Vahl, com o qual aqui discordamos em face da variabilidade detectada nas amostras analisadas para o estado, corroborando com o apontado por Callejas (1986). Ilustração em Yunker (1973).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, III/2011, fr., L.A. Gomes et al. 114 (ASE); Carmópolis, VI/1983, fr., E.M. Carneiro 709 (ASE); Nossa Senhora das Dores, IX/2013, fr., G.S. Silva et al. 31 (ASE).

2.7. *Piper vicosanum* Yunck., Bol. Inst. Bot. (São Paulo) 3: 74, f. 64. 1966.

Arbustos, ca. 1 m alt.; ramos glabros, às vezes com uma linha de tricomas ao longo dos ramos, glândulas ausentes. Folhas 14,5-18,6 x (4,5)5,6-8,4 cm, cartáceas quando secas, elípticas a ovadas, base arredondada, simétrica ou levemente assimétrica, nesse caso diferença entre os lobos de 0,1-0,3 cm, ápice agudo, nervação pinada, 6-10 pares de nervuras secundárias desenvolvidas ao longo da nervura primária, face adaxial glabra a esparso-pilosa, glândulas presentes, inconspícuas, marrons, face abaxial glabra, esparsamente pilosa na nervação, glândulas presentes, marrons, inconspícuas; pecíolo 0,4-1,7 cm compr., sulcado na base ou alado até a base da folha, glabro ou apresentando uma linha de tricomas, glândulas ausentes. Espigas (2,5)3,5-4,7 x 0,3-0,5 cm larg. quando com frutos, eretas, apiculadas; raque glabra a papilosa, glândulas ausentes; pedúnculo 0,6-1 cm compr., glabro a glabrescente, glândulas presentes, castanhas. Bractéolas cuculadas, papilosas; estames 4; estigmas-3, sésseis. Drupas 1,5-2 x 1-2 cm, globoides a obovóides, comprimidas lateralmente, ápice com depressão, glabras a esparso-pulverulentas, glândulas ausentes.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, com ocorrência nos domínios da Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica, desde o estado de Sergipe ao Paraná (Mendes *et al.* 2010; Guimarães *et al.* 2015). Morfologicamente, é semelhante a *P. ilheusense* Yunck., sendo diferenciada por caracteres que podem ser variáveis em algumas espécies da família. Segundo Yuncker (1972, 1973), essas espécies se distinguem pelas folhas lanceoladas, de 5,5-7 x 17-22 cm em *P. ilheusense*, enquanto em *P. vicosanum*, as folhas são elípticas, de 7-9(11) x 16-20 cm. As amostras analisadas aqui mostraram variabilidade no formato e largura das folhas não sendo possível o reconhecimento dos dois táxons com base nesses caracteres. É notório que *P. vicosanum* e *P. ilheusense* necessitam de estudos que envolvam maior número de amostras, análise dos materiais-tipo e intensa avaliação das populações naturais para melhor defini-las quanto a sua validade. Na área de estudo foi encontrada em remanescentes de Mata Atlântica, e diferencia-se das demais espécies pelo pecíolo alado até a base da folha e espigas eretas, apiculadas e 0,3 a 0,5 cm de largura quando em frutificação. Ilustração em Yuncker (1972).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, XII/2013, fr., J.P. Santana & A.S. Ribeiro 138 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, IV/2012, fr., R.M. Deda 144 (ASE).

Referências Bibliográficas

Carvalho-Silva, M. 2008. ***Peperomia* subgênero *Rhynchophorum* (Miq.) Dahlst. para o Brasil: morfologia, taxonomia e distribuição geográfica.** Tese de doutorado. Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 145p.

Callejas-Posada, R. 1986. **Taxonomic Revision of *Piper* subgenus *Ottonia* (Piperaceae).** Tese de Doutorado. Nova Iorque, Universidade de Nova Iorque. 616p.

Gomes, P. & Alves, M. 2010. Floristic diversity of two crystalline rocky outcrops in the Brazilian northeast semi-arid region. **Revista Brasileira de Botânica** 33(4): 661-676.

- Guimarães, E.F.; Carvalho-Silva, M.; Monteiro, D.; Medeiros, E.S. & Queiroz, G.A. 2015. *Piperaceae*. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Rio de Janeiro, Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB12609>> (Acessado em 30 Março 2015).
- Guimarães, E.F. & Giordano, L.C.S. 2004. Piperaceae do Nordeste Brasileiro I: Estado do Ceará. **Rodriguésia** **55**(84): 21-46.
- Guimarães, E.F.; Ichaso, C.L.F. & Costa, C.G. 1984. Piperáceas. 4. *Peperomia*. In: Reitz, R. (Ed.). **Flora Ilustrada Catarinense**. Itajaí: Herbário Barbosa Rodriguez. 136p.
- Jaramillo, M.A. & Manos, P.S. 2001. Phylogeny and patters of floral diversity in the genus *Piper* (Piperaceae). **American Journal of Botany** **88**(4): 706-716.
- Melo, A.; Araújo, A.A.M. & Alves, M. 2013. Flora da Usina São José, Igarassu, Pernambuco: Aristolochiaceae e Piperaceae. **Rodriguésia** **64**: 543-553.
- Mendes, K.; Gomes, P. & Alves, M. 2010. Floristic inventory of a zone of ecological tension in the Atlantic Forest of Northeastern Brazil. **Rodriguésia** **61**(4): 669-676.
- Miquel, F.A.W. 1832. Chloranthaceae et Piperaceae. In: C.F.C. Martius & A.G. Eichler (Eds.). **Flora Brasiliensis**. Frid Fleischer, Lipsiae, p. 1-76.
- Quijano-Abril, M.A.; Callejas-Posada, R.; Miranda-Esquível, D.R. 2006. Areas of endemism and distribution patterns for Neotropical *Piper* species (Piperaceae). **Journal of Biogeography** **33**: 1266-1278.
- Steyermark, J.A. & Callejas-Posada, R. 2003. Piperaceae. In: J.A. Steyermark, P.E. Berry & B.H. Yatskiyevych (Eds.). **Flora of the Venezuela Guayana**. St. Louis, Missouri Botanical Garden Press. Vol. 7, p. 681-738.
- Wanke, S.; Samain, M.S.; Vanderschaeve, L.; Mathieu, G.; Goetghebeur, P. & Neinhuis, C. 2006. Phylogeny of the genus *Peperomia* (Piperaceae) inferred from the trnK/matK region (cpDNA). **Plant Biology** **8**: 93-102.
- Yuncker, T.G. 1972. The Piperaceae of Brazil I: *Piper*. Group I, II, III, IV. **Hoehnea** **2**: 19-366.
- Yuncker, T.G. 1973. The Piperaceae of Brazil II. *Piper*. Group V: *Ottonia*, *Pothomorphe*, *Sarcorrhachis*. **Hoehnea** **3**: 29-284.
- Yuncker, T.G. 1974. The Piperaceae of Brazil III. *Peperomia*: Taxa of uncertain status. **Hoehnea** **4**: 71-413.
- Zanotti, C.A.; Suescún, M.A. & Mathieu, G. 2012. Sinopsis y novedades taxonómicas de *Peperomia* (Piperaceae) en la Argentina. **Darwiniana** **50**(1): 124-147.

Lista de Exsicatas

Aguiar, J.N. 8 (2.1); **Amorim, B.S.** 1501 (2.5); **Calazans, C.** 369 (2.3); **Campos, D.A.** 31 (2.7); **Carneiro, E.M.** 709 (2.6), 699 (2.7); **Costa, S.M.** 612 (1.2); **Deda, R.M.** 144 (2.7); **Farias, M.C.V.** 328 (1.1); **Gomes, L.A.** 744 (2.1), 389 (2.2), 517 (2.2), 365 (2.3), 410 (2.3), 216 (2.4), 411 (2.4), 114 (2.6), 569 (2.7); **Gomes, P.** 755 (1.1), 651 (2.7), 651a (2.7); **Landim, M.** 1028 (1.3), 253 (2.3); **Lima, A.C.** s.n. ASE 3229 (1.5); **Machado, W.J.** 417 (1.2), 595 (1.2), 407 (1.4); **Melo, A.** 974 (2.3); **Mendes, K.** 315 (1.3), 338 (2.2); **Nascimento-Júnior, J.E.** 371 (2.2), 535 (2.2), 1 (2.3), 13 (2.6); **Nóbrega, M.G.G.** 1862 (2.2); **Oliveira, D.G.** 243 (1.5); **Pereira, L.A.** 478 (2.6); **Prata, A.P.** 1258 (1.2), 3326 (1.5), 3356 (2.1), 2878 (2.2); **Ribeiro, A.S.** 137 (2.2); **Santana, J.P.** 97 (1.3), 138 (2.7); **Santana, M.C.** 140 (2.2); **Santos, J.P.S.** 34 (2.1); **Santos, L.A.S.** 73 (1.3), 124 (2.3); **Santos, M.L.** 41 (2.2); **Silva, G.S.** 31 (2.6); **Silva, T.R.** 10 (2.1), 25 (2.1); **Souza, C.A.S.** 73 (2.2), 63 (2.4); **Viana, G.** 630 (1.1), 1681 (1.1), 817 (1.4), 775 (1.5), 200 (2.2), 1427 (2.7); **Vicente, A.** 170 (2.2).

POLYGALACEAE

Débora Maria Cavalcanti Ferreira¹
Marccus Alves¹

Ervas, subarbustos, arbustos, arvoretas ou lianas. Ramos armados ou inermes. Folhas simples, alternas, verticiladas, opostas a subopostas; sésseis ou pecioladas; pecíolo com ou sem duas glândulas na base. Inflorescências em racemos, panículas ou fascículos umbeliformes; bráctea central-1, bractéolas laterais-2, em geral caducas no fruto. Pedicelo com ou sem duas glândulas na base. Flores bissexuadas, papilionadas. Sépalas-5, bisseriadas; externas-3, superiores-2, livres ou parcialmente soldadas, inferior-1, livre; sépalas internas-2 (=alas), petalóides. Pétalas 3-5, laterais-2, modificada-1 (=carena), ápice emarginado ou cristado, rudimentares-2, conspícuas ou inconspícuas; estames-8; filetes unidos em bainha aberta; ovário súpero, bilocular; estilete curvo a 90° ou ereto. Frutos cápsulas ou sâmaras. Sementes 1-2, 1 por lóculo, carúncula com ou sem apêndices.

Polygalaceae é amplamente distribuída por todo o globo, com exceção da Nova Zelândia e das zonas Ártica e Antártica, apresenta cerca de 1300 espécies incluídas em quatro tribos: *Polygalae*, *Moutabeae*, *Carpolobeae* e *Xanthophylleae* (Marques & Peixoto 2007). No Brasil, a família ocorre em todos os biomas e está representada por 196 espécies, distribuídas em 11 gêneros (*Acanthocladus* Klotzschex Hassk., *Asemeia* Raf. emend. Small, *Barnhartia* Gleason, *Bredemeyera* Willd., *Caamembeca* J.F.B. Pastore, *Diclidanthera* Mart., *Gymnospora* (Chodat) J.F.B. Pastore, *Monnina* Ruiz & Pav., *Moutabea* Aubl., *Polygala* L. e *Securidaca* L.), sendo 20 espécies e seis gêneros ocorrentes no estado de Sergipe (Pastore *et al.* 2013).

Chave para identificação dos gêneros de **Polygalaceae** de Sergipe

- 1. Glândulas presentes na base do pecíolo e do pedicelo 2
- 1'. Glândulas ausentes na base do pecíolo e do pedicelo 3
- 2. Subarbustos; fruto cápsula **4. Caamembeca**
- 2'. Lianas ou ocasionalmente arbustos a arvoretas; fruto sâmara..... **6. Securidaca**
- 3. Ervas ou subarbustos 4
- 3'. Arbustos, lianas, arvoretas 5
- 4. Sépalas externas ciliadas; carena com o ápice emarginado; estilete curvo formando ângulo de 90 **2. Asemeia**
- 4'. Sépalas externas glabras; carena com o ápice cristado; estilete ereto **5. Polygala**
- 5. Ramos inermes; inflorescências em panículas **3. Bredemeyera**
- 5'. Ramos armados; inflorescências em fascículos umbeliformes **1. Acanthocladus**

¹Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Biológicas, Depto. Botânica, Laboratório de Morfo-Taxonomia Vegetal. Av. Prof. Moraes Rego 1235, Cidade Universitária. CEP: 50670-901, Recife-PE. deboracavalcantif@hotmail.com; alves.marccus@gmail.com

1. *Acanthocladus* Klotzschex Hassk.

O gênero *Acanthocladus* compreende oito espécies (Pastore & Cardoso 2010). No Brasil, está representado por cinco espécies, sendo uma ocorrente no estado de Sergipe (Pastore *et al.* 2013).

1.1. *Acanthocladus albicans* A.W.Benn. in Eichler & Urban, Fl. bras. 13(3): 46. 1874.

Polygala albicans (A. W. Benn.) Grondona, Darwiniana 8 (2-3): 291. 1948.

Polygala albicans (A. W. Benn.) Grondona var. *caracaensis* Glaz. ex Marques, Rodriguésia 36(60): 7. 1984.

Polygala albicans (A. W. Benn.) Grondona var. *silvae* Marques, Rodriguésia 36(60): 7. 1984.

Nome popular: esporão-de-galo, pau-pra-tudo, quixabeira-branca, queixabeira-branca, quixaba-branca.

Fig. 1 A-C.

Arbustos a arvoretas, ca. 3-5 m alt. Ramos cilíndricos, glabros, armados. Folhas opostas a subopostas, 2,2-4,8 (-11,4) x 0,8-1,7 (-4,9) cm, ovadas, elípticas a obovadas, ápice atenuado, obtuso a arredondado; pecíolo 0,2-0,4 cm compr., sem glândulas na base. Inflorescências em fascículos umbeliformes, 1-1,2 x 1,5-2,1 cm, densifloras; raque inconspícua; brácteas e bractéolas persistentes no fruto. Pedicelo 2,3-2,8 mm compr., glabro, sem glândulas na base. Flores alvas, creme a lilases, 5,7-6 x 4,8-5,5 mm; sépalas externas com margens ciliadas com tricomas simples e sem tricomas glandulares capitados; inferior 2,4-3 x 2,3-2,4 mm, suborbiculares; superiores 2,3-2,4 x 2 mm, suborbiculares; sépalas internas 5,7-6 x 4,8-5,3 mm, largo-elípticas; pétalas laterais 4,9-5,2 x 0,8-1,1 mm; carena 4,3-5,6 mm compr., caduca no fruto, ápice emarginado, cúculo 2,7-3,2 mm larg.; rudimentares inconspícuas. Estilete curvo a 90°. Fruto cápsula, 4,5-10 x 6,3-14 mm; subgloboso, ápice emarginado; sementes globosas, 6,3-10 x 3,2-6,2 mm, pilosas, carúncula 2,3-4,5 mm compr.

Comentários: Ocorre nas regiões Nordeste, Centro-oeste e Sudeste do Brasil (Pastore *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada em áreas de Caatinga. A maioria das amostras depositadas no herbário ASE é da década de 80, contendo apenas uma amostra coletada recentemente no estado, no ano de 2011. É facilmente distinguível das demais espécies do estado por apresentar ramos armados e inflorescências em fascículos umbeliformes. Floresce nos meses de outubro e novembro e frutifica no mês de março e entre agosto a dezembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Frei Paulo, XI/1981, fl., *E.M Carneiro 163* (ASE); Nossa Senhora da Glória, XI/1980, fr., *G. Viana s/n* (ASE 788); Porto da Folha, VI/2011, fl., *D.G. Oliveira et al. 186* (ASE); Riachão do Dantas, XII/1981, fr., *G. Viana 281* (ASE).

2. *Asemeia* Raf. emend. Small

Subarbustos; raízes aromáticas. Caule cilíndrico, velutino a pubescente. Folhas alternas; pecioladas, pecíolos sem glândulas na base. Inflorescências racemosas; brácteas e

bractéolas caducas no fruto. Pedicelo sem glândulas na base. Sépalas externas, ciliadas com tricomas simples e com ou sem tricomas glandulares, superiores parcialmente soldadas. Pétalas-5, laterais-2, modificada-1 (=carena), caduca no fruto, ápice emarginado, rudimentares-2, inconspícuas. Estilete curvo a 90°. Fruto cápsula loculicida; sementes-2, carúncula com apêndices córneos, laterais-2, dorsal-1.

O gênero *Asemeia* é pan-tropical com 28 espécies americanas e uma variedade (Pastore & Abbott 2012). No Brasil, está representado por 19 espécies, sendo cinco ocorrentes no estado de Sergipe (Pastore *et al.* 2013).

Chave para identificação das espécies de *Asemeia* de Sergipe

- 1. Margens das sépalas externas sem tricomas glandulares capitados **2.4. *Asemeia pseudohebeclada***
- 1'. Margens das sépalas externas com tricomas glandulares capitados 2
- 2. Folhas lineares a lanceoladas **2.5. *Asemeia violacea***
- 2'. Folhas ovadas, obovadas, suborbiculares ou elípticas 3
- 3. Folhas ovadas; ápice atenuado a acuminado **2.3. *Asemeia parietaria***
- 3'. Folhas obovadas, suborbiculares ou elípticas; ápice agudo, emarginado, obtuso ou arredondado 4
- 4. Folhas com ápice emarginado, obtuso a arredondado **2.2. *Asemeia ovata***
- 4'. Folhas com ápice agudo **2.1. *Asemeia martiana***

2.1. *Asemeia martiana* (A.W.Benn.) J.F.B.Pastore & J.R.Abbott, Kew Bull. 67(4): 8. 2012.

Polygala martiana A.W.Benn. in Eichler & Urban, Fl. bras. 13(3): 13. 1874.

Nome popular: mentraste.

Fig. 1 D.

Subarbustos, 26,3-54 cm alt. Caule pubescente. Folhas alternas, 2,4-4 (-5,3) x 0,7-0,9 (-2,1) cm, elípticas, ápice agudo; pecíolo 0,2-0,22 cm compr. Inflorescências 1,1-7 x 0,9-1,1 cm, laxifloras a densifloras; raque 1-6,3 cm compr. Pedicelo 0,3-1,4 mm compr., piloso. Flores alvas a lilases, 2,1-3,4 x 1,7-2,6 mm; sépalas externas com margens ciliadas com tricomas simples e com tricomas glandulares capitados, inferior 1,6-2 x 0,6-0,7 mm, elípticas; superiores 1,7-1,8 mm compr., concrecidas, ca. 1-1,1 mm; sépalas internas 2-3,7 x 1,6-2,7 mm, obovadas; pétalas laterais 1,5-2,6 x 0,7-1,3 mm; carena 1,7-3,2 mm compr., cúculo 0,7-2,2 mm larg. Frutos 2,4-3,9 x 1,8-2,8 mm, elipsóides; sementes cilíndricas, 3,1-3,4 x 0,5-1,2 mm, adpresso-seríceas, carúncula 0,4-0,9 mm compr.

Comentários: É endêmica do Brasil, ocorrendo nas regiões Nordeste e Norte (Pastore *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada em áreas de Caatinga e de Mata Atlântica, onde ocorre em bordas de mata. Assemelha-se a *Asemeia ovata* por apresentar folhas elípticas, porém, é diferenciada por possuir folhas com ápice agudo. Floresce e frutifica nos meses de abril, junho e agosto.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, IV/2010, fl. e fr., A.C.C. Silva 174 (ASE); Lagarto, VIII/2010, fl. e fr., L.A.S. Santos 293 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, VIII/2012, fl. e fr., L.A. Gomes et al. 662 (ASE).

2.2. *Asemeia ovata* (Poir.) J.F.B.Pastore & J.R.Abbott, Kew Bull. 67(4): 9. 2012.

Polygala decumbens A.W.Benn. in Eichler & Urban, Fl. bras. 13(3): 16. 1874.

Polygala martiana A.W. Benn. var. *decumbens* (A.W. Benn.) Aguiar in Marques & Yamamoto, Revista Brasileira de Biociências 6(1): 89-90. 2008.

Fig.1 E.

Subarbustos, 32-52,5 cm alt. Caule pubescente. Folhas alternas, 1-2,1 (-3,5) x 0,4-0,8 (-1,85) cm, elípticas, obovadas a suborbiculares, ápice emarginado, obtuso a arredondado; pecíolo 0,1-0,2 cm compr. Inflorescências 1,9-12,9 x 0,8-1,2 cm, laxifloras; raque 1,2-11,9 cm compr. Pedicelo 0,4-1,6 mm compr., glabro. Flores lilases, 3-5,1 x 2,4-3,8 mm; sépalas externas com margens ciliadas com tricomas simples e com tricomas glandulares capitados, inferior 2,2-2,3 x 1,2-1,3 mm, elípticas; superiores 2-2,1 mm compr., concrescidas, ca. 1-1,4 mm larg.; sépalas internas 3-5,2 x 2,6-4,4, obovadas; pétalas laterais 3,2-4,4 x 1,4-1,6 mm; carena 2,4-4,1 mm compr., cúculo 1,4-3 mm larg. Frutos 4,2-5 x 2,3-2,6 mm, elipsóides; sementes cilíndricas, 3,3-3,6 x 0,9-1,2 mm, adpresso-seríceas, carúncula 0,9-1 mm compr.

Comentários: Ocorre nas regiões Nordeste, Centro-oeste e Sudeste do Brasil (Pastore et al. 2013). Em Sergipe é encontrada em áreas de Caatinga e de Mata Atlântica, ocorrendo em bordas de mata e preferencialmente em Restingas. Assemelha-se a *Asemeia martiana* por apresentar folhas elípticas, porém, diferencia-se por possuir folhas com ápice emarginado, obtuso a arredondado. Floresce e frutifica em quase todos os meses do ano, exceto nos meses de fevereiro, julho e setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Pacatuba, VI/2012, fl. e fr., D.G. Oliveira 358 (ASE); Poço Redondo, XI/2010, fl. e fr., W.J. Machado & J.B. Jesus 775 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, III/2010, fl. e fr., C.A.S. Souza et al. 44 (ASE).

2.3. *Asemeia parietaria* (Chodat) J.F.B.Pastore & J.R.Abbott, Kew Bull. 67(4): 9. 2012.

Polygala parietaria Chodat, Mém. Soc. Phys. Genève 31, part. 2(2): 50. 1893.

Fig. 1 F-J.

Subarbustos, 26-45,2 cm alt. Caule pubescente. Folhas alternas, 2,3-4,1 (-6,5) x 1-2,1 (-3,9) cm, ovadas, ápice acuminado a atenuado; pecíolo 0,2-0,25 cm compr. Inflorescências 2,5-7,5 x 1,1-1,5 cm, laxifloras a densifloras; raque 2-7,2 cm compr. Pedicelo 0,8-2,8 mm compr., pubescentes. Flores alvas a lilases, 5-6,7 x 3,9-5,4 mm; sépalas externas com margens ciliadas com tricomas simples e com tricomas glandulares capitados, inferior 3,4-4 x 1,9-2 mm, elípticas; superiores 2,6-2,7 x 1,6 mm, elípticas; sépalas internas 5-6,6 x 3,9-5,4 mm, obovadas; pétalas laterais 4,2-5,7 x 1,8-1,9 mm; carena 4,4-6,5 mm compr.,

cúculo 1,5-3,2 mm larg. Frutos 4,2-4,5 x 2,8-3 mm, elipsóides; sementes cilíndricas, 2,2-2,5 x 1-1,6 mm, adpresso-seríceas, carúncula 0,8-1 mm compr.

Comentários: É endêmica do Brasil, ocorrendo nas regiões Nordeste, Centro-oeste e Sudeste (Pastore *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada em áreas de Caatinga e brejo de altitude. Diferencia-se das demais espécies do gênero do Estado por apresentar folhas com ápice acuminado a atenuado. Floresce e frutifica nos meses de junho, agosto e setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, VIII/2010, fl. e fr., *W.J. Machado & J.B. Jesus 682* (ASE); Poço Verde, VI/2010, fl. e fr., *E.V.R. Ferreira 111* (ASE); Simão Dias, VIII/2010, fl. e fr., *A.P. Prata 2456* (ASE).

2.4. *Asemeia pseudohebeclada* (Chodat) J.F.B.Pastore & J.R.Abbott, *Kew Bull.* 67(4): 10. 2012. *Polygala pseudohebeclada* Chodat, *Mém. Soc. Phys. Genève* 31, part. 2(2): 61-62. 1893. Fig. I K-L.

Subarbustos, 26-38, 2 cm alt. Caule pubescente a velutino. Folhas alternas, 0,8-1,6 (-3,8) x 0,1-0,75 (-0,9) cm, obovadas, elípticas, lineares a lanceoladas, ápice arredondado, cuspidado a agudo; pecíolo 0,12-0,2 cm compr. Inflorescências 2,7-12,4 x 1-1,7 cm, laxifloras a densifloras; raque 1,9-11,4 cm. Pedicelo 0,6-3 mm compr., glabro. Flores lilases, 5,7-8,3 x 4,5-6,5 mm, sépalas externas com margens ciliadas com tricomas simples; inferior 3-3,4 x 1,2-1,9 mm, elípticas; superiores 3-3,7 mm compr., concrecidas, ca. 1,5-1,6 mm larg.; sépalas internas 5,6-7,8 x 4,6-6,3 mm, suborbiculares a obdeltóides; pétalas laterais 4,7-7 x 2,1-2,3 mm; carena 5,5-7,2 mm compr., cúculo 2,1-5 mm larg. Frutos 5,2-5,8 x 3,2-3,7 mm, elipsóides; sementes cilíndricas, 4,3-4,7 x 1,3-1,7 mm, adpresso-seríceas, carúncula 1-1,1 mm compr.

Comentários: É endêmica do Brasil, ocorrendo na região Nordeste (Pastore *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada em área de Caatinga, ocorrendo em solos areno-pedregosos. Há apenas duas amostras da espécie depositada no herbário ASE. Diferencia-se das demais espécies do gênero do Estado por apresentar margens das sépalas externas sem tricomas glandulares capitados. Floresce em abril e agosto e frutifica no mês de agosto.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** São Domingos, IV/2006, fl., *A.C. Silva et al. 11* (ASE); São Miguel do Aleixo, VIII/1986, fl. e fr., *G. Viana 1579* (ASE).

2.5. *Asemeia violacea* (Aubl.) J.F.B.Pastore & J.R.Abbott, *Kew Bull.* 67(4): 11. 2012. *Polygala violacea* Aubl., *Hist. Pl. Guiane* 2:735. 1775. Nome popular: peixe-boi. Fig. 1 M.

Subarbustos, 28-49,5 cm alt. Caule pubescente. Folhas alternas, 1-4,7 x 0,2-1,1 cm, lineares a lanceoladas, ápice agudo; pecíolo 0,03-0,25 cm compr. Inflorescências 0,8-13,1 x 0,5-1

cm, laxifloras; raque 0,7-12,4 cm compr. Pedicelo 0,2-2,2 mm compr., piloso. Flores róseas a lilases, 2,7-3,7 x 2-2,3 mm; sépalas externas com margens ciliadas com tricomas simples e com tricomas glandulares capitados, inferior 1,8-2 x 0,9-1 mm, elípticas; superiores 1,8-2 mm compr., concrescidas, ca. 0,7-1 mm larg., elípticas; sépalas internas 2,7-3,7 x 1,8-2,4 mm, obovadas; pétalas laterais 1,8-3,4x1-1,5 mm; carena 3,2-4 mm compr., cúculo 1,2-1,4 mm larg. Frutos 3,2-3,5 x 2,1-2,3 mm, elipsóides; sementes cilíndricas, 1,9-2 x 0,8-1,0 mm, adpresso-seríceas, carúncula 0,7-0,8 mm compr.

Comentários: Ocorre em todas as regiões do Brasil (Pastore *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada em áreas de Caatinga e de brejo de altitude. Assemelha-se a *Asemeia pseudohebeclada* por apresentar folhas lineares a lanceoladas, porém é diferenciada por possuir tricomas glandulares capitados nas margens das sépalas externas. Floresce e frutifica entre os meses de maio a outubro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, VII/2006, fl. e fr., S. Schmidt *et al.* 271(ASE, UFP); Poço Redondo, VIII/2006, fl. e fr., S.M. Costa & A.P. Prata 87 (ASE); Porto da Folha, VII/2006, fl. e fr., E. Córdula *et al.* 119 (UFP).

3. *Bredemeyera* Willd.

Bredemeyera Willd. ocorre na América Central e América do Sul (Marques 1980). Apresenta 12 espécies no Brasil, sendo uma delas ocorrente no estado de Sergipe (Pastore *et al.* 2013).

3.1. *Bredemeyera laurifolia*(A.St.-Hil.) Klotzsch *ex* A.W.Benn, *in* Eichler & Urban, Fl. bras. 13(3): 52. 1874.

Fig.1 N.

Arbustos escandentes. Ramos cilíndricos, pubescentes, inermes. Folhas alternas, 1,7-3,5 (-7) x 0,8-2,1 (-4,6) mm, elípticas, obovadas a suborbiculares, ápice agudo, emarginado a cuspidado; pecíolo 2-3,5 cm compr., sem glândulas na base. Inflorescências em panículas, 4,4-7,8 x 2-10,7 cm; raque 2,8-10,7 cm compr.; brácteas e bractéolas persistentes no fruto. Pedicelo 0,5-0,6 mm compr., glabro, sem glândulas na base. Flores amarelas, 4-6,2 x 2,5-3,5 mm; sépalas externas com margens ciliadas com tricomas simples e sem tricomas glandulares capitados, inferior 2,1-3 x 1,5-1,7 mm, elípticas; superiores 2,1-2,2 x 1,7-1,8 mm, elípticas; sépalas internas 3,7-5 x 2,7-4 mm, obovadas; pétalas laterais 3-3,8 x 1,4-1,7 mm; carena 3-4,5 mm compr., caduca no fruto, ápice emarginado, cúculo 1,5-2,2 mm larg.; rudimentares 0,2-0,4 x 0,2-0,3 mm. Estilete curvo a 90°. Fruto cápsula, 7-14 x 3-4,7 mm, obovado; sementes cilíndricas, 7-7,2 x 1,2-1,4 mm, pubescentes, carúncula 0,6-0,7 mm compr.

Comentários: É endêmica do Brasil, ocorrendo em todas as regiões (Pastore *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada em áreas de Mata Atlântica, onde ocorre em brejos de altitude e

bordas de mata. É facilmente distinguível das demais espécies do estado por apresentar inflorescências em panículas. Floresce em quase todos os meses do ano, exceto nos meses de março, abril e julho. Frutifica nos meses de fevereiro, maio, setembro, novembro e dezembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, VI/2011, fl. e fr., *A.P. Prata et al.* 2625 (ASE); Poço Redondo, XI/2009, fl. e fr., *W.J. Machado et al.* 71 (ASE); Salgado, XI/1985, fl., *G. Viana* 1214 (ASE, UFP).

4. *Caamembeca* J. F. B. Pastore

Caamembeca apresenta nove espécies no Brasil, sendo uma ocorrente no estado de Sergipe (Pastore *et al.* 2013).

4.1. *Caamembeca spectabilis* (DC.) J.F.B.Pastore, Kew Bull. 67: 1-8. 2012.

Polygala spectabilis DC., Prodr. 1: 331. 1824

Fig. 2 A-B.

Subarbustos, 60-1 m alt. Caule cilíndrico, pubescente. Folhas alternas na base a oposta a verticiladas no ápice, 2,9-5,8 (-10,5) x 1,15-2,4 (-5) cm, elípticas a obovadas, ápice agudo, acuminado acuspidado; pecíolo 0,2-0,3 cm compr., com duas glândulas na base. Inflorescências 4-12,6 x 1,7-4,0 cm, laxifloras a densifloras; raque 1,1-7,5 cm compr.; brácteas e bractéolas caducas no fruto. Pedicelo 1-2,7 mm compr., pubescente, com duas glândulas na base. Flores alvas, 22,4-28 x 11,5-12,2 mm; sépalas externas com margens ciliadas com tricomas simples e sem tricomas glandulares capitados, inferior 5,3-5,9 x 4,8-5 mm, suborbiculares; superiores 3,7-4 x 2,5-3 mm, assimétricas, suborbiculares; sépalas internas 14,2-14,6 x 11,2-11,5 mm, ovadas a ovado-elípticas; pétalas laterais 22,4-28 x 4-4,2 mm; carena 22,4-28 mm compr., caduca no fruto, ápice emarginado, cúculo 3,5-5,2 mm larg.; rudimentares 0,8-1,5 x 0,4-0,5 mm compr. Estilete curvo. Fruto cápsula, 7-12 x 5,5-8,5 mm, elipsóide; sementes subtriangulares, 6-7 x 2,4-2,6 mm, adpresso-seríceas, carúncula 4,3-5,2 mm compr.

Comentários: Ocorre nas regiões Norte, Nordeste e Sudeste do Brasil (Pastore *et al.* 2013). Em Sergipe, é encontrada em áreas de brejo de altitude. Junto com *Securidaca diversifolia* (L.) S. F. Blake apresenta glândulas na base do pecíolo e do pedicelo, porém, diferencia-se pelo hábito subarbusivo e pelo fruto cápsula. Floresce e frutifica nos meses de março, abril e entre os meses de junho a agosto.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, VI/2010, fl., *W.J. Machado et al.* 494 (ASE); Simão Dias, III/2011, fl. e fr., *T. Carregosa-Silva et al.* 176 (ASE, UFP).

5. *Polygala* L.

Ervas ou subarbustos; raízes aromáticas. Caule cilíndrico a anguloso, pubescente a glabro. Folhas verticiladas a alternas; sésseis ou pecioladas, pecíolos sem glândulas na base. Inflorescências racemosas; brácteas e bractéolas persistentes ou caducas no fruto. Pedicelos sem glândulas na base. Sépalas externas, glabras, superiores livres. Pétalas-3, laterais-2, modificada (=carena)-1, persistente ou caduca no fruto, ápice cristado. Estilete ereto. Fruto cápsula loculicida; sementes-2, carúncula com apêndices-2, por vezes presentes.

Polygala apresenta 97 espécies no Brasil, sendo 11 espécies ocorrentes no estado de Sergipe (Pastore *et al.* 2013).

Chave para identificação das espécies de *Polygala* de Sergipe

1. Sementes com tricomas uncinados **5.6. *Polygala glochidiata***
- 1'. Sementes sem tricomas uncinados 2
2. Sementes cônicas 3
3. Caules glabros; inflorescências densifloras 4
4. Sementes apendiculadas 5
5. Brácteas e bractéolas persistentes no fruto; carena caduca no fruto
..... **5.7. *Polygala longicaulis***
- 5'. Brácteas e bractéolas caducas no fruto; carena persistente no fruto
..... **5.9. *Polygala cf. pseudovariabilis***
- 4'. Sementes com dois apêndices **5.11. *Polygala trichosperma***
- 3'. Caules pubescentes; inflorescências laxifloras **5.3. *Polygala boliviensis***
- 2'. Sementes cilíndricas, ovóides ou elipsóides 6
6. Caules pilosos, tricomas claviformes 7
7. Folhas > 1 mm larg; inflorescências laxifloras **5.8. *Polygala paniculata***
- 7'. Folhas < 1 mm larg; inflorescências densifloras **5.2. *Polygala appressa***
- 6'. Caules glabros 8
8. Folhas verticiladas a alternas no mesmo indivíduo 9
9. Inflorescência densiflora; carena persistente no fruto **5.10. *Polygala timoutou***
- 9'. Inflorescência laxiflora; carena caduca no fruto **5.5. *Polygala galioides***
- 8'. Folhas exclusivamente alternas 10
10. Sementes com apêndices curtos <0,1 mm comp. **5.1. *Polygala appendiculata***
- 10'. Sementes com apêndices longos > 0,1 mm compr. 11
11. Sementes ovóides; apêndices maiores que o comprimento total da semente
..... **5.4. *Polygala cyparissias***
- 11'. Sementes cilíndrico-elipsóides; apêndices menores que o comprimento total da semente **5.2. *Polygala appressa***

5.1. *Polygala appendiculata* Vell., Phytotaxa, 108 (1):45.

Polygala leptocaulis Torr. & A. Gray, Fl. N. Amer. 1: 130.1838.

Fig. 2 C.

Subarbustos, 14-36,2 cm alt. Caule cilíndrico, glabro. Folhas alternas, 0,2-1,6 x 0,02-0,07 mm, lineares, ápice agudo; pecíolo 0,04-0,05 mm compr. Inflorescências 1,9-12,7 x 0,42-0,5 cm, laxifloras a densifloras; raque 1,7-11,7 cm compr.; brácteas e bractéolas caducas no fruto. Pedicelo 0,7-0,8 mm compr., glabro. Flores alvas, róseas a lilases, 1,6-2,5 x 0,8-0,9 mm; sépalas externas, inferior 1,1-1,2 x 0,6-0,7 mm, elípticas; superiores 1-1,1 x 0,3-0,4 mm, estreito-elípticas; sépalas internas 1,6-2,5 x 0,8-1 mm, obovadas; pétalas laterais 0,8-1,8 x 0,5-0,9 mm; carena 1,8-2 mm compr., caduca no fruto, cristas 10-lobos, cúculo 0,5-0,6 mm larg. Frutos 1,9-2,1 x 1,1-1,2 mm, elipsóides; sementes ovóides a cilíndricas, 1-1,1 x 0,4-0,5 mm, apêndices da carúncula < 0,1 mm compr.

Comentários: Ocorre em todas as regiões do Brasil (Pastore *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada em áreas de Restinga e em locais com solos alagadiços. É diferenciada das demais espécies do gênero do Estado por apresentar sementes ovóides a cilíndricas com apêndices da carúncula menores que 0,1 mm de comprimento. Floresce e frutifica entre os meses de julho a dezembro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Pirambu, IX/2012, fl. e fr., E.V.S. Oliveira & E.S. Ferreira 108 (ASE); São Cristóvão, IX/2009, fl. e fr., D.S. Melo *et al.* 42 (ASE).

5.2. *Polygala appressa* Benth. *in* Hook., J. bot. 4: 100. 1842.

Fig. 2 D.

Subarbustos, 16,1-49,6 cm alt. Caule cilíndrico, piloso, tricomas claviformes esparsos a glabro. Folhas alternas, 0,28-0,5 x 0,07-0,08 mm, lineares, ápice atenuado; sésseis. Inflorescências 1,2-8,6 x 0,32-0,46 cm, densifloras; raque 1,2-8,3 cm compr.; brácteas caducas no fruto; bractéolas persistentes no fruto. Pedicelo 0,3-0,4 mm compr., glabro. Flores róseas a lilases, 1,6-2 x 1,1-1,3 mm; sépalas externas, inferior 1-1,2 x 0,6-0,7 mm, ovadas; superiores 1-1,2 x 0,3 mm, estreito-elípticas; sépalas internas 1,6-2,2 x 0,8-1 mm, obovadas; pétalas laterais 1,2-1,3 x 0,7 mm; carena 1,3-1,8 mm compr., caduca no fruto, cristas 4-6 lobos, cúculo 0,6-0,7 mm larg. Frutos 1,6-1,8 x 1-1,4 mm, elipsóides; sementes cilíndrico-elipsóides, 1,1-1,2 x 0,3-0,4 mm, pubescentes, apêndices da carúncula 0,4-0,6 mm compr.

Comentários: Ocorre nas regiões Norte e Nordeste do Brasil (Pastore *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada em Restingas. Junto com *Polygala paniculata* L. apresenta caules pilosos com tricomas claviformes, porém é diferenciada por apresentar folhas menores que 1 mm de largura e inflorescências densifloras. Floresce e frutifica nos meses de agosto e setembro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Estância, IX/2011, fl. e fr., L. A. S. Santos *et al.* 620 (ASE); Indiaroba, VIII/2011, fl. e fr., A. P. Prata *et al.* 2827 (ASE).

5.3. *Polygala boliviensis* A.W.Benn, J. bot. 17: 171. 1879.

Nome popular: escadinha-lilás; peixe-boi.

Fig. 2 E-H.

Subarbustos, 22-45,5 cm alt. Caule cilíndrico, pubescente. Folhas verticiladas a alternas, 0,3-2,2 x 0,02-0,1 cm, lineares, ápice agudo; pecíolo 3-5 mm compr. Inflorescências 3,5-23,5 x 0,7-0,8 cm, laxifloras; raque 3,2-26,6 cm compr.; brácteas e bractéolas caducas no fruto. Pedicelo 0,2-1 mm compr., glabro. Flores lilases, 1-4 x 0,8-1,4 mm; sépalas externas, inferior 1-1,2-0,8-1,0 mm, elípticas; superiores 0,9-1,2 x 0,4-0,5 mm, elípticas; sépalas internas 1,5-4 x 0,9-1,8 mm, obovadas; pétalas laterais 0,5-2,8 x 0,3-0,9 mm; carena 2,2-2,5 mm compr., caduca no fruto, cristas 10-lobos, cúculo 0,6-0,7 mm larg. Frutos 2,3-3,1 x 0,7-1 mm, ovóides; sementes cônicas, 1,4-2,3 x 0,3-0,4 mm, pubescentes, apêndices da carúncula 0,3-0,6 mm compr.

Comentários: Ocorre no Nordeste do Brasil (Pastore *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada em áreas de Caatinga e de Mata Atlântica, ocorrendo em mata ciliar e brejo de altitude. Junto com *Polygala trichosperma* Jacq. apresenta sementes cônicas com dois apêndices, porém é diferenciada por possuir caules pubescentes e inflorescências laxifloras. Floresce e frutifica entre os meses de junho a setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, XI/2005, fl. e fr., *D. Coelho 812* (UFP); Capela, VI/2007, fl. e fr., *J.E. Nascimento-Júnior et al. 49* (ASE); Gararu, VIII/1974, fl. e fr., *G. Viana s/n* (ASE 48); Poço Redondo, VIII/2010, fl. e fr., *W.J. Machado & J.B. Jesus 663* (ASE).

5.4. *Polygala cyparissias* A.St.-Hil. & Moq., Mém. Mus. Hist. Nat. 17: 368. 1828.

Fig. 2 I.

Subarbustos, 16-32 cm alt. Caule anguloso, glabro. Folhas alternas, 0,32-1,15 x 0,04-0,1 cm, lineares, ápice acuminado; sésseis. Inflorescências 0,6-5,4 x 0,7-1,4 cm, densifloras; raque 0,7-5,4 cm compr.; brácteas e bractéolas caducas no fruto. Pedicelo 0,7-1,8 mm compr., glabro. Flores alvas, 2,4-5,1 x 1,2-1,7 mm; sépalas externas, inferior 2,2-2,3 x 1-1,3 mm, elípticas; superiores 2-2,3 x 0,9-1 mm, elípticas; sépalas internas 3-5,1 x 0,8-1,2 mm, obovadas; pétalas laterais 2,4-3,5 x 1,2-1,3 mm; carena 3-4,1 mm compr., caduca no fruto, cristas 9-10-lobos, cúculo 0,9-1,2 mm larg. Frutos 3,5-3,7 x 3,5-3,7 mm, globosos a subglobosos; sementes ovóides, 2,1-2,4 x 1-1,3 mm, pilosas, apêndices da carúncula 3,7-3,8 mm compr.

Comentários: Ocorre nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil (Pastore *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada em Restingas. Diferencia-se das demais espécies do gênero do estado por apresentar sementes com apêndices maiores que o comprimento total da semente. Floresce e frutifica nos meses de março, agosto e dezembro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, III/2008, fl. e fr., *S.M. Costa et al. 383* (ASE); Barra dos Coqueiros, VIII/2011, fl. e fr., *J.L. Nascimento-Júnior et al. 1019* (ASE).

5.5. *Polygala galioides* Poir. In Poir. & DC., Encycl. 5: 503. 1804.

Fig.2 J.

Ervas, 6-22,9 cm alt. Caule anguloso, glabro. Folhas verticiladas a alternas no mesmo indivíduo, 0,3-1,9 x 0,03-0,5 cm, elípticas a estreito-elípticas; sésseis. Inflorescências 1,2-7,2 x 0,2-0,5 cm, laxifloras; raque 0,6-5,5 compr.; brácteas e bractéolas caducas no fruto. Pedicelo 0,2-0,9 mm compr., glabro. Flores roxas, 1,3-2 x 0,8-1 mm; sépalas externas, inferior 1,1-1,2 x 0,6-0,8 mm, elípticas; superiores 0,7-0,9 x 0,3-0,4 mm, elípticas; sépalas internas 1,3-2,2 x 0,8-1,2, obovadas; pétalas laterais 1-1,6 x 0,2-0,4 mm; carena 1,7-2 mm compr., caduca no fruto, cristas 4-6-lobos, cúculo 0,5-0,6 mm larg. Frutos 1,1-1,5 x 0,8-1,2, elipsóides; sementes ovóides a elipsóides, 1,1-1,2 x 0,4-0,6, pubescentes, apêndices da carúncula 0,8-1 mm compr.

Comentários: Ocorre amplamente no Brasil, exceto na região Sul (Pastore *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada em áreas de Mata Atlântica, em bordas de mata e beira de estrada. Junto com *Polygala timoutou* Aubl. apresenta folhas verticiladas a alternas no mesmo indivíduo, porém, diferencia-se por apresentar inflorescências laxifloras e carena caduca no fruto. Floresce e frutifica entre os meses de agosto a outubro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, X/2012, fl. e fr., L.A. Pereira *et al.* 432 (UFP); Itabaiana, VII/2006, fl. e fr., B.S. Amorim 69 (UFP); Santa Luzia do Itanhy, IX/2009, fl. e fr., S.M. Costa *et al.* 587 (ASE); São Cristóvão, VIII/2004, fl. fr. M. Landim *et al.* 1570 (ASE).

5.6. *Polygala glochidiata* Kunth in Humb., Bonpl. & Kunth, Nov. gen. sp. 5, ed.4: 400-401. 1823.

Fig.2 K, L.

Subarbustos, 17,3-24 cm alt. Caule cilíndrico, piloso, tricomas claviformes. Folhas verticiladas na base e alternas no ápice, 0,3-1,2 x 0,02-0,08 cm, lineares, ápice atenuado; sésseis. Inflorescências 0,5-13,7 x 0,2-0,6 cm, laxifloras; raque 0,3-12,4 cm compr.; brácteas e bractéolas caducas no fruto. Pedicelo 0,2-0,6 mm compr., glabro. Flores alvas a lilases, 1,4-2,7 x 0,7-0,8 mm, sépalas externas, inferior 1,1-1,3 x 0,7-0,8 mm, elípticas; superiores 0,7-0,8 x 0,2-0,3 mm, elípticas; sépalas internas 1,3-2,7 x 0,6-1 mm, elípticas; pétalas laterais 1,4-1,9 x 0,3-0,4 mm; carena 1,7-2,2 mm compr., caduca no fruto, cristas 6-8-lobos, cúculo 0,4-0,6 mm larg. Frutos 1,9-2 x 0,8-1 mm, elipsóides; sementes ovóides, 0,9-1 x 0,8-0,9 mm, com tricomas uncinados, apendiculadas.

Comentários: Ocorre em todas as regiões do Brasil (Pastore *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada em áreas de Caatinga e Mata Atlântica, ocorrendo em áreas abertas, beira de estradas de terra, restingas e locais com solos arenosos. É facilmente distinguível das espécies do Estado por apresentar sementes com tricomas uncinados. Floresce e frutifica entre os meses de junho a novembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, VI/2006, fl. e fr., S. Schimdt *et al.* 245 (UFP); Poço Redondo, IX/2010, fl. e fr., W.J. Machado & J.B. Jesus 709 (ASE); Santo Amaro das

Brotas, IX/2011, fl. e fr., *J.E. Nascimento-Junior et al.* 905(ASE); São Cristóvão, VIII/1997, fl. e fr., *M. Landim* 1297 (UFP).

5.7. *Polygala longicaulis* Kunth in Humb., Bonpl. & Kunth, Nov. gen. sp. 5, ed. 4: 396-397.1823.

Fig.2 M.

Subarbustos, 14-40 cm alt. Caule anguloso, glabro. Folhas verticiladas a alternas, 0,4-2 x 0,09-0,2 cm, oblanceoladas a lineares, ápice atenuado; pecíolo 0,02-0,04 cm compr. Inflorescências 0,8-5,3 x 0,5-1,3 cm, densifloras; raque 0,5-1 cm compr.; brácteas e bractéolas persistentes no fruto. Pedicelo 0,6-2,7 mm compr., glabro. Flores róseas, lilases a roxas, 1,4-5,5 x 0,6-2,0 mm; sépalas externas, inferior 1,3-2,8 x 0,7-1,2 mm, elípticas; superiores 1,2-1,5 x 0,5-0,6 mm, elípticas; sépalas internas 1,4-5,5 x 0,6-2,3 mm, estreito-elípticas; pétalas laterais 2-4 x 0,3-0,8 mm; carena 1,9-4,3 mm compr., caduca no fruto, cristas 6-8-lobos, cúculo 0,5-0,6 mm larg. Frutos 2,5-3,3 x 1,2-1,9 mm, elipsóides; sementes cônicas, 1,2-1,4 x 0,4-0,5 mm, pubescentes, apendiculadas.

Comentários: Ocorre em todas as regiões do Brasil (Pastore *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada em áreas de Mata Atlântica, em bordas de mata. Junto com *Polygala* cf. *pseudovariabilis* Chodat apresenta sementes cônicas apendiculadas, porém, diferencia-se por apresentar brácteas e bractéolas persistentes no fruto e carena caduca no fruto. E pode ser confundida com *Polygala trichosperma* Jacq., por apresentar sementes cônicas, mas é diferenciada por apresentar sementes apendiculadas. Floresce e frutifica no mês de janeiro e entre os meses de junho a setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VII/2006, fl. e fr., *J.R. Maciel et al.* 325 (UFP); Capela, VIII/2012, fl. e fr., *L.M.S. Melo et al.* 16 (ASE); Estância, IX/2009, fl. e fr., *A.P. Prata et al.* 1701 (ASE).

5.8. *Polygala paniculata* L., Syst. nat.ed. 10, 2: 1154. 1759.

Fig. 2 N.

Subarbustos, 13,5-34,5 cm alt. Caule cilíndrico, piloso, tricomas claviformes. Folhas verticiladas a alternas, 1,6-3,7 x 0,04-0,5 cm, estreito-elípticas a lineares, ápice agudo a cuspidado; pecíolo 0,02-0,03 mm compr. Inflorescências 2,4-6,5 x 0,4-0,6 mm, laxifloras; raque 1,9-5,5 cm compr.; brácteas e bractéolas caducas no fruto. Pedicelo 0,2-0,9 mm compr., glabro. Flores alvas, 1,3-2 x 0,5-0,6 mm; sépalas externas, inferior 0,9-1,1 x 0,6-0,7 mm, elípticas; superiores 0,9-1 x 0,3-0,4 mm, elípticas; sépalas internas 1,3-2,1 x 0,4-0,6 mm, estreito-elípticas; pétalas laterais 0,4-1,9 x 0,2-0,4 mm; carena 1-2,2 mm compr., caduca no fruto, cristas 4-lobos, cúculo 0,4-0,7 mm larg. Frutos 1,8-2,2 x 0,9-1,1 mm, elipsóides; sementes 1,2-1,6 x 0,3-0,5 mm, cilíndricas, pubescentes, apêndices da carúncula 0,5-1,1 mm compr.

Comentários: Ocorre em todas as regiões do Brasil (Pastore *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada em áreas de Caatinga e de Mata Atlântica, ocorrendo em bordas de mata e mata ciliar. Junto com *Polygala appressa* apresenta caules pilosos com tricomas claviformes, porém é diferenciada por apresentar folhas maiores que 1 mm de largura e inflorescências laxifloras. Floresce e frutifica nos meses de agosto e setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, VII/2006, fl. e fr., *E. Córdula et al.* 133 (UFP); Lagarto, VIII/2010, fl. e fr., *L.A.S. Santos* 242 (ASE); Poço Redondo, IX/2010, fl. e fr., *W.J. Machado & J. B. Jesus* 710 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, VIII/1996, fl. e fr., *M. Landim & T.A.F. Raulino* 992 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Pernambuco:** Igarassu, XII/2009, *D. Cavalcanti & J. D. Garcia* 36 (UFP).

5.9. *Polygala cf. pseudovariabilis* Chodat, Mém. Soc. Phys. Genève 31, part. 2(2): 181-182. 1893.

Fig. 2 O.

Subarbustos, 6-20 cm alt. Caule anguloso, glabro. Folhas alternas, 0,1-0,65 x 0,01-0,05 cm, lineares, ápice agudo; pecíolo até 0,03 cm compr. Inflorescências 3,2-5,2 x 0,5-1 cm, densifloras; raque 0,9-3,9 cm compr.; brácteas e bractéolas caducas no fruto. Pedicelo 0,3-0,8 mm compr., glabro. Flores amarelas, 3,2-5,2 x 1-1,7 mm; sépalas externas; inferior, 1,8-2,3 x 1-1,1 mm, elíptica; superiores 1,3-1,5 x 0,4-0,5 mm, elípticas; sépalas internas 3-5 x 1,2-1,5 mm, elípticas; pétalas laterais 2,1-4 x 0,6-1 mm; carena 2,3-4 mm compr., persistente no fruto, cristas 10-lobos, cúculo 0,6-0,7 mm larg. Frutos 3,8-4 x 1,2-1,3 mm, elipsóides; sementes cônicas, 1,4-1,5 x 0,3-0,4 mm, pubescentes, apendiculadas.

Comentários: Ocorre nas regiões Norte, Nordeste e Centro-oeste do Brasil (Pastore *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada em áreas de Caatinga. Há apenas uma amostra da espécie para o estado, depositada no herbário RB. Junto com *Polygala longicaulis* apresenta sementes cônicas apendiculadas, porém é diferenciada por possuir brácteas e bractéolas caducas no fruto e carena persistente no fruto. E pode ser confundida com *Polygala trichosperma* Jacq., por apresentar sementes cônicas, porém é diferenciada pelas sementes apendiculadas. Floresce e frutifica no mês de junho.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Lagarto, VI/1981, fl. e fr., *R.P. Orlandi* 436 (RB).

Material adicional examinado: **BRASIL. Piauí:** Piracuruca, VII/2009, fl. e fr., *M.R.A. Mendes et al.* 486 (UFP).

5.10. *Polygala timoutou* Aubl., Hist. Pl. Guiane 2: 737. 1775.

Fig. 2 P.

Subarbustos, 11,5 cm alt. Caule anguloso, glabro. Folhas verticiladas a alternas no mesmo indivíduo, 0,4-1,2 x 0,2-0,6 cm, obovadas, elípticas a estreito-elípticas, ápice agudo; pecíolo até 0,1 cm compr. Inflorescências 2,8-3,6 x 0,6-0,8 cm, densifloras; raque 2-3,3 cm compr.; brácteas e bractéolas caducas no fruto. Pedicelo 0,1-0,5 mm compr., glabro. Flores amarelas, 2,5-4 x 1,4-1,8 mm; sépalas externas, inferior 2,1-2,4 x 0,8-1 mm, elípticas; superiores 1,4-1,8 x 0,4-0,5 mm, estreito-elípticas; sépalas internas 2,8-4 x 1,7-2,3 mm, obovadas; pétalas laterais 1,7-3 x 0,9-1 mm; carena 1,2-2,4 mm compr., persistente no fruto, cristas 6-lobos, cúculo 0,5-0,7 mm larg. Frutos 1,7-1,8 x 1,7-1,8 mm, subglobosos; sementes elipsóides, 1,3-1,4 x 0,6-0,7 mm, apêndices da carúncula 1-1,1 mm compr.

Comentários: Ocorre amplamente no Brasil exceto na região Sul (Pastore *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada em mata ciliar. Há apenas uma amostra da espécie para o Estado depositada no herbário ASE. Junto com *Polygala galioides* apresenta folhas verticiladas a alternas no mesmo indivíduo, porém, diferencia-se por apresentar inflorescência densiflora e carena persistente no fruto. Floresce e frutifica no mês de setembro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Estância, IX/2009, fl. e fr., A.P. Prata *et al.* 1660 (ASE).

5.11. *Polygala trichosperma* Jacq., *Observ. Bot.* 3: 16. 1768.

Fig. 2 Q.

Subarbustos, 22-56 cm alt. Caule anguloso, glabro. Folhas alternas, 0,2-2 x 0,03-0,2 cm, oblanceoladas a lineares, ápice atenuado; pecíolo 0,02-0,03 cm compr. Inflorescências 0,4-6 x 0,6-1 cm, densifloras; raque 0,2-2,2 cm; brácteas e bractéolas caducas no fruto. Pedicelo 0,2-1,3 mm, glabro. Flores alvas a lilases, 2-5 x 1-1,9 mm; sépalas externas, inferior 1,9-2,2 x 1-1,3 mm, elípticas; superiores 1,4-1,5 x 0,4-0,5 mm, estreito-elípticas; sépalas internas 2-5 x 1,3-2,3 mm, oblanceoladas; pétalas laterais 2-4 x 0,6-1,2 mm; carena 3,6-4 mm compr., caduca no fruto, cristas 8-lobos, cúculo 0,5-0,7 mm larg. Frutos 3,1-3,2 x 1,8-1,9 mm, ovóides; sementes cônicas, 2,2-2,5 x 1,8-1,9 mm, pubescentes, apêndices da carúncula 1-1,3 mm compr.

Comentários: Ocorre nas regiões Norte e Nordeste do Brasil (Pastore *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada em áreas de Mata Atlântica, ocorrendo em bordas de mata e preferencialmente em Restingas. Junto com *Polygala longicaulis* e *Polygala cf. pseudovariabilis* apresenta sementes cônicas, porém é diferenciada por apresentar sementes com dois apêndices. Floresce e frutifica em quase todos os meses do ano.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, IV/2006, fl. e fr., S. Martins *et al.* 214 (UFP); Estância, X/2012, fl. e fr., D.A. Campos *et al.* 225 (ASE); Itabaiana, X/2007, fl. e fr., K. Mendes *et al.* 94 (UFP); Japarutuba, XI/2010, fl. e fr., C.M. Donadio 97 (ASE); Pirambu, VI/2011, fl. e fr., M.C. Santana *et al.* 922 (ASE).

6. *Securidaca* L.

Securidaca é predominantemente neotropical, com ampla distribuição na América Equatorial e nas Antilhas, apresenta cerca de 80 espécies (Marques 1996). No Brasil, está representado por 25 espécies, sendo uma espécie ocorrente no estado de Sergipe (Pastore *et al.* 2013).

6.1. *Securidaca diversifolia* (L.) S. F. Blake *in* Standl., *Contr. U. S. Natl. Herb.* 23 (3): 594. 1923.

Fig. 2 R-T.

Lianas a ocasionalmente arbustos a arvoretas. Ramos cilíndricos, pubescentes, inermes. Folhas alternas, 1,9-6,2 (-9,1) x 1,3-3 (3,5) cm, ovadas a elípticas, ápice obtuso; pecíolo 0,1-0,6cm compr., com duas glândulas na base. Inflorescências racemosas, 2,2-7 x 1,9-3,3 cm, densifloras; raque 2-5,6 cm compr.; brácteas e bractéolas caducas no fruto. Pedicelo 3,3-5,5 mm compr., pubescente, com duas glândulas na base. Flores roxas, 9-12,8 x 5,7-11,2 mm; sépalas externas com margens ciliadas com tricomas simples e sem tricomas glandulares capitados, inferior 4,2-4,6 x 3,6-3,7 mm, largo-elípticas; superiores 3-3,7 x 3,4-3,8 mm, ápice arredondado, base oblíqua; sépalas internas 8,5-10,5 x 6,8-7,2 mm, obovadas; pétalas laterais 5,6-8 x 2-3 mm; carena 9,2-10 mm comp., caduca no fruto, ápice cristado, cúculo 4,5-5 mm larg.; rudimentares 0,3-1 x 0,3-0,4 mm compr. Estilete curvo a 90°. Fruto sâmara, 25-58 x 7,2-18 mm; sementes-1, 3,8-8 x 1,7-5 mm, elipsóides, glabras, apendiculadas.

Comentários: Ocorre em todas as regiões do Brasil (Pastore *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada em áreas de Caatinga e de Mata Atlântica, em bordas de mata e brejos de altitude. Pode ser diferenciada de todas as espécies do estado por apresentar fruto do tipo sâmara. Assim como *Caamembeca spectabilis*, apresenta glândulas na base do pecíolo e do pedicelo, porém diferencia-se pelo hábito lianescente e o fruto sâmara. Floresce nos meses de março, novembro e dezembro. Frutifica no mês de novembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, XI/2012, fr., R. Costa-Silva & G.G. Conceição 41 (UFP); Japarutuba, XI/2008, fl., A.C. Silva 209 (ASE); Lagarto, XI/2010, fl. e fr., L.A.S. Santos 404 (ASE); Maruim, XI/2008, fl., A. C. Silva 235 (ASE); Poço Redondo, XII/2009, fl., W. J. Machado *et al.* 78 (ASE).

Referências Bibliográficas

Aguiar, A.C.A. de; Marques, M.do C.M.M. & Yamamoto, K. 2008. Taxonomia das espécies de *Polygala* L. subg. *Hebeclada* (Chodat) Blake (Polygalaceae) ocorrentes no Brasil. **Revista Brasileira de Biociências** 6(1): 81-109.

Aymard, G.A., Berry, P.E. & Eriksen, B. 2004. Polygalaceae. *In*: P.E. Berry, K. Yatskievych & B.K. Holst (eds.). **Flora of the Venezuelan Guayana**. Missouri Botanical Garden Press, Saint Louis. Vol. 8, p. 316-347.

Bennett, A.W. 1874. Polygalaceae. *In*: C.F.P. Martius & A. Eichler & I. Urban (Eds.). **Flora Brasiliensis**. F. Fleischer, Leipzig. Vol. 13, parte 3, p. 1-82.

- Coelho, V.P.deM.; Agra, M.deF.; Baracho, G.S. 2008. Flora da Paraíba, Brasil: *Polygala* L. (Polygalaceae). **Acta Botanica Brasilica** 22(1): 225-239.
- Lüdtke, R., Souza-Chies, T.T. & Miotto, S.T.S. 2013. *Polygala* na Região Sul do Brasil. **Hoehnea** 40(1): 1-50.
- Marques, M.C.M. 1979. Revisão das espécies do gênero *Polygala* L. (Polygalaceae) do estado do Rio de Janeiro. **Rodriguésia** 31(48): 69-339.
- Marques, M.C.M. 1980. Revisão das espécies do gênero *Bredemeyera* Willd. (Polygalaceae) do Brasil. **Rodriguésia** 32(54): 269-321.
- Marques, M.C.M. 1984. Polígulas do Brasil I - Seção *Acanthocladus* (Kl. Ex Hassk.) Chod. (Polygalaceae). **Rodriguésia** 36(60): 3-10.
- Marques, M.C.M. 1988. Polígulas do Brasil V - Seção *Polygala* (Polygalaceae). **Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro** 29: 1-114.
- Marques, M.C.M. 1996. *Securidaca* L. (Polygalaceae) do Brasil. **Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro** 34(1): 7-144.
- Marques, M.C.M. & Gomes, K. 2002. Polygalaceae. In: M.G.L. Wanderley, G.J. Shepherd, A.M. Giulietti, T.S. Melhem, V. Bittrich & C. Kameyama (eds.). **Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo**. Ed. Rima, FAPESP: São Paulo. Vol. 2, p. 229-259.
- Marques, M.C.M. & Peixoto, A.L. 2007. Estudo Taxonômico de *Polygalasubgênero Ligustrina*(Chodat) Paiva (Polygalaceae). **Rodriguésia** 58(1): 95-146.
- Paiva, J.A.R. 1998. Polygalarum Africanarum et Madagascariensium prodromus atque gerontogaei generis *Heterosamara* Kuntze, a genere *Polygala* L. segregati et a nobis denuo recepti, synopsis monographica. **Fontqueria** 50: 1-348.
- Pastore, J.F.B. 2012. *Caamembeca*: generic status and new name for *Polygala* subgenus *Ligustrina* (Polygalaceae). **Kew Bulletin** 67: 1-8.
- Pastore, J.F.B. & Abbott, J.R. 2012. Taxonomic notes and new combinations for *Asemeia* (Polygalaceae). **Kew Bulletin** 67: 1-13.
- Pastore, J.F.B. & Cardoso, D.B.O.S. 2010. A Synopsis, New Combinations, and Synonyms in *Acanthocladus* (Polygalaceae). **Novon** 20: 317-324.
- Pastore, J.F.B. & Cavalcanti, T.B. 2006. Polygalaceae. In: B.T. Cavalcanti (org.). **Flora do Distrito Federal, Brasil**. Embrapa, Recursos Genéticos e Biotecnologia, Brasília. Vol. 5, p. 109-179.
- Pastore, J.F.; Ludtke, R.; Ferreira, D.M.C. 2013. Polygalaceae. In: R.C. Forzza *et al.* **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB195>> (acesso em: 29 Nov.2013).
- Wurdack, J.J. & Smith, L.B. 1971. Poligaláceas. In: P.R. Reitz (ed.). **Flora Ilustrada Catarinense**. Conselho Nacional de Pesquisas, IBDF, Herbário "Barbosa Rodrigues", Santa Catarina. Vol. 1, p. 3-70.

Lista de Exsicatas

Almeida, M.N. 25 (5.11); **Amorim, B.S.** 69 (5.5); **Amaral, A.** 38 (3.1); **Andrade, A.B.** 20 (5.11); **Barreto, M. I.** 66 (5.11); **Calazans, C.** 408 (5.6); **Campos, D.A.** 95 (3.1), 225 (5.11); **Carneiro, E.M.** 7 (1.1), 22 (5.6), 163 (1.1), 202 (1.1), 300 (5.11), 327 (6.1), 445 (1.1); **Carregosa-Silva, T.** 11 (4.1), 110 (5.6), 116 (5.11), 149 (1.1), 176 (4.1); **Cavalcanti, D.** 36 (5.8), 731 (5.7), 732 (5.5), 733 (5.11), 736 (5.6), 748 (5.11), 749 (5.6), 750 (5.6), 752 (5.11); **Coelho, D.** 812 (5.3); **Córdula, E.** 119 (2.5), 133 (5.8); **Costa, S.M.** 31 (5.6), 87 (2.5), 328 (5.11); 349 (5.11), 383 (5.4), 468b (5.11), 587 (5.5), 633 (3.1); **Costa-Silva, R.** 41 (6.1); **Dantas, T.V.P.** 50 (5.6); **Donadio, C.M.** 97 (5.11); **Farias, M.C.V.** 163 (5.11); **Farney, C.** 2729 (5.11); **Ferreira, E.V.R.** 111 (2.3); **Figueiredo, M.A.** 31 (5.11); **Fonseca, M.R.** 356 (5.11), 536 (5.7), 881 (5.7), s.n. ASE 668 (3.1), s.n. ASE 909 (5.6); **Gomes, L.A.** 461 (5.11), 610 (5.5), 644 (5.7), 662 (2.1), 842 (5.6); **Landim, M.** 992 (5.8), 998 (5.8), 1297 (5.6), 1384 (3.1), 1570 (5.5); **Machado,**

W.J. 71 (3.1), 78 (6.1), 233 (4.1), 267 (4.1), 494 (4.1), 538 (5.3), 567 (4.1), 649 (5.3), 663 (5.3), 682 (2.3), 709 (5.6), 710 (5.8), 732 (2.3), 775 (2.2); **Maciel, J.R.** 325 (5.7); **Martins, S.** 214 (5.11); **Matos, G.M.A** 209 (5.6); **Matos, I.S.** 67 (3.1), 149 (3.1); **Melo, D.S.** 42 (5.1); **Melo, L.M.S.** 8 (5.8), 15 (5.6), 16 (5.7); **Mendes, K.** 94 (5.11); **Mendes, M.R.A.** 486 (5.9); **Menezes, A.B.** 41 (5.6); **Nascimento-Júnior, J. E.** 49 (5.3), 234 (5.11), 503 (5.11), 602 (5.3), 722 (5.11), 873 (2.2), 905 (5.6), 1019 (5.4); **Neto, J.F.** 4 (5.11); **Oliveira, D.G.** 186 (1.1), 358 (2.2); **Oliveira, E.V.S.** 108 (5.1); **Orlandi, R.P.** 436 (5.9); **Pereira, L.A.** 432 (5.5); **Prata, A.P.** 1251 (2.1), 1322 (5.3), 1575 (5.11), 1660 (5.10), 1701 (5.7), 2319 (3.1), 2346 (4.1), 2380 (4.1), 2456 (2.3), 2625 (3.1), 2783 (5.11), 2827 (5.2), 3020 (2.2), 3230 (2.1); **Queiroz, L.P.** 4685 (5.11); **Santana, M.C.** 241 (5.3), 922 (5.11); **Santos, A.C.A.S.** 52 (5.6), 96 (3.1); **Santos, L.A.S.** 241 (5.6), 242 (5.8), 293 (2.1), 311 (5.8), 384 (2.1), 404 (6.1), 412 (3.1), 456 (5.11), 588 (5.11), 620 (5.2); **Schmidt, S.** 245 (5.6), 246 (5.11), 271 (2.5); **Silva, A.C.** 11 (2.4), 209 (6.1), 235 (6.1); **Silva, A.C.C.** 174 (2.1); **Silva, T.C.** 38 (5.11); **Souza, C.A.S.** 44 (2.2); **Viana, G.** 264 (6.1), 281 (1.1), 330 (1.1), 415 (5.11), 486 (3.1), 517 (5.6), 609 (2.1), 922 (2.1), 1051 (1.1), 1193 (3.1), 1214 (3.1), 1243 (5.6), 1317 (5.11), 1579 (2.4), 1580 (5.7), 1718 (3.1), 1727 (5.11), 2010 (1.1), s.n. ASE 788 (1.1), s.n. ASE 48 (5.3).

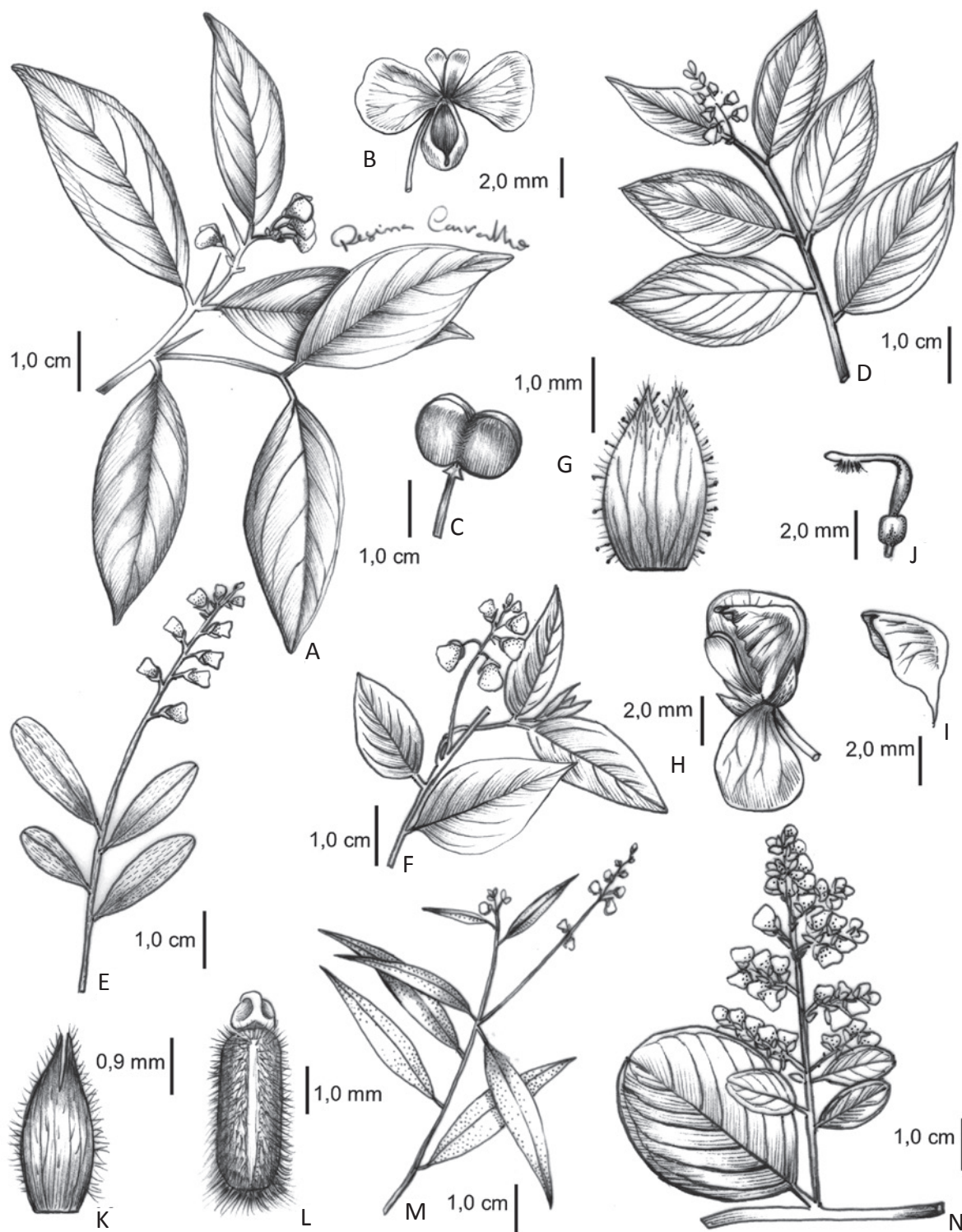


Figura 1. A-C. *Acanthocladus albicans* A.W. Benn. A. Hábito; B. Flor (D.G. Oliveira et al. 186, ASE); C. Fruto (G. Viana 281, ASE). D. *Asemeia martiana* (A.W. Benn.) J.F.B. Pastore & J.R. Abbott; Hábito (L.A. Gomes et al. 662, ASE). E. *Asemeia ovata* (Poir.) J.F.B. Pastore & J.R. Abbott; Hábito (D.G. Oliveira 358, ASE). F-J. *Asemeia parietaria* (Chodat) J.F.B. Pastore & J.R. Abbott. F. Hábito; G. Sépalas externas superiores com margens ciliadas com tricomas simples e com tricomas glandulares capitados; H. Flor; I. Carena com ápice emarginado; J. Estilete curvo formando ângulo de 90° (E.V.R. Ferreira 111, ASE). K-L. *Asemeia pseudohebeclada* (Chodat) J.F.B. Pastore & J.R. Abbott. K. Sépalas externas superiores com margens ciliadas com tricomas simples e sem tricomas glandulares capitados; L. Semente (A. C. Silva et al. 11, ASE). M. *Asemeia violacea* (Aubl.) J.F.B. Pastore & J.R. Abbott; Hábito (E. Córdula et al. 119, UFP). N. *Bredemeyera laurifolia* (A.St.-Hil.) Klotzsch A.W. Benn; Inflorescência em panícula (G. Viana 1214, ASE, UFP).

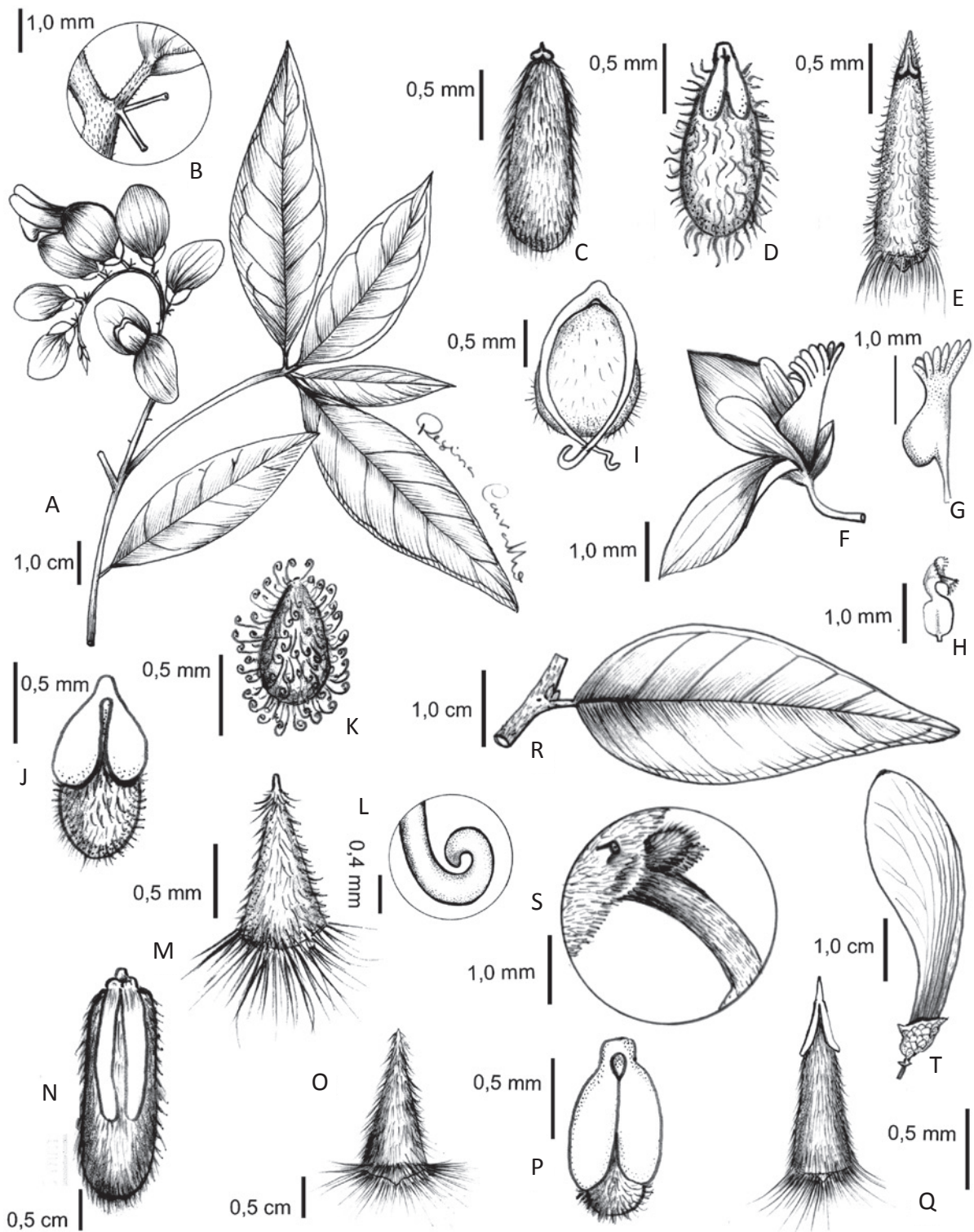


Figura 2. A-B. *Caamembeca spectabilis* (DC.) J.F.B. Pastore. A. Hábito; B. Detalhe das duas glândulas na base do pedicelo (Carregosa-Silva et al. 176 ASE, UFP). C. *Polygala appendiculata* Vell.; Semente (E.V.S. Oliveira & E.S. Ferreira 108, ASE). D. *Polygala appressa* Benth.; Semente (A.S. Santos et al. 620, ASE). E-H. *Polygala boliviensis* A.W. Benn. E. Semente; F. Flor; G. Carena com o ápice cristado; H. Estilete ereto (D. Coelho 812, UFP). I. *Polygala cyprisissia* A.St.-Hil. & Moq.; Semente (J.L. Nascimento-Júnior et al. 1019, ASE). J. *Polygala galioides* Poir.; Semente (B.S. Amorim 69, UFP). K-L. *Polygala glochidiata* Kunth. K. Semente; L. Detalhe do tricoma uncinado (S. Schimdt et al. 245, UFP). M. *Polygala longicaulis* Kunth; Semente (J.R. Maciel et al. 325, UFP). N. *Polygala paniculata* L.; Semente (D. Cavalcanti & J. D. Garcia 36, UFP). O. *Polygala* cf. *pseudovariabilis* Chodat; Semente (M.R.A. Mendes et al. 486, UFP). P. *Polygala timoutou* Aubl.; Semente (A.P. Prata et al. 1660, ASE). Q. *Polygala trichosperma* Jacq.; Semente (K. Mendes et al. 94, UFP). R-T. *Securidaca diversifolia* (L.) S.F. Blake; R. Folha com glândula na base do pecíolo; S. Detalhe da glândula na base do pecíolo; T. Fruto sâmara (R. Costa-Silva & G. G. Conceição 41, UFP).

PONTEDERIACEAE

Danilo José Lima de Sousa¹
Lidyanne Yuriko Saleme Aona²
Maria do Carmo E. do Amaral³

Ervas aquáticas, perenes ou anuais, rizomatosas ou estoloníferas. Folhas ao longo do caule ou basais, alternas, dísticas ou espiraladas, ou verticiladas, heteromórficas; pecíolos cilíndricos, ocasionalmente inflados; limbos aciculares, lineares a arredondados, venação acródoma a campilódroma. Inflorescência em cimeiras, às vezes tirsóides, ou panículas, 2-, 3- ou multiflora, ou ainda flores solitárias; bráctea parcialmente fusionada ou não. Flores trímeras, zigomorfas, bissexuadas, lilases, azuis, amarelas ou brancas, sésseis, raramente curto pediceladas; perigônio formado por 3 tépalas externas e 3 tépalas internas, unidas na base em um tubo; lobos externos geralmente elípticos, 1 mediano posterior e 2 laterais anteriores; lobos internos geralmente ovais, 1 mediano anterior, com mácula e 2 laterais anteriores (5+1) ou posteriores (3+3); androceu com 1, 3 ou 6 estames, adnatos ao tubo do perigônio, anteras 2-tecas, homomórficas ou heteromórficas, basifixas a dorsais, rimosas, raramente poricidas; carpelos 3, sincárpicos, ovário súpero, trilocular, multiovulado ou uniovulado por lóculo, placentação apical, axilar ou parietal intrusiva, óvulos anátropos, estigma capitado ou trilobado. Fruto cápsula loculicida ou aquênio, antocarpo presente, alado, equinado ou não desenvolvido. Sementes 1 ou numerosas por fruto, testa glabra, lisa ou costada longitudinalmente.

A família possui distribuição pantropical, apresentando maior riqueza na região neotropical. São reconhecidos cerca de 5 gêneros e 34 espécies. *Pontederia* L., *Heteranthera* Ruiz & Pav. e *Eichhornia* Kunth. ocorrem nos neotrópicos, *Monochoria* C. Presl apresenta distribuição nos continentes Asiático, Africano e Australiano e *Hydrothrix* Hook. f. é endêmico do semiárido brasileiro (Schulz 1942; Lowden 1973; Horn 1985; Crow 2003; Sousa & Giulietti 2014). Para o Brasil, são registradas quatro gêneros e cerca de 22 espécies (Horn 1985; Amaral *et al.* 2015; Sousa & Giulietti 2014). No estado de Sergipe, a família está representada por 3 gêneros e 7 espécies.

¹Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Botânica, Departamento de Ciências Biológicas. Av. Transnordestina s/n. CEP: 44036-900, Novo Horizonte, Feira de Santana, BA, Brasil. danilojls@yahoo.com.br

²Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas. Campus Universitário. Rua Rui Barbosa, 710. CEP: 44380-000, Centro, Cruz das Almas, BA, Brasil. bahialidyanne.aona@gmail.com

³Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Biologia, Departamento de Botânica. Caixa Postal 6109. CEP: 13083-970, Campinas, SP, Brasil. volker@unicamp.br

Chave para identificação dos gêneros de **Pontederiaceae** de Sergipe

- 1. Plantas submersas fixas, folhas aciculares, filotaxia verticilada; androceu com 1 estame **3. Hydrothrix**
- 1'. Plantas anfíbias, emergentes ou flutuantes livres, filotaxia alterna espiralada ou dística; androceu com 3 ou 6 estames 2
- 2. Androceu com 6 estames, anteras homomorfas **1. Eichhornia**
- 2'. Androceu com 3 estames, anteras heteromorfas **2. Heteranthera**

1. Eichhornia Kunth, Enum. Pl. 4: 129–132. 1843.

Ervas emergentes ou flutuantes livres. Caule ereto ou decumbente, entrenós curtos ou alongados. Folhas basais ou ao longo do caule, alternas, espiraladas ou dísticas; pecíolos inflados ou não; limbo das folhas submersas linear e séssil, das folhas emersas amplo elíptico a orbicular ou oboval base cordada a cuneada, ápice agudo, obtuso ou acuminado. Inflorescência em cimeiras ou panículas. Flores trílicas, perigônio tubular, lilás a azulado, margens dos lobos inteiras ou erosas a fimbriadas; estames 6, anteras homomorfas, rimosas, amarelas; ovário pluriovulado, placentação axilar. Fruto cápsula loculicida, antocarpio não desenvolvido, torcido no ápice; sementes 1–2 mm compr., longitudinalmente costadas.

O gênero *Eichhornia* é bem representado nos neotrópicos, mas apresenta espécies paleotropicals, sendo apenas uma espécie endêmica da África. No Brasil, ocorrem seis espécies, distribuídas principalmente na região Nordeste do país. No estado de Sergipe, são encontradas 3 espécies.

Chave para identificação das espécies de **Eichhornia** de Sergipe

- 1. Caule decumbente, com entrenós longos; folhas ao longo do caule; lobos florais internos erosos a fimbriados, filetes glabros **1.2. E. heterosperma**
- 1'. Caule ereto, com entrenós curtos; folhas basais; lobos florais internos inteiros, filetes pubérulos 2
- 2. Limbo amplo elíptico a orbicular, base atenuada a truncada, pecíolos frequentemente inflados; inflorescências em cimeiras **1.1. E. crassipes**
- 2'. Limbo largo ovala estreito oval, base cordada, pecíolos nunca inflados; inflorescências em panículas **1.3. E. paniculata**

1.1. Eichhornia crassipes (Mart.) Solms., Monogr. Phan. 4: 527. 1883.

Nome popular: baronesa.

Fig. 1 A-B.

Ervas geralmente flutuantes livres, raro emergentes, até 40cm alt. Caules rizomatosos, eretos. Folhas basais, emersas, alternas espiraladas; pecíolos 12–17 cm compr., inflados ou

não, verdes, glabros; limbos amplo elípticos a orbiculares, 8–10,5×6–9cm, verdes, glabros, base atenuada a truncada, ápice obtuso a truncado; lígula membranácea a foliácea. Cimeira 5–9 flores; pedúnculo 2–4 cm compr., glabro; bráctea oboval, cimbiforme, 1,3–2,7 ×2 cm, verde, glabra, ápice foliáceo. Flores lilases; perigônio tubular, tubo 0,9–1,5cm compr., esverdeado, pubérulo; 3 lobos posteriores, laterais obovais, com margem inteira, mediano amplo elípticos, ca. 2,0 cm compr., face abaxial pubérula, 3 lobos anteriores, laterais amplo elípticos, com margem inteira, mediano oboval, com mácula, ca. 2,0 cm compr., face abaxial pubérula, (3+3); estame 6, 3 maiores, filetes 0,9–1,2 cm compr., 3 menores, filetes 0,5–0,6cm compr., brancos a azulados, pubérulos; anteras oblongas, dorsifixas, ca. 0,18cm compr., azulada; ovário ca. 0,8cm compr., esverdeado, glabro; estilete 2,0–2,2cm compr., azulado, pubérulo; estigma trilobado, branco. Cápsula não vista. Sementes não vistas.

Comentários: A espécie é principalmente neotropical, porém, devido a sua beleza ornamental, a espécie foi sendo cultivada por diversas partes do globo, tornando-se subespontânea. No Brasil, ocorre em todas as regiões (Amaral *et al.* 2015), mas é o primeiro registro da espécie para o estado de Sergipe. *E. crassipes* é facilmente reconhecida pelo pecíolo inflado. Entretanto, em indivíduos enraizados, os pecíolos alongam-se e tornam-se delgados, dificultando a sua identificação. Porém, outras características podem ser utilizadas na sua diferenciação como suas folhas basais com limbos amplo elípticos a orbiculares, nunca cordiformes. Segundo material herborizado, a floração ocorre nos meses de fevereiro, maio, agosto, setembro, novembro, dezembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Brejo Grande, II/2019, fl., S.M. Costa 542 (ASE); Canhoba, 02/2013, fl., M.C.V. Farias & E. Santos 526 (ASE, HURB); Itabaiana, IX/2012, fl., P.L.C. Nogueira 25631 (ASE); Japarutuba, XII/2012, fl., A.P. Prata *et al.* 3476 (ASE); Lagarto, fl., XI/2012, G.M.A. Matos 242 (ASE); Pirambu, XII/2012, fl., E.V.S Oliveira & E.S. Ferreira 128 (ASE); São Cristóvão, XII/1988. fl., G. Viana 1707 (ASE).

1.2. *Eichhornia heterosperma* Alexander, Lloydia 2: 170. 1939.

Fig. 1 D.

Ervas emergentes, até 15 cm alt. Caules com entrenós alongados, horizontais. Folhas ao longo do caule, emersas, alternas dísticas, entrenós longos e decumbentes; pecíolos 8–10 cm compr., não inflados, verdes a vináceos, glabros; limbos amplo elípticos a obovais, 6–7 × 3,2–3,5 cm, verdes, glabros, base atenuada, ápice obtuso; lígula membranácea a foliácea. Cimeira ca. 5–flora; pedúnculo ca. 2 cm compr., esverdeado, glabro; bráctea oboval, cimbiforme, ca. 5,3 cm compr., verde, glabra, raramente glabrescente, ápice obtuso. Flores lilases; perigônio tubular, tubo ca. 1,5 cm compr., esverdeado, pubérulo; 3 lobos posteriores, laterais obovais, com margem erosa a fimbriados, mediano amplo elíptico, ca. 1 cm compr., face abaxial pubérula, 3 lobos anteriores, laterais amplo elípticos, com margem erosa, mediano oboval, com mácula, ca. 1 cm compr., face abaxial pubérula, (3+3); estame 6, 3 maiores, filetes 1,6–1,7 cm compr., 3 menores, filetes 0,1 cm compr., azulados, glabros; anteras sagitadas, basifixas, ca. 0,1 cm compr., azuladas ou

amareladas; ovário ca. 0,5 cm compr., esverdeado a levemente vináceo, glabro; estilete 0,17 cm compr., esbranquiçado a azulado, glabro; estigma capitado, lilás. Cápsula ca. 0,12 cm compr., glabra. Sementes oblongas, ca. 0,15 cm compr., acastanhadas.

Comentários: É uma espécie neotropical, ocorrendo desde o México até o Brasil e Bolívia (Novelo & Ramos 1998; Crow 2003) No Brasil, Amaral *et al.* (2015) cita a ocorrência desta espécie somente para os estados da Bahia, Ceará, Pernambuco e Piauí, no Nordeste brasileiro, sendo este o primeiro registro para Sergipe. A espécie é morfologicamente similar à *E. azurea*, principalmente por serem ervas decumbentes, com suas folhas obovais emergentes e suas flores com lobos internos com margem não inteira em ambas, sendo diferenciadas principalmente pela raque da inflorescência e estames com filetes glabros em *E. heterosperma*, enquanto que em *E. azurea* eles são pilosos (Sousa & Giulietti 2014). Foi analisado um único material com floração em outubro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Siriri, X/2012, fl., L.A. Gomes 816 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Conde, VI/1996, fl., fr., T. Ribeiro *et al.* 27 (HUEFS; HRB). **Ceará:** Iguatu, VII/2010, fl., L.R.O. Normando *et al.* 426 (EAC).

1.3. *Eichhornia paniculata* (Spreng.) Solms. Monogr. Phan. 4: 530. 1883.

Fig. 1 C.

Ervas emergentes, 30–70 cm alt. Caules rizomatosos, eretos. Folhas basais, emersas, alternas espiraladas; pecíolos 1,5–3 cm compr., não inflados, verdes, glabros; limbos amplo ovais a estreito ovais, 5–11,5 × 4–13 cm, verdes, glabros, base cordada, ápice agudo; lígula membranácea. Panícula 9–100 flora; pedúnculo 2–2,2 cm compr., glabro; bráctea triangular, ca. 3 cm compr., verde, glabra, ápice acuminado. Flores lilases; perigônio tubular, tubo ca. 1 cm compr., esverdeado, pubérulo; 3 lobos posteriores, laterais obovais, com margem inteira, mediano amplo elíptico, ca. 1,2 cm compr., face abaxial pubérula, 3 lobos anteriores, laterais amplo elípticos, com margem inteira, mediano oboval, com mácula, ca. 1,2 cm compr., face abaxial pubérula, (3+3); estame 6, 3 maiores, filetes 0,5–0,7 cm compr., 3 menores, filetes 0,2–0,3 cm compr., azulados, pubérulos; anteras sagitadas, basifixas, ca. 0,13 cm compr., azuladas; ovário ca. 0,6 cm compr., esverdeado, glabro; estilete 0,3–0,6 cm compr., vináceo, piloso; estigma capitado, branco. Cápsula 0,9–0,1 cm compr., glabra. Sementes oblongas, 0,7–0,8 cm compr., acastanhadas.

Comentários: É encontrada principalmente na América do Sul (Schulz 1942; Castellanos 1958). Para o Brasil, Amaral *et al.* (2015) cita a espécie apenas para Bahia, Ceará, Pernambuco e Sergipe na região Nordeste do país. No estado de Sergipe, é a espécie com a maior distribuição. *E. paniculata* é facilmente diferenciada das demais espécies do gênero por serem ervas eretas com folhas basais e cordiformes, além de ser a única espécie com inflorescências paniculadas. Segundo informações de material herborizado, apresenta flores em fevereiro, abril, junho, julho, agosto, outubro, novembro e frutos em agosto.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Arauá, XI/1982, fl., fr., *M.C. Santana 120* (ASE); Canindé de São Francisco, fl., IV/1983, *E.M. Carneiro 678* (ASE). Lagarto, fl., fr., VII/2008, *J.E. Nascimento - Júnior 355* (ASE); Nossa Senhora Aparecida, fl., II/2011, *T. Carregosa-Silva 134* (ASE); Poço Redondo, fl., VIII/2006, *S.M. Costa 102* (ALCB, ASE); Porto da Folha, fl., VIII/2011, *D.G. Oliveira 250* (ASE); Riachão do Dantas, fl., VI/1982, *E. Gomes 66* (ASE); Santo Amaro de Brotas, XI/2011, fl., *J.E. Nascimento-Junior et al. 925* (UEC, ASE); Simão Dias, fl., fr., VIII/2010, *A.P. Prata et al. 2424* (ASE); Tobias Barreto, fl., VII/1983, *E. Gomes 345* (ASE).

2. *Heteranthera* Ruiz & Pav., Fl. Peruv. Prodr. 9. 1794.

Ervas emergentes ou flutuantes fixas. Caule decumbente, entrenós alongados, raramente curtos nas fases jovens. Folhas ao longo do caule, raramente basais, alternas, espiraladas ou dísticas; pecíolos não inflados; limbo das folhas submersas linear e séssil, limbo das folhas emersas arredondado a amplo oval, base truncada, arredondada ou cordada, ápice obtuso ou arredondado. Cimeiras ou flores solitárias. Flores geralmente enantiostílicas, perigônio tubular, lilás a azulado ou branco, margens dos lobos internos inteiras; estames 3, anteras heteromorfas, rimosas, amarelas ou azuladas; ovário pluriovulado, placentação parietal intrusiva. Fruto cápsula loculicida, antocarpo não desenvolvido, torcido no ápice; sementes 0,8–1,8 mm compr., longitudinalmente costadas.

O gênero apresenta cerca de 12 espécies distribuídas nas faixas tropicais e subtropicais do continente Americano e, em menor número, do continente Africano. Amaral *et al.* (2015) cita sete espécies distribuídas pelas cinco regiões brasileiras, somado ao registro *H. spicata* Presl. para o estado de Roraima (Horn 1985), fica o Brasil com o maior número de espécies do gênero. O estado de Sergipe apresenta 3 espécies.

Chave para identificação das espécies de *Heteranthera* de Sergipe

1. Flores solitárias; 3 lobos anteriores (1 interno mediano com duas projeções na base, 2 externos laterais patentes), 2 lobos internos horizontais e 1 lobo externo posterior (3+2+1) **2.3. *H. rotundifolia***
- 1'. Inflorescências 2-muitas flores; 3 lobos anteriores e 3 lobos posteriores (3+3) ou 5 lobos anteriores e 1 lobo posterior (5+1) 2
2. 3 lobos anteriores e 3 lobos posteriores (3+3); filete do estame maior pubérulo e dos estames menores glabros a pubérulos **2.1. *H. oblongifolia***
- 2'. 5 lobos anteriores e 1 lobo posterior (5+1); filete do estame maior viloso na base e dos estames menores vilosos no ápice **2.2. *H. peduncularis***

2.1. *Heteranthera oblongifolia* Mart. Ex Schult. & Schult. f., Syst. Veg. 7: 1148. 1830.

Nome popular: baronesinha.

Fig. 2 A.

Ervas emergentes ou flutuantes fixas, até ca. 10 cm alt. Caules decumbentes, verde, glabros. Folhas ao longo do caule, emersas ou flutuantes, alternas dísticas; pecíolos 2,5–9,5

× 0,1–0,4 cm, não inflados, verdes, glabros; limbos largo elípticos a ovais, 1–5 × 1,5–5 cm, verdes, glabros, base arredondada a cordada, ápice agudo; lígula membranácea. Cimeira 2-flora; pedúnculo 1,5–2,5 cm compr., verde, glabro; bráctea larga oboval, cimbiforme, 1,5–2,2 cm compr., verde, glabra, ápice obtuso, mucronado. Flores lilases, perigônio tubular, tubo 0,15–0,2 cm compr., esverdeado, pubérulo no ápice; 3 lobos posteriores, laterais amplo elípticos, mediano ovais a amplo elípticos, ca. 8 mm compr., face abaxial pubérula, 3 lobos anteriores, laterais amplo elípticos, mediano oval a amplo elíptico, com mácula, ca. 0,8 cm compr., face abaxial pubérula, (3+3); estame 3, 1 maior 0,3–0,32 cm compr., filete pubérulo; antera oblonga, basifixa, ca. 0,3 cm compr., amarela; 2 menores 0,2–0,25 cm compr., filetes glabros a pubérulos, azulados; anteras sagitadas a oblongas, basifixas, ca. 0,2 cm compr., amarelas; ovário ca. 0,65 cm compr., esverdeado, glabro; estilete 0,6–0,7 cm compr., lilás, pubérulo; estigma capitado, branco. Cápsula 1,3–2 cm compr., glabra. Sementes oblongas, ca. 0,08 cm compr., acastanhadas.

Comentários: A espécie ocorre nas Américas, incluindo as ilhas do Caribe (Horn 1985). No Brasil, esta espécie apresenta distribuição nos estados da Bahia, Ceará, Paraíba e Sergipe (Amaral *et al.* 2015). Ela é facilmente reconhecida pelas inflorescências com duas flores que podem abrir simultaneamente ou não. Quando apenas uma flor está em antese, pode ser confundida com *H. rotundifolia*, porém esta apresenta a bráctea bem estreita (elíptica a estreito oboval), enquanto que em *H. oblongifolia* a bráctea é largo oboval, além das suas flores com tricomas glandulares na face externa do tubo (vs. face externa glabra em *H. rotundifolia*). A partir do material herborizado, foi verificado que a espécie apresenta floração nos meses fevereiro, julho a novembro, com frutificação em agosto e novembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Japarutuba, VIII/2013, fl., fr., *P. Barbosa & E. Santos* 58 (ASE); Lagarto, IX/2012, fl., fr., *G.S. Freire et al.* 31 (ASE); Nossa Senhora das Dores, II/2011, fl., fr., *T. Carregosa-Silva et al.* 141 (ASE); Poço Verde, VIII/2010, fl., fr., *A.P. Prata et al.* 2501 (ASE); Riachão do Dantas, XI/2013, fl., *L.P. Rocha et al.* 98 (ASE); Simão Dias, VII/2010, fl., *T. Carregosa-Silva & A.S. Santos* 93 (ASE); Tobias Barreto, XI/1988, fl., fr., *E. Gomes* 330 (ASE).

2.2. *Heteranthera peduncularis* Benth, Pl. Hartw. 25. 1840.

Fig. 2 C.

Ervas emergentes ou flutuantes fixas, até ca. 10 cm alt. Caules decumbentes, verdes, glabros. Folhas ao longo do caule, emersas ou flutuantes, alternas dísticas; pecíolos 5–7 cm compr., não inflados, verdes, glabros; limbos ovais, raramente arredondados, 2,8–3 × 2,5–2,9 cm, verdes, glabros, base cordada, ápice obtuso a agudo; lígula membranácea. Cimeira 3–4-flora; pedúnculo ca. 1–1,2 cm compr., verde, glabro; bráctea oboval, cimbiforme, ca. 1,7 cm compr., verde, glabra, ápice agudo, mucronado. Flores lilases a levemente lilases; perigônio tubular, tubo ca. 0,7 cm compr., esverdeado, glabro; 1 lobo posterior estreito elíptico, ca. 0,5 cm compr., face abaxial glabra, 5 lobos anteriores, elípticos, mediano com base vinácea, ca. 0,5 cm compr., face abaxial glabra, (5+1); estame 3, 1 maior 0,2–0,3 cm compr., filete viloso na base; antera elíptica, basifixa, ca. 0,2 cm compr., azulada; 2

menores ca. 0,1 cm compr., filetes vilosos no ápice, azulados; anteras oblongas, basifixas, ca. 0,15 cm compr., amarelas; ovário ca. 0,5 cm compr., esverdeado, glabro; estilete 0,3–0,5 cm compr., levemente lilás, pubérulo; estigma trilobado, azulado. Cápsula ca. 0,13 cm compr., glabra. Sementes elipsoides, ca. 0,08 cm compr., acastanhadas.

Comentários: Ocorre dos Estados Unidos até a Argentina (Schulz 1942; Castellanos 1958). Para o Brasil, é citada por Castellanos (1958), para a Paraíba e Rio Grande do Sul, e por Sousa & Giulietti (2014), para a Bahia, e para Sergipe por Amaral *et al.* (2015), apresentando apenas um ponto de coleta. A espécie é caracterizada pelas folhas com ápice obtuso a agudo, suas inflorescências que geralmente ultrapassam o ápice das brácteas, raque e face externa das flores glabras e tricomas longos e azulados nos filetes. Apresenta floração em agosto segundo material herborizado.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, VIII/2006, fl., *I.C. Lemos et al.* 68 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Boa Nova, VI/2013, fl., fr., *D.J.L. Sousa et al.* 327 (HUEFS).

2.3. *Heteranthera rotundifolia* (Kunth) Griseb. Cat. Pl. Cub. 252. 1866.

Nome popular: águapé, baronesa, baronesinha.

Fig. 1 B.

Ervas emergentes ou flutuantes, 9–17 cm alt. Caules eretos ou decumbentes, verdes, glabros. Folhas ao longo do caule, raramente basais, emersas ou flutuantes, alternas dísticas; pecíolos 1,2–7 cm compr., não inflados, verdes, glabros; limbos largo elípticos a arredondados, 1,3–4 × 1,3–2,5 cm, verdes, glabros, base arredondada, ápice obtuso a arredondado; lígula membranácea. Flores solitárias, pedúnculo 2–6 cm compr., verde, glabro; bráctea elíptica a estreito oboval, cimbiforme, 1,5–2 cm compr., verde, ápice agudo, mucronado; perigônio tubular, tubo ca. 1,6 cm compr., esverdeado, glabro; 1 lobo posterior amplo elíptico, 0,9–1,2 cm compr., face abaxial glabra, 2 lobos horizontais, elípticos, ca. 1 cm compr., face abaxial glabra, 3 lobos anteriores, laterais patentes, elípticos, mediano triangular, com duas projeções enegrecidas basais, base amarela, ca. 1 cm compr., face abaxial glabra (3+2+1); estame 3, 1 maior 0,3–0,4 cm compr., filete pubérulo; antera oblonga a sagitada, dorsifixa, ca. 0,4 cm compr., azulada; 2 menores 0,2–0,3 cm compr., filetes pubérulos, azulados; anteras sagitadas, dorsifixas, ca. 0,3 cm compr., amarelas; ovário ca. 0,8 cm compr., esverdeado, glabro; estilete 0,8–0,9 cm compr., azulado, glabro; estigma trilobado, azulado ou esbranquiçado. Cápsula 1,4–1,8 cm compr. Sementes ovais, ca. 0,08 cm compr., castanhas.

Comentários: Ocorre nas Américas, desde o México até a Bolívia e Brasil (Horn 1985). Para o Brasil é citada para o Nordeste e Sudeste (Amaral *et al.* 2015). *H. rotundifolia*, é caracterizada principalmente pelas suas flores solitárias e pela disposição dos seus lobos

internos, um deles é anterior e dois são horizontais perpendiculares ao anterior; e seus lobos externos, dois são anteriores, laterais e um posterior, geralmente mais largo que os demais. A partir do material herborizado, foi possível verificar que a floração corre nos meses de fevereiro, março, maio e agosto, com frutificação em maio e agosto.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, VI/1983, fl., *E.M. Carneiro* 677 (ASE); Gararu, V.1982. fl., fr., *G. Viana* 497 (ASE); Nossa Senhora da Glória, II/2011, fl., *T. Carregosa-Silva* 130 (ASE); Poço Redondo, VIII/2008, fl., fr., *A.P. Prata* 1605 (ASE); Pirambu, fl., fr., *M. Ramos & E. Santos* 32 (ASE); Salgado, III/1984, fl., fr. *M.C. Santana* 222 (ASE); São Cristovão, VIII/2004, fl., *M. Landim* 1566 (ASE).

3. *Hydrothrix* Hook. f., Ann. Bot. (Oxford) 1: 89. 1887.

Ervas submersas fixas. Caule ereto, entrenós alongados. Folhas ao longo do caule, verticiladas; sésseis; limbo das folhas aciculares. Inflorescência 2-flora (pseudanto). Flores homostílicas, perigônio tubular, amarelo, margens dos lobos internos inteiras; estame 1, anteras homomorfas, rimosas, amarelas; ovário pluriovulado, placentação parietal intrusiva. Fruto cápsula loculicida, antocarpio não presente; sementes ca. 0,8 mm compr., longitudinalmente costadas ou não.

Hydrothrix é um gênero monotípico, possuindo apenas *H. gardnerii*, que é frequentemente referida apenas para o Nordeste do Brasil (Hooker 1887; Amaral *et al.* 2015). Sousa & Giulietti (2014) relata a ocorrência de populações no Norte de Minas Gerais, definindo a sua ocorrência para o Semiárido brasileiro.

3.1. *Hydrothrix gardnerii* Hook.f., Ann. Bot. 1: 90. 1887.

Ervas submersas fixas, ca. 20 cm alt. Caules eretos, verdes, glabros. Folhas ao longo do caule, submersas, verticiladas, sésseis; limbos aciculares, 2–4 × 0,5 cm, verdes, estriados, glabros; lígula membranácea. Pseudanto 2-flora; pedúnculo ca. 1 cm compr., verde, glabro; bráctea tubular, ca. 0,05 cm compr., hialina, ápice bipartido. Flores amarelas; perigônio tubular, ca. 0,3 cm compr., esbranquiçado, glabro; 3 lobos posteriores, amplo elípticos, ca. 0,25 cm compr., glabros, 3 lobos anteriores, lineares, 1–0,2 cm compr., glabros, inconspícuos (3+3); estame 1, filete ca. 0,18 cm compr., amarelo, glabro; antera oblonga, basifixa, ca. 0,07 cm compr., amarela; ovário ca. 0,13 cm compr., esverdeado, glabro; estilete ca. 0,15 cm compr., amarelo, glabro; estigma capitado, branco. Cápsula 1,4–1,8 cm compr. Sementes ovais, ca. 0,08 cm compr., castanhas.

Comentários: Espécie endêmica do semiárido brasileiro (Sousa & Giulietti 2014). É referida para os estados da Bahia, Ceará, Pernambuco e Sergipe (Amaral *et al.* 2015). Pode ser facilmente reconhecida por serem ervas submersas fixas, por apresentar folhas aciculares e verticiladas, inflorescência biflora que se assemelham a uma única flor. Foi analisado somente um material herborizado que apresenta floração em maio.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, V/1983, fl., *E.M. Carneiro* 679 (EAC, ASE).

Referências Bibliográficas

Amaral, M.C.E.; Pellegrini, M.O.O. & Sousa, D.J.L. 2015. Pontederiaceae *In: Lista de Espécies da Flora do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB20615>>. (Acesso em: 06 Jul. 2015)

Castellanos, A. 1958. Las Pontederiaceae del Brasil. **Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro**16: 147-236.

Crow, G.E. 2003. Pontederiaceae. *In: Hammel, B.E.; Grayum, M.H.; Herrera, C. & Zamora, N. (eds.). Manual de Plantas de Costa Rica*, vol. III: Monocotiledóneas, Missouri Bot. Gard. Press, St. Louis and Inst. Nac. de Biodiversidad, Santo Domingo de Heredia, Costa Rica, p. 822-828.

Horn, C.N. 1985. **A systematic revision of the genus *Heteranthera* (sensu lato; Pontederiaceae)**. University. Ph.D. dissertation, Univ. of Alabama.

Hooker, J.D. 1887. On *Hydrothrix*, a new genus of Pontederiaceae. **Annals of Botany** 1: 89-94.

Lowden, R.M. 1973. Revision of the genus *Pontederia* L. **Rhodora** 75: 426-483.

Novelo, A. & Ramos, L. 1998. Pontederiaceae. *In: Flora delbajío de regiones adyacentes*. 63:1-19.

Schulz, A.G. 1942. Las Pontederiaceae de la Argentina. **Darwiniana** 6: 45-82.

Sousa, D.J.L. & Giulietti, A.M. 2014. Flora da Bahia: Pontederiaceae. **Sitientibus. Série Ciências Biológicas** 14: 14-30.

Lista de Exsicatas

Barbosa, P. 58 (2.1); **Carneiro, E.M.** 677 (2.3), 678 (1.3), 679 (3.1); **Carregosa-Silva, T.** 93 (2.1), 130 (2.3), 134 (1.3), 141 (2.1); **Costa, S.M.** 102 (1.3), 542 (1.1), 658 (1.3); **Farias, M.C.V.** 526 (1.1); **Freire, G.S.** 31 (2.1); **Gomes, E.** 66 (1.3), 330 (1.1), 345 (1.3); **Gomes, L.A.** 330 (2.1), 816 (1.2); **Landim, M.** 1566 (2.3); **Lemos, I.C.** 68 (2.2), 69 (2.2); **Machado, W.J.** 56 (1.3), 168 (1.3), 423 (1.3), 574 (1.3), 731 (1.3); **Matos, G.M.A.** 242 (1.3); **Nascimento-Júnior, J.E.** 355 (1.3), 356 (2.1), 673 (2.3), 925 (1.3); **Nogueira, P.L.C.** 25631 (1.1); **Normando, L.R.O.** 426 (1.2); **Oliveira, D.G.** 250 (1.3); **Oliveira, E.V.S.** 128(1.1); **Prata, A.P.** 2424 (1.3), 1605 (2.3), 2501 (2.1), 3476 (1.1); **Ramos, M.** 32 (2.3); **Ribeiro, T.** 27 (1.2); **Rocha, L.P.** 98 (2.1); **Santana, M.C.** 120 (1.3), 222 (2.3); **Santos, L.A.S.** 546 (1.3); **Sousa, D.J.L.** 327 (2.2); **Viana, G.** 497 (2.3), 1707 (1.1).

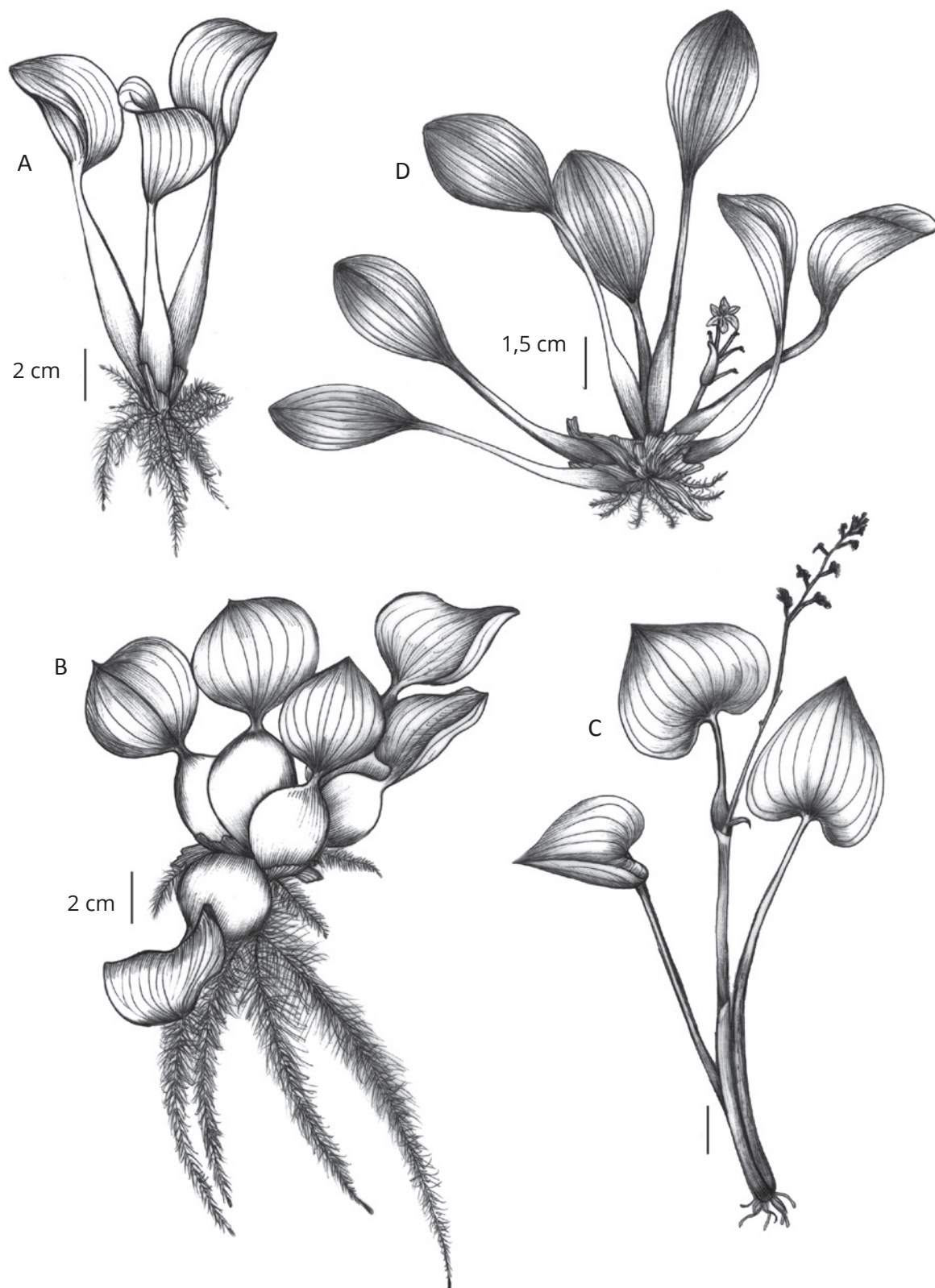


Figura 1. A-B. *Eichhornia crassipes* (Mart.) Solms. A. Detalhe dos pecíolos alongados de indivíduos enraizados (Farias, M.C.V. 526, ASE); B. Pecíolo inflado de indivíduos flutuantes (Prata, A.P. 3476, ASE). C. *Eichhornia paniculata* (Spreng.) Solms. Hábito (Matos, G.M.A. 242, ASE). D. *Eichhornia heterosperma* Alexander. Hábito (Gomes, L.A. 816, ASE).

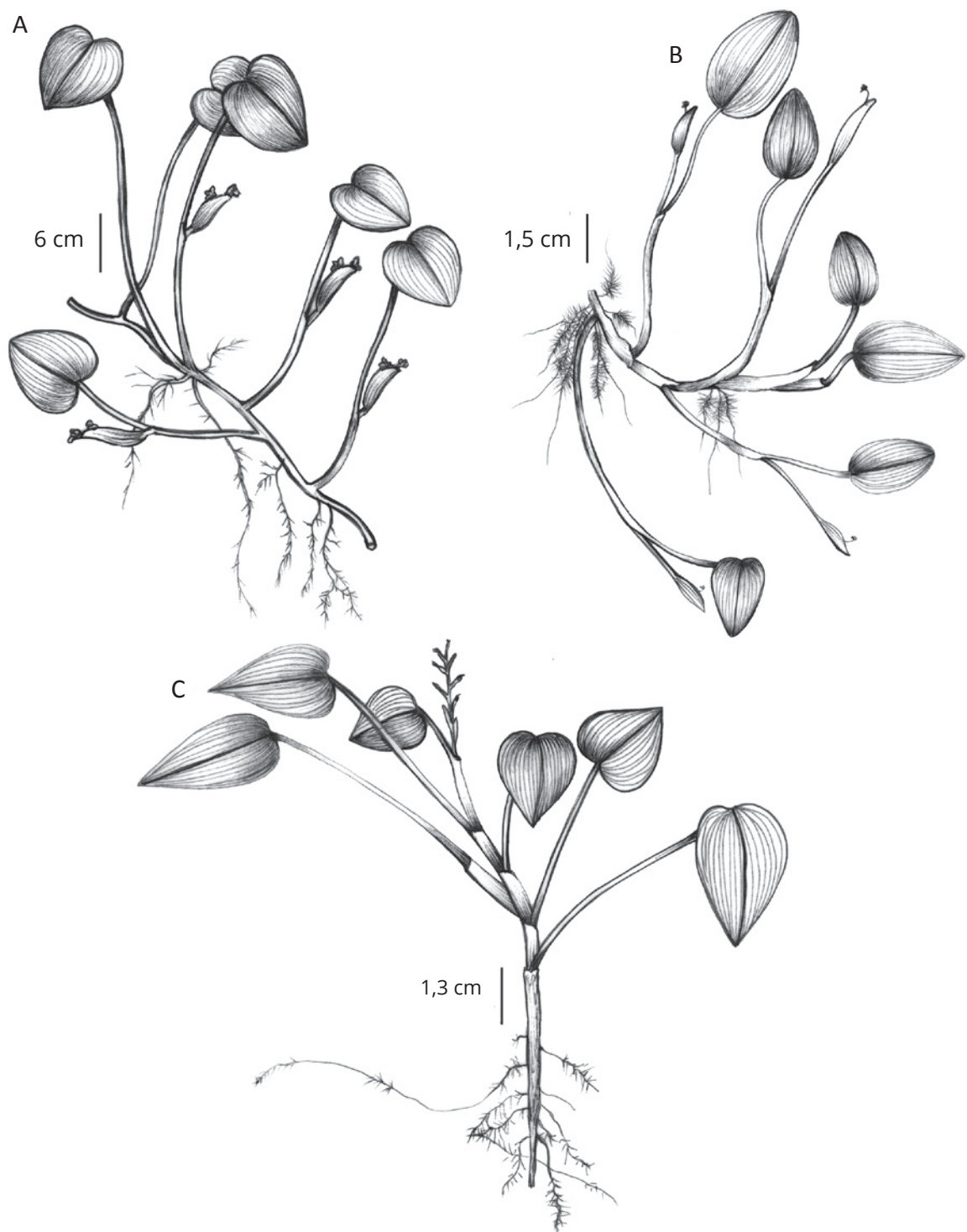


Figura 2. A. *Heteranthera oblongifolia* Mart. Ex Schult. & Schult. f. Hábito (Barbosa, P. 58, ASE). B. *Heteranthera rotundifolia* (Kunth) Griseb. Hábito (Prata, A.P. 1605, ASE). C. *Heteranthera peduncularis* Benth. Hábito (Lemos et al. 68, ASE).

PRIMULACEAE

Maria de Fátima Freitas¹

Ervas, arbustos e árvores, cavidades secretoras internas em estruturas vegetativas e reprodutivas presentes; monóicas, dióicas ou polígamas; folhas alternas ou opostas, pecioladas a sub-sésseis. Flores isoladas ou em inflorescências, actinomorfas, diclamídias, perianto com tricomas nos bordos ou glabros, tetrâmeras a pentâmeras, isostêmones, estames adnatos e opostos às pétalas; estaminódios e pistilódios presentes em flores pistiladas e estaminadas, respectivamente; gineceu súpero, unilocular, placentação central livre, estilete inconspícuo, estigma captado. Fruto drupa ou cápsula, semente única, endosperma rígido, ruminado, sépalas persistentes.

Primulaceae pertence à Ordem Ericales e inclui espécies ocorrentes no Brasil pertencentes às famílias Primulaceae, Myrsinaceae e Theophrastaceae, categorizadas atualmente como subfamílias (APG III 2009; Stevens 2001). Apresenta distribuição pantropical e no Brasil ocorrem 11 gêneros e 140 espécies (Freitas & Carrijo 2015). Na Flora de Sergipe está representada por dois gêneros e três espécies pertencentes à subfamília Myrsinoideae, em formações florestais e em restinga. (Ilustrações em Freitas *et al.* 2009; Freitas & Kinoshita 2015)

Chave para identificação dos gêneros de **Primulaceae** de Sergipe

1. Ervas, 8,0-20,0 cm compr.; flores isoladas, fruto cápsula **1. *Lysimachia***
1'. Arbustos a árvores, 1,5-10,0 m alt.; flores em inflorescências umbeliformes, fruto drupa **2. *Myrsine***

1. *Lysimachia* L.

Ervas eretas ou prostradas, ramos lisos ou costados. Folhas alternas a opostas, membranáceas, pecioladas a sub-sésseis, estruturas secretoras internas esparsas e visíveis. Flores monóicas, isoladas, axilares, anteras ovadas, rimosas, ovário globoso, estilete longo, persistente. Fruto cápsula, deiscente por fenda transversal, globoso, eixo da placenta central persistente.

- 1.1. *Lysimachia ovalis*** (Ruíz & Pav.) U. Manns & Anderb., Willdenowia 53: 52.2009.
Anagallis ovalis Ruíz & Pav., Fl. Peruv. 2:8. 1799.
Anagallis pumila Sw., Prodr. Veg. Ind. Occ. 1:40.1788 (não *Lysimachia pumila* Franch, Journal de Botanique (Morot) 4: 460.1890)

¹Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Diretoria de Pesquisas, Rua Pacheco Leão 915, CEP 222460-030, Rio de Janeiro-RJ. ffreitas@jbrj.gov.br

Ervas de 8,0-20,0 cm alt., eretas, ramos costados, glabros, 0,5-1,0 mm diâm. Folhas alternas, ovadas, pecíolos 0,5-2,0 mm compr., limbo 3,0-6,0 mm compr., 2,0-3,0 mm larg, margem inteira. Flores com pedicelos 3,0-8,0 mm compr., sépalas 1,0-3,0 mm compr., pétalas 2,0-3,0 mm compr., estames 0,9-1,5 mm compr., estaminódios ausentes; ovário 1,0 mm compr., glabro, estigma truncado. Fruto globoso, 4mm diâm.

Comentários: Espécie de ampla distribuição (Taylor 1955) ocorrendo no Brasil em Sergipe, Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro, em ambientes alagados (Freitas & Carrijo 2015). Em Sergipe ocorre em Caatinga, em solo arenoso e úmido. Flores vistas em março e frutos em agosto. Na Flora da Serra do Cipó (Freitas *et al.* 2009) foi descrita como *Anagallis pumila* Sw., porém as espécies do gênero *Anagallis* foram transferidas para o gênero *Lysimachia* por Manns & Anderberg (2009), onde novas combinações e sinônimos foram estabelecidos.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, VIII/1978, fr., *M.R. Fonseca. s.n.* (ASE 647).

Material adicional examinado: **BRASIL. Minas Gerais:** Santana do Pirapama, III/1982, fl., *I. Cordeiro, et al.* CFSC 8164 (SPF).

2. *Myrsine* L.

Arbustos e árvores, ramos cilíndricos; folhas ovadas a elípticas, coriáceas, glabras, nervura principal proeminente e secundárias pouco visíveis, pecíolo alvo-esverdeado, tricomas peltados; inflorescências umbeliformes, laterais e axilares nos ramos terminais. Flores dióicas ou polígamas; sépalas e pétalas com margem ciliada, geralmente pontuadas por cavidades secretoras internas com conteúdo escuro; estames e estaminódios inseridos à base da pétala, anteras ovadas a oblongas, estaminódios sagitados, tubo estaminal adnato às pétalas; pistilo e pistilódio semelhantes, cônicos a globosos, estigma longo e fimbriado. Fruto dupla, globosa, pericarpo com cavidades secretoras bem evidentes; embrião cilíndrico.

Chave para identificação das espécies do gênero *Myrsine* de Sergipe

1. Árvores, ramos terminais 3,0-4,0 mm diâm, pedicelo 2,0-3,0 mm compr., frutos 5,0-6,0 mm compr. **2.1 *M guianensis***
1'. Arbustos, ramos terminais 1,0-2,0 mm diâm, pedicelo 1 mm compr., frutos 2,0-3,0 mm compr. **2.2. *M. parvifolia***

2.1. *Myrsine guianensis* (Aubl.) O. Kuntze, Rev. gen. 2: 402. 1891.

Rapanea guianensis Aubl., Hist. Pl. Gui. Française 1: 121.1775.

Nome popular: folha-grossa, peroba-de-caibo, tapiroroca.

Árvores 6,0-10,0 m alt., ramos terminais 3,0-4,0 mm diâm.; folhas ovadas a elípticas, ápice obtuso a arredondado, base aguda, revoluta na face abaxial, 6,5-12,0 cm compr., 3,0-6,0 cm larg., cavidades secretoras internas visíveis a olho nu, raras, pecíolo 1,2-1,5 cm compr.; inflorescência 6-8 flores, pedúnculo 1,0-2,0 mm compr., bractéolas 1,0-1,5 mm compr. Flores pentâmeras, 4,0-6,0 mm compr.; pedicelo 2,0-3,0 mm compr.; sépalas 1 mm compr., triangulares, pétalas 2,5-3,0 mm compr., 1,0 mm larg., estames e estaminódios ca. 1,5 mm compr., ovário 5,0 mm compr., 1,0 mm larg., pistilódio 1,2 mm compr.; estigma 1,0 mm compr. Fruto 5,0-6,0 mm compr.

Comentários: Espécie muito comum no estado de Sergipe, em formações florestais da Mata Atlântica. Ocorre da Amazônia ao Rio Grande do Sul (Freitas & Kinoshita 2015).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, I/2003, fr., *M.L. Santos 31* (ASE); Barra dos Coqueiros, VII/1995, fl., *M. Landim 412* (ASE); Capela, I/2011, fr. *C.A.S. Souza et al. 96* (ASE); Itabaiana, VI/1998, fr., *A. Vicente 146* (ASE); Japarutuba, VI/1999, bt., *A. Cruz 111 & E. Santos* (ASE); Nossa Senhora das Dores, XI/1985, est., *G. Viana 1162* (ASE); Salgado, VIII/1982, fr., *G. Viana 581* (ASE); Tobias Barreto, IX/2010, fr., *F.C. Nogueira-Junior 19* (ASE).

2.2. *Myrsine parvifolia* A.DC., Ann. Sci. Nat. ser. 2. 16: 87. 1841.

Rapanea parvifolia (A.DC.) Mez in Eng., Pflanz. 9(IV.236): 389. 1902.

Nome popular: pororoca.

Arbustos 1,5-3(4) m alt.; ramos terminais 1,0-2,0 mm diâm., folhas ápice arredondado, emarginado, base aguda, revoluta na face abaxial, 3,5-5,0 cm compr., 2,0-3,0 cm larg., cavidades secretoras internas não visíveis a olho nu, pecíolo 2,0-3,0(4,0) mm compr.; inflorescência 5-7 flores; pedúnculo 1,0-2,0 mm compr., bractéolas 1,0 mm compr. Flores pentâmeras, 5,0-6,0 mm compr.; pedicelo 1,0 mm compr.; sépalas 1,0 mm compr., triangulares, tricomas curtos, pétalas 2,5-3,0 mm compr., 1,0 mm larg., estames e estaminódios ca. 1,5 mm compr., ovário globoso 5,0 mm compr., 1,0 mm de larg., pistilódio cônico ca. 1,2 mm compr.; estigma 1,0 mm compr. Fruto 5,0-6,0 mm compr., 5,5-6,0 mm larg. Flores 5,0-6,5 mm compr.; pedicelo (1,5)2,5-3,0 mm compr.; sépalas 1,0 mm compr.; pétalas 2,5-3,0 mm compr., 1,0 mm larg., estames 2,0 mm compr., estaminódios 1,0 mm compr.; ovário e pistilódio, 1,0 mm compr., 1,0 mm larg.; estigma 1,5 mm. Fruto globoso, 2,0-3,0 mm compr.

Comentários: Espécie comum em ambientes de restinga, dos estados de Sergipe ao Rio Grande do Sul. Diferencia-se das demais do gênero pelas folhas menores e ápice arredondado. No estado de Sergipe ocorre em restinga arbustiva e tabuleiros arenosos.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Barra dos Coqueiros, IV/1997, fl., *M. Landim, 1163* (ASE); Itaporanga d' Ajuda, VIII/2013, fr., *D.A. Campos et al. 309* (ASE); Pirambu, I/1975, fl., *M.R. Fonseca s.n.* (ASE 1160); Santo Amaro das Brotas, III/1991, bt., *C. Farney et al. 2727* (ASE, RB).

Espécimes excluídos: Foi excluído deste trabalho o táxon *M. umbellata* Mart., citado em Mendes *et al.* (2010), por motivo de alteração da identificação do espécime mencionado. Além deste, foram excluídos dois espécimes encontrados na coleção do Herbário Geraldo Mariz, da Universidade Federal de Pernambuco (UFP), oriundos do Parque Nacional da Serra de Itabaiana, Sergipe, por serem insuficientes para a determinação em gênero (UFP 61912 e UFP 74337). Provavelmente tratam-se de exemplares do gênero *Cybianthus* e/ou *Clavija*. Apesar da excelência do inventário realizado por Mendes *et al.* (2010) para a região, que tratou os táxons de Primulaceae em Myrsinaceae e Theophrastaceae, novas expedições fazem-se necessárias para coletas que poderão acrescentar novos dados para a família Primulaceae na região.

Referências Bibliográficas

- Angiosperm Phylogeny Group. 2009. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG III. **Botanical Journal of the Linnean Society** **161**: 105–121.
- Freitas, M.F. & Carrijo, T.T. 2015. Primulaceae. *In*: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB121874>>. (Acesso em: 28 Jul. 2015).
- Freitas, M.F. & Kinoshita, L.S. 2015. *Myrsine* (Myrsinoideae- Primulaceae) no sudeste e sul do Brasil. **Rodriguésia** **66**(1): 167-189.
- Freitas, M.F.; Carrijo, T.T.; São Leão, L.C. & Kinoshita, L.S. 2009. Flora da Serra do Cipó: Myrsinaceae. **Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo** **27**(2): 259-267.
- Manns, U. & Anderberg, A.A. 2009. New combinations and names in *Lysimachia* (Myrsinaceae) for species of *Anagallis*, *Peltiera* and *Trientalis*. **Willdenowia** **39**: 39-54.
- Mendes, K.; Gomes, P. & Alves, M. 2010. Floristic inventory of a zone of ecological tension in the Atlantic Forest of Northeastern Brazil. **Rodriguésia** **61**(4): 669-676.
- Stevens, P.F. (2001 onwards). **Angiosperm Phylogeny Website**. Version 12, July 2012 [and more or less continuously updated since]. will do. <<http://www.mobot.org/MOBOT/research/APweb/>>.
- Taylor, P. 1955. The genus *Anagallis* in tropical and South Africa. **Kew Bulletin** **3**: 321-350.

Lista de Exsicatas

Alves-Araújo, A. 1105 (2.1); **Campos, D.A.** 309 (2.2); **Cordeiro, I.** CFSC 8164 (1); **Cruz, A.** 111(2.1); **Farney, C.** 2727 (2.2); **Fonseca, M.R.** s.n. ASE 647 (1.1); s.n. ASE 1160 (2.2); **Gomes, L.A.** 296 (2.1), 449 (2.1), 653 (2.1); **Landim, M.** 412 (2.1), 877 (2.1), 989 (2.1), 1163 (2.2); **Lima, J.S.** 138 (2.1); **Nogueira-Junior, F.C.** 19 (2.1); **Prata, A.P.** 2941 (2.2), 2885 (2.1), 3101 (2.2), 3099 (2.2); **Viana, G.** 581 (2.1), 918 (2.2), 1162 (2.1); **Santos, M.L.** 31 (2.1); **Souza, C.A.S.** 96 (2.1); **Vicente, A.** 146 (2.1).

RUTACEAE

Milton Groppo¹
Cíntia Erbert¹

Árvores ou arbustos perenes, raro ervas (*Apocaulon*) ou subarbustos anuais (*Ertela*), algumas vezes aculeados (*Zanthoxylum*) ou com espinhos (*Raulinoa*, alguns *Citrus*), óleos aromáticos contidos em pontuações glandulares (translúcidas) presentes no caule, folhas, flores e frutos. Folhas alternas, raro opostas ou verticiladas, compostas ou simples. Inflorescências terminais ou axilares, cimosas, racemosas ou mistas, raro flores solitárias axilares ou caulifloras, às vezes longo-pedunculadas (*Adiscanthus*). Flores bi ou unissexuadas, diclamídeas, (3)4-5-meras, actinomorfas ou zigomorfas (geralmente na subtribo Galipeinae); sépalas livres ou conatas; pétalas livres, raro conatas ou ausentes; androceu iso (estames alternipétalos), diplo ou polistêmone, estames às vezes reduzidos a estaminódios; anteras com deiscência longitudinal, filetes geralmente livres entre si, às vezes adnatos à corola ou com apêndices basais, anteras dorsifixas ou basifixas; disco intra-estaminal presente, raro ausente (*Adiscanthus*) ou reduzido a um disco unilateral, incompleto (*Ertela*); carpelos (1)2-5(-muitos), superpostos ou colaterais, livres a totalmente conatos (sincárpicos), às vezes reduzidos ou ausentes em flores estaminadas; ovário súpero, óvulos por lóculo 1-2(-muitos), placentação geralmente axial ou parietal nos ovários apocárpicos; estiletos livres ou coerentes a conatos. Frutos variados, compostos de (1-)2-5 mericarpos do tipo folículo, drupídios, sâmaras ou samarídeos, cápsulas, bagas, hesperídios (*Citrus* e afins), em cápsulas ou folículos geralmente com um endocarpo destacado que ejeta as sementes maduras. Sementes com endosperma copioso ou reduzido, cotilédones retos ou curvos, carnosos, foliáceos.

Família com 150-162 gêneros e 1500-2100 espécies, predominantemente tropicais e subtropicais (Groppo 2010, Simpson 2010, Kubitzki *et al.* 2011, Groppo *et al.* 2008, Groppo *et al.* 2012), dos quais 48 gêneros e ca. 350 espécies ocorrem na Região Neotropical (Kallunki 2004). No Brasil, ocorrem 33 gêneros e 193 espécies (Pirani & Groppo 2014). Em Sergipe, ocorrem 10 espécies nativas, distribuídas em sete gêneros, todos pertencentes à subfamília Rutoidae segundo o rearranjo proposto para a família por Groppo *et al.* (2012). Ocorrem também espécies exóticas comumente cultivadas para fins alimentícios, ornamentais ou medicinais, pertencentes aos gêneros *Ruta* (arruda) e *Citrus* (laranjeira, limoeiro e outros cítricos). Uma espécie provavelmente cultivada em Sergipe é a falsa-murta (*Murraya paniculata* (L.) Jacq.), utilizada com fins paisagísticos em várias regiões do mundo.

Outras espécies de Rutaceae podem ocorrer em Sergipe, já que estão presentes em estados limítrofes ou muito próximos (cf. Pirani & Groppo 2014). Este é o caso de *Conchocarpus*

¹Universidade de São Paulo, Departamento de Biologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Av. Bandeirantes, 3900 - CEP 14040-901, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. groppo@ffclrp.usp.br

insignis Pirani (Bahia e Pernambuco), *C. longifolius* (A.St.-Hil.) Kallunki & Pirani (Bahia e Pernambuco), *C. macrophyllus* J.C.Mikan (Alagoas, Bahia e Pernambuco), *Hortia brasiliana* Vand. ex. DC. (Bahia e Pernambuco), *Neoraputia trifoliata* (Engl.) Emmerich ex Kallunki (Alagoas e Bahia), *Pilocarpus grandiflorus* Engl. (Alagoas e Bahia), *P. spicatus* A.St.-Hil. (Bahia e Pernambuco), *Zanthoxylum fagara* (L.) Sarg. (Bahia e Pernambuco) e *Z. monogynum* A.St.-Hil. (Alagoas, Bahia e Pernambuco).

A descrição da família seguiu Engler (1874, 1896, 1931), Pirani (2002), Groppo & Pirani (2007) e Groppo (2010).

Chave para identificação dos gêneros de **Rutaceae** de Sergipe

1. Plantas geralmente aculeadas no tronco e folhas; folhas geralmente pinadas, raro 1(-3) folioladas. Flores unissexuadas. Frutos folículos globosos, com as sementes expostas, pêndulas pelo funículo depois da abertura dos frutos **7. Zanthoxylum**
- 1'. Plantas não armadas; folhas simples ou 1-7-folioladas, se 5-7 folioladas então digitadas. Flores bissexuadas. Frutos sâmaras, cápsulas ou folículos conchiformes, as sementes nunca pêndulas pelo funículo depois do fruto aberto 2
2. Folhas 1-folioladas ou simples 3
3. Cálice campanulado e longo (até 3,4 cm compr.), avermelhado a avermelhado-róseo; corola alva, as pétalas conatas em tubo, adnatas aos filetes **4. Erythrochiton**
- 3'. Cálice rotáceo, não campanulado, esverdeado e pequeno (lobos até 3 mm compr.); corola arroxeadada ou creme-esbranquiçadas, as pétalas livres, não conatas, filetes livres, não adnatos 4
4. Inflorescência em tirsoídes; flores corola creme-esbranquiçada; fruto cápsula, muricada **5. Esenbeckia**
- 4'. Inflorescência em racemos; flores corola vinácea; fruto esquizocarpo, com 1-3 mericarpos conchados, não muricados **6. Pilocarpus**
- 2'. Folhas 3-5-folioladas, se 1-folioladas então apenas nos ramos floríferos 5
5. Folhas opostas; folíolos com domácias em cripta na confluência das nervuras 1ária e 2árias na face abaxial; flores actinomorfas, pétalas livres, estaminódios ausentes; frutos sâmaras 4-aladas; árvores **1. Balfourodendron**
- 5'. Folhas alternas; folíolos sem domácias; flores zigomorfas, corola gamopétala ou pétalas coerentes pela pubescência das pétalas e filetes, estaminódios presentes; frutos esquizocarpos formados por 1-5 mericarpos conchados; subarbustos ou arbustos, raro arvoretas até 3m alt. 6
6. Folíolos membranáceos, 2,5-7,5 cm compr.; sépalas desiguais, com 2 maiores e 3 muito reduzidas; corola gamopétala, pétalas unidas na ½ proximal; subarbustos anuais, 20-50 cm alt. **3. Ertela**
- 6'. folíolos coriáceos, 8-16 cm compr.; sépalas iguais; pétalas coerentes pela pubescência das pétalas e filetes; arbustos, raro arvoretas, 1,5-3 m alt. **2. Conchocarpus**

1. *Balfourodendron* Corr. Mélló ex Oliv.

1.1. *Balfourodendron molle* (Miq.) Pirani, Brittonia 50(3): 359. 1998.

Nome popular: flor-miúda (*R.M. Harley 54304*, CEPEC, HUEFS)

Fig. 1 A-B.

Árvores até 5 m alt., ramos pubérulos, tricomas alvos. Folhas opostas, 3-folioladas, pecioladas; folíolos cartáceos, (sub)sésseis; lâmina com pontuações glandulares translúcidas abundantes espalhadas por todo o limbo, pubescente na nervura principal, principalmente na face abaxial, 3,0-6,5 x 1,8-2,5 cm, os laterais menores, oboval a elíptica, ápice obtuso, emarginado ou agudo, margem inteira, irregular ou levemente crenada, base atenuada no folíolo terminal, assimétrica nos folíolos laterais; face abaxial com domácias em cripta na confluência das nervuras 1ária e 2árias; pecíolo 1,5-4,0 cm compr., pubescente. Inflorescências axilares, em tirso até 7 cm compr., densos, os ramos laterais (inflorescências parciais) menores em direção ao ápice, eixos vilosos. Flores 4-meras, actinomorfas, ca. 4 mm diâm.; sépalas esverdeadas, iguais entre si, largamente ovais, ca. 0,2 mm compr.; pétalas livres, creme-esbranquiçadas, oblongas, atenuadas na base, ca. 2 mm compr., inteiras a irregulares na margem, glabras, com pontuações glandulares translúcidas; estames 4, alternos às pétalas, anteras ovóides, versáteis, estaminódios ausentes; disco nectarífero cupular, ondulado, da mesma altura que o ovário; gineceu sincárpico, 4-carpelar, ovário (sub)globoso, achatado no ápice, 4-lobado, glabro; óvulos por lóculo 2, colaterais; estilete 1, estigma capitado. Fruto sâmara, 1,7-2,2 cm diâm., 4-alada, alas 1,1-1,5 cm compr.

Comentários: *Balfourodendron molle* ocorre no Brasil, nos estados da Bahia, Pernambuco, Piauí, Sergipe e Minas Gerais, na vegetação de Caatinga (Pirani 1998; Pirani & Groppo 2014). Em Sergipe a espécie foi com flores em janeiro e abril e com frutos em abril.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, IV/2001, fl., fr., *R.M. Harley 54304* (CEPEC, HUEFS); Poço Verde, I/2011, fl., *E.V.R. Ferreira 232* (ASE).

Material adicional selecionado: **BRASIL. Bahia:** Andorinha, II/2006, bt., *F. França et al. 5501* (HUEFS); Boa Nova, IV/1988, fr., *L.A. Matos-Silva et al. 2350* (CEPEC); Campo Alegre de Lourdes, IV/2001, fr., *R.M. Harley et al. 54366* (CEPEC, HUEFS); Canudos, II/2004, fl., *R.M. Harley et al. 54863* (HUEFS); Euclides da Cunha, III/2004, fl., fr., *M.L. Guedes et al. 10817* (ALCB, CEPEC); Itaberaba, II/2005, fl., *J. Paula-Souza et al. 5429* (ESA, SPFR); Jequié, II/1979, fl., *T.S. Santos et al. 3487* (CEPEC); Livramento de Nossa Senhora ("Livramento do Brumado"), XII/1988, bt., *R.M. Harley et al. 27142* (HUEFS); Paulo Afonso, VI/1982, fl., fr., *L.P. Queiroz 389* (HUEFS); Tucano, IV/2006, fl., *D. Cardoso & M. Guerreiro 1209* (HUEFS). **Pernambuco:** Buíque, IV/2007, fl., *D.S.D. Araújo et al. 281* (RB, SPFR).

2. *Conchocarpus* J.C. Mikan

2.1. *Conchocarpus heterophyllus* (A.St.-Hil.) Kallunki & Pirani, Kew Bulletin 53(2): 300. 1998.

Fig. 1 C-F.

Arbustos, raro arvoretas, 1,5-3 m alt., ramos pubérulos, tricomas adpressos, creme-amarelados. Folhas alternas, digitadas, 3-5(-7)-folioladas, pecioladas; folíolos coriáceos, peciólulos 2-4,5 cm; lâmina bulada, com glândulas translúcidas evidentes apenas nas folhas jovens, seríceos na nervura principal, principalmente na face abaxial, 8-16 x 3,2-7 cm, oboval a elíptica, ápice obtuso, emarginado, ou arredondado, margem inteira, base aguda, domácias ausentes; pecíolo 8-13 cm compr., seríceo, viscoso. Inflorescências axilares, próximas aos ápices dos ramos, em tirso pedúnculos até 33 cm compr., ramos laterais (inflorescências parciais) até 3 cm compr., concentrados no terço final do eixo principal, menores para o ápice. Flores 5-meras, zigomorfas, ca. 1,1 cm compr.; sépalas cremes, iguais entre si, conatas na base, lobos largamente deltoides, ca. 1 mm compr., glandulosos no ápice; pétalas coerentes pela pubescência das pétalas e filetes, alvas a creme-esbranquiçadas, seríceas, oblongas, ca. 1,5 cm compr, inteiras, pontuações translúcidas não evidentes; estames férteis 3, alternos às pétalas, seríceo-velosos internamente na $\frac{1}{2}$ distal, ca. 1,2 cm compr.; anteras lineares, não versáteis; estaminódios 2, seríceo-velosos com os estames, ca. 1 cm compr., sem anteras; disco nectarífero anular, com cerca de $\frac{1}{3}$ da altura do ovário; carpelos 5, unidos na base e nos estiletes, ovário umbilicado, (sub)globoso, achatado no ápice, densamente seríceo, tricomas cremes; óvulos por lóculo 2, superpostos; estiletes umbilicados, estigma capitado. Frutos 1-4 mericarpos do tipo folículo, conchados, ca. 9 mm compr., seríceos, tricomas adpressos, amarelados-ferrugíneos, estriados; endocarpo rígido, destacado, ejetando as sementes quando maduras. Sementes 3-4 mm compr.

Comentários: *Conchocarpus heterophyllus* ocorre no Brasil (Bahia, Espírito Santo, Maranhão, Pernambuco, Rio de Janeiro e Sergipe), em Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila e Restingas, nos domínios da Amazônia (Maranhão), Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Pirani & Groppo 2014). Ocorre também na Venezuela e Suriname (Kallunki & Pirani 1998). Em Sergipe, foi coletada apenas uma vez, em restinga arbórea sobre solo argiloso, com flores em maio. As características das flores e frutos, bem como a inferência sobre a altura dos indivíduos, foram complementadas com base em materiais de outros Estados.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Carmópolis, V/1982, fl., fr., *G. Viana* 473 (ASE).

Material adicional selecionado: **BRASIL. Alagoas:** Coruripe, XI/2001, fl., fr., *M.A.B.L. Machado* 122 (ALCB, MAC). **Bahia:** Amargosa, I/2006, fl., fr., *M.A. de A. Costa* 97 (ALCB); Lajedo do Tabocal, XII/1999, estéril, *E. de Melo & F. França* 3217 (HUEFS); Paraguaçu, IV/2001, fr., *L.J. Alves et al.* 155 (ALCB); Ruy Barbosa, IX/2005, fl., fr., *D. Cardoso & Ernane* 769 (HUEFS). **Espírito Santo:** Itapemirim, X/2000, fl., *G. Hatschbach et al.* 71549 (CEPEC, MBM). **Rio de Janeiro:** Armação dos Búzios, I/2003, fl., *H.G. Dantas & R.D. Ribeiro* 34 (RB).

3. *Ertela* Adans.

3.1. *Ertela trifolia* (L.) Kuntze, Revis. Gen. Pl. 1: 100. 1891.

Fig. 1 G-J.

Ervas ou subarbustos anuais, eretos, 20-50 cm alt., ramos di- ou tricotômicos, pubescentes, tricomas esbranquiçados. Folhas opostas, 3-folioladas, pecioladas; folíolos sésseis, membranáceos; lâmina com glândulas translúcidas evidentes espalhadas pelo limbo, pubescente (tricomas esbranquiçados e eretos), 2,5-8 x 1,1-2,7 cm, folíolo terminal maior que os laterais, (sub)romboides a elípticos, ápice agudo, acuminado, margem inteira a subcrenulada, base aguda a atenuada, assimétrica nos folíolos laterais, domácias ausentes; pecíolo 0,8-3,0 cm compr., pubescente. Inflorescências axilares, em 2 cincinos divergentes, 1-3 cm compr., pubescentes, com brácteas lanceoladas a ovais cobrindo a base dos ramos principais da inflorescência. Flores 5-meras, zigomorfas, ca. 3 mm compr.; sépalas esverdeadas, desiguais, 2 maiores, sendo uma oval a oblongo-elíptica ca. 4 mm compr., outra estreito-oblonga ca. 3,5 mm compr., as 3 restantes reduzidas, deltoides; corola bilabiada na antese, pétalas unidas na ½ proximal, alvas, pubérulas externamente, oblongas, ca. 3 mm compr., pontuações translúcidas não evidentes; estames férteis 2, filete 1-2 mm compr. seríceos no ápice, estaminódios 3, ca. 2 mm compr., seríceos na porção mediana; disco nectarífero incompleto, unilateral, escamiforme, ca. 0,4 mm compr.; carpelos 5, unidos pelos estiletos, ovário subgloboso, lobado, papiloso; óvulos por lóculo 2, superpostos, estilete 1, terminal, estigma capitado. Frutos 1-5 mericarpos do tipo folículo, conchados, ca. 3 x 2 mm, carenados em ambas as faces, esparsamente pubescentes, tricomas esbranquiçados; endocarpo rígido, destacado, ejetando as sementes quando maduras. Sementes ca. 1,5 mm compr.

Comentários: Espécie distribuída pelo continente americano do México ao norte da América do Sul (Colômbia, Venezuela e Guianas), Peru, Bolívia e Brasil (Pirani 2005). No Brasil, é conhecida de todos os estados da Região Norte, Nordeste (exceto Rio Grande do Norte) e Centro-Oeste (exceto Distrito Federal), na Floresta Ombrófila, Floresta Estacional Semidecidual, e em áreas antropizadas, no domínio da Amazônia, Caatinga e Mata Atlântica (Pirani & Groppo 2014), ocorrendo em áreas semi-sombreadas, como bordas de matas ou capoeiras, ou áreas roçadas na Amazônia. Em Sergipe, foi coletada em bordas de Florestas Estacionais Semidecíduais em áreas antropizadas, com flores em quase todos os meses do ano, com frutos de junho a novembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Arauá, IX/1982, fl., *M.C. Santana 123* (ASE, SPFR); Areia Branca, I/2012, fl., *A.P. Prata et al. 2895* (ASE); Capela, IV/2012, fl., *L.A. Gomes et al. 368* (ASE, SPFR); Carmópolis, VIII/2012, fr., *A.P. Prata et al. 3355* (ASE, SPFR); Nossa Senhora do Socorro, XI/2012, fl., fr., *T.R. Silva & J.P.S. Santos 69* (ASE, SPFR); Salgado, V/1982, fl., *G. Viana 431* (ASE, SPFR); Santa Luzia do Itanhhy, IX/1995, fl., fr., *M. Landim et al. 649* (ASE, SPF, SPFR); Simão Dias, IX/1981, fl., fr., *C.L. Souza 10* (ASE).

4. *Erythrochiton* Nees & C. Mart.

4.1. *Erythrochiton brasiliensis* Nees & C. Mart., Nova Acta Phys.-Med. Acad. Caes. Leop.-Carol. Nat. Cur. 11: 166-167, t. 22. 1823.

Fig. 2 A-B.

Arbustos monocaules, 1,5-4 m alt., glabros. Folhas alternas, concentradas no ápice do caule, 1-folioladas, pecioladas; folíolos coriáceos, peciolados; lâmina bulada, com glândulas translúcidas evidentes nas folhas jovens, glabra, 30-49 x 4-10 cm, estreitamente oblanceolada a oblanceolada, ápice agudo ou acuminado, margem inteira, base longamente cuneada, domácias ausentes; pecíolo 2,5-4,6 cm compr., geniculado na base e no ápice, glabro ou com tricomas esparsos. Inflorescências axilares, mas muito próximas do ápice caulinar, simulando inflorescências terminais, em dicásios pedunculados, até 33 cm compr., os ramos laterais (inflorescências parciais) 1-2-floras, concentradas no ápice dos ramos, eixos glabros. Flores 5-meras, actinomorfas, vistosas, até 5 cm compr.; cálice campanulado, avermelhado a róseo, até 3,4 cm compr., glabro ou pubescente nas extremidades; pétalas alvas, até 4 cm compr., conatas em tubo, lobos oblanceolados a largamente obovais, pontuações glandulares translúcidas não evidentes; estames férteis 5, alternos às pétalas, ou 2 férteis e 3 estaminódios (alguns materiais da Bahia), filetes adnatos ao tubo da corola; anteras estreitamente oblongas, não versáteis, 4-5 mm compr. com pequenos apêndices basais ca. 2 mm compr.; disco nectarífero tubular, ultrapassando a altura do ovário; carpelos 5, conatos nas base e nos estiletos, ovário (sub)globoso, achatado no ápice, glabro ou com tricomas esparsos; óvulos por lóculo 2, superpostos; estilete 1, 3-4 cm compr., glabro, estigma capitado. Frutos 3-5 mericarpos do tipo folículo, conchados, ca. 1,2 cm compr., glabros ou esparsamente pubescentes, carenados em ambas as faces dorso e ventralmente, avermelhados a róseos quando imaturos; endocarpo rígido, destacado, ejetando as sementes quando maduras. Sementes 6-8 mm compr.

Comentários: *Erythrochiton brasiliensis* ocorre na Venezuela, Guianas e Brasil (Kallunki 1992), nos estados do Amazonas, Pará, Roraima, Maranhão, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro (Pirani & Groppo 2014), em Florestas Ombrófilas nos domínios da Amazônia e Mata Atlântica. É uma espécie de sub-bosque. Em Sergipe, foi coletada em Floresta Ombrófila, com frutos em setembro. As características do hábito, flores e frutos foram complementadas com base em materiais coletados em outros estados.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Carmópolis, IX/1981, fl., fr., *M.N. Almeida 1* (ASE).

Material adicional selecionado: **BRASIL. Bahia,** Jussari, IV/2008, fr., *M. Groppo et al. 1569* (SPFR). **Espírito Santo:** Rodovia Linhares-Rio Novo, XI/1973, fl., *R.S. Pinheiro 2340* (CEPEC); Santa Teresa, IV/2008, fl., *M. Groppo & C.P. Bruniera 1626* (SPFR).

5. *Esenbeckia* Kunth

5.1. *Esenbeckia grandiflora* Mart., Nov. Gen. Sp. Pl. 3: 85. 1829.

Fig. 2 C-E.

Arbustos ou árvores, 1-7 m alt.,. Folhas alternas a subopostas, 1-folioladas; folíolos coriáceos, peciolados; lâmina com glândulas translúcidas espalhadas por todo o limbo, 4,8-10,5 x 2,5-4,5 cm, glabra, mas pubérula a estrigosa na base, oboval a elíptica, ápice agudo ou arredondado, às vezes emarginado, margem inteira, base aguda; pecíolo 5-10 mm compr., glabro a estrigoso, geniculado no ápice. Inflorescências axilares, mas próximas do ápice caulinar, tirsoides, até 10 cm compr., os ramos laterais (inflorescências parciais) até 3 cm compr., menores para o ápice, ou inflorescências reduzidas a dicásios com 5-7 flores; eixos glabros ou com tricomas esparsos. Flores 5-meras, actinomorfas, 6-7 mm diâm.; sépalas esverdeadas, iguais entre si, deltoides a ovais, 1-2 mm compr., pubérulas a seríceas, tricomas adpressos; pétalas livres, creme-esbranquiçadas ou creme-esverdeadas, ovais, ca. 6 mm compr., inteiras, glabras; estames 5, alternos às pétalas, anteras ovoides, versáteis, estaminódios ausentes; disco nectarífero anular, mais baixo que o ovário; gineceu sincárpico, 5-carpelar, ovário (sub)globoso, achatado no ápice, base imersa no receptáculo, glabro, coberto por protuberâncias claviformes; óvulos por lóculo 2, colaterais; estilete 1, estigma capitado. Frutos cápsulas septicida ou loculicida, (sub)globosa, deprimida dorso-ventralmente, 2-2,5 x 1,7-12,4 cm, muricada; endocarpo rígido, destacado, ejetando as sementes quando maduras; sementes ca. 1 x 0,5 cm, ovoides.

Comentários: Espécie com ampla distribuição na América do Sul (Kaastra 1982; Pirani 1999; Groppo & Pirani 2007) No Brasil ocorre na Região Norte (Acre, Pará, Tocantins), em todos os estados do Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, na Floresta de Terra Firme, Floresta Estacional Semidecidual, na Floresta Ombrófila e em restingas, nos domínios da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica, além de ocorrer em áreas de capoeiras e outras áreas antropizadas (Pirani & Groppo 2014). Em Sergipe, foi coletada em áreas do Tabuleiro Costeiro, restingas e bordas de mata, em solo arenosos ou argilosos. Coletada com flores de fevereiro a junho, com frutos de abril a outubro. Kaastra (1982) reconhece duas subespécies para *Esenbeckia grandiflora*. Em Sergipe a variedade presente é *E. grandiflora* subespécie *brevipetiolata* Kaastra, diferindo da subespécie típica pelas pétalas glabras (versus pilosas), flores com 6-7 mm de diâmetro (versus 8-14 mm de diâmetro) e pecíolos mais curtos (pecíolos até 25 mm na subespécie típica).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, III/2011, fl., L.A.S. Santos et al. 487 (ASE, SPFR); Barra dos Coqueiros, VI/1995, fl., M. Landim 392 (ASE, SPFR); Estância, XI/2012, fr., R.M. Deda et al. 217 (ASE, SPFR); Indiaroba, IV/2012, fl., fr., M.V.C. Farias et al. 122 (ASE, SPFR); Itabaiana, VI/1987, fr., G. Viana 1732 (ASE, SPFR); Itaporanga d' Ajuda, VIII/2011, J.P. Souza-Alves 18 (ASE); Japarutuba, IX/2013, fr., B.C.S. Lima & T. Carregosa 14 (ASE, SPFR); Pirambu, VI/2013, fl. G.S. Freire at. 113 (ASE, SPFR); Santa Luzia do Itanhy, IV/2012, fr., A.P. Prata et al. 2713 (ASE); Santo Amaro das Brotas, IV/2012, fr., M.C.V. Farias et al. 215 (ASE, SPFR); São Cristóvão, VI/1987, G. Viana 1784 (ASE).

6. *Pilocarpus* Vahl

6.1. *Pilocarpus riedelianus* Engl., Fl. Bras. 12(2): 135. 1874.

Fig. 2 F-G.

Arbustos, ramos glabros. Folhas alternas, simples, pecioladas; lâmina com pontuações glandulares translúcidas espalhadas por todo o limbo, 15-26 x 7-11,5 cm, glabra, elíptica a oblonga, ápice agudo ou obtuso, margem inteira, base aguda ou atenuada; pecíolo 9-16 mm compr., glabro. Inflorescências (sub)terminais (em ramos axiais próximos ao ápice caulinar), em racemos eretos, até ca. 45 cm compr., eixo suberificado, glabro. Flores 5-meras, actinomorfas, 5-6 mm diâm., sépalas esverdeadas, iguais entre si, deltoides, 0,5 mm compr., glabros ou minutamente pubérulos; pétalas livres, vináceas, ca. 2,5 mm compr., ovais, inteiras, glabras ou com tricomas esparsos; estames 5, alternos às pétalas, anteras ovóides, versáteis, com uma glândula no dorso sobre o conectivo, estaminódios ausentes; disco nectarífero cupular, envolvendo o ovário completamente, 5-lobado; gineceu 5-carpelar, carpelos unidos na base, ovário (sub)globoso, achatado no ápice, base imersa em um ginóforo globoso; óvulos por lóculo 1, estiletos ausentes. Frutos 1-3 mericarpos do tipo folículo, conchados, obovóides, ca. 9 mm compr., estriados; endocarpo rígido, destacado, ejetando as sementes quando maduras; sementes ca. 0,9-1 x 0,6 cm, obovóides a reniformes.

Comentários: *Pilocarpus riedelianus* ocorre no Brasil (Kaastra 1982; Skorupa 1996), nos estados de Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco e Espírito Santo (Pirani & Groppo 2014), primeira referência para Sergipe. É uma espécie de sub-bosque exclusiva da Floresta Ombrófila do Domínio da Mata Atlântica. Em Sergipe, há um único registro de coleta, em restinga, com frutos em novembro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Itaporanga d' Ajuda, XI/2013, fr., L.A.S. Santos 891 (ASE, SPFR).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Baixa Grande, VI/1999, fl., F. França et al. 2978 (HUEFS); Itacaré, XII/1991, fl., fr., A.M.A Amorim et al. 902 (CEPEC, HUEFS); Mucugê, II/1997, fl., fr., L. Passos et al. PCD5719 (ALCB, HUEFS); Santa Terezinha, VII/2004, fl., M.L.C. Neves et al. 114 (HUEFS).

7. *Zanthoxylum* L.

Árvores, arvoretas ou arbustos, geralmente aculeados no tronco, ramos ou folhas. Folhas alternas, pinadas, raro 1(-3)-folioladas; folíolos geralmente crenados com glândulas translúcidas entre cada lobo marginal. Inflorescências terminais ou axilares, multifloras, em panículas ou racemos, raro espigas. Flores 3-5-meras, unissexuadas (plantas dioicas, raro polígamo-dioicas), actinomorfas, geralmente alvas a esverdeadas; sépalas livres a conatas; pétalas imbricadas, livres, raramente ausentes; estames 3-5, livres, alternos às pétalas; filetes inseridos na base do disco; anteras ovóides; estaminódios das flores fe-

mininas 0-5; disco anular nas flores masculinas, ginoforóide nas femininas (nas espécies de Sergipe); carpelos 1-5, geralmente livres ou conatos apenas pelo estigma; óvulos por lóculo 2, colaterais; pistilódios nas flores masculinas 1-3(5). Frutos do tipo folículo (1 carpelo desenvolvido) ou esquizocarpos compostos de 2-5 folículos livres, raro cápsulas; endocarpo destacado do mesocarpo. Semente por mericarpo 1, pêndula pelo funículo alongado depois da abertura do fruto.

Gênero com aproximadamente 200 espécies essencialmente tropicais (Pirani 2002; Gropo & Pirani 2007), alcançando áreas temperadas no leste asiático e na América do Norte. No Brasil, são 26 espécies, encontradas em todos os Domínios Fitogeográficos (Pirani & Gropo 2014), com quatro espécies ocorrendo no estado de Sergipe.

Chave para identificação das espécies de *Zanthoxylum* de Sergipe

1. Folhas 1(3) folioladas, folíolos de margem inteiras **7.4. *Zanthoxylum* sp.**
- 1'. Folhas 5-11 folioladas; folíolo de margem crenada, com glândulas translúcidas evidentes na confluência de cada crena 2
2. Indumento de tricomas estrelados **7.3. *Z. rhoifolium***
- 2'. Indumento de tricomas simples 3
3. Ramos da inflorescência suberosos, reticulados, superfície transversal e longitudinalmente dividida em pequenas placas; carpelos 1; folíolos de base simétrica, não falcados; folículos sem glândulas circulares **7.1. *Z. caribaeum***
- 3'. Ramos da inflorescência não suberosos, não reticulados, superfície sem placas; carpelos 2-3; folíolos de base assimétrica, falcados; folículos com glândulas circulares.....
..... **7.2. *Z. petiolare***

7.1. *Zanthoxylum caribaeum* Lam., Encycl. 2: 39. 1786.

Nome popular: laranjeira-brava (*Donato et al. 23, ASE, SPFR*).

Fig. 3 A.

Árvore, ramos pubérulos, indumento de tricomas simples, tronco, caule e folhas frequentemente aculeados. Folhas alternas, imparipinadas, pecioladas; raque não alada, canaliculada; folíolos 5-11, cartáceos, opostos, peciolulados, peciólulos 2-4 mm compr.; lâmina com glândulas translúcidas evidentes na confluência das crenas, pubérula, 4,1-7(-13) x 1,5-2(-5) cm, elíptica a oboval, ápice acuminado a agudo, margem crenada com glândulas evidentes entre cada crena, base aguda; pecíolo como a raque, 3-6(-9) cm compr., pubérulo. Inflorescências terminais, em tirsos 9-15 cm compr., densos, ramos da inflorescência suberosos, reticulados, a superfície transversal e longitudinalmente dividida em pequenas placas; os ramos laterais (inflorescências parciais) menores para o ápice, eixos pubérulos, Flores 5-meras, 5-7 mm diâm.; sépalas esverdeadas, iguais entre si, deltoides, pubérulas; pétalas creme-esbranquiçadas, oblongo-elípticas, ca. 4 mm compr., glabras, inteiras; estames 5, anteras ovoides, reduzidos a estaminódios nas flores pistiladas; ovário 4-5-carpelar, globoso, glabro, ca. 4 mm compr., reduzido a pistilódio

cônico nas flores estaminadas. Frutos 1-4-foliculares, folículos obovóides, apiculados, 4-5 mm diâm., castanhos, pericarpo rugoso, mas sem glândulas circulares salientes; semente obovoide, ca. 3 x 2,5 mm, negra, lustrosa.

Comentários: *Zanthoxylum caribaeum* possui distribuição ampla na região Neotropical, ocorrendo deste o norte do México, América Central (inclusive Caribe) até América do Sul, chegando à Argentina e Paraguai (Pirani 1999). No Brasil, foi coletada em todos os estados (exceto Tocantins), em vários tipos de formações vegetacionais e em todos os Domínios (Pirani & Groppo 2014). Em Sergipe, foi coletada no domínio da Mata Atlântica (um registro), com frutos em fevereiro. Melo & Ziquel (2004) citam a presença de domácias na base dos folíolos de *Zanthoxylum caribaeum* em espécimes de Pernambuco, porém essa característica não foi observada no material de Sergipe ou materiais adicionais examinados.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Laranjeiras, II/2011, fr., C.R. Donato et al. 25 (ASE, SPFR).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Amargosa, VIII/2007, fr., J.L. Paixão & M.S. Nascimento 1301 (HUEFS); Itagibá, IX/2008, fl., fr., C.E. Ramos et al. 330 (ALCB, SPFR). **Mato Grosso do Sul:** Aquidauana, I/2006, fr., E. de Melo et al. 4224 (HUEFS).

7.2. *Zanthoxylum petiolare* A.St.-Hil. & Tul., Ann. Sci. Nat., Bot., sér. 2, 17: 40.

Nome popular: laranja-braba, laranjinha.

Fig. 3 B-C.

Árvores ou arbustos, até 6 m alt.; ramos glabros a pubescentes, indumento de tricomas simples; tronco, caule e folhas frequentemente aculeados. Folhas alternas, pari ou imparipinadas, pecioladas; raque não alada, não canaliculada; folíolos 6-11, cartáceos, opostos, (sub)sésseis; lâmina com glândulas translúcidas mais evidentes na confluência das crenas, glabra, 2,4-7,4 x 1,4-4 cm, elíptica a oboval, ápice acuminado a agudo, margem crenada com glândulas evidentes entre cada crena, base aguda e assimétrica, tornando a lâmina falcada; pecíolo 2,5-6 cm compr., glabro. Inflorescências terminais, em tirso 5-10 cm compr., densos, os ramos laterais (inflorescências parciais) menores para o ápice, eixos pubérulos a pubescentes. Flores (3-4)5-meras 3-4 mm diâm.; sépalas esverdeadas, iguais entre si, deltoides, pubérulas; pétalas creme-esbranquiçadas, oblongo-elípticas, ca. 2 mm compr., glabras, inteiras; estames 5, reduzidos a estaminódios nas flores pistiladas, anteras ovoides; ovário 2-3-carpelar, ovoide a cilíndrico, ca. 3 mm compr., reduzido a pistilódio cônico nas flores estaminadas. Frutos 1-4-foliculares, folículos obovóides, apiculados, 3-5 mm diâm., castanhos, pericarpo rugoso, glândulas circulares salientes; semente obovoide, ca. 3 x 2,5 mm, negra, lustrosa.

Comentários: *Zanthoxylum petiolare* ocorre na Bolívia, Paraguai, Argentina (Spichiger & Ortega 1987; Pirani 1999), e Brasil, nos estados da Região Nordeste (Ceará, Paraíba, Pernambuco, Bahia), Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul) e estados

das regiões Sudeste e Sul (Pirani & Groppo 2014), nas Florestas Estacional Semidecidual e Decidual, Floresta Ombrófila, em Carrascos e Floresta Ciliares e de Galeria, nos Domínios da Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica. Em Sergipe, foi coletada em Caatinga e na transição com a Mata Atlântica, com flores em abril e frutos em abril e maio.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Verde, IX/2010, estéril, *E.V.R. Ferreira 171* (ASE, SPFR); Frei Paulo, IV/1981, fr., *G. Viana s.n. ASE 1162* (ASE); Riachão do Dantas, IV/2013, fl., *M.C.V. Farias et al. 373* (ASE, SPFR); Simão Dias, V/1983, fr., *E. Gomes 356* (ASE).

7.3. *Zanthoxylum rhoifolium* Lam., Encycl. 2(2): 39. 1786.

Nomes populares: laranjinha, laranja-brava, limãozinho, mamica-de-porca, peito-de-moça, tamangueira.

Fig. 3 D-E.

Árvores ou arbustos até 8m alt.; ramos pubérulos a tomentosos, indumento de tricomas estrelados; tronco, caule e folhas frequentemente aculeados. Folhas alternas, (pari-) imparipinadas, pecioladas; raque com ala discreta, canaliculada; folíolos 9-19, cartáceos, opostos a alternos, (sub)sésseis a curtamente peciolulados; lâmina com glândulas translúcidas mais evidentes na confluência das crenas, pubérula a tomentosa, 2,3-7x0,9-1,9cm, elíptica a oblonga, ápice acuminado a agudo, margem crenada com glândulas evidentes entre cada crena, base aguda; pecíolo como a raque, 2,5-4 cm, pubérulo a tomentoso. Inflorescências terminais, em tirsos 4-12 cm compr., densos, os ramos laterais (inflorescências parciais) menores para o ápice, eixos pubérulos a tomentosos, Flores 5-meras, 2,3-3,8mm diâm.; sépalas esverdeadas, iguais entre si, deltoides, pubérulas a tomentosas; pétalas creme-esbranquiçadas, oblongo-elípticas, ca. 2mm compr., glabras a pubérulas, inteiras; estames 5, anteras ovoides, reduzidos a estaminódios nas flores pistiladas; ovário 1(-2-3)carpelar, globoso, glabro, ca. 1,5mm compr., reduzido a pistilódio cônico nas flores estaminadas. Frutos geralmente 1-foliculares, globosos, 3-5mm diâm., vináceos, avermelhados a castanhos, pericarpo com glândulas circulares salientes; semente obovoide, ca. 3x2,5mm, negra, lustrosa.

Comentários: espécie com ampla distribuição na região neotropical, ocorrendo desde o México, América Central (inclusive em sua parte insular) e América do Sul, até a Argentina e Paraguai, em vários tipos de formações vegetacionais, mais frequentemente na borda e clareiras de florestas (Pirani 2002; Groppo & Pirani 2007. No Brasil, ocorre em todos os estados, em vários tipos de formações vegetacionais em todos os domínios, inclusive em áreas antropizadas (Pirani & Groppo 2014). Em Sergipe, ocorre em áreas de mata sob o domínio da Mata Atlântica. Coletada com flores em abril e maio, com frutos de janeiro a março e em maio. *Zanthoxylum rhoifolium* exibe grande polimorfismo foliar, principalmente quanto ao tamanho e forma dos folíolos, glândulas na margem ou em todo o limbo, densidade de indumento e tamanho dos peciólulos. Entre as espécies de Sergipe é a única com tricomas estrelados.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, I/2003, fr., *M.L. Santos 46* (ASE); Capela, VI/2013, fl., *R.G. Silveira 14* (ASE, SPFR); Estância, XII/2009, *C. Calazans et al. 424* (ASE); Japarutuba, V/1999, *A. Cruz & E. Santos 110* (ASE); Lagarto, III/2007, fr., *Aderaldo et al. 10441* (ASE, SPFR); Malhador, VIII/2000, *G. Viana & P.C. Umbelino 49* (ASE); Maruim, XI/2003, fr., *M. Landim & E. Santos 1537* (ASE, SPFR); Poço Redondo, VI/2010, fr., *W.J. Machado et al. 441* (ASE, SPFR); Tomar do Geru, sem data, fl., *G. Viana & S.G. Magalhães 618* (ASE, SPFR); Umbaúba, III/2012, fr., *L.A.S. Santos et al. 689* (ASE, SPFR).

7.4. *Zanthoxylum* sp.

Fig. 3 F.

Arbustos ou árvores, 1-6 m alt.; ramos pubérulos, indumento de tricomas simples; tronco e ramos aculeados. Folhas alternas, 1(3)-folioladas; folíolos cartáceos a membranáceos, peciolados; lâmina com glândulas translúcidas espalhadas por todo o limbo, 5,5-12 x 2,7-7 cm, glabra, elíptica a oboval, ápice acuminado, agudo ou arredondado, às vezes emarginado, margem inteira, base aguda ou obtusa; pecíolo 5-15 mm compr., glabro. Inflorescências terminais, em panículas de até 6 cm compr., os ramos laterais menores para o ápice, eixos pubescentes. Flores 5-meras, 3-4 mm diâm., sépalas esverdeadas, iguais entre si, deltoides, pubérulas; pétalas alvas, elíptico-oblongas, ca. 2,5 mm compr., glabras, inteiras; estames 5, reduzidos a estaminódios nas flores pistiladas, anteras ovoídes; ovário 4-carpelar, obovoide, glabro, ca. 2 mm compr., reduzido a pistilódio cônico nas flores estaminadas. Frutos 1-foliculares, globosos, ca. 4 mm diâm., acastanhados, pericarpo rugoso, sem glândulas circulares salientes, ca. 4 mm diâm. Semente obovoide, ca. 3 x 2,5mm, negra, lustrosa.

Comentários: esta espécie corresponde provavelmente a um táxon ainda não descrito. Difere prontamente das outras espécies de *Zanthoxylum* do Brasil por apresentar folhas 1(-3)-folioladas e das espécies de Sergipe pelos folíolos de margem inteira (versus margem crenada). Foi coletada no Domínio da Mata Atlântica, em bordas de mata, sobre solo arenoso e arenoso-argiloso. Flores em abril e maio, frutos em maio e agosto.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, IV/2012, fl., *L.A. Gomes et al. 390* (ASE, SPFR); Maruim, VI/2013, fr., *L.A. Gomes et al. 1091* (ASE, SPFR); Nossa Senhora do Socorro, VIII/2013, fr., *J.P. Santana & T.R. Silva 109* (ASE, SPFR).

Referências Bibliográficas

Engler, H.G.A. 1874. Rutaceae. In: C.F.P. Martius & A.G. Eichler (eds.) **Flora brasiliensis**, Monachii, Typographia regia, v.12, pt.2, p. 75-196, tabs. 14-39.

Engler, H.G.A. 1896. Rutaceae. In: *H.G.A. Engler & K. Prantl (eds.) Die natürlichen Pflanzenfamilien*. Leipzig. Wilhelm Engelmann. T.3, Parte.5, ed.1, p.95-201.

Engler, H.G.A. 1931. Rutaceae. In: *H.G.A. Engler & K.A.E. Prantl (eds.) Die natürlichen Pflanzenfamilien, Leipzig*. Wilhelm Engelmann. ed. 2, v. 19a, p. 187-359.

Groppo, M. 2010. Rutaceae. *In*: Neotropikey, **Royal Botanic Gardens, Kew**. Disponível em: <<http://www.kew.org/science/tropamerica/neotropikey/families/Rutaceae.htm>> (Acesso em: Julho 2014).

Groppo, M. & Pirani, J.R. 2007. Rutaceae. *In*: T.B. Cavalcanti. (Org.). **Flora do Distrito Federal, Brasil**. Brasília: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, v. 6, p. 63-86

Groppo, M.; Pirani, J.R.; Blanco, S.R.; Salatino, M.L.F. & Kallunki, J.A. 2008. Phylogeny of Rutaceae based on two noncoding regions from cpDNA. **American Journal of Botany** **95**: 985-1005. doi: 10.3732/ajb.2007313.

Groppo, M.; Kallunki, J.A.; Pirani, J.R. & Antonelli, A. 2012. Chilean *Pitavia* more closely related to Oceania and Old World Rutaceae than to Neotropical groups: evidence from two cpDNA non-coding regions, with a new subfamilial classification of the family. **PhytoKeys** **19**: 9-29.

Kaastra, R.C. 1982. Pilocarpinae (Rutaceae). **Flora Neotropica monograph** **33**: 1-198.

Kallunki, J.A. 1992. A revision of *Erythrochiton* sensu lato (Cuspariinae, Rutaceae). **Brittonia** **44**: 107-139.

Kallunki, J.A. 2004. Rutaceae. *In*: N. Smith, S.A. Mori, A. Henderson, D.Wm. Stevenson & S.V. Heald (eds.) **Flowering Plants of the Neotropics**. Princeton: Princeton University Press, p. 333-335.

Kallunki, J.A. & Pirani, J.R. 1998. Synopses of *Angostura* Roem. & Schult. and *Conchocarpus* J.C. Mikan (Rutaceae). **Kew Bulletin** **53**(2): 257-334.

Kubitzki, K.; Kallunki, J.A.; Duretto, M. & Wilson, P.G. 2011. Rutaceae. *In*: K. Kubitzki (Ed.) **The families and genera of vascular plants**, Flowering Plants: Eudicots (Sapindales, Cucurbitales, Myrtaceae). Berlin and Heidelberg, Germany: Springer Heidelberg, vol. 10, p. 276-356.

Melo, M.F.F. & Zickel, C.S. 2004. Os gêneros *Zanthoxylum* L. e *Esenbeckia* Kunth ocorrentes em Pernambuco. **Acta Botanica Brasilica** **18**(1): 73-90.

Pirani, J.R. 1999. **Estudos taxonômicos em Rutaceae: Revisão de *Helietta* e *Balfourodendron* (Pteleinae); Análise cladística de Pteleinae; Sinopse de Rutaceae do Brasil**. Tese de livre-docência. Universidade de São Paulo.

Pirani, J.R. 1998. A revision of *Helietta* and *Balfourodendron* (Rutaceae, Pteleinae). **Brittonia** **50**(3): 348-380.

Pirani, J.R. 2002. Rutaceae. *In*: Wanderley, M.G.L., Shepherd, G.J., Giulietti, A.M., Melhem, T.S., Bittrich, V. & Kameyama, C. (eds.) **Flora fanerogâmica do estado de São Paulo**. São Paulo. FAPESP, HUCITEC, v. 2, p. 281-308.

Pirani, J.R. 2005. Flora da Reserva Ducke, Amazonas, Brasil: Rutaceae. **Rodriguésia** **56**: 189-204.

Pirani, J.R. & Groppo, M. 2014. Rutaceae. *In*: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB212>>. (Acesso em: Agosto 2014).

Simpson, M.G. 2010. **Plant Systematics**. 2nd edition. Oxford: Elsevier Academic Press.

Skorupa, L.A. 1996. **Revisão Taxonômica de *Pilocarpus* Vahl (Rutaceae)**. Tese de Doutorado, Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo.

Spichiger, R. & Ortega, L.S. 1987. Rutaceae. *In*: R. Spichiger (ed.). **Flora del Paraguay**. Gêveve: Conservatoire et Jardim Botanique de Gêveve.

Lista de Exsicatas

Aderaldo 10441 (7.3); **Almeida, M.N.** 1 (4.1); **Almeida, V.** s.n. (ASE 13772) (5.1); **Alves, L.J.** 155 (2.1); **Amorim, A.M.A.** 902 (6.1), 1520 (5.1); **Andrade, A.B.** 2 (5.1); **Araújo, D.S.D.** 281 (1.1); **Araújo, T.** 36 (5.1); **Calazans, C.** 424 (7.3); **Campos, D.A.** 217 (5.1), 275 (5.1); **Cardoso, D.** 769 (2.1), 1209 (1.1); **Carneiro, E.M.** 384 (5.1), 703 (3.1); **Carregosa, T.** 121 (5.1); **Costa, M.A. de A.** 97 (2.1), 98 (2.1); **Cruz, A.** 28 (5.1), 110 (7.3); **Dantas, H.G.** 34 (2.1); **Dantas, T.V.P.** 46 (5.1); **Déda, R.M.** 106 (5.1), 217 (5.1); **Donato, C.R.** 25 (7.1); **Farias, M.C.V.** 39 (5.1), 122 (5.1), 215 (5.1), 246 (5.1), 373 (7.2); **Farney, C.** 2693 (5.1), 2730 (5.1), 3016 (5.1); **Ferreira, E.V.R.** 171 (7.2), 232 (1.1); **Fonseca, M.R.** s.n. ASE 125 (5.1), 172 (3.1), 436 (5.1); **França, F.** 2978 (6.1), 5501 (1.1); **Freire, G.S.** 113 (5.1); **Gomes, E.** 273 (5.1), 356 (7.2); **Gomes, L.A.** 125 (5.1), 368 (3.1), 390 (7.4), 530 (5.1), 1091 (7.4); **Guedes, M.L.** 10817 (1.1); **Groppo, M.** 1569 (4.1), 1626 (4.1); **Harley, R.M.** 27142 (1.1), 54304 (1.1), 54366 (1.1), 54863 (1.1);

Hatschbach, G. 71549 (2.1); Jardim, J.G. 1873 (4.1), 5759 (3.1); Kallunki, J. 394 (2.1); Landim, M. 146 (5.1), 392 (5.1), 649 (3.1), 769 (5.1), 1002 (5.1), 1181 (5.1), 1537 (7.3); Lima, B.C.S. 14 (5.1); Machado, M.A.B.L. 122 (2.1); Machado, W.J. 441 (7.3); Matos, A.G. 14 (3.1); Mattos-Silva, L.A. 2350 (1.1); Melo, E. de 3217 (2.1), 4224 (7.1); Nascimento-Júnior, J.E. 520 (5.1), 825 (5.1), 1017a (5.1), 1017b (5.1); Neves, M.L.C. 114 (6.1); Paixão, J.L. 1301 (7.1); Paula-Souza, J. 5429 (1.1); Passos, L. PCD5719 (6.1); Pinheiro, R.S. 2340, (4.1); Prata, A.P. 2601 (3.1), 2713 (5.1), 2786 (5.1), 2895 (3.1), 2980 (5.1), 3355 (3.1); Queiroz, L.P. 389 (1.1); Ramos, C.E. 330 (7.1); Santana, J.P. 109 (7.4), 162 (7.4); Santana, M.C. 123 (3.1); Santos, C.S. 129 (5.1); Santos, F. 4 (7.3); Santos, F.M.S. 2 (7.3); Santos, L.A.S. 487 (5.1), 689 (7.3), 891 (6.1); Santos, M.L. 44, (7.3), 46 (7.3); 138 (5.1); Santos, R.M. 1580 (1.1); Santos, T.S. 3487 (1.1); Silva, F.H.M. 300 (1.1); Silva, T.R. 69 (3.1); Silveira, R.G. 14 (7.3); Souza-Alves, J.P. 18 (5.1); Souza, C.L. 10 (3.1); Taylor, N.P. 1577 (2.1); Viana, G. s.n. (ASE 1162) (7.2), s.n. (ASE 6449) (7.3), 25 (7.3), 49 (7.3), 223 (3.1), 413 (5.1), 431 (3.1), 473 (2.1), 618 (7.3), 921 (5.1), 1732 (5.1), 1784 (5.1).

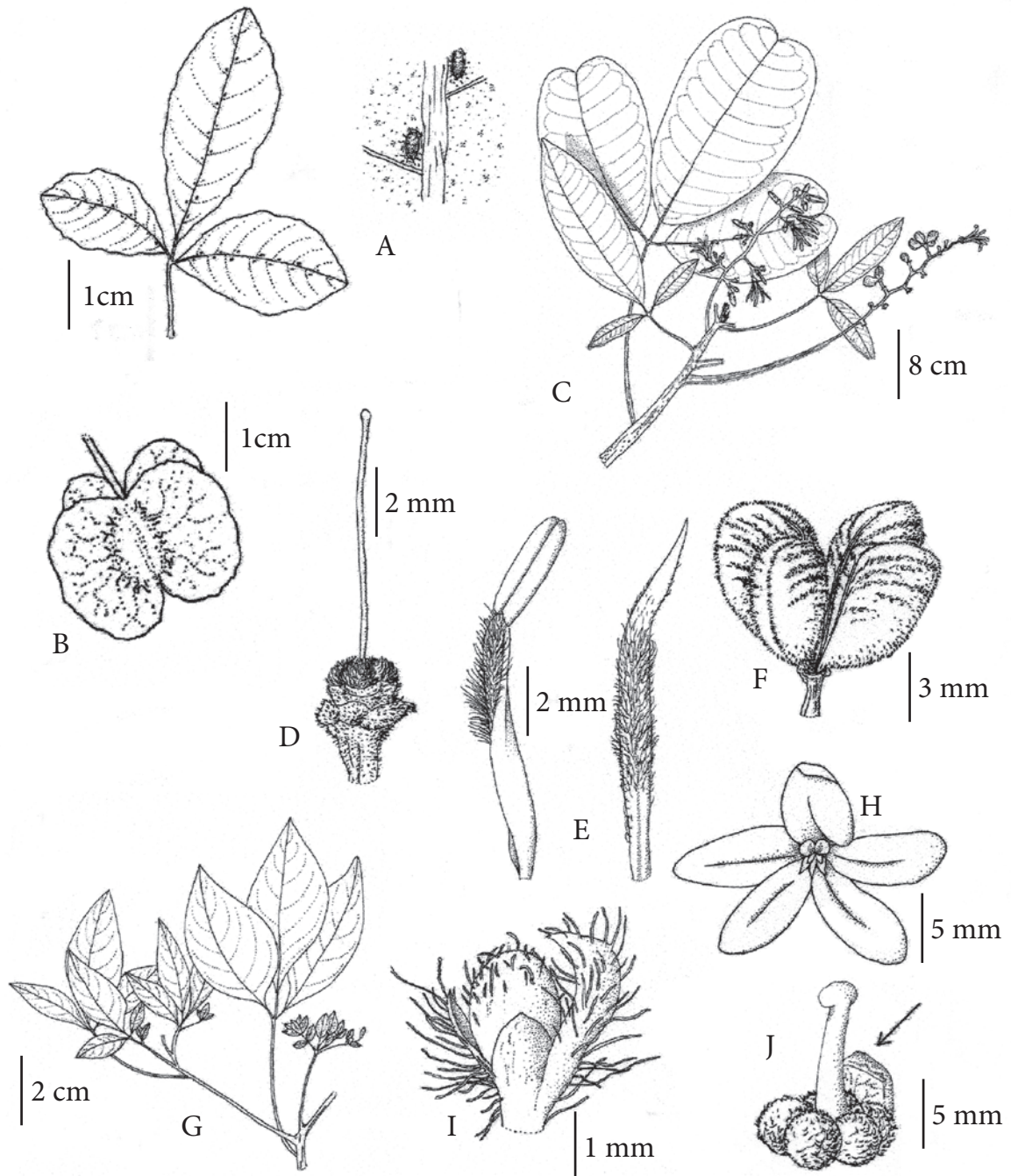


Figura 1. A-B. *Balfourodendron molle* (Miq.) Pirani. A. Folha, à direita detalhe das domácias em cripta na face abaxial; B. Fruto (R.M. Harley 54304, ASE). C-F. *Conchocarpus heterophyllus* (A.St.-Hil.) Kallunki & Pirani. C. Ramo com flores; D. Gineceu; E. Estame (esquerda) e estaminódio; F. Fruto (G. Viana 473, ASE). G-J. *Ertela trifolia* (L.) Kuntze. G. Ramo com flores; H. Flor em vista frontal; I. Botão, notar pétalas desiguais; J. Ovário e disco (seta) (A.P Prata et al. 2895, ASE).

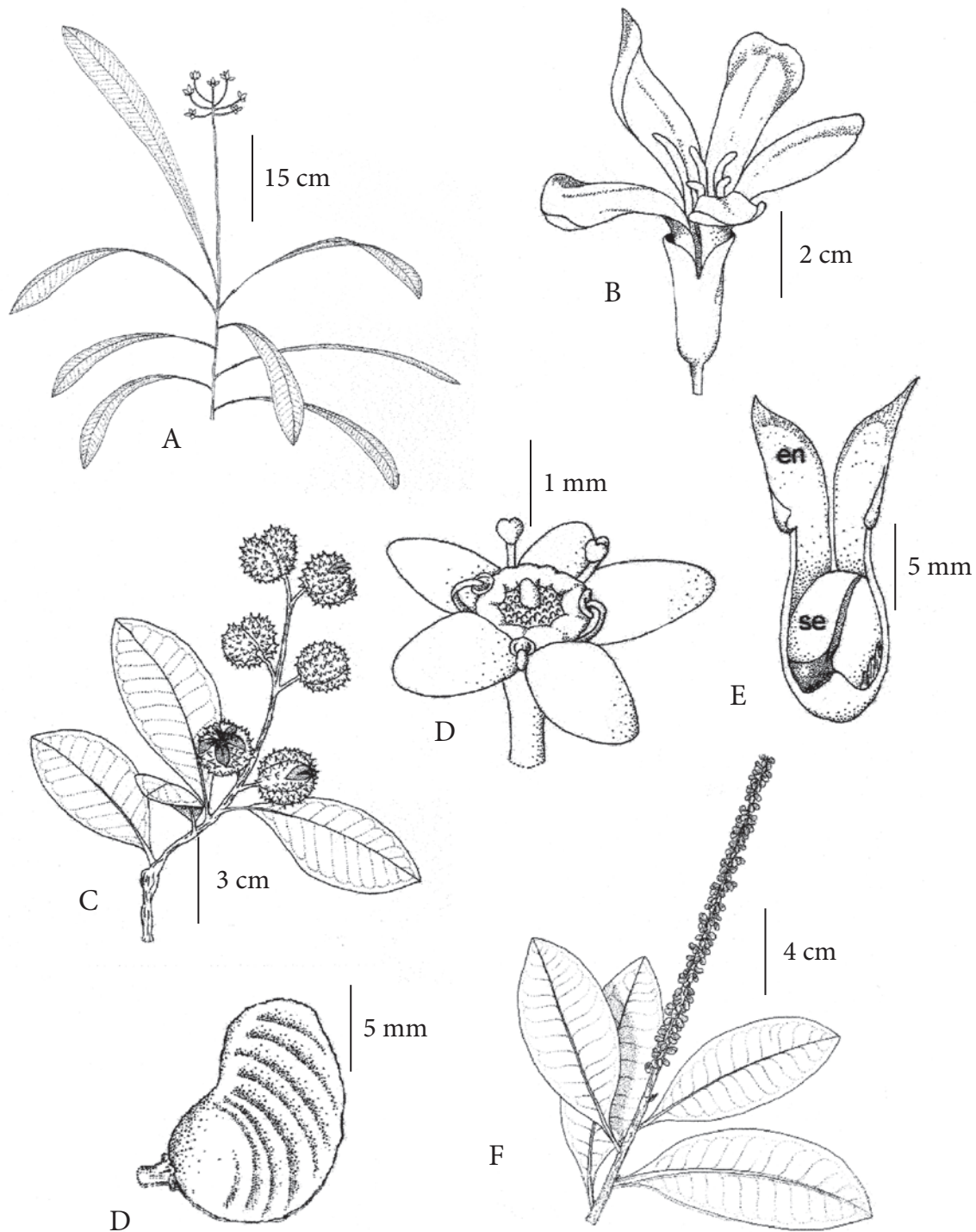


Figura 2. A-B. *Erythrochiton brasiliensis* Nees & C. Mart. A. Ramo com frutos; B. Flor (M.N. Almeida 1, ASE). C-E. *Esenbeckia grandiflora* Mart. C. Ramo com frutos (A.P. Prata 2713, ASE); D. Flor (G.S. Freire at al. 113, SPFR); E. Semente (se), encaixada no endocarpo (en) (A.P. Prata 2713, ASE). F-G. *Pilocarpus riedelianus* Engl. F. Ramo com frutos; G. Fruto (L.A.S. Santos 891, SPFR).

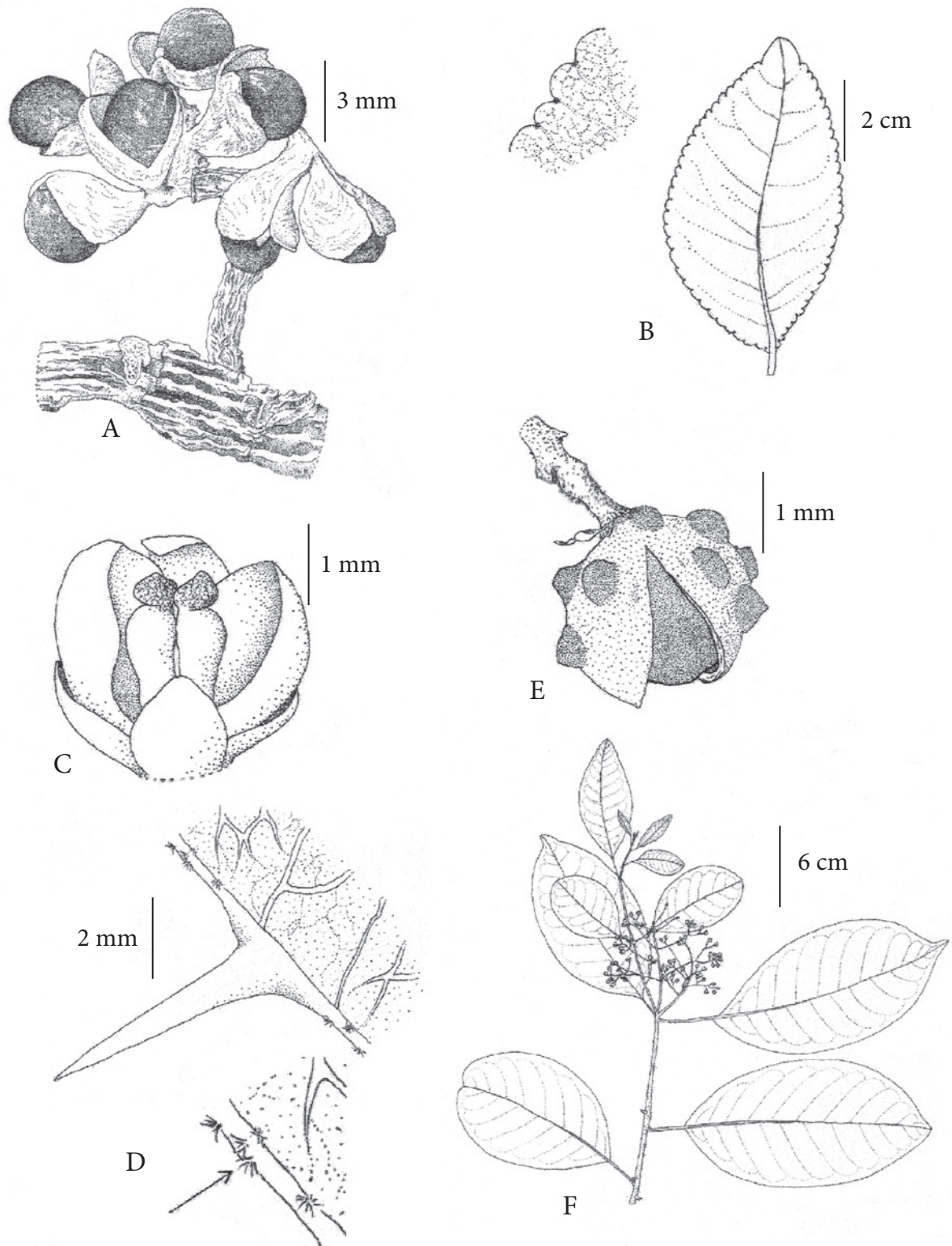


Figura 3. A. *Zanthoxylum caribaeum* Lam. Frutos, notar ramo da inflorescência suberoso (C.R. Donato et al. 25, SPFR). B-C. *Zanthoxylum petiolare* A.St.-Hil. & Tul. B. Foliolo, com detalhe da margem crenada e glândulas entre as crenas (seta); C. Flor feminina (M.C.V. Farias et al. 373, SPFR). D-E. *Zanthoxylum rhoifolium* Lam. D. Acúleo na nervura central de um folíolo, com detalhe dos tricomas estrelados (seta); E. fruto (W.J. Machado et al. 441, SPFR). F. *Zanthoxylum* sp. Ramo com flores (J.P. Santana 162, SPFR).

SAPOTACEAE

Anderson Alves-Araújo¹

Arbustos a árvores armados ou inermes, lenticelas presentes ou ausentes. Látex alvo, abundante. Folhas alterno-dísticas ou alterno-espíraladas, margens foliares retas a fortemente revolutas, venação broquidódroma, eucamptódroma, eucampto-broquidódroma ou craspedódroma. Estípulas presentes ou ausentes. Fascículos ramifloros, axilares e que também podem se apresentar em ramos áfilos. Flores actinomorfas, uni- ou bissexuadas; cálice 4–6 sépalas, persistentes; lobos da corola 4–8, simples ou divididos em segmentos, corola ciatiforme a tubular; estames 4–8, epipétalos, exsertos ou inclusos; estaminódios presentes ou ausentes; ovário súpero, glabro a piloso, 1–16-locular, lóculos uniovulados. Frutos bacáceos; sementes com cicatriz, por vezes chegando a cobrir até $\frac{3}{4}$ de sua superfície, testa brilhante.

Sapotaceae é constituída por 53 gêneros e cerca de 1.250 espécies distribuídas em três subfamílias: Sarcospermatoideae, Sapotoideae e Chrysophylloideae, sendo as últimas as mais expressivas em número de espécies e com representantes nos Neotrópicos (Swenson & Anderberg 2005). A família ocorre preferencialmente em florestas úmidas de baixas elevações, geralmente abaixo de 1.000 m.s.m. e seu principal centro de diversidade é a América tropical (Pennington 2006). No Brasil são registrados 10 gêneros com 231 espécies, destas 87 são encontradas na região Nordeste (Carneiro *et al.* 2013). Para Sergipe, são aqui registrados sete gêneros com 18 espécies, sendo *Pouteria* e *Manilkara* os mais representativos com cinco e quatro espécies, respectivamente. (Ilustrações disponíveis em Pennington 1990, Alves-Araújo 2012, Alves-Araújo & Alves 2010, 2012 e Terra-Araújo *et al.* 2013).

Chave para identificação dos gêneros de **Sapotaceae** de Sergipe

- 1. Plantas armadas **7. *Sideroxylon***
- 1'. Plantas inermes 2
- 2. Estípulas presentes, flores sésseis **2. *Ecclinusa***
- 2'. Estípulas ausentes, flores pediceladas..... 3
- 3. Cálice com 6 sépalas distribuídas em dois verticilos (3+3) **3. *Manilkara***
- 3'. Cálice com 4–6 sépalas distribuídas em um único verticilo 4
- 4. Estaminódios presentes 5
- 5. Venação foliar craspedódroma..... **4. *Micropholis***
- 5'. Venação foliar eucamptódroma, broquidódroma ou eucampto-broquidódroma
..... **5. *Pouteria***

¹Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Centro Universitário Norte do Espírito Santo – CEUNES. Rodovia BR 101 Norte, Km. 60, Bairro Litorâneo. CEP 29932-540, São Mateus-ES. sapotae@gmail.com

- 4.' Estaminódios ausentes 6
 6. Fascículos axilares, tubo da corola ≥ 1 mm **1. *Chrysophyllum***
 6'. Fascículos caulifloros ou ramifloros, tubo da corola < 1 mm **6. *Pradosia***

1. *Chrysophyllum* L.

Arbustos a árvores, inermes, lenticelas presentes, estípulas ausentes. Folhas alterno-dísticas ou alterno-espiraladas, cartáceas a coriáceas, glabras a tomentosas, margem plana a fortemente revoluta, venação eucamptódroma. Fascículos axilares. Flores bissexuadas; cálice 5-6-mero; corola 5-6-mera; estames-5-6, adnatos no ápice do tubo da corola; estaminódios ausentes; ovário 5-6-locular, pubescente a tomentoso; estilete glabro a pubescente; estigma simples a levemente lobado. Frutos glabros a puberulentos; sementes 1-5, negras.

Chave para identificação das espécies de ***Chrysophyllum*** de Sergipe

1. Folhas alterno-espiraladas, glabras; cálice e corola 5-meros; estames-5; ovário 5-locular; frutos negros..... **1.1. *C. lucentifolium* subsp. *lucentifolium***
 1'. Folhas alterno-dísticas, face abaxial tomentosa, cálice e corola 6-meros, estames-6, ovário 6-locular, frutos vermelhos **1.2. *C. rufum***

1.1. *Chrysophyllum lucentifolium* subsp. *lucentifolium* Cronq., Bull. Torrey Bot. Club 73(3): 304. 1946.

Árvores até 12 m alt. Ramos jovens puberulentos a glabros. Folhas 6-8 x 2,2-3,2 cm, alterno-espiraladas, elípticas a oblanceoladas, cartáceas, base atenuada, margem plana, ápice agudo, glabras; pecíolo 0,4-1,6 cm compr., glabro. Flores pediceladas, pedicelos 1,5-4 mm compr., glabros; cálice 5-mero, sépalas 1,6-3,2 mm compr., ovais a elípticas, ápice agudo, face abaxial esparsamente puberulenta; corola 5-mera, glabra, creme a amarelo-esverdeada, tubo 0,6-1 mm compr., lobos 1,4-2 mm compr.; estames 5, 1,2-2 mm compr., glabros; ovário 1-1,4 mm compr., 5-locular, ovoide a cônico, pubescente; estilete 0,8-1 mm compr., pubescente; estigma simples. Frutos 2,5-3,8 cm compr., obovoides a subgloboides, glabros, negros. Sementes 2-5, 1,2-2 cm compr.

Comentários: Endêmica do Brasil, *Chrysophyllum lucentifolium* subsp. *lucentifolium* possui distribuição conhecida para os estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia (Carneiro *et al.* 2013), sendo aqui ampliada para Sergipe. É comumente coletada em áreas úmidas de florestas pluviais. Caracteriza-se pela presença de folhas cartáceas e glabras, além de flores 5-meras e estilete pubescente. Floração e frutificação entre novembro e fevereiro. Figuras ver Pennington (1990).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Santo Amaro das Brotas, l/1992, fr., C. Farney & J.C. Gomes 2995 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Camacan, II/2009, fl., *D. Piotto 1999* (CEPEC); Santa Cruz Cabrália, XI/1979, fl., *S.A. Mori 13045* (CEPEC, NY); Uruçuca, sem data, fl., *W.W. Thomas et al. 6994* (CEPEC).

1.2. *Chrysophyllum rufum* Mart., Flora 21(2): 94. 1838.

Fig. 1 A.

Arbustos a arvoretas até 4 m alt. Ramos jovens tomentosos, tricomas ferrugíneos. Folhas 3–4,9 x 1,4–2,2 cm, alterno-dísticas, lanceoladas a oblongas, coriáceas, base obtusa, margem fortemente revoluta, ápice atenuado, face abaxial tomentosa com tricomas ferrugíneos; pecíolo 0,4–1 cm compr., tomentoso. Flores pediceladas, pedicelo 3–4 mm compr., tomentoso; cálice 6-mero, sépalas 1–1,25 mm compr., ovais a triangulares, ápice agudo, face abaxial tomentosa; corola 6-mera, pubescente, verde a amarelo-esverdeada, tubo 0,6–0,7 mm compr., lobos 1,4–1,6 mm compr.; estames-6, 1,2–1,8 mm compr., glabros; ovário 1–1,1 mm compr., 6-locular, ovoide, tomentoso; estilete ca. 1 mm compr., glabro; estigma 6-lobado. Frutos 1–1,3 cm compr., obovoides, puberulentos, vermelhos. Semente-1, 0,9–1 cm compr.

Comentários: *Chrysophyllum rufum* é endêmica do Brasil e amplamente distribuída nas regiões Sudeste e Nordeste (Carneiro *et al.* 2013) desde o Rio de Janeiro até o Ceará. Pode ser encontrada em bordas de florestas nos domínios da Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica. A presença de ramos jovens e face abaxial foliar tomentosos com tricomas ferrugíneos, além de margem foliar fortemente revoluta distinguem-na dentre as espécies analisadas. Floração e frutificação entre julho e outubro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Japoatã, IX/1974, fl., *M.R. Fonseca s.n.* (ASE 1158); Santa Luzia do Itanhý, VII/2011, fl., *L.A. Gomes et al. 177* (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Coração de Maria, IX/1996, fl., *F. França et al. 1355* (HUEFS). **Pernambuco:** Igarassu, 2/VIII/2001, fl./fr., *S.G. Freire & H.C.H. Silva 11* (IPA, UFP).

2. *Ecclinusa* Mart.

Arbustos (raro) a árvores, inermes, lenticelas presentes ou ausentes, estípulas presentes. Folhas alterno-espíraladas, cartáceas a coriáceas, glabras a tomentosas, margem plana a revoluta, venação eucamptódroma ou broquidódroma. Fascículos axilares ou ramifloros. Flores bissexuadas subtendidas por bractéolas; cálice 4–5-mero; corola 5–7-mera; estames-5–7, adnatos ao tubo da corola; estaminódios ausentes; ovário 3–9-locular; estiletos inclusos. Frutos glabros a velutinos; sementes 1–9, marrons a negras.

2.1. *Ecclinusa ramiflora* Mart., Flora 21(2): 94. 1838.

Fig. 1 B-D.

Árvores até 15m alt., lenticelas ausentes. Ramos jovens tomentosos a glabros. Folhas 11–21 x 3,2–9,4 cm, coriáceas, oblanceoladas, base atenuada, margem plana, venação eucamptódroma, ápice agudo a obtuso, face abaxial tomentosa; pecíolo 1–2,8 cm compr., tomentoso. Fascículos ramifloros. Flores sésseis; cálice 5-mero, sépalas 2–3 mm compr., ovais, ápice agudo, face abaxial tomentosa; corola 5-mera, pubescente, creme, tubo 0,5–1 mm compr., lobos 2–2,6 mm compr.; estames-5, 2–3 mm compr., adnatos ao ápice do tubo da corola, glabros; ovário 1–1,4 mm compr., 5-locular, ovoide, piloso; estilete 1–1,4 mm compr., glabro; estigma simples a levemente lobado. Frutos 2–4,1 cm compr., globosos a elipsoides, pubescentes a velutinos, alaranjados; sementes 1–5, 1,8–2,2 cm compr., negras.

Comentários: Espécie com distribuição disjunta entre as florestas Amazônica e Atlântica. Na Floresta Atlântica pode ser encontrada desde a Paraíba até o Paraná (Carneiro *et al.* 2013). A presença de estípulas e os fascículos ramifloros são caracteres diagnósticos *Ecclinusa ramiflora* dentre as espécies analisadas. Floração e frutificação entre junho e março.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Indiaroba, II/2007, fl./fr., C. Gomes & E. Santos 31 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, III.2007, fl., J.F. Melo *et al.* 57 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, IV/1995, fr., M. Landim 276 (ASE); São Cristóvão, III/1999, fr., A. Cruz & E. Santos 94 (ASE).

3. *Manilkara* Adans.

Árvores, inermes, lenticelas presentes, estípulas ausentes. Folhas alterno-espíraladas, cartáceas a coriáceas, margem plana a fortemente revoluta, venação broquidódroma, glabras a tomentosas. Fascículos ou flores solitárias, axilares. Flores bissexuadas; cálice 6-mero; corola 6-mera; estames-6; estaminódios-6; ovário 6-locular, pubescente a tomentoso; estilete glabro a pubescente; estigma simples a 8-lobado. Frutos glabros; sementes 1–10, negras.

Chave para identificação das espécies de *Manilkara* de Sergipe

1. Flores solitárias, estaminódios indivisos 2
2. Pedicelo 4,8–5,7 cm compr., sépalas 10,5–15,2 mm compr., frutos 2–4,1 cm compr., glabros **3.1. *M. maxima***
- 2'. Pedicelo 1–1,8 cm compr., sépalas 6,9–8,4 mm compr., frutos 5–8,8 cm compr., indumento escamiforme **3.4. *M. zapota***
- 1'. Flores em fascículos, estaminódios bífidos 3
3. Face tomentosas na face abaxial, estaminódios 2,7–3 mm compr., frutos vermelhos ...
..... **3.2. *M. rufula***
- 3'. Folhas glabras, estaminódios 1,5–2 mm compr., frutos negros **3.3. *M. salzmannii***

3.1. *Manilkara maxima* T.D. Penn., Fl. Neotrop. 52: 48–50.1990.

Nome popular: massaranduba.

Fig. 1 E.

Árvores até 12 m alt. Ramos jovens glabros. Folhas 12–16 x 5–9,4 cm, obovais, coriáceas, base aguda, margem plana, ápice obtuso a emarginado, face abaxial pilosa a glabrescente; pecíolo 2,4–4,8 cm compr., glabro. Flores solitárias, pediceladas, pedicelo 4,8–5,7 cm compr., puberulento; cálice 6-mero, sépalas 10,5–15,2 mm compr., triangulares, ápice agudo, face abaxial glabra (externas) a tomentosas (internas); corola 6-mera, glabra, alva a creme, tubo 1–1,5 mm compr., lobos 10,4–14,7 mm compr., ápice obtuso; estames-6, 4,8–5,1 mm compr., glabros; estaminódios-6, 5,6–6 mm compr., indivisos; ovário 8,9–10,2 mm compr., 8–10-locular, ovoide, glabro; estilete 10–12 mm compr.; estigma simples. Frutos 2–4,1 cm compr., elipsoides a globoides, glabros, enegrecidos; sementes 1–3, 1,7–2 cm compr.

Comentários: Espécie conhecida apenas para a Mata Atlântica no Estado da Bahia (Carneiro *et al.* 2013), sendo este seu primeiro registro para Sergipe. Flores solitárias e de maior porte que as demais espécies aqui analisadas são características diagnósticas para *Manilkara maxima*, além de folhas de maior comprimento. Floração e frutificação entre novembro e fevereiro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Santa Luzia do Itanhy, II/2012, fr., L.A. Gomes *et al.* 317 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Camamu, VII/1972, fl., R.S. Pinheiro 1848 (CEPEC, MO); Una, XII/1979, fl., S.A. Mori & F.P. Benton 13245 (CEPEC, NY); I/1993, fl., J.G. Jardim *et al.* 04 (CEPEC, NY).

3.2. *Manilkara rufula* (Miq.) H.J. Lam, Blumea 4(2): 356. 1941.

Nome popular: massaranduba.

Árvores até 10 m alt. Ramos jovens tomentosos a glabrescentes. Folhas 2,1–7,5 x 2,5–4 cm, oblanceoladas a obovais, coriáceas, base atenuada a aguda, margem revoluta, ápice obtuso a retuso, face abaxial tomentosa; pecíolo 1–2 cm compr., tomentoso. Fascículos 5–8-floros. Flores pediceladas, pedicelo 1–1,9 cm compr., tomentoso; cálice 5–6-mero, sépalas ca. de 4 mm compr., lanceoladas, ápice agudo, face abaxial glabra (externas) a tomentosas (internas); corola 6-mera, glabra, alva a creme, tubo 1–1,2 mm compr., lobos 4–5,1 mm compr., ápice obtuso; estames-6, 2,4–2,8 mm compr., glabros; estaminódios-6, 2,7–3 mm compr., bífidos; ovário 1,7–2,2 cm compr., 8–10-locular, ovoide, glabro; estilete 4–5 mm compr.; estigma simples. Frutos 1,7–2,4 cm compr., elipsoides a globoides, glabros, vermelhos; sementes 1–2, 1,4–2 cm compr., negras.

Comentários: Endêmica do Nordeste do Brasil, *Manilkara rufula* é registrada desde o Piauí até a Bahia onde ocorre nos domínios da Caatinga e Cerrado (Carneiro *et al.* 2013). Face

abaxial tomentosa e frutos vermelhos são bons caracteres para a distinção de *Manilkara rufula*. Floração e frutificação entre agosto e abril. Figuras ver Pennington (1990).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, IX/1988, bf., *M.R. Fonseca* 867 (ASE); Itabaianinha, VIII/1974, bf., *A.C.C. Barreto s.n.* (ASE 56); Riachão do Dantas, VIII/1982, fr., *G. Viana* 612 (ASE); São Domingos, IV/2006, fr., *S.M. Costa et al.* 6 (ASE); Simão Dias, III/2011, fr., *T. Carregosa-Silva & J.E. Nascimento - Junior.* 165 (ASE).

3.3. *Manilkara salzmannii* (A. DC.) H.J. Lam, *Blumea* 4: 356. 1941.

Nome popular: massaranduba.

Árvores até 10 m alt. Ramos jovens glabrescentes a glabros. Folhas 4–10 x 2–6 cm, oblanceoladas, coriáceas, base atenuada a aguda, margem revoluta, ápice obtuso a emarginado, glabras; pecíolo 0,5–2 cm compr., glabro. Fascículos 4–11-floros. Flores pediceladas, pedicelo 1–3 cm compr., puberulento a glabro; cálice 6-mero, sépalas 4–5 mm compr., lanceoladas, ápice agudo, face abaxial puberulenta; corola 6-mera, glabra, alva, tubo ca. 1 mm compr., lobos 2,5–3,5 mm compr., ápice obtuso; estames-6, 2,5–3,5 mm compr., glabros; estaminódios-6, 1,5–2 mm compr., bifidos; ovário 2–2,5 mm compr., 8-locular, ovoide, glabro; estilete 3–4 mm compr.; estigma simples a 8-lobado. Frutos 2–2,5 cm compr., globoides, glabros, negros; semente-1, ca. 1 cm compr., negras.

Comentários: Espécie endêmica, porém, de ampla distribuição na costa leste brasileira, *Manilkara salzmannii* pode ser encontrada desde o Piauí até o Paraná no domínio da Floresta Atlântica (Carneiro *et al.* 2013). Face foliar glabra, estaminódios bifidos associados à coloração enegrecida dos frutos são caracteres que a diferencia dos demais táxons. Floração e frutificação ao longo de quase todo o ano. Figuras ver Pennington (1990).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, X/2010, fl., *I.R.N. Menezes & J.E. Nascimento - Junior* 223 (ASE); Areia Branca, III/2009, fr., *E.C.A. Matos* 213 (ASE); Barra dos Coqueiros, II/1998, fr., *A. Cruz & E. Santos* 24 (ASE); Estância, IX/2011, fl., *L.A.S. Santos et al.* 601 (ASE); Ilha das Flores, IX/1981, fl., *G. Viana* 162 (ASE); Itabaiana, IX/1976, fl., *A.C.C. Barreto s.n.* (ASE 383); Itaporanga d'Ajuda, VIII/2007, bf., *A.B. Sales et al.* 34 (ASE); Japaratusba, VIII/2010, fl., *C.M. Donadio* 49 (ASE); Lagarto, III/2007, fl./fr., *E. Almeida & M.I. Nascimento (GR20)* (ASE 10449); Pirambu, I/2011, fr., *M. Landim* 1594 (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, VI/1995, fl., *M. Landim* 398 (ASE); Santo Amaro das Brotas, III/1991, fl., *C. Farney & I.C. Silva* 2679 (ASE); São Cristóvão, VII/2008, fl., *A.C.C. Silva* 2 (ASE); Siriri, V/2012, fr., *L.A. Costa et al.* 543 (ASE).

3.4. *Manilkara zapota* (L.) P. Royen, *Blumea* 7(2): 410. 1953.

Nome popular: sapoti.

Árvores até 20 m alt. Ramos jovens glabros. Folhas 7,8–12,2 x 2,5–4,4 cm, elípticas a oblongo-elípticas, cartáceas, base atenuada a aguda, margem plana, ápice agudo a atenuado, glabras; pecíolo 1,5–3 cm compr., glabro. Flores solitárias, pediceladas, pedicelo 1–1,8

cm compr., tomentoso; cálice 6-mero, sépalas 6,9–8,4 mm compr., ovais a lanceoladas, ápice agudo a obtuso, face abaxial tomentosa (externas) a puberulenta (internas); corola 6-mera, glabra, alva, creme, esverdeada a rósea, tubo 4–5,7 mm compr., lobos 4–5,1 mm compr., ápice obtuso; estames-6, 2,2–3,5 mm compr., glabros; estaminódios-6, 2,2–4,5 mm compr., indivisos; ovário 1,5–2,5 mm compr., 8–12-locular, ovoide, glabro; estilete 4–8 mm compr.; estigma simples. Frutos 5–8,8 cm compr., globoides, indumento escamiforme, marrons; sementes 4–10, 1,5–2,5 cm compr., negras.

Comentários: Amplamente cultivada nos Neotrópicos devido, principalmente, ao sabor adocicado de seus frutos, *Manilkara zapota* pode ser encontrada em praticamente todo o território brasileiro (Carneiro *et al.* 2013). Folhas cartáceas associadas às flores solitárias, estaminódios indivisos e frutos com indumento escamiforme são bons caracteres que a diferencia dos demais táxons. Floração e frutificação ao longo de todo o ano. Figuras ver Pennington (1990).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Nossa Senhora do Socorro, XI/1981, fl., G. Viana 196 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Salvador, XI/1983, fr., P. Pinto 279 (UFRN). **Ceará:** Jaguaruana, III/1998, fr., M.L. Costa 30 (MOSS). **Paraíba:** João Pessoa, IX/1978, fr., M.F. Agra 91 (JPB). **Pernambuco:** Petrolina, VIII/2009, fl., J.G. Carvalho-Sobrinho 2315 (HVASF); Recife, VI/2004, fl., L.R. Silva 22 (HST); Tamandaré, IV/2009, fl., R.B.A. Lima 08 (IPA).

4. *Micropholis* (Griseb.) Pierre

Arbustos a árvores, inermes, lenticelas presentes ou ausentes, estípulas ausentes. Folhas alterno-dísticas, cartáceas a coriáceas, margem plana, venação craspedódroma, glabras a tomentosas. Fascículos axilares. Flores bissexuadas; cálice 4–5-mero; corola 4–5-mera; estames-4–5; estaminódios-4–5; ovário 4–5-locular, pubescente; estilete glabro; estigma simples. Frutos glabros; semente 1, negra.

Chave para identificação das espécies de *Micropholis* de Sergipe

1. Ramos jovens ferrugíneo-seríceos, folhas coriáceas, ferrugíneo-seríceas na face abaxial e ápice emarginado **4.1. *M. emarginata***
- 1'. Ramos jovens alvo a dourado-pubescentes, folhas cartáceas, glabras e ápice agudo, acuminado a caudado 2
2. Folhas oblongas a oblanceoladas, sépalas glabras, ápice das sépalas agudo, frutos 1–1,2 cm compr. **4.2. *M. gardneriana***
- 2'. Folhas elípticas, sépalas com face abaxial (externa) pubescente, ápice das sépalas obtuso, frutos 1,5–2,2 cm compr. **4.3. *M. venulosa***

4.1. *Micropholis emarginata* T.D. Penn., Fl. Neotrop. 52: 208–210.1990.

Arbustos a árvores até 8 m alt, lenticelas ausentes. Ramos jovens ferrugíneo-seríceos. Folhas 3–6 x 1,6–3,8 cm, obovais a oblanceoladas, coriáceas, base aguda a cuneada, margem revoluta, ápice emarginado, face adaxial glabra, face abaxial ferrugíneo-serícea; pecíolo 4–8 mm compr., seríceo. Fascículos 4–6-floros. Flores pediceladas, pedicelo 2–3,8 mm compr., puberulento; sépalas 1,7–2 mm compr., lanceoladas a ovais, ápice agudo a arredondado, face abaxial puberulenta; corola 4–5-mera, glabra, creme-esverdeada, tubo 1–1,5 mm compr., lobos 0,5–0,6 mm compr., ápice arredondado; estames 0,4–0,5 mm compr., glabros; estaminódios 0,5–0,6 mm compr., glabros; ovário 0,3–0,4 mm compr., ovoide; estilete 0,9–1 mm compr. Frutos 1–1,2 cm compr., elipsoides, enegrecidos; semente 8–8,5 mm compr.

Comentários: Espécie conhecida para os campos rupestres arenosos e próximos às matas úmidas do estado da Bahia (Carneiro *et al.* 2013), sendo este seu primeiro registro para Sergipe. Plantas geralmente de porte arbustivo, folhas coriáceas com ápices emarginados e face abaxial ferrugíneo-serícea são características diagnósticas para *Micropholis emarginata*. Floração e frutificação entre setembro e abril. Figuras ver Pennington (1990).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Pirambu, XI/1977, fl., *M.R. Fonseca s.n.* (ASE 499); Santo Amaro das Brotas, IV/1978, fl., *M.R. Fonseca s.n.* (ASE 595).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Ilhéus, II/1993, fr., *W.W. Thomas et al.* 9736 (CEPEC, NY).

4.2. *Micropholis gardneriana* (A.DC.) Pierre, Not. bot. 39. 1891.

Nome popular: pau-coceira.

Arbustos a árvores até 11 m alt, lenticelas ausentes ou presentes. Ramos jovens dourado-pubescentes. Folhas 3,7–8,4 x 1,6–3,9 cm, oblongas a oblanceoladas, cartáceas, base cuneada, margem plana, ápice agudo a acuminado, glabras; pecíolo 4–9 mm compr., glabro. Fascículos 3–6-floros. Flores pediceladas, pedicelo 2–4 mm compr., pubescente; sépalas 2–2,4 mm compr., ovais, ápice agudo, glabras; corola 4–5-mera, glabra, creme-esverdeada, tubo 1,5–2,5 mm compr., lobos 0,5–1,2 mm compr., ápice obtuso a arredondado; estames 1–1,5 mm compr., glabros; estaminódios 0,5–1 mm compr., glabros; ovário 0,4–0,5 mm compr., ovoide; estilete 0,8–1,5 mm compr. Frutos 1–1,2 cm compr., elipsoides, vermelhos; semente 8–9 mm compr.

Comentários: Espécie com distribuição conhecida para regiões mais áridas e de altitude no Brasil, Colômbia e Venezuela. *Micropholis gardneriana* é registrada desde Rondônia até o Rio de Janeiro, onde ocorre nos domínios da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Carneiro *et al.* 2013). Folhas cartáceas, glabras, ápice agudo a acuminado, pecíolo 4–9 mm compr., frutos vermelhos na maturidade a diferencia

dos demais táxons analisados. Floração e frutificação ao longo de todo o ano. Figuras ver Pennington (1990).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Carmópolis, VI/1982, bf., *E.M. Carneiro 383* (ASE); Itaporanga d'Ajuda, VII/2009, fr., *J.P. Souza-Alves s.n.* (ASE - 15436); Santa Luzia do Itanhy, VI/1996, fl., *M. Landim 932* (ASE).

4.3. *Micropholis venulosa* (Martius & Eichler) Pierre, Not. bot. 40. 1891.

Nome popular: violão.

Árvores até 12,0 m alt., lenticelas ausentes ou presentes. Ramos jovens alvo-pubescentes. Folhas 3,8–8,8 x 1,2–3 cm, elípticas, cartáceas, base aguda, margem plana, ápice caudado, glabras; pecíolo 2–3,8 mm compr., glabro. Fascículos 5–8-floros. Flores pediceladas, pedicelo 2,2–4,1 mm compr., pubescente; sépalas 1,7–2,4 mm compr., ovais, ápice obtuso, face abaxial (externa) pubescente, face adaxial (interna) glabra; corola 4–5-mera, glabra, creme-esverdeada, tubo 1,5–2,5 mm compr., lobos 1–2,5 mm compr., ápice obtuso a arredondado; estames 0,5–1 mm compr., glabros; estaminódios 0,4–0,8 mm compr., glabros; ovário 0,4–0,5 mm compr., ovoide; estilete 0,5–1,5 mm compr. Frutos 1,5–2,2 cm compr., elipsoides, amarelos; semente 1–1,5 cm compr.

Comentários: Espécie com distribuição conhecida para o Panamá, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa, Equador, Peru e Brasil. *Micropholis venulosa* ocorre nos domínios da Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica (Carneiro *et al.* 2013). Folhas cartáceas, glabras, ápice caudado, pecíolo 2–3,8 mm compr., frutos amarelos na maturidade são caracteres diagnósticos. Floração e frutificação ao longo de todo o ano. Figuras ver Pennington (1990).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Itaporanga d'Ajuda, VII/2009, fr., *J.P. Souza-Alves s.n.* (ASE 15434).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Barreiras, III/1972, fr., *W.R. Anderson et al. 36915* (NY); Una, VII/1993, fr., *J.G. Jardim et al. 146* (CEPEC, NY); IX/1999, fl., *J.G. Jardim et al. 2260* (CEPEC, NY).

5. *Pouteria* Aubl.

Árvores, inermes, lenticelas presentes ou ausentes, estípulas ausentes. Folhas alternas, espiraladas, cartáceas a coriáceas, margem plana a revoluta, venação broquidódroma, eucamptódroma ou eucampto-broquidódroma, glabras a pubescentes. Fascículos ramifloros, axilares ou em ramos áfilos. Flores pediceladas; cálice 4–5-mero; corola 4–8-mera; estames-4–8; estaminódios-4–8; ovário-2–16-locular. Frutos glabros, escamosos a pubescentes; sementes-1–6, enegrecidas.

Chave para identificação das espécies de *Pouteria* de Sergipe

- 1. Venação foliar eucamptódroma 2
- 2. Superfície abaxial glauca, sépalas-5 **5.1. *P. gardneri***
- 2'. Superfície abaxial não-glauca, sépalas-4 3
- 3. Corola 6–8-mera **5.5. *P. venosa* subsp. *amazonica***
- 3'. Corola 4-mera 4
- 4. Fascículos ramifloros, anteras pilosas **5.3. *P. nordestinensis***
- 4'. Fascículos axilares ou em ramos áfilos, anteras glabras **5.4. *P. ramiflora***
- 1'. Venação foliar broquidódroma ou eucampto-broquidódroma 5
- 5. Fascículos axilares, sépalas-4, corola 6–8-mera **5.5. *P. venosa* subsp. *amazonica***
- 5'. Fascículos em ramos áfilos, sépalas-5, corola 5-mera **5.2. *P. macahensis***

5.1. *Pouteria gardneri* (Mart. & Miq.) Baehni, *Candollea* 9: 233. 1942.

Árvores até 20 m alt., lenticelas presentes. Ramos jovens pubescentes. Folhas 4,8–11 x 1,8–3 cm, alternado-espiraladas, elípticas a oblanceoladas, cartáceas, base aguda a cuneada, margem plana, venação eucamptódroma, ápice agudo, glabra a pubescente, superfície abaxial glauca; pecíolo 0,5–1 cm compr., pubescente. Fascículos 1–3-floros, axilares. Flores com pedicelo 1–2 cm compr., puberulento; sépalas-5, 2–3 mm compr., ovais, ápice obtuso, face adaxial (interna) glabra, face abaxial (externa) puberulenta; corola 5-mera, glabra, esverdeada, tubo 1–1,5 mm compr., lobos 2–2,5 mm compr., ápice obtuso; estames-5, 2–2,5 mm compr., anteras glabras; estaminódios-5, 1,5–2 mm compr., glabros; ovário 2–3-locular, 1,5–2 mm compr., ovoide, pubescente; estilete 1–1,5 mm compr.; estigma 2-lobado. Frutos 1–2 cm compr., elipsoides a globoides, glabros a pubescentes, amarelos; semente-1, 1–1,5 cm compr.

Comentários: Possui ampla distribuição na América do Sul, com registros para Florestas Atlântica, Amazônica e matas ciliares do Cerrado. Folhas com superfície abaxial glauca, pedicelo alongado (1–2 cm compr.) e flores pentâmeras são características diagnósticas para *Pouteria gardneri* frente às espécies de *Pouteria* analisadas. Floração e frutificação entre novembro e junho. Figuras ver Pennington (1990) e Alves-Araújo (2012).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, I/2009, fl., A. Alves-Araújo & S. Martins 1116 (UFP); Capela, IV/2012, fr., L.A. Gomes et al. 452, 475 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Alagoas:** Quebrangulo, V/2009, est., A. Alves-Araújo et al. 1257 (UFP). **Bahia:** Cravolândia, VI/2007, fl., J. Jardim et al. 5098 (CEPEC, NY). **Pernambuco:** Igarassu, XI/2008, A. Alves-Araújo et al. 1073 (IPA, UFP).

5.2. *Pouteria macahensis* T. D. Penn., Fl. Neotrop. 52: 321–322. 1990.

Fig.1 F-G.

Árvores até 20 m alt., lenticelas presentes. Ramos jovens glabros a puberulentos. Folhas 7–18 x 3,8–9 cm, alterno-espiraladas, elípticas a oblanceoladas, cartáceas a coriáceas, base aguda a atenuada, margem revoluta, venação broquidódroma, ápice agudo a arredondado, superfície adaxial glabra, superfície abaxial puberulenta; pecíolo 0,5–3 cm compr., glabro. Fascículos 1–2-floros, em ramos áfilos. Flores com pedicelo 0,1–0,6 cm compr., pubescente; sépalas-5, 1–2 mm compr., lanceoladas, ápice agudo a atenuado, face adaxial (interna) glabra, face abaxial (externa) puberulenta; corola 5-mera, glabra, esverdeada, tubo ca. de 1 mm compr., lobos ca. de 1 mm compr., ápice arredondado; estames-5, 5–7 mm compr., anteras glabras; estaminódios-5, 4–4,2 mm compr., glabros; ovário 2-locular, 1–2 mm compr., ovoide, pubescente; estilete ca. de 1 mm compr.; estigma levemente 2-lobado. Frutos 2,5–4,8 cm compr., obovoides a piriformes, superfície escamosa, marrons; semente-1, 1–2,4 cm compr.

Comentários: Endêmica de áreas costeiras de solos arenosos (restingas) do leste brasileiro de Pernambuco ao Rio de Janeiro. Fascículos em ramos áfilos e flores pentâmeras distinguem *Pouteria macahensis* dos outros táxons. Floração e frutificação ao longo de todo o ano.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, III/2009, fl./fr., E.C.A. Matos 224 (ASE); Barra dos Coqueiros, XII/1997, fl., C. Amaral & E. Santos 35 (ASE); Estância, VII/2011, fr., A.P. Prata et al. 2687 (ASE); Itabaiana, IX/1981, fr., M.N.R. Staviski et al. 204 (MAC); Santa Luzia do Itanhy, III/2011, fr., A.P. Prata et al. 2615 (ASE).

5.3. *Pouteria nordestinensis* Alves-Araújo & M. Alves, Nord. J. Botany 30: 399–406. 2012.

Árvores até 20 m alt., lenticelas ausentes. Ramos jovens pubescentes. Folhas 7–14 x 3,8–7,2 cm, alterno-espiraladas, lanceoladas a oblanceoladas, cartáceas, base aguda a atenuada, margem plana, venação eucamptódroma, ápice agudo a obtuso, glabras a pubescentes; pecíolo 2–4,1 cm compr., pubescente. Fascículos 2–8-floros, axilares ou ramifloros. Flores com pedicelo 0,1–0,2 cm compr., puberulento; sépalas-4, 2,5–3,5 mm compr., ovais, ápice obtuso, face adaxial (interna) glabra, face abaxial (externa) puberulenta; corola 4-mera, glabra, esverdeada, tubo 1,5–2,5 mm compr., lobos, 1–1,5 mm compr., ápice obtuso a truncado; estames-4, 2–2,5 mm compr., anteras pilosas; estaminódios-4, 0,9–1 mm compr., pilosos; ovário 4-locular, 0,5–1 mm compr., ovoide, piloso; estilete 1–2,1 mm compr.; estigma levemente 4-lobado. Frutos 3–6 cm compr., globoides, glabros na maturidade, amarelos; sementes-1-4, 2–3,5 cm compr.

Comentários: Espécie conhecida apenas para a Mata Atlântica nordestina (Pernambuco à Bahia). Longos pecíolos (2–4,1 cm compr.), pedicelos curtos (0,1–0,2 cm compr.), anteras pilosas e ovário 4-locular são características confiáveis o suficiente para identificá-la.

Floração e frutificação entre novembro a fevereiro e maio a setembro. Figuras ver Alves-Araújo & Alves (2012).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, XI/2000, fr., *D.M. Coelho & R. Cardoso 501* (HRB); Indiaroba, I/2007, fr., *C. Gomes et al. 14* (ASE); Itaporanga d'Ajuda, VIII/2009, fr., *J.P. Souza-Alves s.n.* (ASE 15435).

Material adicional examinado: **BRASIL. Alagoas:** Coruripe, XII/1999, fl., *R. Lyra-Lemos & I. Bayma 4389* (MAC). **Bahia:** Esplanada, VI/1996, fl., *H. Bautista et al. 1805* (CEPEC, IPA). **Pernambuco:** Paudalho, VII/2010, fl., *A. Alves-Araújo et al. 1338* (UFP).

5.4. *Pouteria ramiflora* (Mart.) Radlk., Sitzungsber. Math.-Phys. Cl. Königl. Bayer. Akad. Wiss. München 12 (3): 333. 1882.

Árvores até 25 m alt., lenticelas ausentes. Ramos jovens tomentosos. Folhas 3,5–14 x 2,8–4,9 cm, alterno-espiraladas, lanceoladas a oblanceoladas, cartáceas, base atenuada a truncada, margem plana, venação eucamptódroma, ápice atenuado a arredondado, glabras a pubescentes; pecíolo 1–1,8 cm compr., pubescente. Fascículos 3–8-floros, axilares ou sobre ramos afilos. Flores com pedicelo 0,2–0,3 cm compr., tomentoso a puberulento; sépalas-4, 2–3 mm compr., ovais, ápice arredondado, face adaxial (interna) glabra, face abaxial (externa) pubescente; corola 4-mera, glabra a pilosa, esverdeada, tubo 1–2 mm compr., lobos 1–1,5 mm compr., ápice arredondado; estames-4, 4–6,5 mm compr., anteras glabras; estaminódios-4, 2–3,5 mm compr., glabros; ovário 2–3-locular, 1–2 mm compr., ovoide, piloso; estilete 1–2 mm compr.; estigma levemente 2–3-lobado. Frutos 2–3,8 cm compr., obovoides a globoides, glabros a pubescentes, esverdeados a amarelos; semente-1, 1,5–2,5 cm compr.

Comentários: Além de amplamente distribuída no Cerrado brasileiro, *Pouteria ramiflora* ocorre em áreas marginais amazônicas e, recentemente, registrada para a Mata Atlântica do Ceará (Alves-Araújo & Alves 2013). Difere, principalmente, das outras espécies de *Pouteria*, pela ausência de lenticelas, venação eucamptódroma e flores tetrâmeras. Floração e frutificação ao longo de todo o ano. Figuras ver Pennington (1990).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, XI/1981, fr., *G. Viana 259* (ASE, IPA).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Barreiras, III/1981, fl., *G. Pinto 189/81* (CEPEC, HRB, RB). **Ceará:** Caucaia, III/1998, fr., *A. Moura 160* (JPB). **Pernambuco:** Ibimirim, XI/1986, fl., *G. Webster 25731* (IPA, MO). **Piauí:** São Raimundo Nonato, IX/2001, fr., *A. Moura 257B* (JPB).

5.5. *Pouteria venosa* (Mart.) Baehni subsp. ***amazonica*** T.D. Penn., Fl. Neotrop. 52: 399. 1990.

Árvores até 12 m alt., lenticelas presentes. Ramos jovens pubescentes. Folhas 7,5–16,2 x 3,5–7,5 cm, altermo-espiraladas, oblanceoladas a oblongas, cartáceas a coriáceas, base atenuada a cuneada, margem revoluta, venação eucamptódroma ou eucampto-broquidódroma, ápice obtuso, glabras; pecíolo 1–2,8 cm compr., glabro. Fascículos 2–6-floros, axilares. Flores com pedicelo 0,6–1,3 cm compr., puberulento; sépalas-4, 6–9 mm compr., ovais a orbiculares, ápice arredondado, face adaxial (interna) glabra, face abaxial (externa) puberulenta; corola 6–8-mera, papilosa com tricomas, esverdeada, tubo 7–12 mm compr., lobos 3–4,5 mm compr., ápice obtuso; estames-6–8, 3–4 mm compr., papilosos; estaminódios-6–8, 3–4 mm compr., papilosos; ovário 6–16-locular, 4–5 mm compr., ovoide, piloso; estilete 6–10 mm compr.; estigma levemente 6–8-lobado. Frutos 3–5 cm compr., obovoides a globoides, glabros a pubescentes, amarelos; sementes-1–6, 1,5–2,2 cm compr.

Comentários: *Pouteria venosa* subsp. *amazonica* possui distribuição conhecida como disjunta entre as florestas Amazônica e Atlântica (Rio Grande do Norte a São Paulo). Comumente confundida com *Pouteria grandiflora* (A. DC.) Baehni, espécie endêmica das restingas da Bahia. Pode ser distinta dentre as espécies analisadas, principalmente, por apresentar flores com corola 6–8-mera. Floração e frutificação registrada ao longo de todo o ano. Figuras ver Pennington (1990).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Barra dos Coqueiros, III/1999, fl., A. Cruz & E. Santos 100 (ASE); Estância, IX/2011, fr., L.A.S. Santos et al. 579 (ASE); Indiaroba, VIII/2011, fr., A.P. Prata et al. 2829 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, III/2009, fr., J.P. Souza-Alves s.n. (ASE - 15416); Japarutuba, II/2011, fl./fr., C.A.S. Souza et al. 81 (ASE); Maruim, XI/2003, fr., M. Landim & E. Santos 1538 (ASE); Pirambu, III/2011, fl., M.A. Farinaccio et al. 836, 852 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, I/2012, fl., L.A. Gomes et al. 310 (ASE); Santo Amaro das Brotas, III/2011, fl./fr., J.E. Nascimento - Junior et al. 856 (ASE).

6. *Pradosia* Liais

Arbustos a árvores, inermes, lenticelas presentes, estípulas ausentes. Folhas altermo-espiraladas, membranáceas a cartáceas, glabras, margem plana, venação eucamptódroma. Fascículos ramifloros ou caulifloros. Flores bissexuadas; cálice 5–6-mero; corola 5–6-mera; estames-5–6; estaminódios ausentes; ovário 5–6-locular, puberulento a seríceo; estilete glabro; estigma levemente 5-lobado. Frutos glabros, amarelos; sementes 1–2, negras.

Chave para identificação das espécies de *Pradosia* de Sergipe

1. Folhas membranáceas, fascículos caulifloros, pedicelo 4–5 mm compr., corola róseo-avermelhada, ocorrência em interior de mata úmida **6.1. *P. lactescens***

1'. Folhas cartáceas, fascículos ramifloros, pedicelo 0,8–1,6 mm compr., corola alvo-esverdeada, ocorrência em áreas de restinga**6.2.. *Pradosia restingae***

6.1. *Pradosia lactescens* (Vell.) Radlk., Sitzungsber. Math.-Phys. Cl. Königl. Bayer. Akad. Wiss. München 18: 407. 1888.

Nome popular: Mama-de-cachorro.

Árvores até 18 m alt. Ramos jovens glabros. Folhas 6,5–12 x 2,2–3,5 cm, oblanceoladas a lanceoladas, membranáceas, base decurrente, ápice atenuado; pecíolo 0,5–1 cm compr., glabro. Fascículos caulifloros. Flores pediceladas, pedicelo 4–5 mm compr., glabro; sépalas-5, 1,8–2 mm compr., ovais, ápice obtuso, face adaxial (interna) glabra, face abaxial (externa) glabrescente; corola 5-mera, glabra, róseo-avermelhada, tubo 1,8–2 mm compr., lobos 3–4 mm compr., ápice obtuso; estames-5, 6–6,2 mm compr., glabros; ovário 5-locular, 1,2–2 mm compr., piriforme, puberulento; estilete 1,8–2 mm compr. Frutos 4–5 cm compr., elipsoides; semente-1, 2,2–3 cm compr.

Comentários: Endêmica da Floresta Atlântica, *Pradosia lactescens* pode ser encontrada desde Pernambuco até o Paraná. Pode ser diferenciada de *Pradosia restingae* pela caulifloria, pedicelos maiores (4–5 mm compr.) e pétalas róseo-avermelhadas. Floração e frutificação entre março e setembro. Figuras ver Pennington (1990).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Santa Luzia do Itanhy, VI.1997, fr., M. Landim 1281 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Alagoas:** Quebrangulo, VI/2009, fr., A. Alves-Araújo et al. 1273 (UFP). **Pernambuco:** Igarassu, IV/2007, fl., A.C.B. Lins e Silva et al. 398 (PEUFR, IPA); VII/2007, fr., A.C.B. Lins e Silva et al. 391 (PEUFR, IPA).

6.2. *Pradosia restingae* Terra-Araújo, Nord. J. Botany 31: 437-441. 2013.

Arbustos a arvoretas até 6 m alt. Ramos jovens glabros. Folhas 7,5–12,5 x 2–3 cm, oblanceoladas a lanceoladas, cartáceas, base cuneada, ápice acuminado; pecíolo 0,6–0,8 cm compr., tomentuloso. Fascículos ramifloros. Flores pediceladas, pedicelo 1,2–1,6 mm compr., tomentuloso; sépalas-5, 2,7–3,8 mm compr., ovais, ápice obtuso, face adaxial (interna) glabra, face abaxial (externa) tomentulosa; corola 5–6-mera, glabra, alvo-esverdeada, tubo 1,8–2,1 mm compr., lobos 3–3,3 mm compr., ápice obtuso; estames-5–6, 5,5–6 mm compr., glabros; ovário 5–6-locular, 1–1,2 mm compr., cônico, seríceo; estilete 1,8–2 mm compr. Frutos 2,5–3,5 cm compr., ovoide a esférico com ápice acuminado; sementes-1–2, 1,6–2,3 cm compr.

Comentários: Espécie com distribuição conhecida apenas para áreas de restinga do Rio Grande do Norte e Sergipe. Por apresentar fascículos ramifloros e corola alvo-esverdeada, pode ser facilmente distinta de *Pradosia lactescens*. Floração e frutificação entre novembro e maio. Figuras ver Terra-Araújo (2013).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Barra dos Coqueiros, XII/1997, fl., *C. Amaral & E. Santos 41* (ASE); Santo Amaro das Brotas, IV/1997, fr., *M. Landim 1188* (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Rio Grande do Norte:** Tibau do Sul, IX/2011, fl./fr., *A. Alves-Araújo et al. 1373* (UFP, INPA, RB, S, UFRN).

7. *Sideroxylon obtusifolium* subsp. *obtusifolium* (Humb. ex Roem. & Schult.) T.D. Penn., Fl. Neotrop. 52: 113. 1990.

Nome popular: quixabeira.

Arbustos ou árvores até 10 m alt., armados, lenticelas presentes. Ramos jovens glabrescentes. Folhas 2–4,2 x 1,4–3 cm, alterno-espiraladas, suborbiculares, ovais a elípticas, cartáceas, base atenuada, ápice obtuso a emarginado, margem plana, glabras; venação broquidódroma; pecíolo 0,4–1 cm compr., glabro. Fascículos 5–10-floros, axilares. Flores pediceladas, pedicelo 1,8–3,9 mm compr., puberulento; cálice-5, sépalas 1,8–2,7 mm compr., ovais a elípticas, ápice obtuso, face adaxial (interna) glabra, face abaxial (externa) glabrescente; corola 5-mera, glabra, alva, tubo 1–1,5 mm compr., lobos 3-segmentados, segmento central 2–3 mm compr., ápice agudo; estames-5, 2–4,2 mm compr., glabros; estaminódios-5, 1,5–2,5 mm compr., glabros; ovário 5-locular, 1,2–2 mm compr., ovoide, pubescente; estilete 1,8–3 mm compr.; estigma simples. Frutos 1–2 cm compr., elipsoides, glabros, vermelhos a enegrecidos; semente-1, 0,8–1,5 cm compr.

Comentários: Amplamente distribuída nos região neotropical, *Sideroxylon obtusifolium* subsp. *obtusifolium* é encontrada em áreas mais secas (Pennington 1990). Plantas armadas, corola com lobos 3-segmentados e presença de estaminódios são características diagnósticas para este táxon. Floração e frutificação ao longo de todo o ano. Figuras ver Pennington (1990).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, XI/2010, fl., *C.M. Donadio 86* (ASE); Frei Paulo, XI/1986, fl., *G. Viana 1646* (ASE); Itabaiana, IX/1988, fl., *M.R. Fonseca 872* (ASE); Monte Alegre de Sergipe, XI/2010, fl., *W.J. Machado et al. 942* (ASE); Nossa Senhora da Glória, XI/1985, fl., *G. Viana 1164* (ASE); Poço Redondo, I/2011, fr., *E.V.R. Ferreira 224* (ASE); Porto da Folha, XI/2010, fr., *D.G. Oliveira et al. 125* (ASE); Santana do São Francisco, IX/2010, fl., *P.M.G. Marroquim et al. 43* (ASE); Tobias Barreto, VI/1980, *M.R. Fonseca s.n.* (ASE 757).

Referências Bibliográficas

Alves-Araújo, A. & Alves, M. 2010. Flora da Usina São José, Igarassu, Pernambuco: Sapotaceae. **Rodriguésia** 61(2): 303-318.

Alves-Araújo, A. & Alves, M. 2012. *Pouteria ciliata*, *P. confusa*, *P. nordestinensis* and *P. velutinicarpa* spp. nov. (Sapotaceae) from Brazil. **Nordic Journal of Botany** 30: 399–406.

Alves-Araújo, A. & Alves, M. 2013. Checklist of Sapotaceae in Northeastern Brazil. **Check List** 9(1): 59–62.

Carneiro, C.E., Alves-Araújo, A., Almeida Jr., E.B. & Terra-Araújo, M.H. 2013. Sapotaceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB217>>.

Terra-Araújo, M.H., Faria, A.D., Alves-Araújo, A. & Alves, M.. 2013. *Pradosia restingae* sp. nov. from the Atlantic forest, Brazil. **Nordic Journal of Botany** 31: 437–441.

Pennington, T.D. 1990. **Sapotaceae. Flora Neotropica Monograph 52**. New York: New York Botanical Garden.

Pennington, T.D. 2006. Flora da Reserva Ducke, Amazonas, Brasil: Sapotaceae. **Rodriguésia** 57: 251–366.

Swenson, U. & Anderberg, A.A. 2005. Phylogeny, character evolution, and classification of Sapotaceae (Ericales). **Cladistics** 21: 101–130.

Lista de Exsicatas

Agra, M.F. 91 (3.4); **Almeida, E.** (GR20), (ASE 10449) (3.3); **Alves-Araújo, A.** 1073 (5.1), 1116 (5.1), 1257 (5.1), 1273 (6.1), 1338 (5.3), 1373 (6.2); **Amaral, C.** 35 (5.2), 41 (6.2), 46 (5.5); **Amorim, A.** 1516 (5.5); **Anderson, W.R.** 36915 (4.3); **Barreto, A.C.C.** s.n. (ASE 383) (3.3), (ASE 56) (3.2); **Bautista, H.** 1805 (5.3); **Calazans, C.** 63, 66 (5.5), 460 (3.3); **Carneiro, E.M.** 87, 99 (7), 383 (4.2), 452, 481 (5.2); **Carregosa-Silva, T.** 165 (3.2); **Carvalho, A.M.** 4317 (4.2); **Carvalho-Sobrinho, J.G.** 2315 (3.4); **Coelho, D.M.** 501 (5.3); **Costa, L.A.** 543 (3.3); **Costa, M.L.** 30 (3.4); **Costa, S.M.** 6 (3.2), 112 (7); **Cruz, A.** 24 (3.3), 94 (2.1), 100 (5.5); **Dantas, T.V.P.** 38 (3.3); **Donadio, C.M.** 49 (3.3), 86 (7), 98 (5.5); **Farinaccio, M.A.** 836, 852 (5.5); **Farney, C.** 2679 (3.3), 2695 (5.5), 2726 (6.2), 2886 (3.3), 2903 (5.5), 2948 (5.5) 2995 (1.1), 3013 (1.1); **Ferreira, E.V.R.** 224 (7); **Fonseca, M.R.** 406 (3.2), 528 (5.5), 867 (3.2), 872 (7), s.n. ASE 89 (7), s.n. ASE 149 (5.5), s.n. ASE 433 (5.5), s.n. ASE 488 (4.1), s.n. ASE 493 (5.5), s.n. ASE 499 (4.1), s.n. ASE 508 (6.2), s.n. ASE 595 (4.1), s.n. ASE 757 (7), s.n. ASE 1158 (1.2), s.n. IPA 21659 (5.5), s.n. MAC 26134 (5.5), s.n. MAC 26155 (5.5), s.n. MAC 26129 (5.5); **França, F.** 1355 (1.2); **Freire, S.G.** 11 (1.2); **Gomes, C.** 14 (5.3), 31 (2.1); **Gomes, E.** 268 (5.2); **Gomes, L.A.** 24 (3.1), 88 (5.1), 121 (5.2), 124 (5.5), 177 (1.2), 310 (5.5), 317 (3.1), 452 (5.1), 475 (5.1); **Jardim, J.** 5098 (5.1); **Jardim, J.G.** 04 (3.1), 146 (4.3), 452 (5.5), 472 (5.5), 2260 (4.3); **Landim, M.** 151 (3.3), 276 (2.1), 398 (3.3), 626 (4.2), 686 (3.3), 711 (5.2), 863 (5.2), 878 (3.3), 912 (2.1), 927 (5.5), 932 (4.2), 951 (4.2), 1183 (5.5), 1188 (6.2), 1212 (6.1), 1281 (6.1), 1538 (5.5), 1594 (3.3); **Lima, J.S.** 108 (3.3); **Lima, R.B.A.** 08 (3.4); **Lins e Silva, A.C.B.** 391 (6.1), 398 (6.1); **Lyra-Lemos, R.** 4389 (5.3); **Machado, W.J.** 767 (7), 847 (7), 942 (7); **Marroquim, P.M.G.** 43 (7); **Matos, E.C.A.** 213 (3.3), 224 (5.2); **Matos, I.S.** 26 (5.5); **Mattos-Silva, L.A.** 3022 (5.5); **Melo, J.F.** 57 (2.1); **Menezes, I.R.N.** 223 (3.3); **Mori, S.A.** 13045 (1.1), 13245 (3.1); **Moura, A.** 160 (5.4), 257B (5.4); **Nascimento - Junior., J.E.** 629 (7), 717 (5.5), 856 (5.5), 952 (5.5); **Neto, V.A.** 1 (7); **Oliveira, D.G.** 125 (7); **Pinheiro, R.S.** 1848 (3.1); **Pinto, G.** 189/81 (5.4); **Pinto, P.** 279 (3.4); **Piotto, D.** 1999 (1.1); **Prata, A.P.** 1577 (5.5), 1628 (7), 2615 (5.2), 2616 (5.5), 2687 (5.2), 2829 (5.5); **Proença, C.** 588 (3.3); **Ribeiro, L.V.** 137 (2.1); **Sales, A.B.** 34 (3.3); **Santana, S.C.** 429 (4.2), 449 (4.2), 454 (4.2); **Santos, C.S.** 271 (7), 325 (7), 360 (7), 420 (3.3); **Santos, L.A.S.** 579 (5.5), 601 (3.3); **Silva, A.C.C.** 2 (3.3), 187 (7), 302 (7); **Silva, L.R.** 22 (3.4); **Souza, C.A.S.** 4 (7), 81 (5.5); **Souza-Alves, J.P.** s.n. ASE 15416 (5.5), s.n. ASE 15434 (4.3), s.n. ASE 15435 (5.3), s.n. ASE 15436 (4.2); **Staviski, M.N.R.** 204 (5.2); **Thomas, W.W.** 6994 (1.1), 9736 (4.1); **Viana, G.** 162 (3.3), 196 (3.4), 259 (5.4), 612 (3.2), 928 (5.5), 1164 (7), 1339 (5.5), 1646 (7); **Webster, G.** 25731 (5.4).

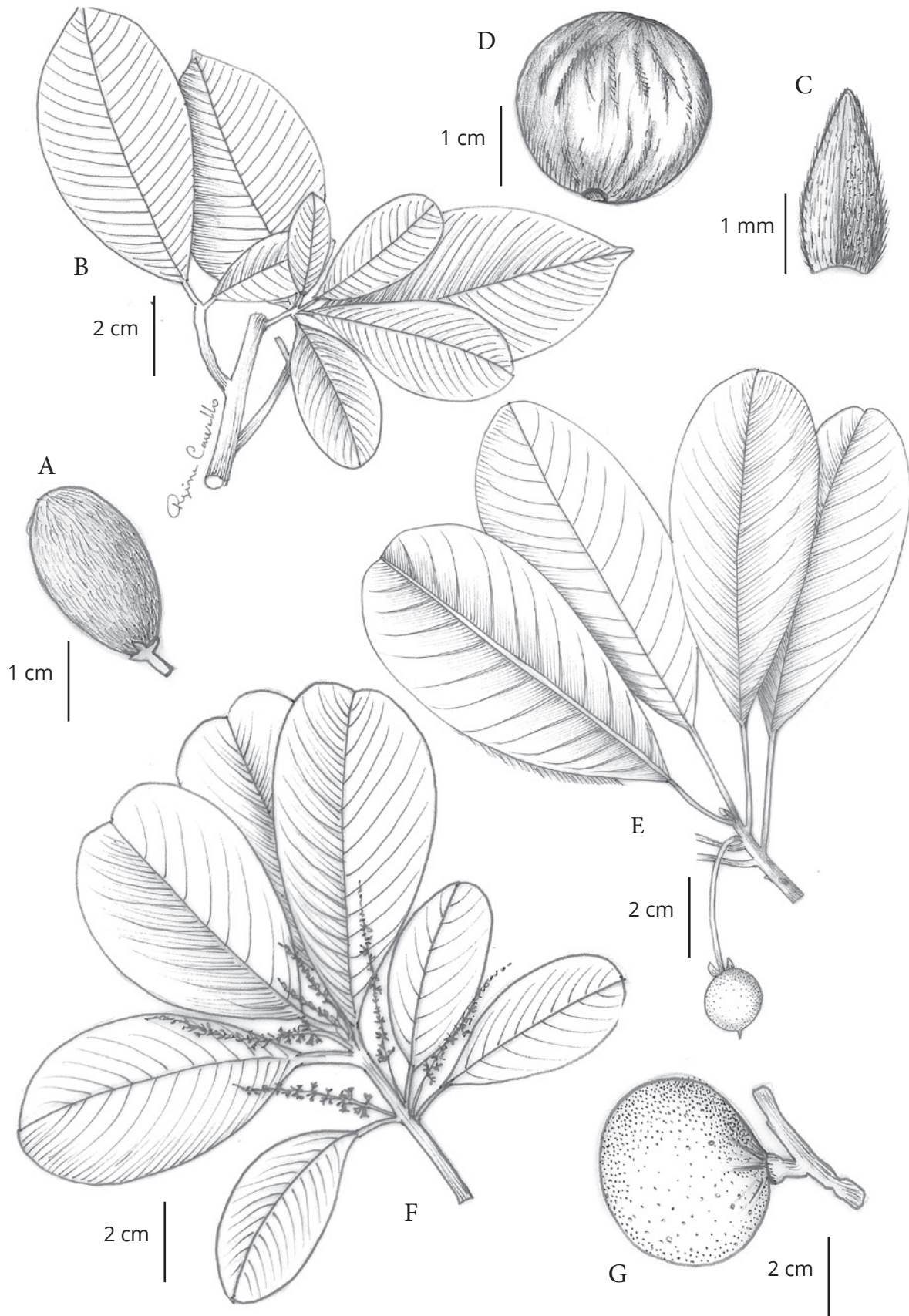


Figura 1. A. *Chrysophyllum rufum* Mart. Fruto (L.A. Gomes et al. 177, ASE). B-D. *Ecclinusa ramiflora* Mart. B. Ramo. C. Estípula. D. Fruto (J.F. Melo 57, ASE). E. *Manilkara maxima* T.D. Penn. Ramo fértil com fruto (L.A. Gomes et al. 317, ASE). F-G. *Pouteria macahensis* T.D. Penn. F. Ramo fértil com flores (C. Amaral & E. Santos 35, ASE). G. Fruto (A.P. Prata et al. 2687, ASE).

VOCHYSIACEAE

Gustavo Hiroaki Shimizu¹

Deise Josely Pereira Gonçalves²

Árvores ou arbustos. Catáfilos presentes ou não na base dos râmulos e das inflorescências. Folhas simples, pecioladas, de filotaxia oposta ou verticilada. Estípulas presentes, conspicuas ou não, decíduas ou não, glândulas associadas presentes ou não. Inflorescência cincinnu ou tirso. Flores diclamídeas, monóclinas, zigomorfas ou assimétricas. Sépalas 5, preflorescência quincuncial, cálice curtamente gamossépalo na base, com um lobo calcarado na quarta sépala, maior que os demais lobos calicinais, cobrindo o botão floral. Pétalas 1 ou 3, preflorescência imbricada, corola dialipétala, amarela ou branca. Estame 1, antera basifixa, deiscência rimosa longitudinal. Ovário súpero, tricarpelar, trilocular, estilete simples, estigma terminal, placentação axilar. Fruto cápsula loculicida. Sementes aladas circular ou longitudinalmente.

Vochysiaceae apresenta distribuição anfi-atlântica, com seis gêneros na região neotropical: *Callisthene* Mart. (11 spp.), *Erisma* Rudge (16 spp.), *Qualea* Aubl. (ca. 60 spp.), *Ruizterania* Marc.-Berti (14 spp.), *Salvertia* A. St.-Hil. (1 sp.) e *Vochysia* Aubl. (ca. 140 spp.) e dois nas regiões oeste e central da África: *Erismadelphus* Mildbr. (2 spp.) e *Korupodendron* Litt & Cheek (1 sp.). No Brasil há registro de 162 spp. (França 2015), ocorrendo na Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal. Em Sergipe a família está representada por *Callisthene fasciculata* Mart. e *Vochysia lucida* C. Presl. Há um material estéril (*W.J. Machado et al.* 1089 ASE), provavelmente outra espécie de *Callisthene*, mas que necessita de mais coletas para confirmação.

Chave para identificação dos gêneros de **Vochysiaceae** de Sergipe

1. Folhas opostas, corola com 1 pétala, fruto com exocarpo facilmente separável do restante do pericarpo **1. *Callisthene***
- 1'. Folhas opostas ou verticiladas, corola com 3 pétalas, fruto com pericarpo íntegro **2. *Vochysia***

Chave para identificação das espécies de **Vochysiaceae** de Sergipe

1. Córtex íntegro, flores em cincinnos, sementes circularmente aladas **1.1. *Callisthene fasciculata***
- 1'. Córtex descamante em placas, flores em tirsos, sementes unilateralmente aladas **2.1. *Vochysia lucida***

¹Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Biologia, Departamento de Biologia Vegetal, Laboratório de Taxonomia. Cidade Universitária Zeferino Vaz. Rua Monteiro Lobato 255.. 13083-970. Campinas, São Paulo, Brasil. gustavoshimizu@gmail.com

²The University of Texas at Austin, College of Natural Sciences, 100 E 24th Street. 78712-15983. Austin, Texas, United States. deisejpg@utexas.edu

1. *Callisthene* Mart.

Árvores ou arbustos. Catáfilos presentes na base dos râmulos e das inflorescências. Folhas opostas, dispostas em râmulos filomórficos (que se assemelham a uma folha pinada). Estípulas inconspícuas, decíduas, sem glândulas associadas. Inflorescência cincino 1-3-floro. Flores solitárias ou cincinos, axilares; brácteas decíduas; pétala 1, branca ou amarela. Estame persistente na antese. Antera linear ou oblonga, basifixa. Estaminódios ausentes. Fruto globoso ou elipsóide com exocarpo facilmente separável do restante do pericarpo, columela central engrossada, persistente após a deiscência; região central das valvas livre após a deiscência. Sementes 1 a 2 por lóculo, globosas a elipsóides, circularmente aladas.

1.1. *Callisthene fasciculata* Mart., Nov. Gen. Sp. Pl. 1: 126. 1826.

Árvores, 6-8 m alt. Córtex dos ramos íntegro. Folhas opostas. Estípulas diminutas, inconspícuas. Pecíolo 0,2-0,5 cm compr., pubescente. Lâmina foliar 2,7-7 x 1,7-3,6 cm (râmulos em flor) ou 8,5-15 x 4,5-8,3 cm (râmulos em fruto), mais basais amplamente obovais ou suborbiculares, mais apicais oblongas, elípticas ou subovais; base obtusa ou arredondada, ápice emarginado, obtuso ou subagudo, margem plana. Inflorescência cincino 2-3-floro. Botão floral de igual comprimento ou mais longo que o cálcio. Corola com 1 pétala, amarela. Antera linear. Frutos 2,5-3 cm compr., elipsóides. Sementes 1,3-2 x 0,6-1,1 cm, elipsóides.

Comentários: Dentro do gênero, é a espécie de mais ampla distribuição no Brasil (Alagoas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Piauí, Rio de Janeiro, Rondônia, Sergipe, São Paulo e Tocantins), principalmente nos cerradões do Planalto Central, além de ocorrer no leste da Bolívia (Martins 1981). Em Sergipe, há um único registro em capoeira, no município de Capela, mesorregião do Leste sergipano. Distingue-se facilmente de *Vochysia lucida* pela filotaxia oposta, flor com 1 pétala e semente circularmente alada. Floração registrada em março. Ilustração em Warming (1875).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, III/1978, fl., *M.R. Fonseca s.n.* (ASE 546, UEC).

Material adicional examinado: **BRASIL. Goiás:** Niquelândia, VI/1996, fr., *M.A. Silva & G.N. Jesus 2908* (UEC); **Minas Gerais:** João Pinheiro, V/1991, fr., *E. Tameirão Neto 667* (UEC); Manga, V/1991, fr., *L.V. Costa et al. s.n.* (UEC 69638); Natalândia, XI/2000, fr., *C. Proença et al. 2270* (UEC); **Tocantins:** Arraias, VII/2007, fr., *M.M. Saavedra et al. 485* (UEC).

2. *Vochysia* Aubl.

Árvores ou arbustos. Catáfilos ausentes. Folhas opostas cruzadas ou verticiladas, não dispostas em râmulos filomórficos. Estípulas conspícuas, decíduas ou persistentes, sem

glândulas associadas. Inflorescências tirso terminais ou subterminais. Flores em cincinos; brácteas decíduas, raramente persistentes; pétalas 3, amarelas. Estame decíduo no início da antese. Antera oblonga, basifixa. Estaminódios 2. Fruto oblongo, oblongo-ovóide ou ovóide, com exocarpo lenhoso, não quebradiço, columela central ausente; região central das valvas geralmente fundidas ou um pouco afastadas apenas na região apical, após a deiscência. Sementes 1 por lóculo, oblongas, unilateralmente aladas.

2.1. *Vochysia lucida* C. Presl, Symb. Bot. 2 (6): 12. 1834.

Árvores, 3-13 m alt. Córtex dos ramos descamante em placas. Folhas em verticilos 3-4-meros. Estípulas 0,1-0,2 cm compr. Pecíolo 0,2-0,4 cm compr., face adaxial fulvo-tomentosa e face abaxial com poucos tricomas adpressos. Lâmina foliar 7,3-15,1 x 3,5-7 cm, oboval; base arredondada, ápice retuso ou arredondado, margem revoluta. Inflorescência tirso, com cincinos laterais 2-4-floros. Botão floral mais curto que o cálcio. Corola com 3 pétalas, amarelas. Frutos 2,3-2,5 cm compr., oblongos. Sementes 2,3 x 0,6 cm.

Comentários: A espécie é restrita a matas costeiras nos estados da Bahia e Sergipe, comumente em ecótonos Floresta Ombrófila / Mata de Restinga (Vianna 2002). Ocorre nas mesorregiões Agreste e Leste de Sergipe. Caracteriza-se principalmente pelas folhas verticiladas usualmente coriáceas, de margem geralmente revoluta, córtex descamante em placas e pelo botão mais curto que o cálcio. Floração registrada de outubro a janeiro, abril e março e frutificação em agosto, dezembro a fevereiro e abril. Ilustração em Warming (1875).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, I/2012, fl., A.P. Prata et al. 2889 (ASE, UEC); Barra dos Coqueiros, XII/1997, fl., C. Amaral & E. Santos 44 (ASE, UEC); Boquim, XI/2008, fl., E.S. Almeida s.n. (MAC 35358); Estância, IV/1980, fl., M.R. Fonseca s.n. (ASE 738); Itabaiana, XI/1980, fl., M.R. Fonseca 413 (ASE, UEC); Itaporanga d'Ajuda, XI/1974, fl., M.R. Fonseca s.n. (ASE 211); Lagarto, IV/2007, fl., M. Nascimento & E. Almeida 1 (ASE); Pirambu, I/1992, fl., C. Farney et al. 2969 (ASE, RB); Salgado, XII/2009, fl., D.G. Oliveira & R. Ednei 13 (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, II/2013, fr., L.A. Gomes et al. 1002 (ASE, UEC); São Cristóvão, XI/1983, fl., G. Viana 789 (ASE, UEC).

Referências Bibliográficas

França, F. 2015. *Vochysiaceae*. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB250>> (Acessado em 12 Fevereiro 2015).

Martins, H.F. 1981. **O gênero *Callisthene* Mart. (Vochysiaceae). Ensaio para uma revisão taxinômica.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Vianna, M.C. 2002. ***Vochysia* Aubl. (Vochysiaceae) na Mata Atlântica: Morfologia e Taxonomia.** Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Warming, E. 1875. Vochysiaceae. In: C.F.P. Martius & A.W. Eichler (eds.). **Flora Brasiliensis**. Frid. Fleischer. Leipzig, 13 (2): 17-116, tab. 2-21.

Lista de Exsicatas

Almeida, E.S. s.n. MAC 35358 (2.1); **Amaral, C.** 44 (2.1); **Andrade, A.B.** 31 (2.1); **Araújo, D.** 1963 (2.1); **Calazans, C.** 500 (2.1); **Carneiro, E.M.** 120 (2.1), 178 (2.1), 459 (2.1); **Cintha, 6** (2.1); **Costa, L.V.** s.n. UEC 69638 (1.1); **Deda, R.M.** 195 (2.1); **Farinaccio, M.A.** 770 (2.1); **Farney, C.** 2969 (2.1); **Fonseca, M.** 413 (2.1), s.n. ASE 211 (2.1), s.n. ASE 546 (1.1), s.n. ASE 738 (2.1); **Gomes, E.** 238 (2.1); **Gomes, L.A.** 23 (2.1), 32 (2.1), 594 (2.1), 1002 (2.1); **Landim, M.** 320 (2.1), 742 (2.1), 1379 (2.1); **Lima, J.S.** 45 (2.1); **Matos, I.S.** 120 (2.1); **Nascimento, M.** 1 (2.1); **Oliveira, D.G.** 13 (2.1); **Prata, A.P.** 2580 (2.1), 2889 (2.1); **Proença, C.** 2270 (1.1); **Saavedra, M.M.** 485 (1.1); **Sant'Ana, S.C.** 397 (2.1); **Santos, M.L.** 166 (2.1); **Silva, M.A.** 2908 (1.1); **Tameirão Neto, E.** 667 (1.1); **Viana, G.** 241 (2.1), 668 (2.1), 789 (2.1), 1094 (2.1), 1318 (2.1); **Viana, M.** 13 (2.1); **Vicente, A.** 80 (2.1).

ÍNDICE REMISSIVO DE NOMES CIENTÍFICOS

A

Acanthocladus albicans (Polygalaceae) 225
Aechmea aquilega (Bromeliaceae) 81
Aechmea bromeliifolia (Bromeliaceae) 82
Aechmea marauensis (Bromeliaceae) 82
Aechmea meratensis (Bromeliaceae) 83
Aechmea multiflora (Bromeliaceae) 84
Aechmea nudicaulis (Bromeliaceae) 84
Aechmea patentissima (Bromeliaceae) 85
Anagallis ovalis (Primulaceae) 254
Anagallis pumila (Primulaceae) 254
Ananas bracteatus (Bromeliaceae) 86
Aneilema brasiliense (Commelinaceae) 156
Annona emarginata (Annonaceae) 38
Annona glabra (Annonaceae) 39
Annona leptopetala (Annonaceae) 40
Annona montana (Annonaceae) 41
Annona pickelii (Annonaceae) 42
Annona saffordiana (Annonaceae) 42
Annona salzmännii (Annonaceae) 43
Annona vepretorum (Annonaceae) 44
Apalanthe granatensis (Hydrocharitaceae) 188
Asemeia martiana (Polygalaceae) 226
Asemeia ovata (Polygalaceae) 227
Asemeia parietaria (Polygalaceae) 227
Asemeia pseudohebeclada (Polygalaceae) 228
Asemeia violacea (Polygalaceae) 228

B

Balfourodendron molle (Rutaceae) 260
Begonia dasycarpa (Begoniaceae) 69
Begonia egléri (Begoniaceae) 68
Begonia heloisana (Begoniaceae) 68
Begonia jairii (Begoniaceae) 69
Begonia longipes (Begoniaceae) 68
Begonia pilderifolia (Begoniaceae) 68
Begonia vitifolia (Begoniaceae) 68
Begonia reniformis (Begoniaceae) 68
Begonia saxicola (Begoniaceae) 68
Begonia ulmifolia (Begoniaceae) 69
Billbergia morelii (Bromeliaceae) 87
Blechnum brasiliense (Blechnaceae) 73
Blechnum occidentale (Blechnaceae) 74
Blechnum serrulatum (Blechnaceae) 74
Brasiliopuntia brasiliensis (Cactaceae) 117
Bredemeyera laurifolia (Polygalaceae) 229
Bromelia laciniata (Bromeliaceae) 88

C

Caamembeca spectabilis (Polygalaceae) 230
Callisia filiformis (Commelinaceae) 157

Callisia monandra (Commelinaceae) 158
Callisia repens (Commelinaceae) 159
Callisthene fasciculata (Vochysiaceae) 292
Carpotroche brasiliensis (Achariaceae) 34
Catopsis berteroniana (Bromeliaceae) 101
Cereus fernambucensis (Cactaceae) 118
Cereus jamacaru (Cactaceae) 119
Chrysophyllum lucentifolium (Sapotaceae) 275
Chrysophyllum rufum (Sapotaceae) 276
Clethra scabra (Clethraceae) 151
Commelina benghalensis (Commelinaceae) 160
Commelina difusa (Commelinaceae) 161
Commelina erecta (Commelinaceae) 162
Commelina rufipes (Commelinaceae) 163
Conchocarpus heterophyllus (Rutaceae) 261
Cryptanthus bahianus (Bromeliaceae) 90
Cryptanthus sergipensis (Bromeliaceae) 90

D

Dichorisandra hexandra (Commelinaceae) 165
Dichorisandra procera (Commelinaceae) 166
Dichorisandra sp (Commelinaceae) 167
Dicranopteris flexuosa (Gleicheniaceae) 184
Drosera brevifolia (Droseraceae) 179
Drosera sessilifolia (Droseraceae) 180
Drosera tomentosa (Droseraceae) 180
Duguetia gardneriana (Annonaceae) 45
Duguetia moricandiana (Annonaceae) 46
Dyckia dissitiflora (Bromeliaceae) 98

E

Ecclinusa ramiflora (Sapotaceae) 276
Eichhornia crassipes (Pontederiaceae) 244
Eichhornia heterosperma (Pontederiaceae) 245
Eichhornia paniculata (Pontederiaceae) 246
Encholirium spectabile (Bromeliaceae) 99
Epiphyllum phyllanthus (Cactaceae) 120
Erythrochiton brasiliensis (Rutaceae) 263
Ertela trifolia (Rutaceae) 262
Esenbeckia grandiflora (Rutaceae) 264

G

Gibasis geniculata (Commelinaceae) 169
Guatteria pogonopus (Annonaceae) 48

H

Harrisia adscendens (Cactaceae) 121
Heteranthera oblongifolia (Pontederiaceae) 247
Heteranthera peduncularis (Pontederiaceae) 248
Heteranthera rotundifolia (Pontederiaceae) 249

Hohenbergia catingae (Bromeliaceae) 92
Hohenbergia ridleyi (Bromeliaceae) 92
Hohenbergia salzmanii (Bromeliaceae) 93
Hydrocotyle bonariensis (Araliaceae) 61
Hydrocotyle leucocephala (Araliaceae) 62
Hydrothrix gardnerii (Pontederiaceae) 250
Hylocereus setaceus (Cactaceae) 122

I

Ilex affinis (Aquifoliaceae) 56
Ilex dumosa (Aquifoliaceae) 56

L

Laurembergia tetrandra (Haloragaceae) 186
Ludwigia erecta (Onagraceae) 205
Ludwigia helminthorrhiza (Onagraceae) 205
Ludwigia hyssopifolia (Onagraceae) 206
Ludwigia leptocarpa (Onagraceae) 207
Ludwigia nervosa (Onagraceae) 207
Ludwigia octovalvis (Onagraceae) 208
Lysimachia ovalis (Primulaceae) 254

M

Manilkara maxima (Sapotaceae) 278
Manilkara rufula (Sapotaceae) 278
Manilkara salzmännii (Sapotaceae) 279
Manilkara zapota (Sapotaceae) 279
Maytenus erythroxylon (Celastraceae) 144
Maytenus rígida (Celastraceae) 146
Maytenus obtusifolia (Celastraceae) 145
Melocactus ernestii (Cactaceae) 124
Melocactus sergipensis (Cactaceae) 124
Melocactus violaceus Pfeiff. subsp. *margaritaceus* (Cactaceae) 125
Melocactus zehntneri (Cactaceae) 126
Micropholis emarginata (Sapotaceae) 281
Micropholis gardneriana (Sapotaceae) 281
Micropholis venulosa (Sapotaceae) 282
Myrsine guianensis (Primulaceae) 255
Myrsine parvifolia (Primulaceae) 256

N

Neoglaziovia variegata (Bromeliaceae) 94

O

Opuntia monacantha (Cactaceae) 127
Orthophytum maracasense (Bromeliaceae) 95

P

Peperomia circinnata (Piperaceae) 213
Peperomia increscens (Piperaceae) 214
Peperomia magnolijfolia (Piperaceae) 215
Peperomia obtusifolia (Piperaceae) 215
Peperomia pellucida (Piperaceae) 216
Pereskia aculeata (Cactaceae) 127

Pilocarpus riedelianus (Rutaceae) 265
Pilosocereus catingicola (Cactaceae) 129
Pilosocereus gounellei (Cactaceae) 130
Pilosocereus pentaedrophorus (Cactaceae) 130
Pilosocereus tuberculatus (Cactaceae) 131
Piper amalago (Piperaceae) 218
Piper arboreum (Piperaceae) 218
Piper divaricatum (Piperaceae) 219
Piper hispidum (Piperaceae) 219
Piper hoffmanseggianum (Piperaceae) 220
Piper ovatum (Piperaceae) 221
Piper vicosanum (Piperaceae) 222
Polygala albicans (Polygalaceae) 225
Polygala appendiculata (Polygalaceae) 232
Polygala apressa 232
Polygala boliviensis (Polygalaceae) 233
Polygala cyparissias (Polygalaceae) 233
Polygala galioides (Polygalaceae) 234
Polygala glochidiata (Polygalaceae) 234
Polygala leptocaulis (Polygalaceae) 232
Polygala longicaulis (Polygalaceae) 235
Polygala martiana (Polygalaceae) 226
Polygala paniculata (Polygalaceae) 235
Polygala parietaria (Polygalaceae) 227
Polygala pseudohebeclada (Polygalaceae) 228
Polygala cf. pseudovariabilis (Polygalaceae) 236
Polygala spectabilis (Polygalaceae) 230
Polygala timoutou (Polygalaceae) 236
Polygala trichosperma (Polygalaceae) 237
Polygala violacea (Polygalaceae) 228
Pouteria gardneri (Sapotaceae) 283
Pouteria macahensis (Sapotaceae) 284
Pouteria nordestinensis (Sapotaceae) 284
Pouteria ramiflora (Sapotaceae) 285
Pouteria venosa (Sapotaceae) 286
Pradosia lactescens (Sapotaceae) 287
Pradosia restingae (Sapotaceae) 287
Prionostemma aspera (Celastraceae) 147

R

Racinaea spiculosa (Bromeliaceae) 102
Rapanea guianensis (Primulaceae) 255
Rapanea parvifolia (Primulaceae) 256
Rhipsalis floccosa (Cactaceae) 132
Rhipsalis lindbergiana (Cactaceae) 133

S

Schefflera macrocarpa (Araliaceae) 63
Schefflera morototoni (Araliaceae) 63
Securidaca diversifolia (Polygalaceae) 238
Sideroxylon obtusifolium (Sapotaceae) 288
Sloanea garckeana (Elaeocarpaceae) 182
Stigmaphyllon auriculatum (Malpighiaceae) 194
Stigmaphyllon blanchetii (Malpighiaceae) 195
Stigmaphyllon ciliatum (Malpighiaceae) 196
Stigmaphyllon paralias (Malpighiaceae) 196
Stigmaphyllon tomentosum (Malpighiaceae) 197

T

- Tacinga inamoena* (Cactaceae) 134
- Tacinga palmadora* (Cactaceae) 135
- Tillandsia bulbosa* (Bromeliaceae) 103
- Tillandsia gardneri* (Bromeliaceae) 104
- Tillandsia juncea* (Bromeliaceae) 105
- Tillandsia loliacea* (Bromeliaceae) 105
- Tillandsia polystachia* (Bromeliaceae) 106
- Tillandsia recurvata* (Bromeliaceae) 107
- Tillandsia streptocarpa* (Bromeliaceae) 108
- Tillandsia stricta* (Bromeliaceae) 108
- Tillandsia tenuifolia* (Bromeliaceae) 109
- Tillandsia usneoides* (Bromeliaceae) 110
- Tinantia sprucei* (Commelinaceae) 170
- Tradescantia ambigua* (Commelinaceae) 171

V

- Vriesea procera* (Bromeliaceae) 111
- Vriesea tijucana* (Bromeliaceae) 111
- Vochysia lucida* (Vochysiaceae) 293

X

- Xylopia frutescens* (Annonaceae) 49
- Xylopia laevigata* (Annonaceae) 50

Z

- Zanthoxylum caribaeum* (Rutaceae) 266
- Zanthoxylum petiolare* (Rutaceae) 267
- Zanthoxylum rhoifolium* (Rutaceae) 268
- Zanthoxylum* sp (Rutaceae) 269

ÍNDICE REMISSIVO DE NOMES VERNACULARES

A

Água de Santa Luzia; *Commelina erecta* (Commelinaceae) 162
Aguapé; *Heteranthera rotundifolia* (Pontederiaceae) 249
Ananá; *Aechmea multiflora* (Bromeliaceae) 84
Andacá; *Commelina benghalensis* (Commelinaceae) 160
Araticum; *Annona leptopetala*; *Annona pickelii*, *Annona salzmannii*; *Annona vepretorum* ; *Duguetia gardneriana*;
Xylopia laevigata; (Annonaceae) 40, 41, 43, 44, 50,
Araticum-cagão; *Annona glabra* (Annonaceae). 39
Araticum-da-mata; *Annona salzmannii*; (Annonaceae) 43
Araticum-de-cobra; *Annona pickelii* (Annonaceae) 41
Araticum-de-cipó; *Annona saffordiana*; (Annonaceae) 42
Araticum-do-brejo; *Annona glabra*; *Annona montana* (Annonaceae) 39, 41
Araticum-mirim; *Annona pickelii* (Annonaceae) 41
Araticum-opé; *Xylopia laevigata* (Annonaceae) 50
Araticum-taia; *Duguetia gardneriana* (Annonaceae) 45
Araticunzeiro; *Annona vepretorum* (Annonaceae) 44
Araticunzinho; *Annona montana* (Annonaceae) 41

B

Barba-de-bode; *Commelina erecta* (Commelinaceae) 162
Baronesa; *Eichhornia crassipes*; *Heteranthera rotundifolia* (Pontederiaceae) 244, 249
Baronesinha; *Heteranthera oblongifolia*; *Heteranthera rotundifolia* (Pontederiaceae) 247, 249
Bom nome; *Maytenus rigida* (Celastraceae) 146,
Bonome-da-mata; *Maytenus obtusifolia* (Celastraceae) 145
Bucho-de-veado; *Sloanea garckeana* (Elaeocarpaceae) 182

C

Cabeça-de-frade; *Melocactus ernestii*; *Melocactus sergipensis*; *Melocactus violaceus*; *Melocactus zehntneri*
(Cactaceae) 124, 125, 126
Caixa-cubri; *Pilosocereus tuberculatus* (Cactaceae) 131
Candeia; *Maytenus obtusifolia* (Celastraceae) 145
Cansação-de-mocó; *Begonia reniformis* (Begoniaceae) 68
Cardo-da-praia; *Cereus fernambucensis* (Cactaceae) 118
Carne d' anta; *Maytenus obtusifolia* (Celastraceae) 145
Coração-de-josé; *Xylopia laevigata* (Annonaceae) 50
Coração-de-negro; *Xylopia laevigata* (Annonaceae) 50
Cumbe; *Maytenus obtusifolia* (Celastraceae) 145

E

Erva-de-santa-luzia; *Commelina benghalensis*; *Commelina erecta* (Commelinaceae) 162
Escadinha-lilás; *Polygala boliviensis* (Polygalaceae) 233
Esporão-de-galo; *Acanthocladus albicans* (Polygalaceae) 225

F

Facheiro; *Pilosocereus catingicola* (Cactaceae) 129
Facheiro-da-praia; *Pilosocereus catingicola* (Cactaceae) 129
Facheiro-fino; *Pilosocereus pentaedrophorus* (Cactaceae) 130
Flor-miúda; *Balfourodendron molle* (Rutaceae) 260
Folha-grossa; *Myrsine guianensis* (Primulaceae) 255

G

Gravatá; *Aechmea multiflora* (Bromeliaceae) 84

J

Jaquinha; *Duguetia gardneriana*; *Duguetia moricandiana*; *Guatteria pogonopus* (Annonaceae) 45

L

Laranja-braba; *Zanthoxylum petiolare* (Rutaceae) 267

Laranjeira-brava; *Zanthoxylum rhoifolium* (Rutaceae) 268

Laranjinha; *Zanthoxylum petiolare*; *Zanthoxylum rhoifolium* (Rutaceae) 267, 268

Laranjeira-brava; *Zanthoxylum caribaeum* (Rutaceae) 267

Limãozinho; *Zanthoxylum rhoifolium* (Rutaceae) 268

M

Mama-de-cachorro; *Pradosia lactescens* (Sapotaceae) 287

Mamica-de-porca; *Zanthoxylum rhoifolium* (Rutaceae) 268

Mandacaru; *Cereus jamacaru* (Cactaceae) 119

Maria-mole; *Commelina benghalensis* (Commelinaceae) 160

Maria-sem-vergonha; *Commelina erecta* (Commelinaceae) 162

Marianinha; *Commelina difusa*; *Commelina erecta* (Commelinaceae) 162

Marianinha-branca; *Commelina benghalensis* (Commelinaceae) 160

Massaranduba; *Manilkara maxima*; *Manilkara rufula*; *Manilkara salzmannii* (Sapotaceae) 277, 278, 279,

Meiú; *Xylopia laevigata* (Annonaceae) 50

Mentraste; *Asemeia martiana* (Polygalaceae) 226

O

Olho-de-Santa-Luzia; *Commelina diffusa* (Commelinaceae) 161

Ora-pro-nobis; *Pereskia aculeata* (Cactaceae) 127

P

Palmatória; *Tacinga palmadora* (Cactaceae) 135

Paraíba; *Xylopia frutescens* (Annonaceae) 49

Pau-de-colher; *Maytenus obtusifolia* (Celastraceae) 146

Pau-pra-tudo; *Acanthocladus albicans* (Polygalaceae) 225

Pau-coceira; *Micropholis gardneriana* (Sapotaceae) 281

Peito-de-moça; *Zanthoxylum rhoifolium* (Rutaceae) 268

Peixe-boi; *Asemeia ovata*; *Polygala boliviensis* (Polygalaceae) 228

Pente-de-macaco; *Piper amalago* (Piperaceae) 218

Peroba-de-caibo; *Myrsine guianensis* (Primulaceae) 255

Pimenta-braba; *Piper ovatum* (Piperaceae) 221

Pindaíba; *Xylopia frutescens*; *Xylopia laevigata* (Annonaceae) 49

Pindaíba-preta; *Guatteria pogonopus* (Annonaceae) 48

Pororoca; *Myrsine parvifolia* (Primulaceae) 256

Q

Quipá; *Tacinga inamoena* (Cactaceae) 134

Quipá-de-espinho; *Tacinga palmadora* (Cactaceae) 135

Queixabeira-branca; *Acanthocladus albicans* (Polygalaceae) 225

Quixaba-branca; *Acanthocladus albicans* (Polygalaceae) 225

Quixabeira; *Sideroxylon obtusifolium* (Sapotaceae) 288

Quixabeira-branca; *Acanthocladus albicans* (Polygalaceae) 225

R

Rabo-de-raposa; *Harrisia adscendens* (Cactaceae) 121
Rainha-da-noite *Hylocereus setaceus* (Cactaceae) 122

S

Sapopemba; *Sloanea garckeana* (Elaeocarpaceae) 182
Sapoti; *Manilkara zapota* (Sapotaceae) 279

T

Tamangueira; *Zanthoxylum rhoifolium* (Rutaceae) 268
Tapiroca; *Myrsine guianensis* (Primulaceae) 255
Trapoeraba; *Commelina benghalensis*, *Commelina diffusa*; *Commelina erecta*; *Commelina rufipes* (Commelinaceae) 160, 162, 163
Trapoeraba-azul; *Commelina difusa* (Commelinaceae) 161

U

Urumbeba; *Brasiliopuntia brasiliensis* (Cactaceae) 117

V

Violão; *Micropholis venulosa* (Sapotaceae) 282

X

Xique-xique; *Pilosocereus gounellei* (Cactaceae) 130



Universidade Federal de Sergipe



APOIO:



INCT-Herbário Virtual da Flora e dos Fungos

AGÊNCIA BRASILEIRA DO ISBN
ISBN 978-858413050-4



9

788584 130504